



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

**A “REVISTA AGRÍCOLA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE
AGRICULTURA” E A ESTRATÉGIA DA PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO
CAMPO EM SERGIPE, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"**

**SÃO CRISTÓVÃO - SERGIPE
2012**

FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

A “REVISTA AGRÍCOLA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE AGRICULTURA” E A ESTRATÉGIA DA PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CAMPO EM SERGIPE, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"

Tese apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Geografia, Área de Concentração Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional, linha de pesquisa Organização e Produção do Espaço Agrário.

Orientadora: Profa. Dra. Alexandrina Luz Conceição

SÃO CRISTÓVÃO - SERGIPE

2012

FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

A “REVISTA AGRÍCOLA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE AGRICULTURA” E A ESTRATÉGIA DA PRODUÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO CAMPO EM SERGIPE, 1905-1908: "por em commum as 'luzes' e experiências"

Tese apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia na Área de Concentração Organização e Dinâmica dos Espaços Agrário e Regional, linha de pesquisa Organização e Produção do Espaço Agrário.

Aprovada em:

São Cristóvão, SE, 09 de julho de 2012.

Profa. Dra. Alexandrina Luz Conceição (NPGeo/UFS) - Presidente

Profa. Dra. Doralice Sátyro Maia (PPGG/UFPB)

Prof. Dr. Manoel Fernandes de Sousa Neto (DG/USP/FFLCH)

Prof. Dr. Antonio Fernando de Araujo Sá (DHI/UFS)

Profa. Dra. Vera Lucia Alves França (NPGeo/UFS)

Para

*Alice,
Valdice,
Gileno,
Rosângela e seu Pai, Roberto da Costa Barros,
Alexandrina,
Luiz Fabiano, Antônio e Iara,
Josefa (Dona Zefa da Guia),
Manoel Dionísio,
Os Heróis do Batalhão e a Maria Lúcia*

*Por toda a epifania - sensação de realização ou compreensão da essência de algo - que
proporcionam...*

AGRADECIMENTOS

Inicialmente recorro e agradeço a alegria da minha última turma de 5ª série do Colégio Estadual Poeta José Sampaio. Quando informei sobre a seleção do Doutorado, entenderam a palavra seleção como outra, e ficaram ainda mais felizes quando expliquei de qual se tratava. As palavras para ter significado precisam ter significação. Entre signos e sinais, uma polifonia, eis esta Tese.

Tese escrita entre o campo e a cidade, lendo territórios, paisagens, entre poucos instantes com os raros amigos raros. Entre as cidades de Aracaju, Carmópolis, Laranjeiras, Teresina, e campos de Sergipe e do Piauí, e outras paragens. Entre estradas, na terra e no ar perdia o sono a anotar, tremido, as reflexões.

Agradeço:

À Alexandrina por sua confiança e orientação precisa. As aulas marcantes, sobretudo de HPG e de Campo e Cidade. *Cronos* perseguiu-me. As balizas e o entendimento para os recortes temporais; por ensinar o que é uma questão de tese. A iniciação à clareza teórica. As possibilidades da literatura e de outras fontes e objetos na Geografia. A leitura das paisagens de Humboldt, e de Grande Sertão: Veredas, e sobre o que é sertão. Por possibilitar que eu prosseguisse na empreitada, por tudo que pude aprender e o que a minha pouca experiência ainda não me permitiu.

À sábia Valdice, amiga, mãe natural e cultural, o amor incondicional, a sua história de vida sobre o campo e a cidade. À minha avó Alice, sua cultura e força indígena silenciada e tantas outras mesclas a mim repassadas culturalmente e a nível mitocondrial.

À Rosângela/Rô, por me fazer escavar e trazer à tona a força que eu pensava não possuir. O amor, a amizade, as leituras, os filmes, as músicas, a paciência, as divergências, a perseverança, a alegria. A sistematização dos anúncios e a revisão atenta dos sumários da Revista Agrícola (SSA).

À Conceição, a Miguel e Jorge, padrinhos da vida, sustentáculos da essência.

À mãe, mais uma vez, por tudo. À minha família, por 'tantas coisas' que me ensinam, os meus irmãos – Iara, Antônio, Fabiano, sobrinhas: Cristal, Rafaela, sobrinhos: Ítalo César, Luan, Luiz Eduardo, os cunhados – Lineu, Josefa, Elisângela. A Gileno que partiu antes, a transumância, as contradições que permitem preencher

os meus vazios. A Chuchu, Baleia, Sereia, Duque, Fofoa e Flufy, boas companhias (e)ternas.

Aos amigos Pedrinho dos Santos, a sua sabedoria, as palavras certas, as orientações das fontes sobre o campo sergipano; à Cristina Bruno, o estímulo sempre presente; a Manoel Dionísio que partiu e deixou fortes ensinamentos sobre o mundo rural e seus conflitos, a France [Robertson], sua sagacidade, carinho e muitos sorrisos; a [Manoel Pedro] Júnior que, carinhosamente me acolheu ao som de “dentro do mar tem rio”, à Maria José (de Aguada) e à Gisélia, o exemplo de docência, à Genice e Josefina amigas da família exemplos raros de vida, à Elissandra e Anun[Cia]ção, os ensinamentos para a vida, à Fabiana Andrade, uma referência da infância, à Dona Yeda Barros o carinho que sempre me recebe em sua casa.

À Dona Luzia, da Seção Sergipana da Biblioteca Epifânio Dória, em Aracaju, por ter “encontrado” a Revista Agrícola (SSA), e por sua forma sempre delicada de tratar a todos; e aos os demais colaboradores dessa instituição, como também do Arquivo Público do Estado de Sergipe, como Dona Branca e Raquel. À Ângela e Seu Gustavo, a alegria e a atenção no IHGSE.

Aos professores do NPGEIO, o ensino; e seus colaboradores France, Everton, Vivia, a atenção e cordialidade.

À Banca de Qualificação desta Tese, as sugestões precisas e elucidativas.

Aos colegas de minha turma e da turma seguinte na Pós-Graduação, e no GPECT: Shiziele, Narciso, Fábio, Ricardo, Júnior, Nacelice, Dayse, Lucas, Rosana, Katinei, Danilo, Marcelo, Renato, Áurea, Carmen, Marlene, Marcos, Laércio, Alvanira, Delza, Diana e tantos outros, os momentos de convívio, de compartilhamento de ideias.

À experiência de vida e de trabalho adquiridas com Aglaé D’Ávila, Gracyanne Freire, Arabela Rollemberg que deram o apoio para que eu continuasse com elas a finalização do Dossiê da Renda Irlandesa em meio às agonias do início do Doutorado.

A todos que fizeram e fazem o Colégio Estadual Poeta José Sampaio, em Carmópolis, o gosto pela docência, em especial Dona Marilene, Maria José (Geografia), Gisélia, Denise, Elisana, Lizenilde, Valdirene, Enildes, Lícia e Anderson e todos os demais colegas e alunos. À Josilene, instrutora do Progestão, o repasse de possibilidades na gestão escolar.

Ao Estado de Sergipe (a SEED), enquanto fui funcionária, por liberar minha saída remunerada para cursar o Doutorado.

Aos alunos do curso de Museologia da UFS, do tempo em que por lá estive, tempo de início de Doutorado, a experiência adquirida.

Aos Professores do Curso de Arqueologia da UFPI, o apoio, à Elvina, a atenção incomensurável. Aos alunos de Arqueologia da UFPI, a forma gentil com a qual me receberam. Às pessoas que tenho conhecido nos trabalhos de campo no Piauí, a possibilidade de entender os contornos para o campo piauiense e seus pontos de contato com o campo sergipano.

Aos meus Professores de ontem e sempre, seus ensinamentos ecoam, entre eles, Beatriz Góis Dantas, Maria Tereza Souza Cruz, agradeço os livros recebidos.

Ao pessoal da Feira do Bugio e aos amigos feitos nos lugares e situações improváveis para os convencionais: Donas Marias – a da Rua D 1, a do São Braz, em Socorro, Paulo (transeunte entre Maceió e o Pará que previu um Sol), Gil (ponto de luz em Laranjeiras), pontes para boas realidades.

Aos que aliviaram/aliviam as pelejas dos dias e que ainda me fazem acreditar em algo verdadeiro.

O capitalismo tipográfico criou línguas oficiais (...) coincidências cronológicas, vínculos imaginários (...) simultaneidade (...) nova concepção de realidade espacial e [temporal] (...) uma extraordinária cerimônia de massa: o consumo (ANDERSON, 2008).

[...] A divisão do trabalho no interior de uma nação leva, inicialmente, à separação entre o trabalho industrial e comercial, de um lado, e o trabalho agrícola, de outro, e, com isso, à separação da cidade e do campo e à oposição entre os interesses de ambos (MARX; ENGELS, 2007, p. 89).

RESUMO

A presente Tese desvela uma leitura do discurso da/na Revista Agrícola (SSA), órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura a partir da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin. Lê a Revista a partir do convulsivo *locus* de transição política do período imperial para o republicano, das mudanças na organização do trabalho, e seus efeitos na reestruturação do campo e da cidade. A Revista é concebida como um mecanismo que corroborou no ordenamento discursivo para o campo sergipano, iniciado em 1860, com o Imperial Instituto Sergipano de Agricultura (IISA), consolidado com a sua edição durante quatro anos de 1905 a 1908. Nesta Tese desvela-se o porquê da existência desse periódico como parte do capitalismo tipográfico, sua simultaneidade de ideias, a produção de uma linguagem sobre a lavoura, o comércio e a indústria, de acordo com ideologias vigentes em uma escala global. Os discursos não operavam em um vazio cultural estavam interpenetrados por uma polifonia, várias vozes, consonantes e dissonantes, de maneira que não foi um discurso homogêneo, mas promoveu uma unidade discursiva acerca da forma e dos rumos que o campo deveria ser reestruturado, frentes às novas demandas do capitalismo. Este modo de produção estava diluído entre signos e sinais da linguagem em meio a um discurso geográfico, histórico, com descrições, críticas, enaltecimento, mas, o seu substrato, a terra, não oferecia tantos problemas, a grande questão era a lavoura, a ação sobre o campo. O campo era um simulacro, fértil, porém pouco aproveitado, no qual os trabalhadores rurais estavam escamoteados sob signos ideológicos, como indolentes, pouco aptos ao trabalho, e os produtores dos discursos, apesar das fissuras apontadas nas suas tentativas consideradas valorosas, independente de serem atendidas, apresentaram e defenderam suas ideias. Os discursos posteriores à Revista foram propostas cada vez mais fragmentadas, escamoteadas, e vinculadas às necessidades dos mercados internacionais. Algumas palavras repetem-se, mas como nova significação, novas questões agrárias travestem antigas questões.

Palavras-chave: Revista Agrícola – capitalismo tipográfico – polifonia do discurso – produção do campo sergipano

ABSTRACT

This thesis demonstrates a reading of an article in the *Revista Agrícola* (SSA), a publication of the Sergipe Agricultural Society viewed from the standpoint of Mikhail Bakhtin's language philosophy. The magazine is seen in terms of the period of tumultuous political transition from empire to republic, the changes in labor organization, and their effects on the restructuring of the cities and countryside. The magazine is considered as being a mechanism which aided in organizing the discourse concerning the Sergipe countryside, beginning in 1860 with the Sergipe Imperial Institute of Agriculture, consolidated with its publication during the four years from 1905 to 1908. This thesis analyses the reason for the existence of this publication as part of the typographic capitalism, its simultaneity of ideas, the production of a language concerning farming, commerce and industry, according to current ideologies on a global scale. The discourse did not exist in a cultural vacuum, exhibit evidence of polyphony, various voices, in agreement and discord, in such a way as not to be a homogenous discourse, but promoted a united discourse on how and in which ways the countryside should be reorganized in order to face the new demands of capitalism. This form of production was diluted by linguistic signs and symbols within a historical and geographical discourse, with descriptions, criticisms and praise. It was not the soil itself that offered the greatest difficulties; it was the question of farming itself, the question of activities in the countryside. The countryside itself was to a point illusory: fertile, yet inefficiently used, in which the rural workers were camouflaged beneath ideological symbols, such as being lazy, and work-shy. Those who responsible the discourse, despite their best attempts to be independent, presented and defended their ideals. The discourse since the magazine was more fragmented, disguised and more connected to the needs of international markets. Some of the words were repeated, but with new meanings; old agrarian issues dressed up as new issues.

Key words: *Revista Agrícola* (Agricultural Magazine) – typographic capitalism - polyphony of discourse – production of Sergipe countryside

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Visão geral e detalhe de ofício.....	45
Figura 2 – Visão geral e detalhe de ofício.....	45
Figura 3 – Carta do Consulado Francês.....	46
Figura 4 – Capa do programa da <i>Exposição Comemorativa Sergipana</i>	66
Figura 5 – Capa do programa da <i>Exposição Comemorativa Sergipana</i>	66
Figura 6 - Vista do Museu Comercial. - coleção japonesa.....	70
Figura 7 - Tipos orientais no título do estabelecimento comercial e na cidade.....	97
Figura 8 - Ornamentos no título e tipos orientais e na identificação da Sociedade Sergipana de Agricultura.....	97
Figura 9 - Anúncio veiculado na Revista Agrícola (SSA).....	99
Figura 10 - Jornais e revistas recebidos.....	102
Figura 11 – Registro de correspondências e impressos recebidos.....	102
Figura 12 – Registro de correspondências e impressos recebidos.....	102
Figura 13 – Trecho da matéria “Uzina Escurial”	105
Figura 14 - Trecho da matéria “Uzina Escurial”	106
Figura 15 - Desenho da bitola da enxada.....	106
Figura 16 - Anúncio de “magasin” e os produtos comercializados.....	107
Figura 17 - Capa do Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, 1908.....	109
Figura 18 – Exemplo de notícia sobre lançamento de periódico.....	112
Figura 19 - Artigos dos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura.....	141
Figura 20 - Artigos dos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura.....	141
Figura 21 – Registro de Diretoria da SSA.....	143
Figura 22 - Theodoreto Archanjo do Nascimento.....	155
Figura 23 - Assinatura de Homero de Oliveira, 20/01/1908.....	175
Figura 24 - Retrato de Homero de Oliveira.....	175
Figura 25 - Fotografia de Evangelino de Faro.....	190
Figura 26 – Engrenagem representando a força do capitalismo tipográfico em movimentar o discurso das classes dominantes que	

determinam a produção do espaço. Fonte: autoria própria.....	201
Figura 27 - Disposição do número de páginas que formavam a Revista Agrícola (SSA).....	203
Figura 28 – Foto de página da obra “Representação da Lavoura Sergipana aos Altos Poderes do Estado”	214
Figura 29 – Matéria com descrição do processo de conquista para a “navegação direta para a Europa”	217
Figura 30 – Sobre a visita de representante de firma inglesa em Aracaju.....	220
Figura 31 – Eleições para Presidente do Estado em 1908.....	222
Figura 32 - Capa de periódico.....	228
Figura 33 – Capa de periódico.....	228
Figura 34 – Capa de periódico.....	228
Figura 35 - Distribuição e venda de impressos em Aracaju.....	231
Figura 36 - Distribuição e venda de impressos em Aracaju.....	231
Figura 37 – Divulgação de livros na Revista Agrícola.....	231
Figura 38 – Notícia da Livraria Brasileira.....	233
Figura 39 – Capa da Revista Agrícola.....	239
Figura 40 - Capa da Revista Agrícola.....	240
Figura 41 - Capa da Revista Agrícola.....	240
Figura 42 – Detalhe da mudança da fonte do nome da Sociedade.....	241
Figura 43 - Detalhe da mudança da fonte do nome da Sociedade.....	241
Figura 44 – Edição especial da Revista Agrícola.....	242
Figura 45 – Alterações na capa da Revista.....	243
Figura 46 - Mudança do nome da gráfica.....	244
Figura 47 – Mudança do nome da gráfica.....	244
Figura 48 – Alterações na capa da Revista.....	245
Figura 49 – Alterações na capa da Revista.....	245
Figura 50 - Exemplares sem capa da Revista Agrícola.....	246
Figura 51 – Exemplares sem capa da Revista Agrícola.....	246
Figura 52 - Os destinos da Revista Agrícola.....	247
Figura 53 – Os destinos da Revista Agrícola.....	247
Figura 54 – Reclame para publicação de anúncios.....	248
Figura 55 – Anúncios na Revista Agrícola.....	250

Figura 56 – Anúncios no verso e reverso da Revista Agrícola.....	252
Figura 57 - Anúncios no verso e reverso da Revista Agrícola.....	252
Figura 58 - 1906 – anúncios de verso da contra capa – mudança de tamanho.....	252
Figura 59 - 1906 – anúncios de verso da capa – retorno dos anúncios pequenos.....	252
Figura 60 – Espaços de aluguel de anúncios na Revista.....	253
Figura 61 – Anúncio no conteúdo da Revista.....	253
Figura 62 - anúncio de meia página e espaço de aluguel no verso da capa.....	253
Figura 63 – Folheto da Livraria Brasileira.....	254
Figura 64 - Folheto da Livraria Brasileira apenso à Revista – venda de postais.....	254
Figura 65 – Folheto informativo da Livraria Brasileira.....	254
Figura 66 – Ocorrência de espaços vagos para anúncios na Revista.....	255
Figura 67 - Ocorrência de espaços vagos para anúncios na Revista.....	255
Figura 68 – Retorno de anúncio à Revista.....	256
Figura 69 - Retorno de anúncio à Revista.....	256
Figura 70 – Anúncio de fuga de escravo.....	257
Figura 71 - Localização das ruas citadas nos anúncios.....	258
Figura 72 - História nos anúncios.....	259
Figuras 73 – História nos anúncios.....	259
Figura 74 – Fonte <i>Art Nouveau</i>	260
Figura 75 - Anúncio de médico.....	264
Figura 76 – Anúncio de clínica dentária.....	264
Figura 77 - Anúncio de cirurgião dentista	265
Figuras 78 – Anúncio de farmácia.....	265
Figura 79 – Temas veiculados na Revista Agrícola (SSA).....	273
Figura 80 – Seção <i>Como nos receberam</i>	275
Figura 81 - Secção Commercial da Revista Agrícola.....	279
Figura 82 - Secção Commercial da Revista Agrícola.....	279
Figuras 83 – Secção Commercial da Revista Agrícola.....	279
Figura 84 - Notícia de convocação da última assembleia da SSA.....	283
Figura 85 - Anotação manuscrita referindo-se ao “último numero publicado”...	283

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - População e índices de analfabetismo em Sergipe.....	228
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Amostragem de instituições contemplavam as ciências agrícolas....	60
Quadro 2 - Exemplos de impressos recebidos e registrado na Revista Agrícola (SSA).....	111
Quadro 3 – Diretorias da SSA.....	142
Quadro 4 - Síntese das ideias veiculadas nos editoriais sobre a função da Revista e as impressões negativas dos “outros”	149
Quadro 5 - Diretoria da Coligação Assucareira 1908-1911 (anual).....	151
Quadro 6 – Instituições Agrícolas em Sergipe e a mobilidade de participantes..	152
Quadro 7 – Textos de Homero de Oliveira na Revista Agrícola (SSA).....	180
Quadro 8 - Relação, em ordem alfabética dos que se destacaram para “animar a lavoura sergipana”	183
Quadro 9 - Produção de Evangelino de Faro na Revista Agrícola (SSA).....	190
Quadro 10 - Títulos publicados no período – 1905 a 1908.....	226
Quadro 11 – Bibliotecas em Sergipe em 1912.....	227

LISTA DE ABREVIATURAS

A¹ – Fundo Agricultura 1

A⁶ – Fundo Agricultura 6

Cx. – Caixa

Doc. – Documento

G¹ – Fundo Governo 1

Pac. – Pacotilha

Vol. – Volume

LISTA DE SIGLAS

APES - Arquivo Público do Estado de Sergipe

BPED – Biblioteca Pública Epifânio Dória

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

IIBA - Imperial Instituto Baiano de Agricultura

IIFA – Imperial Instituto Fluminense de Agricultura

IISA – Imperial Instituto Sergipano de Agricultura

MAIC – Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio

PLEFANN - Programa de História da Agricultura Brasileira

SAAP – Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco

SNA – Sociedade Nacional de Agricultura

SSA – Sociedade Sergipana de Agricultura

Revista Agrícola (SSA) – Revista Agrícola, Órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura

SS – Sebrão Sobrinho

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	21
2 “É A LAVOURA O PONTO DE APOIO EM QUE SE FIRMAM AS NAÇÕES”: O “LOCUS” DA/NA REVISTA AGRÍCOLA (SSA).....	34
2.1 “A grandeza de uma Nação está no desenvolvimento inteligente, progressivo e remunerador de sua lavoura, de suas indústrias...”	37
2.2 Expansão e fronteiras de ideias e de ações.....	42
2.3 Uma “phaina honroza” em defesa da “prosperidade e da grandeza de Sergipe” – o campo [e/versus cidade]	49
2.4 Medidas e meios de divulgação do progresso e combate ao atraso.....	57
2.4.1 As exposições.....	62
2.4.1.1 As exposições e sua divulgação.....	64
2.4.1.2 “Programa e Regulamento da Exposição Commemorativa Sergipana em Aracaju – Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas”.....	66
2.4.1.3 Função das exposições e o meio rural.....	76
2.4.2 Teorias: ideias para ler e transformar a realidade	77
3 AS REVISTAS AGRÍCOLAS – VOCABULÁRIO E LINGUAGEM NA UNIDADE DO DISCURSO DO CAPITAL.....	84
3.1 As Revistas Agrícolas: uma polifonia	95
3.2 Geopolítica da/na Revista Agrícola (SSA) – mobilidade, “unidade” do discurso, interlocuções.....	98
3.2.1 O alcance da Revista Agrícola (SSA).....	101
3.2.2 Periódicos e outros impressos recebidos na Revista Agrícola (SSA)	110
3.2.2.1 Interlocuções de projetos entre as Revistas Agrícolas para o campo brasileiro – simultaneidade do discurso.....	113
3.2.2.2 Organizar o trabalho e a lavoura	114
3.2.2.3 “Separar para prosperar”.....	116
4 “HOMENS DE LETTRAS” E SUAS INSTITUIÇÕES, AS CLASSES AGRÍCOLA, INDUSTRIAL E COMERCIAL, E OS “SOBREDESTINATÁRIOS”.....	117
4.1 O Imperial Instituto Sergipano de Agricultura – marco fundador do discurso sobre a lavoura sergipana – “animar e desenvolver a agricultura”.....	118

4.2 Comício Agrícola [Sergipense] (1870 a ?).....	128
4.2.1 Entre o Comício e a Sociedade Sergipana de Agricultura.....	133
4.3 A União Agrícola de Laranjeiras – a terceira experiência.....	136
4.4 A Sociedade Sergipana de Agricultura – “a quarta experiência”.....	138
4.4.1 Os Estatutos da SSA.....	140
4.4.2 Diretorias.....	142
4.4.3 A polifonia na Sociedade Sergipana de Agricultura – destinatários e sobredestinatários.....	144
4.4.4 “Esforço e tenacidade” - a Sociedade Sergipana de Agricultura na Revista Agrícola (SSA).....	147
4.5 A <i>Coligação Assucareira de Sergipe</i> – a quinta experiência?.....	150
5 OS SENHORES DO EDITORIAL DA REVISTA – “NOSSA UTILIDADE”.....	154
5.1 Theodoreto Archanjo do Nascimento – “homem de letras e distinto cientista”.....	155
5.1.1 Viagens e escritos.....	159
5.1.2 Após a Revista Agrícola (SSA): de volta à medicina?.....	173
5.2 Homero de Oliveira – “Em nome do dever, tudo pela Pátria, tudo por Sergipe”.....	175
5.3 Outros colaboradores.....	182
5.4 Os “contrários”: Sergipe, “de ninho de águias” a “homens sapos”.....	195
5.4.1 Divergências políticas: “toras de cannas podres”.....	198
6 A REVISTA AGRÍCOLA (SSA) DA SOCIEDADE SERGIPANA DE AGRICULTURA: LEITURA E ANÁLISE.....	200
6.1 O tempo histórico da Revista Agrícola (SSA) – “as alterações políticas são sementeiras férteis de periódicos”.....	212
6.1.1 Um contexto tipográfico da Revista Agrícola (SSA).....	225
6.1.2 A estrutura da Revista – sua “atmosfera verbal”.....	236
6.1.2.1 Primeira leitura: a capa.....	237
6.1.3 Anúncios – uma leitura dos reclames.....	248
6.1.3.1 Os anúncios e a manutenção da Revista Agrícola (SSA).....	249

6.1.3.2 História dos/nos reclames.....	256
6.1.3.3 Os anúncios, a Revista Agrícola (SSA), o capitalismo tipográfico.....	262
6.1.4 As seções na/da Revista.....	265
6.1.4.1 Os editoriais – “que a lavoura seja emancipada das trevas que a acorrenta”.....	269
6.1.4.2 Depois do editorial - artigos, matérias, notícias... solicitações, avisos transcrições.....	272
6.1.4.3 “Como nos receberam” – olhares de seus contemporâneos.....	274
6.1.4.4 A seção “Relatório”.....	276
6.1.4.5 “Noticias Diversas”	278
6.1.4.6 “Secção Commercial”	279
6.2 Fim da Revista Agrícola (SSA)?.....	282
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	286
REFERÊNCIAS.....	294
APÊNDICES.....	319
A - Anúncios publicados na Revista Agrícola.....	320
B - Títulos dos Editoriais da Revista Agrícola (SSA).....	347
C Equivalência de valores entre exemplares e anúncios na Revista Agrícola (SSA) e demais produtos e periódicos no período.....	355
D – Sumários da Revista Agrícola (1905 a 1908).....	357
ANEXOS.....	400
A - Lista de Sócios da Sociedade Sergipana de Agricultura na sua fundação.....	401
B - Reunião e Estatutos da Coligação Assucareira.....	407
C – Página de jornal com notícia da viagem ao Oriente.....	413
D – Página de jornal com notícia de participação de Theodoro do Nascimento em comissão da Exposição Nacional de 1908.....	414

INTRODUÇÃO

Como discutir na contemporaneidade os conflitos no espaço rural brasileiro sem definir claramente a sua produção e organização ao longo do tempo?

Palavras emergem introduzindo a significação para novas demandas: agronegócio, segurança alimentar, crédito rural, e tantas outras que passam a ser veiculadas para indicar as mudanças econômicas e os problemas decorrentes no campo brasileiro. Mas, será que essas novas palavras não estão apenas travestidas de “velhas” questões que oscilam na produção do espaço agrário brasileiro?

Ler, ouvir os discursos que ecoam ora espremidos, ora fartamente espalhados nos mais diversos meios de comunicação, seja na “boca do povo”, seja nos *ipad’s*, soa parecer novidade aos desavisados que adentram em uma realidade espaço tempo dividida entre rural e urbano. As adjetivações mudaram para alguns setores agrícolas devido a ampliação do emprego de técnicas da engenharia genética, no valor fetichizado agregado aos produtos do extrativismo, as denominações de origem, entre outras inovações. Contudo, não se trata de perceber apenas como a propaganda rural tornou-se complexa, mas como uma comunicação sobre o rural, que pouco se distancia dos objetivos iniciais que produzem a espacialização do capital no campo a partir de meados do século XIX, está cada vez mais dialogizada em seus discursos, ampliada e renovada em seu vocabulário, e as conseqüências de seus efeitos que fragmentam a compreensão dos conflitos e escamoteiam uma realidade quase permanente de altos índices de concentração fundiária, fome, precarização do trabalho e desemprego no campo e na cidade.

Se o sistema econômico não mudou, logo, a principal categoria no processo de produção e organização do espaço rural e urbano – a categoria trabalho – continua a fazer parte dos discursos sobre o campo e a cidade. E sobre essa categoria que incidem os discursos mais eloquentes de forma a mantê-la alienada dos sujeitos históricos.

Os discursos de temporalidade mais recente, assim como os situados em um passado são produzidos e divulgados como uma necessidade de constituir uma língua unificada a partir de um capitalismo tipográfico a fim de unir pessoas, naturalizar o discurso de classes dominantes, e difundir interesses. União solidária e contraditória para objetivos em comum: o lucro.

Nesse capitalismo tipográfico, a imprensa, em sua compreensão mais ampla, não apenas no sentido de ser impressa, mas difundida sob vários suportes, ao condensar de maneira rápida e de longo alcance, constituiu mola propulsora na produção dessa linguagem. Assim, livros, folhetos e periódicos, e tantos outros suportes de informação que veiculam as ações de publicidade e a propaganda, constituem-se como importantes mecanismos discursivos do sistema capitalista.

Porta-voz de classes, agremiações, associações, partidos políticos, instituições filantrópicas, indústrias, os produtos da imprensa ganham terreno. Inicialmente de forma rarefeita e de difícil acesso, mas, com o desenvolvimento de novas técnicas de impressão e meios de popularização, atingem um público amplo e diversificado. Livros em série, inocentes revistas, jornais com editoriais raivosos, satíricos, bajulatórios, informativos, almanaques ilustrados, publicações científicas – revistas, boletins, anais etc., hebdomadários, folhetins, cartazes, passaram a ser incorporados como artefatos indispensáveis à sociedade moderna no século XIX, como um fator de unificação de linguagens, meios de divulgação de ideias e de mercadorias.

Diante a recorrência de uma variedade de dados presentes nesses impressos, o estudo de seu conteúdo possibilita o acesso às mentalidades das sociedades que o produziram. Mentalidades que asseguram em cada contexto o estabelecimento das regras de funcionamento e de manutenção da sociedade que são disseminadas em vários suportes discursivos, sendo o material impresso o mais recorrente até o surgimento do rádio e da televisão nas primeiras décadas do século XX.

Sussekind (1997) observa que é possível rastrear, via literatura, a tentativa de constituição de um horizonte técnico¹ moderno no país desde os fins do século XIX. Porém, a autora alerta que alguns rastros não são claros, existem trilhas que não se superpõem. O texto impresso desse período constitui-se, assim, como uma possibilidade de acessar um passado da produção das sociedades.

A consulta aos impressos figura como uma tentativa de entendê-los no seu tempo histórico. Analisá-los na totalidade de sua produção, os desvelar como artefatos, como portadores de discursos de um tempo. Um estudo que requer

¹ A autora refere-se como horizonte técnico como uma “paisagem técnico-industrial em formação”, busca rastrear diferentes figurações literárias a partir de confrontos com esse horizonte transforma a própria técnica literária (SUSSEKIND, 1987, p. 15).

procedimentos, desde observar o suporte discursivo em si, quanto o seu conteúdo, uma vez que se trata, na sua maioria, de artefatos de conservação ameaçada.

Assim, além dos discursos, também o suporte. Consultar publicações de estrutura material frágil - papel de fina espessura amarrotado pelas marcas do tempo talvez provocadas por sujeitos históricos que a manusearam, no período de sua edição, ou, somente agora neste tempo². Como saber a procedência real dessas fontes e de sua mobilidade física no tempo até virarem acervo de biblioteca? O que importa é que mesmo que sejam exemplares considerados “mortos”, únicos, ou raros, os impressos tiveram e têm vida, vida de livro ou vidas de periódico. Uma origem gráfica, que os situam na história da imprensa e suas implicações técnicas, mas, sobretudo, uma vida de instrumento de vontades ideológicas.

Em Sergipe, o volume de periódicos editados a partir do século XIX é apresentado por Ipanema e Ipanema (1979)³ ao estruturar um quadro amplo do desenvolvimento do periodismo no Brasil, destaca a emergência dos periódicos por Província, e em Estados. Sergipe figurava com os seguintes números: entre 1832 a 1889, aparecia com 139 títulos editados e distribuídos em nove municípios. Em 1912, constavam 11 títulos; 1930, 29 títulos; 1955, 11 títulos; 1973, 13 títulos.

Convém ressaltar que, além dos periódicos agrícolas, as notícias do/para (o) campo emergiam também nos periódicos destinados ao público de maneira geral. Matérias publicadas no século XIX no *Correio Sergipense* indicadas por Mott (1986), e em demais periódicos sergipanos daí em diante atestam a recorrência. A revista *A Novidade*, é um exemplo desse prosseguimento, em 1940 trazia informações sobre as realizações na agricultura implantadas por seu interventor estadual Eronides de Carvalho:

AGRICULTURA

[...] o Interventor fomenta a agricultura de u'a maneira corajosa. Essa audácia administrativa já em relevo no bronze, parece transfundir-se a todos os seus cometimentos. Cultura do algodão, do arroz, do fumo, do coco, fruticultura (...) articulação de serviços agrícolas, federais, estaduais para obter-se maiores resultados e benefícios mais extensos (...) auxílio aos agricultores. Despertamento agrícola. Rumo à terra dadivosa e fértil, para o aproveitamento dessa fertilidade (A NOVIDADE, 1940).

² Caso as revistas guardadas e consultadas neste trabalho sejam aquelas devolvidas por seus recebedores que não a leram, aspecto comentado no interior da *Revista*.

³ Ver também: Torres, 1993.

Jornais e revistas não especializados também podem ser compulsados como fonte de pesquisa sobre esse tema. Outro dado a ser destacado é que em meio às notícias do campo, voltadas para a divulgação de técnicas e implementos agrícolas, estava a presença do “trabalhador rural”, ou “homem do campo”. Tratado como um indivíduo que, ao lado do saber agrícola civilizador do final do século XIX, foi “produzido” como ser despossuído de capacidades para gerir seu próprio destino, como foi o caso do *Jeca Tatu* formulado por Monteiro Lobato (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2007, p. 189). Figura caricata que motivou a criação de preconceitos em torno dos habitantes das áreas rurais paulistas. Sua caracterização subserviente e penosa possibilitou a justificativa para a gestão de políticas públicas para as regiões agrícolas, com uma finalidade com efeitos pouco positivos. Processo que pode ser melhor compreendido na obra *Parceiros do Rio Bonito*, de Candido (1999); e relativo ao Nordeste, a *Invenção do Nordeste* (ALBUQUERQUE, 1999); e em *A Terra e o Homem do Nordeste* (ANDRADE, 2005).

Essa interpretação do camponês como alguém limitado, iniciada no final do século XIX começou a ser desmistificada nos anos cinquenta do século XX com a emergência da organização de movimentos sociais no campo.

Em Sergipe um poema anônimo, *Mirando um camponez de minha terra*, publicado na revista *A Novidade* de 1937, descrevia um ‘tipo interiorano’ de Itabaiana, município sergipano que teria sofrido forte influência holandesa, e tal contribuição estrangeira foi destacada no texto. As palavras do poema concebiam certa degradação do interiorano que poderia ser regenerado através da valorização do fenótipo holandês:

[...] Homem de Itabaiana, descalço negociante,
Engulido pela grossa blusa desabotoada ou de peito exposto ao sol,
Mercador de ovos e de batatas,
Aceita o meu fraternal affecto, a minha voz de compreensão.
[...] Mirando um camponez de minha região
Vestido de trapos
Com o seu largo sorriso repuxando as guias do bigode
Não me lembrei da nostalgia negra ou indolência selvagem.
Vi uma nova Raça, os dignos descendentes
E laboriosos hollandezes, e altivo labutadores caboclos,
Que poderiam ser ainda melhores do que são.

Representação sobre tipos humanos, terra, instrumentos de trabalho, prenúncios de políticas públicas, eventos, ensino, podiam ser encontrados em periódicos sergipanos de 1860 a 1960. Em alguns as questões relativas ao campo

ganharam seção específica, noutros apareceram em notas, nos anúncios, mas não impedem na contribuição de leituras sobre o campo.

O uso de jornais e revistas como fontes para pesquisa constitui-se em prática recorrente em várias áreas do conhecimento. Essas fontes geralmente são inquiridas para subsidiar, reforçar ou refutar outros dados, mas em alguns trabalhos são utilizadas como ponto de partida e de análise para o desenvolvimento de estudos diversos. A exemplo de Freyre (1963; 1977), que estudou etnias negras a partir de anúncios de escravos publicados em jornais do século XIX, e no livro *Sobrados e Mucambos*, observou mudanças de comportamento no cotidiano através dos anúncios jornalísticos. Telarolli Júnior (1996) compreendeu aspectos essenciais envolvidos nas questões de saúde pública de São Paulo no século XIX; Galvão (1977) construiu uma reflexão sobre Quarta Expedição da Guerra de Canudos publicada em matérias de jornais, além de destacar que falta um estudo sobre a quantidade de jornais e revistas que circularam no Brasil. Em Sergipe, destaca-se o trabalho de Oliveira (2006) como o estudo de anúncios de jornais relativos ao ensino de línguas, visando desvendar práticas de ensino realizadas fora do contexto escolar. Santos (1999) mapeou a construção de um ideal de cidade e de indivíduo preconizados à luz da “higiene, da saúde e da beleza dos corpos” registrados em periódicos sergipanos na segunda década do século XX. A análise da Revista do Instituto Histórico e Geográfico por Freitas (2010); um balanço sobre revistas em Sergipe no século XIX por Silva e Linhares (2011); a pesquisa de Cruz e Silva (2006) sobre a revista do Gabinete de Leitura de Maruim.

Nos estudos geográficos, encontra-se a utilização da informação jornalística na construção de um saber sobre a realidade atual, enfocando principalmente temas geográficos relacionados à sociedade contemporânea (GUELLI; ORENSZTEJN, 2007); as recorrentes notícias de jornais citadas por Andrade (2005) na reflexão sobre as “tentativas de solução do problema agrário”; a análise do discurso midiático sobre a reestruturação econômica e territorial no Paraná (Antonello, 2009); o estudo da Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil por Camargo (2009), o entendimento sobre a discussão do nacional presente nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (OLIVEIRA; CONCEIÇÃO, 2003).

Para um entendimento sobre a fonte analisada retoma-se uma discussão do conceito de revista a partir de Martins (2008a, p. 45-46), que observa a dificuldade

de definição esse gênero periódico. Uma preocupação que tem ocupado pesquisadores de várias nacionalidades. Unindo as observações dessa autora, depreende-se revista como uma publicação periódica, quase sempre manifestação da criação de um grupo, distingue do jornal por ter uma capa, a formulação de um programa de revista, divulgado em artigo de fundo, costuma ser descartada, depois de re-visto os assuntos. Mas, concordando com a autora o mais importante na abordagem da revista é a sua definição no interior de seu conteúdo, a partir de seus editoriais e da formulação de seus agentes.

O trabalho em questão rastreia um impresso. Uma revista, uma Revista Agrícola (SSA)⁴ como tantas que circularam no Brasil do início do século XX⁵. E o que guardariam os exemplares esgarçados pelas mazelas da pouca conservação uma Revista Agrícola publicada em Sergipe entre janeiro de 1905 a dezembro de 1908? Por que esse impresso pode ser compulsado como parte e como meio da espacialização do capitalismo tipográfico? Como foi “descoberto” e por que pode ser lido, analisado como fonte sobre um tempo histórico que diz sobre uma concepção sobre o meio rural sergipano?

Em 2008, a construção de um projeto de Tese que visava mapear “notícias do campo” – notícias veiculadas na imprensa periódica sobre o meio rural sergipano - inscrito em uma longa duração assinalada por alguns autores que examinam a produção do meio rural brasileiro de 1850 a 1964 (do estabelecimento da Lei de Terras à criação do Estatuto da Terra) identificou que o período guarda singularidades, marcas que precisam ser desveladas, apesar de pontos convergentes e recorrentes à grande parte da realidade rural brasileira do período: a propriedade privada da terra, a substituição do trabalho escravo pelo livre, a formação do ensino agrícola, a substituição da técnica empregada no fabrico do açúcar entre outras.

Entre as singularidades para Sergipe, a localização de um periódico voltado especificamente para resolver os problemas do campo: uma Revista Agrícola (SSA).

⁴ Neste estudo, a Revista Agrícola analisada receberá ao longo do texto a seguinte denominação: Revista Agrícola (SSA), de forma a evitar confusão devido a várias publicações como a mesma denominação. Por SSA leia-se: Sociedade Sergipana de Agricultura. Ao citar os textos publicados na Revista mantivemos a grafia original e quando possível reproduzimos partes da Revista por meio de reprodução fotográfica de partes da Revista Agrícola (SSA).

⁵ Balanço dos títulos na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED) e na base de dados *on line* da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

A Revista analisada não foi a única revista brasileira editada no recente regime republicano com a proposta de reunir informações para minimizar problemas relacionados ao campo, mas é uma das primeiras editadas no Brasil e ligada a um anseio anterior da classe agrícola sergipana desde 1860, de apresentar uma discussão teórica sobre o meio rural de forma a coadunar-se com a prática efetiva. A Revista pode ser considerada, no dizer de Mikhail Bakhtin (2008), uma referência, obra que diz sobre um signo ideológico e seu contexto, neste caso, para entender alguns liames da produção do espaço agrário sergipano, apesar dos quatro anos de sua veiculação, porém, o seu conteúdo, apresenta rastros de cerca de três décadas anteriores sobre as questões envolvidas na produção do campo sergipano, assim como anuncia o delineamento do espaço agrário dos anos seguintes. Ainda recorrendo a Bakhtin para a leitura da Revista é possível desvelar a presença do “dialogismo” no discurso desse periódico: uma propriedade do discurso que leva em conta que a palavra, um falante estão sempre perpassadas pelas palavras do outro, por uma polifonia, e indica para uma leitura da visão de conjunto do texto: objeto de comunicação e de significação (AMORIM, 2004, p. 1)

Desse modo, a Revista é compulsada nesta Tese a partir de uma perspectiva teórica que a lê como uma fonte histórica e geográfica, que comporta marcas, “fio e rastros” (GINZBURG, 2007) de um pensamento geográfico e sinais para uma geografia histórica sobre o meio rural sergipano.

Por pensamento geográfico a presença de discursos que contemplam direta, ou indiretamente questões relativas à geografia, “escritos que tematizam o território, sua organização, sua gestão, sua transformação, suas contradições” – a definição de ideologias (MORAES, 1991, p. 34) para o campo sergipano. No tocante a geografia histórica os indícios de uma história da produção do espaço agrário sergipano – o desenvolvimento de técnicas, a formação de classes sociais, o delineamento de culturas e sociabilidades, a implantação de estabelecimentos comerciais, costumes, práticas educacionais. Perspectivas separadas apenas para situar conhecimento, porém interligadas, principalmente, por contradições: “a necessidade de não dissociar o produtor, o produzido e o contexto de sua produção” (MORAES, 1991, p. 21).

Para a análise de produção de um pensamento geográfico sobre o campo sergipano a partir da leitura do conteúdo da Revista são necessários alguns procedimentos. Primeiro, entender o que este periódico como fonte e como objeto

de estudo; o(s) discurso(s) que veicula. Um discurso geográfico, não no sentido etimológico do termo – de estudo do espaço, mas um discurso “sobre um território” (ESCOLAR, 1996, p. 51), não uma denominação precisa de abordagem geográfica no sentido de sua definição enquanto disciplina, mas, entender que:

A história social do pensamento geográfico pode ser uma história do discurso acadêmico, de certas perspectivas teóricas e suas articulações, de estratégias protocolares, de práticas corporativas políticas etc., mas também pode ser, uma vez que é fundamento ideológico e proposta de legitimação científica institucionalizada a história da organização estatal (nacional) do território” (ESCOLAR, 1996, p. 141).

Em segundo, desvelar esse discurso como parte inerente da produção capitalista do espaço que se espalhava no contexto vigente no sentido, de como os discursos integram, a espacialização do capital, sobretudo, de forma sutil e legitimadora, intelectual e com conotação científica:

A história do capitalismo pode ser pensada, então, como uma história da efetiva apresentação em cena dos territórios nacionais excludentes e inclusivos. Uma história material de construções e rupturas, uma história ideológica de lutas pela hegemonia de classe na nomeação simbólica do território e a soberania essencial da nacionalidade estatal moderna. (...) produziu-se uma modalidade discursiva em que a descrição pormenorizada e asceticamente política do território formava uma só entidade com a história oficial da nacionalidade. Era crucial, nesse caso, não vincular explicitamente a exposição substantiva de fatos geográficos e acontecimentos históricos, com os conflitos latentes, internos e externos ligados à hegemonização estatal dos territórios exclusivos de cada Nação. O discurso, em consequência, deveria apropriar-se passivamente dos conteúdos, sem explicitar politicamente suas origens e cimentando, na neutralidade metodológica de suas intervenções, a cientificidade legítima do enfoque (ESCOLAR, 1996, p. 120).

Tem-se assim, como proposta de Tese: desvelar a Revista Agrícola (SSA) e seu discurso como fomentadores da produção do meio rural sergipano no interior da espacialização do capital no campo brasileiro. Para desvelar desse discurso a proposta de análise de Bakhtin (1997), aliada ao um entendimento sobre a significação das palavras ao longo do tempo indicadas por Ginzburg (2001; 2007); a interpretação sobre pensamento geográfico a partir das reflexões de Moraes (1991; 1999); Escolar (1996); Conceição (2000; 2001; 2010); a ideia de produção do espaço analisada por Harvey (2006a); a Revista Agrícola (SSA), enquanto produto da imprensa, inserida capitalismo tipográfico e parte da nação como uma

comunidade imaginada, conceitos concebidos por Anderson, 2008; as distinções discursivas de campo e cidade analisadas por Williams (2011) e Lefebvre (1973); e sobre os editores e colaboradores da Revista um entendimento a partir da concepção de intelectual proposta por Gramsci (1995); ainda para desvelar os meandros entre leitores, contexto e leitura, as indicações de Chartier (1994; 2004); e olhar sobre essa fonte fundamentado na dimensão da dialética marxista ao inserir esse periódico como cultura material, como resultado do processo de expansão do capitalismo no Brasil, um mecanismo eficaz na fundamentação das ideias das classes dominantes e no interior de um desenvolvimento desigual e combinado (MARX; ENGELS, 2007; SMITH, 1984); e para desvelar a ideologia presente no discurso, o entendimento deste conceito como um conjunto de ideias permeadas de poder (EAGLETON, 1997).

O discurso presente na Revista está aparentemente claro em alguns momentos em seu entendimento: fluído, sem contradições aparentes, quase monológico para o leitor menos desavisado. Porém, uma leitura em que se observe a sua polifonia, as várias vozes no discurso, os seus “outros”.

A escolha da fonte para estudo, um periódico⁶ – uma revista ocorre a partir da tomada do seu discurso como objeto de análise, compreendendo esta fonte como uma ferramenta de divulgação de uma Sociedade Agrícola. Apenas uma fonte sobre os discursos do/para o Estado na produção do espaço brasileiro, uma vez que essa questão é quase infinita, mas com um objetivo teórico a desvelar “um sentido e natureza ideológica” dessa questão, a partir de um documento situado em um tempo e um espaço.

A abordagem da Revista está fundamentada na filosofia da linguagem bakhtiniana. Uma análise que prevê “transportar-se para o próprio terreno onde foi recolhida a cultura que produziu e contém uma obra, onde ela foi concentrada e interpretada literariamente” (BAKHTIN, 2008). O autor afirma que uma obra é insubstituível quando se penetra na essência mais profunda de uma questão,

⁶ É uma publicação, normalmente sobre assuntos específicos, editada com determinada regularidade temporal. Essas publicações podem estar formatadas como jornais, revistas, boletins ou mesmo em meio eletrônico, em CD's ou sítios da internet. Para ser considerada um periódico a publicação deve ser impressa com uma certa periodicidade, daí a sua designação, normalmente sendo semanal, quinzenal, mensal, bimestral, semestral ou anual (PERIÓDICO, 2010).

quando contém uma unidade interna dos elementos heterogêneos de um tema, de forma que se constituiria uma referência⁷.

Na Tese em transcurso, a Revista Agrícola (SSA) de Sergipe teria esse perfil de referência. A partir do pensamento de Bakhtin (2008, p. 380), e seu critério para seleção de uma obra para análise, a Revista, do começo ao fim teria saído do próprio centro da vida da época, na qual os autores eram participantes ativos testemunhas interessadas. Ela contém um vocabulário específico que cria e/ou veicula uma linguagem (BAKHTIN, 1997), um *locus*, uma proposta de unidade de pensamento em um tempo/espaço histórico, figurando essa obra como um objeto de estudo. E, a Revista em si, figura também como um tipo de mercadoria que passa a ser veiculada no contexto analisado (SILVA, 2005; COHEN, 2008).

Os discursos presentes na Revista podem ser analisados assim, como uma enunciação de outrem unida a um contexto por relações dinâmicas, complexas e tensas (BAKHTIN, 1997), o que possibilita questionamentos sobre o porquê da publicação dessas informações, e em que medida tecem configurações discursivas sobre o espaço agrário sergipano, como também analisar os discursos e contra discursos presentes nas notícias do campo situando-as na dimensão de sua polifonia, em cada época, em que cada grupo social tem o seu repertório nas distintas formas da comunicação sócio-ideológica.

A Revista Agrícola (SSA) de Sergipe pode ser considerada como uma fonte possível de leitura para o pensamento geográfico. Uma fonte inserida em um projeto de produção de uma linguagem unificada para/sobre o meio rural. O olhar ordenador do intelectual, do cientista que mensura o meio, a natureza, classificando-a (PRATT, 1996, 67).

A imprensa como um suporte de linguagem da classe dominante⁸, é uma das formas de apresentar suas ideias:

[...] toda classe dominante é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, é obrigada a dar às suas ideias a forma de universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas (MARX; ENGELS, 2007, p. 48).

⁷ Grifo nosso. A obra de referência constitui-se como marco na produção de um discurso, na veiculação de um tema.

⁸ O conceito de classe dominante é aqui compreendido como a classe que tem à sua disposição os meios materiais de produção e as ideias.

A partir dessa análise, as ideias da classe dominante – agricultores, comerciantes, industriais, intelectuais – para serem reconhecidas como válidas, encontrariam no discurso veiculado na Revista, as ideias de sua dominação, a naturalização de sua vontade, de sua razão, sua visão de mundo sobre o meio que a cerca.

Os capítulos propostos nesta Tese são denominados de seções sem perder a unidade. Apontam para uma análise dos discursos presentes na Revista a partir de uma leitura fundamentada na historicidade “como caminho de entendimento dos objetos e processos sociais, entre eles os referentes à Geografia” (MORAES; WANDERLEY, 1984 p. 26). Tanto a Geografia Material quanto o discurso geográfico podem ser explicados pelo fluir histórico, uma vez que “o olhar geográfico se exercita em uma concepção que sofre determinações históricas” (MORAES; WANDERLEY, 1984, p. 27). E os discursos geográficos seriam construções engendradas dentro de mentalidades, de condicionantes temporais – conhecimento científico sobre o espaço terrestre –, de um processo de valoração do espaço, guiado por interesses e valores materiais e simbólicos.

Analisar a Revista Agrícola (SSA), “*órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura*” como um suporte discursivo parece tarefa fácil. Afinal, a fonte tem leitura acessível por ser impressa; e possui, praticamente, todos os seus exemplares publicados e localizados⁹, além de ficar explícito que é uma fonte de informação sobre a produção e organização do espaço agrário sergipano. Mas, a existência da Revista não é obra do acaso de benfeitores da lavoura sergipana, de modo que suscita para alguns questionamentos:

- 1) Por que a publicação de uma Revista Agrícola (SSA) em Sergipe no período de 1905 a 1908? E quem a publica?
- 2) Por que há no conteúdo da Revista um vocabulário relativo a expressões fundamentadas nas ciências naturais e em teorias em voga?
- 3) Por que a afirmação do atraso para o campo sergipano?
- 4) Por que a existência de queixas constantes a respeito da pouca defesa dos interesses agrícolas no Estado?
- 5) Por que a veiculação de anúncios?

⁹ Exceto 02 exemplares, um de 01 de outubro de 1905 e outro de 15 de março de 1908.

- 6) Por que a disseminação de novos cultivos, o estudo de pragas, a formação agrícola, e constituição de crédito rural, imigrantes, crise, exposições agrícolas e outros eventos?
- 7) Qual a razão da vinculação dos editores e colaboradores da Revista com outras instituições agrícolas do país?
- 8) Qual o papel da veiculação de notícias relativas à produção agrícola estrangeira?
- 9) Por que a participação de agricultores sergipanos em comissões agrícolas em visitas ao exterior?
- 10) Qual a função dos discursos publicados na Revista Agrícola (SSA) naquele contexto?

De forma a desvelar essas questões, esta Tese compreende a Revista como uma fonte possível de produção de uma imagem unificante para o espaço agrário sergipano sob o capitalismo. Uma imagem naturalizada a partir de signos (palavras ideológicas), que, através da análise proposta, pode-se compreender a contradição entre a unicidade e a pluralidade da significação dessas palavras, suas relações com o contexto mais abrangente, não somente o sergipano.

A Tese está dividida em seis seções. A primeira, esta Introdução. A segunda analisa, na historiografia brasileira, as questões inerentes à transição da Monarquia à República no Brasil, entre esses meandros, a recorrência ao signo do progresso e sua significação (situação concreta onde se realiza o signo – o contexto onde opera a dinâmica das palavras -) para o rural, na construção da Nação e do Estado brasileiros. Nas significações relativas à transição examinada é reiterada a construção simbólica de fronteiras material e discursiva, de oposição, entre o campo *versus* cidade sob os auspícios da modernidade. Oposição inscrita, sobretudo, na imprensa periódica. A imprensa funcionaria como um *locus*¹⁰, dessa e de outras construções ideológicas, seria o principal elemento produtor e difusor de ideias no período analisado.

¹⁰ Na análise do discurso realizada por Bakhtin (2008) no livro *Gargântua e Pantagruel*, de Rabelais, o *locus* de produção do discurso sobre o “cômico” é a praça que contém um vocabulário próprio elaborado a partir dos frequentadores da praça – fontes populares, na qual Rabelais teria recolhido palavras e a formação de uma linguagem própria da época para um tema abrangente como é cultura cômica. Ao tomar a imprensa como *locus* – lugar da produção de discursos e sua disseminação de forma a constituir uma linguagem – considera-se a imprensa periódica como um suporte capaz, assim como uma praça, de conter discursos, personagens e sociabilidades capazes de gerar vocabulários e linguagens a partir da materialidade que descrevem e/ou analisam.

Produzidos e divulgados, os signos e significações, consolidam um vocabulário (palavras aparentemente soltas, movidas pelo desejo de progresso) e linguagem (a troca social de vocabulário em um *locus*) que unifica uma imagem para o campo criam uma “identidade” e naturalizam o campo escamoteando suas contradições, meandros que a terceira seção discute e situa.

Analisados *locus*, vocabulário e linguagem, a quarta seção desvela detalhes da “troca social” ao analisar a sua pretensa “unidade”, descortinar os seus elementos heterogêneos, as representações, os conflitos dos defensores e dos contrários aos discursos hegemônicos a partir das instituições e seus “homens de letras”. Ciente da linguagem para o campo, como é produzida e difundida por classes dominantes, perquire-se a mobilidade desses discursos na Revista, com seu alcance representado no discurso de seus colaboradores, no corpo dos editoriais, na sua seção de correspondências, através das mercadorias anunciadas, além troca de informação e conhecimento com suas congêneres, idas e vindas de um estado a outro do país, e também para o exterior.

A quinta seção realiza uma leitura sobre os principais redatores e colaboradores da Revista. Presenças essenciais que asseguraram a existência do periódico, e como esses homens de letras vincularam os seus escritos às diversas questões do contexto e um entendimento de seus discursos como fonte e objeto de um pensamento geográfico.

A sexta seção perscruta a Revista Agrícola (SSA), lê suas seções e anúncios e suas interfaces com o campo sergipano na totalidade discursiva sobre o meio rural brasileiro. Para finalizar, uma última seção dispõe considerações obtidas a partir da questão de Tese proposta e o desvelar da organização e produção do campo sergipano presente no discurso na/da Revista.

2 “É A LAVOURA O PONTO DE APOIO EM QUE SE FIRMAM AS NAÇÕES”¹¹: O “LOCUS” DA/NA REVISTA AGRÍCOLA (SSA)

A citação que nomeia esta seção é uma das elocuções sobre as quais se assenta o conteúdo da Revista Agrícola (SSA), uma condição imperativa que fundamentava o seu discurso. Uma elocução situada no interior de uma polifonia simultânea – várias vozes que ecoavam nesse periódico de configurações políticas, sociais, econômicas, culturais.

No interior da filosofia da linguagem refletida por Bakhtin o termo designado por ele de “elocução”, um conjunto (falante e destinatário) que, por meio de sua identificação é capaz de compreender simultaneamente energias tão díspares no(s) discurso(s): “uma elocução falada ou escrita, é sempre expressa de um ponto de vista, o qual é um processo, mais do que uma localização” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 37), logo, a elocução que define a obra a Revista Agrícola (SSA) e que nomeia este capítulo: *a lavoura é ponto de apoio em que se afirmam as nações*, parte de um *locus* – uma Revista Agrícola (SSA), e também comunica um outro *locus*, uma realidade internacionalizada que prevê os ditames de sucesso econômico para “as nações” naquele contexto.

A referida elocução exerce seu efeito dentro de um espaço/tempo em que as diferenças no sentido das palavras são passíveis de registro, mesmo se ocorrer uma diferença de sentido na compreensão da fala, demonstra a sua simultaneidade, mas, o *locus*, onde ela opera, é constante e condição essencial para conferir sentido em conjunto com o falante e com o destinatário de sua fala.

Se as elocuções integram um *locus*, então se propõe nesta seção perquirir o *locus* dessas enunciações para compreender os efeitos de sentido.

A formação desse *locus* tem um marco temporal no alvorecer de 1905, no dia 15 de janeiro, quando a Sociedade Sergipana de Agricultura editou o seu Órgão de imprensa: a Revista Agrícola (SSA), para divulgar [e defender] os interesses da agricultura, do comércio e das indústrias do Estado. É esta Revista, a obra explorada neste estudo. Um periódico denominado de agrícola que poderia estar inserido no quadro geral das *publicações agronômicas* destacadas por Martins

¹¹ OLIVEIRA, 15/07/1905, p. 109.

(2008a, p. 203), uma temática que, segundo a autora, integrou o periodismo brasileiro no final do século XIX e início do XX:

Abalava-se a comodista tradição do lavrador brasileiro, apoiado na grande propriedade monocultora, na figura do comissário e no estilo perdulário de vida. Lidar com a nova situação exigiu um proprietário mais informado e atento, capaz de gerenciar mão-de-obra competitiva, vendas diretas de café aos escritórios estrangeiros, mecanismos par fornecimento do crédito, otimização da produção e, sobretudo, a necessidade de enfrentar o retalhamento da propriedade. (...) para esse novo fazendeiro, que a despeito de perdas ainda era um consumidor com bom poder aquisitivo, a necessidade de informação justificava o investimento no periodismo agrícola. Ou, conforme denominação da época, publicações agrônômicas voltadas para o homem da lavoura (MARTINS, 2008a, p. 284).

No entanto, convém observar que o panorama apontado por esta autora acerca do periodismo agrícola não corresponde totalmente à realidade de todas as revistas editadas e em circulação no tempo assinalado, e as razões da produção de revistas agrícolas não podem ser resumidas apenas à condição agrícola do país, como indicou em capítulo específico: “no país agrícola, revistas agrônômicas”. Existem outras razões para a ocorrência de periódicos envoltos nessa temática, singularidades a serem consideradas. Entre as quais as diferenças do poder aquisitivo das classes proprietárias de terras, sua formação intelectual e as necessidades de conteúdos específicos em cada revista agrícola de acordo com as respectivas demandas para cada localidade, o que não significa negar que havia questões comuns entre o meio rural brasileiro¹², como o problema da mão-de-obra e sua transição para o trabalho assalariado.

A leitura de algumas revistas agrícolas publicadas em diferentes localidades do país¹³, neste período, demonstram essas singularidades. Foram publicadas sob um discurso uníssono de melhoria técnica do campo, porém, com algumas questões próprias a serem desveladas, realidades agrícolas diferenciadas no sentido dos tipos de cultivos, e das diferenças regionais que passaram a ser produzidas (MELLO, 1999), decorre, portanto a necessidade de examinar o *locus* da Revista.

O conceito de *locus* é caro ao estudo bakhtiniano, uma análise preocupada com o discurso, não somente com a gramática, com a sintaxe, com a fonologia, mas com a simultaneidade, as diferenças nesta simultaneidade, a ação que o discurso contém, a comunicação. Segundo Clark e Holquist (2008, p. 235), Bakthin busca ver

¹² Ver: Weltman, 2008.

¹³ Pará, Rio Grande do Sul, São Paulo, Sergipe.

o discurso como algo que tem sentido no interior de um contexto polifônico, dialógico, simultâneo, no qual o falante e o destinatário de sua fala operam no interior de uma construção ideológica de sentido – um *locus*. Neste *locus* o discurso não é a fala em si, uma veiculação monológica da voz, e audição pura e simples de quem a escuta, mas, o que importa de fato é a comunicação produzida a partir de relações cognitivas, históricas e sociais.

A Revista Agrícola (SSA) analisada, o seu discurso, seria/teria um *locus* “constituído pelo falante individual e pelo destinatário de sua fala (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 37), no qual a elocução é o termo utilizado para designar o bloco que contém o discurso. Uma elocução é um discurso falado ou escrito, sempre expresso a partir de um ponto de vista, o qual é um processo mais do que uma localização (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 37). Através do entendimento das partes que formam uma elocução é possível compreender simultaneamente energias tão díspares da comunicação. Mas, a elocução, o seu pronunciamento só pode ser entendida a partir de “um *locus* único, em que tais condições [a polifonia, o significado das palavras] estão aptas a exercer um efeito” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 235). Daí a necessidade de, para desvelar alguns liames da natureza discursiva na Revista Agrícola (SSA), entender o seu *locus* – um ponto estável de onde partem as elocuições e seus contextos.

A opção de recorrer a essa forma de ler os discursos advém da própria condição da fonte estudada e de suas questões dialéticas, que não são oposições binárias: ou/ou, mas um diálogo ambos/e, ao compreendê-las no interior das contradições inerentes ao modo de produção capitalista.

O jogo de palavras presente na Revista (SSA) caracterizava-se por esse diálogo, ora claro, ora obtuso como um confuso “jogo de espelhos”, como refere Ginzburg (2001, p. 85) sobre as representações em torno das palavras, das ideias, e das coisas. A obra - a Revista Agrícola (SSA) - não era um produto discursivo isolado, um “produto solitário de uma intenção determinada pela vontade de ego soberano” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 38), mas, fruto de uma dialogismo, de uma polifonia: “cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem” (BAKHTIN, 2006, p. 309).

E é esta forma de ler uma obra que permite perceber, portanto, que os discursos operam a partir de sujeitos históricos situados em um tempo e um espaço

no qual realizam sua comunicação produzindo discursivamente e [ambos] materialmente o espaço.

Assim, entender que os discursos, por mais simples que sejam na sua natureza semântica, ortográfica, de léxico, possuem uma complexidade a ser desvelada, sobretudo, os gêneros discursivos secundários – ideológicos (BAKHTIN, 2006, p. 264). Por esta razão que a elocução é termo sobre o qual se assenta a concepção dialógica bakhtiniana, porque os contextos por mais desnorteantes e variados que sejam, seu poder de modificar as palavras não é ilimitado “pois só conseguem fazê-lo somente sob uma condição: só podem exercer seu efeito dentro de um espaço em que as diferenças no sentido das palavras são passíveis de registro, isto é entre dois locutores” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 235).

2.1 “A grandeza de uma Nação está no desenvolvimento inteligente, progressivo e remunerador de sua lavoura, de suas indústrias...”¹⁴

Para a expansão integral do capitalismo, o estado capitalista desenvolve-se (SMITH, 1984, p. 88).

Mapear os “fio e rastros”¹⁵ (GINZBURG, 2007) para desvelar o *locus* do discurso da Revista é essencial no interior da elocução a fim de evidenciar partes que ajudam a compor uma ideia de totalidade que torna e dá a comunicação o efeito de sentido. O *locus*, o falante, o discurso, o destinatário, juntos formam um processo polifônico.

O discurso de um passado pode não ter o mesmo sentido para o leitor/ouvinte atual. Relembrando que o *locus* é constante, único, as palavras são significadas ao longo do tempo. De forma que as palavras apresentam-se como fio, como rastros de um processo que é fruto de um tempo histórico específico. Evidente que as palavras, como fio, condutoras de uma narrativa, utilizadas no passado podem ser localizadas em textos atuais, mas os seus rastros precisam ser entendidos no interior de *locus* específicos, singulares de cada momento. E este é um dos exercícios teóricos na leitura do conteúdo da Revista Agrícola (SSA). As partes de um discurso não podem ser vistas separadamente, mas como parte de uma enunciação, de um processo comunicativo amplo, complexo:

¹⁴ Oliveira, 15/06/1905, p. 89.

¹⁵ O fio do relato – a cronologia, os rastros - histórias verdadeiras, pouco vistas.

Ao falante não são dadas apenas as formas da língua nacional (a composição vocabular e a estrutura gramatical) obrigatórias para ele, mas também as formas de enunciado para ele obrigatórias, isto é, os gêneros do discurso: estes são tão indispensáveis para a compreensão mútua quanto as formas da língua (BAKHTIN, 2006, p. 285).¹⁶

Assim, além da língua como idioma, um vocabulário e um sentido – uma ideia - passam a ser compartilhados pelos falantes e para os leitores/ouvintes de sua fala, um processo que passa a ser difundido com mais recorrência a partir de um capitalismo tipográfico (ANDERSON, 2008). A condição de reprodutibilidade de ideias oferecidas inicialmente pelas tipografias passou a fornecer uma simultaneidade a partir das leituras em série, e ao mesmo tempo, em diferentes localizações espaciais.

Como exemplo dessa condição de impressos de uso simultâneo, Anderson pontua a importância de duas formas de criação imaginária, destacadas por que floresceram pela primeira vez na Europa do século XVIII: “o romance e o jornal. Formas que proporcionaram meios técnicos para ‘re-presentar’ o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação” (ANDERSON, 2008, p. 55)¹⁷.

A Revista estava inserida como impresso de caráter simultâneo, o seu *locus* a referência a algumas palavras eram constantes, faziam parte de um gênero discursivo secundário de caráter publicístico (BAKHTIN, 2006), com intenções de unificação de ideias por seus falantes: imprimir a ideia do desenvolvimento da lavoura, da indústria e do comércio, como garantia de “grandeza da nação”, do Estado, do fortalecimento da pátria. Os conceitos de lavoura, indústria e comércio para o período de circulação da Revista ainda estavam arraigados à significação de atividades práticas voltadas para um mesmo fim, o de garantir o plantio, produção e comercialização de gêneros agrícolas, sobretudo o açúcar.

Anderson (2008) analisa a nação como uma comunidade política imaginada (ANDERSON, 2008, p. 32): “independente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação é sempre concebida como uma profunda

¹⁶ Para Bakhtin os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados. Há gêneros orais e escritos. A Revista seria classificada como um gênero secundário, surge nas condições de convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, onde estão incluídos os grandes gêneros publicísticos (BAKHTIN, 2006, p. 263).

¹⁷ Bakhtin considerou essas duas formas – livros e romances – no rol dos “gêneros discursivos secundários (romances – dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos etc.)” (BAKHTIN, 2006, p. 263).

camaradagem horizontal” (ANDERSON, 2008, p. 34). E quem de fato, existe, para assegurar a sua existência imaginária e/ou concreta? A língua seria um dos suportes, à medida que essa língua pudesse se compartilhada simultaneamente – forjando uma coincidência temporal e espacial, este seria o papel de dois meios técnicos, segundo Anderson (2008, p. 54-55).

Para uma linguagem simultânea um aparelho ideológico coeso: o Estado, como aparente forma autônoma, separada dos interesses singulares e gerais e, ao mesmo tempo, como comunidade ilusória, porém, fundada sobre a base real dos interesses de classes vigentes em cada período histórico. Classes que tem que disputar o poder político como garantia de dominação. Para tanto, utiliza-se da produção de formas ilusórias, no sentido em que confundem interesses particulares como gerais. Como exemplo, as lutas como direito do voto são formas ilusórias, nas quais são travadas as lutas reais entre as diferentes classes.

A nação, as suas conceituações ou representações, pode ser considerada, neste sentido, como uma forma ilusória. Se existiu mais de uma forma de pensar a nação, esta diferenciação é fruto das classes que a produzem. A ideia vitoriosa de nação será, ao menos no plano político, em cada contexto, a da classe dominante que conquistou o poder, a classe que apresentou seu ilusório interesse “geral” como Estado (MARX; ENGELS 2007, p. 37). O Estado pode ser então conceituado enquanto “forma pela qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer seus interesses comuns [por meio de formas ilusórias] e que sintetiza a sociedade civil inteira de uma época” (MARX; ENGELS, 2007, p. 76).

A existência do Estado como suposta forma autônoma, no capitalismo, figura como garantia de manutenção da divisão do trabalho em escala ampliada. Dessa forma, segue-se que “todas as instituições coletivas são mediadas pelo Estado, adquirem por meio dele, uma forma política” (MARX; ENGELS, 2007, p. 76). Mas, o Estado na sociedade capitalista não deve ser visto como uma “entidade autônoma mística ignorando as complexidades e sutilezas do seu envolvimento com outras facetas da sociedade” (HARVEY, 2006a, p. 89), uma vez que não é um reflexo automático do crescimento das relações sociais capitalistas. O Estado não é elemento passivo da história:

[...] a ‘base econômica’ e a superestrutura se associam, existindo simultaneamente e não sequencialmente – há uma interação dialética entre ambas (...) o Estado capitalista

precisa desempenhar suas funções básicas. Se não conseguir fazer isso, então esse Estado deve ou ser reformado, ou então o capitalismo deve dar lugar a algum outro método de organizar a produção material” (HARVEY, 2006a, p. 92; 93).

Na relação entre Estado e o capitalismo alguns mecanismos podem ser analisados, entre eles a ideia de que essa relação não apareça de forma clara. Mas, as trocas entre Estado e classes dominantes são contraditórias. Em tempo que o Estado sob o capitalismo defende, de forma subliminar, a garantia dos interesses das classes dominantes, ele, os seus administradores, também possuem estratégias que impeçam que qualquer fração do capital domine por completo os instrumentos de dominação de classe, entre elas a fragmentação do Estado em instituições separadas. A classe dominante tenta burlar essa fronteira de acesso ao domínio das formas ilusórias do Estado, uma vez que detém “a riqueza” e pode empregar seu poder de forma indireta com o emprego da corrupção de funcionários públicos e pela aliança entre governo e bolsa de valores (HARVEY, 2006a, p. 86-87). Por outro lado, devido à fragmentação o Estado em instituições separadas, “pode atuar com árbitro efetivo entre os diversos interesses fracionários dentro da classe capitalista”, como observa Harvey (2006a, p. 87-88):

A democracia burguesa sobrevive apenas com o consentimento da maioria dos governados; no entanto, ao mesmo tempo, tem de expressar os interesses distintivos da classe dirigente. Essa contradição se resolve apenas se o Estado se envolve ativamente na obtenção do consentimento das classes subordinadas. A ideologia proporciona um canal importante, e o poder estatal é, conseqüentemente, utilizado para influenciar a educação e para controlar, direta e indiretamente, o fluxo de ideias e informações (...) Assim, uma função chave inclui em organizar e transferir determinados benefícios e garantias aos trabalhadores (padrões mínimos de vida e condições de trabalho, por exemplo), que talvez, para ser exato, não sejam do interesse econômico imediato da classe capitalista. Em troca, o Estado recebe a obediência das classes subordinadas.

A ideia de um Estado-Nação brasileiro em sua incipiente forma burguesa que se delineia a partir de meados do século XIX pode conter as contradições acima analisadas. Não da mesma forma, uma vez que as diferenças políticas entre os países precisam ser entendidas, porém, guardadas as devidas singularidades de cada contexto de transição da forma de organizar a produção material e a vida cotidiana, é recorrente que o capitalismo funcionou com envolvimento “firme e estreito do Estado” (HARVEY, 2006a, p. 92), mesmo que alguns países não tenham passado por experiências como a feudal, mas a transformação ocorreu, o que se

deve, é rastrear essas diferenças e suas respectivas experiências históricas, o capitalismo não ficou restrito à Europa. Para o caso brasileiro Fernandes (1987, p. 13), analisou a consolidação do regime capitalista no Brasil, como “uma realidade autônoma, com tendências bem definidas à vigência universal e à integração nacional”. E, algumas partes que compõem esse processo de avanço do capitalismo podem estar esmaecidas. São estratégias que cumpriram seu papel naquele contexto e, praticamente desapareceram, ou caíram no esquecimento. Ações que contavam com o apoio do Estado que, em sua pretensa posição “acima” da sociedade utiliza-se, além da fragmentação institucional de seu poder, de mecanismos que pudessem corroborar com a sua função de manter o equilíbrio entre os diversos interesses das classes dominantes e a ordem das classes subordinadas, podia, também, influenciar e controlar o fluxo de ideias e de informações em consonância com os seus interesses e os das classes dominantes, determinar o início, a duração e o fim desses mecanismos.

Evidente que não se trata de afirmar que há uma homogênea e “grande conspiração capitalista para explorar os trabalhadores”¹⁸, afinal as contradições são inerentes ao processo, mas, considerar, ao menos em nível teórico, como uma Revista, em um determinado tempo histórico, no qual se configurava como um referencial da ideologia vigente no cenário nacional, seria um possível canal ideológico a serviço dos interesses de uma classe dominante, e do Estado.

Como o Estado em si, não é, segundo Harvey (2006a, p. 92) uma categoria apropriada para descrever os processos reais pelos quais se exerce o poder, e também não é passivo, os seus rastros podem ser visibilizados por meio de seus mecanismos, como as instituições estatais e outras estratégias construídas em cada etapa de seu percurso sob o capitalismo¹⁹.

No projeto de Nação para o Brasil, a Revista Agrícola (SSA), editada em Sergipe, como um mecanismo de classe dominante e do Estado foi parte dos meandros na relação entre o Estado e o capitalismo no Brasil. A Revista Agrícola (SSA) representou um mecanismo, de uma etapa, no caso brasileiro, de expansão do capitalismo que envolvia a tentativa de resolver os problemas do campo, e da

¹⁸ Algumas relações entre o Estado e a luta de classes são ambíguas, como no caso da política imperialista (HARVEY, 2006a, p. 88).

¹⁹ O autor (HARVEY, 2006a) faz uma crítica porque se deixou de estudar o Estado, como se suas formas estivessem todas concluídas, o que é complicado afirmar, uma vez que os mecanismos estão sempre sendo produzidos e reproduzidos para tentar minimizar as contradições do modo de produção capitalista. A circulação do capital é um processo contínuo (HARVEY, 2006a, p. 129).

cidade, em consonância com as demandas internacionais. Fase marcada por uma transição operada na segunda metade do século XIX e nos anos iniciais do século XX como fator principal da expansão do capitalismo: “os trabalhadores se transformam em trabalhadores livres, isto é, libertos de toda propriedade que não seja a propriedade de sua força de trabalho (MARTINS, 1986, p. 152)”.

2.2 Expansão e fronteiras de ideias e de ações

A Revista Agrícola (SSA) estava vinculada aos efeitos da expansão do capitalismo e, ao mesmo tempo às suas fronteiras, limites produzidos ideologicamente e também com efeitos diretos no espaço. Os problemas no campo não estavam solucionados. Apesar de ter sido publicada em um contexto (1905-1908) no qual a condição de expansão inicial do capitalismo estava teoricamente resolvida, os problemas ganhavam volume. Uma profusão de críticas às condições da produção agrícola no campo sergipano, aliada à suposta escassez de financiamentos, figurava ao lado da narrativa de projetos singulares e exitosos.

No período estudado, o traço marcante da economia sergipana era a existência em grande escala de poucos produtos agrícolas, como a cana-de-açúcar²⁰, o algodão, e a pecuária, no entanto, o texto da Revista Agrícola (SSA) destacava outros itens que demonstravam claramente uma aptidão a outras demandas pouco citadas na historiografia sergipana. Apesar do curto período de auge e declínio de importância econômica, diferentes cultivos tiveram reconhecimento, como a produção de duas matérias-primas tropicais relatadas com frequência entre os textos veiculados na Revista Agrícola (SSA), a Baunilha e a Maniçoba:

Polycultura

A cultura e o preparo da Baunilha

Há longos annos temos estabelecido um constante inquérito nacional “Sobre as condições e exigências de cultura de determinadas plantas alimentícias, industriaes e officinaes”.

Temos por vezes publicado o resultado desse trabalho cujo fim será um dia a organização de um tratado de culturas indígenas e de aclimação de vegetaes exóticos uteis aos nossos solos e aos nossos climas. Para isso já possuimos diversos elementos para a confecção de um “Almanack

²⁰ Ainda o grande problema/solução econômica do campo sergipano discutido com frequência nas páginas da Revista.

Agrícola”, livro indispensável a todos os lavradores e existente em quasi todos os países adiantados em lavoura e nós absolutamente, mesmo em seus delineamentos, ainda não possuímos que nos preparamos (SOUZA, 15/07/1906, p. 116.)²¹.

Borracha de Maniçoba

Na Sede da Sociedade Sergipana de Agricultura, onde temos o nosso escriptorio, acha-se a disposição de quem interessar, uma bellissima amostra de borracha de maniçoba, extrahida do sitio Cajueiro, de propriedade do Sr. Antonio Martins de Goes Fontes, visinho do Engenho S. Antonio, pertencente ao nosso companheiro de redacção, Dr. Theodoreto Nascimento que possui a maior plantação do Estado, pois é avaliada em 80 a 100 mil pés de maniçoba. A amostra consta de uma pelle de mais de dous palmos de comprido sobre um de largo, perfeitamente pura, elástica, de magnifica cor amarellado, de agradável cheiro e sem viscosidade alguma, provando tudo o seu optimo preparo e sua qualidade superior. Cremos mesmo que não existira em parte alguma do universo melhor producto.

O Sr. Antonio Martins plantou, cultivou e acaba de sangrar as maniçobeiras que tem sempre animado e aconselhado pelo Dr. Theodoreto Nascimento que fez no Estado a maior distribuição de sementes e a maior propaganda em favor de futura industria (Noticias Diversas, n. 3, 15/02/1905, p. 23).

Sobre a Baunilha uma rarefação de dados que possam situar a sua cadeia produtiva, bem como a razão de seu cultivo²², mas, sobre utilização da Maniçoba²³ na produção de borracha um estudo pormenorizado apresenta informações sobre o porquê desse cultivo. Queiroz (2006) observa que a busca desse novo produto inscreveu-se em limites históricos precisos no Brasil, alcançando relativa importância entre 1897 e 1913, e arrefecendo a partir de 1911 com a diminuição de seu preço:

A exploração das maniçobas para a produção láctea tornou-se economicamente viável com os altos preços internacionais da borracha, na segunda metade do século XIX e início do século XX, impulsionados pela demanda de países industrializados, sobretudo a Inglaterra, que constituía o principal centro comprador e distribuidor dessa matéria-prima. O incremento na procura e a correspondente alto dos preços estão intimamente ligados ao crescimento das indústrias automobilísticas e elétrica, sobretudo a primeira, em franca expansão no início do século XX. Dessa forma, o desempenho do setor industrial, na Europa e nos Estados Unidos da América, refletia-se no comportamento da produção gomífera do Brasil, então a principal área produtora e em cuja dependência estavam aqueles mercados (QUEIROZ, 2006, p. 33).

²¹ Antonio Ennes de Souza, autor do artigo, engenheiro maranhense foi o primeiro Presidente da *Sociedade Nacional de Agricultura* (SNA) em 1897 (ver: Del Priore; Venâncio, 2006, p. 170).

²² Um artigo na edição n. 25 de 15/01/1906, da Revista Agrícola (SSA), sobre a Baunilha, extraído do Boletim de Agricultura de São Paulo permitia observar aspectos de seu cultivo e beneficiamento (GRANATO, 15/01/1906, p. 232-234).

²³ Espécies citadas pela autora: *Manihot piauhyensis*, *Manihot heptaphylla* e *Manihot dactyloides*. Refere-se também a extração do látex da mangabeira (*Hancornia speciosa*) (QUEIROZ, 2006, p. 35). Esta última espécie aproveitada em terras sergipanas, alguns anunciantes exportadores na Revista Agrícola informavam sobre o comércio dessa matéria-prima.

O entendimento sobre a ocorrência desses cultivos, pouco mencionados nas análises sobre produção agrícola brasileira e sergipana, só faz sentido no interior de um *locus*, neste caso o qual a Revista Agrícola (SSA) estava situada. Assim, desvelar o fio e os rastros dessa/nessa Revista não se limita apenas a identificar minuciosamente as notícias, mas tentar compreender a produção de sentido de determinadas singularidades relacionadas à produção do campo sergipano, como as suas alterações (inovações, declínios), deixaram marcas indeléveis na configuração de seu espaço atual e de seus territórios. Além de observar a influência do poder político e econômico em torno dos proprietários de terras que definiram por longos anos a configuração do rural (e também do urbano) brasileiro, com meandros ainda pouco capturados entre as suas falas.

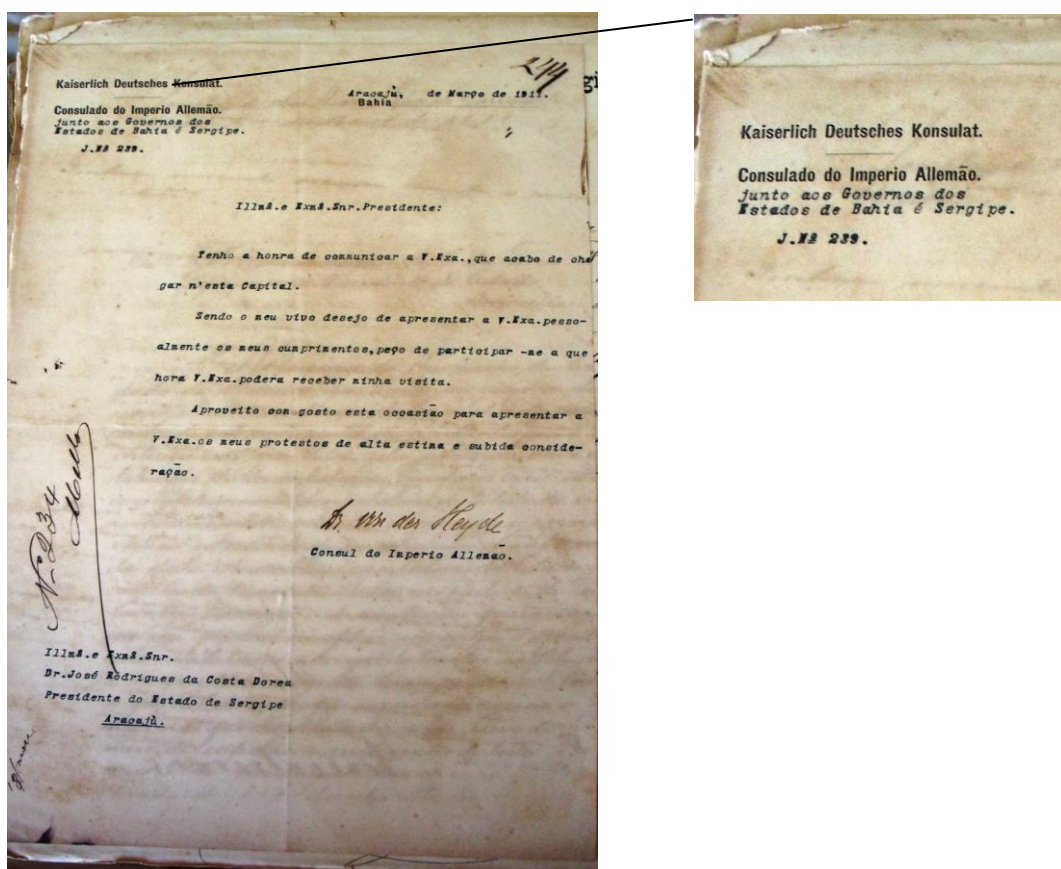
Para o êxito da exploração de novos cultivos somavam-se as práticas científicas (SCHWARCZ, 1993, p. 35-36) e técnicas. Neste contexto, cientistas estrangeiros e brasileiros passaram a efetuar estudos em diversas áreas principalmente sobre produtos agrícolas que poderiam ser explorados economicamente. Um papel que, segundo Hobsbawm (2009), configura-se como um dos braços da política imperialista gestada desde o final do século XVIII a partir de países europeus em ascensão industrial. Hobsbawm (2009, p. 107) sobre esse contexto observa a criação de uma economia global que atinge progressivamente as mais remotas paragens do mundo, um interesse novo por áreas remotas [e novas fontes de matérias-primas]:

De fato, a sua civilização agora precisava do exótico. O desenvolvimento tecnológico agora dependia de matérias-primas que, devido ao clima ao acaso geológico, seriam encontradas exclusiva ou profusamente em lugares remotos. O motor de combustão interna, criação típica do período que nos ocupa, dependia do petróleo e da borracha [...] a borracha era um produto exclusivamente tropical, extraída com uma exploração atroz de nativos nas florestas equatoriais do Congo e da Amazônia (HOBBSAWM, 2009, p. 107).

Diante da criação dessa economia sem fronteiras é compreensível o entendimento da freqüente divulgação de experimentações e prêmios para os lavradores que cultivassem e/ou aplicassem as novidades agrícolas que passaram a ser um fator reiterado desde meados do século XIX em documentos oficiais relativos ao campo sergipano, como também em outras partes do Brasil (QUEIROZ, 2006; DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2006).

Ainda sobre esse imbricado processo de internacionalização, da economia global que marcou a segunda metade do século XIX e primeiras décadas do XX acrescentavam-se outros meios e recursos inerentes à “comunidade imaginada” das nações, como a instalação e operação de consulados internacionais (Figuras 1, 2 e 3)²⁴.

Figuras 1 e 2 – Visão geral e detalhe de ofício



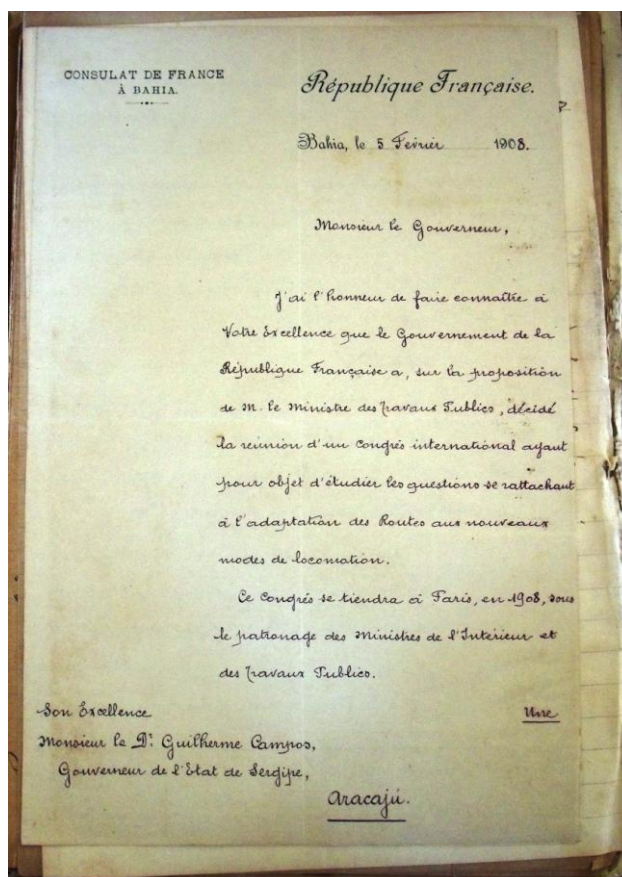
Ofício do Cônsul do Império Alemão von Heyde de março de 1911, comunica sua chegada à Aracaju e solicita marcar visita com o então Presidente do Estado de Sergipe, o Dr. José Rodrigues da Costa Dória.

Fonte: APES, Fundo G¹, vol. 1949. Correspondência Recebida. Ofício. Março, 1911.

Foto: autoria própria, julho, 2011.

²⁴ Verifica-se um grande número de documentos nas correspondências oficiais do Executivo presente no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) relativos a estes e outros consulados.

Figura 3 – Carta do Consulado Francês



Carta em francês procedente do Consulado da França na Bahia, de 05 de fevereiro de 1908, dá conhecimento ao então Governador do Estado de Sergipe, Dr. Guilherme Campos, sobre a realização de Congresso Internacional em Paris para adaptação de rotas e novos meios de locomoção. Fonte: APES, Fundo G¹, vol. 1949. Correspondência Recebida. Carta. 05/02/1908. Foto: autoria própria, julho, 2011.

Considera-se que, sob o capitalismo, o espaço é produzido a partir de suas engrenagens vitais: a divisão do trabalho, o excedente de capital e de força de trabalho. Para a existência dessas engrenagens, alguns mecanismos, entre eles a produção do espaço, no sentido de sua compressão: “a organização espacial é necessária para superar o espaço” (HARVEY, 2006a, p. 145). Como observa Harvey (2006a, p. 150): “as paisagens internas do capitalismo se expressam mediante a formação e reformação incessantes das paisagens geográficas”. O que determina essa produção é a mobilidade do capital e da força de trabalho, uma capacidade de dominar o espaço, de produzi-lo (HARVEY, 2006a, p. 149). Essa mobilidade implica então, na produção de configurações espaciais fixas e móveis. Porém, o processo não é simples como parece, não se tratava apenas de investir capital e força de

trabalho em um determinado local para produzir mercadorias, havia um imbricado jogo desigual e combinado (SMITH, 1984) que gera e era gerado a partir disputas de interesses de investidores, e que determinavam a existência ou a ruína de empreendimentos²⁵; e o que provavelmente consta de mais subliminar neste processo é a presença do Estado e de seus mecanismos, que muitas vezes são produzidos de forma efêmera, não importando gastos e meios (como as grandes guerras, por exemplo), mas que cumprisse, naquele momento, o papel a que se destinava.

Devido à volatilidade de alguns desses mecanismos é difícil rastreá-los. Aspecto no qual reside uma das dificuldades de mapear os “fio e rastros” da Revista Agrícola (SSA). A data de origem e seus objetivos iniciais são precisos, porém, a sua possível substituição ou superação desse mecanismo, não tem motivos esclarecidos²⁶. Assim, a Revista Agrícola (SSA), esquecida nas prateleiras de uma Biblioteca Pública, o seu conteúdo, é difícil rastrear porque parece ter perdido seu sentido e sua continuidade. Mas, após a exposição dessas inferências, questiona-se o papel dos impressos destinados à “lavoura, a indústria e ao comércio” nessa produção do espaço? Por que alguns periódicos passaram a ser defensores ou opositores de uma fração singular do espaço? O que revelava essa fonte silenciada, plena de signos, como desvelar o porquê de sua existência e tantas outras revistas agrícolas da virada do século XIX no Brasil, e em vários de seus Estados?

Um exame no seu *locus* permite constatar que pode ser parte dos mecanismos do Estado em acordo com as classes dominantes, mesmo diante de reiteradas afirmações de “não envolvimento político” de seus editores, colaboradores. Apesar de alguns estudiosos²⁷ das transformações agrárias sergipanas no período considerarem que ainda é cedo para falar de capitalismo no Brasil, convém considerar que o processo de “entrada” do capitalismo, não precisa vir com rótulos. Seria complicado expor as reais intenções de obtenção de excedentes de capital. Logo, o referido processo sempre encontrou formas de naturalizar a sua expansão, uma vez que a acumulação original costumava ser marcada pela expropriação violenta dos meios de produção (HARVEY, 2006a, p.

²⁵ Entre os empreendimentos, os produtos agrícolas.

²⁶ Será discutido na Seção 4 desta Tese, que se infere sobre a sua substituição é a criação de nova estratégia, para cumprir o que a Revista (SSA) não mais alcançava, a Coligação Assucareira.

²⁷ Entre eles, a Tese de Santos (2011).

134). Mesmo que houvesse a intenção de estabelecer “um conjunto universal de valores” relacionados aos mecanismos para a manutenção da acumulação, isso se fez de formas diferenciadas no interior do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo.

No interior dessas formas de naturalização desses mecanismos, alguns meios são recorrentes para disseminar a nova ideologia, como a propaganda. Mais uma forma ilusória extremamente requisitada a partir de meados do século XIX: “é, sem dúvida, uma marca registrada da ideologia burguesa universalizar as formas e as relações sociais específicas do modo de produção capitalista em relações permanentes, ‘naturais’” (SMITH, 1984, p. 150).

A divisão social do trabalho determina a divisão territorial do trabalho e instaura de maneira efetiva um processo que se iniciou desde a Idade Média e cujo ápice desta divisão estava no terceiro período da propriedade privada que seria o da grande indústria, que demanda meios complexos de instalação e manutenção envolvendo as condições de existência da vida material como um todo. Porém, o nível desenvolvimento da grande indústria é diferenciado, de forma a garantir a concorrência (MARX; ENGELS, 2007, p. 61).

Um exame da expansão do capitalismo no Brasil deixa antever essa diferenciação. A partir dos anos cinquenta do século XIX, o Estado passou a incentivar as atividades produtivas mediante investimentos de infra-estrutura: sobretudo, portos e caminhos de ferro (HARDMAN; 1988; MELLO, 1999, p. 19), operando mudanças na paisagem com a instalação de estruturas que favoreciam sobremodo à circulação de mercadorias, diminuir o seu tempo de circulação.

A divisão campo e cidade, nesse período, não foi evidenciada como no período de transição do Império para a República. Uma vez que os mecanismos de efetivação da presença capitalista ainda não formavam um conjunto coeso de forças, mas o processo acentua-se gradativamente, gerando, sobretudo, um vocabulário estimulador de igualdade e de diferença. Igualdade em nome do bem comum – a pátria, a nação; e de diferença – o progresso como fim a ser atingido pelas nações atrasadas, culturalmente, economicamente e tecnologicamente.

2.3 Uma “phaina honroza” em defesa da “prosperidade e da grandeza de Sergipe”²⁸ – o campo [e/versus cidade]

[...] a cidade se alimenta daquilo que o campo a seu redor produz (WILLIAMS, 2011, p. 88).

No período em que a Revista (SSA) circulou principiaram a figurar no Brasil expressões que aludiam a um modelo para a jovem nação, com a recorrência a determinadas palavras que foram incorporadas naquele contexto, entre elas progresso e desenvolvimento. Palavras compreendidas como signos ideológicos (BAKHTIN, 1997) que representavam um tema e buscavam produzir uma imagem unificante para o espaço brasileiro. A separação campo e cidade não esteve sempre aparente. Valores foram criados em torno destes dois territórios: o campo, como *locus* do atraso, e de um purismo arraigado à pecha de uma tradição com rótulos, sobretudo, para os seus habitantes e extremamente útil à manutenção das diversas desigualdades sociais e culturais. O campo devia ser superado pelo mito do progresso da cidade. Cidade esta, *locus* da indústria e do comércio, da circulação de mercadorias, das relações sociais produzidas a partir da ideologia do urbano (LEFEBVRE, 1973, p. 244). Ideologia que se desenvolveu ao longo da produção das cidades a partir do século XIX e que ainda prega as normas de convívio entre os cidadãos, naturaliza problemas de diversas ordens, escamoteia realidades de forma a gerar atração da força de trabalho sob condições precárias de existência.

Entre as respostas às questões que nortearam esta pesquisa, as revistas agrícolas em geral passaram a ser produzidas porque no início da espacialização do capitalismo a divisão campo-cidade era uma questão central na divisão geral do trabalho. Esses impressos cumpriam discursivamente a definição dessa separação, não como uma simples relação de causa e efeito, como referendam alguns autores, mas considerar que:

[...] o capitalismo está historicamente fundamentado sobre a divisão da indústria e agricultura. Embora essa divisão esteja superada com o desenvolvimento do capitalismo, ela é historicamente importante e recebe sua expressão espacial direta na separação da cidade do campo” (SMITH, 1984, p. 164).

²⁸ Revista Agrícola, 15/08/1905, p. 129.

Na realização do projeto da nação brasileira, um delineamento dessa dicotomia estava diluído em vários suportes discursivos: nas artes, nas ciências, na política etc. Tornaram-se comuns desde o final do século XIX a criação de representações para a cidade e para o campo brasileiro na literatura, por exemplo, o destaque para a obra de Euclides da Cunha (2003) sobre o sertão baiano durante a Guerra de Canudos, os temas rurais nas pinturas de Almeida Júnior²⁹. A produção de imagens discursivas em vários suportes nos textos dos periódicos, nos romances, nas telas, na cultura popular identificada por Sylvio Romero em Sergipe no final do século XIX. Imagens integrantes dos novos contornos da nação, categoria abrangente, inspiradora e que, sob seus auspícios foram naturalizadas diversas distinções e sedimentados diversos semióforos. Chauí (2006) analisa a nação como semióforo-matriz³⁰ - a guardiã dos semióforos públicos:

Por meio da intelligentsia (ou de seus intelectuais orgânicos), da escola, da biblioteca, do museu, do arquivo, dos documentos raros, do patrimônio histórico e geográfico e dos monumentos celebratórios, o poder político faz da nação o sujeito produtor dos semióforos nacionais e, ao mesmo tempo, o objeto de culto integrador da sociedade una e indivisa (CHAUÍ, 2006, p. 14).

Os objetos semióforos não seriam possíveis no capitalismo, por sua condição de possuir uma força simbólica, e não ter um valor medido por sua materialidade. Mas, esses “objetos especiais” passaram a ser disputados como insígnias de poder e prestígio: “os semióforos religiosos são particulares de cada crença, os da riqueza (objetos raros que dão origem às coleções privadas) são propriedade privada, mas o patrimônio histórico e artístico é nacional” (CHAUÍ, 2006, p. 14), foram transformados em símbolos ideológicos que colaboraram sensivelmente como mecanismo capitalista. A Revista Agrícola (SSA) era um desses semióforos. Unia discursivamente os projetos para a lavoura, a indústria e o comércio.

O fim do atraso técnico-científico da lavoura e a modernização das cidades eram considerados essenciais ao progresso da nação. Por outro lado, apesar da ideia de um discurso homogêneo, emergiam as contradições com a atenuação da

²⁹ Pintor paulista cuja temática são as paisagens e tipos rurais. Nascimento e morte: 1850-1899. Entre suas obras, uma das mais famosas é *Caipira Picando Fumo*, de 1893.

³⁰ Algo retirado do circuito da utilidade e esteja encarregado de simbolizar o invisível espacial e temporal e de celebrar a unidade indivisa dos que compartilham uma crença comum ou um passado comum, ele é também posse e propriedade daqueles que detêm o poder para produzir e conservar um sistema de crenças ou sistema de crenças ou um sistema de instituições que lhes permite dominar um meio social (CHAUÍ, 2006, p. 13).

separação física e ideológica do campo e da cidade. A produção de fronteiras, definidas a partir de ideias e práticas, favoreceu assim, a dicotomia entre campo e cidade que figurava como parte integrante do discurso veiculado nas diversas Revistas Agrícolas desse período.

As ideias divulgadas nesses periódicos podem ser lidas como contributo à produção de uma imagem, de um senso comunitário sobre algo: “é uma forma de consciência compartilhada, mais do que um mero conjunto de técnicas” (WILLIAMS, 2011, p. 481). Logo, mesmo que os projetos de transformação do espaço rural brasileiro não tenham sido exitosos, as formas discursivas passaram a ser (re)conhecidas como dominantes. Algumas, por exemplo, foram implementadas na prática, outras se perpetuaram sob a forma de legislações, como as diversas políticas de investimentos para o campo. Neste processo destacou-se a criação de sindicatos agrícolas, a definição do crédito rural, a reativação do Ministério da Agricultura, a institucionalização do ensino agrícola etc.

As cidades passaram a ser separadas [discursivamente] do meio rural, o campo, a partir da instalação do modo de produção capitalista, o qual, para cumprir a sua lógica de funcionamento, prevê a criação de territórios no espaço geográfico, territórios que prescindem a definição fronteiras na divisão social do trabalho. Aqui emerge uma questão reiterada por Smith: “tentar entender exatamente como a produção do espaço tem contribuído para a sobrevivência do capitalismo” (SMITH, 1984, p. 147).

Assim, cidade e campo sob o capitalismo passaram a ser definidos discursivamente, e também, na prática, como espaços aparentemente distintos e, em muitos casos, cruelmente separados de forma a garantir os territórios para o funcionamento do sistema capitalista. Processo iniciado de forma mais delineada na Inglaterra³¹:

[...] a experiência inglesa é especialmente significativa, na medida em que uma das transformações decisivas nas relações entre campo e cidade ocorreu na Inglaterra muito cedo, e num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não encontra paralelo. A Revolução Industrial não transformou só a cidade e o campo: ela baseou-se num capitalismo agrário altamente desenvolvido, tendo ocorrido muito cedo o desaparecimento do campesinato tradicional (WILLIAMS, 2011, p. 12).

³¹ Ver também: Engels (2008).

Williams (2011, p. 495) observa que essa divisão não é própria do sistema capitalista, assim como destacou Smith (1984, p. 164), mas, é sob a divisão social do trabalho nesse modo de produção que essa divisão foi desenvolvida a um grau extraordinário e transformador. O autor examina, em obras literárias que tratam do tema “cidade e campo”, as várias perspectivas dessa divisão desde a Antiguidade Clássica, e como no desenvolvimento do sistema capitalista, a oposição ganha seus contornos mais definidos, e observa como as ideias relacionadas ao campo e à cidade, desde os períodos mais antigos da história, possuem algumas persistências, como associar à cidade à turba, à massa, e o campo ao refúgio, ao bucólico. Porém, “cada ideia pode ser encontrada em períodos muito diferentes e parece depender de variações de classe” (WILLIAMS, 2011, p. 473). Argumento pontuado por Bakhtin (2008) e Ginzburg (2001), quando se referem que as palavras terão significações diferenciadas ao longo do tempo, e precisam ser entendidas em seu *locus*.

A presença de ideias atribuídas ao campo e à cidade pode ser compreendida a partir de uma perspectiva de:

[...] levantar, historicamente e criticamente, as diversas formas assumidas pelas ideias. No entanto, vale a pena também parar em determinados momentos e realizar cortes transversais específicos: perguntar não apenas o que está acontecendo, num dado período, com as ideias do campo e da cidade, mas também a que outras ideias, dentro de uma estrutura mais geral, elas estão associadas (WILLIAMS, 2011, p. 472).

As ideias sobre/para o campo sergipano estariam associadas a uma estrutura geral – um *locus*. Um contexto produzido a partir da transição para uma força de trabalho livre. Categoria essa que aparecia diluída nos diversos debates que grassaram a partir do final da metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX. O trabalho no capitalismo como garantia de lucro (MARX, 1996) precisava ser redefinido, assim como os meios de produção, que no período aparecem nos discursos através das referências: implementação de técnicas agrícolas, meios de transporte mais adequados, substituição de cultivos, modernização de outros, escolas agrícolas, imigrantes estrangeiros. Um processo analisado por Marx e Engels (2007, p. 56) sobre a destruição do capital natural e a produção do capital moderno, móvel, relações monetárias.

José Murilo de Carvalho (2007, p. 293) analisa que a questão do trabalho - o trabalho escravo³² sobremaneira, mas também o livre -, na sua eminente e real desorganização a partir de 1850, via-se que muito mais que a propriedade da terra, este seria o elemento norteador do “pacto que sustentava o sistema político imperial”, porém, escamoteado.

Pádua (2004, p. 261) por sua vez, ao analisar a *Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense* destaca a difusão de uma nova ética do trabalho na sociedade brasileira na segunda metade do século XIX. Segundo o autor o princípio da nova racionalidade para o trabalho deveria pautar tanto o comportamento do produtor individual, quanto à dinâmica social coletiva, uma lógica assim descrita:

Essa defesa da racionalidade e do progresso associava-se, em geral, com o elogio da infra-estrutura e das tecnologias vigentes na moderna civilização européia. Mas é importante considerar que essa recepção não se deu de forma incondicional. A modernização defendida pelos intelectuais da Revista Agrícola relacionava-se muito mais com o desenvolvimento do mundo rural do que com uma opção pelo mundo urbano e industrial (PÁDUA, 2004, p. 261).

Porém, apesar do conteúdo da Revista analisado por Pádua, considerar que os seus editores elegiam o campo, a sua modernização, e não a cidade. Cidade e campo não estão separados mesmo que o discurso por eles destacado enaltecesse o meio rural. Esta separação seria uma distinção ideológica campo *versus* cidade que se inicia no Brasil no período estudado, e que marcará a sua dicotomia (MENDONÇA, 1997).

Um traço do capitalismo, na sua fase inicial, seria essa distinção campo *versus* cidade que definiu, como analisaram Marx e Engels (2007, p. 52), “o início de uma existência e de um desenvolvimento do capital independente da propriedade da terra, o início de uma propriedade que tem como base apenas o trabalho e a troca”. E a cidade seria, por excelência, o *locus* desse processo, no qual há um controle máximo dos meios de produção e uma grande concentração da população desprovida de poder e exposta à subsunção da divisão do trabalho. A cidade - “o fato da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, das fruições, das necessidades” (MARX; ENGELS, 2007, p. 52), ao contrário do campo

³² Nesse período o trabalho, como garantidor de valorização do espaço e de lucro na ótica capitalista, é a escravidão. As outras formas de produção advindas do trabalho livre, não assalariadas, pouco representavam à ordem econômica vigente.

dispõe de uma população cada vez mais alienada de sua existência figurando como reserva de força de trabalho.

A veiculação de discursos de oposição (*campo versus cidade*), assim como as medidas profiláticas às cidades e ao campo foram extremamente úteis à manutenção do capitalismo, de maneira que grande parte dos estudos na historiografia brasileira concorda em considerar a modernização das cidades e o recrudescimento das áreas rurais como a grande marca da espacialização do capitalismo no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX, mesmo que em tempos históricos diferenciados para as diversas partes do mundo.

Junto ao discurso dessa separação, algumas palavras e argumentos que a justificasse, entre elas: progresso e desenvolvimento que passaram a ser citados como palavras de ordem de uma transição das formas produtivas no Brasil, verificadas a partir de 1850 com o advento da Lei de Terras e do fim do tráfico de escravos. Transição complexa e contraditória, uma vez que não foi homogênea em todo território brasileiro, e não estava desvincilhada de questões associadas ao contexto internacional.

A Lei de Terras de 1850, por exemplo, marcou no Brasil as mudanças nas relações sociais de produção no Brasil com o estabelecimento da propriedade privada da terra. Porém, apesar do poder dessa Lei, fruto de um centralismo político conservador, não garantiu que fosse aplicada à risca e de pronto, de maneira que mostrou a falta de unidade da classe proprietária em aceitar os ditames do Estado (CARVALHO, 2007, p. 350), de modo que, durante todo o Império, buscou-se seu cumprimento com várias iniciativas e participações, como a fiscalização e registros elaborados por técnicos, padres, entre outros, mas com reações dos proprietários aos registros por considerá-los arbitrários ao temer a perda de suas posses.

Maria Odila Dias (2005, p. 57) destaca que durante muito tempo a historiografia do Império foi matriz do estudo das instituições políticas e do discurso fundador da nacionalidade, um projeto homogeneizante que teria como missão o controle social civilizador das imensas desigualdades sociais herdadas da sociedade escravista, logo, há uma complexidade nos discursos o que dificulta adentrar na “ordem imperial”, e no “projeto republicano”, tempo histórico analisado no presente estudo.

Além dessas questões internas, as externas, sobretudo demandas inglesas, apontariam para pressões, na liberação de mercados para comercialização

de produtos e o combate massivo de todos os aspectos considerados obstáculos (HOBSEBAWM, 2009). Demandas estrangeiras passam a figurar como uma forma de pressionar a produção nacional.

A engrenagem capitalista, enquanto sistema econômico, necessitava de estruturas que garantissem a sua expansão. Mesmo sem a presença definidora dos salários para fomentar o sistema, alguns princípios desse modo de produção se fizeram presentes, entre eles a entrada de capital estrangeiro no país, e outras formas menos perceptíveis, como a instalação de consulados estrangeiros e investimentos externos diretos (IED's) analisados por Chesnais (1996).

Esse período é extremamente peculiar na estrutura política, econômica, social e cultural brasileira. Condensá-lo em meia dúzia de palavras que o simboliza apenas como “de transição”, pode escamotear uma realidade histórica que, desvelada, pode contribuir para acessar as chaves da abertura e “fio” de uma revisão e entendimento de algumas estruturas cristalizadas que se mantém até o tempo denominando de presente, como as desigualdades regionais. Evidente que não se pode negar que o delineamento “natural” para essas regiões (Norte e Sul) e seus respectivos avanços e atrasos podem, em algumas circunstâncias aceitar os diferenciadores físicos (como o clima, por exemplo), mas, não recorrer a estes para acentuar as desigualdades produzidas de forma direcionada:

A divisão mais profunda do trabalho, entre a agricultura e a indústria, é igualmente um fenômeno espacial. A própria divisão do trabalho é agora o resultado de uma dinâmica social – o consumo produtivo do produto excedente e o progressivo desenvolvimento das forças produtivas – mas ela continua a expressar-se de acordo com as determinadas condições naturais (SMITH, 1984, p. 153).

Conceição (2010) quando analisa a Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil situa que o pensamento social brasileiro é constituído no tempo/espço da discussão de um Projeto para o Brasil:

[...] o Norte e o Sul do país são incorporados na circularidade do espaço desigual e combinado da produção [do espaço]: “assim, as ideias aparentemente fora da órbita dessa realidade passam a pertencer ao tempo cíclico da reprodução ampliada” (CONCEIÇÃO, 2010, p. 264).

Figurava, portanto, a produção de vocabulários para acentuar as diferenças, as desigualdades que se tornavam parte dos discursos na segunda metade do

século XIX, visíveis, por exemplo, na formulação do *Congresso Agrícola* de 1878, em Recife, em resposta ao Governo Imperial pela realização de um evento agrícola destinado apenas para discutir as dificuldades dos agricultores do Sul, e os melhoramentos da agricultura. Como assim declarou o então Presidente da *Assembléia Geral da Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco*, o Comendador Manoel do Nascimento Machado Portella, em 04 de julho de 1878:

Proponho, que attento ao facto do Governo Imperial haver convocado um Congresso Agrícola restricto a quatro Provincias do Sul do Imperio³³ e ao que interessa a lavoura desta provincia não ficar excluída das providencias, que ao mesmo mostra-se disposto tomar a favor da lavoura do Sul, esta sociedade convoque um Congresso agrícola composto por agricultores desta provincia, afim de conhecer de matéria contida no questionário que acompanhou o acto do Governo Imperial, e de outras questões, que com relação aos braços nacionaes, sem emprego por effeito da secca, possam interessar a agricultura da Provincia (...)

Proponho que a Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, convoque para um dos do mez de outubro próximo vindouro, nesta cidade do Recife, um Congresso da Lavoura, que tenha por fim como o convocado pelo governo para ser realisado na Corte a 8 do mez corrente [julho], expressar a opinião da mesma lavoura acerca das medidas que precisa.

Que possa comparecer ao mesmo Congresso e tomar parte nos seus trabalhos, quer pessoalmente, quer por meio de delegados municipaes ou parochiaes, todos os lavradores da zona de exportação do mercado do Recife³⁴.

Que as deliberações do Congresso sejam remettidas por copia ao Governo Imperial e que o mesmo Congresso antes de separar-se nomeie uma comissão permanente, órgão de seus interesses perante os Poderes Públicos (TRABALHOS... 1978, p. 12. Grifo nosso).

Os eventos – congressos, conferências, exposições relativos à agricultura, indústria e comércio, em conjunto com outros mecanismos como as associações – sociedades, comícios -, e impressos – jornais, boletins, anais, relatórios, monografias, manuais etc. - passaram a ser utilizados como formas de coesão entre as classes dominantes.

³³ Províncias: São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, (TRABALHOS..., 1978, p. 12).

³⁴ Participaram do *Congresso* representantes das seguintes Províncias: Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Paraíba. Pela relação nominal do evento compareceram também da Província do Piauí e de fora do Brasil: Cabo (TRABALHOS... 1978, p. 41).

2.4 Medidas e meios de divulgação do progresso e combate ao atraso

Para atingir todas as fronteiras possíveis de espacialização do capitalismo, mesmo que de forma “desigual e combinada”, foram recorrentes várias estratégias e a imprensa, a sua modernização foi um fator preponderante.

Darnton (1996, p. 17), ao analisar a primeira década após a Revolução Francesa na Europa enfatiza o papel da imprensa afirmando que: “para tomar o poder tem que tomar a palavra”. Nesta perspectiva, a reprodutibilidade da informação proporcionada pela imprensa também desempenharia um papel inovador no século XIX no Brasil, a partir de modelos de outras nações. As ideias, notícias e fatos poderiam ser disseminados com rapidez. As comunicações são inseridas como recurso da mobilidade do capital, como forma de diminuição das distâncias físicas (SMITH, 1984, p. 132). Os meios de comunicação auxiliariam também na compressão tempo/espaco – simultaneidade – sob o capitalismo.

Desta forma, a velocidade era a palavra entranhada nos discursos da modernidade que emergia. O gênero periódico revista³⁵, por sua vez, no que diz respeito a sua recorrência demorou mais tempo à circulação no Brasil, diferente do jornal com formato mais rápido à divulgação. Enquanto o jornal seria de rápida circulação, as revistas apareceram com um conteúdo diversificado, entre as ilustradas aquelas porta vozes de instituições ou quando não, elas são configuradas como instituições com vida própria:

Ao longo do século XIX, a Revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda. Sem dúvida, essa tendência tinha uma explicação, referendada na Europa pela conjuntura propícia, definida pelo avanço técnico das gráficas, aumento da população leitora e alto custo do livro; favoreceu-a definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, o objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos (MARTINS, 2008a, p. 40).

Jornais e revistas, apesar de suas diferenças conceituais de forma e conteúdo, integram um “capitalismo tipográfico”, fator inerente ao delineamento

³⁵ As palavras jornal e revista quando referidas como um tipo de formato de periódico serão grafadas com a primeira letra minúscula, quando se referirem a um título publicado, a grafia com a primeira letra maiúscula.

inicial das comunidades imaginadas ao lado de outros impressos, como livros, folhetos, selos, e instituições como os museus, pesquisas científicas (ANDERSON, 2008).

A ideia de simultaneidade proporcionada pelo capitalismo tipográfico foi, segundo Anderson (2008, p. 55), um fator importante para a gênese da comunidade imaginada, sobretudo, a partir das formas de criação imaginária como o romance o jornal. Formas que proporcionaram meios técnicos para “re-presentar” o tipo de comunidade imaginada correspondente à nação.

Em meados do século XIX foi, assim, produzida a ideia da formação de um Estado nacional em benefício de todos. Ideia iniciada em meio às disputas de mercado consumidor, motivadas pela Segunda Revolução Industrial na Europa, Japão e Estados Unidos (HOBBSAWM, 2010). Como observa Mendonça (1997, p. 21), sobre esse período:

[...] o mundo seria envolvido por uma aura de modernidade, que incluía a fé no caráter missionário do progresso. Progresso que se reveste de uma série de palavras e que está fundamentado no Positivismo, Evolucionismo e demais teorias vigentes no período.

Neste processo, a divulgação científica e tecnológica de fatos relacionados, sobremaneira, à agricultura (PÁDUA, 2004, p. 211, 267) criou um vocabulário específico para produzir o campo brasileiro, e sergipano, daquele período, de forma a produzir uma linguagem específica, um discurso sobre o meio rural sergipano. Compreendendo o discurso, como um documento no qual se observaria “a projeção de interesses de classes ou de grupos sociais e a visão de mundo que permeia esse discurso” (ALVES, 1983, p. 34).

Nesse sentido, a análise da Revista Agrícola (SSA) a concebe como fonte, como um veículo de informação e, também, como instrumento de manipulação de interesses: “a imprensa republicana como agente do projeto civilizador. Nela estamparam-se à exaustão as ideias e as imagens do progresso pretendidas pela nova ordem” (MARTINS, 2008b, p. 79).

Assim, a Revista em estudo não foi vista como um suporte isolado, apenas fonte de informação, no qual suas partes enfeixariam apenas recomendações, sucesso e lamentos das classes agrícola, industrial e comercial sergipanas, mas,

também, um objeto regular, emblemático, das novas formas de comunicação nas cidades. Como observa Darnton:

[...] os historiadores tratam em geral a palavra impressa como um registro do que aconteceu e não como um ingrediente do acontecimento. Mas a prensa tipográfica ajudou a dar forma aos eventos que registrava. Foi uma força ativa na história (DARNTON, 2006, p. 16).

Figueirôa (2000a, p. 165), quando apresenta um panorama do desenvolvimento das atividades geocientíficas no Brasil, ao longo do século XIX considera as revistas, ao lado de museus ou institutos de pesquisa, como espaços institucionais, uma vez que os compreende como “o conjunto de todas as possibilidades de realização e divulgação de atividades científicas (conforme o sentido da época)”.

A referida autora ao analisar a emergência de atividades científicas, que podem estar relacionadas às práticas geológicas antes da definição desta área do conhecimento, mapeia fontes documentais manuscritas e impressas sobre essas atividades e de como podem ser identificadas nas fontes que perscruta. Para tanto, verifica que não havia propriamente um termo de ciência geológica, mas atividades que poderiam ser compulsadas referências ligadas de forma de direta e indireta à temática perscrutada, de maneira que analisa os espaços que produziram essas atividades a partir da sua institucionalização no Brasil a partir de 1808. Entre os espaços, as escolas profissionais, os museus de história natural, as sociedades e associações científicas, as comissões científicas de exploração, e as publicações. Além das revistas de sociedades científicas e instituições de pesquisa, a autora inclui também os jornais diários, não especializados, como importantes veículos de circulação e divulgação científica (FIGUEIRÔA, 2000a, p. 182).

A partir desse entendimento, as publicações com periodicidade regular podem ser consideradas também como *locus*, em tempo que são portadoras da capacidade de reunir, difundir, veicular ideias em espaço - tempo.

Oliver (2011), semelhante à Figueirôa (2000), mapeia a recorrência de saberes relacionados às ciências agrícolas, de forma a oferecer um quadro teórico sobre o processo de institucionalização dessas ciências. Também inclui o papel das revistas agrícolas e de jornais diários como divulgadores desse conhecimento,

apesar de considerar que a produção não seja uniforme, mas que se caracterizam como fontes essenciais à História da Ciência (OLIVER, 2011, p. 328-329).

O *locus* em estudo – a *Revista Agrícola*, da *Sociedade Sergipana de Agricultura* – não era uma revista de divulgação científica propriamente, mas veiculava um pensamento social, uma ideologia, a partir da recorrência de assuntos relacionados às áreas do conhecimento que até, aquele período (1905-1908) não possuía uma definição de suas práticas efetivas, como a geografia e a agronomia. Contudo, como foi dito, as revistas ao serem consideradas como instituições podem corroborar com a produção de um pensamento social sobre as ciências e a sociedade em geral:

Pensamentos, expressões, signos, significados, códigos, enunciam práticas de apropriação e uso do espaço, do seu domínio e controle. O pensamento social brasileiro é constituído no tempo/espaço da discussão de um Projeto para o Brasil, e o discurso geográfico assimila pensar e organizar o território a partir do Estado, como pares que se complementam em toda a trajetória do processo de expansão capitalista no Brasil (CONCEIÇÃO, 2010, p. 264).

A Revista analisada integrava a propaganda rural (LOURENÇO, 2001) que foi tônica desde meados do século XIX. Propaganda que era consolidada com a fundação de instituições e de impressos (Quadro 1).

Quadro 1 – Amostragem de instituições que contemplavam as ciências agrícolas

INSTITUIÇÃO	ANO DE FUNDAÇÃO	PERIÓDICO	LOCAL	OBSERVAÇÃO
Comício Agrícola [Sergipense]	1870 - ?	Agricultor Sergipano (O) (1881)	Maruim (SE)	Data de fim desconhecida.
Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	1901 - atual	-	Piracicaba (SP)	-
Imperial Instituto Bahiano de Agricultura (IIBA)	1859-1930	Agricultor Bahiano (O) - 1866	Salvador (BA)	Passou por várias reestruturações
Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA)	1860-1891	Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura	Rio de Janeiro (RJ)	Período da Revista 1869-1891.
Imperial Instituto Sergipano de Agricultura (IISA)	1860-1881	-	Aracaju (SE)	1881 – último registro no livro de Atas do IISA.
Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)	1838	Revista do Instituto Histórico e Geográfico	Rio de Janeiro (RJ)	1839 aos dias atuais a edição da Revista

		Brasileiro		
Museu Nacional	1818	Archivos do Museu Nacional	Rio de Janeiro (RJ)	1876 – saída do primeiro número do periódico.
Museu Paraense (Atual Museu Goeldi)	1871	Boletim do Museu Paraense de História Natural e Etnografia	Belém (PA)	Idealizado em 1866 e instalado em 1871. Fechou em 1888 e reabriu em 1891. Ano de edição do periódico: 1894. Mudou de nome em 1900: Museu Goeldi de História Natural e Etnografia e o periódico: Boletim do Museu Goeldi (Museu Paraense) de História Natural e Etnografia.
Museu Paulista	1894	Revista do Museu Paulista	São Paulo (SP)	1895 – saída do primeiro número do periódico.
Sociedade Alagoana de Agricultura	190?	Revista Agrícola	Maceió (AL)	-
Sociedade Auxiliadora da Agricultura Pernambuco (SAAP)	02/12/1872	-	Recife (PE)	-
Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN)	1827	O Auxiliador da Indústria Nacional	Rio de Janeiro (RJ)	1883-1896
Sociedade de Agricultura, Comércio, e Indústria da Província da Bahia (SACIPBA)	1832	Jornal da Sociedade de Agricultura, Comércio, e Indústria da Província da Bahia	Salvador (BA)	Jornal: 1833-1836
Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)	1894	A Lavoura	Rio de Janeiro (RJ)	1897 – saída do primeiro número do periódico. Mais antigo periódico agrícola brasileiro ainda em circulação.
Sociedade Nacional de Agricultura (SNA)	1894	A Lavoura	Rio de Janeiro (RJ)	1897 – saída do primeiro número do periódico. Mais antigo periódico agrícola brasileiro ainda em circulação.

Amostragem de instituições com práticas denominadas de científicas que contemplavam as ciências agrícolas e seus respectivos periódicos.

Fontes: Gualtieri, 2008; Del Priore; Venâncio, 2006; Mendonça, 2000; Lourenço, 2001; Araújo, 2010; Conceição, 2001; Livro de Atas do iisa, 1860; Baiardi, 2000.

Em Sergipe a organização de instituições na área agrícola é verificada desde 1860, com a instalação do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura, além da publicação de jornais para disseminar os ideais pretendidos³⁶. Outras instituições também fomentavam o progresso da agricultura, entre as quais o *Gabinete de*

³⁶ Entre eles: *O Agricultor Sergipano* (CALASANS, 1869).

Leitura de Maruim fundado em 1877 figurou como uma referência para o pensamento intelectual sergipano do período:

Fundado por Tomaz Rodrigues da Cruz e João Rodrigues da Cruz e inaugurado em 19 de agosto de 1877 (...) Logo nos seus dois anos de fundação possuía um acervo de seiscentos e setenta e sete obras e mil e setenta e seis volumes distribuídas em português, espanhol, alemão, inglês e latim. Neste período de efervescência foi lançada a Revista Literária que circulou entre 1890 e 1892 (ROSA, 1998, p. 65).

O referido *Gabinete* apesar de seu escopo literário reunia os representantes das classes econômicas que se delineavam: industriais, lavradores, comerciantes, intelectuais. Membros da *Sociedade Sergipana de Agricultura* utilizaram o espaço do Gabinete, para proferir palestras em torno da propaganda agrícola do Estado. Como as *Conferências Públicas* veiculadas na Revista Agrícola (SSA) como a de Evangelino de Faro realizada em 1907 sobre *A escola agrícola como o primeiro factor do progresso material dos povos*, na qual observou as iniciativas realizadas em países europeus, como a Dinamarca (FARO, 1907, p. 672). Mas, o exemplo crucial da propaganda da agricultura, da indústria e do comércio teve o seu ápice com as mostras de produtos, uma iniciativa que marcou o desenvolvimento do capitalismo. Além das instituições propriamente ditas, verificou-se uma grande produção de discursos para o meio rural sergipano no período de 1860 a década de 1930 publicizados sob várias formas. Para consolidar práticas efetivas, ou mesmo produzir representações satisfatórias para o referido meio, foram prescritas várias medidas, entre elas, a participação do estado de Sergipe nas *Exposições Nacionais*, estas, consideradas ensaios da presença do Brasil nas *Exposições Universais* a partir de 1862.

2.4.1 As exposições

Manifestações primeiras da industrialização triunfante, em meados do século XIX, as grandes exposições tornaram-se espelho da sua própria época, ao adaptarem-se à evolução sócio-geopolítica da Humanidade em mutação permanente. Assim, a sua história reflete, de forma irrefutável, o devir geopolítico dos últimos 150 anos. Apresentando-se como manifestações de prestígio, senão de ostentação, onde as nações pretendem afirmar e/ou consolidar o seu próprio poder econômico, procuram exaltar a fé na ciência e na técnica e a aspiração ao progresso. Revelam-se como testemunhos fidedignos da evolução do saber e da atividade humana (VERÍSSIMO, 1998, p. 31).

As exposições figuravam como marcas da modernidade vigente principalmente entre as Nações ocidentais, líderes da Segunda Revolução Industrial, que encontravam nessas mostras a afirmação de poder econômico, e as Nações em formação, e em vias de industrialização, como o Brasil, por exemplo, as utilizavam como possibilidade de acesso a um modelo de civilização e progresso e propaganda de seus recursos.

As *Exposições Universais*, ocorridas entre 1851 e 1908 na Europa e na América do Norte, são consideradas eventos peculiares na consolidação da burguesia, ícones da modernidade, das novas tecnologias e das pesquisas científicas vigentes no período. Sergipe, do que se tem notícia, não teria participado dessas mostras Universais. Mas, a realização de uma exposição local entre 1899 e 1900, no “aparecimento do novo século”, conforme o *Programa e Regulamento da Exposição Comemorativa Sergipana em Aracaju – Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas*, documento impresso de 1899 (EXPOSIÇÃO, 1899), indica a sua inserção no mundo das exposições, em tempo que o acervo exibido em Aracaju, ao finalizar a mostra, seria enviado para a *Exposição Permanente do Museu Comercial da Filadélfia*, nos Estados Unidos. Outras referências à participação sergipana nesses “certamens” estão registradas em edições da Revista Agrícola (SSA) de 1907 e 1908, referindo-se ao convite recebido, e os objetivos para o comparecimento, e a descrição dos produtos enviados para serem expostos na Capital Federal, Rio de Janeiro, na ocasião de “comemoração do centenário de abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional”.

A presença distinta de produtos agrícolas nas exposições brasileiras coaduna-se com a ideia de que a agricultura era o principal fundamento da riqueza do Brasil, diferentemente da tônica das grandes Nações fabris nas Exposições Universais, aqui, os caminhos do progresso técnico passavam, necessariamente, pela modernização agrária. A análise do discurso das duas fontes documentais citadas: o “programa e regulamento” de 1899, e as matérias veiculadas na Revista Agrícola (SSA), desvelam como a leitura do discurso sobre essas exposições podem contribuir para a compreensão da espacialização de uma ideologia da modernidade, e os possíveis indícios da produção de uma imagem e de um lugar para o campo sergipano na divisão internacional do trabalho, com a fetichização de suas mercadorias apresentadas nas exposições, ocultando suas relações sociais de produção.

2.4.1.1 As exposições e sua divulgação

[...] os museus e a imaginação museologizante são profundamente políticos (ANDERSON, 2008, p. 246).

Tratar de exposições remete a falar de museus, um está no outro. As exposições, mesmo que de curta duração, possuem e/ou formam acervos, e levam a comunicação de algo, apesar de não cumprirem obrigatoriamente a salvaguarda dos mesmos, e são imbuídas de um discurso sobre o que se expõe:

Os museus apresentam sempre uma coleção que, ao ordenar e dar sentido a seus conteúdos constrói uma narrativa. Os museus realizam uma transformação simbólica. Os objetos retirados de seu contexto original se tornam obras de arte, relíquias, artefatos. Objetos concretos do mundo transitório, da vida cotidiana, passam a representar valores abstratos – a nação, a evolução da espécie, a indústria, a imigração, a cidade (OLIVEIRA, 2008, p. 148).

Os objetos utilizados em exposições são concebidos não apenas como objetos funcionais, além de sua natureza e função, mas como objetos históricos, “de ordem ideológica e não cognitiva (...) que dizem respeito à dinâmica na vida das sociedades” (MENESES, 2005, p. 27-28), e as exposições são concebidas como discurso – “pressupõe a articulação de enunciados sobre certos problemas humanos, desenvolvidos com o suporte das coisas materiais” (MENESES, 2005, p. 46) com especificidades próprias e, como linguagem museológica. Os discursos das exposições são essencialmente espaciais e visuais, e não simples variações ou adaptações da linguagem verbal. Contudo, observa-se “um lamentável deslocamento de papéis: o que deveria ser ‘dito’ com os objetos passa à responsabilidade das legendas e outros recursos” (MENESES, 2005, p. 47).

Para analisar as exposições examinadas, a discussão contemporânea da Museologia pode ser anacrônica, uma vez que “a exposição, principalmente no século XIX, sempre esteve ajustada aos estágios mais avançados das ciências” (MENESES, 2005, p. 33) e na maioria das vezes, “convencionais” (organização de objetos para produção de sentido, ou “meramente taxônomicas, classificatórias – numismática, porcelanas, mobiliário, armaria etc.” (MENESES, 2005, p. 35). Entretanto, como não foi possível acessar os objetos expostos nas mostras analisadas (1899 e 1908) para uma análise atual do seu discurso expositivo, foca-se apenas a presença das exposições como parte de um discurso ideológico presente

na divulgação das mostras, sob forma impressa. Uma possibilidade estudada por Barbuy (1996) quando observa a divulgação da participação do Brasil na Exposição Universal de 1889 em Paris nos impressos produzidos para/sobre esta mostra.

Recorrer aos impressos como fontes de acesso às exposições justifica-se por considerá-los também, ao lado das mostras, como produções de uma nova visão de mundo que se irradia na esteira das mudanças operadas na política na segunda metade do século XIX, cujo papel da imprensa contribui para mudanças de representações sobre/para o Brasil, a partir, sobretudo da modernização de suas capitais, como o Rio de Janeiro na luta contra os “velhos hábitos coloniais” (SEVCENKO, 2003, p. 46).

De acordo com Santos e Costa (2006, p. 348):

Os governos dos países convidados, juntamente com os setores empresariais de vários ramos da atividade econômica, enviavam amostras de produtos, visando a realizar algum tipo de publicidade ou efetivar negócios.

Lembremos que data do final do século XIX o nascimento da publicidade através dos jornais, revistas e outros meios de comunicação de massa. Jornais, folhetos, livros organizados (como o *Le Brésil* para a Exposição de Paris em 1889), entre outros meios de propaganda, foram utilizados pelas Comissões que representavam o Brasil como uma forma de divulgação das matérias-primas, potencialidades naturais e da incipiente “indústria” do país, para os investidores e mercados externos, e, também, para o imigrante estrangeiro.

Desta forma, os impressos podem ser considerados como propagadores do discurso das exposições, que era o discurso da classe dominante que ansiava por uma produção unificada de uma linguagem, através da reprodutibilidade garantida pela imprensa. Anderson (2008, p. 80) aponta a imprensa como o embrião das comunidades imaginadas proporcionadas a partir de um capitalismo tipográfico, a imprensa criou campos unificados de intercâmbio e comunicação. Capitalismo e imprensa criaram públicos leitores de massa monoglotas, apesar de não haver a possibilidade de uma unificação lingüística geral da humanidade, mas o capitalismo editorial conseguiu montar vernáculos aparentados criando línguas impressas, reproduzidas mecanicamente (ANDERSON, 2008, p. 78-79), criando leitores comuns: “os falantes da enorme diversidade de variantes francesas, inglesas e espanholas, que achariam difícil se entender oralmente, puderam se entender através do papel e da letra impressa”. Ao tomar a imprensa como *locus* – lugar da produção de discursos e sua disseminação de forma a constituir uma linguagem –

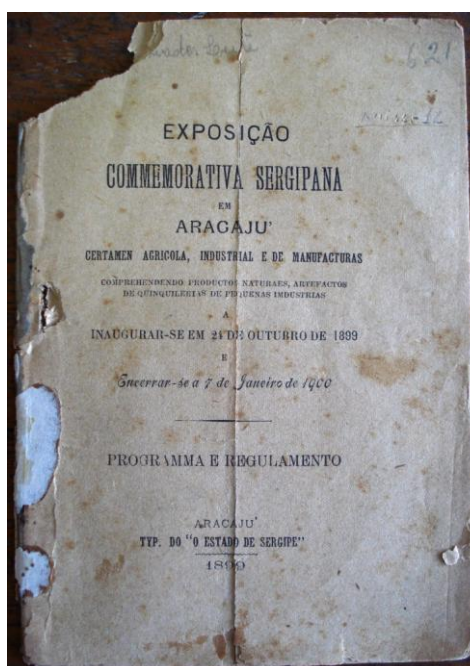
considera-se a imprensa periódica como um suporte capaz de conter discursos, personagens e sociabilidades capazes de gerar vocabulários e linguagens a partir da materialidade que descrevem e/ou analisam.

As exposições, por sua vez, estabeleceram também uma linguagem através dos objetos e demais itens em exposição, mas que necessitavam de ampla divulgação impressa como forma de sedimentar o discurso. Assim, unidos exposições e imprensa para a produção de uma linguagem (a troca social de vocabulário em um *locus*) unificavam uma imagem para o campo.

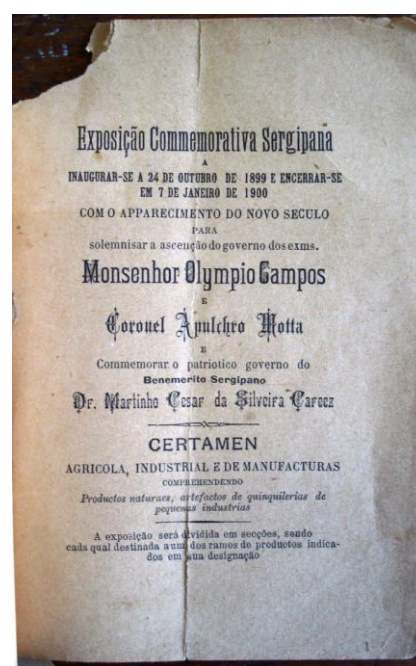
2.4.1.2 “Programa e Regulamento da Exposição Commemorativa Sergipana em Aracaju – Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas”

Uma pequena publicação impressa de cerca de 15x10cm, datada de 1899 (Figuras 4 e 5), aborda, em suas vinte e quatro páginas, o seguinte conteúdo: capa; o texto introdutório convidativo à mostra; o *Ato do Poder Executivo* que aprovava o programa e instruções da exposição; a distribuição das seções; as instruções regulamentares e modelo de folha para expedição dos produtos.

Figuras 4 e 5 – Capas do programa da *Exposição Commemorativa Sergipana*



Capa do Programa da Exposição Commemorativa Sergipana em Aracaju. Fonte: Exposição, 1899.



Capa da distribuição das Seções. Fonte: Exposição, 1899

O texto que abre o referido programa, diante do seu conteúdo, foi enviado para os expositores do evento. O *Programa* foi elaborado em agosto de 1899, com a inauguração prevista para 24 de outubro do mesmo ano e duração até 07 de janeiro de 1900:

Attento a necessidade da boa organização e indispensável distribuição das seções respectivas da Exposição que tem de ser inaugurada nesta capital e figurar na cidade de Phyladelphia, tenho a subida honra de dirigir-me a V. S. confiado no vosso amor as industrias e progresso do Estado, como no seu acrysolado patriotismo, de enviar de enviar o mais breve possível os productos que pretender expor, ou dar aviso com antecedência do espaço que requisitar para os mesmos.
Esperando que com o vosso concurso maior brilhantismo advirá para honrar nosso Estado, tenho a subida honra de subscrever-me.

D V. S.
Attento venerador
Alcibiades Leite
Comissario do Governo
(EXPOSIÇÃO, 1899, p. 3)

No texto depreende-se o destaque veemente do convite à participação daqueles com “amor a indústria e ao progresso do Estado”. Não foram buscados outros documentos que possam referendar os efeitos da mostra, apenas indica-se a possibilidade inicial da inserção do estado de Sergipe nas exposições internacionais no âmbito da espacialização do capital (HARVEY, 2006a), e indícios de um “capitalismo tipográfico”³⁷ (ANDERSON, 2008) neste processo, assim como indicar a recorrência das exposições como parte do vocabulário que referendam o signo (BAKTHIN, 1997) do progresso associado à agricultura sergipana de modo que, assim como para o Brasil, participar das exposições e organizá-las é um instrumento de convencimento das próprias elites do que para a cooptação dos trabalhadores (PESAVENTO, 1997, p. 71). A agricultura, a sua modernização seria a condição para estabelecer a indústria e os caminhos do progresso técnico.

A segunda metade do século XIX inaugurou, a partir da Europa, o desejo de um mundo unificado com a expansão do capitalismo industrial que alteraria a representação das fronteiras, fato proporcionado, sobretudo, pelos avanços das comunicações, do comércio internacional, e dos “exploradores”³⁸. Porém, a unidade

³⁷ Ver também Hobsbawm, 2010, p. 104-105.

³⁸ De acordo com Hobsbawm (2010, p. 91-92): “homens que abriram o planeta ao conhecimento. Eram os que viajavam em áreas onde o desenvolvimento do econômico do lucro ainda eram insuficientemente atraentes para fazer substituir o ‘explorador’ pelo ‘comerciante’ (europeu) (...) Ver também Pratt (1999, p. 69).

prescindia a rivalidade entre nações consideradas desenvolvidas economicamente: “a unidade do mundo implicava a sua divisão. O sistema mundial do capitalismo era uma estrutura de ‘economias nacionais’ rivais” (HOBBSAWM, 2010, p. 113). Nessa contradição unificação *versus* rivalidade de disputa de mercados emergem mecanismos de síntese de mercadorias e serviços, entre eles as exposições, que figuravam como um

Catálogo de conhecimento humano acumulado, síntese de todas as regiões e épocas, a exposição funcionava para seus visitantes como uma ‘janela para o mundo’. Ela(s) exibiam o novo, o exótico, o desconhecido, o fantástico, o longínquo.

Nelas se exibiam as mais complexas máquinas os mais recentes inventos, classificados cuidadosamente e organizados segundo preocupação didática e enciclopédica (...) Apresentando um verdadeiro engenho humano de seu tempo, as exposições teriam a função didático-pedagógica de instruir os visitantes, prestando-lhes as mais diversas informações sobre os objetos expostos. (PESAVENTO, 1997, p. 45)

As exposições tinham como mensagem a visualização/veiculação ideológica da burguesia vigente: o progresso, técnica, razão, harmonia social e, escamotear as condições reais da acumulação capitalista, sobretudo a exploração da força de trabalho – “diluir conflitos e consolidar a sua dominação” (PESAVENTO, 1997, p. 47).

Os objetivos da exposição de 1899 em Sergipe estavam arraigados ao modelo inicial das exposições burguesas, sobretudo no que diz respeito à classificação dos objetos e demais itens com a finalidade de integração de Sergipe à modernidade. A ideia do deslocamento do acervo de compor uma mostra permanente no *Museu Comercial da Filadelfia* significava nas palavras do *Poder Executivo*:

GOVERNO DO ESTADO

Acto do Poder Executivo

N. 168 – primeira secção – o Presidente do Estado, tendo em consideração as grandes vantagens que para as industrias e progresso do trabalho e estímulo do cidadão resultam dos concursos estabelecidos pelas exposições e pre-julgamento das produções da actividade individual, que concorrendo, a estes certamens, ou por ellas reconhecendo o grande desenvolvimento das industrias fabril e agricolas, as artes e manufacturas, das sciencias e da instrucção do povo, mais activa e impulsiona o estímulo para o aperfeiçoamento e educação do trabalho e da intelligencia do cidadão;

E tomando consideração a necessidade de corresponder ao appello dirigido a este Estado para apresentar o esforço, actividade e progresso de seu povo perante o estrangeiro, enviando todos os productos naturaes do nosso ubérriimo solo e seus artefactos e productos industriaes para figurarem na

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE PHILADELPHIA, concurso em que figurarão todos os Estados da America, e que **tem por fim igualmente patentear aos mercados consumidores o aperfeiçoamento e as especialidades das diferentes produções que forem susceptíveis de consumo ou applicadas a transações e estabelecer as recíprocas relações commerciaes, base da prosperidade do desenvolvimento das industrias e riqueza do Estado**³⁹:

RESOLVE

1º. Approvar o Programma e Instrucções Regulamentares para inauguração de uma EXPOSIÇÃO AGRÍCOLA, INDUSTRIAL E DE MANUFACTURAS, compreendendo os productos naturaes, artefactos e quinquilias de grande e pequena industria, organizado pelo Director da Secretaria Geral dos Negocios do Estado, Alcibiades Leite, como ponto inicial para a representação deste Estado na EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO MUZEU COMMERCIAL DE PHILADELPHIA no Estado da Pensylvania, da Republica dos Estados Unidos da America do Norte (EXPOSIÇÃO, 1899).

As razões do deslocamento desse acervo para o Museu Comercial requer situar a importância dessa instituição no período, assim como dos Estados Unidos que a partir de 1876 iniciava sua entrada como palco das mostras universais, tendo a cidade da Filadelfia como *locus*. A partir deste evento, seus organizadores, ao constatar a importância das feiras universais, inauguraram em 1897, um espaço para abrigar, de maneira permanente e renovada a possibilidade de acesso às mercadorias do mundo, um local de classificação e apresentação de possibilidade de negócios, através da exposição da cultura material decorrente da agricultura, indústria, manufaturas manuais e do comércio. Assim, em 1899, o Museu iniciou suas atividades ao hospedar a Exposição Nacional de Exportação, e tornou-se, imediatamente, a fonte primordial de informação de comércio internacional para os indivíduos empreendedores (WOLFROM, 2010).

A descrição deixa antever as funções desse Museu Comercial – a possibilidade de síntese de um maior número de informações possíveis de todas as partes do mundo para fins comerciais. Além da mostra permanente de cultura material presente em suas vastas exposições permanentes (Figura 6) o Museu abrigava um parque gráfico com a impressão de periódico próprio e serviço de mala direta, além de biblioteca especializada e serviços pedagógicos às escolas, setor de estatística da economia mundial, e de tradutores de textos diversos (WOLFROM, 2010).

³⁹ Grifo nosso.

Figura 6 - Vista do Museu Comercial - coleção japonesa



Ano: 1910 aproximadamente.
Fonte: Wolfrom, 2010.

A participação de Sergipe na exposição desse *Museu*, de acordo com o *Programa*, significava:

[...] patentear aos mercados consumidores o aperfeiçoamento e as especialidades das diferentes produções que forem susceptíveis de consumo ou applicadas a transações e estabelecer as recíprocas relações commerciaes, base da prosperidade do desenvolvimento das industrias e riqueza do Estado (EXPOSIÇÃO, 1899, p. 6).

A presença de acervos brasileiros em Museus no exterior, sobretudo, os comerciais, foi verificada desde o século XIX. De acordo com os organizadores das mostras universais, seria necessário criar um novo modelo com maior duração, uma vez que essas mostras, além de onerosas tinham implicações na natureza temporária das mesmas: “era chegada a hora de propor uma nova modalidade de exposição capaz de fazer o duplo trabalho de expor e divulgar as inovações tecnológicas, as criações artísticas e os estudos etnográficos e ainda fomentar o comércio nacional e internacional” (BORGES, 2007, p. 99). A participação de Sergipe neste momento representava a sua inserção direta no roteiro das grandes mostras internacionais de longa duração que seria transposto para o Brasil em 1907, com a criação do *Museu Comercial do Rio de Janeiro* e do *Serviço de Propaganda e Expansão Econômica do Brasil no Estrangeiro*.

A formação desses museus comerciais ao longo da segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do XX é indicada por Borges (2007, p. 100) quando observa a sua finalidade:

Estruturados, em geral, a partir da parceria entre poder público e associações comerciais, os museus comerciais deram grande suporte ao comércio que a Europa mantinha com suas colônias e com as jovens nações iberoamericanas. Nossas evidências indicam que tanto o Brasil quanto o México adotaram essa modalidade de publicidade comercial que se tornou rotina nas grandes cidades, sobretudo portuárias, européias a partir das duas últimas décadas do século XIX.

A presença do *Programa* revelava, portanto, que Sergipe, assim como os demais recém-criados Estados iniciava sua “inserção na modernidade”, através da exposição de seus produtos e inovações técnicas, mas, também, ao apresentar a sua história⁴⁰ como um fator essencial à formação e fortalecimento do Estado, uma “museificação política” (ANDERSON, p. 251): a reprodutibilidade de insígnias, uma laicização da tradição – a incorporação de heranças políticas em andamento, como a valorização e criação de monumentos, unificação da história pela reprodutibilidade.

De acordo com Barbuy (1996, p. 211), as exposições universais constituíam na mais condensada representação material do projeto capitalista no mundo. Apesar de uma nova imagem de progresso para o Brasil ser considerada por alguns autores a partir da República (BORGES, 2007, p. 95), a participação do Brasil nas exposições anteriores pode refutar esta ideia, afinal, o progresso, mesmo nos idos do Império figurava nos discursos que previam um modelo de nação, não só nas mostras universais, como também nas exposições nacionais realizadas no então Brasil Império, como a de 1873, no Rio de Janeiro:

A exposição realizada na Escola Central do Largo de São Francisco esteve aberta por cerca de um mês. Menos pretensiosa que as demais, as províncias apresentaram seus produtos: o carvão de pedra do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; o café do Rio de Janeiro, que também comparecia com a sua indústria de metais, trabalhos de marcenaria, louças, tecidos, fumos, vinho, cerveja, chapéus, sapatos, velas, sabão, papel. Reiterava-se a importância do trabalho, glorificado e redimido de uma tradição escravocrata que progressivamente se desfazia; alertava-se para a destinação da indústria, qual seja, a de produzir a baixos preços para satisfazer as necessidades das classes menos favorecidas; relembra-se que o progresso era uma meta construída passo a passo (PESAVENTO, 1997, p. 144-145).

⁴⁰ Há no Programa a “Secção V – Sciencias, Litteratura e Historia” que apresentava documentos históricos e geográficos, mapas, cartas e plantas, estatísticas etc (EXPOSIÇÃO, 1899).

Obviamente que existiam diferenças cruciais entre os projetos de nação para o Brasil no Império e na República, mas o uso que se faz das palavras, sobretudo de signos como o progresso, aparecem associados aos dois modelos de política vigentes nos respectivos períodos.

E, neste contexto, os periódicos foram veículos por excelência de divulgação das ideias e “novidades” vigentes. O primeiro número da Revista Agrícola (SSA) de 15 de janeiro de 1905, uma publicação da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, destacou entre suas *Notícias Diversas* a participação do Brasil na *Exposição Universal de St. Louis* em 1904:

Exposição de S. Luiz

Sobre este grande certamen a quem concorreram todas as nações do mundo, escreveu ao “Correio Paulistano” o Dr. Francisco Ferreira Ramos, relativamente a posição do Brasil ali representado e dos prêmios obtidos, que se lê em seguida:

O resultado alcançado no Brasil na exposição de São Luiz, representa um sucesso, não só para o Governo da União, como também, para os Estado que secundaram nesta patriótica tarefa. Os próprios americanos que conheciam nossa pátria confessam que, o que ella apresentou no grande certamen, foi uma verdadeira revelação para elles.

“O Brazil é um paiz que começa a despertar, disse-nos um Professor da grande nação”. É preciso agora não pararmos nisso e tirar partido dos elementos já accumulados. A exposição de Lousiania veio salientar um facto de elevado alcance para nós, nessa grande feira ficou provado que é a agricultura que reside a principal grandeza dos Estados Unidos da America do Norte!...

É nos gêneros de primeira necessidade, nas forragens, na cultura do algodão, e na industria pastoril que rezide a principal grandeza do paiz. Foi daí que surgiu essa serie de industrias e de empreendimentos que hoje representam a grandeza da América do Norte.

A primeira condição para que um povo possa fundar e desenvolver suas industrias, é possuir gêneros de primeira necessidade abundantes e baixo preço. (...) (REVISTA AGRÍCOLA. n. 1, p. 7-8, 15/01/1905)

O destaque a agricultura é uma constante nas diversas medidas de sucesso econômico da nação brasileira. De tal maneira que, desde a segunda metade do século XIX, na montagem da primeira exposição nacional, que se projetava para o Brasil a agricultura como o principal fundamento de riqueza (PESAVENTO, 1997, p. 102).

Neste sentido, a agricultura aparecia diluída sob várias formas de representação nas seções das mostras: “I. Productos naturaes; II. Industria; III. Manufacturas; IV. Artes; V. Sciencias, Literatura e História; VI. Mechanica” (EXPOSIÇÃO, 1899, p. 12-14).

Como arte de expor mercadorias que acompanha o avanço do capitalismo, as exposições forneciam um arcabouço discursivo ao reunir em um mesmo espaço o objeto, a linguagem e o público. O desfile vertiginoso de mercadorias no final do século XIX e início do XX necessitava de novas linguagens que pudessem cumprir o encanto dessas mercadorias, assim como criar novas ideias sobre o que era exposto, como, por exemplo, apresentar novas feições e leituras para as antigas províncias brasileiras, e, sobretudo, fixar uma nova imagem de nação a partir dos auspícios republicanos (BORGES, 2007).

Os discursos veiculados na Revista podem ser analisados como uma enunciação de outrem unida a um contexto por relações dinâmicas, complexas e tensas (BAKHTIN, 1997), o que possibilita questionamentos sobre o porquê da publicação dessas informações, e em que medida teciam configurações discursivas sobre o espaço agrário sergipano, como também analisar os discursos e contra discursos presentes nas notícias do campo situando-as na dimensão de sua polifonia, em cada época, em que cada grupo social tem o seu repertório nas distintas formas da comunicação sócio-ideológica.

O desejo de expor nascia atrelado ao desenvolvimento dos países produtores de mercadorias. E a propaganda foi, sem dúvida, o grande baluarte do capitalismo, ao criar sobremodo um arcabouço em torno dos produtos como forma de aumentar o lucro e escamotear as relações de produção envolvidas: “as exposições, ao construírem o universo da mercadoria, constituem por si mesmas uma fantasmagoria, ou uma imagem da realidade que oculta as verdadeiras relações entre os homens e as coisas” (PESAVENTO, 1997, p. 45).

Ao conter um misto de fascínio e proliferação vociferante de informações, a propaganda foi o grande arauto da espacialização do capital por meio da divulgação de mercadorias a partir do século XIX:

[...] artifício de sedução social, a publicidade e a propaganda não são pura criação ou arbitrariedade imposta: elas se apóiam em tendências latentes, em desejos manifestos, em inclinações não implícitas, mas detectadas, e as manipulam, induzindo ao consumo, à aceitação, ao maravilhamento” (PESAVENTO, 1997, 49).

Essas propriedades de sedução são denominadas por Marx de “fetichismo da mercadoria” que escamoteia a essência das relações sociais subjacentes ao processo produtivo (MARX, 1996).

A publicidade e a propaganda cumpriam então um papel primordial ao lado das exposições, entre o convencimento e conferindo valores através da mística do progresso. As notícias sobre exposições na Revista Agrícola (SSA) apareciam não só para organizar mais uma participação sergipana em uma mostra, também como possibilidade de criação de um vocabulário específico, reforçar uma linguagem da classe dominante na produção do espaço adequado às demandas do capitalismo.

A Revista Agrícola (SSA) pode ser considerada como uma fonte inserida em um projeto da produção de uma linguagem unificada para/sobre o meio rural sergipano e suas vinculações ideológicas no sentido geopolítico. A imprensa como um suporte de linguagem da classe dominante⁴¹, é uma das formas de apresentar suas ideias.

A partir dessa análise, as ideias da classe dominante – agricultores, comerciantes, industriais, intelectuais – para serem reconhecidas como válidas, encontrariam no discurso veiculado na Revista, as ideias de sua dominação, a naturalização de sua vontade, de sua razão, sua visão de mundo sobre o meio que a cerca. Aspecto que pode ser denotado na transcrição que se segue:

Exposições estadoaes

O Estado do Rio de Janeiro prepara-se para effectuar, este anno, uma exposição de productos agrícolas, industriaes e pastoris fluminenses, com secções especiaes para fructos e flores. A Bahia pretende também exhibir no Lyceu de Artes e Officio os seus productos que julgamos causarão sucesso por sua imprtancia e multiplicidade. São Paulo já fez sua exposição de gado, e o Paraná secundou a Capital Federa com sua esplendida exposição de álcool. Nós é que nada poderemos tentar, por que ainda que muito tivéssemos para expor (e sempre temos alguma coisa) não teríamos quem visse a nossa exposição pela difficuldade de acesso do nosso Estado. Decididamente a estrada de ferro entre nós é todo o nosso futuro; sem ella todo o nosso esforço será baldado. Até quando esperaremos por semelhante benefício? (Revista Agrícola. n. 36, p. 358-359, 15/07/1906. Grifo nosso).

As queixas de 1906 da não participação de Sergipe em mostras parecem conflitar com os anseios do Programa de 1899. Contudo, a construção de uma ideia de isolamento do estado, e, sobretudo, do campo, seria válida para referendar com louvores determinadas situações e projetos, como se lê no júbilo com o recebimento do convite para a participação de Sergipe na exposição de 1908 no Rio de Janeiro.

⁴¹ O conceito de classe dominante é aqui compreendido como a classe que tem à sua disposição os meios materiais de produção e as ideias.

Notícia que mereceu matéria de primeira página na Revista Agrícola (SSA) de 15 de julho de 1907 com informes sobre publicação de Ato pelo Presidente do Estado designando comissão para angariar os produtos a figurar no “certamen”:

O primeiro passo está patrioticamente dado... resta que todas as classes sergipanas, todos os espíritos que amam esta terra... venham ao encontro de tão brilhante certamen (...) fugir disso é fugir do cumprimento de um dever, é um crime para com Sergipe, que diante dos outros Estados, em face do mundo, devo ostentar e manifestar sua individualidade própria, tanto mais digna de admiração e de apreço... A Sociedade Sergipana de Agricultura estará coadjuvando a comissão... não será fora de propósito lembrar que, a semelhança de outros Estado, os productos que serão enviados para a Capital Federal sejam aqui previamente expostos, afim de que os Sergipanos possam apreciar, no seu conjunto, a manifestação dos progressos de nosso pequeno e estremecido Estado. (...) Todos os productos, poderão, para este fim, ser enviados para um deposito, onde sejam acolhidos e tratados com todo o zelo, para o Trapiche Lima, por exemplo, donde sahirão para o edificio destinado para a exposição prévia (...) (REVISTA AGRÍCOLA. p. 581-582, 15/07/1907).

Após a euforia da publicação dessas informações, a Revista Agrícola (SSA) veiculou poucas referências em 1908 sobre os trabalhos da *Directoria Executiva da Exposição*, constam apenas informações sobre regulamentos a serem cumpridos pelos expositores: rol de perguntas de um questionário que deverá acompanhar cada produto especificando os seguintes dados: sobre a produção, valor de comercialização, a distância do centro de produção ao porto de embarque ou estrada de ferro, fretes, impostos pagos até o centro de consumo, tratando-se de produto industrial, o tipo de matéria-prima empregada, se nacional ou estrangeira (REVISTA AGRÍCOLA, 01/01/1908, p. 699-700). Outro exemplar desse periódico expõe sobre determinações específicas para a exposição de flores, frutas e horticulturas, além de uma descrição detalhada do pavilhão de São Paulo a ser construído para a mostra (Revista Agrícola, 15/02/1908, p. 728-729). A última referência encontrada na Revista publicou sobre regulamento especial da entrada na exposição, tratava da venda de bilhetes e formas de acesso diferenciado para expositores e visitantes, e para a imprensa local e estrangeira, as normas para transporte de volumes no espaço da exposição (Revista Agrícola, 01/04/1908, p. 757-758).

De acordo com Borges (2007) a iniciativa dessa mostra na então Capital Federal estava inserida no quadro das atividades do recém criado *Museu Comercial do Rio de Janeiro*, em 1907, que por sua vez articulava-se com demandas

específicas de países europeus ávidos para solucionar suas crises de matérias-primas como as fibras têxteis, por exemplo:

De acordo com a documentação produzida pelo Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas do Brasil, entre os anos de 1907/08, foram intensas as relações entre *Museo Commerciale de Trieste* e o do Rio de Janeiro. Apenas para exemplificar, lembramos aqui o interesse dos comerciantes da região do Trieste em usar “nossas fibras têxteis” em substituição às fibras de cânhamo e linho, provenientes da Bohemia, Moravia e Áustria Inferior. O alto custo da mão-de-obra nesses países estimulou os fabricantes de tecido da região do Trieste a aventar a possibilidade de adquirir nossas fibras. Simultaneamente, o Museu Commercial do Rio de Janeiro apostou na ampliação do mercado que garantia a manutenção do pacto oligárquico. Para tanto, foram produzidas e divulgadas diversas coleções de tipos de café brasileiro. O mate e as madeiras nacionais, estas muito bem-aceitas no mercado europeu, também contaram com a atenção dos responsáveis de nosso Museu Commercial (BORGES, 2007, p. 101).

2.4.1.3 Função das exposições e o meio rural

Fundado no princípio que - a imprensa é a luz (FARO, 15/07/1907, p. 582).

O registro da participação de Sergipe nas exposições de caráter internacional e nacional permite perceber a vinculação discursiva entre a agricultura, indústria, e o comércio. O campo, de acordo com as notícias emergia como fornecedor de capital para a indústria. No entanto, essa lógica é contraditória. O campo é referido como atrasado, e o seu desenvolvimento tecnológico seria a condição do progresso industrial e comercial: “um país em que se tratava de estabelecer a indústria, os caminhos do progresso técnico passavam, necessariamente, pela modernização agrária” (PESAVENTO, 1997, p. 71), contudo, o discurso publicado não era unânime, apesar dos ditos esforços sempre reiterados na fala dos autores das matérias da Revista e do programa da exposição.

As instituições voltadas para a modernização agrícola, tanto em Sergipe, como em todo país na segunda metade do século XIX e início do XX, figuraram como grandes impulsionadoras da participação do Brasil nas mostras universais, nacionais e locais, a exemplo da *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional* (SAIN) e do *Imperial Instituto Fluminense de Agricultura* (IIFA) em 1861/1862 (PESAVENTO, 1997, p. 99). Da mesma forma, a *Sociedade Sergipana de Agricultura*, a partir de 1902, incluía em seus *Estatutos* a realização de congressos e exposições como um dos meios para “chegar a realização de seus intuitos”

(ESTATUTOS, 1902, p. 6). Mas, tanto o processo local, quanto o nacional de apoio a realização de exposições envolvia conflitos. Os contra discursos emergiam. Apesar do reiterado convencimento à participação, efetuado por uma elite esclarecida, muitos produtores hesitavam em colaborar. E os conflitos e embates discursivos não ocorreram apenas em Sergipe, a *Exposição de 1862*, por exemplo, em Londres, enfrentou uma série de greves operárias (PESAVENTO, 1997, p. 113), e no Brasil, a denominada burocracia morosa e ineficiente prejudicava a participação do país emperrando o seu progresso (PESAVENTO, 1997, p. 137).

O convencimento foi um dos desafios para sanar os entraves do caminho à modernidade. Palavras foram recrutadas para compor um discurso e sedimentar a importância da participação nos *certamens*. A propaganda – os artifícios de convencimento, e a publicidade – a divulgação das exposições, foram compulsadas não apenas como fator para a exposição de produtos definindo pavilhões e *stands*, e legendas, mas, como ferramentas discursivas presentes nos impressos que, ao compor discursos, justificavam a ampliação de mercados (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2006, p. 172).

O *Programa de 1899*, a Revista, e outras fontes documentais entre de 1905 a 1908, representavam apenas indícios de um tecido maior que deve ser cerzido à luz da produção do espaço capitalista e dos meandros de sua espacialização, entre eles, os discursos impressos a serem desvelados como parte de um capitalismo tipográfico e da produção de uma linguagem para/sobre o campo sergipano que naturalizam as formas de exploração do capitalismo.

2.4.2 Teorias: ideias para ler e transformar a realidade

A discussão na história da ciência assinala o século XIX como o período de separação entre os campos do conhecimento com início principalmente na Europa. No Brasil essa separação ocorre de forma diferenciada, contudo, a pouca existência de práticas científicas regulares não impediu que houvesse a formulação de pensamentos que perpassavam as discussões iniciais desses vários campos. Sobre essa não regularidade Gualtieri, ao estudar o Evolucionismo no Brasil, por exemplo, considera que, ao contrário das premissas postuladas pela historiografia da história da ciência no Brasil que, só existiram condições apropriadas para o cultivo da

ciência apenas no século XX: “[...] há vários trabalhos produzidos em épocas anteriores [ao século XX] que assinalam, ainda que de forma pontual, a presença de ideias evolucionistas nas atividades desenvolvidas em instituições científicas desde o século XIX” (GUALTIERI, 2008, p. 16).

Trigger (2004), arqueólogo que explora a “História do Pensamento Arqueológico” no cenário mundial também considera que independente da formalização desses campos, há um pensamento fora de instituições e de universidades, como em publicações, por exemplo, que podem conter os rastros de um pensamento relacionado à determinada(s) ciência(s).

Conceição (2001) ao estudar as ideias de Tobias Barreto, sob o prisma de uma leitura do pensamento geográfico na obra desse jurista, aponta para a questão. As dificuldades de situar um pensamento científico fora dos muros das universidades antes de sua criação, no Brasil, encontra barreiras por conta da rarefação de discussões epistemológicas com abordagens menos estreitas.

A partir do século XIX, um grande número de teorias passou a figurar no cenário intelectual brasileiro, como também, núcleos de ensino superior definiram a formação das gerações que passaram a cursar uma formação em solo brasileiro. Alguns desses núcleos definem a intelectualidade brasileira, como exemplo, as Escolas de Direito do Recife, em Pernambuco, e do Largo de São Francisco, em São Paulo, a Faculdade de Medicina da Bahia, a Politécnica do Rio de Janeiro. Apesar da ênfase para o “bando de ideias novas” ser recorrente na década de 1870, não podem ser esquecidas as produções intelectuais anteriores como as de José Bonifácio (DIAS, 1968), ou as iniciativas de gestar um pensamento sobre o Brasil, tentativa fremente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Para o meio rural, as iniciativas também são anteriores a 1870, como a criação dos Imperiais Institutos de Agricultura a partir de 1859.

Assim, a utilização de teorias e a formação de instituições, apesar de densamente aceitas apenas sob algumas égides, pode também ser desvelada em ideias difundidas e diluídas por outros meios, antes mesmo de 1870. Um pensamento para uma nação em construção, fundamentado em teorias produzidas no interior da definição dos campos científicos, até então unidos desde a Ilustração passam a definir limites precisos, podendo ser encontrado presente no discurso das classes dominantes de cada contexto.

No cenário de formação de um pensamento sobre a nação brasileira, apesar das divergências de interesses econômicos e de classes que se ordenavam: intelectuais, industriais, lavradores, comerciantes -, existia uma consonância nos discursos. Logo, as instituições e suas respectivas práticas e teorias não devem ser desvencilhadas.

Além das instituições voltadas para o ensino propriamente dito, figuram desde a segunda década do século XIX outras instituições, os impressos, por exemplo, que produziram e/ou transmitiram pensamentos sobre a realidade brasileira.

O poder ideológico dos periódicos de acordo com autores que trabalham com essas fontes não pode ser mensurada. Porém, uma observação sobre o poder da palavra escrita sobre as sociedades modernas sugere a sua força (CHARTIER, 2004).

A cada tempo histórico verifica-se a presença de discursos que buscam organizar as visões de mundo de cada sociedade: dispor normas, hábitos. Discursos presentes nas tradições, nos costumes, nas sociabilidades, nas religiões na ciência e na técnica, no cotidiano – na vida dita comum do dia-a-dia. Os discursos antes transmitidos através da oralidade ganham, ao longo da história, a sua representação escrita (ANDERSON, 2008). Este mecanismo possibilitou o registro e produziu de forma mais sistemática a continuidade, a longevidade dos discursos ao assegurar o seu registro em suportes escritos.

É lugar comum a revolução operada pela invenção da imprensa. Mas, apesar de sua capacidade de reprodutibilidade, o acesso aos textos impressos, e mesmo antes aos manuscritos, era algo extremamente limitado por duas razões principais: o saber ler, e o poder ter acesso aos textos. Dificuldades essas que durante muitos anos, desde a veiculação dos primeiros exemplares impressos ao chegaram no Brasil, limitam o acesso, mesmo com a decorrência da variabilidade de suportes.

Os discursos escritos, apesar das dificuldades, foram estruturados sob diversos gêneros literários o que permitiu a produção de fronteiras entre os discursos: vocabulário e linguagem colaboraram na diferenciação das classes sociais, das profissões, e da vida. Como observou Bakhtin (2008) na análise do discurso veiculado nas praças européias do medievo durante o carnaval, o seu vocabulário e linguagem apresentavam signos e sinais grotescos.

Oliver (2011) aborda o processo de institucionalização das ciências agrícolas⁴² a partir de uma discussão historiográfica. Entre os diferentes olhares sobre essa área do conhecimento apresenta dois momentos, o primeiro “memorialista” com informações dispersas em artigos de jornais e revistas agrícolas escritos por cientistas ou por leigos, sobre as quais não se pode falar de um gênero literário específico, e, uma segunda fase delimitada por uma tradição que se inicia a partir de 1954 com Fernando Azevedo e a publicação organizada por Shozo Motoyama (1979-1981), fundamentada em um viés que destaca afirmações e descrições. Uma possível terceira fase se delineia por volta da década de 1980 quando historiadores da ciência latino-americanos passaram a atribuir uma historicidade às ciências agrícolas: busca analisar as ligações contextuais entre ciência, tecnologia e sociedade, proposta esta denominada de revisionista:

[...] essa abordagem revisionista possibilitou não só a firme contestação de modelos lineares de desenvolvimento científico como também um melhor entendimento das razões pelas quais encontramos sucessivas crônicas da ausência de um passado, ou desmantelamento da ciência brasileira, ao identificar distintas noções de ciência em diferentes períodos históricos (OLIVER, 2011, p. 328).

Mas, apesar da historiografia da ciência inserir a primeira fase como “memorialista”, e utilizar os primeiros discursos sobre a ciência agrícola escrito por cientistas ou leigos, apenas como fontes primárias ou secundárias, pode-se considerar que essas fontes (principalmente artigos de jornais diários e revistas agrícolas ao longo da primeira metade do século XX) podem, no interior da chamada proposta revisionista ser, então, repensadas não apenas como fontes, mas como parte de um pensamento sobre as ciências agrícolas. Conceição (2010, p. 265) situa como o pensamento geográfico situado no final do século XIX até 1930 estava associado às outras ciências sociais dominadas pelo determinismo ambiental e racial, ou pelo darwinismo social.

Trigger (2004), ao analisar a história do pensamento arqueológico no mesmo período, situa que o trato com os remanescentes de cultura material de sociedades possuía nitidamente análises com forte tendência racista. Áreas aparentemente estanques, mas estritamente conectadas principalmente na produção das “comunidades imaginadas”. Anderson quando estudou o nacionalismo nos mundos

⁴² Posteriormente ciências agrárias (OLIVER, 2011, p. 328).

colonizados africanos e asiáticos, perquiriu o argumento sobre o papel que três instituições: censo, mapa e museu, juntas, moldaram profundamente a maneira pela qual o Estado colonial imaginava seu domínio – “a natureza dos seres humanos por ele governados, a geografia de seu território e a legitimidade de seu passado” (ANDERSON, 2008, p. 227).

Essa forma de classificação, de mapeamento de pessoas e da natureza foi desenvolvida de forma sistemática a partir do século XVIII como demonstrou Pratt (1999). Formas de (re)conhecimento de áreas sob a perspectiva de ocupar, sobretudo, o que o olhar europeu considerava como vazio ou inexplorado.

A Tese em pauta analisa uma dessas fontes que tangencia a pesquisa em ciências agrícolas a Revista Agrícola (SSA) aparecia como um tipo eminente da fase “memorialista” de registros da ciência agrícola. De acordo com Oliver (2011, p. 329) como a produção decorrente desse período não é uniforme “não se pode falar em um gênero literário específico, mas observar a expressão que visava o entendimento do passado das ciências agrícolas”.

Todavia, apesar de não ser homogêneo pode-se dizer que há um pensamento sobre as ciências agrícolas que se produz desde o final do século XVIII como afirma a própria autora. Desse modo as fontes da fase “memorialista” são imprescindíveis para o entendimento de várias questões relacionadas à produção do espaço agrário brasileiro.

Oliver (2011, p. 12) discute encaminhamentos a fim de entender as “tramas” que envolvem o entendimento da agricultura e sua relação com as ciências agrícolas, os vários suportes de informações (textos manuscritos, fotografias, imagens em vídeo, periódicos, literatura, entre outros) podem conter uma diversidade de informações sobre a realidade histórica na qual foram produzidos. As sociedades continuamente expressam suas visões de mundo através desses suportes, logo, o senso comum e a ciência também estariam presentes nos discursos textuais e imagéticos. De acordo com Escolar, o teórico, no discurso de qualquer comunidade científica, é determinado historicamente por duas condições, uma epistemológica – que supõe o critério de cientificidade, e outra contextual, que faz referência às problemáticas reais. Um discurso pode conter essas duas condições. Condições essas que sofrem determinações das relações sociais inscritas em um espaço e tempo situados em um *locus*.

Além da recorrência na historiografia brasileira de tratar que somente a partir de 1870 emergiram no Brasil as teorias que irão compor a definição de nação, convém observar que a chegada de teorias como as que fundamentaram a ideia de progresso, e a sua disseminação, alguns rastros podem ser localizados em períodos anteriores. Suas reestruturações ocorream ao longo dos anos conforme as matrizes intelectuais de seus seguidores e as influências dos contextos vigentes (MACHADO, 2000; CONCEIÇÃO, 2001; LEONÍDIO, 2007; LINS, 1967). Outro aspecto é observar criteriosamente o ponto de partida dessas teorias, a sua procedência, rastrear, quando possível, a sua penetração, o tempo histórico de suas discussões, assim como os objetivos que defendiam a fim de evitar as armadilhas do anacronismo.

Leonídio, por exemplo, analisa as teorias utópicas cientificistas no século XIX que ganharam força com a difusão do positivismo no final do referido século é um processo com particularidades históricas:

É preciso lembrar, antes de mais nada, que o socialismo utópico na Europa também é uma fórmula vaga. Ele não fala em nome de uma classe concreta, mas do povo, dos oprimidos, dos que trabalham, dos que sofrem, da humanidade enfim. Sua forma é burguesa porque não se haviam acirrado ainda os confrontos entre o proletariado e a burguesia. Os intelectuais não poderiam assumir um ponto de vista radical em relação à sociedade burguesa. Acreditavam por isso que estavam imbuídos da missão de salvar a 'humanidade sofredora'. No Brasil, havia a instituição da escravidão, a dilacerar a nação e criar um fosso entre os cidadãos (LEONÍDIO, 2007, p. 939).

Dessa forma, as influências teóricas no discurso da Revista Agrícola (SSA) continha “fio e rastros” de matrizes discursivas variadas. O seu enfoque valorizava o progresso, um conceito que não é simples como parece, concentrava estruturas ideológicas distintas:

O Brasil não ficou imune às diversas criações utópicas que circularam na Europa, como no mais se dava com as diversas correntes de ideias vindas de fora. Compartilhou, apesar de seu atraso marcante, da euforia modernizante que se introduziu no país, primeiramente, com as ideias mais modernas e avançadas da ciência européia, sobretudo depois que a febre positivista grassou em variados setores da cultura nacional; e, num segundo momento, com a invasão das modernas invenções da tecnologia, que se alastrou pelo mundo na época que ficou conhecida pela história como *belle époque*. Tais ideias apareceram em diversos momentos em jornais e revistas e passaram despercebidas pelos historiadores do pensamento social brasileiro (LEONÍDIO, 2007, p. 944).

As ideias em voga, além de sincréticas ou miméticas, mas por que também não dizer: originais? Singulares? Como observa Leonídio na citação acima, algumas ideias passaram despercebidas pelos historiadores do pensamento social brasileiro.

3 AS REVISTAS AGRÍCOLAS – VOCABULÁRIO E LINGUAGEM NA UNIDADE DO DISCURSO DO CAPITAL

As relações de aprovação ou de desacordo são perfeitamente dialógicas (AMORIM, 2004, p. 129).

A Revista Agrícola (SSA) como *locus* e inscrita em um *locus* – as suas páginas, o seu contexto -, possuía um vocabulário⁴³ que configuravam uma linguagem⁴⁴.

A formação de uma linguagem é uma tentativa de produzir a unidade de ideias. Não apenas no sentido de um novo idioma, mas de um linguajar próprio de acordo com necessidades específicas. Dessa forma é corrente, em cada período histórico, as sociedades produzirem linguagens adequadas às suas visões de mundo sobre o que está no seu entorno, sobre as suas relações com a natureza, a cidade, o campo, o trabalho, as trocas comerciais. Junto à linguagem, o vocabulário - palavras específicas que marcam uma época associado a fatos, relações sociais e históricas que fornecem uma significação – aceitação, repetição, algumas vezes restritas, outras, universalizadas. A união de palavras e a formação de discursos têm sob o capitalismo uma elaboração estruturada com o apoio de novos suportes e formas de comunicação que se ampliaram gradativamente: novas prensas; novos tipos de papel e fontes; ilustrações, novos formatos impressos: cartazes, folhetos, catálogos.

O vocabulário e a linguagem analisados na Revista Agrícola (SSA) integravam os discursos do/para o Estado e a produção do espaço brasileiro, e estava inserida em balizas temporais⁴⁵: final do século XIX às primeiras décadas do XX indicadas na historiografia brasileira (MENDONÇA, 1997; FERNANDES, 1987; LINHARES; SILVA, 1981), como o período de mudanças preponderantes no reordenamento das classes dominantes sob o fulcro do avanço do capitalismo. Mudanças situadas em um movimento que emerge no final do século XIX sob a denominação de “Ruralismo”, inserido na divisão internacional do trabalho.

A produção do espaço brasileiro sentiu os efeitos dessa divisão:

⁴³ Um conjunto de palavras e expressões recorrentes ao *locus* da Revista Agrícola (SSA).

⁴⁴ A união das palavras que conferem sentido singular ao discurso em seu *locus*.

⁴⁵ Bosi (1992) diz que datas são balizas não são marcos estanques, servem para delimitar, mas não paralisam o tempo.

[...] o Ruralismo [movimento/ideologia políticos], por uma conjuminância de fatores tais como a abolição, e redefinição das linhas do comércio internacional para dados produtos agrícolas ou os rearranjos no bloco do poder a partir do federalismo republicano, colocou-se como um dos fios condutores da reordenação política intraclasse dominante agrária (...) As frações dominantes agrárias, beneficiárias da tradicional divisão internacional do trabalho, construiriam em seu proveito um 'sistema oligárquico' pouco permeável do qual monopolizariam postos de direção e atividades mais rendosas (MENDONÇA, 1997, p. 14; 22).

A partir da ideia da formação de um Estado nacional em benefício de todos, foram justificadas as medidas postas em prática no interior de um contexto iniciado em meados do século XIX, no qual há uma necessidade de disputas de mercado consumidor proporcionado pela Segunda Revolução Industrial na Europa, Japão e Estados Unidos (HOBBSAWM, 2009).

Consolidava-se uma defesa e difusão do progresso como suporte ideológico que asseguraria o controle político, econômico, social e cultural nas mãos das classes sociais do Império que se reordenavam a partir do discurso do “atraso/progresso”. Assim, contraditoriamente, ao lado da ideologia do progresso, a construção do atraso sedimentava a lógica da produção, ou um conjunto discursivo que sustentaria a espacialização do capitalismo no interior dessa unidade dialética – atraso/progresso, um processo que se inscreveu no século XIX.

Para Hobsbawm (2009, p. 51), na *Era dos Impérios* (1875-1914) os “indicativos de crescimento de civilização” são explorados na eminente produção em massa de objetos, a exemplo da proliferação de jornais e revistas nos países onde o progresso nascera e naqueles onde chegou. Segundo este autor, o processo não era coeso, havia desigualdades: “o mundo estava, portanto, dividido numa parte menor, onde o ‘progresso’ nascera, e outra, muito maior onde chegaram colaboradores locais” (HOBBSAWM, 2009, p. 53). O mundo passou a ser dividido entre uma “minoridade de pele teoricamente branca” e aqueles considerados incapazes de viver à altura dos exemplos dados pela burguesia ocidental.

O Estado brasileiro foi construído sob essa lógica contraditória que delinearia marcas na produção de seu espaço (MORAES, 1991). Os discursos veiculados aludiam a uma separação, uma divisão entre áreas (SMITH, 1984, p. 153), gravando marcas profundas, sobretudo, na oposição campo e cidade. Esta oposição seria caracterizada por uma apologia a “vocação agrícola do país” (MENDONÇA, 1997), lançando medidas que visavam salvar o meio rural do atraso. Mas, não ficariam claras as razões pelas quais o meio rural deveria ser “regenerado”. Os discursos

eram imbricados e seus emissores pareciam estar separados do Estado, continham críticas à industrialização, à urbanização, enalteciam o campo e os proprietários de terra, todavia os menosprezavam quando resistiam aos avanços da técnica:

Que atendam os nossos lavradores e salvem-se enquanto é tempo; unam-se para serem fortes, leiam para se fazerem sábios. acabem de vez com o os velhos hábitos de emperrado egoísmo que os tem conservados isolados, fracos, exploráveis e effectivamente explorados, nessa condição humilhante de fidalgo arruinados, a implorarem o credito que lhes nega geralmente, quando são elles que afinal, bem ou mal, fazem a riqueza publica nesta terra onde a preguiça e a intriga fazem das outras classes o insaciável parasita de sua depauperada seiva (NASCIMENTO, 1906, p. 290).

Existiam grupos que se organizavam em torno de consensos sobre os projetos para o meio rural, mas havia também uma tensão de forças opositoras presentes mesmo nos discursos de classes coesas. Muitas vezes confundiam-se os interesses de uma mesma classe gerando competições “inter e intra-oligárquicas” (CARVALHO, 2007). Mas, essa contradição aparente nos discursos poderia ser proposital de forma a enevoar os seus objetivos reais: “abrir maior espaço para acumulação interna” (MENDONÇA, 1997, p. 27), condição essencial à produção de divisas para gerar um consumo das mercadorias importadas, além de criar desigualdades regionais, territórios, possibilitar a industrialização.

Este prelúdio de inscrição do espaço brasileiro sob o capitalismo foi o tempo de proliferação de discursos sobre o sucesso/crise da cafeicultura no Sudeste, a bancarrota/regeneração do açúcar do Nordeste, a saída/retorno dos senhores de engenho para as cidades, o início/repulsa da proliferação de mercadorias, o tempo veloz da navegação a vapor, das linhas férreas, do telégrafo. O tempo lento das lidas no campo e rápido nas cidades, dos surtos epidêmicos e das medidas profiláticas, da mudança para o trabalho livre e dos conflitos operários na cidade, e camponeses nas áreas rurais, da ideologia do progresso e do atraso, da preponderância da ciência e da técnica e da resistência aos avanços, o tempo de um “tudo ao mesmo tempo”, da grande euforia de ideias e práticas fervilhando na literatura, na imprensa periódica, nas ideias positivistas, nas evolucionistas, o tempo da modernidade (HOBBSAWM, 2009).

Um contexto com fatos que podem ser analisados, assim, a partir de sua inserção em uma unidade contraditória – atraso/progresso - extremamente complexa e de mudanças sucessivas. Como exemplo, a “reação ruralista” (Ruralismo) à crise e

ao atraso, e aos efeitos urbano-industriais. De acordo com Mendonça as formas de manifestações a essa reação foram várias e ainda pouco tratadas pela bibliografia especializada (MENDONÇA, 1997, p. 38). Mendonça analisou uma Associação de classe representativa das facções agrárias, a *Sociedade Nacional de Agricultura* (SNA), ao considerar que agremiações como essas seriam expressões institucionalizadas de demandas e expectativas diversas, desempenhariam papel essencial na configuração do que denomina de Ruralismo (MENDONÇA, 1997, p. 38). A “vocação agrícola” do Brasil na transição para a República teve na *Sociedade Nacional de Agricultura* (SNA) significado singular: “o estudo da SNA tornar-se-ia instrumental para avançar o conhecimento acerca das políticas de interesses e do próprio processo de construção do Estado na Primeira República” (MENDONÇA, 1997, p. 45).

Em cada momento de construção do “Estado sob o capitalismo” (HARVEY, 2006a) pode ser observado o fluxo ou influxo de instituições e de seus respectivos instrumentos de dominação, como as leis, a ciência e a técnica, a linguagem, que asseguram a garantia da propriedade privada dos meios de produção, e da força de trabalho, um dos vetores mais cobiçados e controlados. Nesse movimento também se d  a produção dos discursos: “a linguagem não se separa da vida real, pois, ela exprime e   parte dessa mesma realidade, embora sob sua forma ideológica” (ALVES, 1983, p. 37).

Na análise apresentada por Mendonça (1997) sobre a *Sociedade Nacional de Agricultura* observa-se que as iniciativas de criação de instituições com finalidades semelhantes à Sociedade era uma tônica desde o Império e início da República em grande parte no Brasil. A função dessas instituições na produção do espaço ainda é carente de estudos que possam analisá-las como representação de uma ideologia dominante e da consolidação de marcas quase indeléveis na mentalidade brasileira para o meio rural e o espaço brasileiro de maneira geral.

O conhecimento produzido por essas instituições, ou por autores sem aparente vinculação institucional, fomentou, de forma reiterada, as representações para o espaço brasileiro, ditou o que devia ser ou não seguido, gestou uma “matriz de discursos ideológicos” (MENDONÇA, 1997, p. 81) que contemplam questões temporais e espaciais. Questões analisadas também por Conceição (2000; 2001), Machado (2000), Figueirôa (2000a, 2000b), Schwarcz (1993) e Zusman (1996) ao estudarem instituições e intelectuais a partir do Segundo Império. Hobsbawm (2009)

destaca esse processo no cenário mundial, e incluiu, além da criação das instituições, o aumento das taxas de alfabetização como indicadores de avanço e de produção de ideologias de forte tendência etnocêntrica.

Compreende-se que havia uma matriz discursiva que tangenciava diversas áreas do conhecimento, sobretudo na formação de um pensamento geográfico para o Brasil. Um pensamento geográfico compreendido como: “um conjunto de discursos a respeito do espaço que substantivam as concepções de uma dada sociedade, num momento determinado, acerca do seu meio e das relações com ele estabelecidas” (MORAES, 1991, p. 32). Nessa perspectiva a Revista Agrícola (SSA) continha discursos que delimitaram conceitos valorativos da geografia do espaço rural. Conforme Moraes,

[...] porém é através delas que a Geografia material do planeta vai sendo desenhada” e acrescenta que as transformações efetuadas na superfície da Terra seguem muito mais esta Geografia dispersa em vários contextos discursivos (imprensa, literatura, no pensamento político, etc.) daquela que flui nos currículos (MORAES, 1991, p. 32-33).

Reitera-se que o conteúdo discursivo da Revista Agrícola (SSA) é tomado como fonte de um pensamento geográfico sobre o espaço rural sergipano, mas, também como um objeto de estudo, uma vez que é a representação de uma instituição - a *Sociedade Sergipana de Agricultura* e de seus respectivos participantes. A *Revista* não estava desvincilhada dos objetivos da *Sociedade* que a produziu. Como afirma Bakhtin (2008) a obra não está isolada do pensamento da época.

Rastrear um pensamento geográfico em um periódico de uma fase na qual a Geografia não estava consolidada enquanto ciência acadêmica, enquanto saber formal é uma empreitada para uma discussão mais abrangente que tangencia a história da ciência geográfica (SOUSA NETO, 2000). Na leitura do discurso da Revista Agrícola, *órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura* (SSA) em sua polifonia, pode-se compreender o meio rural na emergência de temas, signos e sinais relacionados a esse meio na história da agricultura ou agrária como define Maria Yedda Linhares (2006), uma história lenta e de longa duração, que dá conta dos processos de ocupação da terra, das guerras contra os índios, do povoamento e do trabalho, da produção de alimentos, da expansão da pecuária, da formação de pequenos mercados locais e regionais, das cidades, e das *plantations* (LINHARES,

2006, p. 5-6). Temas complexos que envolviam a relação homem e natureza no sentido do que é concebido por Marx e Engels (2007) como um diálogo que deve ser compreendido à luz dos processos produtivos, nos quais a categoria trabalho move as relações sociais de produção. E como produto dessa relação uma série de modos de exploração com tensões e conflitos que deixaram marcas registradas nas fontes mais diversas, porém ainda pouco exploradas.

O ideal de progresso marca a elite brasileira desde o período pombalino, mas adquire dimensão histórica concreta na versão evolucionista de Spencer e, sobretudo, de Comte. O progresso, diz-se, avança por fases historicamente definidas. O Brasil estava na fase teológico-metafísica da monarquia e devia avançar para a fase positiva do regime industrial republicano (CARVALHO, 1998, p. 108-109).

Atraso e progresso apareciam com frequência nos discursos veiculados na Revista Agrícola (SSA) enfatizando o não consenso. Por que esses opostos em [pseudo] confronto? A Revista Agrícola (SSA) enunciava uma coesão de ideias.

As antinomias marcam o processo de formação da nação brasileira (CARVALHO, 1998; LEONÍDIO, 2001). Os opostos se faziam constantes, representados, sobretudo, pelos recursos discursivos situados nas diversas fontes documentais: nos textos impressos e manuscritos, nas fontes iconográficas – mapas, desenhos, pinturas, gravuras, fotografias. Documentos estes resultantes das atividades cotidianas burocráticas dos setores do Executivo, Legislativo e Judiciário, da vida diária das cidades e do campo, das pesquisas científicas. Reunir essas fontes documentais que permitam unir os “fio e os rastros” de um projeto de nação, esboçado a partir dos movimentos pró-independência e depois reformulado pelos ideais republicanos em solo brasileiro, requer uma empreitada hercúlea, tanto no sentido de ter acesso a essas fontes como de ser capaz de conseguir reunir o máximo de informações possíveis para se ter uma inteligibilidade do processo. No entanto, uma visão geral sobre a massa documental⁴⁶ que se espraia em arquivos e outras instituições, sobretudo, a partir do século XIX, e que tem alguma parte dela analisada na historiografia brasileira, deixa antever que as antinomias são, de fato, recorrentes.

⁴⁶ E entre essa massa documental, os periódicos – jornais, revistas, almanaques, entre outros -, por conter/contarem o pulso dos acontecimentos de uma forma mais próxima da realidade que transporta em seus tipos impressos possibilita acessar algumas das singularidades de seus contextos.

As antinomias - os supostos opostos -, escritos, pintados, gravados, consumidos sob a forma de moda, costumes, hábitos, contribuíram na formação de uma ideia de nação. Por mais que intelectuais arrefecidos por novas teorias tenham registrado em vasta literatura suas reflexões e seu ideais de nação (brasileira), e outros a tenham interpretado a *posteriori*, é visível, na contramão do discurso reconhecido, institucionalizado, uma polifonia inquietante, vozes ouvidas - algumas transcritas, outras ignoradas -, não ditas de forma evidente, mas, extremamente válidas para propor novas audições e leituras a respeito da base cultural profusa sob a qual foi assentada a ideia de nação no Brasil. Uma nação de antinomias. Onde estariam essas antinomias e o que eram?

Para pensar e propor um Brasil sem o peso de suas marcas coloniais e imperiais – a escravidão, sobretudo -, as mudanças faziam-se necessárias. Mudanças perpassadas por discursos de modernidade, civilização e progresso. O projeto de independência não assegurou a ideia de nação:

O processo de independência foi o primeiro grande momento em que a “questão nacional” foi posta no Brasil. Contudo, esteve restringida, sob a égide de um Estado imperial extremamente centralizado, à unidade territorial. Se a nação não se apresentava como um corpo único e indiviso, conforme sua caracterização no mundo moderno, o território do Império deveria ocupar o seu lugar. O mito do “poderoso Império” não conseguiu ir além de um cimento artificial, externo, criado de cima para baixo, não constituindo fator de coesão da população (...) Assim, a Independência não foi capaz de conformar um sentimento de solidariedade nacional que unisse todos os seus cidadãos, ao menos no respeito aos direitos humanos, acima das classes, da raça e sobretudo da fortuna. (...) A questão da nação se recoloca então em torno dos movimentos republicanos (LEONÍDIO, 2001, p. 24).

E, por sua vez, também os arautos no novo regime tardaram no projeto. Junto com o fortalecimento de um partido republicano foi produzida uma intenção de nação brasileira. Contudo, o Estado brasileiro, a sua práxis, apesar de algumas mudanças de pensamento de seus administradores e intelectuais, a sua relação com o indivíduo, “era uma combinação de repressão e paternalismo” (CARVALHO, 1998, p. 127).

O delineamento de unidade que marca uma nação não foi próprio do alvorecer republicano brasileiro. Durante o Império brasileiro (1808-1889) houve uma tentativa de pensar o Brasil, ao menos politicamente e intelectualmente, como uma

unidade territorial, as diferenças regionais pareciam diluir-se frente aos interesses de uma pátria. Como observa Mello (1999, p. 20-21):

Reivindicar publicamente interesses regionais ou provinciais era um comportamento que raiava à obscenidade e que podia comprometer as ambições da carreira. O político da monarquia timbrava, por conseguinte, em projetar a imagem de estadista nacional pairando acima do que pejorativamente era designado por “bairrismo”, para em teoria só enxergar os interesses superiores do país.

Deste modo a ideia de “pátria comum” seria a tônica entre os Ministérios que gestaram politicamente o Brasil nas fases do Império: Primeiro Reinado, Período Regencial e Segundo Reinado, produzindo as decisões que formariam as estruturas administrativas da nação de então. Neste período a figura do Estado, era ainda a figura explícita do controle imperial.

Mas, apesar da ideia de unidade no interior dessa “pátria”, as singularidades regionais estavam escamoteadas no discurso político, como também nas reações populares oprimidas. Entre os vocábulos que representavam, oficialmente, algumas diferenças do Norte e Sul, uma mera localização geográfica, um destino, para os quais se enviavam recursos e investimentos:

Para os homens públicos do Império e, em grande parte, também da República Velha, a geografia regional do Brasil era bem simples: havia as províncias, depois os estados, do Norte, do Amazonas à Bahia, e as províncias, depois estados do Sul, do Espírito Santo ao Rio Grande. Nada de Nordeste, Sudeste, Centro-Oeste (MELLO, 1999, p. 15).

Além desses vocábulos, um exame em fontes documentais (jornais, revistas, mensagens, relatórios governamentais, entre outros) provenientes desse período permite observar algumas contradições. Apesar de uma incipiente propaganda unificadora, na tentativa de *pôr em comum, luzes e experiências*, eram recorrentes as queixas às desigualdades, sobretudo, de distribuição de recursos que provocavam graves desníveis técnicos entre as Províncias do Império e, posteriormente, aos Estados federalizados:

E enquanto, tudo se levanta, move e se agita para resolução de medidas que dêem em resultado a valorização do café, nem uma só voz, se ergue, nem um só movimento se faz para que, igualmente se tome em consideração a valorização do assucar. E no entanto, se é axacto que o café constitue o elemento de grandeza de trez grande Estados da Republica, não é menos exacto que o café constitue

o maior elemento de vida, de acção e de progresso de cinco outros Estado dessa mesma Republica, que não acompanhm aquelles trez, em desenvolvimento material, em riqueza, em instrucção, civilização e progressos de todo gênero, por terem tido a desdita de cravar-se o seu território na faixa do Norte do Paiz onde, difficilmente, sempre, chegou a poderosa influencia, a benéfica acção do Governo Central desde os tempo tão malsinados da monarchia até os tão endeosados da Republica (OLIVEIRA, 1906, p. 299).

Logo, a produção do espaço brasileiro enquanto nação, apesar de sua pretensa ideia unificadora, é permeada por representações contraditórias assemelhando-se a um complicado “jogo de espelhos” (GINZBURG, 2001, p. 85).

A antinomia - unidade e diversidade - é visível com frequência nas fontes documentais, sobretudo, decorrentes do período transitório e de instalação do regime republicano. Uma antinomia marcada por uma polifonia: atrás das palavras, várias vozes e significações, a ocultação e o aparecimento do “outro”, os opositores contra tudo aquilo que pudesse ser combatido, ou trazido à tona para corroborar com os objetivos de cada classe política – “a diferença é a recusa da alteridade”, do outro. (AMORIM, 2004, p. 73). Como analisou José Murilo de Carvalho (1998) sobre as posições diferenciadas de grupos republicanos de como substituir um governo e construir uma nação, entre essas posturas, três eram as mais destacadas. A primeira, a dos proprietários rurais, especialmente dos paulistas cafeicultores, como uma proposta republicana de inspiração norte-americana, liberalista, porém, em solo brasileiro com ações distintas, sem revolução prévia, diferente do que ocorrera nos Estados Unidos, aqui, “o liberalismo adquiria um caráter de consagração da desigualdade de sanção de lei do mais forte” (CARVALHO, 1998, p. 93). A segunda, proveniente de um setor da população urbana (intelectuais, pequenos proprietários, comerciantes etc.) que se atraíam aos apelos abstratos a favor da liberdade, da igualdade, da participação, ao gosto francês, porém, sua operacionalização ficava, na maioria das vezes aos níveis de abstração (CARVALHO, 1998, p. 94-95).

A terceira posição, uma versão positivista de República: oferecia saídas, como a condenação da monarquia em nome do progresso, uma posição assumida principalmente pelos militares⁴⁷ (CARVALHO, 1998, p. 96), e os segmentos intelectuais, sobretudo, médicos, engenheiros, educadores, literatos

⁴⁷ O que, segundo o autor, pode soar estranho, uma vez que os positivistas não viam com bons olhos os militares (significaria atraso social), porém, a formação militar brasileira com forte influência técnica, em oposição à formação literária da elite civil, adequaria as ideias positivistas: “sentiam-se atraídos pela ênfase dada pelo positivismo à ciência, ao desenvolvimento industrial” (CARVALHO, 1998, p. 95).

(HERSCHMANN; PEREIRA, 1994). Apesar dessas diferentes modalidades de pensar a nação, havia um interesse comum: “buscar uma identidade coletiva para o país”, uma tarefa que perseguiu a primeira geração de intelectuais da Primeira República (CARVALHO, 1998, p. 101). Leonídio (2001, p. 24) considera que a visão positivista logrou êxito entre as demais porque corroborava com a concepção de uma sociedade profundamente desigual e hierarquizada, características férteis em solo brasileiro.

As “formas de ver (pensar) a nação” passaram então a fazer parte da vida intelectual brasileira republicana. Ideias pleiteadas desde cedo, o que gerou segundo Leonídio (2001, p. 25) alguns mitos, como o de “natureza esplendorosa”, construído no período colonial e perpetuado em boa parte do Império. Para esse autor, os pensadores do Brasil buscavam um lugar concreto para a nação, lugares na maioria vinculados à formação histórica brasileira, e que, embora não gerassem ações concretas, permaneciam, como permanecem até hoje, vivos no imaginário popular. O autor destaca também sobre a consciência do espaço, da territorialidade, como base necessária à formulação de um projeto de nação.

Assim, a busca de figuras e lugares emblemáticos foi a tônica para a constituição de nação. Nessa produção do espaço, os signos do “vazio”, e da “diversidade” foram tomados como proposta de singularidades do “ser nacional”⁴⁸, por outro lado costumam também ser perquiridos como razões do atraso, as heranças culturais ibéricas e a não aceitação do povo brasileiro, e um lugar onde fosse próprio da ação de brasileiros (LEONÍDIO, 2001, p. 32). Natureza (o vazio) e etnicidade (a diversidade) foram sempre retomados nos projetos de nação:

[...] o texto polifônico ou dialógico é um conceito bakhtiniano que permite examinar a questão da alteridade enquanto presença de um outro discurso no interior do discurso (...) o dialogismo como categoria de análise dos gêneros discursivos (AMORIM, 2004, p. 107).

A tentativa de unidade no período inicial do regime republicano enfrentou impasses: como os conflitos no interior do Brasil (a Guerra de Canudos na Bahia, do Contestado em Santa Catarina), a influência das publicações literárias; da presença da população negra, dos operários, dos não incluídos nas bases sociais da formação da República: “não foram feitos cidadãos (...) não gozavam a liberdade dos antigos

⁴⁸ Sobre o conceito de singularidade, o autor refere-se a Paulo Prado.

nem dos modernos” (CARVALHO, 1998, p. 104), uma época de revelação de um país “que se escondia no interior”. Porém, a “definição de nacionalidade”, de acordo com Carvalho só começa a chegar, de fato, a essas populações à margem, a partir dos anos de 1930. Mas, a “tarefa de reconstruir a República continua inacabada” (CARVALHO, 1998, p. 104-105). Convém destacar que essas posições político-ideológicas, anteriormente citadas, apesar das divergências, não eram contra o Estado.

Conceição (2001) ao analisar o pensamento social de Tobias Barreto sobre o Brasil destaca o contexto no qual se delineia o Estado Brasileiro do final de 1860 ao alvorecer do Estado Republicano, e os efeitos do deslocamento do circuito da produção entre as regiões Norte e Sul e os processos inerentes à produção dessa diferenciação de territórios para o capital.

Para Sevcenko (2003) o Brasil, nesse período até o fim da República Velha, não possuía propriamente uma nação, mas um Estado reduzido ao servilismo político, para este autor a ideia era “construir uma nação e remodelar o Estado, ou seja, modernizar a estrutura social e política do Brasil (SEVCENKO, 2003, p. 103).

No tempo da Revista analisada o tempo “novo”, foi de várias mudanças e novidades em diversos âmbitos da sociedade: de incursões à Amazônia; das exposições regionais, nacionais internacionais, do apelo à moda, da ênfase à técnica, do fetiche das mercadorias (HARDMAN, 1988; SEVCENKO, 1998b). Um novo tempo que prescindia uma nova linguagem:

O absoluto do Império fragmentou-se, pois, em inúmeras concepções parciais da sociedade, votadas a serem assumidas como projetos coletivos. Várias são as formas culturais por meio das quais essas concepções podem se manifestar e pretender estender-se a um público mais amplo e diversificado. Naquele início de século, porém, o único veículo de ampla penetração era a imprensa. Esta, por sua vez, era monopolizada por três formas culturais competindo entre si: a literatura, a ciência e jornalismo (SEVCENKO, 2003, p. 274. Grifo nosso).

Os ecos dessas mudanças denominadas de *Belle Époque*⁴⁹ também chegaram à Sergipe: na moda do uso de chapéus entre as senhoras, nos artigos de toucador, na literatura, no vocabulário entre palavras estrangeiras conferidas para dar um ar “chic” aos textos impressos. Como assinalou o referente autor, o papel da

⁴⁹ Período marcado, no cenário brasileiro, principalmente por novos padrões de consumo, ver: Sevcenko, 1998a.

imprensa foi crucial como “termômetros admiráveis dessas mudanças de mentalidade e de sensibilidade” (SEVCENKO, 2003, p. 287) Considera este que: “as décadas situadas na transição dos séculos XIX e XX assinalaram mudanças drásticas em todos os setores da vida brasileira. Mudanças que foram registradas pela literatura, mas, sobretudo mudanças que se transformaram em literatura” (SEVCENKO, 2003, p. 286).

Além das crises econômicas fortemente mencionadas na historiografia do período, os outros aspectos que compõem a vida social também corroboram na fundamentação desse novo tempo de mudanças que assinalam o início de um rompimento da hegemonia social da aristocracia monárquica.

No cenário brasileiro as disputas e rearranjos dos ex-monarquistas se farão presentes nas primeiras décadas: “o fim das instituições imperiais e escravistas não representou o fim dos valores vigentes nesse período” (HERSCHAMN; PEREIRA, 1994, p. 19). Para Conceição “o latifundiário fará parte de sua nova recriação” (CONCEIÇÃO, 2001, p. 166).

O *locus* sergipano as mudanças também sopraram nestas paragens, sobretudo no campo da política:

[...] os republicanos começaram a perceber as dificuldades de legitimar a nova forma de governo sem o concurso dos ex-monarquistas. Sem alternativas, a política da República foi incorporando os adesistas dentro de uma relação de desconfiança, gerando tensões e contradições (DANTAS, 2009, p. 242).

O vocabulário e a linguagem no interior da Revista Agrícola (SSA) operavam nesse processo de mudanças, o qual foi fundamentado por novas ideias e práticas sociais.

3.1 – As Revistas Agrícolas: uma polifonia

Vários suportes da informação (textos manuscritos, fotografias, imagens em vídeo, periódicos, literatura, entre outros) podem conter uma diversidade de informações sobre a realidade histórica na qual foram produzidos. As sociedades continuamente expressam suas visões de mundo através destes suportes, logo, o senso comum e a ciência também estariam presentes nos discursos textuais e imagéticos. De acordo com Escolar (1996, p. 12) o teórico, no discurso de qualquer

comunidade científica é determinado historicamente por duas condições, uma epistemológica – que supõe o critério de cientificidade, e outra contextual, que faz referência às problemáticas reais. Um discurso pode conter essas duas condições. Condições essas que sofrem determinações das relações sociais inscritas em um espaço/tempo.

A polifonia na Revista analisada estava imersa no interior de visões de mundo. Logo, os discursos na Revista são inteligíveis a partir do entendimento de que a “continuidade de palavras, não significa necessariamente continuidade de significados” (GINZBURG, 2001, p. 42). Dos editoriais aos anúncios, signos, palavras ideológicas, vozes de um tempo ecoam. A princípio uma leitura sem muito significado para o tempo mais recente. Ou restrita para alguns em seu tempo, mas, com um sentido, uma razão de ser produzida continuamente por quatro anos através da Revista Agrícola (SSA).

O discurso polifônico na Revista comportava um vocabulário constante de 1905 a 1908 através dos signos de progresso, publicidade, lavoura, meio rural, agricultor, lavrador.

Ao lado desse vocabulário escrito, um vocabulário visual - elementos decorativos na Revista, como a escolha dos tipos para a escrita da capa da Revista e de alguns anúncios. Uma influência do estilo *Art Nouveau*, considerado no final do século XIX e primeira década do XX como “o estilo internacional das artes decorativas”⁵⁰.

Para Cantarelli (2009, p. 49) foi por meio das artes gráficas que a *Art Nouveau* conseguiu ser divulgada de modo tão amplo e se tornar um estilo realmente internacional.

Inspirada num emaranhado de fontes, desde a escrita japonesa às formas ondulantes das pinturas de Van Gogh, dos ornamentos célticos ao estilo Barroco, passando pelas cores planas e contornos estilizados das pinturas de Gauguin, assim era o tipo de letra art nouveau (CANTARELLI, 2009, p. 55).

⁵⁰ Estilo artístico que floresceu por volta de 1890 na Europa, influenciou a pintura, a arquitetura e as artes ditas menores: manifestações artísticas aplicadas a móveis, tecidos etc. (ver: Cantarelli, 2009, p. 9, esta autora considera que o estilo *art nouveau* nas artes gráficas no Brasil se deu a partir de 1910, o que não significa dizer que a Revista analisada esteja fora dessa periodização, ou que tenha se antecipado, mas estava consoante com o cenário mundial).

A autora destaca ainda o papel da *Exposição Internacional de 1900*, em Paris, que culminou com a ampla divulgação desse estilo, e como o desenvolvimento da arte cartelística (de elaboração de cartazes) ajudou a torná-lo popular, e a sua veiculação nas ilustrações de capas e interiores de livros e revistas (Figuras 7 e 8):

Figura 7 - Tipos orientais no título do estabelecimento comercial e na cidade



Fonte: Revista Agrícola. Anúncio veiculado em 15/01/1905.

Figura 8 - Ornamentos no título e tipos orientais e na identificação da *Sociedade Sergipana de Agricultura*



Fonte: Revista Agrícola. 01/02/1905.

A presença do estilo reconhecido, internacionalizado a partir de 1900 no cenário mundial demonstra que a Revista Agrícola (SSA) não só acompanhava as tendências estilísticas em voga como corroborava com a divulgação de uma arte aplicada à indústria, colaborando na criação de imagens que identificam ideias, desejos, um contributo insofismável ao fetiche das mercadorias:

A luta pela manutenção da lucratividade apressa os capitalistas a explorarem todo tipo de novas possibilidades. São abertas novas linhas de produto, o que significa a criação de novos desejos e necessidades. Os capitalistas são obrigados a redobrar seus esforços para criar novas

necessidades nos outros, enfatizando o cultivo de apetites imaginários e o papel da fantasia, do capricho e do impulso (HARVEY, 2006b, p. 103).

Logo, as fontes de destaque na capa da Revista não eram meras ilustrações, figuravam como parte do capitalismo tipográfico em desenvolvimento, integrava por mais um mecanismo a proposta de simultaneidade. Mais um mecanismo representativo de que as mudanças inerentes à transição para a República foi operada em todo o conjunto da vida social brasileira: na arquitetura, na engenharia, na ciência, na técnica, nos princípios da política, na literatura, nas regras de etiqueta, e a Revista, denominada agrícola, não estava aquém desse processo, acompanhava o discurso, as representações.

3.2 Geopolítica da/na Revista Agrícola (SSA) – mobilidade, “unidade” do discurso, interlocuções

As publicações periódicas possuem um alcance de leitores que pode ser limitado por algumas razões, entre elas, a própria condição dos índices de alfabetização, e o interesse do conteúdo veiculado. Entretanto, mesmo com limites, a força da palavra escrita torna-se uma constante entre as classes dominantes, sobretudo, entre a burguesia ascendente no Brasil a partir do século XIX. A palavra impressa, como motor do capitalismo tipográfico (ANDERSON, 2008) encontra seus meios de reprodução, primeiro nos livros, e mais tarde em diversos formatos de periódicos

Como veículo colaborador da produção de uma linguagem, no dizer de Bakhtin (2008), o discurso reiterado periodicamente nestes suportes promoveu a “unidade do discurso”, mesmo no interior de uma vasta área como o Brasil. Isso ocorre, devido a vários fatores que estimulam a permanência dos discursos sobre determinadas questões em cada contexto. Praticamente em todo o país, no início do século XX, publicavam-se periódicos relativos à agricultura, o meio rural, e quando não havia publicação nos Estados, estes recebiam exemplares de outras localidades brasileiras, como também de outros países (Figura 9).

Figura 9 - Anúncio veiculado na Revista Agrícola (SSA)



Fonte: Revista Agrícola, 01/04/1905.

A produção de um discurso sobre o meio rural sergipano não se fez no isolamento, porque seria parte de uma unidade discursiva. Como então desvelar então as trocas sociais de vocabulários nessa mobilidade da Revista, mobilidade inscrita tanto na sua circulação fora de Sergipe, como na publicação de matérias e notícias de outros periódicos nacionais e estrangeiros?

A Revista Agrícola (SSA), de acordo com as informações registradas nos seus números, atingia internamente outros estados e na escala mundial outros países. Esta estratégia de divulgação compunha uma iniciativa da instituição da qual era a porta voz, a *Sociedade Sergipana de Agricultura*, que previa em seus *Estatutos* a abrangência dessa instituição:

A Sociedade estenderá sua actividade por todo o território do Estado de Sergipe e receberá o concurso de todos os cidadãos ou corporações nacionais ou estrangeiras que queiram concorrer para a efficaz acção⁵¹ da sociedade (ESTATUTOS, Capítulo 1, Art. 3º, p. 5).

E para atingir os seus objetivos, neste sentido:

Para chegar a realização de seus intuitos a sociedade praticará assídua e perseverantemente os seguintes meios: § 4º. Publicação na imprensa diária; § 5º. Manterá um órgão da imprensa seu para propaganda dos interesses da agricultura, do commercio e industrias do Estado; (...) § Activa

⁵¹ A *Sociedade*: “uma aggremação de lavradores, commerciantes e industriaes e seus adeptos, e tem por fim reunir esforços em favor da Agricultura Sergipana ocupando-se de todos os assumptos que possam que possam concorrer para o progresso agrícola, commercial e industrial de Sergipe” (ESTATUTOS, Capítulo 1, Art. 2º, p. 5).

correspondência com as associações congêneres do paiz e do estrangeiro afim de fraterniza-las e pôr em commum as suas luzes e experiencias (ESTATUTOS, Capítulo 1, Art. 5º, p. 6).

Por em commum as suas luzes e experiências significava também ter/entrar em contato com as “congeneres do paiz e do estrangeiro”. Mas, para “por em commum” era necessário dominar a língua oficial⁵² do estrangeiro, assim como dominar o vocabulário do discurso “comum” às classes que preconizavam a modernidade vigente – “as suas luzes e experiências” - os avanços técnicos e científicos.

Desse modo, a imprensa periódica pode ser considerada, no período, como uma das possibilidades de unificar uma linguagem sobre o campo, não no sentido de promover um complô de discursos unificadores a serviço do capital, mas com interfaces com a espacialização do sistema capitalista vigente.

A impressão de textos foi reconhecida como um dos veículos para a simultaneidade dos discursos, e o capitalismo o motor de sua produção, porém, revestido de signos e sinais que o revestem. Anderson (2008, p. 76-77) aponta como primeiras iniciativas de simultaneidade de uso das línguas o uso comum de vernáculos próprios que identificavam determinadas funções e práticas. Segundo o autor:

[...] mesmo antes do prelo e da reforma religiosa, como instrumentos de centralização administrativa, uma vez que o latim na Europa Ocidental nunca correspondeu a um sistema político universal. Contudo, a incomunicabilidade, como uma fatalidade no sentido de uma condição geral de diversidade lingüística, não foi de grande importância até o momento em que o capitalismo (modo de produção e de relações de produção) e a imprensa (uma tecnologia de comunicação) criaram públicos leitores de massa e monoglotas (ANDERSON, 2008, p. 78).

A incomunicabilidade torna-se problema quando limita os acessos aos discursos a serem disseminados. Assim, a imprensa como mercadoria é considerada a chave para a criação de ideias inteiramente novas sobre a simultaneidade (ANDERSON, 2008, p. 71). O capitalismo tipográfico permitiu que “companheiros de leitura, ligados através da letra impressa” se constituíssem em “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 80), nacionalmente e mundialmente. Comunidades nacionalmente imaginadas, em um sentido mais

⁵² Sobre o papel da língua como unificadora das nações em formação, ver: ANDERSON, 2008, p. 128-129.

complexo relacionado à formação de nações, como também de comunidades menores, comunidades de classes que comungam de um mesmo discurso formado por um vocabulário específico.

Assim, a leitura de um alcance geográfico da/na Revista Agrícola (SSA) visa desvelar a formação e a presença de falas impressas de “comunidades imaginadas” a partir de discursos que as unia, da simultaneidade, da troca, da repetição de ideias, como ficou alentado nos *Estatutos* da instituição que criou a Revista, quando propôs “pôr em comum as luzes e experiências” sobre o meio rural (FARO, 1902).

Indicando a possibilidade de uma linguagem para o campo, a sua produção e difusão por classes dominantes através de um produto do capitalismo tipográfico perquire-se a mobilidade e a unidade desses discursos na Revista. Mobilidade (interlocuções, permutas) e unidade (simultaneidade dos discursos) contidas nos editoriais, de seus colaboradores, na sua seção de correspondências, nos anúncios de mercadorias e serviços.

A imprensa a serviço do capitalismo, como produtora de comunidades imaginadas, a partir dos impressos, não tinha fronteiras nítidas, uma vez que o desejo era unificar. Os limites, se existiam, eram os objetivos que as classes dominantes desejavam alcançar. Logo, o mapeamento, o alcance geográfico da Revista Agrícola (SSA) confundia-se com o alcance de projetos simultâneos de um capitalismo tipográfico voltado para o meio rural de forma mundializada. Todavia, existiam singularidades a serem desveladas nos discursos.

A análise do alcance da Revista é mediada pela leitura de seu conteúdo procurando discutir o diálogo existente sobre a produção do meio rural à luz do “fio e rastros” de sua mobilidade com a proposta de unidade dos discursos.

3.2.1 O alcance da Revista Agrícola (SSA)

As notícias sobre a presença de impressos voltados para a área rural é verificada no interior da própria Revista. Uma seção específica destinada a esse fim relaciona os impressos recebidos, assim como o envio e recebimento de correspondências (ofícios e telegramas) ao setor agrícola nacional e mundial (Figuras 10, 11 e 12).

Figura 10 - Jornais e revistas recebidas

JORNAES E REVISTAS

Recebemos pelos ultimos vapores entrados :

A Lavoura Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura—n. 8, *Fortaleza* ns. 2 e 3, *Revista da Semana*—ns. 343 e 344, *Diário do Maranhão*—rs. 9987 a 10.000. *Circular da The Blymyer Iron Works C.* de Cincinnati, Ohi—E. U. A., *Circular* do Tenente Augusto Cesar Alvão, *A Razão*—ns. 46 e 47. *Revista Agricola* de S. Paulo—136, *Jornal dos Agricultores*—ns. 21 e 22, *O Nacional*—ns. 34 e 35, *Circular da Bibliotheca do Rio Grande*, *Projecto e parecer sobre a creação do Ministerio de Agricultura* pelo illustre deputado dr. Tosta.

Fonte: Revista Agrícola, 01/01/1907, p. 459.

Figuras 11 e 12 – Registros de correspondências e impressos recebidos

Correspondencia

Recebemos :

Diário do Maranhão, S. Luiz—Anno . . . XXXIX, ns. 10589 á 10607.

Phenix, Maranhão, S. Luiz,—Anno I, n. 2.

A Mocidade, Maranhão, S. Luiz,—Anno . . . III, n. 20.

Commarca, Maranhão, S. Luiz,—Cestó, Anno VII, n. 344 á 346.

O Municipio, Itabayanna (Parahyba)—Anno I, ns. 26, 27.

Correio de Alagoinhas (Bahia)—Anno IV, n. 186.

A Patria, Rio de Janeiro—Anno III, n. 158 a 159.

Jornal de Alagoas, Maceió—Anno I, n. . . 137 á 140.

Vaterland, Porto Alegre—n. 44.

A Razão, Estancia—Anno XV, n. 46 e 47.

Norte de Sergipe, Propriá,—Anno II, ns. 51 a 519.

O Economista Brasileiro—Anno III, vol. III n. 70 a 72.

Revista da Associação Commercial de Maranhão, S. Luiz—Anno I, n. 6.

A Lavoura Paraense, Pará—Anno II, n. 4.

Boletim da Real Associação Central de Agricultura Portuguesa, Lisboa—Vol. X, n. 10.

Boletim da União dos Syndicatos Agricolas de Pernambuco,—Anno II, n. 9.

Dados Climatologicos da Secretaria da Agricultura do Estado de S. Paulo—2ª serie n. 4.

AGRICOLA

Um estudioso de coisas agricolas pede a V. S. a ficar de remetter-lhe os boletins de agricultura publicados sob vossa intelligencia.

Agradece-lhe profundamente o obsequio, que lhe vae prestar por esta forma.

V. S. poderá enviar as publicações para a Bibliotheca Municipal, onde o signatario deste é chefe de secção ou para Campo Grande, ao Dr. Augusto de Vasconcello, n. 15, Ramal de Santa Cruz, E. F. C. do Brazil.—Solicitação de *Afonso Augusto Costa*.

—

—Pará, 6, X, 1908.—O Museu Goeldi de Historia Natural e Ethnographia recebeu, com especial agrado, as publicações intituladas : *Revista Agricola da Sociedade Sergipana de Agricultura*. Anno IV, n. 89.—Director, *Dr. J. Huber*.

—Pará, 7, X, 1908.—O Museu Goeldi de Historia Nacional e Ethnographia recebeu, com especial agrado, as publicações intituladas : *Revista Agricola da Sociedade Sergipana de Agricultura*. Anno IV, n. 90.—Director, *Dr. J. Huber*.

—

—Düren, Allemanha.—Amigo e Sñr.—Pela presente nos permittemos rogarlhe nos mande um exemplar do seu jornal

Desde ja lhe agradecemos e ficamos com estima seus at^{os} e obrg^{os} Amm^{as} e C^{as}, *Carl Schleicher & Schull*.

Mucho le agradecemos á Usted por sus excelentes esfuerzos en beneficio de «La Hacienda» y sinceramente confiamos ser útiles á Usted y á todos sus miembros.

Con gusto hemos anotado el nombre de «La Revista Agricola» en nuestra lista de conjes y esperamos ser favorecidos con sus visitas.

Deseando su apreciable correspondencia nos repetimos de Usted sus SS. SS.—La Hacienda Company.—B. S. Humacher, Dpto. de suscripciones.

—Bibliotheca Municipal.—Districto Federal, 21 de Novembro de 1908.—Illm. Sr. Dr. Director da Secretaria de Agricultura do Estado de Sergipe.

11

—Prière d'insérer et d'envoyer le numéro du Journal.—Agenda Aide-mémoire agricole pour 1909, par G. WÉRY, sous-directeur de l'Institut national agronomique 1. vol. in-18 de 288 pages. Broché : 2 fr. ; cartonné : 3 fr.

Avec un *Almanach agricole*, ensemble 438 pages, dans un portefeuille en maroquin bleu : 3 fr. 50 (Librairie J.-B. Baillié et fils, 19, rue Hautefeuille, á Paris).

Que ce soit un homme de science sorti de l'Institut agronomique, un praticien émérite institué dans les Ecoles d'Agriculture, ou un cultivateur avisé vivant de tradition, l'agriculteur moderne a sans cesse besoin de renseignements qui se traduisent par pes chiffres dont les colonnes longues et ardues

Fonte: Revista Agrícola, 15/12/1908, p. 927-928.

A troca de informações de diversas ordens é uma tônica no período de veiculação da Revista. Além dela, uma busca por outras fontes que pudessem iluminar os rastros dessas permutas, de sua mobilidade. Um exame preliminar em fontes primárias - correspondências do fundo documental relativo recebida da administração pública do Executivo de Sergipe⁵³ - aponta para uma variada demanda por informações como a necessidade de reunir documentos com o maior número possível de informações econômicas, sociais, geográficas, históricas a exemplo desse fragmento: “não precisa encarecer a conveniência de existir na principal bibliotheca da Capital da Republica uma colleção completa das publicações d’esse Estado, afim de attender ás justas exigências de consulta publica (...)” (APES, Fundo G¹, vol. 2249, Correspondências Recebidas. Ofício, 14/04/1908)⁵⁴.

As permutas de informações referem-se a uma necessidade do Estado e de instituições formuladoras de “identidades” imaginadas pela mentalidade vigente (ANDERSON, 2008, p. 229) na qual os censos, mapas e museus constituem-se em ferramentas poderosas ao lado dos impressos, no processo de classificações. Como exemplo, Benedict Anderson cita a nova concepção da realidade espacial imposta na Tailândia por volta de 1900 com a publicação de um livro de geografia que passou a ser um modelo para todos os materiais geográficos impressos no país, o que gerou um impacto no vocabulário da política tailandesa, as palavras que se referiam a lugares sagrados desapareceram, e no lugar delas novos termos, como “país” para designar e unificar a identidade cultural anterior (ANDERSON, 2008, p. 238):

As propostas de standardizar a padronizar técnicas, ferramentas agrícolas, vocabulários, convenções, antes baseadas nos “costumes em comum”⁵⁵ (THOMPSON, 2002), foram substituídas ou reestruturadas em processos complexos propiciados sobretudo pela “grande indústria”:

A grande indústria, apesar desses meios protecionistas, universalizou a concorrência (ela é a liberdade da prática do comércio, a tarifa protecionista é nela somente um paliativo, uma arma de defesa na liberdade do comércio), criou os meios de comunicação e o moderno mercado mundial, submeteu a si o comércio, transformou todo o capital em capital industrial e gerou, com isso a rápida circulação (o desenvolvimento do sistema

⁵³ Levantamento efetuado no Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES).

⁵⁴ Ofício de N. 81 do Diretor da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, para o então Presidente do Estado de Sergipe, o Desembargador Guilherme de Souza Campos.

⁵⁵ “Crenças não escritas, normas sociológicas e usos asseverados na prática, mas jamais registrados por qualquer regulamento” (THOMPSON, 2002, p. 88).

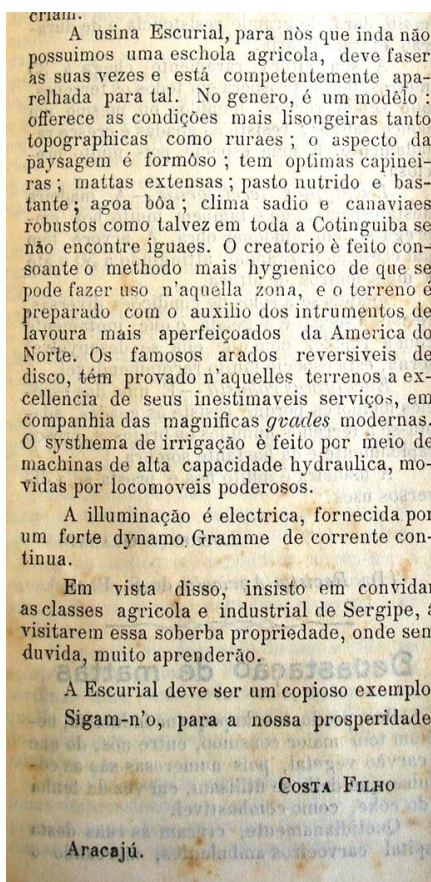
monetário) e a centralização dos capitais (...) A grande indústria, em geral, criou por toda parte as mesmas relações entre classes da sociedade e suprimiu por meio disso a particularidade das diversas nacionalidades (MARX; ENGELS, 2007, p. 60; 61).

Na tentativa de estabelecer um desenvolvimento econômico comum em consonância com um “comércio mundial à luta universal da concorrência” proliferavam as publicações voltadas para o fim de estabelecer critérios padronizados, a partir de uma linguagem comum, reconhecidamente válida. Por outro lado, apesar da ideia de unidade, figura a contradição - o isolamento, provocado pela concorrência:

[...] a concorrência isola os indivíduos uns dos outros, não apenas os burgueses, mas ainda mais os proletários, apesar de agregá-los. Por isso transcorre sempre um longo período antes que os indivíduos possam se unir, sem contar que, para essa união – quando não for meramente local -, os meios necessários, as grandes cidade industriais e as comunicações acessíveis e rápidas, têm de primeiro ser produzidos pela grande indústria (MARX; ENGELS, 2007, p. 62. Grifo nosso).

A transição do modo de produção não [foi] é igual para todos os países, as mudanças necessárias para a instalação do capitalismo operam no interior de tempos e de espaços históricos específicos, contudo os rastros de suas características mais destacadas apresentam-se. Um exemplo dessas mudanças foram as de inovações técnicas e sua padronização. A Revista Agrícola (SSA) em duas séries de matérias intituladas “Uzina Escorial I” e “Uzina Escorial II”, publicadas, respectivamente em 1907 e 1908 apresentava rastros desse “horizonte técnico”. O autor destacava a figura de um “jovem trabalhador sergipano” e o desenvolvimento em sua propriedade rural de condições mais favoráveis e modernas no cultivo da cana, um modelo que devia servir de “copioso exemplo” (Figura 13):

Figura 13 – Trecho da matéria
“Uzina Escurial”

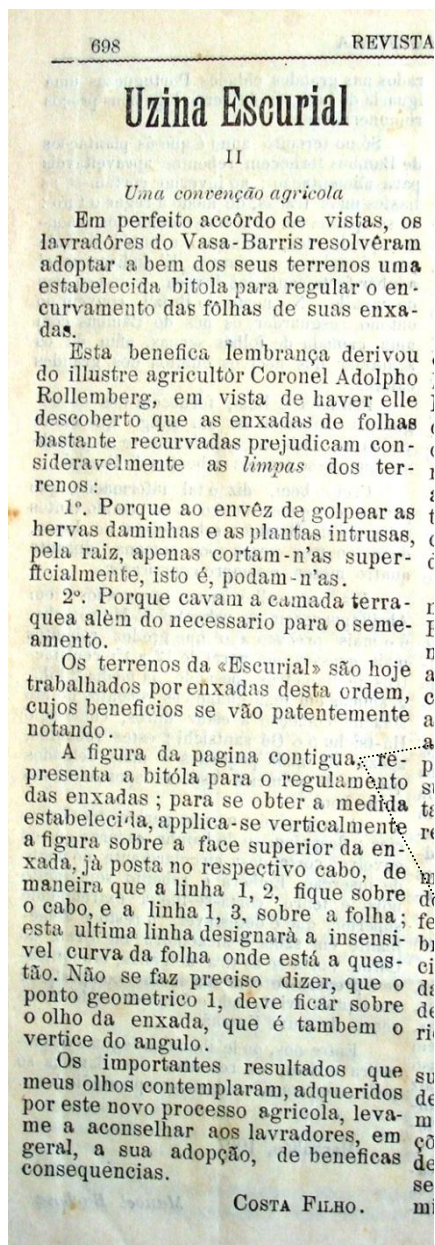


Fonte: Costa Filho, 15/12/1907, p. 684.

Na parte II da matéria “Uzina Escurial” – *Uma convenção agrícola*, o mesmo agricultor é louvado por estabelecer a padronização das medidas uma das ferramentas agrícolas utilizadas nas terras da referida usina. Uma iniciativa que foi seguida entre os lavradores do Vasa Barris⁵⁶: “uma bitola para regular o encurvamento da folha de suas enxadas” (Figuras 14 e 15):

⁵⁶ Relativo à bacia do rio Vasa Barris.

Figuras 14 e 15 - Trecho da matéria “Uzina Escurial” e o desenho da bitola da enxada



Fonte: Costa Filho, 01/01/1908, p. 698.

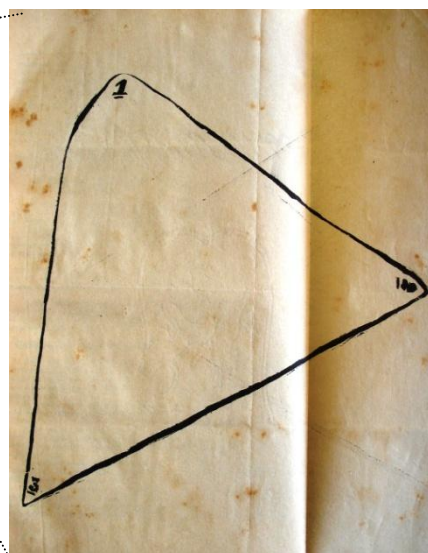


Figura na página contígua

Em tempo de arados modernos, a definição de uma bitola de enxada parecia dispensável. Todavia para o tempo/espaço histórico analisado configura-se entre as medidas preconizadas pelo avanço da técnica no meio rural brasileiro que visava integrar o campo ao progresso pretendido. A simultaneidade dos discursos possuía também a sua materialidade. A utilização de ferramentas simultâneas garantia um melhor desempenho entre os lavradores, os objetos passavam a assegurar, junto aos discursos veiculados nos impressos, uma produção moderna do campo, apta às demandas do capital.

A proliferação de objetos e o estímulo ao seu consumo por meio do fetichismo das mercadorias marcam consideravelmente o processo de industrialização no mundo ocidental, principalmente na segunda metade do século XIX imprimindo marcas de uma cultura material relacionada a um “modo de vida burguês” (LIMA, 1995).

Uma profusão de objetos integrava uma realidade social que dependia também da aquisição de elementos materiais os mais diversos, como forma de projeção social (Figura 16).

Figura 16 - Anúncio de “magasin” e os produtos comercializados.



Fonte: Revista Agrícola, 01/05/1905.

Assim, em tempo que figuravam nos discursos a intenção de unidade das classes, desvelavam-se intenções de isolamento por conta da concorrência. Como também, dentro de uma mesma classe de indivíduos singulares, quando desejam promover uma luta contra uma mesma classe uniam-se, mas, quando não, eles mesmos posicionavam-se uns contra os outros, como inimigos na concorrência (MARX; ENGELS, 2007, p. 63).

Um mapeamento das publicações divulgadas na Revista Agrícola (SSA) (anseios de uma “grande indústria”) indicava a proposta de unir um discurso em prol de um objetivo comum: desenvolver a grande lavoura brasileira. Para atingir esse fim projetou-se uma “unidade” e, contraditoriamente, um “isolamento”. Apenas as classes (em definição) de lavradores proprietários, comerciantes, industriais, políticos, intelectuais puderam ter acesso direto, mas provavelmente, a assimilação

da ao menos do vocabulário tornou-se corrente em todos os segmentos da sociedade.

A historiografia sobre a imprensa brasileira costuma afirmar sobre as fronteiras entre os impressos e o público não leitor, todavia sabe-se que o conteúdo impresso pode ter sido repassado por outros meios informativos, como o meio oral da difusão do impresso. Provavelmente não da mesma forma como ocorrido na área rural da Europa conforme observou Chartier: “na área rural (para a qual não dispomos de pesquisas sistemáticas comparáveis às que foram feitas sobre os inventários de Amiens), o acesso coletivo ao livro impresso pode conhecer duas modalidades: uma comunitária, outra senhorial. Será que a vigília campo” (CHARTIER, 2004, p. 103). Sobre a leitura comunitária o autor observa a possibilidade de leituras nas vigílias camponesas, o que demonstra uma penetração do impresso no campo, ao lado do repasse de informações por meio da leitura senhorial, principalmente daqueles senhores de terra que liam a partir de livros trocados, doados, emprestados principalmente pelos párocos. O autor destaca entre as leituras os almanaques, gênero que se estendeu com grande aceitação e popularidade, neste tempo analisado por Chartier, o de Nostradamus, determinava entre outros quesitos os melhores dias do ano para o trabalho. Prática que apareceu disseminada também no Brasil.

Em Sergipe são encontrados alguns exemplares de almanaques em acervos públicos a exemplo do Almanaque Brasileiro Garnier (Figura 17), continha calendários, notícias astronômicas, estatísticas, populacionais, curiosidades várias etc.

Figura 17 - Capa do Almanaque Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro, 1908



Fonte: acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE). Reprodução fotográfica: autoria própria, 2010.

Cohen (2008, p. 109) analisa que o gênero almanaque foi de larga tradição na cultura ocidental, introduzido no Brasil desde o Império, cumpriu um papel fundamental na divulgação do conhecimento para o público amplo, constituindo ao mesmo tempo veículo de disseminação de padrões culturais, valores e códigos sociais, um instrumento de consulta para várias utilidades⁵⁷.

Entre jornais, revistas, almanaques, A Revista Agrícola (SSA) também estava inserida na proposta ideológica vigente na qual o Estado republicano brasileiro estava preocupado em impor uma racionalidade que correspondesse às transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas na Europa no último quartel do século XIX:

A chamada segunda Revolução Industrial havia imposto uma dinâmica sem precedentes à economia européia e americana, com reflexos por todo o globo terrestre. No caso do Brasil, essas mudanças no cenário internacional foram de grande importância, pois favoreceram a aplicação de capitais

⁵⁷ Sobre estudo de almanaques ver: Nogueira, 2008.

estrangeiros no país como o Funding Loan, em 1898, que restaurou a situação financeira do país e viabilizou a remodelação da capital federal. . Entretanto, não foram apenas as remessas de dinheiro que entraram no país. O Brasil do século XIX viu surgir, em seu interior, um conjunto de valores e modelos que a elite dirigente desejava incorporar como referência para a sociedade, inspirados no modelo puritano, ascético e europeu e ganharam corpo nas reformas sanitárias, pedagógicas e arquitetônicas deste século. Valores aglutinados em formulações filosóficas e científicas que procuravam ter junto à sociedade um efeito moral, normatizador. A palavra de ordem era sintonizar-se como a Europa, ou melhor, “civilizar-se” o mais rápido possível, de modo que o país pudesse, o quanto antes, competir no mercado internacional. Assiste-se naquele momento, à procura de inovações no campo da ciência aplicada. A ciência passava a ser considerada “crucial” para o “destino da nação” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 26).

A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada por essa conjuntura favorável. O campo gráfico operou transformações intensas e impactantes. O surgimento de um mercado consumidor, o estímulo à produção interna do papel. A imprensa periódica figurou em seguimento polivalente, na otimização da lavoura, do comércio, da indústria, e das finanças, “a propaganda e a publicidade nela estampadas influenciavam aqueles circuitos, dependentes do impresso em suas variadas formas”, ampliavam os meios de comunicação e potencializavam o consumo (ELEUTÉRIO, 2008 p. 83), uma discussão que reflete a simultaneidade dos impressos no capitalismo tipográfico.

3.2.2 Periódicos e outros impressos recebidos na Revista Agrícola (SSA)

A permuta de impressos entre instituições apresentava-se com frequência na *Revista* analisada. Do ano de 1905 a 1908 foi corrente a publicação dos títulos provenientes de outros estados brasileiros e de países estrangeiros. A notificação de ofícios e telegramas recebidos certificavam a distribuição da Revista Agrícola (SSA) em outras paragens (Quadro 2 e Figura 18)

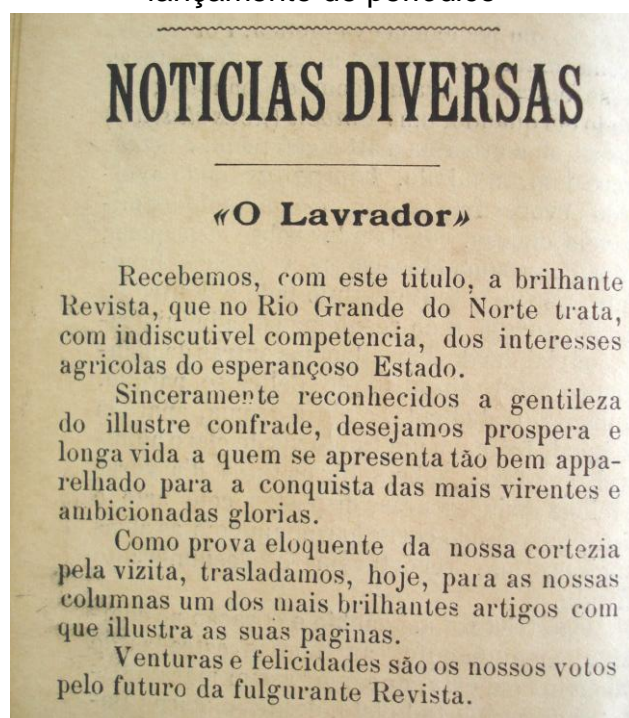
Quadro 2 - Exemplos de impressos recebidos e registrados na Revista Agrícola (SSA)

Títulos	Procedência	Ano da Revista	Obs.
A Cultura do Café no Brazil	Chile	1908	Remessa da Delegação Brasileira da Associação de Propaganda Salitreira do Chile
A Lavoura, Boletim da Sociedade Nacional de Agricultura	Rio de Janeiro	1908	-
Agricultor Practico de Recife	Pernambuco	1905	-
Anales del Departamento de Ganadery e Agricultura	Montevideo (Uruguai)	1908	-
Avante	Rio de Janeiro	1908	-
Bahia (A)	Bahia	1908	-
Boletim da Secretaria de Agricultura, Commércio e Industria da Bahia	Bahia	1905	-
Boletim da Agricultura, Commercio e Obras de São Paulo	São Paulo	1905	-
Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa	Portugal	1907; 1908	-
Boletim da Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado da Bahia	Bahia	1906	-
Boletim da União dos Sindicatos Agrícolas de Pernambuco	Recife	1908	-
Boletim do Instituto Agronomico	São Paulo	1908	-
Boletim do Museu Goeldi	Museu Paraense	1908	Vol. V, n. I
Catalogo da Librarie J. B. Bailhé et Fils	Paris	1908	Rua Hantefenili, 19, Paris. Onde se encontra notável coleção de obras sobre a agricultura
Catalogos da Casa Flora	-	-	-
Catalogos da Hortulania	-	-	-
Catalogos da Loja da China	-	-	-
Catálogos de F. Upton e Cia.	-	-	-
Catalogos de Henri Rodgers	-	-	-
Comarca	Codó (MA)	1908	-
Correio de Alagoinhas	Bahia	1908	-
Diário do Maranhão	São Luiz	1905; 1908	-
Economista Brasileiro (O)	-	1907 1908	-
Entomologista Brasileiro (O)	-	1908	Com artigos veiculados na Revista
Gazeta de Notícias	Rio de Janeiro	1906	-
Grito (O)	Bahia	1908	-
Jornal de Alagoas (O)	Maceió	1908	-
Jornal de Sergipe	Aracaju (SE)	1908	-
Jornal dos Agricultores	Rio de Janeiro	1906 1907 1908	-
La Hacienda	Buffalo/N. Y./E.U.A.	1908	Revista mensal ilustrada, com uma seção de leitura em português

Lavoura Paraense (A)	Pará	1908	-
Lavrador – Sociedade Nacional de Agricultura (O)	Rio de Janeiro	1906	-
Lavrador (O)	Rio Grande do Norte	1906	-
Magneto – Jornal das experiências maravilhosas	Rio de Janeiro	1908	-
Nacional de Penedo (O)	Penedo (AL)	1907; 1908	-
Norte de Sergipe	Própria (SE)	1908	-
Paiz (O)	Rio de Janeiro	1906 1907; 1908	Artigos Assinados por G. Rossi (Florianópolis)
Pátria (A)	Rio de Janeiro	1908	-
Phamix	São Luís (MA)	1908	-
Província do Pará	Pará	1906	-
Razão (A)	Estância/SE	1905; 1907; 1908	-
Revista Agrícola da Sociedade Catharinense de Agricultura	Florianópolis	1908	1º numero
Revista Agricultura do Rio Grande do Sul	Pelotas	1908	-
Revista da Semana		1908	-
Revista del Ministerio de Obras Publicas y Fomento	Bogotá (República da Colômbia)	1908	-
Revista Mineira		1907	-
Rurigena (O)	Jequié/BA	1908	-
Vaterland	Porto Alegre	1908	Periódico editado em alemão
Verdade e Luz	São Paulo	1908	-

Fonte: Revista Agrícola, edições de 1905 a 1908.

Figura 18 – Exemplo de notícia sobre lançamento de periódico



Fonte: Revista Agrícola, 01/04/1906, p. 288.

3.2.2.1 Interlocuções de projetos entre as Revistas Agrícolas para o campo brasileiro – simultaneidade do discurso

A mudança do regime escravo para o trabalho livre figura na historiografia brasileira como um processo, na maioria das vezes, representado em termos estatísticos, sem levar em conta suas singularidades (EISENBERG, 1989). Os números informam sobre o montante de pessoas escravas que deixaram o trabalho no eito da lavoura e serviços nas áreas urbanas e ficaram à mercê da boa vontade de políticas que as apresentasse um destino. Por outro lado, reminiscências do trabalho escravo no Brasil parecem tomar novas feições, mesmo abolido o regime servil, devido à falta de meios para abrigar a força de trabalho “disponível”.

Em 1905, a Revista Agrícola (SSA) noticiava sobre a “venda de homens” a partir do “aliciamento de patrícios sergipanos para trabalhar nas plagas da Amazônia” (REVISTA AGRÍCOLA, 1905, p. 67). As demandas externas, mais uma vez, estabeleciam as diretrizes para novos produtos, e, no início do século XX, a extração do látex nos seringais amazônicos, ou da maniçoba nos sertões nordestinos, para a fabricação da borracha davam o mote para novas fronteiras agrícolas e novas mercadorias, sobretudo os seringais amazonenses que compulsavam trabalhadores livres e sem emprego, que diante às suas condições precárias de existência submetiam-se às ofertas. Como informou a notícia veiculada: “em adittamento à carta que a pouco vos escrevi, vou pela presente dizer-vos que fui informado de que o tal aliciador de trabalhadores ou de patrícios nossos para conduzi-los aos seringaes do citado Amazonas, receando embarcar-se ahi com todo o seu sequito, pretende conduzi-lo em pequenos lotes pelo Timbó” (Revista Agrícola, 1905, p. 67).

A classe agrícola alarmada com a notícia não era a de trabalhadores do campo, mas dos proprietários de grandes estabelecimentos rurais que se reestruturavam na nova ordem política, preocupados com a “organização do trabalho” e com essa “venda de homens”, principalmente, com os seus efeitos sobre a lavoura sergipana: “tal exploração altamente perturbadora dos interesses da lavoura já a míngua de braços para o trabalho, exploração que é antieconômica, antichristã, e, sobretudo, humilhante para nós” (Revista Agrícola, 1905, p. 67). Além de que assolava, segundo o discurso na Revista, uma atroz força de vontade da classe agrícola para a definição de saídas para lidar com a transformação em curso:

um cenário de múltiplas demandas de produtos até então desconhecidos ou pouco utilizados entre os lavradores sergipanos.

Somada às novidades, a queda dos preços do açúcar, do algodão e do café provocou verdadeiros clamores entre as classes rurais brasileiras (CAMPOS, 2001; MOREIRA, 1905, p. 122) no final do século XIX e início do XX, de forma que várias medidas foram tomadas efetivamente, e outras figuraram como desejos representados em discursos ecoados principalmente nos jornais e revistas. A necessidade de expansão de novos cultivos era proclamada como solução, porém, esbarrava em um incipiente conhecimento do meio natural, sob os auspícios da ciência e da técnica, na falta de crédito rural, profissionais qualificados, organização do trabalho ameaçada por golpes como a “venda de homens”, assim como o comodismo de lavradores e de trabalhadores rurais, considerado no discurso veiculado na Revista Agrícola (SSA) pior que muitas pragas na lavoura.

Como solução, ou para minimizar os efeitos dessa avalanche de problemas que ameaçava a acomodada economia agrícola, passa a ser recorrente a realização de eventos, a criação de associações e periódicos voltados para o meio rural que se avolumavam. A distribuição de sementes, de monografias técnicas para orientação de antigos e novos produtos agrícolas, propostas de novas formas de organização do trabalho com a imigração, os projetos de criação do ensino agrícola para formar uma força de trabalho qualificada, o conhecimento e desenvolvimento de estudos zootécnicos, botânicos, entomológicos, a criação de instituições de pesquisa, a organização de viagens para o conhecimento de novas técnicas, a definição de linhas de crédito rural, a troca constante de informações sobre a solução de problemas figuram como saídas que evidenciam a estruturação de uma imagem para o meio rural brasileiro e de seus respectivos estados federados.

3.2.2.2 Organizar o trabalho e a lavoura

É a lavoura o ponto de apoio em que se firmam as nações (OLIVEIRA, 01/07/1905, p. 109).

O trabalho, no discurso da Revista Agrícola (SSA), compreende as ações que envolvem lavrar a terra de forma técnica e científica de forma a aumentar e melhorar a qualidade da produção de seus resultados uma garantia para o progresso com a geração de lucros para investimentos na indústria e no comércio.

Organizar a lavoura significava pensar e agir de forma racional, científica, técnica. Ações ainda aquém da realidade sergipana, e das vontades de quem prescrevia, naquele período, os caminhos acertados para a lavoura no início do século XX:

Tudo que a chimica ensina, que a mechanica inventa, que a meteorologia prescreve em suas relações applicaveis a lavoura, todo o lavrador sergipano, salvo honrozissimas excepções, desconhece inteiramente (...) quem tem de applicar-se a qualquer arte, vae a officina onde ella se executa, e pratica desde creança, aprendendo e trabalhando, quem tem de dedicar-se, porém, a lavoura, nada estuda relativamente a ella, nada aprende e vae seguir a mesma rotina de todos os tempos, de todas as gerações que se vão succedendo, sem nada adiantar, sem nada conseguir (OLIVEIRA, 01/07/1905, p. 110).

Devido à justificativa de rarefação desses avanços técnico-científicos em terras sergipanas, as práticas oriundas de outros estados do Brasil e de outros países eram naturalizadas e disseminadas. Havia uma intenção de unificar procedimentos, de forma que é recorrente na Revista a veiculação de matérias publicadas em periódicos congêneres que visava suprir essa lacuna da produção local, de informações científicas para a solução dos problemas da lavoura, como também unificar os discursos, como exemplo, a publicidade de diversos produtos e serviços que passaram a ser comercializados e oferecidos em Sergipe.

Logo, a veiculação de anúncios sobre escritórios de importação e exportação, magazines, lojas de ferragens, e de matérias, algumas com títulos pitorescos: moléstias do gado, sobre o melhor arado, a manteiga de coco, o grude para enxertos, as bananas do Brasil, a conservação de ovos etc., infere sobre a possibilidade de conceber as tentativas de formular a unificação de uma linguagem técnico-científica para o campo brasileiro e, ao mesmo tempo, estabelecer as diferenças entre nações e as diferenças internas, como analisam Marx e Engels (2007, p. 89):

As relações entre diferentes nações dependem do ponto até onde cada uma delas tenha desenvolvido suas forças produtivas, a divisão do trabalho e o intercâmbio interno. Mas não apenas a relação de uma nação com outras, como também toda a estrutura interna dessa mesma nação dependem do nível de desenvolvimento de sua produção e de seu intercâmbio interno e externo.

Um dos meios para esse intercâmbio foi a utilização da imprensa como recurso para garantia de seu êxito: “a imprensa como mercadoria é a chave para a criação de ideias inteiramente novas sobre a simultaneidade” (ANDERSON, 2008, p. 71), uma simultaneidade almejada por aqueles defendiam um meio rural desenvolvido, mas, que existem contradições.

3.2.2.3 “Separar para prosperar”

Apesar da simultaneidade de discursos, a fim de produzir um modelo uníssono para o meio rural brasileiro, observa-se no interior da pretensa unidade discursiva a existência de fronteiras, uma delimitação de opostos na produção do espaço. Opostos definidos de maneira geral, entre aqueles que estavam aptos a vencer os obstáculos da natureza, do meio, e os que deviam apenas seguir as suas determinações: “a que ponto as forças produtivas de uma nação estão desenvolvidas é mostrado de modo mais claro pelo grau de desenvolvimento da divisão do trabalho” (MARX; ENGELS, 2007, p. 89). Porém, esses limites não eram evidentes, estavam diluídos, nos discursos, entre palavras diversas que ocultavam a realidade social, estabeleciam isolamentos (MARX; ENGELS, 2007, p. 62) de forma a evitar conflitos e barrar aproximações. Logo, separar para prosperar: “na sociedade burguesa, a agricultura transforma-se mais e mais em simples ramos da indústria e é dominada completamente pelo capital” (MARX, 1996, p. 45).

4. “HOMENS DE LETTRAS” E SUAS INSTITUIÇÕES, AS CLASSES AGRÍCOLA, INDUSTRIAL E COMERCIAL, E OS “SOBREDESTINATÁRIOS”

Antes de compreender a estrutura e o funcionamento da Revista Agrícola (SSA), é necessário situar a sua produção no interior dos projetos para o campo sergipano a partir de 1860, assim como o perfil de seus principais redatores e colaboradores. A partir de um entendimento para as vozes do/no texto na Revista, tem-se: o autor (o destinatário primário), que, em vários momentos comportava-se como seu próprio destinatário quando escrevia sobre a ausência de retorno para os seus discursos, e que, independente de retorno, continuaria a dizê-lo; o destinatário secundário – as classes que correspondiam ao discurso e também os contrários ao discurso, entre as quais buscavam estabelecer comunicação e uma linguagem⁵⁸ por meio dos discursos; e os “sobredeterminatários” – os que estavam além da extraterritorialidade da Revista Agrícola (SSA) – duas pessoas falam e uma se dirige a um terceiro invisível, em busca de um mediador para reforçar o discurso entre autor e destinatário.

No discurso sobre o campo sergipano as instituições situavam-se no interior da linguagem produzida. No papel das diferentes vozes do discurso: asseguravam, legitimavam e, sobretudo, garantiam a disseminação de uma linguagem.

As instituições, além da própria Revista Agrícola (SSA) estavam situadas em um período de 1860 a 1908. Do *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* (IISA) à *Coligação Assucareira*, administradas por “homens de letras” da lavoura sergipana que atuavam na propaganda agrícola, e muitos também no comércio e na indústria.

As instituições foram produzidas de forma a unificar ideias e práticas em prol dos entraves ao progresso. Em um país que era, naquele tempo, rarefeito de instituições nos moldes do pensamento ilustrado – científico e racional -, as dificuldades pareciam ser muitas. A pouca tradição de instituições técnico-científicas, associada a incipiente homogeneidade de pensamento social para o Brasil emperrava o sucesso dos empreendimentos institucionais, como se pode ler mais adiante sobre o funcionamento do *Imperial Instituto de Agricultura em Sergipe*.

⁵⁸ Para Bakhtin comunicação ocorre mesmo entre seres não humanos, como nas abelhas, por exemplo, a linguagem por sua vez as possibilidades de resposta são infinitas, ocorre o diálogo e a possibilidade de citar um outro (AMORIM, 2004, p. 97).

Como analisa Gualtieri (2008, p. 231) sobre ciência e educação nos museus brasileiros entre 1870 a 1915:

No período estudado, nossas elites buscavam transformar em realidade o sonho de ser moderno e civilizado e essas instituições se tornaram um importante elemento para tal realização, não só porque produziam uma ciência que podia contribuir para atender aos interesses econômicos e sociais daquele momento, mas também porque produzir ciência já era um indicador de modernidade.

Museus, institutos, faculdades, sociedades, comícios, revistas e tantos outros tipos de instituições gestadas no século XIX figuravam como itens necessários ao modelo de modernidade vigente.

4.1 O *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* – marco fundador do discurso sobre a lavoura sergipana – “animar e desenvolver a agricultura” (1860 a 1884 ?)

Em trabalho histórico pioneiro para a historiografia sergipana, Luiz Mott explorou, no início da década de 1970, analisou uma série de documentos do Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) relativos à agricultura em Sergipe, entre eles o *Livro de Atas do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* como a identificação de uma instituição que figurou como um marco na história do pensamento sobre o meio rural sergipano. O *Instituto*, no dizer de Mott (1973) incorporava a “ideologia do progresso” que principiava em todo o país: “regenerar a agricultura para o progresso do país”.

O *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* (IISA) foi criado em 20 de janeiro de 1860. Seus Estatutos foram aprovados em 09 de junho no mesmo ano, e no dia 02 de dezembro esta instituição foi instalada (EXPOSIÇÃO... 1860, p. 3).

Sobre a análise do *Livro de Atas* (1860) examinado por Mott em 1973, como também demais documentos relacionados a esta instituição, permanece o fulgor da pesquisa desse autor, discorda-se apenas do ar corriqueiro conferido à informação, de que, o *Instituto* foi fundado na ocasião da passagem do Imperador por Sergipe, rumo à Cachoeira de Paulo Afonso, na qual “resolveu” o Imperador “criar um órgão

para incrementar a agricultura” (MOTT, 1973, p. 7). Não se tratava de “resolver” criar algo, mas de executar um projeto a fim de sanar problemas. Aspecto que pode ser visualizado nos trabalhos sobre a criação do Imperial Instituto Baiano de Agricultura (IIBA) (TOURINHO, 2000; ARAÚJO, 2010) que contemplam, respectivamente, a criação e a formação da Agronomia como campo disciplinar na Bahia. Para Araújo (2010), a criação do IIBA inseria-se no projeto de formar “agricultores ilustrados” no Brasil.

Rodrigues (1987, p. 26) por sua vez, sobre esses institutos, observa:

Não restam dúvidas quanto às determinações sociopolíticas e econômicas que induziram à criação dessas organizações [os Imperiais Institutos de Agricultura (BA, RJ, PE, SE, RS)] de experimentação e ensino agropecuário, na segunda metade do século XIX, quando o sistema agroexportador, baseado no trabalho escravo, mostrava evidentes sinais de crise.

A visita do Imperador D. Pedro II a Sergipe em 1860 trouxe muito mais que orgulho aos sergipanos⁵⁹, inseria-se nos projetos imperiais brasileiros de redimensionar os problemas enfrentados diante da eminente crise econômica proporcionada pelos efeitos do contexto europeu. De forma a conhecer os problemas de perto, fundar instituições significava pensar soluções e projetos para a crise, criar e/ou dar continuidade a projetos de pensar a nação brasileira iniciados no Primeiro Reinado.

Como analisou Pádua (2004, p. 173) sobre esta função das instituições:

A existência de uma Sociedade Auxiliadora da Indústria, de um Instituto Histórico e Geográfico, de uma Academia de Belas-Artes, de um Museu Nacional, de uma Academia de Medicina, de um Instituto de Agricultura, era um elemento essencial para a construção - inclusive simbólica - da ordem nacional.

A continuidade dessas instituições não era garantida. Todavia algumas questões se propagaram, como o problema do trabalho compulsório (do período colonial com efeitos diretos até os primeiros anos do século XX) e suas consequências, da propriedade privada da terra e do estabelecimento de mecanismos para garantir o controle dos meios de produção (MARTINS, 1986; FRANCO, 1997; PRADO JÚNIOR, 1998). Para resolver essas questões quase

⁵⁹ Ver toda a programação e passo a passo da visita imperial e seus desdobramentos nas páginas do Correio Sergipense do primeiro semestre de 1860.

infinitas, um pensamento e estruturas específicas que, segundo Pádua (2004, p. 173) tinham duas motivações principais: criar espaços de atuação para a elite intelectual e cumprir a tarefa civilizadora da nação que incluía a fundação e manutenção de instituições de pesquisa.

Pode ser acrescentada uma terceira motivação que é explorada nesta Tese: o papel dos mecanismos impressos, no caso um periódico, produzido como parte do processo de instalação do capitalismo no Brasil, no interior do que Anderson (2008) denominou de capitalismo tipográfico.

Por mais que alguns autores defendam como puro diletantismo, em favor de uma prática científica brasileira, com uma origem determinada, somente por um desejo da própria comunidade científica da época de abrir espaço específico para a ciência que produziam (FIGUEIRÔA, 1998, p. 120), deve-se considerar que as práticas científicas e seus cientistas, mesmo vistos como a-políticos, estavam vinculados de alguma forma a um contexto político-ideológico, e sua negação política era também uma atitude política. A análise da ciência sob uma perspectiva denominada por Thuillier de 'internalista' é insuficiente para o entendimento de algumas questões inerente ao fazer científico. Para este autor "a epistemologia nunca é separável do social" (THUILLIER, 1989, p. 19).

Os discursos veiculados por esses intelectuais estavam, na maioria das vezes, fundamentados em práticas efetivas, e fomentaram a formação de uma ideia homogênea para o que desejavam produzir. Negar esses meandros da história é negar o próprio funcionamento cultural da ciência (THUILLIER, 1989).

Mesmo em nível simbólico, conforme observa Chauí (2006, p. 13-14), as ações diversas e a sua materialidade, até as mais improváveis, o capitalismo as absorveu de alguma forma:

[...] a aquisição de semióforos se torna insígnia de riqueza e de prestígio, pois o semióforo passa a ter uma nova determinação, a de seu valor por seu preço em dinheiro. Não só isso. A hierarquia religiosa, a hierarquia política e a hierarquia da riqueza [a ciência poderia aqui caber] passam a disputar a posse dos semióforos, bem como a capacidade para produzi-los: a religião estimula os milagres (que geram novas pessoas e lugares santos⁶⁰), o poder político estimula a propaganda (que produz novas pessoas e objetos para o culto cívico) e o poder econômico estimula tanto a aquisição de objetos raros (dando origem às coleções privadas) como a descoberta de novos semióforos pelo conhecimento científico (financiando pesquisas arqueológicas, etnográficas e de história da arte).

⁶⁰ Não se referem aqui aos cultos populares espontâneos, não apropriados por religiões oficiais.

Afirmar que estudos sobre o processo de institucionalização das ciências no Brasil têm indicado que alguns espaços institucionais resultaram de iniciativas de cientistas que, interessados em conseguir sustentação para suas pesquisas puras e aplicadas, e se afirmarem profissionalmente em suas carreiras, “lograram convencer o governo - porque esse também se mostrava receptivo a criar determinadas instituições” (FIGUEIRÔA, 1998, p. 120), sem considerar uma lógica de manipulação nesse processo, soa como uma negação de um contexto, sobretudo em um tempo que “era a partir da ciência que se reconheciam diferenças e se determinavam inferioridades” (SCHWARCZ, 1993, p. 28). As instituições, mesmo as ditas com fins exclusivos de fazer ciência pura, tinham uma função político-ideológica, independente de sua duração, e do que professavam seus partidários.

É no interior dessa discussão que a formação e o desenvolvimento das instituições são aqui compreendidos, como produto de um tempo e de um espaço permeados por ideias à luz de interesses inseridos na lógica do capitalismo (ANDERSON, 2008).

O encontro “fortuito” do *Livro de Atas do IISA* por Mott trouxe à tona um documento histórico que descortina a presença dessa instituição ao lado de suas congêneres: o Imperial Instituto Baiano de Agricultura, o de Pernambuco, o do Rio de Janeiro e o do Rio Grande do Sul. Estas instituições (excetuando o Imperial Instituto Baiano de Agricultura⁶¹ e o *Imperial Instituto Fluminense de Agricultura*) costumam ser consideradas na historiografia brasileira como passageiras e de pouca significação para o cenário histórico brasileiro (SANTOS, 1999; RODRIGUES, 1987; ARAÚJO, 2010, p. 73; BEDIAGA, 2011; DEL PIORE; VENÂNCIO, 2006).

No entanto, na produção das “comunidades imaginadas”, no qual as instituições auxiliaram no cumprimento desse papel de imprimir inicialmente um “caráter nacional” – uma totalidade de traços coerentes, fechada e sem lacunas veiculada entre os períodos de 1830 a 1880 (vigência do “princípio da nacionalidade”) e entre 1880 a 1919 (da “ideia da nacionalidade”) (CHAUÍ, 2006, p. 21)⁶², mesmo consideradas passageiras, cumpriram um papel, e se não prosseguiram, outros mecanismos as substituíram, ou, como é natural no devir

⁶¹ Sobre a trajetória dessa instituição ver: Tourinho, 2000; Araújo, 2010; sobre o IIFA, ver: Capilé, 2010; Bediaga, 2011.

⁶² Para esta autora o “caráter nacional” faz a passagem para a de “identidade nacional” no período da “questão nacional” (1918-1960).

histórico, as resistências às mudanças de fato, a continuidade e/ou substituição de suas propostas no contínuo movimento desigual e combinado do capital.

O século XIX no Brasil é o período da consolidação do pensamento ilustrado de influência europeia e da formação dos contornos de uma “comunidade imaginada”. Um movimento que se configurou principalmente por meio da formação de uma cultura de letras e de monumentos no sentido amplo da palavra.

Turazzi (2009, p. 23-24) ao analisar o *Catálogo da Exposição de História do Brasil* (CEHB) lançado entre 1881 e 1883 o considera como um dos produtos emblemáticos do lento processo de construção da ideia de patrimônio associada à criação, à preservação e à divulgação de uma memória documental da nação. A exposição realizada por meio da Biblioteca Nacional, então subordinada ao Ministério dos Negócios do Império, reuniu na exposição e no catálogo “parcela significativa do acervo da instituição e da documentação sobre o país existente em outras coleções públicas e particulares” (TURAZZI, 2009, p. 19).

O *locus* da edição e circulação das revistas agrícolas no Brasil era tempo de fundação dos primeiros arquivos, dos museus, dos periódicos, dos cinematógrafos, da fotografia, tempo de sistematizar, produzir uma singularidade para as nações. “Por em comum as luzes e experiências” era, portanto, a tônica do final do século XIX e dos primeiros anos do século XX em algumas partes do mundo, e foi o que essas instituições buscavam cumprir de forma direta ou indireta. Tempo de construção de histórias iniciadas e moldadas com o IHGB a partir de 1838 (GUIMARAES, 1988; KODAMA, 2009), com museus, como o Nacional (RJ), o Paulista (SP), o Goeldi (PA) (PROUS, 1992; GUALTIERI, 2008). Estas instituições faziam parte na definição dos contornos da nação brasileira, não só no período imperial como também no republicano, de maneira que as estatísticas de frequência, assim como informações sobre as coleções pertencentes a esses espaços estavam inseridas nos anuários estatísticos (MINISTÉRIO, 1927, p. 559-562).

Localizar a importância que cada uma das instituições produzidas na conjuntura de suas fundações e desenvolvimento é atitude exaustiva, afirmar que possuíram singularidades é lugar comum, o importante é compreender minimamente que havia uma influência do capitalismo eminente nas suas existências, que, independente de duração, de “peso político”, cumpriram, mesmo se efêmeras, uma meta no interior do sistema. Logo, ao invés de apenas registrar as palavras dispostas nas atas dessas instituições, por exemplo, assinalar o perfil formativo de

seus administradores para justificar o auge e a ruína das instituições, é essencial também inserir essas instituições em seu tempo histórico, não no sentido de descrição de tempos e fatos. Mas lê-las no interior de um processo real (não fictício e alienado como muitos desejam) de mudança na categoria trabalho, que gerou desequilíbrio nas formas de dominação, e como contribuíram para minimizar ou solucionar os efeitos dessa mudança, sobretudo os institutos de agricultura.

Essas instituições tinham por objetivo “incrementar a agricultura”, mas não se resumiam apenas como locais de gênese de uma ciência agrícola no Brasil. As propostas de instruir o homem do campo, realizar a imigração de braços livres, reunir a classe agrícola, importar implementos, testar novas sementes, eram ações que travestiam o maior problema em pauta: definir as bases e parâmetros do trabalho assalariado.

Quanto às desigualdades no interior das instituições agrícolas do século XIX, se exitosas na Bahia e no Rio de Janeiro, e decadentes em Sergipe, no Rio Grande do Sul e Pernambuco, convém observar que o movimento do capitalismo é desigual e combinado:

As relações sociais engendradas pelo movimento do capital em regiões geograficamente delimitadas pressupõem indivíduos em relação de desigualdade pela própria dinâmica interna do capital, resultando em relações de dominação, no limite das quais se estabelecesse a luta de classes. Daí a importância da Nação nesse contexto, na medida em que ela dá a concretude ao local da luta de classes, e da luta da burguesia em especial, configurando a unidade do social através do Estado que, representando a classe dominante, legitima as relações de dominação (SALLES, 1986, p. 78).

As instituições emergiram para cumprir um papel no interior do capitalismo que principiava sua instalação no Brasil no século XIX. O caráter de seus projetos pode ser diverso, mas como um fim comum: redimensionar o trabalho de forma a garantir a ampliação e reprodução do capital: criar bens morais e materiais. E a classe dominante figurou como responsável pela introdução e manipulação do uso de técnicas e da ciência, como garantidora e portadora da direção da Nação para o progresso. Fundar uma história expô-la, conhecer os recursos naturais, formar, educar, assegurar a ordem, associar trabalho à riqueza estava, portanto, nas agendas políticas das classes dominantes:

[...] fazendo uso de regras e normas fornecidas pela 'ciência', a classe, enquanto agente político deve aplicá-las à sociedade, conformando-a aos pressupostos teóricos capazes de promover o desenvolvimento histórico do social no sentido do progresso (SALLES, 1986, p. 43).

Como exemplo clássico da formação de uma história nacional a partir de uma instituição, Losada (2011, p. 119) ao analisar o discurso sobre a natureza veiculado na Revista do IHGB no século XIX, identifica que a escrita da história por meio dessa instituição:

[...] esteve ancorada no culto à nação e no contínuo movimento de nomear, descrever, provar – deixa ver em seu desejo de recordação, a circulação das ideias de seu tempo. As publicações dos relatos das viagens, das atas das reuniões e das homenagens realizadas, constituem-se em importante veículo de circulação de ideias e imagens discursivas no qual podemos ver animais, vegetais e minerais cuidadosamente descritos.

No interior de um projeto de unificar a nação, várias iniciativas de cunho institucional. Como analisam Schwarcz (1993); Anderson (2008); Conceição (2001), identificaram os ingredientes para um projeto de nação bem sucedido: formação intelectual unificada, edição de livros e periódicos para disseminar discursos, implantação de instituições técnico-científicas, recepção e difusão de teorias, novas formações político-partidárias, mudanças estruturais nas formas de trabalho, o estabelecimento de censos, mapas e museus. Fatores essenciais à formação dos estados nacionais e colaborativos ao desenvolvimento do capitalismo:

Da existência do conjunto complexo dos estados nacionais dependiam a reprodução e a ampliação do capital internacional. A constituição de uma economia capitalista mundial, durante a segunda metade do século XIX, criou as condições para o desenvolvimento da produção, sob o domínio do capital, em áreas onde, antes, não era possível a reprodução ampliada, ou seja, o desenvolvimento do capital se realizava agora fundamentalmente em função da divisão internacional do trabalho e não mais se restringia à divisão do trabalho no nível nacional (SALLES, 1986, p. 33).

Sobre a entrada e aplicações de um pensamento ilustrado no Brasil, Dias (1968) analisa a influência da formação teórica de brasileiros que estudaram na Europa no final do século XVIII e no início do XIX. As matrizes que contribuíram na composição desse pensamento com forte influência dos enciclopedistas da ilustração com ênfase para a ciência e a mecanização como libertadoras da opressão das condições de sobrevivência dos homens. A presença de conteúdos de ciências naturais e da técnica impregnou, inclusive, a formação dos bacharéis de

Coimbra, como exemplo, a autora cita a preocupação com questões de natureza de José Bonifácio. A autora destaca ainda o papel que esses ilustrados desempenharam na discussão sobre as inovações agrícolas para o Brasil, inclusive com a publicação de textos sobre novos cultivos, doenças tropicais, ensaios químicos, diagnósticos, novas técnicas agrícolas em periódicos como a revista *O Patriota* e no *Correio Brasiliense*, este editado na Inglaterra (DIAS, 1968, p. 13-138).

Aspecto também pontuado por Pádua (2004) quando discute a emergência de ideias de caráter ambiental nas práticas desses ilustrados.

Essas instituições, cada uma no seu tempo e com seus projetos, contribuíram na composição de uma ideia para a Nação. No caso do IISA e sua possível vinculação com a SSA, resguardando o devido tempo histórico de quarenta e dois anos que separam as duas instituições e as singularidades de cada contexto, ocorreu, sobretudo, por coincidirem ideais da propaganda agrícola. Das diferenças observadas nos seus contextos, destacava-se principalmente a forma de organização do Estado, o IISA estava sob a égide do Brasil Império, e a SSA no regime republicano.

Mott (1973) defende a criação do IISA como um recurso do governo Imperial e Provincial para abrir o caminho para a regeneração e o progresso da agricultura. O autor analisa a conjuntura do IISA e reflete sobre a conjugação de forças para debelar a crise reinante principalmente na agricultura sergipana e nacional.

A causa cabal da crise residiria principalmente na rotina empregada no trato da lavoura, o que implicava em danos consequentes na produção em larga escala. A duração do IISA pode ser evidenciada por meio de seu *Livro de Atas* com 200 folhas, destas apenas 16 foram utilizadas com registros, nas quais constam:

- 02/12/1860 – Ata de instalação;
- Atas de reuniões da Diretoria: 16/12/1860; 07/02/1863; 23/01/1864; 26/01/1864; 14/01/1868; 20/02/1868; 24/03/1868; 17/06/1881 (LIVRO de Atas, 1860-1881, p. 2-15v).

Oito reuniões, com grandes lacunas de tempo entre elas (MOTT, 1973, p. 29). A realização entre a penúltima e a última reunião somente depois de treze anos pode ser justificada através da determinação do *Ministério da Agricultura, Comercio e Obras Públicas* em 1880, que, dirigindo correspondência à *Diretoria do Instituto*, solicitou que se reunissem:

É de crer que tendo muito em atenção as considerações expostas todos os membros do citado instituto reúnam-se a fim de elevá-la a altura que pode atingir, prestando grande coadjuvação a lavoura que incontestavelmente precisa de agentes que representando os seus mais vitais interesses promovam os meios necessários a fim de tirá-la do estado em que se acha (RELATÓRIO, 1880, p. 28).

As últimas notícias impressas registradas notificaram a situação desse instituto:

São passados cinco annos e não houve mais reunião do Instituto, e no largo período de doze annos reuniu-se a respectiva directoria oito vezes e sem o menor proveito para os interesses da agricultura (...) Eis a infeliz situação do Imperial Instituto de Agricultura Sergipano (RELATÓRIO, 1872, p. 30).

Imperial Instituto Sergipano de Agricultura
Nas circumstancias penosas e difficeis que se acha a lavoura do paiz, especialmente ao norte do Imperio, o Imperial Instituto Sergipano de Agricultura estava destinado á representar um brilhante papel nesta quadra calamitosa porque infelizmente vai passando esta provincia (RELATÓRIO, 1879, p. 28).

Considera-se como fim do *Imperial Instituto Agrícola de Sergipe* a data de registro de sua última ata de reunião: 17/06/1881. Antes desta, alguns dos integrantes do IISA, a exemplo de Felismino Moniz Barreto, lançaram mão de outra instituição: o *Comício Agrícola*, fundado em 30 de outubro de 1870.

A fundação de instituições no período assinalado estava prevista em determinações imperiais associadas às alterações dos meios de produção no Brasil:

Depois da promulgação da Lei 2.040 de 28 de setembro de 1871 que extinguindo as fontes do elemento servil no Império teve principalmente em vista a libertar a agricultura da rotina que creara dificuldades ao seu desenvolvimento, preparando por este modo o Paiz para receber os mais aperfeiçoados systemas de cultura, segundo as ultimas descobertas da sciencia, ainda mais se torna necessária de instituições da ordem da de que trato⁶³ (RELATÓRIO, 1880, p. 28).

⁶³ Refere-se ao IISA. A Lei a que se refere é do Ventre Livre. O grifo na citação é nosso para destacar a forma cruel de interpretação para presença negra na lavoura – não é à libertação do escravo, mas da lavoura de uma rotina. As quotas do fundo de emancipação distribuídas pelo Governo iniciaram em 1880 sendo libertos 135 escravos (RELATÓRIO, 1880, p. 36). A quota era distribuída conforme o número de escravos existente em cada município, neste ano registrava-se um montante de 26.381 escravos beneficiados, dentre estes o município de Capela com o maior número: 2.781 e Japarutuba o menor, 31. Estes números ao que tudo indicam referiam-se aos escravos classificados conforme a Lei (RELATÓRIO, 1881, p. 21) e os escravos classificados a partir das Juntas de Classificação conforme o que previa a Lei.

A partir desse período fica evidente que a lavoura precisava de “agentes que representassem os seus maiores interesses”, e as associações figuravam como agentes incontestáveis para cuidar desses interesses, sobretudo, agrícolas.

Mas, a aceitação de conduzir os caminhos para o progresso possuía limites. Um exemplo clássico foi a resistência para a aplicação do fundo de emancipação dos escravos conforme previa a Lei do Ventre Livre de 1871. Os números das estatísticas apresentadas nos Relatórios de Presidente de Província não expunham as contradições, todavia as discussões em torno do item no Relatório denominado de “Elemento Servil” registravam as insatisfações. Apesar de louvarem a importância dessa Lei no processo de organização do trabalho, os “homens de letras” afirmavam que, naquele momento, “não podiam receber de chofre o golpe da abolição”, uma vez que as lavouras ainda eram mantidas por braços escravos, “ainda faltavam-lhe condições de vida e prosperidade”, os “espíritos ainda não estavam preparados para receber a luz da civilização” que viriam “pelo ensino de agronomia, de mecânica, e outros conhecimentos úteis secundados pelo progresso material de boas vias de comunicação” (RELATÓRIO, 1880, p. 36).

A situação do IISA foi contemplada nesses Relatórios, e não era a das melhores. A *Falla* do Presidente Francisco de Gouveia Cunha Barreto, de 1884, registrou o seguinte panorama:

Instituto Agrícola Sergipano

Esta associação, que poderia constituir-se um dos principais elementos da prosperidade agrícola, não satisfaz absolutamente o fim que determinou sua criação, por ocasião de visita feita a esta Província por S. M. o Imperador. Diversas tentativas tem sido feitas para regularizar seus trabalhos, mas nada tem sido possível conseguir.

Semelhante procedimento torna-se notável, máxime partindo elle daquelles que deveriam interessar-se pelo bem estar da industria que representam.

O instituto possui um engenho em ruínas, comprado em 1868, para servir de escola-modelo, e 20:000\$000 no cofre do Thesouro Provincial (FALLA... 1884, p. 36)

Observar que o registro citado data de 1884, e o último registro no Livro de Atas do IISA de 1881. Mott (1973, p. 30) ao percorrer as folhas desse Livro também registrou 1881 como a última reunião e que: “infelizmente não dispomos de informações que nos elucidem sobre o que ocorreu ao IISA após esta última reunião”⁶⁴. Na aludida *Falla* de 1884 registrou-se também o início de outro tipo de

⁶⁴ Uma data final de extinção do IISA não foi localizada até o fechamento desta Tese.

indústria em Sergipe que principiava romper com a tradição da indústria sacarina. A “Fábrica de Tecidos de Algodão”, de acordo com o então Presidente, estava praticamente instalada: “montada perfeitamente, possuindo machinas aperfeiçoadas (...) deve começar a trabalhar até o dia 24 de abril próximo vindouro” (FALLA... 1884, p. 37). A fábrica referida era propriedade da Associação Cruz e Cia., tinha o industrial João Rodrigues da Cruz à frente e após sua morte, foi assumida por seu irmão Thomaz Rodrigues da Cruz em sociedade com o industrial José Augusto Ferraz⁶⁵. A fábrica no contexto da Revista Agrícola (SSA) recebia a denominação de *Sergipe Industrial*: “grande fábrica de fiação e tecidos” conforme como foi anunciado nas páginas dessa Revista de 1905 a 1907. Os registros identificados sobre Thomaz Cruz informam para sua ativa colaboração com o desenvolvimento das três classes sociais defendidas pela SSA: agricultores, comerciantes e industriais. Nessa Sociedade atuou como sócio em 1902 (ESTATUTOS, 1902, p. 18).

O IISA apesar de sua duração e ações pouco reconhecidas cumpriu um papel no processo de institucionalização de por em comum “as luzes e experiências”. Se não logrou o êxito esperado, todavia marcou a produção do campo sergipano no movimento desigual e combinado do capitalismo.

4.2 Comício Agrícola [Sergipense] (1870 a ?)

A denominação comício é relativa às associações de interessados na questão agrícola na segunda metade do século XIX no Brasil (MENDONÇA, 1997). Comício no sentido de manifestação em torno de proclamar e defender discursivamente ideais comuns a uma classe.

O *Comício Agrícola* aparecia como a segunda tentativa de institucionalizar ideias e práticas votadas para animar a agricultura sergipana. Membros do IISA compunham essa instituição, entre os quais, Felismino Muniz Barreto, agricultor e engenheiro agrônomo fundador do *Comício*, além de Dionysio Eleutério de Menezes (participante atuante da SSA), Rufino de d'Oliveira Sampaio, Cel. Antonio José Fernandes de Barros, Cel. Manoel Gaspar de Mello Menezes e Major Zeferino Cardoso.

⁶⁵ Vice-Presidente da SSA em 1902 (ESTATUTOS, 1902, p. 3).

Fundado na cidade de Maruim⁶⁶, então foco de desenvolvimento econômico na Província, teve início com 26 sócios, reunidos pela primeira vez em 22 de dezembro de 1870 e os seus Estatutos datam de 22/12/1870, no ano de 1872 contava com mais de cinquenta sócios (RELATÓRIO, 1872, p. 31):

Comício Agrícola

A sorte do Instituto de Agricultura Sergipano [IISA] fazia descrever do futuro da lavoura e da iniciativa particular, quando no pensamento de reunir os agricultores por laços de uma agradável e útil confraternidade, alguns prestimosos membros dessa classe erigiram o Comício Agrícola cuja primeira reunião teve lugar em 30/10/1870 (...) Tem a associação sua sede na cidade de Maruim, e faz-se dignamente representar perante a Sociedade da Indústria Nacional e Instituto Fluminense de Agricultura (...) A directoria do Comício resolveu fazer na America do Norte uma compra de arados, sendo a primeira remessa de 26, na importancia de 1:526\$000 (RELATORIO, 1872, p. 31).

A compra de arados norte-americanos por meio deste *Comício* reiterava o que afirmou Theodoreto do Nascimento trinta e três anos depois na sua retrospectiva sobre as iniciativas das instituições que atuaram em prol da lavoura sergipana: “para o Comício, não faltaram recursos materiais” (NASCIMENTO, 15/01/1905, p. 2).

Os principais proprietários ligados à lavoura da cana e ao comércio estavam presentes nessa associação, como também se observa na citação acima a vinculação do *Comício* à *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional* (SAIN) e o Instituto Fluminense de Agricultura (IIFA)⁶⁷, duas instituições que atuavam como definidoras de discursos de um projeto nacional para resolver os entraves à agricultura.

O contexto do *Comício* estava imerso na Lei de 1871; nas discussões de importação de trabalhadores de países asiáticos; nos problemas financeiros proporcionados com a Guerra do Paraguai.

⁶⁶ Sobre o contexto de Maruim no período ver: Cruz e Silva (2006).

⁶⁷ A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional - SAIN tem seu funcionamento iniciado em 1828 no Rio de Janeiro. O Instituto Imperial Fluminense - IIFA, em conjunto com IISA datam de 1860. Instituições que são inseridas na historiografia brasileira como parte do processo de instalação de instituições científicas para a lavoura, como também a possibilidade de formação do contexto institucional brasileiro (PÁDUA, 2004, p. 172).

Abrangeu ainda o período dos *Congressos Agrícola do Rio de Janeiro e do Recife*, ambos em 1878, este último com representação sergipana⁶⁸.

Nunes (1984, p. 25) ao estudar o período relativo ao desempenho do educador sergipano Manoel Luiz, informa que o Comício teria sido instalado por Lei de 08 de maio de 1871⁶⁹ com a denominação de *Sociedade Comício Agrícola de Sergipe*⁷⁰. Ainda segunda essa autora, verifica a fundação no mesmo período de outras instituições, como a Loja Maçônica Contiguiba, em Aracaju “demonstrando pelo quadro de integrantes, a existência de uma elite econômica representativa da Sociedade Local” (NUNES, 1984, p. 25).

Sobre a atividade intelectual no período essa autora descreve:

Nessa época, em Sergipe, desenvolvia-se grande atividade intelectual como atestam os vários jornais que iam surgindo, como: *Jornal do Aracaju* (1870-1879), *Jornal de Sergipe* (1866-1906), *O Conservador* (1868-1873), *Diário de Sergipe* (1877), *Eco Liberal* (1877-1884), *A Liberdade* (1873-1874), *A Crença* (1873), *O Sergipano* (1874-1875), que circularam em Aracaju identificados com os dois tradicionais partidos. Outros, independentes, eram órgãos de classe, ou literários e humorísticos, destacando-se *A Fraternidade* (1875), porta-voz da Maçonaria, *Jornal do Comércio* (1877), *O Porvir* (1874), fundado pelos alunos do Atheneu Sergipense, *Jornal do Povo* (1874), *O Protesto* (1875), *A Zorra* (1875-1876), *O Raio* (1876-1885), *A Crisálida* (1876), *A Ordem* (1876), *A Polícia* (1876), *O Bouquet* (1876), *O Presente* (1877), *O Cansação* (1878-1880) e *O Carapuça*. Na cidade de Estância circularam *Sul de Sergipe* (1870-1871), *Tribuna do Povo* (1873-1874), *A Águia* (1875), *O Rabudo* (1876), *O Eco Estanciano* (1877-1878), *O Mosquito* (1878), *O Imparcial* (1878-1883), *O Sagitário* (1878), *O Tribuno* (1879-1880), *O Farol* (1879-1887) e *O Monitor* (1879-1880).

O nível intelectual dos jornalistas atuantes era elevado, como demonstram os editoriais e os artigos de Manuel Luís, Brício Cardoso, Silvio Romero, Armindo Guaraná, entre outros. Começavam a aparecer, nos rodapés dos jornais, parceladamente, os folhetins, os quais, pelo sentimentalismo, enredo e força de emoções, tornaram-se os precursores das novelas de televisão dos nossos dias, no interesse que despertavam no público.

Os livros, que compunham o patrimônio das bibliotecas, bem como as doações que lhes eram feitas, refletiam a influência francesa na formação da intelectualidade sergipana, Chateaubriand, Victor Hugo, Thiers, Balzac, Lamartine, Alexandre Dumas eram autores muito divulgados.

Ecoavam em Sergipe as transformações que ocorriam no Brasil, decorrentes das mudanças estruturais de um momento de contradição entre

⁶⁸ Conforme *Trabalhos do Congresso Agrícola do Recife* (1978, p. 42) o representante por Sergipe foi “Arthur B. de O. Ribeiro, do Eng. J.M.J. de Sergipe” (TRABALHOS, 1978, p. 42). Presume-se que seria membro da família Oliveira Ribeiro de Laranjeiras, e o Engenho Jesus Maria José. A mesma família do Redator da *Revista Agrícola* (SSA) Homero de Oliveira.

⁶⁹ Nota-se que algumas instituições possuem momentos diferenciados de sua fundação: reuniões iniciais, formulação e aprovação dos estatutos, instalação oficializada perante o Estado, o que geralmente ocorria depois.

⁷⁰ As denominações oscilam. Consta ns fontes: *Comício Agrícola* (RELATÓRIO, 1872); *Comício Agrícola Sergipense* (TRAVASSOS; MONTE, 1877; NASCIMENTO, 1905. p. 2); *Comício Agrícola de Sergipe* (SOUZA, 1985, p. 38). Nesta Tese, a opção é da denominação *Comício Agrícola*, por ser o registro mais antigo localizado.

os interesses de uma tradicional aristocracia latifundiária, de base agrícola e semifeudal, e uma recente. burguesia mercantil urbana, que o desenvolvimento dos bancos, ferrovias, companhias de navegação e indústrias têxteis fizera tomar impulso (PRÊMIO..., 1984, p. 31).

Sobre o contexto do *Comício* as fontes existentes na coleção de documentos do historiador Sebrão Sobrinho (APES Vol. 03, SS – 1880 a 1911) descortinam uma efervescência de informações ligadas à classe agrícola, comercial e industrial nas Falas dos Presidentes de Província, assim como nos recortes de jornais coligidos por esse pesquisador da História de Sergipe, apresentavam um pequeno panorama desse universo. Os jornais fervilhavam de novidades nos seus diversos anúncios de: livros, escravos, profissionais de saúde de passagem pela Província. Também foi deste contexto a criação da Associação Comercial de Sergipe, criada em 1871 com a finalidade de “alargar as relações do commercio com a lavoura” (RELATÓRIO, 1872, p. 33).

Mas, os dados sobre essa instituição são rarefeitos, além dos Relatórios de 1872 e 1874, do Presidente de Província Joaquim Bento de Oliveira Junior, e Antonio dos Passos Miranda respectivamente, figuravam também duas publicações produzidas por integrantes dessa sociedade: *Memória Apresentada à Sociedade Comício Agrícola Sergipense*, por João Ferreira de Britto Travassos, em 1873, que apresentou estudo comparativo entre a medicina e a agricultura, identificava e prescrevia saídas para o mal que acometia a lavoura sergipana: a “atrophia agrícola”. Apontava como causa principal dessa “moléstia”, o fato de não terem sido criadas instituições de ensino agrícola, e, como sintomas que adoeciam a agricultura figuravam: o “golpe profundo e hediondo” dos Artigos 179, §§ 22 o 33 da Constituição⁷¹ e Artigo 10 § 2 do Ato Adicional”, concernentes à instrução pública superior e industrial e ao direito de propriedade; o depreciamiento do crédito rural; “a somma assombrosa da dívida hypothecaria e chirographaria da lavoura em todas as Provincias”; como quarto sintoma o estado “pathologico” do tesouro público; o quinto, “a banca-rota geral de todas as Provincias” (TRAVASSOS, 1873, p. 10-11).

⁷¹ XXII. É garantido o Direito de Propriedade em toda a sua plenitude. Se o bem publico legalmente verificado exigir o uso, e emprego da Propriedade do Cidadão, será elle préviamente indenmisado do valor della. A Lei marcará os casos, em que terá logar esta unica excepção, e dará as regras para se determinar a indemnisação. XXIII. Tambem fica garantida a Divida Publica. Fonte: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm

A *Representação da Lavoura de Sergipe aos altos poderes do Estado* foi o segundo impresso relativo ao *Comício*, datava de 1877, também assinado pelo médico João Ferreira de Britto Travassos, e em conjunto com o Bacharel em Direito João José do Monte. Documento peticionário dirigido à Princesa Izabel que se encontrava na administração do Império. Um conjunto de vinte e duas páginas que expunha a situação da lavoura sergipana de acordo com a visão dos integrantes do *Comício*. O que permite inferir a função dessa Sociedade de formular diretrizes sobre/para o campo sergipano. Identificava problemas comuns da classe agrícola, propunha medidas como essa petição. Na *Memória*, Travassos destacou a importância da Lei de setembro de 1871⁷², mas na *Representação*, a Lei é tratada como um “golpe de estado que agravou imensamente a situação da lavoura: é pois de rigorosa justiça sanar os males que ella causou” (TRAVASSOS; MONTE, 1876, p. 21).

O *Comício*, os seus representantes, reuniram os anseios de salvar a crise na/da lavoura sergipana. Problemas não resolvidos desde o IISA, acolhidos no *Comício* e nas demais instituições que se seguiram. Por mais que a questão do trabalho tenha sido aparentemente resolvida com a Abolição, seus ecos são sentidos na República. Os textos na Revista Agrícola (SSA) não foram menos agressivos com os trabalhadores livres pobres, reconheciam de forma indireta a sua importância no contra discurso, valendo-se de termos depreciativos, como também no próprio silêncio que imperou em grande parte de suas páginas sobre essa classe que garantia à manutenção da lavoura.

Sobre o fim do *Comício* pouco foi identificado, sabe-se que sua existência foi efêmera de acordo com o que se publicou na Revista Agrícola (SSA):

[...] A segunda, foi a obra a obra de um espírito culto e propagandista emérito, o Dr. Felismino Muniz Barreto, cujos serviços foram valiosíssimos em favor da lavoura que ainda uma vez se conservou, como agora, indiferente e incapaz de coesão e iniciativa. Foi creado então o Comicio Agrícola Sergipense, ao qual não faltaram recursos materiaes, mas teve vida ephemera, se bem que útil e gloriosa. Ahi está a lembrança do “Agricultor” seu brilhante jornal de propaganda, a attestar os alevantados intuitos do Comicio e o espírito moderno de seus organisadores. Por uma coincidência feliz e por uma graça especial, o Dr. Homero de Oliveira, que foi redactor principal do “Agricultor”, é o redactor principal desta Revista que

⁷² Cabe ressaltar que todas as vezes que essa Lei é mencionada, não se registra claramente a sua finalidade, sempre se recorria à expedientes de linguagem de forma que tornava a presença da força de trabalho escrava negra como um simples elemento servil que impedia o progresso da lavoura, mas ao mesmo tempo diziam do golpe à classe agrícola provocado pela referida Lei.

nasce somente amparada pelo prestígio de sua penna fulgurante e cuja sorte é possível, venha ser a mesma de todas as anteriores tentativas (NASCIMENTO, 15/01/1905, p. 2).

Assim como na citação anterior o que se localizou nas páginas da Revista Agrícola (SSA), os intentos do *Comício* foram considerados similares aos da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, que deveriam ter sido cumpridos desde a criação do IISA. Souza (1985, p. 38), assinala o ano de 1898 como fim do *Comício*⁷³.

Um ofício de 26 de abril de 1907, do 1º Secretário Sebastião Menezes, da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, para o Coronel Delfino de Faro Sobral⁷⁴, solicitava “a remessa de caderneta da Caixa Econômica pertencente ao extinto Comício Agrícola”, e em tempo destacava como razão de repasse da referida Caderneta:

[...] Como sabbeis, os sócios sobreviventes do alludido Comicio Agricola, attendendo a solicitação do nosso preclaro ex-presidente, Theodoreto do Nascimento e vendo no nosso desideratum a continuação do que emprehendera o mesmo Comicio, resolverão fazer-nos cessão do seu espolio, cõscios de que nenhuma applicação mais honrosa lhe podiam dar. Tendo em vista fundarmos um Campo de Experiencias para ensaio de Culturas e ensino Agricola com o que poderemos apurar do espolio que tão cavalheirosamente nos foi cedido. Entretanto para iniciarmos a reivindicação do nosso direito torna-se indispensável a apresentação da caderneta em questão (Revista Agrícola, n. 55, 01/05/1907. p. 539).

4.2.1 Entre o *Comício* e a *Sociedade Sergipana de Agricultura*

Ainda referente às iniciativas relacionadas ao campo sergipano nesse período entre o IISA e SSA destacaram-se os processo de medição e legalização de terras, ações decorrentes da Lei de Terras de 1850⁷⁵ e que possuíram grande impacto na configuração atual de Sergipe. Um processo que culminou, sobretudo, como meios de assegurar terra que, até então eram consideradas devolutas, ou mesmo pertencentes às etnias autóctones. Uma questão a ser aprofundada com maior rigor investigativo e interpretativo, com uma acurada crítica histórica sobre os documentos decorrentes dessas ações. Como exemplo desse processo, um grande volume de

⁷³ Devido a não localização de documento que precisasse tal afirmação optamos por deixar em aberto.

⁷⁴ O seu nome não consta na relação dos proprietários relacionados na Representação de 1876 (TRAVASSOS; MONTE, 1876), poderia ser descendente de participantes.

⁷⁵ Processo discutido por Santos (2011) em revisão da literatura sobre a questão da Lei de Terras, porém não contempla os documentos relativos às medições.

documentos manuscritos⁷⁶ que tratam de vários processos de legitimação de posse em toda a Província de Sergipe visando o registro fundiário principalmente em áreas de ocupação indígena no Sul do Estado.

Além da nova burocracia de registro de terras, continuavam as iniciativas da classe agrícola para dirimir seus problemas com a fundação de associações, como a *Sociedade Centro da Lavoura e Comércio de Japarutuba*⁷⁷. Fundado por Francisco Antonio de Carvalho de Lima Junior, republicano reconhecido em conjunto com Josino de Menezes teria fundado o *Clube Republicano* na cidade alagoana de Penedo (GUARANÁ, 1925, p. 358).

O Centro contou com o registro de 39 sócios, entre eles João Ferreira de Britto Travassos, membro do *Comício Agrícola*, Gonçalo de Faro Rollemberg⁷⁸, médico e então Inspetor de Higiene em Japarutuba (GUARANÁ, 1925, p. 202), e sócio, por Maruim, da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, em 1902.

Outras referências sobre esse Centro foram registradas no *Dicionário de Guaraná* ao tratar de Francisco de Carvalho Lima Junior:

Em janeiro de 1887 abriu um colégio na vila de Japarutuba, que teve de fechar em maio do ano seguinte. Nesta localidade tentou por em prática ideias que propagara na imprensa, há anos, sobre melhoramentos que interessavam à classe agrícola. Convocou os lavradores abastados, sem distinção de credo político, organizou e deu estatutos à sociedade – Centro da Lavoura e Comércio de Japarutuba – que desapareceu com a sua retirada. O Centro mandou editar em folheto o seu discurso pronunciado na sessão inaugural, distribuindo-o pela província em caráter de propaganda. Era seu plano congregar todos os municípios e por meio de sociedades agrícolas, formar um centro de ação com o título “Confederação da Lavoura”, não conseguindo o seu intento. O mesmo sucedeu em Própria em 1882, onde lançou as bases da Sociedade – Propagadora da Instrução Popular. Consagrou-se desde 1877 à propaganda republicana que agitou com o maior vigor depois que se desligou do funcionalismo público. Assim o fez no “O Laranjeirense” onde desfraldou o programa republicano, estampando um artigo editorial, sob a epígrafe *República ou separação* (GUARANÁ, 1925, p. 171. Grifo nosso).

O surgimento e extinção dessas formas de associações podem ser analisados no interior das possibilidades que podiam, ou não, ser adquiridas, desde

⁷⁶ APES, Fundo A⁶ - Terras publicas e colonização – Vol. 05 – Processo de medição e legalização de terras; Vol. 14 – 1874- 1877 – Registro de propriedades.

⁷⁷ APES SS 358 – doc. 28.

⁷⁸ Vice-Presidente do Estado (1894-1895) no mandato do General Valadão.

as vantagens de requerer auxílio financeiro junto ao Estado, ou instituições nacionais congêneres de forma a integrar a política nacional de enfrentamento da crise agrícola nacional, como forma de legitimar discurso sobre as ações efetivas para o campo, além de provocar disputas de poder entre outras associações através de seus respectivos participantes, como ficou corrente nas páginas da Revista, nas recapitulações das iniciativas, críticas ao aniquilamento por falta de interesse e de compreensão do papel dessas instituições. A própria localização das instituições apontava para essas possibilidades: Maruim, Japarutuba, Laranjeiras (União Agrícola), Aracaju, o que indicava a formação de grupos específicos que controlavam, sobretudo, a produção e a comercialização açucareira nessas localidades.

Grande parte dos integrantes dessas associações possuíam negócios nessas áreas. E no cenário político, muitos participavam ativamente das disputas políticas. Dessa forma as instituições figuravam também, não só como uma saída à crise, mas como um recurso de coesão político-ideológica de cada grupo. O município de Laranjeiras com uma influência cientificista e republicana com marcas dos bacharéis formados no Recife, médicos e farmacêuticos (entre eles Josino Menezes que atuou com Carvalho Lima Junior e futuro Presidente de Estado) oriundos da *Faculdade de Medicina da Bahia* (SOUZA, 1985, p. 57-58).

Mas, a formação política do contexto dos comícios e da primeira década republicana ainda carece de análises pormenorizadas. Sobre a conjuntura política inicial da Primeira República, por exemplo, Souza (1985, p. 54) observa “a quase inexistência de análises que norteiem o estudioso iniciante e, de outro, a abundância de fatos, o emaranhado das situações, cuja compreensão se torna às vezes difícil”⁷⁹.

Outro aspecto a ser considerado também é a volatilidade de interesses dos participantes dessas associações. As formações acadêmicas e ideológicas de muitos integrantes eram algumas vezes esquecidas ou agregadas para naturalizar determinadas medidas. No afã de resolver os problemas da crise econômica de suas propriedades e/ou dos negócios da família, os ideais patrióticos, tipicamente positivistas, desapareciam. Theodoreto do Nascimento, por exemplo, um dos

⁷⁹ Essa situação principiou mudanças com a produção de monografia nos cursos de História em Sergipe, como também com a publicação de estudos políticos por autores reconhecidos, como as obras de Ibarê Costa Dantas (2004; 2009). Mas, ainda figuram muitas lacunas para um entendimento dos fatos consolidados e outros ainda por serem localizados na vastidão documental dos arquivos sergipanos e fora do Estado.

fundadores da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, médico, lavrador, possuía em sua propriedade em Itaporanga, Sergipe, com um grande plantio de Maniçoba, um cultivo sobre o qual se debruçou nas páginas da Revista Agrícola (SSA)⁸⁰, não como mero experimentador, mas com reais interesses nos possíveis resultados econômicos da planta e aumentar o valor de sua propriedade.

Ainda sobre o período, a ocorrência dos primeiros Congressos Agrícolas em 1878, um na então capital do Império, o Rio de Janeiro, e outro em Pernambuco, em Recife. No início do período republicano registra-se a estruturação de Colônias Agrícolas como a retomada do antigo Engenho Patrimônio do IISA formando o Núcleo Patrimônio, dirigido à época por Ricardo Curvello Mendonça; o Núcleo Colonial dos Pintos, ambos em São Cristóvão; e o Núcleo Colonial de Estância (APES, Fundo G¹, Correspondência Recebida, Vol. 1925. Ofício, 24/07/1890).

Ainda no interregno do *Comício* à SSA, o registro da mobilidade de trabalhadores sergipanos para o Norte do país. Nas correspondências expedidas do Executivo vários “termos de óbito e inventário” de passageiros que morriam à bordo das embarcações que viajavam para o Norte, conforme ofício número 2206 de 05 de setembro de 1899 do Ministério da Justiça e Negócios Interiores que dava notícia do falecimento de passageiro de 3ª classe, de 18 anos, morto à bordo de embarcação paraense por febres, enterrado no Porto Hermano: “inventariou o que possuía e nada encontramos a não ser a própria rede em que foi encontrado e a roupa que tinha vestido” (APES, Fundo G¹, Correspondência Recebida, Vol. 1948. Ofício, 05/09/1899)⁸¹.

4.3 A União Agrícola de Laranjeiras – a terceira experiência

De acordo com Vasconcelos e Santos (1978, p. 13) a União foi criada por particulares em 1900 e teve a seguinte finalidade:

⁸⁰ Há o registro de notícias sobre sua experiência e difusão do cultivo da Maniçoba desde o final do século XIX. Ver item sobre ele nesta seção da Tese.

⁸¹ Sobre a presença de sergipanos na região amazônica a “venda de homens” para estas plagas do extremo Norte constou como denúncia na Revista Agrícola (SSA).

[...] adquirir um trapiche na cidade de Laranjeiras, para suprir os lavradores com as os objetos necessarios ao trabalho em suas fazendas e outros, o que seria feito através de contas correntes, receber gêneros e fazer escoar a produção agrícola para qualquer praça do país. Contava com um capital inicial de duzentos mil réis dividido em duas ações de cem mil réis cada uma.⁸²

As informações sobre essa instituição também foram localizadas na Revista Agrícola (SSA) sob a forma de referência a Atas de reuniões que informavam sobre o seu funcionamento: conflitos, balancetes, participantes etc. Integrantes dessa União participavam da Sociedade Sergipana de Agricultura, não apenas como sócios, mas também nos quadros da diretoria da Sociedade. Entre eles o Coronel Sebastião Menezes que em 1905 a 1906 ocupou cargos de Vice-Presidente e Presidente da SSA. A liquidação dessa sociedade ocorreu na reunião extraordinária em 24 de março 1907 (Revista Agrícola. n. 54, 15/04/1907, p. 530).

Como diretores da *União Agrícola* constavam nos registros de 1906, Apollinário do Prado e Cyro Barreto de Menezes, proprietários de engenhos em Laranjeiras (Revista Agrícola. n. 42, 15/10/1906, p. 409-410).

O que se pode definir de sua ocorrência é o papel que essas instituições passaram a cumprir na estrutura republicana, na qual a figura do Estado era apresentada como neutra ou indiferente aos problemas financeiros da classe agrícola, industrial e comercial. De maneira que os discursos dos Presidentes de Província desde 1872 deixavam explícitos a necessidade da reunião dos produtores agrícolas em classes, de forma a minimizar os efeitos da crise reinante, “não esperar tudo do governo”. Nos primeiros anos da República, esse discurso se manteve. Um recurso que visava escamotear o fortalecimento da relação entre os poderes estatal e privado, não havia separação como se pregava.

O fim da *União* em 1907 assinalava não a decadência da classe agrícola, mas a substituição de mecanismos garantidores de crédito, uma vez que era essa basicamente a sua função. Com a fundação do Banco de Sergipe, dois anos antes do fim da *União*.

A fundação do Banco de Sergipe, “uma banco para a lavoura”, que visava, sobretudo, contar com estabelecimento de crédito e de uma agência de Comissões que se incumbisse da venda dos produtos do Estado na Praça do Rio de Janeiro. A convocação expressa do então Senador Olympio Campos para participar da

⁸² Souza (1985, p. 38) assinala a criação da *União* em 1899.

discussão dos estatutos dessa instituição financeira dava o tom da mudança financeira no estado:

[...] convido a todos que quizerem se associar à grande obra cooperativa e patriótica, qual seja a fundação do estabelecimento de credito do qual depende a vida econômica de Sergipe, a comparecerem no dia 9 de abril próximo, as 12 horas do dia no prédio da Assembléa Legislativa do Estado, a fim de por si ou por seus procuradores, subscreverem as quantias com que queiram contribuir e tomarem parte na discussão dos Estatutos (CAMPOS, 01/04/1905, p. 45).

À *União Agrícola de Laranjeiras*, não cabia mais o propósito de competir com essa instituição financeira, provavelmente os montantes que a mantinham foram convergidos para o Banco de Sergipe. No entanto, enquanto durou cumpriu o seu papel, de maneira que figurou como modelo a ser seguido para outros municípios:

Estamos a crê que a existência da União Agrícola de Laranjeiras, deve ser um incentivo a todos os municípios do Estado á crearem associações congêneres e outras de formas de fins diversos, tendentes todas a auxiliarem e desenvolverem a lavoura, o aperfeiçoamento de seus productos, o estabelecimento de seu crédito (OLIVEIRA, 01/05/1905, p. 60).

4.4 A Sociedade Sergipana de Agricultura – “a quarta experiência”

Fundada em setembro de 1902, em um contexto que ainda sofria os efeitos da transição de regimes políticos. O que não significava, necessariamente, a perda por completo da posição de poder, ocupada entre os grandes produtores rurais. Havia uma saída entre os adesistas, ou não, à causa republicana. Estratégias, rearranjos marcaram a configuração social da oligarquia oriunda do Império. As lideranças agrícolas passaram a mesclar, simultaneamente, poder político, econômico e simbólico de representação: a figura do coronel, que firmaram a “tradição das desigualdades” entre as classes sociais, principalmente nas áreas rurais (VILAÇA; ALBUQUERQUE, 2006).

Almeida (2001) analisa, a partir de exame em clássicos da historiografia brasileira, como se produziu essas desigualdades, destaca como a grande lavoura monocultora e escravista estruturou as classes sociais: proprietários de terra, escravos, homens livres pobres: “a família patriarcal rural engendrou o sentimento de desigualdades que se entranhou nas mentes” (ALMEIDA, 2001, p. 17). Uma

família com grande extensão de agregados e depositários de favores vitalícios, diferente do modelo burguês de família tardiamente recorrente na realidade histórica brasileira.

A lógica do coronelismo, com a prestação de favores dos coronéis às classes subalternas, as justificativas de honra para seus atos de violência foram transmutadas para outras esferas da sociedade, encontrando lugar seguro na política pautada na repetição de favores, na aplicação de penas contra aqueles que feriam os brios da extensa família e agregados dos coronéis.

Entre a violência passiva (desassistência social, sobretudo) por parte do governo e dos estados federalizados, e a ativa dos coronéis, conferiu às lideranças locais um poder de representação que se espraiava entre as porteiras, canaviais, cercas, marcas de ferrar gado. O poder dos potentados, originário nas áreas rurais, chegava também às cidades, mediados por seus ilustres filhos estudantes, por meio de pagamentos vertiginosos de cooperações mútuas com os grupos políticos dominantes, na impulsão dos flagelados desassistidos que procuravam um lugar nas cidades que produzia as desigualdades regionais e emergia a miséria. Fato amplamente destacado sobremodo na produção literária brasileira, a exemplo de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa (1994), *Os Sertões de Euclides da Cunha* (2003) que revelaram a lei dos coronéis, a mobilidade dos sertanejos decorrentes da violência passiva e ativa.

Com a produção de uma estrutura, literalmente humana: trabalhadores livres pobres e desassistidos firmavam as bases sólidas da continuidade política das classes dominantes nas diversas esferas sociais a partir da República. A ocorrência simultânea de ocupação de cargos entre essas classes refletia essa realidade: proprietários de terras eram também médicos, engenheiros, advogados, políticos, intelectuais, coronéis. Uma antinomia do intelectual orgânico, reflexivo e militante, conceituado por Gramsci (1995).

Essa continuidade de poder era proporcionada por várias estratégias, entre as quais as medidas revitalizadoras dos proprietários de terra e comerciantes principalmente de açúcar. A participação de alguns representantes da classe dominante, principalmente donos de engenhos e usinas, foi visível em quase todas as associações agrícolas sergipanas registradas do século XIX ao XX (do IISA - 1860 à *Coligação Açucareira* - 1908). Como também a participação simultânea,

como exemplo: na *União Agrícola de Laranjeiras* e na *Sociedade Sergipana de Agricultura*.

A *Sociedade Sergipana de Agricultura*, como a “terceira experiência” no dizer de Theodoreto do Nascimento não foi, portanto, uma instituição isolada dos meandros políticos vigentes. Apesar do discurso técnico-científico professado austeramente em todos os seus discursos originais ou reproduzidos de outras congêneres, a forma de gerir o campo sergipano em favor de seu progresso dava continuidade aos discursos presentes no IISA e nos Comícios: a classe salvadora e detentora dos meios de produção não alterariam suas posições de controle. A população camponesa, os operários, e demais trabalhadores livres praticamente inexistiam nos discursos. Figuravam subliminarmente na categoria que os abarcava: trabalho.

Os dados sobre essa *Sociedade* podem ser compulsados em poucas fontes documentais: nos seus *Estatutos*, no conteúdo da Revista, algumas fontes indiretas e esparsas, e através de seus mantenedores.

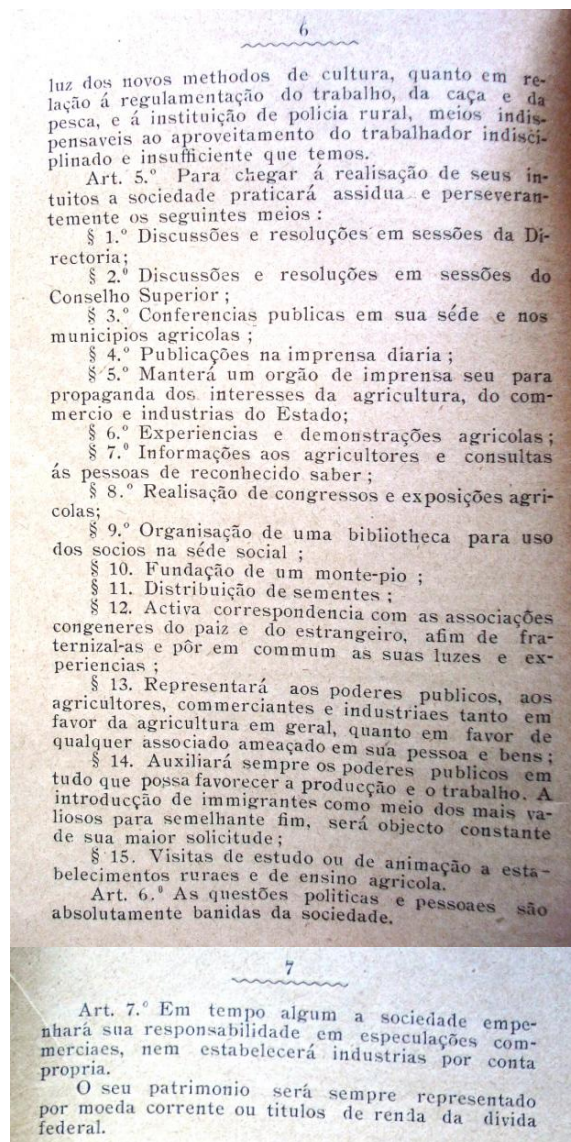
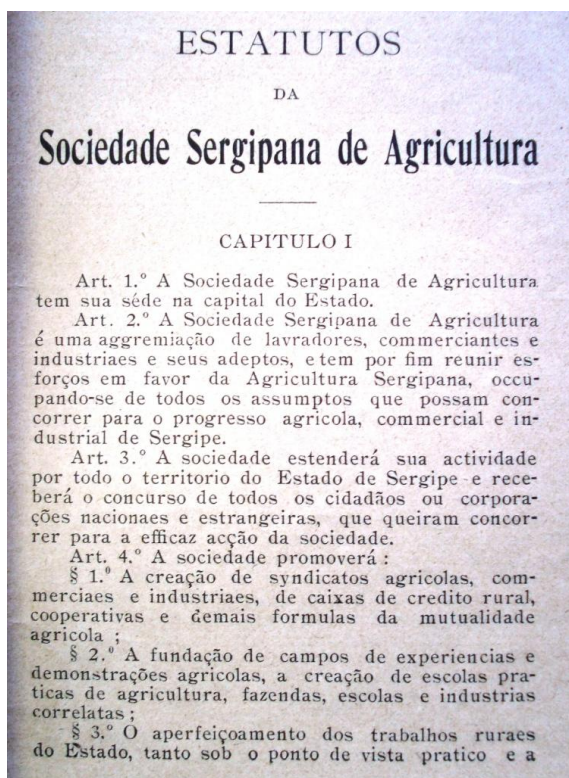
4.4.1 Os Estatutos da SSA

Os *Estatutos* foram impressos na capital pernambucana. Um conjunto de 32 páginas compostas de capítulos; lista dos sócios⁸³, e de um Apêndice com o discurso de Evangelino Faro “por ocasião da abertura da sessão de instalação da Sociedade Sergipana de Agricultura” (ESTATUTOS, 1902, p. 22-23).

O primeiro Capítulo dos *Estatutos* informavam sobre a sua finalidade (Figuras 19 e 20):

⁸³ Ver Anexo A.

Figuras 19 e 20 - Artigos dos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura



Capítulo I, Art. 1.º ao 7º., p. 5, 6 e 7.
Fonte: Estatutos, 1902.

A Revista (prevista no Capítulo I, Art. 5º. § 5º dos Estatutos), enquanto “parte teórica” da Sociedade, era o melhor indicador para observar o cumprimento dos propósitos desse Estatuto.

O conteúdo veiculado nos quatro anos de edição da Revista Agrícola (SSA) contemplou grande parte dos objetivos previstos, além de outras determinações previstas no Capítulo II – Dos sócios; Capítulo III – Da Administração e Da Diretoria, Do Presidente, Do Vice-Presidente, Dos Secretários, Do Thesoureiro, Do Conselho Superior; Capítulo IV – Das Sessões; Capítulo V – Disposições Gerais; Capítulo VI – Disposições Transitórias.

No discurso sobre a importância da instalação da Sociedade a crise da agricultura ainda continuava a ser atribuída como uma doença, tal como a diagnosticou João Ferreira de Britto Travassos, em 1873, na *Memória Apresentada à Sociedade Comércio Agrícola Sergipense*; e o estado de Sergipe continuava “um Estado pura e simplesmente agrícola” (FARO, 1902, p. 24). A influência do pensamento científico da Escola do Recife ainda impregnava o fio e os rastros dos discursos.

4.4.2 Diretorias

A presidência de maior duração foi a do Dr. Theodoreto do Nascimento, que também foi um dos fundadores da Revista, e manteve-se como redator principal até 1906. O cargo máximo esteve ocupado por médicos, um advogado, e um engenheiro (Quadro 3)

Quadro 3 – Diretorias da SSA

PERÍODO	PRESIDENTE	OBSERVAÇÃO
1902	Evangelino José de Faro	Bacharel em Direito
1903 a 1906	Theodoreto do Nascimento	Médico. Em setembro de 1906 assumiu Leandro Diniz de Faro Dantas ⁸⁴ (Engenheiro Civil)
1907	Leandro Diniz de Faro Dantas	Engenheiro. O médico Felisbello Freire assumiu de maio a dezembro ⁸⁵ .
1908	Felisbello Freire	Médico

Fonte: dados extraídos das edições da Revista Agrícola (SSA): 1905 a 1908.

De acordo com a chamada reiterada de convocação das eleições no primeiro semestre de 1906, e a publicação dos resultados na edição 31, de 15/04/1906, havia alguns descompassos que contribuíam com o eminente fim da Sociedade, dois anos antes de seu término real em 1908. A pouca participação na eleição demonstrava o “menosprezo” à *Sociedade Sergipana de Agricultura*.

Um texto anônimo sobre o resultado dessas eleições notava-se algumas contradições: uma unidade entre editores e colaboradores, a presença de várias vozes no discurso - a autoria (a Revista); os seus destinatários (os lavradores), e os sobredestinatários (o futuro Presidente da República, e subliminarmente, às outras instituições entre as quais dialogavam, a SNA, a *Sociedade Auxiliadora da*

⁸⁴ Foi nomeado “lente” para o Atheneu de Sergipe, em maio de 1907 (Notícias Diversas, n. 56, 15/05/1907, p. 548).

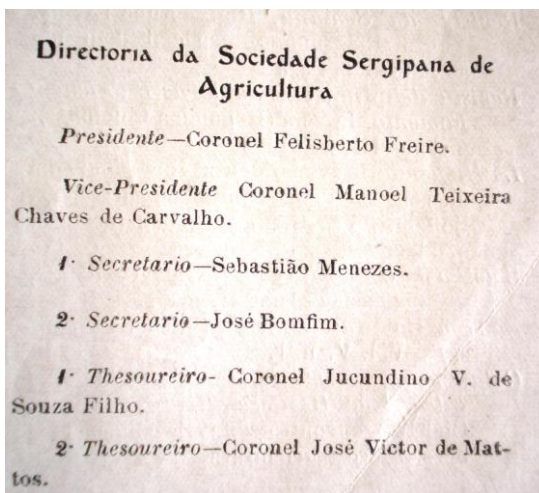
⁸⁵ Notícias Diversas, 01/06/1908, p. 798.

Agricultura de Pernambuco), entre outras; como também o discurso como um meio de eximir culpas, a Sociedade Sergipana de Agricultura e seus diletos participantes fizeram a sua parte, se não deu certo a culpa não era deles:

Não há mais illusão possível, a lavoura entre nós é uma classe morta pella indiferença, pella desunião e pella mais deplorável ignorância da mor parte de seus membros, circunstâncias estas que dão logar ao desprestígio em que se acha actualmente e se conservara ainda por muito tempo, desapparelhada de tudo até para conseguir em seu proveito, qualquer dos favores que n'outros Estados lhe forem posteriormente concedidos. E quando no próximo governo do dr. Affonso Penna, que segundo se diz, será o Presidente que resolverá a questão agrícola no paiz, se procurar saber o que existe em Sergipe, como prova da necessária organização e solidariedade estabelecida entre seus lavradores, nada existirá e cousa alguma obteremos, porque individualmente nada valeremos (Revista Agrícola, 15/04/1906, p. 298).

O registro da última Diretoria eleita foi publicado no exemplar de número 90, de 15 de novembro de 1908 (Figura 21). E, na edição seguinte, a Revista veiculou o Regimento da *Coligação Assucareira de Sergipe*, o que viria ser a “5ª. experiência” (?), e o fim da Sociedade Sergipana de Agricultura.

Figura 21 – Registro de
Diretoria da SSA



Fonte: Revista Agrícola, 15/11/1908, p. 910.

4.4.3 A polifonia na Sociedade Sergipana de Agricultura – destinatários e sobredestinatários

Foi empreendida uma busca documental⁸⁶ para localizar outras fontes além dos Estatutos e da Revista, como principais fontes sobre os discursos da SSA, de forma a ampliar a possibilidade de contextualização da Sociedade Sergipana de Agricultura e de seu periódico, de ouvir outras vozes no discurso⁸⁷. Os dados identificados provenientes do Executivo Estadual estão entre as fontes que foram identificadas como possibilidade de acessar essa interlocução fora das fronteiras impressas da Revista Agrícola (SSA). São correspondências recebidas: ofícios, cartas, memorandos, provenientes de instituições que buscavam o diálogo e apoio do Executivo Sergipano em prol da lavoura nacional. Observa-se que algumas das correspondências localizadas tiveram seu conteúdo parcial, ou na íntegra, veiculado nas edições da Revista Agrícola (SSA), mesmo retroativamente. Como foi o caso da Exposição Internacional realizada em Saint Louis, nos Estados Unidos, em 1904, com resultados publicados em edição da Revista Agrícola (SSA) de 1905.

Entre as fontes relacionadas à SSA e à Revista podem ser destacadas, em ordem cronológica as seguintes correspondências: da Sociedade Nacional de Agricultura, ofício n. 2009, de 16 de abril de 1902, que apresentava um panorama acerca da crise do açúcar, suas causas e prejuízos decorrentes, para discutir e propor soluções a SNA propunha a realização de uma Conferência Açucareira, acreditando que se chegaria a resultados práticos a fim de debelar a crise e de forma que “se completa a obra do Congresso Nacional de Agricultura” [1878]. Informava que a escolha do local do evento – a Bahia se justificava pelo “intuito de servir equitativamente os interesses das zonas assucareiras do Norte e Sul do paiz”. Pedia que o Governo enviasse representações para o evento que ocorreu a 25 de junho de 1902: “a crise que a todos avassala atingio seu maximo de gravidade” (ofício assinado por Antonio Fialho, Presidente da SNA, endereçada ao Monsenhor

⁸⁶ Ressalta-se que as consultas aos acervos foi iniciada por uma minuciosa varredura nos instrumentos de pesquisa das instituições para a posterior solicitação das pacotilhas contendo os documentos. Dessa ação constatou-se que muitos dos documentos listados nos guias, pertinentes ao trabalho, não foram localizados pelos funcionários responsáveis pela disponibilização dos mesmos, fato observado, sobretudo, no APES.

⁸⁷ Entre as instituições, o levantamento no acervo com limite temporal entre 1902 a 1908, do Arquivo Público de Sergipe (APES) e do IGHSE (Instituto Histórico e Geográfico) e na Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED), todos em Aracaju, SE., e no site da Biblioteca Nacional (RJ) com a obtenção dos jornais que noticiavam principalmente sobre Theodoreto do Nascimento.

Olympio de Souza Campos, Presidente do Estado) (APES, G¹, vol. 1941, Correspondência Recebida, Ofício, 07/05/1902). Um ofício de n. 314, de 7 de maio de 1902, do Diretor da Faculdade de Medicina e Farmácia da Bahia encaminhava o diploma do farmacêutico José Alves da Costa Filho, colaborador da Revista Agrícola (SSA) nos anos de 1907 e 1908⁸⁸.

Outro ofício, n. 2482, de 16 de janeiro de 1903, do Presidente da SNA Antonio Fialho para Josino Menezes, Presidente do Estado de Sergipe, informava que a SNA tinha sido solicitada para intermediar a participação do Brasil na exposição Internacional de *Saint Louis* nos Estados Unidos junto às classes produtoras do país “para que o Brasil se faça representar naquele certamen”⁸⁹ e obter “um estreitamento dessas relações, abrindo ao intercambio entre os dous paizes” (APES, G¹, vol. 596, Correspondência Recebida).

A Sociedade de Agricultura Alagoana enviou circular de 30 de abril de 1903, por meio do Diretor da “Secção de Propaganda”, solicitava junto ao Presidente do Estado de Sergipe, dados sobre a produção “sacharina” no estado: número de engenhos e usinas, capacidade de produção por safra, maquinário empregado etc. Apenso à circular um questionário de doze itens para ser respondido e remetido a referida Sociedade (APES, G¹, vol. 596, Correspondência Recebida), dados que segundo Izidoro Roiz da Costa, Diretor da Seção seriam empregados para o estudo da indústria açucareira brasileira.

A Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco, em 17 de outubro de 1904, expediu carta que informava sobre a alteração da data da realização da 2ª Conferência Açucareira, adiada pela Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) para o primeiro domingo de março de 1905. Tratava também sobre as recomendações da primeira conferência açucareira realizada na Bahia em 1902, entre as quais determinou que as instituições agrícolas ou os governos estaduais deveriam enviar os relatórios sobre a produção agrícola local, e que o Presidente do Estado nomeasse representante do Governo para o referido evento. (APES, G¹, vol. 1938, Correspondência Recebida)

A Sociedade de Agricultura Alagoana em 17 de janeiro de 1905, mais uma vez, por meio de sua Seção de Propaganda, requisitava informações sobre a

⁸⁸ Traz a assinatura de Costa Filho acusando recebimento do Diploma, colaborador na Revista Agrícola (SSA) entre 1907 e 1908.

⁸⁹ Os desdobramentos da participação de Sergipe nessa exposição podem ser conferidos no item 1.3.1 desta Tese.

produção e comércio do açúcar em Sergipe de forma a compor documento a ser apresentado na 2ª. Conferência Açucareira no Recife (APES, G¹, vol. 1938, Correspondência Recebida).

A Comissão do Estado de Sergipe na *Exposição Comemorativa de Abertura dos Portos do Brasil* de 22 de abril de 1908⁹⁰ expediu carta para o Presidente do Estado para apresentar os resultados dessa Comissão sobre os produtos angariados para a referida mostra: “323 produtos pertencentes à agricultura, indústria, belas artes”. Descrevia os meios empregados para contatar os produtores e obter os itens necessários à mostra, como a criação de comissões municipais, o recurso do telégrafo, o envio de cartas particulares, circulares. Observou também que apesar do esforço verificava-se a ausência de produtos de alguns municípios. (APES, G¹, vol. 1949, Correspondência Recebida).

As correspondências escritas sobre o período figuravam como essenciais à manutenção da máquina administrativa. Sobre essa categoria de fontes escritas relativas aos arquivos do Poder Executivo, Bacellar (2010, p. 27) observa:

A correspondência enviada ou recebida pelas autoridades no exercício de suas funções formam grandes conjuntos documentais em todos os arquivos. Algumas vezes encontram-se organizados por destinatários ou remetentes, sendo, no entanto, de difícil indexação por assuntos, dada sua imensa diversidade.

Essas correspondências foram úteis no entendimento e na própria confrontação do que foi dito na Revista Agrícola (SSA), e o que pairava na atmosfera verbal do contexto desse periódico e da Sociedade Sergipana de Agricultura, como também úteis os jornais, conformando uma conjunção de fontes documentais que possibilitaram esse exercício de hermenêutica em torno da Revista.

⁹⁰ Ofício publicado na Revista Agrícola (SSA) na seção *Notícias Diversas* (15/08/1907, p. 607-608), na Revista consta também a lista de produtos obtidos.

4.4.4 “Esforço e tenacidade” - a Sociedade Sergipana de Agricultura na Revista Agrícola (SSA)

E aqui estão como um peremptório attestada do que affirmamos, a Sociedade Sergipana de Agricultura e a “Revista Agrícola”. Aquella como um meio practico de congregar e de bem unir os lavradores sergipanos, dando-lhes, assim, força e vigor atravez das tremendas crises, que até hoje, temos atravessado; e esta a Revista, como um meio theorico e irremediavelmente necessário á sua instrucção, a sua lógica emfim (Revista Agrícola, n. 41, 01/10/1906, p. 392).

A Revista era uma instituição em conjunto com a Sociedade Sergipana de Agricultura: “estamos a luctar com as maiores difficuldades para a manutenção desta publicação e da própria Sociedade de ella é órgão de propaganda e o único signal de vida! (Revista Agrícola, n. 8, 01/05/1905, p. 62).

Publicada entre 1905 a 1908 a Revista refletia os fatos do momento. Mas, o seu recorte temporal como se vem assinalando, não era estanque. A produção da Revista apontava para uma necessidade herdada de períodos anteriores e envolvia questões relacionadas com processos mais amplos de início da construção do Estado brasileiro sob o capitalismo.

O perfil dos editores e do público estava além da Revista, como observa De Luca:

Jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças, valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita. De forma que é importante se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela edição, os colaboradores, a escolha do título, e é importante ainda inquirir sobre suas ligações cotidianas com diferentes poderes e interesses financeiros. A análise do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e necessariamente patentes nas páginas desses impressos (DE LUCA, 2006. p. 140).

Busca-se descortinar as contradições neste processo complexo, constituído em um contexto em que se articulariam intelectuais, elite agrária e o Estado na construção de um Brasil moderno a partir de uma rede discursiva sofisticada (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 13). E a Revista como possível órgão de discurso dessas três ordens poderia conter dados essenciais à compreensão da produção de um pensamento para o campo sergipano a partir de seu conteúdo.

Conteúdo que guardava a divulgação de novos saberes, considerados modernizadores, situados em um contexto no qual é caracterizado pela historiografia brasileira pela transição das formas produtivas no Brasil que ocorre no período que vai de 1888 a 1931⁹¹. Mas, apesar da convergência de discursos para a superação da crise na lavoura, verificam-se contradições neste processo, o que é possível desvelar a partir de uma leitura de seu espaço/tempo histórico apresentado nas notícias.

O periódico passaria, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, a figurar como uma forma de acesso à publicidade dos acontecimentos, uma fonte possível de disseminação da informação, através da palavra escrita, uma relação direta com a realidade noticiada. Martins e De Luca (2008, p. 8) na Introdução da História da Imprensa no Brasil consideram que: “a nação brasileira, nasce e cresce com a imprensa”. Assim a imprensa periódica é “a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira”. A afirmativa dessas autoras demonstra que, além de veículo de comunicação, o suporte impresso, e seu conteúdo, conteriam fragmentos da relação espaço/tempo das relações sociais que formaram essa imprensa, de maneira que poderiam constituir-se em fontes importantes de acesso às questões e respostas sobre a realidade brasileira no período de sua edição.

O discurso propriamente dito, singular, da Revista foram os seus editoriais⁹², por considerá-los singulares, uma vez que os demais textos costumavam ser produções externas, matérias reproduzidas de outras publicações.

O discurso da Revista foi marcado por perfil de luta em prol da lavoura, uma perspectiva alvissareira, voltada para a solução de problemas, sobretudo, os envolvidos na produção e comércio do açúcar.

Palavras e expressões como: “tenacidade”, “o bem estar das classes que defende” foram tônica dos que escreveram em prol das ações da Sociedade Sergipana de Agricultura, fomentadora da Revista: a “desinteressada missão” era uma constante na avaliação de editoriais e aniversários de suas edições. Mas, o discurso continha outras vozes: os “outros” a serem enfrentados e vencidos, como se pode ver no quadro seguinte (Quadro 4):

⁹¹ Como exemplo, o recorte de Sônia Regina de Mendonça (1997) quando estuda o Ruralismo Brasileiro. José de Souza Martins (1986, p. 31) por sua vez ao analisar o campesinato insere a discussão no período de 1888 a 1964: “o fim da escravidão redefine as condições de existência do campesinato; o golpe de Estado põe fim às alternativas que estavam contidas nas lutas camponesas da época”.

⁹² Item a ser melhor detalhado na seção 6 desta Tese.

Quadro 4 - Síntese das ideias veiculadas nos editoriais sobre a função da Revista e as impressões negativas dos “outros”

1º Ano (15/01/1905, p. 1)	
A Revista	Os seus opositores
Esforço de tenacidade, de teimosia e rebeldia (...) Foi preciso cerrar-lhes os ouvidos, incorreremos na pecha de visionários, quiméricos, teóricos, sonhadores (...) Modesto órgão de imprensa, cuja prestabilidade e cujos serviços a boa causa já antevejo. Tenacidade de verdadeiro alquimista; confessarmos não saímos ilesos dessa luta pois a história dos feitos de nossa classe em Sergipe nos repercute tristemente a ponto de duvidarmos do futuro e do êxito de nossos esforços (...)	Indiferença doentia, entorpecimento geral característicos de nossa geração (...) Considerações pessimistas opostas, espírito desalentado para não dizer refratário do nosso meio.
2º. Ano (01/01/1906)	
A Revista	Os seus opositores
Levantada a esforços perseverantes e patrióticos; Brilhante iluminada; Continuará sempre com a sua missão de doutrinar e esclarecer sem fulgor	Nunca foi ela distinguida com uma só produção dos representantes que defende, e por cujos interesses esforça-se.
3º. Ano (01/01/1907)	
A Revista	Os seus opositores
A somma de sacrifícios, de lutas a enfrentar, de dificuldades a vencer para atravessar esse período, só podem avaliar, bastante, os que conhecem o meio em que exercitamos a nossa desinteressada missão.	A indiferença oposta ao esforço, a ignorância paixonada, e as vezes imbecil, erguida como muralha chinesa, as tentativas patrióticas da civilização e do progresso
4º. Ano – 01/01/1908 – “No quarto anno de sua vida no cyclo da imprensa” (p. 892)	
A Revista	Os seus opositores
Enfim, é preciso trabalhar para vencer, mesmo a contragosto daquelles em prol dos quaes trabalha e procura-se vencer.	A classe agrícola em Sergipe é numerosa habilitada, e, até, uma boa parte della instruída, mas essa classe pode-se dizer, já se vê, com excepções raríssimas, não se lê si quer a Revista Agrícola, que é na imprensa o órgão immediato de seus interesses e não lê nem um só numero dos innumeros Jornaes, que sobre o assumpto publicam-se em todo o vasto território.

Fonte: Editoriais da Revista Agrícola (SSA) de 1905 a 1908.

A Revista, como uma instituição, visava cumprir um papel de salvar a lavoura das tentativas de fracasso dos “outros” e cumprir uma tarefa junto aos seus sobredestinatários do presente e futuro agrícola do país, organizar o campo sergipano, de forma que o seu editorial inaugural, além de desfilar palavras que situava a benfazeja ação da Revista, que, em meio “a indiferença doentia, entorpecimento geral característicos de nossa geração”, conseguia a sua edição, apresentava um histórico das medidas empreendidas para movimentar a lavoura. Um discurso que apresentava as quatro tentativas, a primeira, em 1860 com a criação do *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura*, a segunda, em 1870 com o *Comício Agrícola Sergipense*, a terceira tentativa com a *União Agrícola*

Laranjeirense (entre o final e o início dos séculos XIX e XX), e quarta em 1902 com a criação da *Sociedade Sergipana de Agricultura* que “dá a público” a Revista como “porta-voz incansável da lavoura, do commercio e das industrias sergipanas”. O seu editorial assim resume a primeira delas:

[...] Quem não sabe que todas as tentativas no sentido de movimentar a lavoura e reunil-a para defeza de seus interesses, têm todas fracassado em Sergipe? A primeira d’ellas e a mais esperançosa, foi o Instituto Agrícola de Sergipe, creado em 1860 por Sua Magestade e por elle logo dotado com a quantia de 10 contos de reis, immediatamente elevada a 25 contos de reis por força da boa vontade imperial, exercida sobre o animo dos lavradores erão então os fidalgos da terra e não fizerao qualquer questão de dinheiro. Com a quantia de 4:800\$ compraram o Patrimonio e os 20 contos restantes, emprestarão a Provincia, deixando prescrever a devida d’esta e abandonando aquelle, até que o Estado o junto ao domínio, no Governo Provisorio. Não fizerão, como se vê, questão o dinheiro, mas não forão capazes de dar a sua actividade, os seus serviços e sua boa vontade boa vontade a instituição nascente e que tantos elementos de sucessos contava! A Bahia foi mais feliz, pois que obtendo as mesmas demonstrações da munificência real soube aproveitar melhor do que nos creando as Escola Agrícola de São Bento das Lages que tantos serviços tem prestado, mesmo ao nosso Estado que conta muito de seus filhos alli educados...

(...). A segunda, foi obra de um espírito culto e propagandista emérito, o Dr. Felismino Muniz Barreto, cujos serviços foram valiosíssimos em favor da lavoura que, ainda uma vez, se conservou, como agora indifferente e incapaz de cohesão e iniciativa. Foi creado então o Comício Agrícola Sergipense ao qual não faltaram recursos materiaes, mas teve vida ephemera, si bem que útil e gloriosa. Ahi está a lembrança do “Agricultor” seu brilhante jornal de propaganda (...) A terceira delas foi a organização União Agrícola de Laranjeiras (...) é sabido o que resta de semelhante obra (...) A quarta e última é a Sociedade Sergipana de Agricultura que hoje dá a público este órgão de publicidade (NASCIMENTO, 15/01/1905, p. 1-2)⁹³.

4.5 A Coligação Assucareira de Sergipe – a quinta experiência?

A Coligação Assucareira tinha por fim estabelecer “conjunto de medidas a tomar para a valorização do açúcar”. As notícias de sua primeira reunião, seus estatutos (Revista Agrícola, n. 92, 01/11/1908, p. 896-900)⁹⁴ e regimento (Revista Agrícola, n. 94, 01/12/1908, p. 917) foram publicados na Revista Agrícola (SSA) (Quadro 5).

⁹³ Optamos por manter a grafia original no documento. O Comício o qual o texto se refere data de cerca de 1870 e a União Agrícola de Laranjeiras de acordo com Oliva (1985, p. 38) data de 1889 e foi finalizada em 1907.

⁹⁴ Ver Anexo B nesta Tese.

Quadro 5 – Diretoria da Coligação Assucareira 1908-1911⁹⁵ (anual)

NOME	FUNÇÃO OCUPADA NO PERÍODO ⁹⁶	FUNÇÃO ATRIBUÍDA ⁹⁷
Thomaz Rodrigues da Cruz ⁹⁸	Diretor do Banco Sergipe	Negociante
Terêncio Sampaio	Coronel (Chefe da Guarda Nacional); Diretor do Banco Sergipe ⁹⁹	Negociante
Sebastião Menezes	Coronel	Negociante
Demetrio Moreira de Oliveira	?	Agricultor
Lourenço Pinto Monteiro	Diretor do Banco Sergipe	Negociante

Fonte: Coligação, 01/11/1908, p. 896-899.

Sobre essa *Coligação*, sabe-se que foi criada a partir da *Coligação Assucareira do Brasil*:

Em 1905 criou-se a Coligação Açucareira de Pernambuco com o objetivo principal de enfrentar as crises de superprodução com a exportação de excedentes e com a formação de estoques reguladores (principalmente de açúcar bruto ou mascavo).

Deste modo, a Coligação controlava as vendas, estabelecia cotas de comercialização, financiava a estocagem e concedia subsídios aos produtores para a exportação. A opção pela exportação era uma tentativa de contrabalançar o poder de negociação dos refinadores e comerciantes do Sul e Sudeste que dominavam o mercado interno de açúcar refinado¹ e tinham acesso às informações necessárias para planejar suas compras e vendas. Em 1906, a Coligação de Pernambuco conseguiu o apoio dos produtores da Bahia, de Alagoas e de Campos (RJ), tornando-se a Coligação Açucareira do Brasil. Desta maneira, os preços do açúcar foram mantidos em patamares artificialmente elevados até 1907. a safra 1908/09 as refinarias do Rio de Janeiro fecharam acordos com as usinas de Campos e conseguiram preços menores do que os estabelecidos pela Coligação (VIAN; CORRENTE, 2007, p. 94).

Todavia, esses autores não informam sobre a presença sergipana na Coligação, e observam que o intento fracassou entre as safras de 1908/1909, e consideram que essa foi a primeira tentativa de usineiros de se auto-organizarem e gerirem a produção e comercialização do açúcar. Concordar com essa afirmativa é discordar do conhecimento produzido desde a segunda metade do século XIX que contemplava também essa finalidade: imperiais institutos, comícios e demais

⁹⁵ Duração prevista: “Art. 17. 31/01/1911, podendo esse prazo ser prorrogado de acordo com os interessados (Estatutos da Coligação Assucareira de Sergipe [Revista Agrícola, 01/11/1908, p. 899-900]).

⁹⁶ Mapeamento a partir da Revista Agrícola (SSA), de 1905 a 1908.

⁹⁷ Conforme consta na matéria sobre a *Coligação Assucareira*, p. 896-897, e os Estatutos na p. 899 (COLIGAÇÃO, p. 896-899, 01/11/1908). E o Regimento (REGIMENTO, p. 917, 15/11/1908).

⁹⁸ Em 1906 Thomaz Rodrigues da Cruz, Terêncio Sampaio e Lourenço Pinto Monteiro figuravam em anúncio do Banco de Sergipe como seus diretores (Revista Agrícola, no. 42, 15/10/1906).

⁹⁹ De 1905 a 1923 (GUARANÁ, 1925, p. 501).

sociedades de agricultura. Não eram apenas usineiros que participavam da Coligação, os Estatutos da *Coligação Assucareira de Sergipe*, fundados a partir de normas do da *Coligação Assucareira do Brasil*, de conformidade com as condições sergipanas, divergiam dessa condição. Os autores ainda afirmam o “fracasso” da Coligação, o que deve ser revisto, diante as singularidades regionais, os estatutos sergipanos previam o fim da Coligação tão logo a situação do preço do açúcar fosse normalizada, como também independente de sua duração, cumpria um papel na lógica do capitalismo.

A *Coligação*, em Sergipe, contou com grande número de participantes, entre os quais os que também integraram a *Sociedade Sergipana de Agricultura* e outras iniciativas anteriores como se vê no Quadro 6:

Quadro 6 – Instituições Agrícolas em Sergipe e a mobilidade de participantes

	INSTITUIÇÕES				
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
	IISA (1860-1881) ¹⁰⁰	COMÍCIO AGRÍCOLA SERGIPENSE (1870-?) ¹⁰¹	SOCIEDADE UNIÃO AGRÍCOLA (1899?-1907) ¹⁰²	SSA (1902-1908)	COLIGAÇÃO ASSUCAREIRA (1908-1911) ¹⁰³
	LOCAL DE REUNIÕES				
	Aracaju	Maruim	Laranjeiras	Aracaju	Aracaju
PARTICIPANTES	ATUAÇÃO				
Antonio Curvello de Mendonça	1881 (Conselho Fiscal).	Membro	Presidente ¹⁰⁴ (1907)	Sócio em 1902	-
Cel. Sebastião Menezes	-	-	(1º. Secretário em 1906 ¹⁰⁵), 1907 (membro)	(1º. Secretário 1906, 1908)	-
Dionísio Eleutério de Menezes	1868; 1881 (Conselho Fiscal; Diretoria)	Vice-presidente	Membro	Conselho Superior	Fomentador
Dr. Theodoro do Nascimento	-	-	-	Presidente (1906). Diretor/redator da Revista de 1905 a 1906.	-
Evangelino de	-	Redator do	-	1º. Presidente	Diretor Suplente

¹⁰⁰ Ano de início e de fim dos registros de atividades do Instituto no seu livro de Atas.

¹⁰¹ Data obtida a partir do Levantamento do PLEFANN, Ficha 07. Pesquisador Pedrinho dos Santos.

¹⁰² Sobre data inicial, ver Souza (1985, p. 38), o fim, encontra-se expresso na Revista Agrícola, n. 53, 01/04/1907, p. 519.

¹⁰³ Definição de sua duração veiculada em seu Regimento

¹⁰⁴ Revista Agrícola, n. 54, 15/04/1907, p. 530.

¹⁰⁵ Ver Ata da Sociedade União Agrícola, publicada na Revista Agrícola, n. 42, 15/10/1906, p. 409.

Faro		jornal do Comércio ("O Agricultor Sergipano", 1881)			
Felismino Muniz Barreto	1868, 1881 (Diretoria).	Fundador	-	-	-
Homero de Oliveira	-	-		Vice-presidente. Direção e Redação da Revista de 1905 a 1907.	Constante na "lista dos interessados"
João Ferreira de Britto Travassos	1881 (Diretoria)	Membro efetivo.	-	-	-
Leandro Diniz	-	-	-	Vice-presidente (1906); Presidente (1907-1908)	1º Secretário

Fonte: APES, A¹ 01, Livro de Atas do IISA (1860-1881); Revista Agrícola (SSA) – 1905 a 1908; Relatório, 1872; Estatutos, 1902.

Por fim, a reunião das cinco experiências sergipanas de maior visibilidade que visavam resolver os diversos problemas inerentes à lavoura pode ser sintetizada no referido quadro. Independentes da duração de suas existências corroboraram na organização e produção do campo sergipano à luz da produção capitalista do espaço. A recorrência de seus principais idealizadores, como elos de coesão em diferentes contextos, possibilitou estabelecer os alicerces da espacialização do capitalismo no campo sergipano. Detentores do domínio dos meios de produção, dos recursos de propaganda, de uniões políticas estatais e privadas cimentaram a simultaneidade de ideias e a implantação de mecanismos de acordo com as demandas econômicas, entre as quais, a Revista Agrícola (SSA) foi apenas um desses mecanismos de fundamentação ideológica.

5 OS SENHORES DO EDITORIAL DA REVISTA – “NOSSA UTILIDADE” - OS “HOMENS DE LETTRAS”

A “imaginação”, a “representação” desses homens determinados sobre a sua práxis real é transformada na única força determinante e ativa que domina e determina a prática desses homens (MARX; ENGELS, 2007 p. 44).

A análise de traços biográficos dos principais editores e colaboradores da Revista Agrícola (SSA) está situada entre os níveis de abordagem na História do Pensamento Geográfico em que se discute a participação de não geógrafos e suas ideologias na produção de discursos ideológicos sobre o espaço e a superfície da terra (MORAES, 1999, p. 19). Desvela como a formação intelectual e a atuação desses “homens de letras” e os temas explorados interagiram com a produção e organização do campo sergipano.

Confundiam-se, os editores e a própria Revista Agrícola (SSA). O discurso da Revista era polifônico, mas as vozes, de dois autores foram mais frequentes no período de veiculação da *Revista*. O médico e o bacharel, ou em um trocadilho com aporte na literatura clássica, o “médico e o monstro”. Assim como na ficção literária, todavia considerando a existência de dois personagens e não um único como na obra, Theodoreto e Homero personificavam a *Revista*. Mesmo com a saída do médico, este deixou o seu “monstro”¹⁰⁶. A concordância entre suas ideias eram sempre reiteradas por Homero, apesar da distância de Theodoreto, a amizade e a admiração ficaram mantidas¹⁰⁷. Uma carta de Homero endereçada a Theodoreto, de 20 de janeiro de 1908 (IHGSE, Cx. 15, Doc. 15), agradecia cartão recebido, em tempo que solicitava pedido de “lembrar de vaga” para um amigo em comum.

Para o leitor desatento, os discursos dos dois autores podiam ser confundidos, não por igualdade de palavras, mas por serem homogêneos os ideais. De diferentes formações acadêmicas, mas engajados no tom afeito à miscelânea de ideias cientificistas, patrióticas, positivistas. Estes foram os sujeitos históricos, os motores da Revista Agrícola (SSA) na sua execução teórica. A manutenção física do periódico ficou a cargo de seus diletos colaboradores, agricultores, industriais e comerciantes: Dionísio Eleutério de Menezes, Sebastião Menezes, Thomaz Cruz, Victor de Mattos, Jucundino Filho, entre outros, poucos e diletos sócios que

¹⁰⁶ Alusão a Dr. Jekyll e Mr. Hyde, obra *O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson.

¹⁰⁷ Um conjunto de cartas pessoais de Theodoreto do Nascimento (acervo do IHGSE).

participaram com veemência na diretoria, como anunciantes, como membros do Conselho Superior da Sociedade Sergipana de Agricultura, como propagandistas das boas práticas agrícolas. Mas, foi o médico e o desembargador que alimentaram a “pena”.

5.1 Theodoreto Archanjo do Nascimento¹⁰⁸ – “homem de letras e distinto cientista”¹⁰⁹

Figura 22 - Theodoreto Archanjo do Nascimento



Fonte: Memória Visual, 2011.

Perscrutar a trajetória do médico Theodoreto Archanjo do Nascimento constitui-se em desafio devido a sua mobilidade entre Sergipe, São Paulo, Rio de Janeiro e outros estados brasileiros, e países estrangeiros para onde viajou principalmente participando de Comissões de estudo.

Uma biografia manuscrita anotada por Epifânio Dória (IGHSE, Fundo Epifânio Dória, pac. 2054, cx. 28, doc. 054, Apontamento biográfico de Theodoreto do Nascimento por Epifânio Dória, s.d.), escrutinador da história sergipana, apresentou a correção sobre a data de seu nascimento. A fonte mais coerente. A data 1866 e

¹⁰⁸ Foi comum, principalmente entre as fontes editadas fora de Sergipe a grafia de seu prenome com o emprego do “u” depois do “d”, mas optamos pela grafia veiculada na Revista Agrícola (SSA), nos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura, e nas fontes primárias.

¹⁰⁹ Notícias Diversas. Revista Agrícola, n. 25, 15/01/1906, p. 238.

não 1886 como registrou Guaraná (1925, p. 501) e tantos outros pesquisadores que o copiaram, sem atentar que o *Dicionário Bio-Bibliográfico* contém, o mesmo ano para o nascimento e para a conclusão do curso de medicina na Bahia.

Dória burilou, provavelmente a partir do conjunto de documentos relativos à Theodoreto existentes no acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, alguns tópicos sobre o médico. Da transcrição de algumas partes desse manuscrito puderam ser coligidos os seguintes dados:

- Janeiro de 1905 – Inspetor de Higiene em Sergipe, afastado temporariamente do cargo para cumprir missão designada pela 2ª. *Conferencia Assucareira*, no Recife (Ofício do Secretário de Governo Terêncio Sampaio, de 02/06/1905);
- Título de nomeação para exercer interinamente o cargo de lente da 11ª cadeira de Zootecnia Geral da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, em Pinheiro [SP], em 09 de março de 1907;
- Diploma de Sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe de julho de 1920;
- Nomeação para exercer interinamente o cargo de Inspetor Sanitário do Departamento Nacional de Saúde Pública, novembro de 1920 (IGHSE, Fundo Epifânio Dória, pac. 2054, cx. 28, doc. 054, Apontamento biográfico de Theodoreto do Nascimento por Epifânio Dória, s.d.).

Apesar da confusão da data de seu nascimento, o Dicionário de Guaraná ainda é a fonte que reúne o maior número de registros biográficos sobre o médico (GUARANÁ, 1925, p. 502-503):

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, recebendo o grau a 18 de dezembro de 1886. Domiciliado em Riachuelo, serviu em comissão por ocasião da epidemia de febres em 1887; fez parte de uma sociedade em Laranjeiras de conferências públicas sobre assuntos sociais de instrução e política de que eram membros Fausto Cardoso, Felisbello Freire, Josino Meneses, Baltazar Góes e outros, em favor da propaganda republicana de Sergipe, e exerceu até 1888 o cargo de Delegado de Higiene daquela cidade. Transportando-se para o Estado de S. Paulo, foi em 1889 nomeado para combater a epidemia da febre amarela em Limeira; extinta esta, voltou para a Capital onde matriculou-se em Direito, fazendo o seu primeiro ano em 1890. Ali exerceu a clínica, foi delegado de higiene e médico adjunto do Exército. Nesse mesmo ano apresentou ao Governo Provisório uma representação contra o exercício ilegal da medicina, assinada por cerca de 200 médicos, apoiada pela Academia Nacional de Medicina, cujo Presidente, Dr. Moura Brasil, acompanhou o portador da representação até a presença do Ministro Dr. Cesário Alvim. As sociedades de Medicina e Cirurgia de S. Paulo e Rio foram também solidárias e assinaram a representação. Em 1891 foi nomeado delegado de higiene na capital de São Paulo e mandado em comissão chefiada pelo Dr. Domingos Freire para a Europa, (Berlim) a fim de estudar o tratamento da tuberculose de Kock e em 1892, foi chefe de clínica nas epidemias de febre amarela em Mogi-Mirim (São Paulo) e em 1897 foi nomeado pelo Presidente de Sergipe, Dr. Martinho Garcez, para estudar no Ceará a cultura da maniçoba. Voltando a Sergipe, foi nomeado pelo Presidente, Dr. Josino Meneses, Diretor de

Higiene, conservando-se neste lugar até 1901¹¹⁰, quando foi escolhido pela 2ª conferência Açucareira do Recife para estudar no Egito, Índia, Java e Ceilão os processos de cultura da cana de açúcar, voltando ao Brasil em janeiro de 1905 de sua viagem ao Oriente. Foi nomeado, em 1907, médico profilático do Xerém e em 1908, representante do Estado de Sergipe no 6º Congresso Médico de São Paulo e membro da grande comissão exposição nacional.

Foi lente interino de Zootecnia geral da Escola Superior de Agricultura por nomeação de março de 1917 e 1º Presidente e organizador da Sociedade Sergipana de Agricultura e Inspetor Sanitário interino da Capital Federal em 1920. Foi redator e fundador da *Revista Agrícola*, periódico quinzenal, órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura. Aracaju, 1905-1906. O 1º número saiu no dia 17 de janeiro daquele ano: é um fascículo de 8 págs. de 2 colunas e mede 0,26 x 0,15. Até 1907 conservou o mesmo formato. Delegado pelo Estado de Sergipe, da Comissão Executiva do 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia realizado na Capital de S. Paulo em setembro de 1907, por nomeação do Congresso.

Escreveu:

– *Alcoolismo e embriaguez*: dissertação. Proposições. Três sobre cada uma das cadeiras de medicina legal. Teses apresentadas à Faculdade de Medicina da Bahia para serem sustentadas a fim de obter o grau de doutor. Bahia, 1886, 49 págs. in. 8º. Tip. de H. O. da França Guerra.

– *O Hipnotismo científico*: série de artigos na “Província de S. Paulo” de 1890.

– *O Comberlandismo e o Sr. Pedro Colasso*: no mesmo jornal e ano.

– *Série de artigos* de polêmica a propósito do exercício ilegal da Medicina. No “Diário de Notícias” do Rio de 21 de fevereiro; 8 a 17 de março de 1890.

– *Cultura da Maniçoba*. Histórico, plantio, preparo da borracha, importância comercial do produto e valor da cultura em paralelo com as do café, algodão e açúcar pelo... Rio de Janeiro, 1899, 53 págs. in. 12º.

– *Peste Indiana*: série de artigos publicados no “O Estado de Sergipe”, de 12, 13, 20, 23 e 25 de setembro de 1903.

Os três últimos artigos trazem a epígrafe *Peste bubônica*.

– *Em viagem*. De Aracaju a Paris. No “O Estado de Sergipe”, de 17 de agosto de 1905 e 18 do mesmo mês.

– *Viagem dos Antípodas*. A Cidade de Porto-Said – O Canal de Suez – No “O Estado de Sergipe” de 2 de setembro do mesmo ano.

– *No Oriente*. De Djibouti ao Ceilão. No “O Estado de Sergipe”, de 29 e 30 de setembro e 1º de outubro seguinte.

– *Relatório* apresentado à Sociedade Sergipana de Agricultura por seu Presidente... na sessão de 1º de janeiro de 1905. Na “Revista Agrícola” de 15 do referido mês.

– *A propósito da lei sobre o povoamento do Solo*. No “Jornal do Comércio” de 19 de maio de 1907.

– *Um busto de Pasteur*. No “O País” de 17 de junho de 1907.

– *Reminiscências do Oriente*. Na “Gazetilha do Jornal do Comércio” de 25 de junho de 1907.

– *Uma ideia sobre a próxima exposição brasileira*. No “O País”, de 9 de agosto de 1907.

– *Coisas da Índia*: dois interessantes artigos com gravuras. No “Cosmos” de julho a outubro de 1907.

– *Campanha Antimalária*: comunicação feita no 6º Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, realizada na Capital de S. Paulo em setembro de 1907, a propósito do serviço de medicina e profilaxia, estabelecido contra o impaludismo pelo Médico da 3ª Divisão de Obras Públicas da Capital Federal em toda a zona do Xerém e Mantiqueira, por ocasião dos trabalhos

¹¹⁰ Permaneceu no cargo até 1906. Em 1905 solicitou licença para a referida viagem conforme Ofício 331, de 02/06/1905, da Secretaria de Governo do Estado de Sergipe, Terêncio Sampaio, para Theodoro do Nascimento (Arquivo do IHGSE, Cx. 23, doc. 158).

de catação desse e outros rios para o abastecimento d'água à cidade do Rio de Janeiro. S. Paulo, 1907, 13 págs. in. 8º. Tip. Progresso. Este trabalho de suma importância sob o ponto de vista social e economia de higiene foi aprovado em todas as suas conclusões em sessão plena do Congresso.

– *A Lavoura no Oriente e no Brasil*: memória apresentada ao 2º Congresso Nacional de Agricultura, reunido no Palácio Monroe, no Rio de Janeiro. No “Jornal do Comércio” de 25 de agosto de 1908. Transcrito na “Revista Agrícola” de Aracaju, de 1º de outubro a 1º de novembro de 1908. Publicado depois em folheto de 23 págs. in. 8º, na Tip. do “Jornal do Comércio”, do Rio. 1908.

– *A propósito da profilaxia rural*. No “Sergipe Jornal” de 23 de outubro de 1923.

Alguns dados presentes neste verbete podem ser conferidos em outras fontes documentais. A sua atuação, como médico em São Paulo até o final do século XIX, por exemplo, e sua participação ativa na agricultura são referências localizadas no jornal fluminense *Gazeta de Petrópolis*, na seção “Correios dos Estados”:

Da República do Ceará

Tivemos hoje o prazer de receber a vizita do illustre Sr. Dr. Theodureto Nascimento e Major Argemiro de Sant’Anna, comissionados pelo governo de Sergipe a fim de estudarem neste Estado o plantio e a cultura da maniçoba. O Sr. Dr. Theodureto é médico e tem viajado pela Europa. Reside em São Paulo onde clinica e entrega-se a estudos de agricultura, sendo lavrador em Sergipe e naquelle Estado.

Pretende viajar pelo centro a serviço de sua comissão, concentrando os seus estudos nas principaes zonas de Uruburetama e Maranguape. Agradecidos á gentileza dos dignos cavalheiros, desejamos que encontrem todas as facilidades para feliz desempenho da incumbencia que lhes fora dada pelo governo de Sergipe. (GAZETA de Petropolis. Petropolis. Ano VII, n. 108, Sábbado, p. 2, 10/09/1898).

Ainda sobre a sua presença na capital paulista, um artigo sobre as formas de transmissão da Febre Amarela, e os debates ocorridos na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo no final do século XIX (1895 a sua fundação) de forte inclinação positivista de seus participantes, incluía o médico Theodoreto entre aqueles que discordavam do então defensor da teoria hídrica como o principal meio de contágio da doença (TEIXEIRA, 2001, p. 226). Convém ressaltar que, ao lado do perfil médico-científico dos participantes da Sociedade Médica de São Paulo, havia também a inserção de vários desses profissionais de saúde nos partidos políticos vigentes, a exemplo de seu primeiro presidente Luiz Pereira Barreto: “eminente figura paulista: médico, destacado filósofo positivista e político do Partido

Republicano, se tornou o primeiro presidente da sociedade, mais tarde recebendo a honraria de presidente perpétuo da instituição” (TEIXEIRA, 2001, p. 223)¹¹¹.

Papel também registrado na biografia de Theodoreto na sua atuação no Partido Republicano em Sergipe, no século XIX, como também sua possível ação simpatizante em torno da causa Liberal na Revolta de Fausto Cardoso, o que resultou na sua provável exoneração do cargo de Inspetor de Higiene, em 1906 (SOUZA, 1985, p. 210).

Comparado ao seu amigo Homero de Oliveira, Theodoreto publicou pouco na Revista, um total de três editoriais e cerca de sete artigos. Mas, a sua presença foi constantemente reiterada por Homero de Oliveira, mesmo em 1908, quando a presença autoral de Homero arrefece do conteúdo da Revista.

5.1.1 Viagens e escritos

As viagens de Theodoreto fizeram parte de sua atuação como propagandista da lavoura, mas também estavam relacionadas a sua formação, o que incluiu deslocamentos para especialização médica. Atendo-se especificamente ao tempo de sua participação na Revista Agrícola (SSA), a primeira viagem registrada é para a capital pernambucana em 1905 para participar da *2ª Conferência Assucareira*:

Por Acto do Governo, sob n. 28 de 10 do corrente, foi nomeado para representar o Estado de Sergipe na 2ª. Conferencia Assucareira, a reunir-se a 12 de Março próximo, no Recife, o Dr. Theodoreto Nascimento (...) (Revista Agrícola, n. 3, 15/02/1905, p. 24).

A viagem para o Oriente configurou-se em momento ímpar para o médico. Em artigo publicado na Revista Agrícola (SSA), n. 10, *Como despedida*, reiterou a importância da Revista para o meio rural sergipano, assegurou que a “Penna scintillante do Dr. Homero a evangelisar nestas paginas que não desaparecerão com a ausência ‘que faço’” (NASCIMENTO, 01/06/1905, p. 81) e sobre a viagem destacou:

Não me seduziu a honra extraordinária, nem tampouco o prazer de viajar, alias conhecido de quem já fez duas viagens ao velho mundo,

¹¹¹ Ver também: Koguruma, 2001, p. 131-134 (este autor apresenta em seu livro transcrição de matéria de Theodoreto sobre críticas às práticas de curandeirismo em São Paulo, publicada em jornal local).m

determinou a minha acquiescencia em partilhar as responsabilidades de uma tão importante comissão. Foi antes a vontade sincera de servir, trabalhar e cooperar para o aperfeiçoamento moral e material de nossa lavoura, com a fé e dedicação de que me sinto capaz, foi a necessidade de provar com factos, estas convicções tantas vezes expressas por meras palavras, o que me pezou no espírito e decidio. É preciso não ser somente theorico e sonhador como somos geralmente tratados, é necessário aggir e penso que aggir é aggir heroicamente uma tal comissão, a tão grande distância, sem ao menos o interesse da remuneração, como acontece, pois apenas teremos o estrictamente preciso para as despesas de viagem, si não for insufficiente, como se deve acreditar, e em breve verificaremos

Finalizou a sua despedida com um pedido aos colaboradores da Revista que a amparassem e a prestigiasse.

Theodoreto viajou em comissão com o engenheiro baiano Miguel Calmon do Pin e Almeida, Secretário da Agricultura na Bahia, e futuro Ministro da Viação e Obras Públicas e, posteriormente, da Agricultura, Indústria e Comércio nas primeiras décadas da chamada "República Velha", sobrinho homônimo do Marquês de Abrantes, importante família baiana que participou praticamente de todas as iniciativas em torno do progresso da lavoura baiana e brasileira (ARAUJO, 2010).

Sua viagem ao Oriente ecoou nas páginas da Revista¹¹². O número seguinte, após o artigo de despedida, trouxe notícias sobre a sua partida “no dia 2 do corrente mez” [02/06/1905] e elogios para o médico como defensor da lavoura sergipana, e o destaque sobre a importância de sua viagem (Noticias Diversas, n. 11, 15/06/1905, p. 95).

A seção *Noticias Diversas* da Revista Agrícola (SSA), de 01 de julho de 1905, acompanhava a viagem de Theodoreto, informou sobre sua chegada a Salvador, a fim de iniciar seu deslocamento para o Oriente, atreves de transcrição de matéria veiculada no *Dário da Bahia*:

[...] Assim se manifestou o “Diário da Bahia”:
Recebemos, hontem, a gentilíssima visita do Sr. Theodoreto do Nascimento que parte amanhã, a bordo do Thames, para Marselha,

¹¹² E também de jornais estrangeiros conforme reproduziu a Revista Agrícola (SSA). Além dela foi localizada uma nota sobre a passagem de Theodoreto e Miguel Calmon em jornal das Índias Holandesas *Het nieuws van den dag voor Nederlandsch-Indië*, [Notícias do Dia para as Índias Holandesas] n. 230, 06/10/1905, p. 3. As Índias Orientais Neerlandesas (ou Índias Orientais Holandesas) a colônia fundada por neerlandeses da Companhia Neerlandesa das Índias Orientais (ou VOC) e que abrangia todo o território da atual Indonésia, a capital era Batavia até 1949 quando conseguiu sua independência, hoje é Jacarta. Ver Anexo C.

onde se encontrará com o nosso eminente conterrâneo, dr. Miguel Calmon, e onde emprehenderão juntos, por delegação da Conferencia Assucareira do Recife, a viagem de estudo da cultura da canna de assucar ao Egypto, á India, a Ceylão e á Java.

Medico de larga nomeada no sula da Republica, principalmente em S. Paulo, onde abriu caminho para o triumpho pelo próprio esforço, servido por muito talento e erudição, o dr. Theodoreto superintende actualmente os serviços de Hygiene em Sergipe, onde também é agricultor adiantado.

É um dos beneméritos da lavoura; ali na formosa terra do seu berço, foi um dos organizadores da Sociedade Sergipana de Agricultura (...) fundador e redactor da Revista Agrícola, adeantado criador e lavrador em seu Estado natal onde tem prestado excellentes serviços, quer na propaganda activa dos meios de melhorar a industria pecuária e agrícola, quer em relatórios minuciosos sobre a cultura da maniçoba (...) (Noticias Diversas. Revista Agrícola, n. 12, 01/07/1905, p. 105-106).

O conjunto de características acima assinaladas tinha sido propalado nas páginas da Revista Agrícola (SSA) como causa principal que teria definido, na 2ª. *Conferencia Assucareira*, no Recife, a escolha de Theodoreto para integrar a referida comissão.

Depois de sete meses e meio de viagem, o médico retornou de sua missão (Noticias Diversas. Revista Agrícola, n. 25, 15/01/1906, p. 238): enquanto a Bahia recebia o seu patrício, o Dr. Calmon, com honras, destacando êxito obtido em meio às dificuldades da viagem, “Sergipe”, assim teria dado às boas vindas a Theodoreto:

Sergipe levou, por intermédio de alguns particulares, friamente, as boas vindas, ao dr. Theodoreto; não precisa dizer que não fez surgir seu nome glorioso das urnas; mas em compensação, esperava-o ancioso, para entregar-lhe o lazareto¹¹³ com as dezenas de variolosos que alli se acham, mais uma vez reclamando a sua competência e os seus serviços. Um Estado que procede assim para aquelles que trabalham, esforçam-se e sacrificam-se, porque não dizer para bem servir-o, está condemnado a marchar um século, atravez da história, para nesta, quando muito, registrar meio passa para frente.

Tambem, parece-nos que para aos homens superiores, satisfaz bastante a consciência do dever cumprido (OLIVEIRA, 01/02/1906, p. 242).

Na mesma edição que noticiou o seu retorno, Theodoreto publicou o artigo *De Regresso*. Discorria sobre as certezas adquiridas com a viagem, o que foi solidificado em sua atuação: “e logo declaro, mais visionário voltei”. No artigo, retomou sua fala de antes da partida: de pedir que a Revista não tivesse fim. Pedido

¹¹³ Recordando que Theodoreto, à época, era *Inspector de Hygiene* do Estado, e grassava um princípio de epidemia de varíola em Sergipe.

o qual foi atendido, de maneira que agradeceu o empenho dos poucos colaboradores, mas que, apesar do empenho destes, mirava o eminente fim da Revista, sobretudo, diante os custos para mantê-la, valor que muito onerava os cofres da Sociedade Sergipana de Agricultura, o desapego de seus assinantes: “[...] as devoluções [da Revista] sobem para 198”. Com a tiragem inicial de 500 exemplares passara a publicar 350. Entre os assinantes, muitos não pagavam, ou sequer retiravam seus exemplares nas agências “de maneira que a consequência de tudo isso será o nosso desaparecimento inevitável, ante a vontade soberana dos lavradores de Sergipe que assim querem e assim determinam” (NASCIMENTO, Revista Agrícola, 01/02/1906, p. 242-243).

As notícias sobre os resultados da viagem prosseguiram: a transcrição de uma entrevista como o Dr. Miguel Calmon publicada no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro (Revista Agrícola, n. 27, 15/02/1906, p. 251-253), na qual se destacava a colaboração de Theodoreto. O conteúdo da entrevista informava ainda sobre uma série de alterações produzidas naquele contexto e com previsões para mudanças futuras na produção de alguns itens como a borracha obtida da seringueira, que diante a produção estrangeiras não seria mais colhida no prazo de 20 anos. Além do exame sobre outros produtos de exportação: açúcar, fumo, algodão, borracha. O Dr. Calmon revelou que cumpriu não só que o foi designado na *Segunda Conferência*, como também as demandas do Governo da Bahia, que incluía a contratação de um cientista estrangeiro para dirigir o Instituto Agrícola da Bahia, e a aquisição de aparelhos para o gabinete de mineração, como também espécimes animais: “comprei na India quatro casaes bovinos de raças Nellore, Guserate Hanvi, afora casaes de cabras” (Revista Agrícola, n. 27, 15/02/1906, p. 253).

Na mesma edição da entrevista, o Dr. Theodoreto publicou *A Praga dos Incêndios*, onde avaliou o pouco cuidado dos lavradores sergipanos com a terra e com as matas, porque permitiam que “rendeiros” plantassem mandioca, fava e milho. A crítica é que derrubavam as matas, as incendiavam e não davam qualquer retorno aos proprietários: “nada vale, porque não nos dá fortuna”.

No conteúdo da Revista essa é uma das poucas referências feitas aos camponeses. Não são chamados de indolentes como em outros textos veiculados, mas por uma denominação pior: “o incêndio proposital e a vagabundagem provocante de gente que não precisa trabalhar”.

Na mesma matéria essa “gente”, eram os rendeiros, pescadores, caçadores eram os acusados de “carbonisar o Estado”, a eles também foi imposta a culpa pelas secas, e por todo o desmatamento.

O texto é finalizado clamando justiça a esses crimes, exigindo a execução do *Código Rural*¹¹⁴, a regulamentação do trabalho agrícola. Cabe ressaltar, que em 1906, no cenário brasileiro, a população livre e sem emprego era constante no campo e na cidade, porém escamoteada, por conta dos rearranjos de poder.

A configuração do trabalhador livre no Brasil demandou a reformulação das relações de dominação, contraditoriamente ao lado de um ideário de crença de sociedade livre de homens iguais. O direito a terra para esses trabalhadores livres era extremamente deficitária conforme observou Silva (1981) sobre *Camponeses e Criadores na Formação Social da Miséria*, no sertão sergipano. Os camponeses eram frequentemente “empurrados” para as áreas de fronteiras com o semi-árido e outros locais com terras praticamente incultas.

As fontes sobre a presença camponesa no campo nesse período estão em negativo, não são claras. A revelação da exploração camponesa requer atenção para as entrelinhas dos discursos presentes nas fontes documentais escritas.

Ainda no Brasil, em muitas paragens, observa-se a continuidade dessas formas de ocupação “proibidas” para o plantio e colheita de alimentos, como é o caso dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Antes de conhecer a possibilidade de união de forças de uma luta pelo direito a terra, muitos trabalhadores foram ajustados a “bem querença” dos proprietários.

A destruição das “mattas de Itabaiana”, em Sergipe, citadas por Theodoretto como resultado da “vagabundagem” de quem não precisava de trabalho, não era ato de vandalismo. Qualquer trabalhador rural que tenha vivido na área citada, há pelos menos sete décadas, sabe dizer da necessidade de fazer as roças de algodão, mandioca, milho, feijão e fava, que incluía queimadas controladas. As roças eram fruto da necessidade de sobrevivência, uma vez que na corrida dos cercamentos que não findaram no século XIX, as piores terras – inférteis, ficaram para os despossuídos de poder econômico e político. A leitura desse texto de Theodoretto

¹¹⁴ O Código Rural foi criado em 1905 (Decreto n. 537 de 21 de agosto de 1905 em obediência à Lei N. 481 de 12 de novembro de 1904. Seu texto, na íntegra foi veiculado nas edições da Revista Agrícola: CÓDIGO Rural, n. 16, 01/09/1905, p. 139-143; CÓDIGO Rural, n. 17, 15/09/1905, p. 151-157 [faltam as páginas: 153 a 156]; CÓDIGO Rural, n. 19, 15/10/1905, n. p. 170-173). Faltam alguns artigos do Código porque a edição 18 de 01/10/1905 foi extirpada da encadernação onde estão os volumes armazenados na BPED.

para uma agricultora do agreste de Sergipe, que atuou no campo nos idos de 1945 a 1970, demonstra que o discurso de 1906 ecoou mais algumas décadas, de maneira que a impressão da agricultora sobre o texto do médico foi essa:

Nossa terra não era boa, porque eles ficaram com a melhor [terra], a mais fértil, o rendeiro, era esse nome mesmo que dava a quem arrendava do fazendeiro um pedaço de terra para a roça. Plantava no mês de maio e junho, feijão, milho, fava, o algodão se não tinha das roças passada, colhiam em agosto e setembro, e o algodão em outubro. Trocava com o fazendeiro a terra em que plantava, por plantar capim para eles, em julho, a gente plantava capim para os fazendeiros, depois de colher a roça, ou dava em troca parte do algodão, um pouco era pra gente, e o melhor era pra eles. A roça não incendiava porque a gente fazia os aceiros, eles é que tocavam fogo de propósito para ganhar espaço para pasto, e também carregava o plantio de quem era fraco (Ex-agricultora, 75 anos, março, 2012)¹¹⁵.

O brilho da ciência do médico viajante parecia ser ofuscado diante de palavras pejorativas para tratar o trabalhador rural - os pequenos sitiantes, e outros que nada de terra possuíam e “vagavam” em busca de alimento. O seu apelo para o Presidente do Estado e para o chefe de polícia mostrava a expúria do outro lado do progresso e da civilização propugnados, ou como condição a ser ceifada para que o progresso avançasse.

A matéria e o depoimento, a sua confrontação, também permitem inferir sobre as singularidades no/do campo sergipano, como o discurso da classe dominante foi alimentado por uma prática efetiva de determinações que moldaram o perfil, não só territorial do campo, mas também das formas de organização do trabalho, assim como o rompimento de antigas práticas culturais associadas, como os costumes em torno dos ciclos agrícolas, antes com forte vinculação de traços indígenas, africanos e portugueses foram compelidos ou absorvidos na lógica massificante do capital. Novas mercadorias associadas a novas necessidades, a desassistência de escolas, médicos e trabalho impulsionaram uma migração para as cidades, ou a produção de um desejo, um fetiche, de buscar o progresso e a modernidade, junto a essa produção a definição de estigmas para o campo e para a cidade, atraso e progresso, respectivamente. Um rompimento irreversível de elos de coesão social que passaram a ser denominados e compelidos à pecha de “matutos”, “caipiras”, ou

¹¹⁵ Agricultora aposentada da região agreste de Sergipe, e também ex-operária das fábricas de tecido do Distrito Industrial de Aracaju nas décadas de 1970 e 80. A extensão da memória do relato cobriu um largo temporal de cerca de sete décadas, uma vez que desde a infância acompanhava a mãe e a avó nas lidas das roças, como também domina um largo de memória em comum de suas genitoras. A presente Tese não se propôs a trabalhar com fontes orais, contudo, para não perder o registro, optamos por incluir o depoimento.

outras denominações conforme cada região brasileira (CANDIDO, 1999; CUNHA, 2003).

Salles observa como esse processo de emergência do trabalhador livre no Brasil vai ser inserido nas novas formas de dominação, nas quais a demanda da Nação, representada no Estado, é produzida como garantia de controle da luta de classes – em nome da Nação (da unidade), da pátria (do sentido de pertencimento simbólico). E que muitas das relações de dominação foram estabelecidas através de códigos não escritos, mas impressos no comportamento e nas relações entre classes (SALLES, 1986, p. 133). O que implica que, um universo de informações, principalmente sobre a presença camponesa nesses tempos foi praticamente perdido, uma vez que a memória era/é na maioria das vezes o único suporte de registro de sua existência¹¹⁶, assim como seus costumes em comum (THOMPSON, 2002).

O “nomadismo predatório” era observado desde o final do século XVIII e início do século XIX. Neste tempo não era uma “opção” para trabalhadores indolentes, mas uma prática inserida na mentalidade colonizadora que segundo Pádua é a primeira variável, entre quatro, a serem percebidas na construção de uma equação do caráter ambientalmente devastador da ocupação colonial do território brasileiro:

A imagem de uma terra sempre disponível para o avanço horizontal da produção [agrícola] minimizava a importância do cuidado ambiental. À medida que os solos agrícolas e pastoris tornavam-se estéreis, a fronteira avançava em direção às florestas e aos campos ainda intactos (PÁDUA, 2004, p. 73).

Depois de tratar dos “incendiários”, Theodoreto prosseguiu nas edições seguintes com outros debates veementes, utilizava as palavras com precisão cirúrgica para identificar os males à lavoura. Como também seguiram as notícias sobre a sua viagem ao Oriente: a matéria *Brazileiros no Oriente* transcrevia parte de jornais estrangeiros que publicaram sobre a passagem do Dr. Calmon e de Theodoreto (Revista Agrícola, n. 27, 15/02/1906, p. 256-257).¹¹⁷

A longa matéria *O Fumo de Sumatra*, o Dr. Calmon notificou sobre os integrantes da comissão, e de que a mesma teria sido subdividida entre Oriente e

¹¹⁶ Aqui registra-se o trabalho de Conceição (1991) sobre o desvelar do camponês em Sergipe.

¹¹⁷ Um jornal da cidade do Cairo registrou sobre o envio de camelos e dromedários, uma iniciativa que não era novidade no Brasil, conforme a importação de dromedários para o Ceará em 1859 (DEL PRIORE; VENÂNCIO, 2006, p. 165-167).

Ocidente, e o lamento diante a morte de um dos integrantes¹¹⁸. Calmon expôs exaustivamente sobre o cultivo do fumo em Sumatra.

O editorial da edição de número 29, de 15 de março de 1906, apresentou transcrição de correspondências entre o Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura, Wenceslau de Oliveira Bello e Theodoreto Nascimento, acerca da solicitação de dados sobre o cultivo da maniçoba ao médico. O conteúdo dos ofícios constataavam os resultados dos estudos de Theodoreto em torno da maniçoba desde o final do século XIX. De acordo com sua resposta ao então Presidente da SNA, Theodoreto informou que dos 250 mil pés de maniçoba existentes em Sergipe em 1906, 100 mil eram por ele cultivados desde 1899¹¹⁹, plantados a partir de sementes trazidas do Ceará. Narrou sobre sua experiência como fazendeiro entre São Paulo e Sergipe e a prática com cultivos mistos, como também destacou as iniciativas do agricultor Dr. Godeahaux Ettinger, em Itabaiana, que tinha em uma mesma área o cultivo de maniçoba, algodão e mandioca, de forma que seguiu louvando as iniciativas em prol da maniçoba, parabenizando o governo fluminense em oferecer prêmio para aqueles que cultivassem a referida planta. Finalizou louvando os “grandes propagandistas” da lavoura brasileira: “Tostas, Calmons, Botelhos etc” (Revista Agrícola, n. 29. 15/03/1906, p. 271).

O tema da policultura seguiu no editorial da Revista de 15 de abril de 1906. Theodoreto considerava a possibilidade de “emancipar-se da ruinosa cultura da canna, que alias é a cultura fidalga da terra, por que a ella se acham vinculados, talvez por velhos preconceitos, as maiores famílias de Sergipe” (NASCIMENTO, 15/04/1906, p. 290). Ressaltou o quanto essa tradição monocultora, diante à crise do açúcar, poderia arruinar por completo Sergipe. Expôs e comparou as formas de organização do trabalho em torno da produção do açúcar nos países que visitou com as formas sergipanas, nas quais reinavam o atraso e falta de disciplina. Diante dos fatos, concluiu o quanto era difícil arrancar os lavradores sergipanos da “obsecação da canna”. Narrou as experiências da policultura em outros países, com destaque para o cultivo da laranja na Califórnia, que há trinta anos era pobre e desconhecida e que vivia principalmente do cultivo desse fruto, inclusive da “famosa

¹¹⁸ Foram os nomeados para a Comissão: Affonso de Mendonça, Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Theodoreto do Nascimento e José Maria Carneiro da Cunha. Theodoreto e Calmon foram para o Oriente e os demais para os Estados Unidos e Cuba (CALMON DU PIN e ALMEIDA, Miguel. 01/03/1906, p. 263-265. O artigo continuou nas edições n. 30, de 01/04/1906, p. 285-288; n. 31, de 15/04/1906, p. 294-295; n. 32, de 01/05/1906, p. 302-305; n. 33, de 25/06/1906, p. 313-315.

¹¹⁹ Na Fazenda Santo Antonio, em Itaporanga.

e inigualável laranja da Bahia”, a qual nem a Bahia e Sergipe, que tinham as mesmas terras, não sabiam aproveitar. O autor questionou do que seriam chamados os propagandistas da SSA diante o discurso de impulsionar a policultura, se mais uma vez seriam considerados visionários. Mas, independente das alcunhas, ele cumpria afirmava cumprir o seu papel. Deixava a cargo dos destinatários e sobredestinatários de seu discurso que resolvessem o que fazer:

Sei que brado no deserto e a prova é que vae desaparecer esta Revista por falta de recursos, de assignantes e de leitores!
Com ella também irá a Sociedade Sergipana de Agricultura, mas ao futuro deixo o encargo de julgar desse crime dos nossos lavradores que receio também, terá do tempo a mais séria punição. Por minha parte se lhes dou este ultimo conselho, não porque lhes perdoe, mas pela pena que me causa a sua sorte e por amor deste caro Sergipe que tanto quizeramos ver prospero e feliz hobreando os mais adiantados Estados do Brazil (NASCIMENTO, 15/04/1906, p. 290).

O último editorial escrito por Theodoreto, antes de sua saída de Sergipe, foi destinado como apanágio ao então recém-eleito Presidente da República Affonso Penna. Em tempo que aclamava a chegada do ilustre visitante, apontava o que esperava da nova administração do país, e o que os brasileiros dele aguardavam, e, sobretudo, o que a Revista Agrícola (SSA) “aguardava” ao dar as boas vindas¹²⁰. Levantou comparação entre a realidade brasileira e o que viu nos países do Oriente que visitou. Sobre o Oriente distante conseguiu observar desigualdades sociais, mantidas a custo da exploração europeia naquelas plagas, a privação que os colonos sofriam destinados apenas ao enriquecimento dos dominadores. Diante do exemplo ressaltou os itens necessários para compor uma nação: “instrucção e cultura scientifica de um lado, e de outro a prosperidade material pello trabalho intelligente que augmenta que aumenta e multiplica a producção agrícola e industrial de modo duradouro, nunca porem, pela ignorância e inércia” (NASCIMENTO, 25/05/1906, p. 309-310). Apresentava, portanto, o que considerava importante a ser aplicado por Affonso Penna. Descreveu as iniciativas dos presidentes antecessores, e como a visita do então Presidente era destinada a conhecer de perto as necessidades de cada Estado, apresentou as suas queixas, e lamentou que sua “Exa. não tinha escolhido uma outra época que diria por si só sobre as dificuldades ‘aqui no Norte’. Como pedidos/queixas listou: instruções em geral “segundo as luzes

¹²⁰ De acordo com a matéria da edição 34 (de 15/06/1906, p. 324), a Revista, o seu número especial de 25 de maio de 1906, foi distribuída para o Presidente no seu desembarque fluvial em Aracaju.

dos processos modernos”, a falta estradas de ferro, as dificuldades de escoamento de produtos pelas barras, “não temos braços para o trabalho”, “não temos crédito agrícola”.

Em meio às descrições da visita de Penna, a edição 25 da Revista, publicava uma nota sobre *A maniçoba em Sergipe* exaltando o empenho de Theodoreto que possuía o mais antigo maniçobal plantado no Brasil e que, recentemente, teria recusado vultosa oferta de compra de suas terras. Na mesma seção uma notícia de implantação, em Londres, de empresa inglesa criada para explorar a borracha no Brasil, principalmente no Pará e no Ceará, “a melhor do mundo”, de forma que pretendiam instalar escritórios, vilas operárias para “indígenas e europeus” e algumas milhas de estradas de ferro (Noticias Diversas, 25/06/1906, p. 316). Ainda sobre os maniçobais de Theodoreto, a visita de um americano às suas terras (Noticias Diversas, n. 35, 01/07/1906 p. 340). A visita teve como resultado o estabelecimento de um contrato de venda de seu maniçobal e enquanto não foi processada, arrendou para o americano por 6:000\$000 anuais e que o mesmo negócio foi efetuado com dois outros lavradores, Evangelino Faro (1º. Presidente da SSA) e o Major João Pinheiro de Mendonça (Noticias Diversas, n. 36, 15/07/1905, p. 349).

O seu artigo *Imposto de Sangue* criticava a saída de trabalhadores para a vida militar, o que completava, segundo ele, a morte da lavoura. Destacou o papel do “soldado camponez” como o ideal, mas clamava para que poupassem os sergipanos dessa demanda, diante “os claros que preencheram dos batalhões que aqui passaram para Canudos”, de modo que alarmou para a consequência da falta de braços à lavoura nesse período da Guerra de Canudos. A reclamação tinha por fundamento a grande quantidade de inscritos no serviço militar, e de outros que foram cooptados para as plagas da Amazônia por aliciadores. Chegou a comparar Sergipe como “uma Africa”, a qual comissários militares ou aliciadores vinham em busca de sergipanos. Relembrou as levas comissionadas que lutaram no Paraguai e na Bahia, e os governantes anteriores que tentaram impedir a “expoliação contínua” (NASCIMENTO, 15/07/1906, p. 344-346)

Neste artigo Theodoreto floreava suas palavras, como recurso de convencimento, menciona a dor e a tristeza daqueles que partem como uma forma de tentar minimizar que os trabalhadores deixassem o Estado. Os “incendiários”, por ora referidos em outro artigo, tinham agora outras qualidades:

Não é só perder o importantíssimo capital que estes indivíduos representam, ainda que não soffressem escolha, mas é a flor de nossa mocidade operária que nos arrancam as inspecções médicas, que só nos deixam o péssimo residuo de fracos e incapazes (...) o sergipano é bom soldado (...) e ahi está o edictal da Capitania do Porto a continua essa sangria que completará a morte de nossa misera lavoura! (NASCIMENTO, 15/07/1906, p. 344).

A edição de 01 de agosto de 1906 da Revista Agrícola (SSA) transcreveu em seu editorial uma entrevista do jornal “A Bahia” realizada com o Dr. Theodoreto, semelhante a que foi realizada com o Dr. Calmon. Na entrevista o médico expôs a realidade agrícola de Sergipe, as sugestões para minorar a crise, e discorreu sobre os objetivos da viagem ao Oriente para conhecer os concorrentes, estudos e práticas de cultivo e beneficiamento do açúcar (Revista Agrícola, 01/08/1906).

Ainda em agosto de 1906, na seção *Noticias Diversas*, na sequência da “nova situação” em Sergipe, por conta da Revolta de Fausto Cardoso, e da partida de Olympio Campos para a capital federal por conta desse ocorrido. A saída de Theodoreto ocorria por conta de chamado de seu companheiro de viagem ao Oriente que o demandava para a elaboração do relatório da comissão (Noticias Diversas, 15/08/1906, p. 369). A Revista de 01 de setembro de 1906 encontra-se fragmentada e fora da encadernação, apesar do precário estado de conservação de seu suporte foi possível identificar no seu conteúdo o último artigo de Theodoreto *A lavoura e o governo*, um pedido indireto para que os interesses da lavoura não fossem prejudicados na contenda “onde não devem penetrar as paixões políticas”, enfatizava a sua atuação que “há nove annos que me dou ao estudo de taes assumptos”, por fim transcreveu como exemplo salutar ao desenvolvimento, as ações do então governador do Rio de Janeiro (NASCIMENTO, n. 39, 01/09/1906, p. 373-375).

Na seção *Noticias Diversas* de 15 de setembro de 1906, a confirmação da viagem de Theodoreto anunciada em número anterior. Com a saída de Theodoreto, Sebastião Menezes assumiu a direção da Revista e Diniz de Faro, a presidência da SSA (Noticias Diversas, n. 40, 15/09/1906, p. 388-389).

Na edição 41, de 01/10/1906, um anônimo apresentou texto sobre Theodoreto (*O Dr. Theodoreto do Nascimento e a Lavoura Sergipana*) reafirmava as razões de sua partida, o chamado do Dr. Calmon para redigir o relatório da viagem ao Oriente. O artigo enaltecia os feitos do médico em prol da lavoura e as dificuldades que

encontrou. Principalmente, a falta de compreensão da classe de lavradores, mas não tinha sido completamente só o seu trabalho insano, no terreno prático encontrou alguns lavradores ilustrados e “no espaço theórico, s.s. tem, appenas, como parallelo, o illustrado Dezembargador Homero de Oliveira, que, por seu talento valle por muitos, todavia não é o bastante, porque ‘grande é a seara’ e em maior numero deviam ser os semeadores” (Revista Agrícola, n. 41, 01/10/1906, p. 393).

As edições de 01 e 15 de julho de 1907 republicaram artigo sobre *A proposito da Lei sobre o Povoamento do Solo* de autoria de Theodoreto que saiu no *Jornal do Commércio* [de 19 de maior de 1907] do Rio de Janeiro (Revista Agrícola, n. 59, 01/07/1907, p. 578 e 579; 584-586).

A publicação de ofício de Leandro Diniz de Faro Dantas, então Presidente da SSA, sobre a solicitação de “algumas qualidades de canna para sementes” junto a Sociedade Nacional de Agricultura, falava da obtenção desse pedido por “intermédio de nosso distincto amigo Sr. Dr. Theodoreto do Nascimento” (Noticias Diversas, n. 59, 01/07/1907, p. 580), o que deixava a ver a influência do médico junto a SNA. Assim como em matéria publicada no jornal carioca *O Paiz* de 1908 citava Theodoreto como membro da comissão responsável pela Exposição Comemorativa de Abertura dos Portos, na lista apresentada na matéria, o seu nome constava como um dos representantes da SNA¹²¹ (*O Paiz*, n. 8654, p. 3 Sábado, 13/06/1908).

A aproximação mais nítida da interação das vocações de Theodoreto está na transcrição das conclusões apresentadas ao 6º. *Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia de São Paulo*. Foram dez proposições abrangendo medidas profiláticas em torno das áreas mais afetadas pelo Impaludismo no país, considerada a “moléstia do agricultor brasileiro”. A doença, conhecida também como “febres” ou malária, causava transtornos incomensuráveis aos braços para o trabalho existentes no Brasil. Entre as determinações do Congresso, o item 9º declarava:

Enquanto não são possíveis obras permanentes de saneamento geral, emquanto esperamos os progressos da agricultura e das industrias, que são importantes factores dessa obra, o governo deverá facilitar a aquisição do quinino por baixo preço e distribui-lo gratuitamente ás populações pobres (NASCIMENTO, 01/12/1907, p. 673).

O combate à Malária tinha um significado preciso e prático. Não se tratava de eliminar uma moléstia que tantos males trazia à população trabalhadora de áreas

¹²¹ Ver Anexo D.

úmidas, mas enfeixava uma dimensão maior e mais complexa em torno das relações de produção que principiavam ou já sedimentadas. As áreas mais afetadas na ocasião do Congresso eram as regiões amazônicas e a Baixada Fluminense. A primeira, sobretudo, por ser polo do extrativismo da Borracha (*Hevea Brasiliensis*).

As campanhas em massa contra as epidemias tropicais gravassam desde o final do século XIX. A criação de instituições e a disseminação de práticas profiláticas tornaram-se constantes em todo o país. A fundação, por exemplo, de instituições como Manguinhos (atual fundação Oswaldo Cruz) no Rio de Janeiro, o Instituto Butantan em São Paulo foram também decorrentes não só do desenvolvimento científico de áreas biológicas, como também efeitos da espacialização do capitalismo no sentido da ocupação de novas áreas para moradia, e da expansão de fronteiras agrícolas e industriais. O de São Paulo coletava e estudava as espécies com peçonha que tanto alarmavam a população paulista em expansão dos limites urbanos.

As próximas notícias sobre Theodoreto vieram nas edições de 1908. A primeira quando o médico saiu candidato a Presidente de Sergipe¹²². Um texto produzido a partir da Diretoria da Sociedade Sergipana de Agricultura descreveu os méritos do candidato e as possibilidades reais que representava à lavoura sergipana, principalmente o seu caráter: “não será um partidista, será um patriota”. Era considerado responsável por fazer renascer as forças agrícolas do Estado, através das associações e da imprensa. Destacava que foi por meio dessa iniciativa que o mais importante “comício agrícola que a República tem tido, que o escolheram para a mais honroza das comissões”.

Nas correspondências da Sociedade Sergipana de Agricultura divulgadas na seção *Noticias Diversas* da Revista Agrícola (SSA) também foram localizadas notícias sobre Theodoreto, o que demonstrava que a sua ausência da agricultura sergipana era apenas física.

Os telegramas trocados entre Manoel Teixeira Chaves de Carvalho, então Vice- Presidente da SSA e o Dr. Theodoreto, no início de junho de 1908, informavam sobre a indicação do médico como representante da SSA na Segunda Conferência Nacional de Agricultura (promovida pela SNA) e, sua respectiva aceitação, o que

¹²² Folheto sem numeração antes do editorial da Revista Agrícola (SSA) de 15/05/1908.

comprovava o diálogo reiterado do médico com a SSA (Noticias Diversas, 01/07/1908, p. 830).

A propaganda política para o Dr. Theodoreto rendeu a possibilidade de reunir mais alguns dados para sua biografia: “um combatente, um progressista, filho do povo elle conquistou a golpes de actividade e de talento a posição que escalou pelo trabalho e pelo mérito”. A segunda referência ao médico nas edições de 1908 referia-se a mais um telegrama, dessa vez, declinando a sua candidatura para o Senador Coelho e Campos.

Finalmente, a edição de 15 de setembro de 1908 trazia a lume a notícia do tão esperado e comentado relatório da Comissão do Oriente. Em tempo que anunciava o recebimento de louvado documento, emergiam as homenagens:

Noticias Diversas

Dr. Theodoreto do Nascimento

A Lavoura no Oriente e no Brazil

Acabamos de receber o trabalho substancioso pelos conceitos que encerra, e digno de estudo pelos assumptos de que trata, devido a penna brilhantissima do nosso eminente Chefe Dr. Theodoreto do Nascimento (...) Esse trabalho como o seu titulo indica, é uma comparação entre os diversos methods applicados em uma e outra região, relativos a lavoura da canna. Estudo de observação e de analyse metyculosa nelle se acentua largamente a capacidade scientifica, a dedicação á cauza da agricultura Nacional, de que é no paiz o Dr. Theodoreto um dos mais preclaros propugnadores, um dos mais esclarecidos combatentes (Noticias Diversas, 15/09/1908, p. 866).

Conforme o anúncio prévio, o relatório foi veiculado nos editoriais de três edições da Revista Agrícola (SSA): de 01/10/1908, de 15/10/1908, de 01/11/1908. O parecer sobre o relatório foi elaborado por Paulo de Amorim Salgado, Presidente da 3ª. *Conferência Assucareira*, Rio de Janeiro. Depois de exposto o relatório cessaram às referências ao Dr. Theodoreto na Revista Agrícola (SSA).

No cenário nacional foi localizada a participação do médico como colaborador na imprensa da capital federal, conforme registrou Guaraná (1925), e também notícias sobre sua inserção na *Sociedade Nacional de Agricultura* (SNA).

5.1.2 Após a Revista Agrícola (SSA): de volta à medicina?

Com a “retirada” de Theodoreto da Revista Agrícola (SSA) em 1906, ficaram poucos registros sobre a sua permanência intelectual, mas o suficiente para afirmar que se manteve presente, ao menos durante a existência desse periódico. Como afirmou Homero em 1907, o médico “suportou conceitos duvidosos sobre o seu caráter impoluto e altivo”, deixou “um lugar impreenchível e que não se substituiu nunca” a direção intelectual da Revista, “quanto a sua gerencia e direcção econômica, encontrou um substituto digno delle, na pessoa do Coronel Sebastião Menezes”, além dos colaboradores como Dionísio Eleuthério de Menezes (OLIVEIRA, 01/01/1907, p. 451-453). O que denota que a saída de Theodoreto de Sergipe não foi apenas para concluir o relatório da viagem ao Oriente.

Após 1908, ficaram os registros de Armindo Guaraná e as anotações manuscritas de Epifânio Dória. Depois da execução do relatório da Comissão do Oriente, sabe-se que assumiu alguns cargos entre São Paulo e Rio de Janeiro, conforme mencionado no item 3.7.1 desta Tese.

Sobre o seu possível retorno à Sergipe ficou um registro localizado no jornal carioca *A Época*, de 18 de janeiro de 1915 que destacava na seção “Nacionaes” a notícia sobre cirurgia de grande risco executada por médicos sergipanos, entre ele Theodoreto:

Nacionaes
SERGIPE

Uma operação importante – os drs. Augusto e Sylvio Leite e Thodoreto Nascimento operaram com êxito.

ARACAJU, 17 (A. A.) - os drs. Augusto e Sylvio Leite e Theodoreto Nascimento executaram uma operação de alta cirurgia, sendo a paciente portadora de um polypo grande um fibromyoma e um kisto no ovário.

A imprensa registra o facto elogiando calorosamente aquelles cirurgiões e dizendo estar aberta em Sergipe uma nova phase de trabalho e actividade scientifica. A operada se acha em optimas condições. (A Época. n. 877, p. 2, segunda-feira, 18/01/1915).

Antes desses períodos algumas referências a Theodoreto no jornal *O Paiz*, do qual foi colaborador, mas apenas liberações para construção de residência no Rio de Janeiro, o que indica a sua fixação nessa cidade.

Os estudos mais contemporâneos¹²³ sobre o médico repetem exaustivamente os dados publicados no Dicionário Bio-Bibliográfico de Guaraná (1925), republicam, como já foi mencionado nesta seção, o erro do ano de seu nascimento. Das referências localizadas apenas uma página eletrônica divulga dados diferenciados

Foi ainda localizada sobre o médico-lavrador outra atribuição, a de inventor, como atestava a publicação no *Diário Oficial da União*: a autorização e a remoção de seu invento – um “defumador mecânico”:

DECRETO N. 8.288 – DE 6 de OUTUBRO DE 1910

Declara caducas as patentes de invenção constantes da relação que a este acompanha.

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil em cumprimento do que dispõe o regulamento que baixou com o decreto n. 8.820, de 30 de dezembro de 1882, em seu titulo III, capitulo II, art. 58 § 4º, decreta:

Artigo unico. São declaradas caducas as patentes de invenção constantes da relação que a este acompanha assignada pelo Ministro de Estado dos Negocios da Agricultura, Industria e Commercio.

Rio de Janeiro, 6 de Outubro de 1910, 89º da Independencia, e 22º da Republica.

NILO PEÇANHA.

Rodolpho Nogueira da Rocha Miranda.

Relação de patentes, a partir de 1 de outubro de 1895, que incorreram na pena de caducidade por falta de pagamento de annuidades de accôrdo com o art. 5º, § 2º, n, 3 da lei n. 3.129 de 14 de outubro de 1882

(*). Numeros – Data da concessão – Concessionarios e sua residencia – Objecto da Invenção – Cessionários e residência.

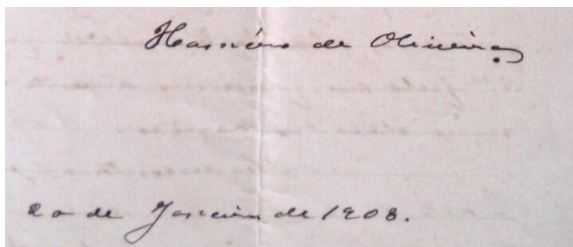
N. 5.215 – 18 de dezembro de 1907 – Theodoreto Nascimento e José Lobo Peçanha, Rio de Janeiro – Apparelho denominado «Defumador mecanico» para fabricação rapida e economica de borracha por meio de defumação executada mecanicamente (SENADO, 2011)

Médico, lavrador, inventor, redator, múltiplas funções que conferiram um perfil singular a Theodoreto e a seus escritos publicados na Revista Agrícola (SSA).

¹²³ Sites da Sociedade Sergipana de Medicina e Sociedade Brasileira de Medicina, páginas sobre Lagarto, Sergipe, local de nascimento de Theodoreto.

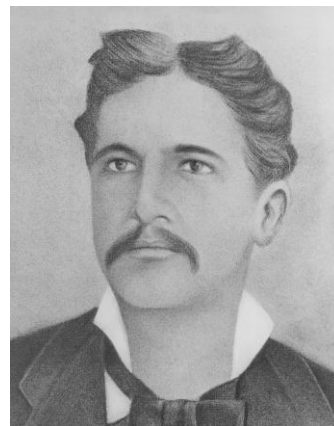
5.2 Homero de Oliveira – “Em nome do dever, tudo pela Pátria, tudo por Sergipe”¹²⁴

Figura 23 - Assinatura de Homero de Oliveira, 20/01/1908



Fonte: IHGSE, pac. 0981, cx. 15, doc. 015, 20/01/1908, Carta de Homero de Oliveira a Theodoretto do Nascimento.

Figura 24 - Retrato de Homero de Oliveira



Fonte: Barreto, 2011.

O Bacharel Homero assumiu formalmente o editorial da Revista Agrícola (SSA) após a saída de Theodoretto em setembro de 1906. Cumpriu com destacada veemência o papel de manter a “propaganda agrícola do Estado”. Apontava problemas, criticava a classe agrícola, enaltecia, segundo seu ponto de vista, os raros acertos. Aproveitou a tribuna dos editoriais – 34 ao todo. 16 em 1905, 12 em 1906 e 06 em 1907 - para suas falas/textos sobre os problemas do Estado de Sergipe, relativos à agricultura.

O seu discurso era burilado, ora de cordialidades ora de palavras enérgicas, e de teor acusador contra aqueles causavam problemas à Revista, a qual, na sua visão, personificava a agricultura, a indústria e o comércio sergipanos, apesar de seus dados biográficos considerarem que a sua maior atuação foi no jornal *Correio de Aracaju* (GUARANÁ, 1925), os editoriais que publicou na Revista Agrícola (SSA) atestam o perfil de sua formação influenciada, provavelmente, por vários fatos na História de Sergipe: do movimento republicano de Laranjeiras, na formulação da *primeira Constituição do Estado Republicano*, sua atuação jurídica e nas letras, como poeta, orador, com destaque para sua atuação no Gabinete de Maruim.

Sobre sua trajetória, a partir de estudo de Luiz Antonio Barreto sobre os magistrados sergipanos, podem ser lidos os seguintes dados:

¹²⁴ Homero de Oliveira (Revista Agrícola, n. 47, 01/01/1907 p. 453).

Membro da grande e importante família sergipana Oliveira Ribeiro, de Laranjeiras, Homero de Oliveira nasceu, por acaso, no Recife, em 14 de abril de 1858. Seu pai foi Domingos de Oliveira Ribeiro, estudante de Direito, que iniciou o curso na Faculdade de Direito de São Paulo, transferindo-se com a mulher, Helena de Freitas Oliveira Ribeiro, para a capital pernambucana, onde se bacharelou na turma de 1860.

(...) Era ainda uma criança de 6 anos, em Laranjeiras, quando seu pai montou, junto à casa, uma tipografia própria, e nela imprimia o jornal monarquista *A Coluna do Trono*, em Laranjeiras, enquanto o primo Cândido de Oliveira Ribeiro publicaria *O Novo Século*, como órgão dos interesses da lavoura, onde a família Oliveira Ribeiro atuava. O exemplo serviria, no futuro, quando Homero de Oliveira começou a colaborar e a redigir revistas e jornais. Divergente do pai, e simpático ao movimento republicano viu também na família, principalmente no seu primo Vicente de Oliveira Ribeiro, a participação na fundação do Clube Republicano de Laranjeiras e chegar, mais tarde, já com a República, a governar o novo Estado.

Homero bacharelou-se no Recife, na turma de 1879 (...) De volta a Sergipe, Homero de Oliveira advogou, foi Promotor em Aracaju, e, com a Proclamação da República, ingressou na política, como candidato a Deputado estadual, à Assembléia Constituinte de 1891, onde teve papel destacado na organização do Estado republicano. Foi o Relator do Projeto de Constituição do Estado de Sergipe, promulgada, provisoriamente, em 24 de novembro de 1890, pelo Juiz de Direito Lourenço Freire de Mesquita Dantas, em obediência aos termos do Decreto nº 802, de 4 de outubro de 1890, do Governo Provisório do Brasil.

(...) Em início de 1891 passou a integrar a Comissão eleita para apreciar a Constituição, sendo designado Relator e apresentou um Parecer, onde justificou o papel dos constituintes.

Em 1891 ingressou na magistratura do estado de Sergipe, assumindo como Juiz de Direito a Comarca do Rio Real, sendo removido, em 1896 para Gararu, prestando compromisso em 29 de janeiro daquele ano, sendo removido, pelo Secreto nº 205, da Comarca de Gararu para a Comarca de Capela, passando depois pelas Comarcas de Laranjeiras (1897) e de Maroim (1898), para ser, nomeado desembargador, em 1899, tomando posse em 25 de julho. De logo foi nomeado Procurador Geral do Estado, tomando posse em 11 de dezembro de 1900.

Homero de Oliveira acompanha, como magistrado, a aprovação da Constituição do Estado de Sergipe, em 18 de maio de 1892, pela Assembléia Constituinte presidida pelo padre Olímpio de Souza Campos. E testemunhará, mais tarde, as perseguições políticas, que colocavam em disponibilidade juizes e desembargadores, ou consideravam avulsos muitos dos magistrados sergipanos.

Em 1908, foi eleito Presidente do Tribunal de Relação, em sessão de 9 de junho do mesmo ano de 1908, sendo reeleito em 5 de fevereiro de 1909, permanecendo no cargo até a sua morte, aos 52 anos, em 17 de dezembro de 1910 (BARRETO, 2011).

Barreto ainda destaca o seu papel como poeta, e também como orador do Gabinete de Leitura, e “o jornalista que o magistrado não escondeu”:

A presença de Homero de Oliveira como Juiz de Direito de Maroim responde pela sua entrada, como Orador, na Diretoria do Gabinete de Leitura de Maroim, para o biênio 1900-1901, substituindo o poeta João Pereira Barreto. Homero de Oliveira fez sua estréia na tribuna do Gabinete de Leitura em 1889, no dia do aniversário, de 12 anos, daquela entidade maroiense. Aumentando a sua fama de Orador em todo o Estado.

Homero de Oliveira teve na sua própria família muitos exemplos de jornalismo engajado. Estava, em 1881, como redator do *Agricultor sergipano*, órgão exclusivo da agricultura e do comércio, publicação semanal, iniciada em maio daquele ano e impresso nas oficinas gráficas da *Gazeta de Aracaju*, ligado ao padre Olímpio Campos e a Pelino Nobre, e que tinha como redatores Brício e Severiano Cardoso. Homero também estava na redação da *Revista Agrícola*, órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura, dedicado à lavoura, comércio e indústrias de Sergipe, fundada por Teodoreto Arcanjo do Nascimento. Foi, contudo, no *Correio de Aracaju*, desde o seu número inaugural, datado de 24 de outubro de 1906, prestando, assim, preito de homenagem a Sergipe emancipado, e até a sua morte, em 1910, que Homero de Oliveira esmerou-se na labuta das quintas e domingos, quando o jornal circulava em Aracaju e era distribuído em várias partes do Estado.

Segundo o próprio *Correio de Aracaju*, ao enlutar-se com a morte do fundador e colaborador, Homero de Oliveira publicou ali muitos dos seus poemas e artigos, com os quais mostrava todo o seu preparo, inspiração e erudição. (BARRETO, 2011).

A participação de Homero na Revista Agrícola (SSA) foi uma marca no periódico, ao menos nos dois primeiros anos, de acordo com Barreto deve ter se dividido entre a magistratura, o *Correio de Aracaju* e a Revista a partir de 1906. Mas, independente suas mútuas ocupações, se fez presente nas questões da lavoura, do comércio e da indústria.

Seus artigos e matérias ficaram ao relevo de seu estilo que corroborou na produção discursiva do campo sergipano. Um exame de seus textos permite identificar algumas expressões singulares. Fio e rastros de palavras há muito ditas, mas significadas a cada contexto.

Sobre a Revista Agrícola (SSA) assim a definiu na sua primeira edição: “finalmente – a lavoura, commercio e industrias terão na Revista o mais incansavel defensor de todos os seus direitos e interesses, o mais esforçado propulsor de seu progresso e riquezas” (OLIVEIRA, n. 1, 15/01/1905, p. 4). Quanto ao conjunto de palavras presentes em seus textos, “victoria”; “nação”, “pátria”, “riqueza e desenvolvimento do paiz”; “propaganda”, “indiferença” entre outros signos foram as mais correntes.

As marcas do autor são decorrentes da ideologia reinante no cenário brasileiro à época: crença no progresso da nação assentada em bases que visavam resolver o problema do trabalho, da crise do açúcar, do ensino agrícola e do crédito rural, que estariam revestidas no interior do ruralismo, tese defendida por Mendonça (1997).

A preocupação vigente em torno do cenário agrícola sergipano não era, segundo os seus principais redatores e colaboradores nomear o processo, mas instalar e produzir as ações de conhecimento e de reconhecimento dos problemas que afetavam

diretamente a tríade: “agricultura, indústria e comércio”, representada em todo o conteúdo da Revista, de sua capa aos anúncios.

Essas ações, suas singularidades podem colaborar no entendimento para várias questões relativas ao campo na contemporaneidade. Nomear as classes dominantes e suas práticas na República Velha ou em qualquer outro momento da história brasileira é lugar comum, questão maior é entender, no interior desse processo, como os mecanismos de dominação dessas classes produziram e produzem a significação para algumas palavras que funcionam como signos ideológicos. O trabalhador rural, por exemplo, categoria mais atingida e sem visibilidade nos discursos sobre o campo no período estudado, e que, atualmente, também tem a sua voz e sua ação marginalizados nas políticas de produção do campo brasileiro, tiveram no discurso de Homero suas significações. A produção de representações em torno dos problemas para o desenvolvimento do país era identificada na formulação do campo (atraso) como também para o trabalhador dessas áreas. Se para Theodoreto esses trabalhadores eram indolentes e incendiários de matas, para a “penna” poética de Homero foram assim representados:

Os trabalhadores de Sergipe são indivíduos sem pouzada certa, sem tecto firme, atravessam isolados ou em pequenos grupos as innumeradas estradas que percorrem maltrapilhos, enfraquecidos pelas molestias adquiridas nessa vida errante, no mal passar continuo, chegam ao Engenho onde trabalham, as vezes um dia, dous, as vezes outras vezes horas nunca passando mais de uma semana, e que, logo abandonam em busca de outro, onde reproduzem a mesma vida (OLIVEIRA, 15/03/1905, p. 34).

Não se deseja afirmar que as palavras dos redatores da Revista Agrícola (SSA) eram divergentes, ao contrário. Mas, os textos de Homero, devido a sua maior recorrência, permitiu imprimir um estilo à Revista. A repetição de ideias e de palavras conferiu uma coesão que a primeira leitura torna-se imperceptível perceber se tratavam de temáticas diferenciadas. Quase um monólogo, renitente, profuso, quando enaltecia as iniciativas de outros estados, quando identificava os problemas para o desenvolvimento sergipano, intercalado por constantes questionamentos e suas respostas para os problemas identificados sempre no futuro: “que imitemos”, os problemas eram do presente, e as suas causas também do presente, mas herdadas do passado. Como afirmou Theodoreto ao deixar Sergipe para a viagem ao Oriente: “ahi fica a Penna scintillante do Dr. Homero de Oliveira a evangelisar nestas páginas”

(NASCIMENTO, 01/06/1905, p. 81). Mas, a “propaganda insistente e infatigável” para era a tônica nos últimos tempos em Sergipe e no Brasil.

Theodoreto, por sua vez, possuía um texto finalista, científico. Os problemas para o campo possuía doenças com possibilidades de cura, por suas mãos, talvez: “porque a verdade é que recolhemos um moribundo [refere-se à SSA] e lhe temos curado, não talvez com muita sciencia, mas seguramente com verdadeiro carinho as consumptivas chagas que só o abandono sabe cavar e entreter nos desgraçados” (NASCIMENTO, 15/03/1905, p. 35).

Diferente de Theodoreto, Homero manteve seu domicílio em Sergipe até seu falecimento em 17 de dezembro de 1910. Cortejo descrito por Barreto (2012):

Há registro, nos jornais, que o enterro do desembargador Homero de Oliveira, em 1910, causou emoção em Aracaju. Homero de Oliveira era poeta festejado, jornalista e orador dos mais acatados, descendente da família Oliveira Ribeiro, tradicional em Laranjeiras. Em 1927 um enterro marcou profundamente Aracaju, o do dr. Thales Ferraz, Diretor da Fábrica Sergipe Industrial, levado na mão, desde o Bairro Industrial até o Cemitério dos Cambuís (hoje Cruz Vermelha). Entre os mais velhos foi o maior enterro que a cidade já assistiu: povo nas ruas, comércio fechado, filas e multidões, estiradas desde a fábrica até o jazigo, que hoje, ao que parece, não existe mais. De Thales Ferraz restam poucos.

Celibatário, não deixou filhos, mas tem no Rio de Janeiro, uma sobrinha, Elóida Ferraz, filha de Lizipo Ferraz, artista do canto, do piano e das artes plásticas, nascida em Aracaju.

O conjunto dos editoriais e artigos escritos por Homero contemplou as seguintes temáticas em textos evangelizadores (Quadro 7):

Quadro 7 – Textos de Homero de Oliveira na Revista Agrícola (SSA)

TÍTULO	REFERÊNCIA	DO QUE TRATA
A Guisa do Programma	15/01/1905 – n. 1	Uma apresentação da Revista Agrícola (SSA). Retomou na história da propaganda da lavoura a iniciativa de criação do jornal O Agricultor Sergipano de 1881; destacou o papel de Theodoreto do Nascimento à nova fase de agitação na lavoura sergipana; culminou com destaque da importância da Revista para a lavoura, comércio e indústria sergipanos.
O problema actual – O Convênio de Bruxellas – assucares	01/02/1905 – n. 2	O <i>Convênio de Bruxellas</i> ¹²⁵ , criado para manter o equilíbrio dos preços de açúcar europeu, demandava exigências de países produtores em outros continentes que deveriam pautar os preços de exportação de seus açúcares a partir das determinações desse convênio. Apresentou diferentes estudos sobre esse convênio a partir do que foi publicado em jornais de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e conclamou que a classe agrícola ficasse unida em torno do eminente problema ¹²⁶ .
Situação financeira e econômica	15/02/1905 – n. 3	Descreveu sobre a situação financeira local e da nação; comentou sobre emenda apresentada por parlamentar capixaba que ao contemplar questões voltadas ao desenvolvimento da lavoura se adotadas minimizariam a crise. Reforça o argumento ao citar a opinião do jornal carioca, <i>O Paiz</i> .
A questão capital	01/03/1905 – n. 4	Sobre o preço do açúcar.
Organização do trabalho	15/03/1905 – n. 5	A necessidade de organização do trabalho em Sergipe de maneira que descreveu a situação encontrada nos engenhos visitados, não havia trabalhadores ligados às fazendas porque não havia leis que regulamentassem os contratos. Como exemplo oposto à situação de Sergipe citou a imigração no Sul do país.
Banco de Sergipe	01/04/1905 – n. 6	Sobre a necessidade de criar uma instituição financeira que facilitaria o desenvolvimento agrícola, industrial e comercial de Sergipe.
A agricultura nas escolas primárias	15/04/1905 – n. 7	A importância do ensino agrícola como emancipador da agricultura.
Associações agrícolas	01/05/1905 – n. 8	A importância de criar e manter as associações agrícolas como uma das saídas para “lutar e vencer as crises”.
Imigração e Emigração I	15/05/1905 – n. 9	Sobre o povoamento do solo com a presença de imigrantes estrangeiros; discute as possibilidades para criar atração para as terras sergipanas. Resolução do problema da imigração em Sergipe. A possibilidade de progresso decorrente dessa ação.
Imigração e	01/06/1905 – n. 10	O aumento da densidade da população como sinônimo

¹²⁵ Também denominado de Resolução, Comissão Permanente. A republicação de artigo do jornal do Comércio de agosto de 1906 deixava claro que as ameaças propugnadas por Homero atingiram seu auge. A queda dos preços do açúcar diante da concorrência do açúcar de beterraba afetou drasticamente a economia brasileira, principalmente dos Estados produtores como Sergipe. A Inglaterra manteve-se como um dos principais compradores e que garantiram os defensores dos britânicos o “favor” prestado ao Brasil na compra dos assúcares, a matéria demonstra uma série de questões em torno do problema das taxas sobre o açúcar brasileiro, inclusive as diferenças entre os Estado produtores com diferentes propostas e encargos, a matéria enaltece a resolução de Bruxellas como uma saída para a não exclusão do açúcar brasileiro dos mercados (Revista Agrícola, n. 38, 15/08/1906, p. 364-367).

¹²⁶ A gravidade desse convênio, os seus efeitos para a produção e exportação do açúcar brasileiro esteve como um dos pontos de pauta da 2ª. *Conferência Assucareira*, realizada no Recife, em março de 1905.

Emigração II		de desenvolvimento. Apresenta exemplo promissor de São Paulo; critica a saída de sergipanos para o
A política e a agricultura	15/06/1905 – n. 11	Apresenta uma nova perspectiva para a política no contexto vigente: “em que se vê o interesse de poucos substituído pela felicidade geral”, principalmente relacionada aos interesses agrícolas.
A questão dos impostos	01/07/1905 – n. 12	Retoma o lema da bandeira da SSA: os interesses da lavoura, do comércio e da indústria, no texto discute a tributação sobre a circulação de mercadorias.
A Lavoura	15/07/1905 – n. 13	Sobre a importância da lavoura para a Nação, sua crise e soluções.
A política e a agricultura	01/08/1905 – n. 14	A repetição do título de 15/06 é intenção do editor para retomar o mote da relação entre política e incentivos a agricultura na ocasião de posse do então Governador de Sergipe.
A nossa Revista	15/08/1905 – n. 15	Balanço de seis meses da Revista; publicou carta de Dionísio Eleutério de Menezes, benfeitor da Revista.
A nova política e sua primeira vitória	15/09/1905 – n. 17	Apoio a candidatura de Nilo Peçanha a Vice-Presidente do Brasil
A lavoura de canna no Estado	01/12/1905 – n. 22	Descreveu os problemas enfrentados na lavoura de cana de Sergipe, apontou as saídas como a isenção de impostos.
Revista Agrícola (SSA)	Artigo – 01/01/1906 – n. 24	Apresentou o estado de continuidade da Revista; a ausência de Theodoretto.
Situação Agrícola	01/03/1906 – n. 28	Sobre a crise do açúcar no Estado. As expectativas dos políticos para o problema.
Valorização do café	01/04/1906 – n. 30	Sobre os efeitos da crise do café no país.
Valorização do açúcar	01/05/1906 – n. 32	Criticou que havia uma grande preocupação em torno do café e nenhuma medida de valorização do açúcar.
Interesses de Sergipe	15/06/1906 – n. 34	Apresenta críticas sobre as formas que tratam os periódicos agrícolas, e critica principalmente os políticos: “todos os políticos, quer do Império, quer da República governistas ou oposicionistas, têm sido tristemente inúteis” (p. 322).
Interesses de Sergipe	01/07/1906 – n. 35	Crítica ao jornal O Estado de Sergipe por não ter compreendido o editorial de 15 de junho de 1906 publicado na Revista Agrícola (SSA).
Interesses de Sergipe	15/07/1906 – n. 36	Prosseguiu a crítica veemente dos dois números anteriores da Revista, porém não nominativa aos políticos sergipanos e seu descaso para com os verdadeiros interesses do Estado.
Situação Agrícola	15/08/1906 – n. 38	Mais uma vez retomou a identificação dos problemas relativos à lavoura sergipana, como exemplo o desaparecimento do comércio importador da capital do Estado; cabia a Revista apontar e os responsáveis pelo poder público executar.
A Lavoura Sergipana que nos ouça	01/09/1906 – n. 39	Homero de Oliveira/Curvello de Mendonça
A Lavoura deante da Assembleia do Estado	15/10/1906 – n. 42	A Lavoura deante da Assembleia do Estado.
Caixa de Conversão	01/11/1906 – n. 43	Caixa de Conversão
O novo Governo – O Conselheiro Afonso Penna	15/11/1906 – n. 44	O novo Governo – O Conselheiro Afonso Penna.

Olympio Campos	01/12/1906 – n. 45	Homenagem a Olympio Campos.
Terceiro Anno	01/01/1907 – n. 48	Sob as dificuldades enfrentadas na manutenção da Revista Agrícola (SSA) (SSA) estavam as críticas a conjuntura política, apontou as razões da saída de Theodoreto do Nascimento.
Situação Perigosa	01/04/1907 – n. 53	Reflexão acerca da situação política decorrente dos incidentes de 1906.
Banco de Sergipe – Relatório – Finanças do Estado II	15/04/1907 – n. 54	Os problemas em torno das dificuldades enfrentadas pelo Banco e a falta de apoio do Estado.
Banco de Sergipe – Relatório – Finanças do Estado II	01/05/1907 – n. 55	
Novas Illuzões	01/06/1907- n. 57	Refletiu sobre as esperanças com as novas ocupações nas Assembleias Legislativas.
Em torno da Folha de Sergipe	15/06/1907 – n. 58	Nos dois editoriais destacava a importância do Jornal A Folha de Sergipe como partícipe da cruzada que a Revista Agrícola (SSA) travava no campo político.
Em torno da Folha de Sergipe	01/07/1907 – n. 59	
Rebatendo golpes	01/07/1907 – n. 59	Rebate as críticas publicadas no jornal Folha de Sergipe contra a Revista Agrícola (SSA).

Fonte: Revista Agrícola (SSA) de 1905 a 1908.

A sua participação na Revista ficou rarefeita a partir de 1907. Uma quantidade maior de republicações de artigos e matérias de outros periódicos tomou lugar a partir desse ano.

Tentativas próximas ao estilo de Homero apenas o do farmacêutico Costa Filho, e de Manuel Curvello de Mendonça, sergipano que residindo na capital federal, mas com forte vínculo com sua terra natal. Além deles ainda foram veiculados textos de Evangelino de Faro.

5.3 Outros colaboradores

O perfil dos membros da classe agrícola com maior regularidade nas instituições e atuação direta na propaganda agrícola pode ser assim sintetizado (Quadro 8):

Quadro 8 - Relação, em ordem alfabética, dos colaboradores que se destacaram para “animar a lavoura sergipana”

NOME/NASCIMENTO/FALECIMENTO - NATURALIDADE	FORMAÇÃO	ATUAÇÃO EM INSTITUIÇÕES
Artur Xavier Moreira (1871-?) Laranjeiras/?	Engenheiro; Tenente- Coronel	<p>Militar desde 17 de julho de 1890 em que verificou praça. Teve o curso do estado maior e de engenharia, e é bacharel em matemáticas e ciências físicas.</p> <p>Escreveu:</p> <ul style="list-style-type: none"> - <i>O rio Cotinguiba e o porto de Laranjeiras</i>. No “O Estado de Sergipe”, de 26 de novembro de 1904. - <i>De longe...</i> Versando sobre imigração e viação. Idem, de 5 de fevereiro de 1905. - <i>De longe...</i> Versando sobre colonização. Idem, de 23 do mesmo mês e ano. - <i>De longe...</i> O algodão. Idem, de 12 de março do mesmo ano. - <i>Pecuária</i>. Escrito em Alegrete, Rio Grande do Sul, aos 15 de março de 1905. Na “Revista Agrícola (SSA)” de Aracaju, de 1º de maio do mesmo ano, págs. 66 e 67. - <i>Um sistema singular de viticultura</i>. Trad. do italiano. Na citada “Revista” de 15 de maio do referido ano, pág. 71. - <i>Ligeiras notas agrícolas</i>. Escritas no Rio de Janeiro em junho de 1905. Na mesma “Revista” de 1 de agosto do mesmo ano, p. 122. - <i>Cultura do arroz</i>. Na mencionada “Revista” de 15 de outubro de 1905, págs. 169 e 170 e na de 1º de outubro de 1906, p. 391 e 392. - <i>Novidades agrícolas</i>. Semeadora americana prática e econômica. (The Ciclone Seeder). Do Fórum de Turim. Na “Revista.” de 1 de novembro de 1906, p. 413 e 414. - <i>Gado lanígero</i>. “Revista Agrícola (SSA)” de 15 de janeiro de 1907, p. 161 e 162. - <i>As vias de comunicação e a agricultura em Sergipe</i>. Na “Revista Agrícola” de 1 de fevereiro de 1907, p. 471 e 472. - <i>As matas e as secas em Sergipe</i>. Na “Revista Agrícola” de 1º de outubro de 1907, p. 631 e 632. - <i>Horácio Hora</i>. Carta aberta aos sergipanos. No “O Estado de Sergipe” de 20 de dezembro de 1908. - Pela Engenharia: série de artigos sobre assunto militar. Na “Defesa Nacional”, Rio de Janeiro, ns. 41 e 47,

		de fevereiro a agosto de 1917.
Dionísio Eleutério de Menezes (1828?-1919) – Rosário do Catete (à época, povoado de Santo Amaro das Brotas)/Riachuelo	Bacharel em Direito – Faculdade de Direito do Recife	Viajou pela Europa, tendo assistido em Paris a Exposição de 1867. Fez parte do extinto Comício Agrícola Sergipense, de que foi vice-presidente em 1871, e era sócio correspondente, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Escreveu: Um dos entusiastas da agricultura sergipana colaborando com a Sociedade Sergipana de Agricultura (1902-1908) e a fundação da Coligação Assucareira (1908-1911) ¹²⁷
Evangelino José de Faro (1865-1945) - Laranjeiras/Aracaju	Bacharel em Direito – Faculdade de Direito do Recife (16/11/1886) Desembargador	Promotor Público, Deputado, Diretor da Instrução Pública do Estado (1897), Juiz de Direito; 1º. Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura (1902); 1906 – fundou o colégio “Grêmio Escolar” no Engenho Ribeira de Baixo em Laranjeiras, transferindo-o para Aracaju em 1909. Escreveu: Relatório apresentado ao Ex. Sr. Presidente da Sociedade Sergipense de Agricultura. Nos números de 1 a 15 de fevereiro e de 1 a 15 de março de 1906 na “Revista Agrícola”. Discurso proferido em Laranjeiras no dia 1 de setembro de 1905 por ocasião da inauguração da Praça Josino Menezes. No opúsculo As festas de Laranjeiras, p. 45 a 54. Agricultura Geral: conferência realizada no salão do Gabinete de Leitura da cidade de Maruim, a 6 de outubro de 1907. No “O Estado de Sergipe” de 11 a 20 de novembro seguinte e na “Revista Agrícola (SSA)” de 1º de dezembro de 1907 a 1º de janeiro de 1908. Conferência agrícola: segunda conferência pública realizada na intendência municipal de Laranjeiras, no dia 17 de novembro de 1907, No “O Estado da Sergipe” de 30 de novembro a 5 de dezembro do mesmo ano e na Revista Agrícola (SSA) de 15 de janeiro a 1º de fevereiro de 1908
Felismino Moniz Barreto (1843-1883)	Engenheiro agrônomo por Grignon na França	Viajou pelos Estados Unidos e Antilhas, aperfeiçoando-se na especialidade a que se aplicou. Agricultor, dedicou-se ao cultivo da cana e fabricação de açúcar em usina própria montada com aparelhos

¹²⁷ Dados obtidos a partir do que foi veiculado nos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura e no interior das Edições da Revista Agrícola (SSA) dessa Sociedade, rendendo-lhe uma capa de homenagem em 15/08/1908.

		<p>modernos. Foi um dos fundadores em 1870 e presidente do Comício Agrícola Sergipense e</p> <p>Escreveu: Notas e observações sobre os últimos aperfeiçoamentos no cultivo da cana e fabrico de açúcar em prática nas colônias francesas, durante uma viagem de 16 meses pelas Antilhas. Bahia, 1866, 40 págs. in. 8º. Tipografia de Tourinho & C. É a 1ª parte deste trabalho, não constando que tivesse sido publicada a outra parte; Coleção de várias peças relativas ao Comício Agrícola Sergipense, sociedade protetora da indústria agrícola da província de Sergipe. Aracaju, 1871, 18 págs. in. 8º. Tip. do “Jornal do Aracaju”. Neste opúsculo encontram-se a Exposição desenvolvida do projeto de criação de uma Associação Agrícola na Província e os Estatutos do Comício, ambos da lavra deste Autor; Auxílio à lavoura. No “Jornal do Comércio”, Aracaju, de 15 de agosto de 1877.</p>
João (Joaquim ¹²⁸) José Bittencourt Calasans (1811-1870)	Estudou Direito em Bruxelas	<p>Natural de Santa Luzia. Dedicou-se à agricultura, fazendo parte em 1860 da Diretoria do IISA. Colaborou na imprensa, escrevendo sobre o assunto de sua particular predileção – a lavoura – e publicou: “O agricultor sergipano da cana de açúcar”, obra, segundo os melhores e mais modernos escritores sobre o plantio da cana-de-açúcar, reduzida a um método claro e consizo (sic.) ao alcance dos lavradores, que a quizerem ler, escrita em língua vernácula. Bahia, 1869, 98 págs. in. 8º. Tip. de Camilo de Lelis Masson & C. Os primeiros capítulos deste trabalho foram publicados muito antes no “Correio Sergipense” a começar do nº de 18 de junho de 1862.</p>
João Ferreira de Brito Travassos (1820-1885) Santo Amaro/Japarutuba	Formado em 1 de dezembro de 1845 pela Faculdade de Medicina da Bahia; dedicou-se à clínica e ao mesmo tempo à agricultura.	<p>Filiou-se ao partido liberal. Na Japarutuba, lugar da sua residência, também desempenhou cargos de eleição popular; foi o adjunto do promotor público e comissário vacinador. Nomeado por ato de 1 de maio de 1885 Diretor Geral do ensino público, poucos dias contava de exercício quando foi surpreendido pela morte. Foi membro efetivo do Comício Agrícola Sergipense.</p> <p>Escreveu: Proposições sobre diferentes ramos das ciências</p>

¹²⁸ Consta na Ata do IISA “Joaquim”.

		<p>médicas: tese apresentada e publicamente sustentada perante a faculdade de Medicina da Bahia no dia 1º de dezembro de 1845, para obter o grau de doutor. Bahia, 1845, 4 págs. in. 8º. Tip. de Epifânio Pedrosa; Breves instruções sobre o tratamento do cholera-morbus. No “Correio Sergipense” de 1 de abril de 1863; Memória apresentada à sociedade Comício Agrícola Sergipense em 12 de janeiro de 1873. Aracaju, 1873, 21 págs. in. 8º. Tip. do “Conservador”; Breve explicação das ideias consignadas na “Memória” do Comício Agrícola Sergipense. Aracaju, 1873, 33 págs., in. 4º. Tipografia da crença; Relatório apresentado ao Exmo Sr. Presidente da Província, Dr. Antonio dos Passos Miranda, sobre o estado da grande e pequena lavoura do Império e causa de sua decadência e prosperidade e especialmente sobre a influências dos impostos gerais em relação às indústrias exploradas na província. No “Jornal do Aracaju” de 19 de setembro de 1874; Representação da lavoura de Sergipe. Aos Altos Poderes do Estado. Rio de Janeiro, 1877, 22 p. in. 4º. Instituto Tipográfico do “Direito”. Esta também assinada pelo Dr. João José do Monte.</p>
Manuel Curvello de Mendonça (1870-1914) Riachuelo/Laranjeiras ¹²⁹	Bacharel em Direito – Recife, 1892	<p>1893 – atuou no Rio de Janeiro no magistério e na imprensa, 1894 lente de direito mercantil e economia política, acumulando o cargo de diretor do Instituto Comercial, desde a sua instalação, com a extinção do qual passou a servir no Pedagogium e na Escola Normal. Ocupou também o lugar de diretor dos debates da Câmara dos Deputados e em 1904 lecionou economia política na efêmera Universidade Popular, de que foi um dos fundadores. Foi principalmente na imprensa periódica que desenvolveu a maior atividade intelectual, abordando em artigos teses sobre as indústrias agropecuárias, sobre o problema econômico-financeiro do país e as momentosas questões que mais de perto interessavam às necessidades e ao aproveitamento das fontes</p>

¹²⁹ Matéria sobre este autor na Revista Agrícola (SSA) no. 30, 01/04/1906, p. 288 e na p. 388. Seu pai, Antonio Curvello de Mendonça figurou no Conselho Superior da Sociedade Sergipana de Agricultura em 1906, Revista Agrícola, p. 298. De acordo com Resende e Guimarães (2007), este pertencia à 3ª geração da família Curvello em Laranjeiras.

		<p>produtoras da sua terra natal. Foi redator do jornal carioca "O Paiz" até falecer. Quando estudante, se apaixonou pelas questões sociais da abolição e da república, escrevendo no "O Republicano" de Laranjeiras, em 1888 e 1889, artigos de propaganda sob o pseudônimo de Luckner. Em 1910 seguiu para a Europa em comissão da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, a fim de assistir aos Congressos Pedagógicos de Bruxelas e Paris, onde se lhe ofereceu o ensejo de dissertar sobre a instrução pública e a marcha progressiva do ensino no Brasil. Data também desse ano a sua nomeação de membro do Conselho de Instrução Pública do Distrito Federal. Escreveu:</p> <ul style="list-style-type: none"> – <i>Horácio Hora</i>. No "O Republicano". Aracaju, de 1 de junho de 1890. – <i>Sergipe Republicano</i>. (Estudo crítico e histórico). Rio de Janeiro, 1896, XX-179 p., in. 12º. Casa Mont'Alverne. – O Chanceler de Ferro do Antigo Egito. por J. W. Rochester (W. Kriganowski). Trad. do francês. aris. 1903. 494 p., in. 12º. H. Garnier, Livreiro Editor. – <i>A Regeneração</i>: romance social. Paris. 1904, 231 págs. in. 12º. H. Garnier, Livreiro Editor. Geralmente recebido com francos elogios da imprensa, disse um crítico conter este livro um profundo. estudo da sociologia, em que os problemas correlatos da sociedade moderna têm a sua crítica e a sua solução. – <i>Universidade Popular</i> para instrução superior e educação do proletariado, fundada em 20 de março de 1904. Estatutos e Programa. Rio de Janeiro, 1904, 8 p., in. 8º pq. – Redução das horas de trabalho. (Fechamento das portas das casas comerciais). Conferência realizada no salão do "Clube Brasileiro Comercial". Rio de Janeiro, 1905, 22 p., in. 3.º. pq, Impressores – M. Orosco & C. – A crise do assador. Carta às Sociedades Agrícolas e aos Lavradores de Sergipe. Rio de Janeiro, 1906, 12º p., in. 8º pq. Tip. do "O Economista Brasileiro". – A morte de Silva Jardim. Nos Anais, Rio de Janeiro, ano III, (1906) nº 78, p. 238 e 239.
--	--	---

		<p>– Guimarães Rebelo: estudo sobre a individualidade literária desse escritor. No “Brasil Revista”, publicação Mensal Ilustrada, 1910, Ano 3, nº 7.</p> <p>Redigiu com outros:</p> <p>– <i>O Brasileiro</i>: hebdomadário literário e noticioso. Aracaju, 1888-1889.</p> <p>– <i>O Incentivo</i>: jornal literário de preparatorianos. Aracaju, 1889. Publicação semanal.</p> <p>– <i>Era Nova</i>: órgão católico. Recife, 1890-1892.</p> <p>– <i>O Progresso Educador</i>: revista de ensino. Rio de Janeiro, 1894.</p> <p>– <i>Gazeta da Tarde</i>: diário. Rio de Janeiro, 1901.</p> <p>– <i>Revista Didática</i>: publicação mensal. Rio de Janeiro, 1904-1907. Foi um dos redatores nos anos de 1904-1906.</p> <p>– <i>O País</i>: jornal independente, político, literário e noticioso. Fundado no Rio de Janeiro em 1885, foi seu redator até falecer.</p>
--	--	---

Fontes: dados sistematizados a partir de: Guaraná (1925), e das edições da Revista Agrícola entre 1905 a 1908.

Sobre esses colaboradores é importante destacar que o tempo que separa a criação do *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* e a *Sociedade Sergipana de Agricultura* não impossibilitou que alguns desses representantes da classe agrícola participassem dessas instituições em diferentes períodos. Como exemplo dessa mobilidade as participações do Bacharel Dionísio Eleutério de Menezes e do Desembargador Evangelino de Faro. O primeiro participou do Conselho Fiscal do IISA em 1868 e 1881, da vice-presidência do Comício Agrícola de 1870, foi integrante da *Sociedade União Agrícola de Laranjeiras* no final do século XIX, e atuou no Conselho Superior da Sociedade Sergipana de Agricultura em 1902, além de fomentador da *Coligação Assucareira* de 1908¹³⁰. O Desembargador foi Redator do Jornal *O Agricultor Sergipano* em 1881, primeiro presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura em 1902 e Diretor Suplente da *Coligação Assucareira* de 1908.

Esses dois representantes integraram momentos específicos do delineamento do campo sergipano, principalmente Dionísio Eleutério, sobre o qual Armindo Guaraná (1925, p. 115-116) destinou o seguinte verbete biográfico:

¹³⁰ Sobre essas instituições ver a seção 3 nesta Tese.

Filho de José Sotero de Menezes e D. Rosa Florinda da Trindade, nasceu no antigo engenho Caípe no Rosário do Catete, então simples povoado pertencente à freguesia de Santo Amaro das Brotas. Se bem que do seu diploma científico conste ter nascido a 29 de julho de 1828, solenizava-se no seio da família o dia 13 de agosto como sendo a data do seu nascimento.

Faleceu na cidade de Riachuelo a 10 de julho de 1919. Estudou preparatórios no colégio do Padre Pereira estabelecido na capital da Bahia, e depois de habilitado para entrar no curso superior seguiu para Olinda, onde se formou em direito, recebendo o grau do bacharel no dia 10 de novembro de 1852.

Inteligente e de rara facilidade na enunciação do pensamento, o seu fino espírito de homem educado apurava-se no emprego dos termos mais delicados para exprimir-se com graça e elegância na sua variada conversação com as pessoas íntimas, como nas mais seletas reuniões. Jamais se utilizou da carta de formatura, nem desempenhou qualquer função pública em toda a sua longa existência, tendo preferido continuar a vida de agricultor dos seus antepassados. Em atenção a antigas solicitações apenas aceitou o cargo de juiz municipal suplente do termo de Laranjeiras para exercê-lo por muito pouco tempo. Sua natural vocação para as artes desviou-o da ciência que estudou, para dedicar-se, fora das horas do trabalho rural, ao exercício da mecânica nas suas oficinas montadas no próprio engenho, nas quais executou curiosas obras de arte, sobrelevando em perfeição as preparadas no torno. Predisposto o seu temperamento de artista a apaixonar-se pela música foi instrumentista e compositor. Seus instrumentos prediletos foram o violão e a flauta e da boa cópia de peças musicais que produziu, fazem parte as duas valsas intituladas *As cólicas de sabatinas* e *Escuta, moleque*, feitas no tempo de estudante. Quando aparecia na imprensa, assinava invariavelmente os seus artigos sempre escritos em estilo epistolar. Viajou pela Europa, tendo assistido em Paris a Exposição de 1867. Fez parte do extinto Comício Agrícola Sergipense, de que foi vice-presidente em 1871, e era sócio correspondente, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Escreveu:

– *Traços biográficos do grande mecânico e artista sergipano José Francisco da Silva Zuca*. Em colaboração com Baltazar Góes. Aracaju, 1913, 52 p., in. 8º pg. Tip. Comercial.

Evangelino de Faro (Figura 25), formado na Escola de Direito do Recife contribuiu na campanha republicana em Laranjeiras, foi o primeiro Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura em 1902, publicou o texto de suas conferências Revista Agrícola (SSA). Como também participou da *Coligação Assucareira de Sergipe*. Seus discursos eram comedidos, uma qualidade lacunosa apontada no Theodoreto do Nascimento em 1905:

A direcção da Sociedade Sergipana de Agricultura si não é agora totalmente de lavradores, já o foi no seu primeiro anno de existência e apesar dos esforços de seu operoso Presidente, o dr. Evangelino de Faro, nada fez, nem reunir a directoria ao menos uma vez em cumprimento dos estatutos (NASCIMENTO, 15/03/1905, p. 34).

Figura 25 – Retrato de Evangelino de Faro



Fonte: FARO, 1919.

Sua participação na Revista, excluindo o Relatório apresentado em 1905, foi distribuída em partes, versando sobre aspectos da crise açucareira, ensino agrícola em países estrangeiros (Quadro 9):

Quadro 9 - Produção de Evangelino de Faro na Revista Agrícola (SSA)

TÍTULO	LOCALIZAÇÃO NAS EDIÇÕES DA REVISTA AGRÍCOLA (SSA)
A crise agrícola e sua conjuração	01/07/1907, p. 573-574. 15/07/1907, p. 582-583. 15/08/1907, p. 601-602. 01/09/1907, p. 612-614.
Conferência Pública – realizada no salão do Gabinete de Leitura da Cidade de Maruim	01/12/1907, p. 671-673. 15/12/1907, p. 682-684. 01/01/1908, p. 693-696.
Conferência Pública – realizada no salão da Intendência Municipal de Laranjeiras	01/02/1908, p. 711-715. 15/02/1908, p. 721-724.

Fonte: Revista Agrícola, de 1907 a 1908.

Ainda como colaborador na Revista Agrícola, Luiz da Costa Filho, farmacêutico pela Faculdade de Medicina da Bahia, considerado em uma das edições da Revista Agrícola (SSA) como “o esperançoso sergipano” (Noticias Diversas, n. 62, 15/08/1907, p. 608). Além de participar da Revista criou em 1907 a revista *A Redenção, Litteraria, Humorística e Noticiosa*. Do que se tem notícia, o primeiro número saiu em 16/01/1907¹³¹. A proposta de Costa Filho neste periódico era a de apresentar “um desenfado a este período que passamos de grossas

¹³¹ IHGSE, SS 28453.

leituras de política, desafoxos e sinistras narrações que perturbam, ferem e embrutecem a intelligencia moça” (COSTA FILHO, n. 1, 16/01/1907, p. 2).

O “moço Costa Filho” inaugurou sua “pena” na Revista Agrícola (SSA) no editorial de 15 de maio de 1907, com o título *Agricultura*. Enaltecia a importância do cultivo da terra e do trabalho a ela aplicada. Os demais textos, um conjunto de 14 artigos, na seguinte ordem e temas: *A Indústria* (01/06/1907, p. 553), inspirava a divulgação de um conceito de indústria e que o este ramo da economia representava para o desenvolvimento das nações; na edição seguinte apresentou definição para a lavoura (p. 564-565); tratou do *Ideal Agrícola* (n. 59, 01/07/1907, p. 572); da penúria financeira em que se encontrava o Estado (COSTA FILHO, n. 60, 15/07/1907, p. 586-587); em sua *Agricultura Mechanica* destacou a engenhosidade dos *yankees* na elaboração de máquinas agrícolas (COSTA FILHO, n. 61, 01/08/1907, p. 593); o texto eloquente *Cultivae a Terra*, expôs uma convocação a todas as classes para que empregassem todos os seus esforços “para a exuberancia e para a gloria da terra fecunda” (15/08/1907, p. 606-607); este artigo é completado com o texto *A opulência dos terrenos*: “sua opulência supoe a nossa opulência, sua penúria supõe a nossa penúria” (COSTA FILHO, 15/09/1907, p. 627-628); reforçou a conclamação de trabalhar pela lavoura no texto *No que devemos cuidar* (15/10/1907, p. 642-643); o *Diálogo rústico* entre pai e filho corroborava no intuito de demonstrar o valor de escolher a lavoura como profissão a fim de contribuir para o “engradecimento da pátria” (15/11/1907, p. 663); ainda em 1907 o artigo *Expansão Econômica*, no qual expôs sobre a necessidade da diversificação dos negócios além da agricultura (n. 69, 01/12/1907, p. 676-677), neste ano finalizou com um artigo sobre a *Uzina Escurial*, um exemplo a ser seguido em Sergipe (n. 70, 15/12/1907, p. 684-685; Noticias Diversas, n. 70, 15/12/1907, p. 689).

Em 1908 retomou a sua pena para completar o artigo sobre a *Uzina Escurial* (Parte II), contemplou sobre “uma convenção agrícola” nessa propriedade acerca do estabelecimento de bitola para as folhas das enxadas (01/01/1908, p. 698); a terceira parte sobre a Escurial foi publicado na edição de 01 de fevereiro de 1908, observou sobre a educação com a qual o proprietário da referida usina empregava “sobre as pessoas e as coisas que viviam sob o seu domínio”. Destacava-se nesse texto, às “qualidades” atribuídas aos trabalhadores dessa propriedade e ao espaço a eles destinado, mesmo depois de vinte anos de abolição, o discurso do “moço”, do “esperançoso” colocava em brumas a louvada iniciativa do proprietário de instalar

uma escola para educar seus trabalhadores diante aos signos atribuídos aos camponeses derivados da escravidão:

Eduque-se a senzalla e ella tornar-se-à a cidade, dê-se instrução ao negro submisso e estúpido que vegeta sobre as bagaceiras immundas, e elle tornar-se-á cidadão e viverá a vida intensa e brilhante da sociedade hodierna.

Está resolvido o nefando problema da escravatura odienta; agora falta resolver outro não menos importante: o da educação relativa d'esses desventurados seres de cor preta que também são humanos e também possuem um espírito e um cérebro. É preciso educá-los. (COSTA FILHO, 01/02/1908, p. 716).

Uma quarta parte do artigo sobre a *Uzina Escurial* versou sobre o resultado econômico obtido no empreendimento: um açúcar de qualidade superado apenas por outro de uma usina fluminense, o resultado derivava do penhor de seu proprietário, que ia desde a “disciplina absoluta do pessoal, que é o principio, a base, até o producto, que o factor, o fim”, à produção final de um açúcar digno de figurar na Exposição Nacional (COSTA FILHO, 15/02/1908, p. 726).

A *Derruba da barriguda* no município sergipano de Simão Dias foi mais um dos temas explorados por Costa Filho. O autor denunciou a derrubada indiscriminada dessa espécie para a venda de sua lã e solicitava providências ao poder público municipal para que incluísse em seu código de posturas um item proibitivo para a coleta da lã por meios “tão estúpidos” (COSTA FILHO, 01/03/1908, p. 737-738). Sobre o prenúncio de instalação de um ministério para tratar dos negócios da agricultura foi anunciado em seu artigo *Robustecemos a Agricultura* (COSTA FILHO, p. 765-766)

Além dos textos, esse colaborador utilizou outras formas de disseminar o os temas veiculados na Revista Agrícola (SSA) através de conferências, uma moda vigente cenário das capitais brasileiras no período antes da chegada do cinematógrafo (BROCA, 2005, 193).

Na seção *Noticias Diversas* da Revista Agrícola (SSA) os anúncios e comentários sobre os temas e o êxito obtido. *Operarios e officinas* foi a primeira conferências noticiada, realizada na Sociedade Amparo das Famílias, em Aracaju (Noticias Diversas, n. 60, 15/07/1907, p. 588; Noticias Diversas, n. 61, 01/08/1907, p. 599). A segunda conferência *A Paz* ocorreu no mesmo local em 11 de agosto de 1907 (Noticias Diversas, n. 62, 15/08/1907, p. 608); a terceira em 01 de setembro de 1907 sobre *Fazendas e Uzinas* (Noticias Diversas, n. 63, 01/09/1907, p. 619).

Bastante louvada a que versou sobre Tobias Barreto, realizada em setembro de 1907 (Noticias Diversas, n. 65, 01/10/1907, p. 635-636).

Entre textos e conferências Costa Filho não substituiu a pena de Homero de Oliveira e tampouco a de Theodoro do Nascimento, mas imprimiu uma “cor local” à Revista, uma vez que a mesma a partir do segundo semestre de 1907 veiculava mais artigos, notícias transcritas de periódicos nacionais e estrangeiros.

Outro colaborador aclamado, mas pouco recorrente foi o militar Artur Xavier Moreira, sobre o qual a Revista Agrícola (SSA) publicou:

Dr. Arthur X. Moreira
[...] é um espírito culto, trabalhador incansável, e, sobretudo amante desta terra que se desvanecer de lhe ter sido berço, e de que elle não esquece nunca, dedicando a ella todos os seus cuidados, nos lazeres de sua afanosa vida de militar (...) esperamos que o illustre patricio continuará a honrar-nos com seus valiosos trabalhos, trabalhando mesmo de longe pelo futuro de Sergipe, que tanto precisa das luzes e do patriotismo de seus filhos, que como o Dr. Arthur Moreira o honra e ennobrece (...) (Noticias Diversas, 15/01/1907, p. 467).

Residindo fora de Sergipe, assim como o Advogado e Professor Manoel Curvello de Mendonça, reforçou o conteúdo local da Revista principalmente a partir do segundo semestre de 1906. Artur Moreira publicou poucos artigos, porém muito festejados nos comentários na própria Revista. Do que publicou foram localizados: *Ligeiras notas agrícolas* (01/08/1905, p. 122) *Cultura do Arroz* (15/10/1905 – n. 19, artigo que continuou em 01/10/1906 – n. 41); *Qual o melhor arado* (1905, p. 131), *Gado lanígero* (15/01/1907, p. 462-463); *As vias de comunicação e a agricultura em Sergipe* (01/02/1907, p. 471-472); *As mattas e as seccas em Sergipe* (01/10/1907, p. 631-632).

Manuel Curvello de Mendonça por sua vez participou mais de perto da atuação da SSA e da Revista Agrícola (SSA). Filho de Antonio Curvello de Mendonça (GUARANÁ, 1925, p. 388), grande proprietário atuante na SSA, e na União Agrícola de Laranjeiras.

As participações de Manuel Curvello, segundo os redatores da Revista, foram decisivas, para a instalação de alguns dos mecanismos úteis à solução dos problemas da lavoura, do comércio e da indústria no Brasil e em Sergipe.

Em fevereiro de 1906, em comissão do Ministério da Indústria, veio a Sergipe fundar o primeiro sindicato agrícola em Laranjeiras (Noticias Diversas, n. 26, 01/02/1906, p. 246). Estimular o espírito de associação de classe era um dos

objetivos indicados na estruturação dos sindicatos: “despertar a ideia de outros processos de lutas e preparar a lavoura de Sergipe a fim de acompanhar o movimento que se opera no paiz”, e demonstrar para que os poderes públicos conhecessem as necessidades particulares daquela região agrícola. O seu discurso de fundação do sindicato destacou o papel de propaganda da SSA, que nada recebia dos lavradores, que não fizessem o mesmo com os sindicatos, uma vez que comportavam as cooperativas e o estudo dos interesses locais de uma zona agrícola, e o objetivo era, sobretudo, salvar a lavoura da cana, dos fretes altos, dos baixos preços do açúcar, das despesas com intermediários, diante à deliberação de funções comerciais de vendedor e de comprador aos sindicatos. Nessa reunião, de instalação do sindicato, os seus estatutos foram aprovados e sua diretoria eleita conformando o *Sindycato do Cotinguiba*, e Curvello foi nomeado representante dessa associação perante a SNA, o Governo Federal e o Sindicato Geral dos Agricultores do Brasil (Revista Agrícola, n. 27, 15/02/1906, p. 249-251).

Grande parte das referências a Curvello de Mendonça são republicações de textos oriundos de outros periódicos, como a entrevista concedida ao jornal *D'A Notícia*, do Rio de Janeiro, no qual apresentou suas impressões acerca de seu relatório sobre a crise do açúcar nos Estados do Norte (Revista Agrícola, n. 32, 01/05/1906, p. 305-308).

A edição n. 46 de 15 de dezembro de 1906 da Revista Agrícola (SSA) teve como editorial a transcrição de seu artigo *Aspectos Economicos* publicado no jornal carioca *O Paiz* (Revista Agrícola, n. 46, 15/12/1906, p. 441-442). Para honrar as iniciativas do jovem sergipano, nessa mesma edição, os redatores da Revista, na seção *Noticias Diversas*, prestaram-lhe grande reconhecimento por suas ações em prol da lavoura sergipana: “a palavra mais eloquente, e quase que exclusiva, que na imprensa da Capital Federal vive diariamente a advogar a cauza e os interesses reaes e imediatos de nosso esquecido Sergipe” (Noticias Diversas, n. 46, 15/12/1908, p. 448).

Outra transcrição foi registrada na edição de 15 de junho de 1907 sobre o *Banco de Sergipe* (Revista Agrícola, n. 58, 15/06/1907, p. 561-563); e em 1908¹³² uma nota registrou sobre sua estada de dois meses em Laranjeiras efetuando

¹³² Ainda em 1908 uma referência sobre esse colaborador é vislumbrada no item seguinte desta Tese.

estudo sobre o estado atual da agricultura nesse município (Noticias Diversas, 01/08/1908, p. 838).

Sua atuação nos assuntos agrícolas foi coroada com o reconhecimento de seus serviços prestados a 4ª. *Conferências Assucareira*, em Campos, no Rio de Janeiro em 1912, da SNA recebeu título de Sócio Honorário, dois anos antes de sua morte em Laranjeiras, Sergipe, aos 44 anos de vida.

5.4 Os “contrários”: Sergipe, “de ninho de águias”¹³³ a “homens sapos”

Manoel Curvello de Mendonça na edição 54 de 1908 da Revista Agrícola (SSA) apresentou artigo sobre “Homens Sapos”? Um comentário do artigo de Homero de Oliveira em edição anterior da Revista. Homens sapos foi uma nomenclatura, segundo Homero criação de Fausto Cardoso.

Mendonça apresentou as interpretações que Homero fez sobre essa denominação. Primeiro relacionando aos problemas de analfabetismo em Sergipe, que dos então 450 mil habitantes, apenas 20 mil sabiam ler “que desses não mais de mil se dão ao trabalho de ler”. Reforçando as suas queixas, descreveu que há dez anos Homero percorria o estado e não havia “quem tomasse a serio esse luxo de ler, ou indagar, por simples curiosidade, do movimento que lavra por fora de suas terras”, em decorrência desse costume, muitos dos assinantes de periódicos não os liam, “destinando-os ao ‘mister mais proveitoso’ de embrulhos”. Apesar dos dilemas enaltecia o papel da Revista Agrícola (SSA) como um dos mecanismos de propaganda, sem fins políticos, e resistente à vilania e o obscurantismo da política de um partidário estreito. Segundo Mendonça, Homero teria utilizado a metáfora para associá-la aos representantes da política local como sapos, devido as estratégias vis utilizadas entre esses que não tomaram como lição o funesto exemplo das mortes de Fausto e Olympio: “os políticos que há pouco se matavam faziam as pazes provisórias”:

[...] alliam-se para pleitear os cargos representativos. E o povo os acompanha servindo-lhes de instrumento (...) a ignorância não o deixa ver que o fim dessas campanhas, meramente políticas, é a obtenção dos cargos e de seus proventos. Eis porque são sapos e não homens. (MENDONÇA, n. 54, 15/04/1907, p. 524).

¹³³ Referências às “águias do Direito”, como Tobias Barreto e Sylvio Romero (OLIVEIRA, n. 47, 01/01/1907, p. 451-453).

Na diminuição da “cegueira” que imperava na política Mendonça destacou o papel da “cruzada” desempenhada por Homero de Oliveira, Theodoreto do Nascimento e Sebastião Menezes, assim como do “moço Arthur Moreira” em meio dos “falsos profetas da velha política” (MENDONÇA, n. 54, 15/04/1907, p. 523-524).

Apesar de todos os esforços empreendidos, era notório na Revista o jogo de palavras, a contradição. Quase moribunda desde a edição de seu primeiro exemplar, mas, resistiu às intempéries. Em tempo que foi atribuída, elevada como importante veículo, sobretudo, de propaganda para solucionar os problemas da agricultura, mas, o seu conteúdo também abrigava uma imagem de si pouco alentadora acerca de sua existência.

O público para quem a Revista se destinava: indústria, comércio e lavoura, pouco participava. Para a sua manutenção, eram raros os colaboradores beneméritos. No entanto, o periódico cumpriu um papel relevante no cenário nacional uma vez coadunava-se com as ideias vigentes de criar uma unidade de propaganda agrícola para a nação.

A ignorância, que “lavra como uma chaga” foi um dos piores contrários à vida da Revista (OLIVEIRA, 01/01/1907, p. 451). Mas, as questões políticas que tanto proclamaram não envolver-se poderiam ter estimulado a falta de recursos para mantê-la. O grupo político olimpista conseguiu fixar-se no poder até 1911 (DANTAS, 2004, p. 35), o que pode ter gerado sérios problemas para a coesão entre os beneméritos que mantinham a Revista. A exemplo de Theodoreto, que, em torno de possíveis perseguições políticas, deixou Sergipe em 1906, como também as fatalidades, Homero de Oliveira, um dos mais entusiastas da SSA e da Revista, faleceu em 1910. Unia-se, assim, a perda de seus maiores fomentadores, a ocorrência de novas demandas do fulcro do capitalismo, nas quais o discurso da/na Revista não deveria ser mais válido, o que poderia justificar as expensas para manter o periódico.

O contexto de fundação da *Sociedade Sergipana de Agricultura* anunciava as dificuldades as quais o periódico enfrentaria. As disputas travadas de forma mais reiterada a partir de 1902 entre os correligionários do Partido Republicano, encabeçados por Olympio Campos, e os representantes liberais simpáticos a Fausto Cardoso, e representados, sobretudo, por Coelho e Campos¹³⁴, foram registradas

¹³⁴ José Luiz Coelho e Campos, Bacharel e político, e na época, Senador.

nos periódicos da época: o jornal oficial “O Estado de Sergipe” e o oposicionista “O Momento”, de Coelho e Campos (TORRES, 1993; O ESTADO de Sergipe, 24/09/1902, p. 1).

Constata-se que os cruzadistas da lavoura, apesar da aparente neutralidade estavam envolvidos nas disputas políticas. A saída evidente de Theodoreto do Nascimento de Sergipe, o prenúncio de sua candidatura à presidência do Estado em 1908, aponta para indícios do entranhamento político dos redatores e colaboradores da Revista Agrícola (SSA) na política local e nacional. Esse aspecto de neutralidade entre os editores também foi observado por Silva (2001, p. 2) ao estudar a revista *The Lusitanian* (1844-1845), uma revista inglesa publicada na cidade do Porto, em Portugal, e distribuída entre a comunidade britânica que ali residia, todavia o autor observou ao longo de sua análise, que apesar do caráter literário do periódico havia sua inserção no debate político, mesmo que escamoteado. A intenção de neutralidade poderia ser considerada como uma forma de não denegrir os ideais propostos nesses periódicos, no caso da Revista Agrícola (SSA) de Sergipe, não cometer os mesmos erros das iniciativas anteriores, como também não descumprir com o projeto maior de outras instituições congêneres no país: unificar a propaganda agrícola de forma a findar a crise agrícola.

Em tempo que o jornal oficial publicou o anúncio da conformação da SSA em 1902, também publicou em partes um memorando de Evangelino de Faro, a prova que uma Sociedade que mal fora erguida, trazia, segundo o discurso, a ameaça de não cumprir ao que se propunha (ESTATUTOS, 1902)

A escolha da assertiva de Fausto Cardoso sobre os “homens sapos” no editorial de abertura do terceiro ano da Revista pode ser considerada com um fato que encerra qualquer dúvida sobre as preferências políticas dos redatores, ao menos a de Homero de Oliveira. O que não significa afirmar que a Revista Agrícola (SSA) era um mero elemento de arrivismo do jogo político. A Revista estava também além desse jogo, daí provavelmente a sua continuidade, mesmo com a ausência textual de seus principais idealizadores. Os colaboradores tinham clareza da importância do periódico, parecia haver entre eles um compromisso com uma prática nacional de formular uma linguagem comum, simultânea:

Não desanimaremos, entretanto, deante do cortejo de todas as dificuldades que nos assediam, de todos os entraves que se accumulam como que convergindo para o nosso desaparecimento: redobramos de esforços,

faremos a conspiração do trabalho, da dedicação pertinaz e patriótica afim de levarmos avante a nossa missão, e a todo transe mantermos na imprensa esse modesto, e quase humilde órgão da imprensa, que se chama Revista Agrícola, que apesar dos pezares, mesmo a contra gosto da Agricultura de Sergipe é a única voz que atesta a sua existência deante da Nação, que registra as suas queixas, que põe em destaque as suas necessidades e que por ella pede em face dos poderes públicos (OLIVEIRA, 01/01/1907, p. 452).

5.4.1 Divergências políticas: “toras de cannas podres”

É preciso dimensionar no discurso quais ideias e grupos sociais se confrontam e que interesses e ideologia defendem ou combatem (ALVES, 1983, p. 34).

Ainda um adendo para entender as disputas entre os “homens de letras” e os “homens sapos” foi compulsado o artigo *Rebatendo Golpes*, de Homero de Oliveira em resposta à notícia em *Em prol da lavoura* publicada no *O Estado de Sergipe* (23/06/1907). O artigo de Homero contestava as críticas de Rodrigues Dória, então Deputado Federal, olimpista, médico, professor da Faculdade de Medicina da Bahia, futuro candidato que assumiu a presidência do Estado de Sergipe no período de 1908 a 1911. Dória criticou veementemente a Revista Agrícola (SSA) como um órgão inútil representante da classe agrícola, e o maior ato de sua pilhéria teria sido o envio, para Sergipe, de 255 toras de canas podres para os representantes da Revista em conjunto com o seguinte recado: “valem mais que o orgao que representam”.

A matéria do jornal oficial, além do recado, criticou ainda o estilo dos artigos na Revista Agrícola (SSA), considerava-os *bombásticos* ou *lamurientos* (este adjetivo referindo-se ao artigo de Homero em honra à memória de Olympio Campos publicado na Revista Agrícola (SSA))¹³⁵. O conflito nos dois periódicos foi aberto, nominado, sem meias palavras, de forma que o artigo de Homero foi finalizado destacando que o Deputado Dória era o mais “infeliz de todos os oradores da Câmara”, “fazendo dele o arauto da pilhéria”.

Entre a mobilidade desses sujeitos no tempo histórico implica observar que o recuo no tempo não é uma mera busca de causas, mas um entendimento da produção do tempo espaço. O *locus* sergipano no qual a Revista operava a sua significação era produto e processo desse/nesse tempo espaço. Um contexto de mudanças que atingia vertiginosamente os recônditos brasileiros rurais e urbanos. A

¹³⁵ Uma possível tentativa de demonstrar neutralidade para com o adversário.

Revista, impressa em Aracaju, com limites de circulação extensos possuía e confundia-se como um *locus* específico, no sentido de sua elaboração técnica – um tipo de prensa, de papel, formato -, todavia, os limites de seu conteúdo eram dilatados ao divulgar, contrapor, dialogar com as ideias circulantes no cenário local, brasileiro e mundial.

Conferências, artigos, notícias, anúncios formaram um periódico agrícola, muito mais que isso, configuravam um mecanismo que, semelhante aos livros, postularam uma ordem, ao menos a ordem desejada pela autoridade que a encomendou ou permitiu a sua publicação, e algumas dessas obras não esgotam jamais a sua força de significação (CHARTIER, 1994, p. 8-9). Uma ordem da/na Revista que definiu os contornos do campo sergipano.

6 A REVISTA AGRÍCOLA, ÓRGÃO DA SOCIEDADE SERGIPANA DE AGRICULTURA: LEITURA E ANÁLISE

Em sua obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, Bakhtin (2008) observa como a praça funcionava como um ponto de convergência de tudo que não era oficial, um *locus* que continha os elementos da linguagem popular. Reconhece que a cultura popular considerada como algo não oficial no interior da sociedade, na Idade Média e ainda durante o Renascimento, dispunha de um território próprio – a praça pública (espaço), e de uma data própria (tempo) – os dias de festa e de feira. Neste sentido, a praça:

[...] constituía um mundo especial no interior do mundo oficial da Idade Média. Um tipo especial de comunicação humana dominava então: o comércio livre e familiar. Nos palácios, nos templos, nas instituições, nas casas particulares reinava um princípio de comunicação hierárquica, uma etiqueta, regras de polidez. Discursos especiais ressoavam na praça pública: a linguagem familiar, que formava quase uma língua especial inutilizável em outro lugar, nitidamente diferenciada da usada pela Igreja, pela corte, tribunais, instituições públicas, pela literatura oficial, da língua falada nas classes dominantes (aristocracia, nobreza, alto e médio clero, aristocracia burguesa) embora o vocabulário da praça pública aí irrompesse de vez em quando, sob certas condições (BAKHTIN, 2008, p. 133).

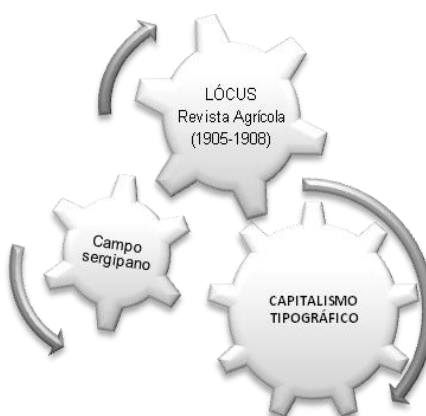
No interior dessa praça, na leitura de Bakhtin, havia a formação de uma linguagem própria composta por um vocabulário, e este se configurou como um dos obstáculos para admiradores e leitores de Rabelais. Bakhtin considera que os limites de entendimento do discurso emergem a partir da significação restrita, limitada e específica que o vocabulário inerente à cultura popular recebeu nos tempos modernos e que terminou por distorcer a compreensão da obra de Rabelais (BAKHTIN, 2008, p. 125).

Nesse contexto – de limites de interpretação, de entendimento -, as obras, sua linguagem, costumam conter uma significação própria, relacionadas a um contexto no qual são produzidas, acessar a sua inteligibilidade requer acessar o fio e rastros da significação do discurso formado por cada vocabulário e linguagem em cada contexto. A Revista Agrícola (SSA) em análise, assim como o livro *Gargântua e Pantagruel*, de Rabelais, estudada por Bakhtin, é entendida na sua dimensão espaço temporal, como uma produção literária que contém e está contida em um *locus* com várias vozes em seu discurso – uma polifonia. É uma dimensão espaço-

tempo que se delineia a leitura da Revista Agrícola (SSA) na sua linguagem polifônica distribuída entre os editoriais, as matérias, os anúncios, os elementos decorativos, os preços de assinaturas, as queixas, os discursos laudatórios entre outros aspectos de menor recorrência.

Na leitura da Revista nesta Tese retoma-se o aviso para que o leitor não confunda as categorias que o autor produz a partir de cada obra que analisou, com alguns dos preceitos de sua filosofia da linguagem – *locus* – polifonia – elocução – signos. As obras que Bakhtin analisou, sobretudo, *Gargântua e Pantagruel* são distintas da Revista não só de contexto como, também de classificação quanto ao gênero (BAKHTIN, 2008). A Revista é uma obra, um periódico oficial produzido e destinado a classes específicas, mas, como qualquer outra obra escrita possui uma linguagem com uma significação entendida no interior da relação de um vocabulário em um *locus* produzindo uma linguagem, o que confere uma “atmosfera verbal específica” (BAKHTIN, 2008, p. 137), no caso da Revista uma atmosfera verbal inserida na lógica de um capitalismo tipográfico (Figura 26). Logo, lê-se a *Revista* como um texto: “conjunto coerente de signos (...)” e, dele depreende-se, que “cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito de signos, uma linguagem (BAKHTIN, 2008, p. 307; 309) a ser desvelada”.

Figura 26 – Engrenagem representando a força do capitalismo tipográfico em movimentar o discurso das classes dominantes que determinam a produção do espaço



Fonte: autoria própria, 2010.

A Revista, em estudo, estava inserida no capitalismo tipográfico, é analisado como e porque o campo sergipano foi representado na Revista e em que medida, esse mecanismo impresso contribuiu na formulação de discursos sobre esse campo inserido no processo de instalação do capitalismo no Brasil.

A Revista Agrícola (SSA), uma publicação periódica quinzenal, saía nos dias primeiro e quinze de cada mês, iniciou em 15/01/1905 e finalizou em 15/12/1908. Suas páginas seguiram uma numeração progressiva. Apresentou ao seu público leitor 929¹³⁶ páginas numeradas em seus 94 exemplares que circularam.

Sobre a Revista Agrícola (SSA), Dantas (2004, p. 62) observa:

[...] na segunda década republicana, impressiona a permanência da Revista Agrícola, com boa apresentação gráfica. Editou no mínimo 92¹³⁷ números voltados especialmente para os problemas da lavoura, difundindo técnicas e inovações de outros países, analisando os problemas setoriais da economia, trazendo dados que ainda hoje servem de referências aos historiadores.

Inicialmente cada exemplar era composto por oito folhas e dezesseis páginas, destas, oito contendo as seções da Revista e oito destinadas aos anúncios. A partir do sétimo exemplar¹³⁸, a Revista passou a ser composta por nove folhas e dezoito páginas: dez para as seções e oito para os anúncios.

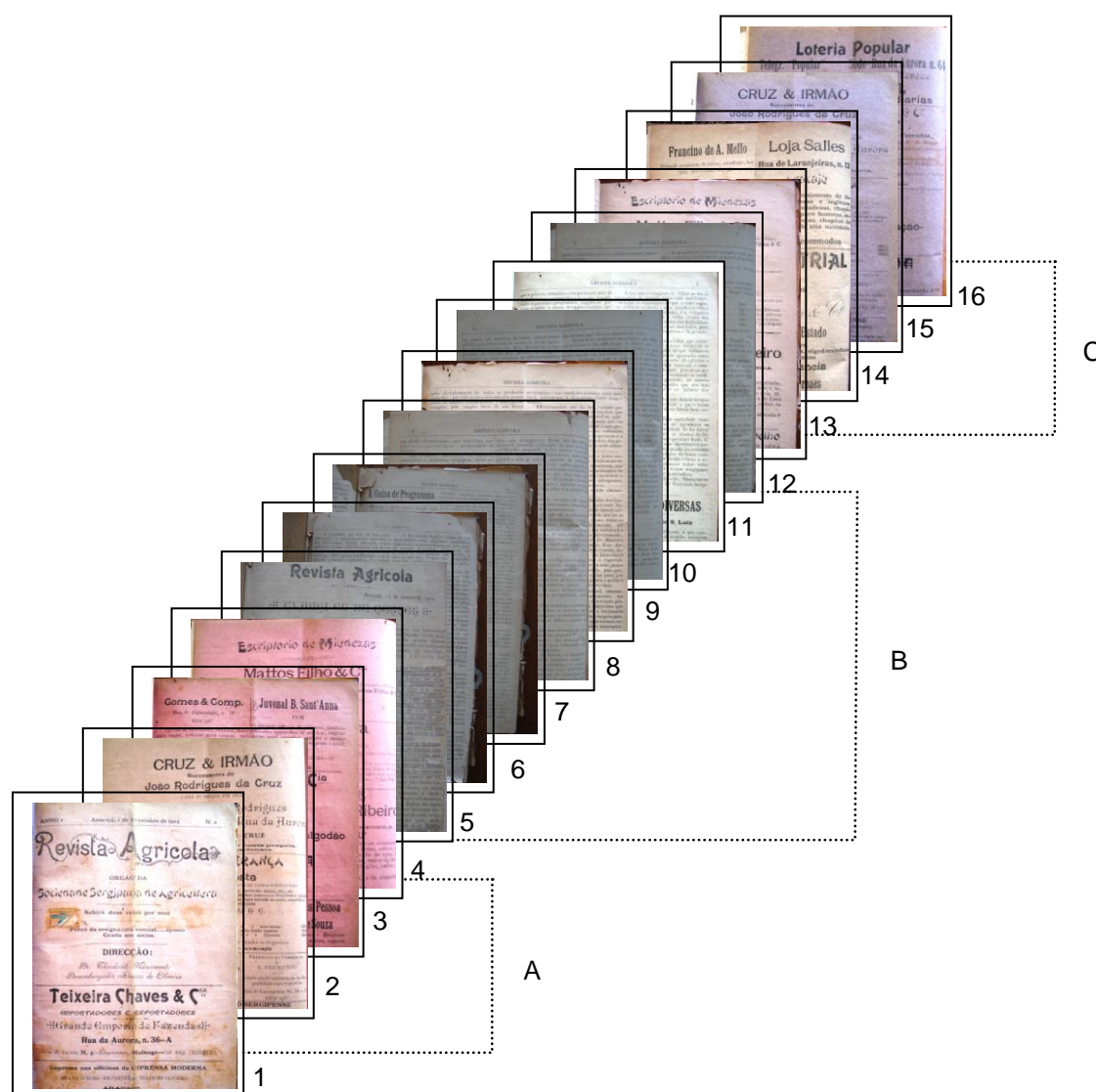
As páginas das seções eram numeradas, continham os editoriais, artigos, notícias, relatórios, legislações, dados de exportação de produtos. As páginas que continham a capa, a contra capa e os anúncios não eram numeradas e estavam assim distribuídas: quatro páginas iniciais - capa com identificação da Revista e um anúncio, no final da *Revista*, quatro páginas com anúncios – uma página antes da contracapa e esta com verso e reverso com anúncios (Figura 27).

¹³⁶ A última página da encadernação de 1908 registra este número, poderia ter outras, mas a folha foi restaurada o que impossibilitou visibilizar o verso.

¹³⁷ O autor assinala 92 exemplares, provavelmente não tenha contado com as edições de número 18 de 01/10/1905, extraído da encadernação, porém não localizado; e o exemplar 39 (01/09/1906), que encontra-se fora da encadernação, porém localizado.

¹³⁸ Aumentou o número de páginas: duas páginas a mais (Revista Agrícola, n. 7, 15/04/1905, p. 51), porém voltou a 16 ainda em 1905 (a partir do número 13), em 1906 aparece na grande maioria com 16 páginas, exceção a número 33, comemorativa à visita de Affonso Penna, saindo também em data diferenciada em 25 de maio de 1906. Alguns exemplares chegaram a ter 12 páginas em 1905. Em 1906 e 1907, diante o montante de anúncios veicularam 18 páginas, destas 8 para anúncios, também a ocorrência de 14 páginas em dezembro de 1907. Em 1908 vez iniciou e finalizou seus exemplares com o número fixo de 10 páginas, não apresentou capa e anúncios, exceto folhetos soltos da *Livraria Brasileira* inseridos entre as páginas de duas edições da Revista.

Figura 27 - Disposição do número de páginas que formavam a Revista Agrícola (SSA)



Páginas do item A (1 a 4) – Capa e anúncios – não numeradas; páginas do item B (5 a 12) – Conteúdo Textual – páginas numeradas; páginas do item C (13 a 16) – páginas de anúncios e contra capa – não numeradas. A partir de 15/04/1907, o grupo B ganhou mais duas páginas.

Fonte: Capa e anúncios da Revista Agrícola (SSA), n. 2, 01/02/1905; conteúdo textual e anúncios da contra capa da Revista Agrícola, n. 1, 15/01/1905. Elaboração e reprodução fotográfica: autoria própria.

O número e a divisão das páginas para as não numeradas e as letras para os itens foram atribuídas para efeito de contagem de páginas e localização de seu conteúdo.

A Revista era produto da *Sociedade Sergipana de Agricultura*. Instituição fundada em 1902. O primeiro Presidente dessa *Sociedade*, o Bacharel Evangelino Faro, formado na Escola de Direito do Recife, o Vice-Presidente o Coronel José Augusto Ferraz, sócio pela capital Aracaju. Ambos representantes de duas das classes que detinham poder político e econômico no período – um membro da elite intelectual e outro da indústria têxtil.

A Revista representou a consolidação de um momento de produção do espaço sergipano, iniciado em 1860, com a instalação de instituições e atividades para “animar a agricultura”¹³⁹, que no cenário nacional tem sua marca com a fundação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional em 1827. Fato, que segundo Mott, (1973, p. 7) teria motivado a criação de instituições semelhantes em outras partes do Brasil:

Provavelmente a inspiração de criar esses institutos surgiu depois da fundação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Tal sociedade no Rio de Janeiro, manteve um periódico “Auxiliador da Indústria” (1833-1877) que trouxe à discussão pública importantes temas relativos à indústria agrícola (inovações tecnológicas, introdução de novas sementes e mudas etc.).

Os discursos da Revista naturalizavam e legitimavam os interesses da classe dominante em favor das primeiras demandas do capitalismo e delineavam os contornos do campo sergipano através dos discursos e ações: tipos de cultivos, práticas agrícolas etc. Todavia, os discursos não foram sempre diretos acerca dessa naturalização/legitimação. Aspecto esse identificado por Pádua (2004, p. 211-212), ao analisar a Revista Agrícola (SSA) do Imperial Instituto Fluminense (o IIFA), publicada a partir de 1869, a considera como o principal órgão de reflexão sobre as questões rurais no Brasil monárquico, e que, apesar de ser um órgão privilegiado de comunicação direta com os proprietários, essa Revista foi entregue nas mãos de dois estudiosos que eram profundamente críticos das práticas adotadas por esses proprietários: “penso que esse tipo de realidade dificulta a identificação simples e direta da *Revista do IIFA* com a representação ideológica dos proprietários rurais como querem alguns analistas”¹⁴⁰.

¹³⁹ Sobre a instalação e funcionamento de instituições agrícolas em Sergipe no período que antecede à Revista, ver a seção 4 nesta Tese.

¹⁴⁰ Sobre análise da Revista do IIFA Ver também: Capilé (2010); Bediaga (2011).

Essa proposta pode ser também considerada na leitura da Revista Agrícola (SSA) em análise; o perfil de seus idealizadores e sócios, continha divergências de interesses políticos e econômicos, o que é comum nas contradições entre classes sociais, mas a divergência não impediu de imediato a publicação do periódico, como também os diretores e colaboradores da Revista podem ser identificados em vários momentos de aproximação, adequação política com seus opositores¹⁴¹. A Revista Agrícola, órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura também foi “entregue nas mãos de dois estudiosos”, um do Direito e outro da Medicina. Na verdade, não “foi entregue”. O médico Theodoretto e o bacharel Homero foram os seus idealizadores e executores. Estes representantes eram críticos dos problemas que assolavam o meio rural sergipano, mas, também envolvidos, de forma direta, ou não, na produção do espaço rural. Dirigiam a Revista em aliança com as classes a qual integravam – proprietários de grandes extensões de terra, experimentadores de novas técnicas e cultivos, intelectuais -, e com o Estado¹⁴². Criticavam para apontar saídas, para provocar, para reiterar suas vozes na polifonia dissonante de uma política convulsiva:

E no meio dessa situação angustiosa que a todos atemorisa e apavora, o que fazer, o que empregar para minorar-lhe os efeitos e aparar-lhe os golpes?

Appellar para a solidariedade dos lavradores, para a união de seus esforços, para a força que dá a convergência de vontades e de ânimos na resistencia contra obstáculos que se apresentam bastante fortes, e lutar contra elles até vencel-os e eliminal-os?

Seria continuar a alimentar uma illusão para mais commodamente enganar-se a si mesmo. O lavrador Sergipano, já se vê, fallamos em geral, não sabemos se por índole, mas por habito e por educação é avesso ao espirito de associação, não crê nos milagres nem na força que produz elementos activos colligados, desconfia de tudo e de todos, não está, ainda preparado para assimilar o que entre todos os povos a civilização já fez passar da esphera dos problemas para a consagração do dogma scientifico e social. Tem alguma couza de anachoreta, recolhe-se na solidão em que se apraz, e crê, somente crê, no resultado de sua cartilha de solitário.

No jornal que defende seus interesses vê uma inutilidade de mais, e quando não o devolve por desfastio, o não o lê por indiferença.

É um doente que confiado de mais na estrella do destino, entrega-se as forças da natureza e fica a esperar que Ella, por si, faça o milagre.

Em prol do lavrador Sergipano, nada há que esperar desse mesmo lavrador que não seja o seu esforço pessoal. Mas isso não basta. A crise estende-se a todas as classes e ameaça levar vencida o organismo social, minando-lhe as forças e difficultando-lhe a existência.

¹⁴¹ Ver os exemplares após 1906, sobretudo concernente à Revolta de Fausto Cardoso; ver também Souza (1985).

¹⁴² Mesmo afirmando que a tendência da Revista não pregava qualquer envolvimento político partidário.

O momento urge, e é preciso appellar para quem tem a responsabilidade e os encargos da defeza geral.

Estes não são outros: - São os representantes e Sergipe, ultimamente, eleitos.

Nunca representantes do Estado receberam das urnas, com as mais honrosas manifestações, mais graves responsabilidades. Aos senadores e deputados do Estado de Sergipe corre a missão de salvá-lo.

É este o seu único dever.

O farão?

Esperemos.

(OLIVEIRA, 01/03/1906, p. 259-260)

Divergências entre classes era lugar comum desde o período imperial, sobretudo o Segundo Império. No contexto da Revista, sobressaíam principalmente os conflitos assinalados na Revista entre a classe agrícola, por vezes, entre esta e os comerciantes também eram recorrentes. Convém destacar que as críticas eram direcionadas a um “outro” no discurso, não identificado por seus nomes, mas representado no discurso por signos como:

Souza (1985, p. 100) sobre o cenário econômico sergipano no período abordado, destaca os atritos entre os interesses dos comerciantes e dos agricultores: “atividades comumente proclamadas como irmãs e complementares”, mas, que diante as perdas da economia canavieira, agravavam-se os impostos para outras atividades, e a Revista estava compreendida nessa tensão de forças ora evidentes ora diluídas que afetavam diretamente a própria manutenção e vida da Revista:

Nossa Utilidade

Sob este titulo tentamos, em artigo anterior, demonstrar aos nossos patrícios menos conhecedores dos processos e das vantagens da união e cooperação agrícolas assinaladas pela existência dos diversos institutos que por toda a parte servem os interesses da Lavoura, Commercio e Industria do paiz, a fim de, esclarecendo-os a respeito, reclamara para a Sociedade Sergipana de Agricultura a importância e o prestígio que parece lhe recusarem entre nos, especialmente os que mais interesse deveriam ter por sua prosperidade, Taes considerações despertaram por parte de um nosso amigo pessoal, também sinceramente dedicado a lavoura e altamente collocado no nosso meio social e político, considerações que equivalem para nós verdadeiras revellações, pois que ignorávamos a existencia dos motivos que, no seio da lavoura especialmente, alimentavam a indiferença até então inexplicavel para com a Sociedade Sergipana de Agricultura e ultimamente para com a “Revista Agrícola” pela mesma Sociedade fundada e publicada a custo de esforços e dum trabalho que nos dispensamos de encarecer porque são geralmente sabidos (NASCIMENTO, 15/03/1905, p. 34).

Produzir um periódico agrícola e editá-lo como forma de contribuir para um pensamento sobre o campo sergipano passou por algumas iniciativas entre as quais

a Revista foi um exemplo principalmente por sua regularidade e duração. Antes dela a existência de notícias do campo na imprensa sergipana pode ser visibilizada a partir da segunda metade do século XIX, através de notícias, anúncios, matérias oficiais publicados em jornais. Mas, periódicos destinados pontualmente às questões voltadas ao meio rural foram poucos (GOVERNO, 1997), de modo que a Revista Agrícola (SSA), da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, é considerada por seus editores, admiradores, e colaboradores como o ápice da realização de um sonho antigo como explicitou um de seus redatores o Desembargador Homero de Oliveira no primeiro número: “a Revista Agrícola de Sergipe’ cuja bandeira é aquella mesma, que há tantos annos enrolada, desdobra-se, agora, em defeza dos exclusivos interesses da lavoura, commercio e industrias” (OLIVEIRA, 15/01/1905, p. 3).

Antes desse periódico, como meio de “animar a agricultura”, destacou-se o jornal *Agricultor Sergipano*, de 1881, editado em Aracaju¹⁴³. Assim como a Revista Agrícola (SSA), o jornal foi criado por meio da iniciativa de reunir e difundir as ideias da classe de agricultores em prol objetivo de “animar a lavoura”. O referido jornal, do que se tem notícia, veiculou poucos números¹⁴⁴, e a Revista, por sua vez, teve noventa e quatro exemplares editados ininterruptamente entre 1905 e 1908, e não a partir de 1902 como informa Santos (2011, p. 19)¹⁴⁵, ou 1906 como indicam Freitas e Nascimento (2002, p. 179).

O desejo de publicar um periódico específico para tratar de questões ligadas ao meio rural sergipano dataria de 1860, com a criação do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura (IISA)¹⁴⁶ que previu nos seus Estatutos:

¹⁴³ Informação confirmada no Índice Geral dos Jornais Sergipanos da Biblioteca Pública Epifânio Dória (GOVERNO, 1997), porém o jornal não está disponível para consulta devido ao seu precário estado de conservação.

¹⁴⁴ Dados pesquisados na Biblioteca Pública Epifânio Dória e na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Perquiriu-se também a busca pelo periódico O Novo Século (1900/01), órgão de interesse da lavoura publicado na cidade de Laranjeiras, local onde se estabeleceu a família de Homero de Oliveira um dos principais editores da Revista Agrícola (SSA) de Sergipe. O Novo Século foi editado por seu primo Cândido de Oliveira Ribeiro. Também o *Sergipe - Jornal dedicado aos interesses da Lavoura, Commercio e Melhoramentos da Provincia* (Aracaju) - 1881-1882; *O Echo Sergipano - Jornal Commercial, Noticioso, Agrícola e Recreativo* - 1881; *O Commerciante - Orgao do Commercio e da Lavoura* (Estância/SE) - 1885; *O Progresso - Jornal Noticioso, Commercial e Agrícola* (Marumim) - 1895 - 1899; *União Liberal - Commercial, Noticiosa e Agrícola* (Propriá) - 1886. Fonte: GOVERNO, 1997.

¹⁴⁵ No acervo da Documentação Sergipana da Biblioteca Pública Epifânio Dória (BPED), registra-se um exemplar de 01/10/1905 extraído da encadernação, e outro de 1906 com suporte danificado (Ano II, 01/09/1906, n. 39).

¹⁴⁶ O IISA foi examinado por Mott (1986) e sua inserção na ideologia do progresso vigente na conjuntura da criação do referido Instituto. Inclusive este autor observa para a mesma instituição uma alternância de denominações, optamos nesta Tese pela opção que nomeia o *Livro de Atas* do IISA: (APES, A¹ 01, Livro de Atas do IISA, 1860-1881).

Capítulo I, Art. 2º. O Instituto deverá em proporção com seus recursos [...] 4º. crear e manter um Periódico, á expensas suas, que exclusivamente trate da agricultura, no qual, alem dos trabalhos próprios do Instituto, se publiquem artigos, memórias, traducções, e noticias importantes para a lavoura, e que exponha em linguagem accommodada a intelligencia a generalidade dos Lavradores os melhores meios de cultivar não só os gêneros mais usuaes e conhecidos no Paiz, e os novos que devão ser introduzidos, como o tratamento e a criação de gado, e de animaes pouco ou não conhecidos de melhores raças e aves domesticas (AZAMBUJE, 1860, p. 1).

Acompanhando a evolução dessa instituição nas fontes históricas¹⁴⁷ identifica-se que a instituição sucumbiu sem realizar essa e tantas outras determinações, mas até o registro na última Ata, consta a previsão de editar um periódico:

[fl. 15]

A Directoria resolveu reunir-se de novo no dia 7 de Agosto próximo vindouro para tratar especialmente sobre os seguintes pontos:

1º. – Fundação da Eschola Modelo, proposta pelo Exm. Sr. Barão da Estancia -

2º. – Promoção dos meios necessários a fim de que o Instituto possa mandar a vir instrumentos aperfeiçoados para serem distribuidos pelos lavradores pelo preço da [fl. 15 v.]

compra, e bem assim aquisição de sementes de canna, [-----] e outras -

3º. – **Fundação de uma Revista Agrícola (SSA)** –

Na segunda reunião devem ser discutidos os pontos acima indicados. –

E nada mais havendo a tratar levantou-se a sessão, mandando-se, para constar, lavrar a presente acta.¹⁴⁸

(Ata da Sessão da Directoria do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura em 17/06/1881, na Presidencia Interina do Exmº Sr. Barão da Estancia. fl., 15-15v, 1881 - APES, A¹ 01, Livro de Atas do IISA, 1860-1881)

Diferente dos Estatutos do IISA, os Estatutos da SSA não detalharam o conteúdo a ser publicado em seu periódico, citam apenas: “[...] Art 5º. [...] § 5º.

¹⁴⁷ Relatórios, Mensagens, Falas de Presidentes de Província que administraram no período de existência do Instituto, mas, conforme Livro de Atas de Instalação dessa instituição e dos Estatutos optou-se pela denominação oficial concedida nesses dois documentos: Imperial Instituto Sergipano de Agricultura.

¹⁴⁸ A transcrição segue normas da Paleografia preservando a grafia e a colocação das palavras no lugar de origem no texto.

Manterá um órgão de imprensa seu para propaganda dos interesses da agricultura, do commercio e industrias do Estado” (ESTATUTOS, 1902, p. 6).

Ao efetuar leitura do conteúdo da Revista Agrícola (SSA), e uma consulta sobre o que previam os *Estatutos* das duas instituições, os da Revista, contemplavam os anseios previstos desde 1860, conforme observado em citação anterior.

Antes do registro oficial da intenção de se discutir sobre questões relativas ao meio rural sergipano, observava-se a veiculação de conteúdo sobre o campo na imprensa diária, sobretudo nos jornais, desde o século XIX representado por meio de diversas notícias, artigos, anúncios e demais escritos publicados no *Correio Sergipense*, jornal oficial da Província de Sergipe¹⁴⁹. O fragmento a seguir de um artigo, escrito por um “estrangeiro” residente em Sergipe que, segundo o redator do jornal era alguém que “muito se empenha e interessa pelo nosso bem estar, principalmente da lavoura que forma a riqueza da província” tratava sobre a agricultura sergipana no que diz respeito às técnicas empregadas e a necessidade de reformas:

[...] O emprego do arado tem a vantagem na Europa de substituir 30 enchadas que equivalem a 100 dos nossos negros esfomeados: semelhante somma de trabalho vale bem a pena de arrancar alguns tocos; este trabalho estaria pago com largueza pela regeneração dos nossos canaviaes velhos como os chamam. Enfim nossas cercas não sendo nativas exigem annualmente grandes concertos, é de urgência pois e reforma-las; entretanto os braços para este fim custas-nos dinheiro. Mil são as reformas; todas ellas merecem um estudo profundo que somente pode ter logar pela leitura de obras especiaes, que não temos ainda escriptas em nossa língua. Sem esse estudo não há lavrador que se arrisque a reformar. (...) nós aqui para sermos senhores de engenho temos a obrigação de sermos instruídos em todas as matérias que tem a menor relação com a lavoura e o fabrico do açúcar (CORREIO Sergipense (O), 17/01/1852, p. 3).

Nota-se nesta citação um discurso que inclui a modernização agrícola como um fato constante a partir desse período, o que incluía a aquisição de maquinários, e técnicas empregadas na produção agrícola, o atraso de emprego desses recursos estava associado ao trabalho escravo, e ao despreparo técnico-científico dos

¹⁴⁹ O Decreto que autoriza a compra e funcionamento da Typographia Provincial foi o N. 4 de 07/03/1838, fonte: Franco, 1879, p. 956.

agricultores¹⁵⁰. Reitera-se a recorrência desses problemas em torno do trabalho. O atraso do campo era o mote nos discursos no contexto que vai de meados do século XIX ao início do século XX recorrentes nos periódicos e falas oficiais do Executivo. Registra-se também, a adjetivação extremamente pejorativa conferida à força de trabalho negra. Os textos oficiais principalmente a partir da segunda metade do século XIX criticam os prejuízos da escravidão, porém, não analisam que a população escrava pagaria um preço à revelia. A escravidão e as suas consequências eram representadas nos discursos como um “entrave” à modernização do campo e, eliminá-la de forma racional, principalmente os seus efeitos, seria uma das saídas para pôr fim o atraso. Desse modo, nos discursos inventariados na Revista Agrícola (SSA) não se registram quaisquer preocupações efetivas de conceder qualquer reparação à força de trabalho explorada.

Se o atraso era o adjetivo mais empregado para a lavoura, por sua vez, os termos relativos à ciência e a técnica e seus artifícios, como a modernização da força de trabalho, eram o conhecimento legítimo e o caminho para o progresso e para o desenvolvimento da nação. Como analisam Marx e Engels (2007, p. 60) sobre a grande indústria que se produz a partir da Revolução Industrial subsume a ciência natural ao capital e tomou da divisão do trabalho a sua última aparência de naturalidade¹⁵¹.

Porém, apesar da proposta redentora das novidades científicas, e a Revista ter cumprido a propaganda prevista no IISA, os problemas continuariam. O discurso reiterado na Revista, ao citar a ciência e a técnica como redenção, persistia por conta da não aplicação prática do que se pregava oficialmente desde 1860.

Em torno do combate do atraso no campo, a “atmosfera verbal” da Revista Agrícola (SSA) comportava uma miscelânea de temas em torno de uma propaganda agrícola que visava eliminar os entraves ao desenvolvimento da agricultura brasileira e sergipana. Entre as matérias *De Formigas Cuyabanas* (15/01/1905), a *Uma nova doença dos tomateiros* (15/12/1908), figuraram quatro anos de edição da Revista, uma profusão de palavras novas e outras significadas com novas conotações.

¹⁵⁰ O termo agricultor e lavrador, empregados nos textos oficiais e na imprensa da segunda metade do século XIX e primeiros anos do XX referem-se aos proprietários das terras destinadas à produção agrícola, e não a figura do camponês, do pequeno produtor dono de pequena porção de terra. O Código Rural do Estado de Sergipe criado pelo Decreto n. 537 de 21/08/1905 publicado na Revista Agrícola (SSA) de Sergipe de 01/09/1905, n. 16, define em seu Capítulo, Art. 2º. “Pessoa Rural”.

¹⁵¹ No período analisado, a Revista não estaria ainda inserida nessa fase da grande indústria.

Nessa profusão, nessa polifonia, dois discursos destacaram-se: os dos editores da Revista e os de seus colaboradores. E ainda, entre os dois, outras vozes, as contradições. Os editores ora veiculam e enaltecem os atos de bravura de seus agricultores locais em prol da lavoura sergipana, ora criticam veementemente as dificuldades enfrentadas para a manutenção do periódico, uma das formas de resistência mais destacadas daqueles que não colaboram com o progresso do campo sergipano e a grandeza da pátria:

No posto de combate em que, há dous annos, nos collocamos, sem outro fito mais que trabalhar pelo Estado, dedicando-se ao seu progresso, esforçando-se pela sua grandeza futura, sem outra aspiração que não seja a luta pelo trabalho, revertendo em uma consagração modesta mas sincera à prosperidade opulenta de Sergipe, nos encontramos hoje, animado pelos mesmo ideais, agitando a mesma bandeira em cujas dobras cinzelamos esta diviza: - Em nome do dever, tudo pela Patria, tudo por Sergipe (OLIVEIRA, 01/01/1907, p. 453).

Sobre forma de organização das revistas Ana Luiza Martins (2008a, p. 47), ao analisar revistas publicadas em São Paulo no período de 1890 a 1922, considera que a compreensão, a sua definição, se dá no interior das próprias revistas, a partir de seus editoriais, conforme a formulação de seus agentes. Logo, as seções que compõem as revistas de maneira geral, assim como a razão de sua veiculação não devem ser desvinculadas do contexto de sua produção. Sobre o período estudado, a referida autora analisa como o contexto econômico da lavoura brasileira a partir da segunda metade do século XIX e primeiros anos do século XX estimulou a elaboração de propostas para mudanças no campo, sobretudo, com o fim do escravismo (MARTINS, 2008a).

Na capital sergipana, em 1905, a Sociedade Sergipana de Agricultura¹⁵², criada no interior do contexto analisado por Martins (2008a), fundou uma Revista Agrícola (SSA): “órgão de imprensa para propaganda dos interesses da agricultura, comércio e indústrias do Estado” (ESTATUTOS, 1902, p. 6). Essa não foi a primeira iniciativa sergipana de editar um periódico destinado a ocupar-se com os problemas da lavoura sergipana. Outras tentativas se fizeram presentes e Sergipe no século XIX como a publicação do jornal *O Agricultor Sergipano* de 1881 dirigido por Homero de Oliveira¹⁵³, um dos diretores da Revista Agrícola (SSA).

¹⁵² A Sociedade Sergipana de Agricultura foi fundada em 1902.

¹⁵³ Segundo Torres (1992, p. 155) o referido Jornal era publicação do Comércio Agrícola dirigido por Olímpio Campos.

A Revista Agrícola (SSA) estava inserida em um marco temporal: 15 de janeiro de 1905 a 15 de dezembro de 1908, no entanto, além de seu tempo de publicação, foi resultado também de um processo anterior, de forma que para entendê-la é necessário compreender o seu devir histórico.

6.1 O tempo histórico da Revista Agrícola (SSA) – “as alterações políticas são sementeiras férteis de periódicos”¹⁵⁴

Desde quando começamos a analisar o período republicano, sentimos a necessidade crescente de estudar sistematicamente a fase imperial (DANTAS, 2009, p. 11).

O período de veiculação da Revista tem como balizas 1905-1908, um período na história de Sergipe inserido em um contexto marcado pela definição política dos novos rumos da ex-Província (SOUZA, 1985). Um tempo convulsivo de instabilidade econômica e política: “não obstante a hegemonia inabalável dos senhores do açúcar como a grande força econômica do Estado, foi um tempo de adaptações difíceis, quer para o exercício da administração estadual quer para a população em seu conjunto” (DANTAS, 2004, p. 29). E isso se deveria principalmente a pouca continuidade de projetos administrativos, arbitrariedades, perseguições políticas, Constituições alteradas, de forma que na primeira década republicana em Sergipe (tempo no qual se insere a criação e o fim da Revista Agrícola (SSA)) poderia ser assim resumida:

Ao fim da primeira década [depois da Proclamação da República] computavam-se cerca de vinte e dois indivíduos que estiveram no cargo do Executivo, participando de juntas provisórias ou governando isoladamente. Foi uma rotatividade elevada, permeada por várias questões desgastantes: renúncias, revoltas, deposições, substituições controvertidas e até duplicidade de Assembléias Legislativas. As tendências autoritárias de alguns republicanos, a disputa destes com os ex-monarquistas, as questões pessoais e as interferências externas contribuíram para tornar o quadro bastante instável, marcado pela descontinuidade das administrações que afetava as finanças públicas (DANTAS, 2004, p. 29).

Esse processo de ‘adaptação’ seria uma tônica em boa parte do Brasil, o que indica complexidade na produção espacial do período, proprietários de terras,

¹⁵⁴ Ipanema; Ipanema, 1979, p. 29.

comerciantes, industriais, intelectuais e políticos costumavam definir as ideias sobre o espaço, as formas de comércio, os tipos de produtos agricultáveis, as via de transporte, as formas de comunicação. Controle de poder e decisões, uma característica observável desde o período Colonial e o Império Brasileiro, estendido à República. A emergência deste regime no Brasil em 1889 não é o fim de ideários e projetos anteriores, ou uma sequência linear de causa e efeito, mas, como analisam Herschmann e Pereira (1994): “não se trata de enfatizar uma continuidade, mas de ressaltar as estratégias desfechadas pela elite na sua tentativa de perpetuação no poder e de defesa de seus interesses” (HERSCHMAN; PEREIRA 1994, p. 19). As mudanças ocorridas no período da Revista podem ser identificadas no sentido de novas ideias, mas também, de reestruturações no poder. E essas possíveis estratégias seriam disseminadas em alguns suportes que poderiam fornecer indícios da tensão e conflitos entre as classes na então República. Uma República, uma ideologia, que sedimentaria o Estado brasileiro, definindo-o a partir da espacialização do capitalismo e do início de seu processo de mundialização (CHESNAIS, 1996).

O Estado de Sergipe, de acordo com autores (PASSOS SUBRINHO, 1987; ALMEIDA, 1984; SOUZA, 1985; INSTITUTO Euvaldo Lodi, 1986) que abordaram o período que compreende o de veiculação da Revista Agrícola (SSA) sofreu com a crise da produção açucareira, fator preponderante no seu desenvolvimento econômico, desde o período colonial, ao lado da criação de gado ao Norte do estado, práticas agrícolas que contribuíram na produção de um espaço marcado pela grande propriedade, e que definiu um perfil das classes sociais vinculadas a essas atividades econômicas.

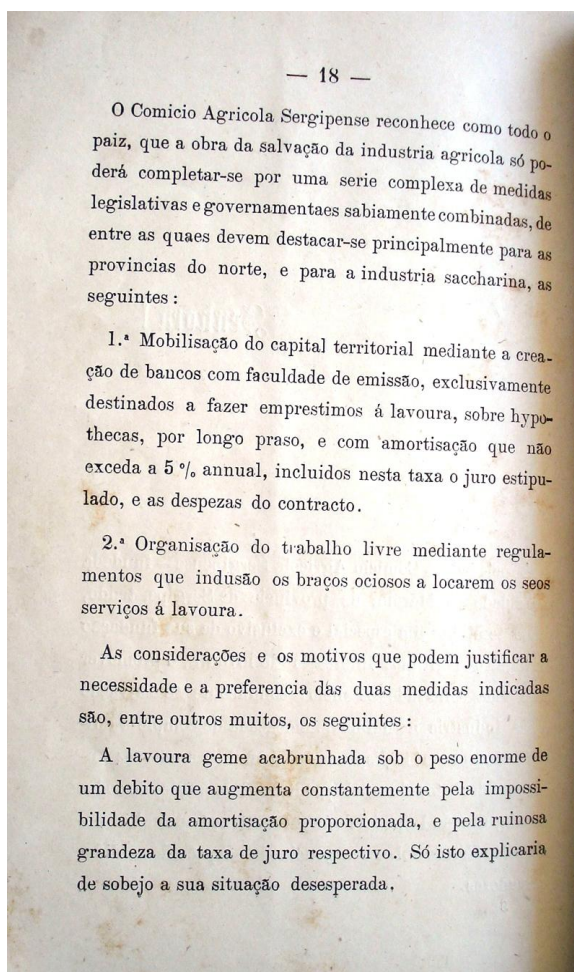
Entretanto, o processo de produção do espaço agrário não pode ser reduzido a um modelo sem conflitos e outras singularidades agrárias. A imbricada convulsão de ideias, decorrentes principalmente das mudanças estruturais oriundas do contexto de 1850, com o advento da Lei de Terras e o princípio da crise da escravidão, estimularam o surgimento de novas questões e propostas de ajustes econômicos e sociais.

O recuo no tempo histórico não é relação de causa e efeito, mas um percurso para situar o porquê da emergência de determinadas questões discutidas, postas sobre/para o campo sergipano, inseridas no interior de um pensamento social para o espaço geográfico brasileiro. O recuo é uma estratégia de método, de compreender

a Revista Agrícola (SSA) na longa duração que envolve a produção desse campo, uma vez que esse periódico não emergiu em um vazio cultural, mas na esteira de mudanças herdadas de conflitos, contradições, anteriores ao seu tempo.

E esse tempo que antecede a publicação da Revista foi marcado pela ameaça do arrefecimento do trabalho escravo, a partir do fim de seu tráfico (SCHWARCZ, 1993, p. 27), o que suscitaria temor entre aqueles que coordenavam os fluxos de capital no país. Em Sergipe a ameaça seria recorrente desde meados de 1850, registrada tanto na imprensa, quanto nas falas oficiais dos Presidentes de Província sob a denominação de “soluções para a lavoura”, de maneira que seriam criadas medidas para o problema da “organização do trabalho”. Seriam então identificadas iniciativas para resolver a questão, principalmente a tentativa de organizar e reunir a classe dos agricultores, como proprietários de terras, e propor saídas para a escravidão e a crise dela decorrente (Figura 28).

Figura 28 – Foto de página da obra
“Representação da Lavoura Sergipana aos
Altos Poderes do Estado”



Editada no Rio de Janeiro, no Instituto Typographico do Direito. Fonte: Travassos; Monte, 1877, p. 18.

A linguagem produzida sobre e para esse tempo histórico é densa. Primeiro porque há recorrência ao que Schwarcz (1993, p. 24) parafraseando Silvio Romero, denominou de um “bando de ideias novas” (positivismo, evolucionismo, darwinismo) que começam a fazer parte da mentalidade das classes brasileiras que atuaram nos rumos do país a partir de 1870 e infestariam de termos científicos e técnicos os discursos (CONCEIÇÃO, 2001). Segundo porque há a proliferação de instituições e formas de disseminação dessa linguagem:

Grandes leitoras da literatura produzida na Europa e nos Estados Unidos, as elites brasileiras não passariam incólumes aos ditames que vinham do estrangeiro. Por outro lado, recém saída da desastrosa guerra do Paraguai e vivendo, nos últimos anos do Império, um período de relativa estabilidade econômica motivada pela produção cafeeira, a monarquia brasileira tencionava diferenciar-se das demais repúblicas latino-americanas aproximando-se dos modelos europeus de conhecimento e civilidade. Nos institutos, nos jornais, nos romances, era como uma sociedade científica e moderna que o Brasil de finais do século pretendia se auto-representar (SCHWARCZ, 1993, p. 30).

Sergipe não estaria aquém dessa influência, de maneira que o reflexo dessas mudanças seria sentido na realidade social vigente com a constituição de uma intelectualidade local, a partir de uma formação oriunda de instituições de ensino superior, nacionais e estrangeiras¹⁵⁵. Conceição (2001, p. 60) analisa esse processo através do jurista Tobias Barreto – sua formação, seus pares, a repercussão de suas ideias no cenário intelectual brasileiro, uma eminente figura do pensamento social brasileiro da segunda metade do século XIX:

O discurso de Tobias Barreto se incorpora no arquétipo da ambivalência ideológico-moral das elites brasileiras, diante das instituições servis decorrentes do estatuto dual do país – do choque entre modernização e inércia patriarcal. A escravidão indicava a disparidade entre a sociedade brasileira, escravista, e as ideias do liberalismo europeu.

Entre os registros de formandos presentes segundo Guaraná (1925), o agrônomo Felismino Moniz Barreto, vinculado diretamente às iniciativas que buscaram “animar a lavoura” no século XIX. Apesar da ausência de cursos superiores de agronomia no país, Felismino recebeu em 1862 seu título da *Escola*

¹⁵⁵ Quanto às fontes que registram essa mudança de pensamento a produção intelectual na imprensa, sobretudo, e em livros, e alguns dados biográficos citados no Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano de Armino Guaraná (1925). As referências sobre a formação intelectual dos sergipanos, principalmente os filhos de grandes proprietários de terra que estudaram em outras capitais brasileiras e do estrangeiro, e, no retorno, podem ter disseminado as “ideias novas”.

Regional de Grignon, na França. Entre suas atuações na lavoura sergipana destacam-se: em 1868, participação da Diretoria do *Imperial Instituto Sergipano de Agricultura* (IISA)¹⁵⁶ e fundador do *Comício Agrícola* em 1870¹⁵⁷. Outros sergipanos com participação efetiva na propaganda da lavoura sergipana, a sua maioria, graduaram-se na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, e na Faculdade de Direito do Recife¹⁵⁸, a exemplo, respectivamente de Theodoreto Archanjo do Nascimento e Homero de Oliveira, diretores da Revista Agrícola (SSA).

O tempo da/na Revista era o dos trilhos dos *bonds*, da luz elétrica, da higiene, da apresentação da *Troupe Gianelli*¹⁵⁹, do cinematógrafo, da água potável encanada, do vapor “*Navigator*”, como registrou um jornal local em 1908: “a convite do Coronel Jucundino Filho, agente da *The Harrison Line of Stramers*, o Exmo. Dr. Rodrigues Dória, Presidente do Estado, visitou o vapor inglês *Navigator* (...) (O ESTADO de Sergipe, 26/11/1908, p. 1).

Os aparentes fragmentos de modernidade disseminados na imprensa em notas, matérias, artigos, anúncios compõem uma imagem unificada de projetos e sua concretização, ou ao menos uma tentativa de realização dos intentos. A veiculação da notícia sobre o *Navigator* na imprensa, por exemplo, significava o resultado de um projeto maior e anseio antigo. De acordo com matéria publicada na Revista Agrícola (SSA) de 01/10/1908, a ideia de desenvolver a navegação direta de Sergipe para a Europa¹⁶⁰ era uma iniciativa pleiteada há “vinte e sete anos”.

A matéria deixava nítida como uma classe que utiliza a imprensa como suporte de projetos simultâneos no interior de um capitalismo tipográfico (Figura 29):

¹⁵⁶ Está registrado como um dos Diretores do IISA. (Livro de Atas, p. 13, 20/02/1868. In: APES, A¹ 01, Livro de Atas do IISA, 1860-1881).

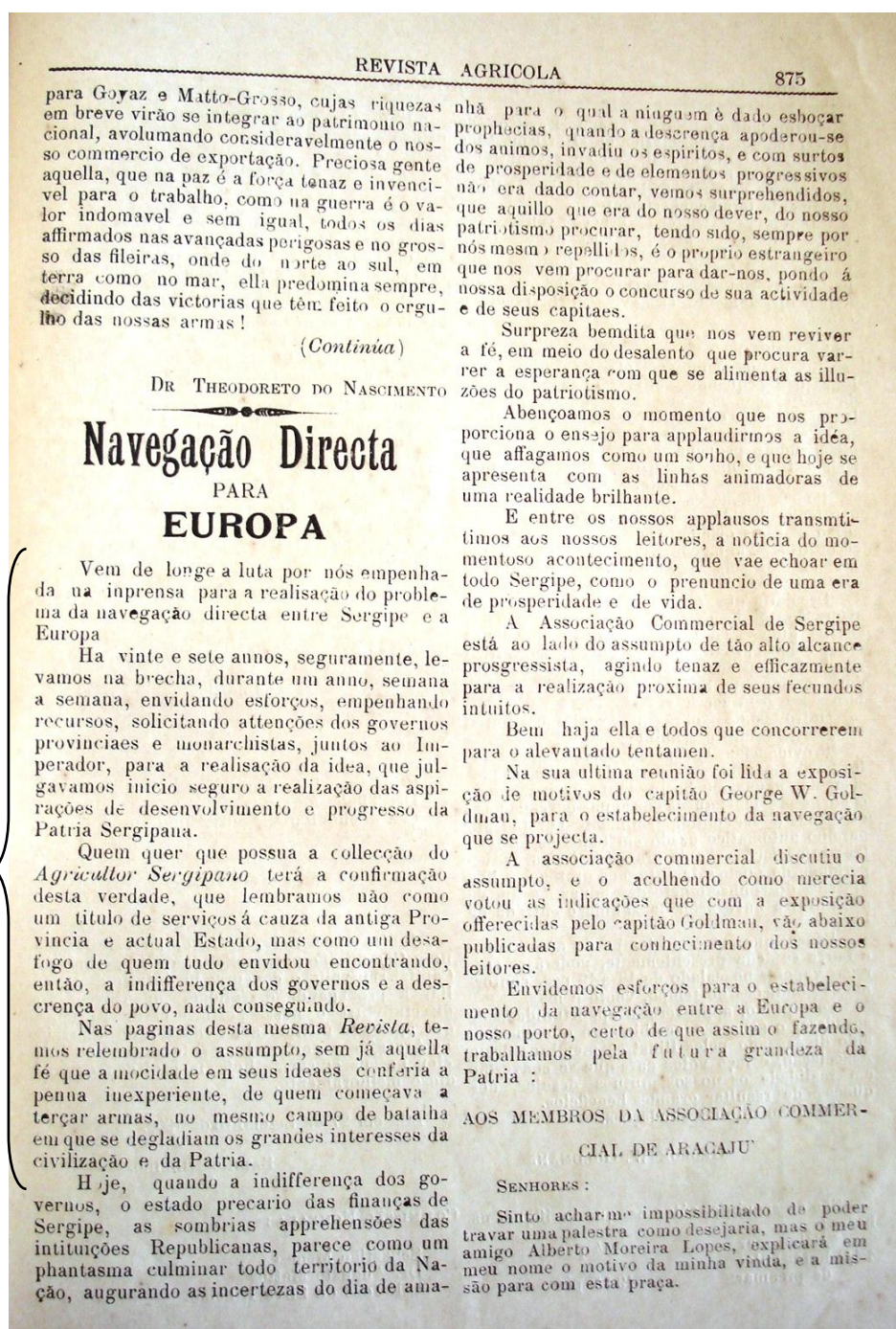
¹⁵⁷ O *Comício Agrícola Sergipense* em 1870. Além deste *Comício*, Soutelo (1983/1987) referencia a criação do *Comício Agrícola do Sul de Sergipe*, em 1901.

¹⁵⁸ Sobre esta instituição – suas origens, desdobramentos, ideias e projetos, ver: Conceição, 2001.

¹⁵⁹ Grupo de Teatro (O Estado de Sergipe, p. 1, n. 2878, 27/08/1908).

¹⁶⁰ Aprovada por Lei Estadual n. 541 de 22/10/1908, publicado no Estado de Sergipe (O), n. 2929, 23/10/1908.

Figura 29 – Matéria com descrição do processo de conquista para a “navegação directa para a Europa”



Dados destacados na chave.

Fonte: Navegação..., 01/10/1908, p. 875.

Como fonte de comprovação dessa conquista o jornal *O Estado de Sergipe* de 29 de novembro de 1908 publicou na sua seção “Boletim Commercial” o “manifesto” desse vapor:

Boletim Commercial

Manifesto do vapor inglez “Navigator” para a Europa:

600 couros salgados para Liverpool, exportador Jucundino Filho e C^o.
 75 fardos de algodão em rama para Liverpool, exportador Sabino Ribeiro.
 25 fardos idem leixões, exportador Sabino Ribeiro & Comp.
 25 fardos chifres de boi, Hamburgo, exportador de Wch Scheweell.
 10 barricas de tucum em rama, Lisboa, exportador Teixeira Chaves.
 06 barricas de tucum em rama, Porto, exportador Anthuso José Vieira
 01 fardo de fibra de coco bruta, Manchester, exportador Anthuso José Vieira
 03 barricas de tucum em rama, exportador Vasconcellos & Comp (O Estado de Sergipe, 29/11/1908, p. 1).

Os dados contidos neste anúncio, sobre a carga exportada por meio do *Navigator*, apresentam informações que podem ser associadas à origem e o destino dessa embarcação. Primeiro, observa-se que parte dos exportadores citados era anunciante na Revista Agrícola (SSA): Jucundino Filho¹⁶¹, Sabino Ribeiro, Teixeira Chaves. O que pode corroborar para o entendimento do papel da Revista Agrícola (SSA) nessa cadeia operatória da economia sergipana, e sua estreita ligação com a economia local, nacional e internacional, como órgão de propaganda da expansão do capitalismo, e a visibilidade de um pensamento geográfico na e através da Revista Agrícola (SSA).

Os “ajustes espaciais” analisados por Harvey (2006a, p. 193), assim como o desenvolvimento desigual e combinado estudado por Smith (1984) podem ser compulsados através desses registros escritos, além de sua realização no espaço geográfico produzindo territórios: rotas de comércio, experimentações e aplicações de novos cultivos, a aplicação de incentivos. A Revista pode ser inserida como um mecanismo que corroborou na criação de uma “geografia histórica global da acumulação do capital” (HARVEY, 2006a, p. 193). Como se refere Hobsbawm (2010, p. 113): “a unidade do mundo implicava a sua divisão. O sistema mundial do capitalismo era uma estrutura de ‘economias nacionais’ rivais”.

O discurso geográfico na Revista Agrícola (SSA), as mudanças espaciais de seu contexto, registraram e por que não dizer que foram além do registro noticioso, informativo, contribuiu com a produção, não só discursiva, mas também efetiva do espaço agrário sergipano. Quando apresentava os problemas e soluções para a lavoura sergipana, o discurso da Revista espacializava o meio agrário globalmente, nacionalmente, localmente, mas um desenvolvimento geográfico desigual. Situava o campo sergipano através da diferenciação do atraso *versus* progresso, acentuando

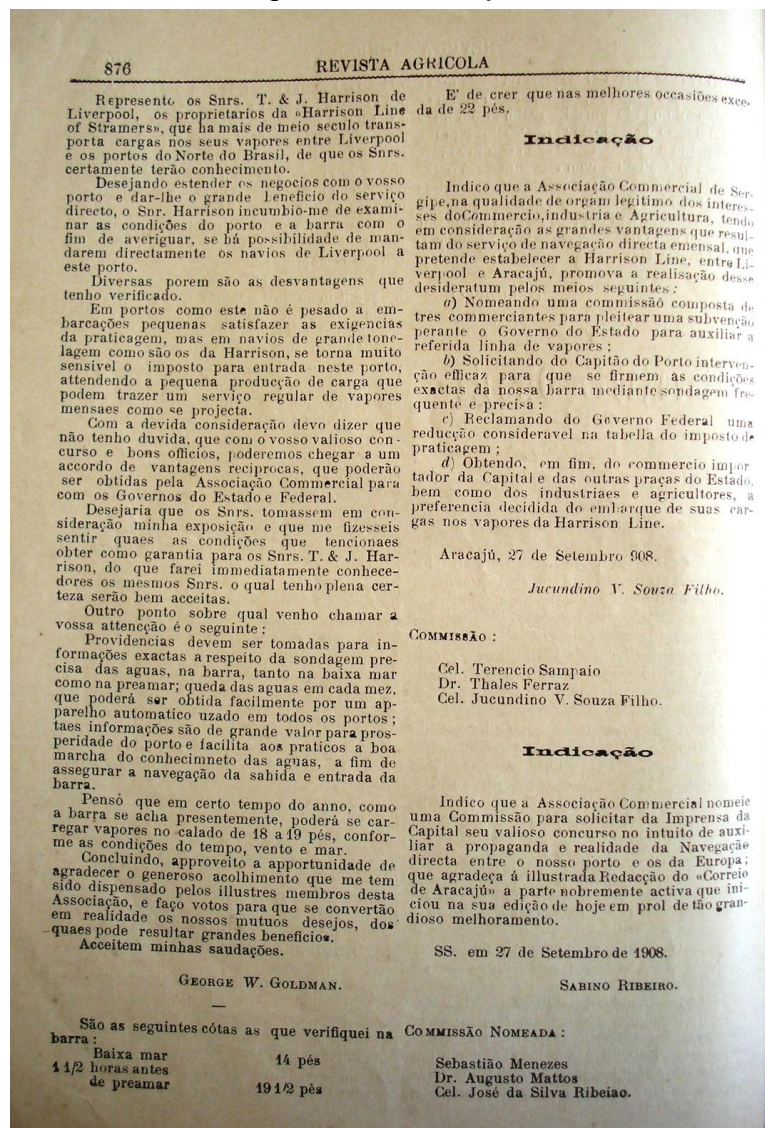
¹⁶¹ Agente da *The Harrison Line of Stramers* em Sergipe, responsável pelo *Navigator* (O Estado de Sergipe, n. 2956, 26/11/1908, p. 1).

que: o campo sergipano possuía áreas mais desenvolvidas que outras; era atrasado em relação a outros Estados, e o Brasil também era atrasado em relação a outros países. Reiterando Harvey (2006a, p. 193): “a acumulação do capital sempre foi uma ocorrência profundamente geográfica”.

Outros dados a serem considerados no Manifesto do *Navigator*, à luz dos ajustes espaciais combinados – deslocamentos temporais e espaciais - são os tipos de produtos sergipanos exportados, assim como os portos de destino. O que permite inferir sobre os produtos agrícolas oriundos do campo sergipano no período, raramente mencionados na historiografia sergipana. Mesmo em pouca quantidade, em comparação ao preponderante açúcar exportado, os produtos citados no manifesto não costumam constar em trabalhos que contemplam o balanço econômico de exportação do período em estudo. Todavia, fica evidente uma demanda internacional de matéria-prima de origem vegetal (algodão, tucum, coco) e animal (couro e chifres). Demanda que parecia cobrir os custos da empreitada do trajeto do vapor. Custos esses negociados a partir de acordos das partes locais e internacionais como se lê no discurso do representante da firma inglesa *The Harrison Line Stramers*, o Senhor, George W. Goldman que vem a Aracaju para avaliar as condições para a empreitada¹⁶² (Figura 30).

¹⁶² Hobsbawm destaca sobre o interesse do comércio internacional no período na busca de produtos exóticos (HOBSEAWM, 2010, p. 107).

Figura 30 – Sobre a visita de representante de firma inglesa em Aracaju



Fonte: Navegação..., p. 876, 01/10/2008.

Os produtos assinalados, provavelmente tiveram seu uso inicialmente identificado por viajantes do início do século XIX, como os denomina Pratt (1999, p. 252): “batedores avançados do capital europeu” que identificavam novas matérias-primas, vias de acesso, demandas de mercadorias, possibilidades de deslocamentos migratórios, entre outros fatores.

A exportação do açúcar, provavelmente não constava no Manifesto porque em 1908 estava controlada por decisões da então *Coligação Assucareira de Sergipe*¹⁶³, vinculada à *Coligação Assucareira do Brasil*, que indicava as *Casas Comissarias Colligadas* para este fim (O Estado de Sergipe, n. 2956, 26/11/1908, p. 1):

¹⁶³ Sobre a *Coligação Assucareira de Sergipe* ver a seção 4 nesta Tese.

Coligação Assucareira de Sergipe

A Coligação Assucareira recebeu o seguinte telegrama:

“Rio, 22 de novembro de 1908 – Luzos – Para Colligação Assucareira. Aracajú – Casas Comissarias colligadas são seguintes: Alter Brothers & C.; Zenha Ramos & C.; J. de Oliveira Castro & C.; Queiroz Moreira & C.; Siqueira & C.; Theodor Dnoivier; Severo, Jorge C.; Ribeiro Bastos & C.; Arthur & Schulk; Albano de Castro; L. Eissengarthen; Herman Lundre Junior e Lourenço Cavalcanti de Albuquerque – Comité”.

A partir da notícia desse vapor percebe-se que as matérias dos periódicos não são apenas informativas, constituem elementos para questões de como o contexto da Revista Agrícola (SSA) estava permeado por dados ainda pouco discutidos na historiografia sergipana, relacionados à temática que defendia: “dedicado à lavoura, comércio e indústrias de Sergipe”, tríade inerente aos meandros do capitalismo.

Mesmo que os vários dados relativos a esse tema, pontuados na Revista e nos demais periódicos locais do período, não constem nas estatísticas oficiais como atividades econômicas reconhecidas¹⁶⁴, essas fontes, assim como as análises devem ser revisadas para se evitar afirmações categóricas que possam naturalizar, sem qualquer chance de releitura, o funcionamento da economia sergipana na transição para o período republicano que coincide com a instalação do capitalismo:

Quanto à possibilidade de conquista de mercados externos ao Estado, deve-se deixar claro, antes de mais nada, que esta se limitava aos gêneros de produtos alimentícios (açúcar mais especificamente) e têxtil, vez que os outros gêneros não foram estruturados de forma fabril. Pelo contrário, constituíam-se de pequenas unidades voltadas para os mercados locais (PASSOS SUBRINHO, 1987, p. 90).

Deve ser observado que o contexto dessa transição é profuso, muitas informações, às vezes voláteis, aparentemente solitárias, uma característica típica para os mecanismos favoráveis e inerentes à expansão do capitalismo, o escamoteamento de seus reais interesses. Daí pode resultar a dificuldade de apreensão e entendimento do funcionamento das novas estruturas do novo sistema econômico que se instalava e trazia um vocabulário e uma linguagem em torno dessas mudanças. Novas palavras, ou velhas palavras com significações que podem ser obstáculos para o entendimento sobre a Revista e seu contexto. Mas,

¹⁶⁴ Referindo-se aos produtos citados no manifesto do *Navigator*.

perquirir o fio e rastros dessas palavras e do discurso pode possibilitar o entendimento desses mecanismos, de forma a contribuir para um desvelar de como corroboraram com o delineamento da produção do espaço e de suas formas produtivas, no caso sergipano, o papel da Revista Agrícola (SSA) como um desses mecanismos.

Assim, as aparentes “notas e factos”, “Notícias Diversas”, cor, tipo de papel, estabelecimentos comerciais compunham um universo de informação e de conhecimento que circulava nos jornais do período estudado e na Revista Agrícola (SSA). Um conjunto de dados inserido nas agendas contemporâneas. Os resultados da eleição para a Presidência do Estado em outubro de 1908, com a vitória de Rodrigues Dória contemplado na figura abaixo no centro da matéria do jornal (Figura 31), ilustram o contexto.

Figura 31 – Eleições para Presidente do Estado em 1908



Fonte: Jornal O Estado de Sergipe, 24/10/1908, p. 1.

Sobre o tema da matéria citada, observa-se que o período de circulação da Revista contempla, no cenário sergipano, a administração de três Presidentes do Estado: o farmacêutico Josino Menezes (1902-1905); o desembargador Guilherme de Sousa Campos (1905-1908) e do médico José Rodrigues da Costa Dória (1908-1909)¹⁶⁵. Um contexto marcado por vários conflitos políticos, reestruturações produtivas, reproduções de velhas práticas econômicas, como a pouca substituição do fabrico do açúcar dos engenhos banguês para as usinas (DANTAS, 2004, p. 48).

A Revista Agrícola (SSA) não é a melhor fonte para caracterizar o contexto sergipano em suas singularidades culturais e sociais. Mas, outras fontes periódicas, como os jornais diários, e documentos oficiais, a exemplo das correspondências do Executivo, auxiliam no entendimento de como se estrutura o cotidiano desse contexto¹⁶⁶.

Dos anos de circulação da Revista, provavelmente o ano mais marcante foi o de 1906 devido à Revolta de Fausto Cardoso, iniciada a 10 de agosto de 1906, com duração de dezoito dias (de 10 a 28 de agosto de 1906). Contou com a deposição e reposição do então Presidente do Estado Guilherme Campos (SOUZA, 1985). Um acontecimento político que definiu com violência as disputas políticas no cenário sergipano entre progressistas e conservadores: os partidários do Deputado progressista Fausto Cardoso¹⁶⁷ *versus* os partidários do oligárquico Senador e Monsenhor Olímpio Campos, os olimpistas.

O conteúdo veiculado na Revista não se posicionava claramente sobre que lado assumiu no interior da Revolta. Mas, através da leitura de Souza (1985, p. 200), as fontes que explora, observa-se que vários anunciantes na Revista contribuíram com “as legiões libertadoras” olimpistas para retomar o poder. Contudo, um dos principais redatores da Revista, o médico Theodoreto Nascimento, em depoimento a um jornal carioca, opinou de forma contrária à versão da consecução final da Revolta que culminou com a morte do líder Fausto Cardoso, pelas forças olimpistas.

No período da Revolta, a Revista não deixou de ser publicada, saíram os números “37” e “38”, de 01 de agosto e 15 de agosto, respectivamente.

¹⁶⁵ Os detalhes sobre esse contexto político e econômico podem ser compulsados em Dantas (2004) e Souza (1985).

¹⁶⁶ Ver: Dantas (2004, p. 15 a 76).

¹⁶⁷ Sobre dados biográficos dos dois líderes políticos, ver Guaraná (1925).

O exemplar de número “39” da Revista, de 01 de setembro, noticiou a morte¹⁶⁸ de Fausto Cardoso:

Noticias Diversas

Dr. Fausto Cardoso

É sob o pezo da mais viva dor que tomamos da Penna para transmittirmos aos nossos leitores a lúgubre nova da morte do nosso illustre patrício Dr. Fausto Cardoso há bem pouco dias desembarcado, entre nós, por entre as mais ruidosas acclamações (...) morto a balla, por soldados da Republica (...) (Revista Agrícola. 01/09/1906, p. 378).

Os efeitos da Revolta para a Revista Agrícola (SSA) foram sentidos com a exoneração do cargo de Inspetor de Higiene e seu Redator Chefe, Theodoreto Nascimento. Convocado a socorrer Fausto Cardoso, ferido ao “invadir” o Palácio do Governo por oficiais, o médico declarou à imprensa baiana e carioca argumentos que desmentiam as teses governistas dos olimpistas sobre o “trágico incidente”:

Tais declarações comprometeram de tal modo a verdade oficial que o conceituado Inspetor de Higiene foi logo exonerado do cargo que ocupava no Governo, enquanto o jornal oficial convocava os leitores a julgarem sua atitude e concluir de que lado estava ele. Parece claro que Theodoreto Nascimento, um dos mais atuantes da ala inovadora da classe dominante, simpatizava com a revolta, deixando de se envolver nela diretamente pelos laços com a política olimpista. Não resta dúvida de que ele é um representante da cisão na classe dominante, elemento do grupo que passou a contestar a oligarquia governista (SOUZA, 1985, p. 210).

A saída de Theodoreto do Governo foi noticiada de forma indireta na Revista Agrícola (SSA), quando comunicaram na edição de número “40” datada de 15 de setembro de 1906 a sua viagem para “o sul da República”, a fim de elaborar relatório da missão do extremo Oriente realizada em 1905, em conjunto com Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Noticias Diversas. Dr. Theodoreto do Nascimento. Revista Agrícola (SSA). 15/09/1906, p. 388)¹⁶⁹.

A relação entre a viagem de Theodoreto e a sua saída da Inspetoria de Higiene e de Sergipe e não necessariamente da Revista¹⁷⁰, atenta para uma polifonia presente nos discursos veiculados na Revista Agrícola (SSA). Para quem lê

¹⁶⁸ Assim como o número 37 da Revista Agrícola (SSA), de 01 de agosto de 1906, p. 360, noticiou a sua chegada à Aracaju.

¹⁶⁹ A notícia de sua viagem aparece confirmada no número 41 da Revista Agrícola (SSA) de 01/10/1906, p. 392. Sobre essa viagem e a atuação de Theodoreto ver a seção 5 nesta Tese.

¹⁷⁰ Seu nome foi retirado da capa da Revista, onde figurava ao lado de Homero de Oliveira, mas referências a sua contribuição à lavoura foram reiteradas com relativa frequência entre as páginas da Revista.

a Revista nos dias atuais se não fossem os rastros envolvidos nesse fio do discurso de sua partida – a sua indisposição com o Executivo sergipano, esta seria apenas mais uma viagem do Redator, assim como outras idas e vindas dele noticiadas anteriormente nesse periódico.

6.1.1 Um contexto tipográfico da Revista Agrícola (SSA)

O desenvolvimento do jornalismo no período que abrange o fim da primeira fase e o começo da segunda fase absorve profundas mudanças econômicas que vive o país na passagem do Império para a República. A economia assinala, então, duas transições: uma para o trabalho assalariado e, outra, para um sistema industrial (...) Uma consciência dominante então é que a imprensa deve situar-se num plano de interesse público, de identificação com os sentimentos de valorização da ordem jurídica, de aperfeiçoamento das instituições e de conquistas sociais. Predominam os ideais positivistas, o publicismo assume caráter pedagógico (BAHIA, 1990a, p. 108).

Do contexto da Revista alguns aspectos podem ainda ser considerados, sobretudo, no que abrange “as condições intellectuais do paiz” (MINISTÉRIO, 1927, p. 1). Condições nas quais a Revista estava incluída do rol da imprensa¹⁷¹. Sobre este item “imprensa”, nas “condições intellectuais do paiz”, o estado de Sergipe, de 1905 a 1908 constava com vinte e sete periódicos em circulação. Com classificação variada: humorísticos, literários, noticiosos etc. A Revista Agrícola (SSA) é única na sua categoria de periódico “agronômico”¹⁷².

No convulsivo segundo semestre de 1906 ocorreu o lançamento de mais um periódico, o Correio de Aracaju, redigido por João Menezes¹⁷³ (24/10/1906). Jornal noticioso, político através do qual se travavam disputas políticas¹⁷⁴. Este e outros títulos publicados no período podem ser visualizados no quadro abaixo (Quadro 10).

¹⁷¹ Essas “condições” incluíam ainda: das belas artes, dos museus, das bibliotecas.

¹⁷² Classificação atribuída na estatística do Ministério da Agricultura (MINISTÉRIO, 1927, p. 544). O Relatório do Ministério registrou 18 títulos de periódicos, os demais dados sobre títulos em circulação foram obtidos de outras fontes.

¹⁷³ Fundado pelo Gal. Prisciliano de Oliveira Valladão (TORRES, 1992, p. 153), do qual era amigo. (GUARANÁ, 1925, p. 265), ainda resquícios das disputas políticas decorrentes da Revolta.

¹⁷⁴ Souza (1985) analisa a utilização dos jornais como *locus* de embates políticos antes e durante o ano da Revolta de Fausto Cardoso.

Quadro 10 - Títulos publicados no período – 1905 a 1908

Título	Local	Ano	Tipo, Perfil, Periodicidade
Arranca	Aracaju	1906	Jornal carnavalesco
Bemtevi (O)	Aracaju (ou Laranjeiras)	1906	Jornal crítico, humorístico
Correio de Aracaju	Aracaju	1906/64	Jornal noticioso (diário)
Crítico (O)	Itaporanga	1907	Humorístico (semanal)
Descanço (O)	Estância	1905	Jornal crítico e humorístico
Deus Bacho	Aracaju	1905/11	Jornal carnavalesco
Espião (O)	Aracaju	1906/11	Jornal Literário, crítico e humorístico (semanal)
Estado de Sergipe (O)	Aracaju	1898/1906 ¹⁷⁵	Órgão oficial; noticioso (diário)
Folha de Sergipe	-	1907/11	Jornal
Imparcial (O)	Maruim	1905/1909	Noticioso (semanal)
Jornal de Sergipe	Aracaju	1901-1906 ¹⁷⁶	Jornal 1º. órgão oficial; em seguida: político partidário
Mosca (A)	Aracaju	1908	Jornal
Município (O)	Laranjeiras	1905	Jornal, noticioso (semanal)
Norte (O)	Capela	1908	Jornal, noticioso (irregular)
Norte de Sergipe	Propriá	1907/11	Jornal, noticioso (semanal)
Ordem (A)	Propriá	1905	Jornal
Papagaio (O)	Aracaju	1907	Jornal
Perola (A)	Propriá	1908	Jornal, literário (quinzenal)
Pharol (O)	Aracaju	1907	Religioso (semanal)
Polyanthéa	Propriá	1906	Jornal
Razão (A)	Estância	1902/45 ¹⁷⁷	Jornal “Tendo por objetivo o bem, o trabalho e o progresso”; noticioso (semanal)
Redenção (A)	-	1907	Revista “De simpatizantes de Fausto Cardoso” (DANTAS, 2004, p. 62)
Revista Agrícola (SSA)	Aracaju	1905	Agrônômica
Revista Forense	Aracaju	1907/09	Revista Jurídica; Científica ¹⁷⁸
Revistinha (A)	-	1905	Revista
Riso (O)	Aracaju	1907	Jornal Humorístico
Trombeta (A)	-	1907	Revista Humorística, literária, crítica, ilustrada (semanal) ¹⁷⁹

Fonte: Torres, 1992; Governo, 1997; Dantas, 2004; instrumentos de pesquisa do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), 2009 e 2010; Ministério, 1927.

¹⁷⁵ Existem referências a outros períodos (GOVERNO, 1997).

¹⁷⁶ O Catálogo da BPED registra também 1879 – 1986.

¹⁷⁷ 1893 é o ano de fundação segundo dados do Ministério (1927).

¹⁷⁸ Ver: Ministério, 1927, p. 544.

¹⁷⁹ “De gente do grupo olimpista” (DANTAS, 2004, p. 62).

A existência de bibliotecas também estava incluída nas “condições intelectuais”¹⁸⁰. Em Sergipe, segundo a estatística de 1907 a 1912, constavam três instituições (Quadro 11):

Quadro 11 – Bibliotecas em Sergipe em 1912

SEDE DO ESTABELECIMENTO	NOME DO ESTABELECIMENTO OU DA INSTITUIÇÃO A QUE ELE PERTENCE	ADMINISTRAÇÃO A QUE ESTÁ SUJEITO O ESTABELECIMENTO	DATA DE FUNDAÇÃO
Aracaju	Biblioteca Pública do	Estadual	16/06/1848
Maruim	Gabinete de Leitura	Particular	19/08/1877
Aracaju	Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	Particular	06/08/1912

Fonte: MINISTÉRIO, 1927.

O jornal oficial *O Estado de Sergipe* publicava sobre os jornais recebidos e a frequência na Biblioteca Pública:

Biblioteca Pública

A Biblioteca Pública recebeu: *O Estado de Sergipe*, n. 2958. Deixou de vir para a Biblioteca *O Correio de Aracaju*. No dia 27 frequentara a Biblioteca: J. R. Teixeira, Evandro Soares da Costa, Carlos Muniz, Adilson Muniz, Isaias Dantas, Conrado Dantas ... que leram jornaes (*O Estado de Sergipe*, n. 2959, 23/10/1908, p. 1).

A existência de acervos impressos tinha na troca de material bibliográfico no período um de seus aspectos mais favoráveis. A presença de periódicos, sobretudo, no acervo da *Biblioteca Pública Epifânio Dória* (BPED) em Aracaju pode atestar essa informação. Não apenas periódicos agrícolas, como também uma infinidade de títulos brasileiros e estrangeiros (Figuras 32, 33, 34).

¹⁸⁰ Sobre descrição dessas instituições como parte da “República das Letras”, ver: Souza (2001); ver também: Azevedo (2012).

Figuras 32, 33 e 34 – Capas de periódicos



32



33



34

Revistas: *A Ilustração*, 05/03/1888; *Revista Agrícola da Fronteira*, 05/09/1908; *Hebdomadário Illustrado 'A Bruxa'*, 20/03/1896.

Fonte: Acervo de Periódicos da Biblioteca Pública Epifânio Dória. Aracaju, SE. Reprodução fotográfica: autoria própria, 2008 e 2009.

Junto a essas “condições intelectuais” residia também o fator: leitura *versus* letrados. Para o período estudado – 1905 a 1908 - não foram identificados dados numéricos sobre o índice de alfabetização. Mas, a partir de aproximações de períodos anteriores e posteriores, pode-se afirmar que no interregno da publicação da Revista Sergipe possuía taxa de analfabetismo que oscilava entre 58 a 60% do total da população¹⁸¹ (Tabela 1).

Tabela 1 - População e índices de analfabetismo em Sergipe

ANO	POPULAÇÃO – N.º. DE HABITANTES	TAXA DE ANALFABETISMO EM SERGIPE
1872	176.243	66,4%
1890	176.243	67,2%
1900	356.264	58,2%
1920	477.064	60,1%

Fontes: IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010; Nunes, 1984.

Os índices da tabela podem indicar que as premissas de civilização e progresso, que incluía o aumento de seu número de leitores, não estivessem a contento. Por outro lado, a aparente regularidade de títulos de periódicos locais e procedentes de outras paragens não significava necessariamente uma ocorrência de leitores em massa. No entanto, o montante de impressos que podem ser

¹⁸¹ Não foram localizados dados precisos do período de 1905 a 1908, é feita apenas uma aproximação a partir dos censos realizados em 1872, 1890, 1900 e 1920 (NUNES, 1984, p. 232).

visibilizados literalmente, nos acervos da BPED, assim como por meio de catálogos de outras instituições, como o Catálogo da Biblioteca do Gabinete de Leitura de Maruim de 1892 (CATÁLOGO..., 1892), atesta uma existência ao menos numérica de títulos¹⁸².

O registro do número do universo de leitores de sergipanos ainda carece pesquisa, mas sabe-se que há uma estreita relação, sobretudo, nos centros urbanos de associar a leitura como hábito dos “detentores do capital econômico” (AZEVEDO, 2012). Por outro lado, na seção 3 desta Tese, levanta-se a possibilidade da ocorrência de leitores e/ou ouvintes de leituras “não oficializados” principalmente de almanaques em registros de bibliotecas, censos etc. nas áreas rurais.

A estruturação de bibliotecas era uma tônica no país no período da Revista Agrícola. É corrente a presença constante de solicitações de diversas bibliotecas e demais instituições nacionais e estrangeiras para o envio de material informativo sobre o Estado de Sergipe:

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro
14 de abril de 1908

Sr. Presidente,

Tenho a honra de solicitar que vos digneis de ordenar sejam fornecidas a esta Bibliotheca as publicações officiaes d'esse Estado que constam da relação inclusa e são necessárias para completar a respectiva colleção. Não preciso encarecer a conveniência de existir na principal bibliotheca da Capital da Republica uma colleção completa das publicações d'esse Estado, affim de attender as justas exigências da consulta publica. Esperando que meu pedido irá encontrar benévolo acolhimento, é-me grato apresentar-vos os protestos de subido apreço e distincta consideração.

Saude e fraternidade

Ao Sr. Desembargador Guilherme de Sousa Campos
Presidente do Estado de Sergipe

O Director
Dr. Manoel Cícero P. da Silva
(APES, SS, vol. 03 SS, doc. 53)

A difusão de uma ideia para a criação de acervos simultâneos de impressos pode ser enquadrada como um dos mecanismos do capitalismo tipográfico. As bibliotecas junto com os selos, o censo, os mapas, os monumentos, as pesquisas antropológicas, arqueológicas, de ciências naturais, os museus são recursos

¹⁸² O Catálogo apresenta os títulos das obras classificados na seguinte ordem: obras de 1ª Classe – Filosofia, História, Literatura, Ciências, Viagens, Instrução, Moral e Religião; de 2ª Classe – Dicionários; de 3ª Classe – Romances, Contos e Novelas; de 4ª. Classe Poesia e Teatro.

instrumentais do Estado que produz “a geografia de seu território e a legitimidade de seu passado” (ANDERSON, 2008, p. 227).

Por outro lado, a ideia de simultaneidade esbarrava em alguns entraves que se tornavam, ao mesmo tempo, possibilidades positivas para quem detinha o controle dos meios de produção. A crise do papel assinalada na matéria abaixo exemplifica como o monopólio poderia assegurar a produção dos impressos. Um “trust” americano era apontado como causador de tal crise:

A Crise do Papel

A crise do papel está lavrando fortemente nos Estados Unidos, já muitos jornaes tiveram de elevar os seus preços e prevê se que alguns mesmos não tardarão a desaparecer. Naturalmente procura-se remediar este estado de cousas. Pretende-se, por exemplo, obter do Congresso Americano uma redução dos direitos aduaneiros que gravam as matérias empregadas no fabrico do papel. Do outro lado, accusa-se o “trust” de papel de ser o causador da crise. Mas o “trust” em questão provou com documentos absolutamente authenticos e irrefutáveis que a carestia do papel é devida a causas econômicas inevitáveis (O ESTADO de Sergipe, 28/07/1908, n. 2852, p. 1).

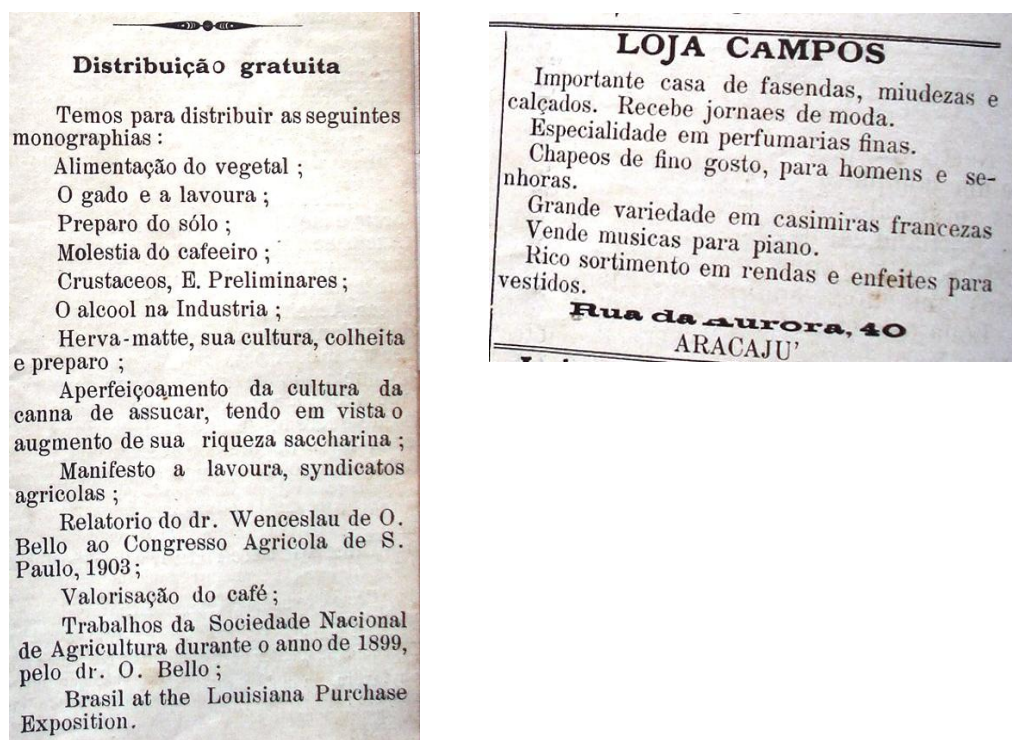
A parca ocorrência de estabelecimentos comerciais para venda, principalmente de papel e de livros situava-se também como outro obstáculo. As compras de material impresso ocorriam via importação direta ou indireta. A Loja de Papel *Leuzinger e C^{ia}*, situada na rua do Ouvidor no Rio de Janeiro, era, por exemplo, um dos fornecedores para o Governo de Sergipe, segundo consta nas faturas apenas aos ofícios com os pedidos de compra (APES, G1, vol. 1949, Correspondência Recebida, Ofício, 09/06/1908)¹⁸³.

Ainda sobre a ocorrência do comércio local de material impresso ou de artigos de papelaria ainda era considerada precária¹⁸⁴. Por outro lado, a comercialização de impressos pode ser identificada em magazines que importavam “jornaes de moda” (Figura 35), como também a distribuição gratuita de impressos para os lavradores (Figura 36):

¹⁸³ A famosa Casa Leuzinger do fotógrafo e editor George Leuzinger, editou os *Annaes da Biblioteca Nacional* desde 1876, foi responsável por imprimir vários documentos importantes durante o Império (ver: Mattos, 2009, p. 12).

¹⁸⁴ Ver Apêndice A – Quadro de anúncios veiculados na Revista Agrícola (SSA).

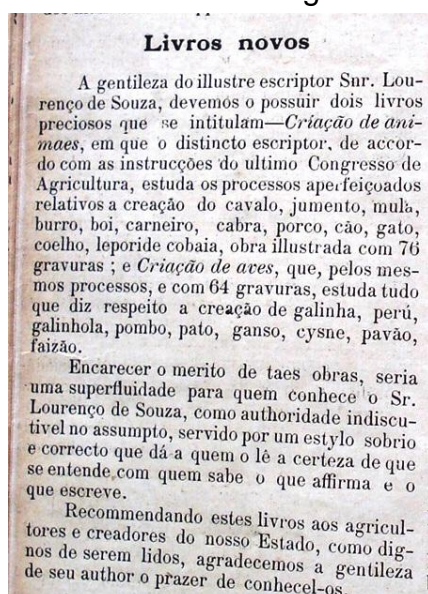
Figuras 35 e 36 – Distribuição e venda de impressos em Aracaju



Fonte: Revista Agrícola, n. 9, 15/05/1905, p. 71; anúncio no final da Revista

A Revista Agrícola (SSA) também colaborava na divulgação de impressos:

Figura 37 – Divulgação de livros na Revista Agrícola



Fonte: Revista Agrícola, 15/06/1905, p. 96.

Sobre a ausência de livrarias e críticas a quantidade mínima de leitores, segue a crítica publicada na Revista Agrícola (SSA):

Em Sergipe, não há uma livraria, por que, quase, não há quem compre livros; seria uma estatística curiosa se se pudesse enfileirar em cifras o numero dos assignantes de jornaes que se publicam dentro, e que no vêm de fora do Estado. Ainda, assim, seria preciso cortar, talvez, pelo meio, o numero dos leitores, porque essa metade é assignante de uns e de outros jornaes, e uma parte delle, deixa-os fechados, como recebe-os, destinando-os, sem os ler, ao mister, para elles, mais proveitoso de embrulhos (OLIVEIRA, 01/01/1907, p. 452).

No período registra-se do que se tem notícia apenas duas livrarias, a *Livraria Comercial* e a *Livraria Brasileira* (Antiga Imprensa Moderna), que em 1908, mudava sua sede de local da “Rua da Aurora, em frente ao Trapiche Oliveira” para a “Rua de Japarutuba” – “centro de todo movimento da vida elegante da capital” (Revista Agrícola, 15/06/1908, p. 806):

A Livraria Brasileira

Transferio a sua sede para a Rua de Japarutuba – n. 21, onde acredita servir melhor a sua numerosa freguezia. A Livraria Brasileira vae expor melhor o seo crescido sortimento de artigos novos e variadíssimos. A inauguração realizar-se-há amanhã, 1 de junho de 1908, para a qual chama-se a atenção do publico (CORREIO de Aracaju. 31/05/1908. Ano III, n. 161, p. 2).

A Revista Agrícola (SSA) enfatizou o papel dessa livraria que viria suprir a lacuna do comércio de livros e de artigos de papelaria em Sergipe. De acordo com notícia publicada na Revista Agrícola (SSA) de 15 de junho de 1908, a Livraria Brasileira:

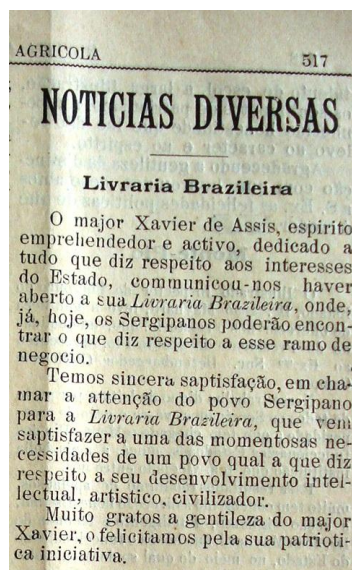
[...] será, em tempo próximo, o centro onde os intellectuaes de nossa terra formarão o eixo em torno do qual fará a sua rotação diurna o talento em todas suas brilhantes manifestações, tal é o gosto, a competência do seu proprietário em tão escolhido ramo commercial.

A *Livraria Brasileira* tinha por proprietário Major Xavier de Assis (Figura 38), editor d’ O Estado de Sergipe¹⁸⁵. e da Revista Agrícola (SSA)¹⁸⁶, e aparecia destacada em suas páginas:

¹⁸⁵ Segundo Guaraná (1925).

¹⁸⁶ A responsabilidade de impressão da Revista Agrícola (SSA) só ficou registrada na sua capa até 1907. Mas, presume-se que tenha continuado, diante a ocorrência de folheto publicitário encontrado no interior da encadernação de 1908 com catálogo de publicações recebidas.

Figura 38 – Notícia da
Livraria Brasileira



Fonte: Notícias Diversas,
01/04/1907, p. 517.

O Major foi considerado, em um das edições da Revista, como responsável por “ter aberto á vida intellectual de Sergipe novos horizontes, fornecendo-lhe tudo o que se passa no mundo literario, scientifico e artístico, dando-lhe ensejo de se pôr a par da evolução ascencional de todo orbe civilizado com os primores de sua produção” (Revista Agrícola, 15/06/1908, p. 806).

Na pesquisa pioneira de Santos (2009) sobre “gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970)”, a “Livraria Brasileira” figurava como uma tipografia¹⁸⁷:

Outra casa de destaque foi a “Livraria Brasileira”, fundada por Antonio Xavier de Assis em 1904. Da mesma forma que a Comercial [1892], a Brasileira começou como tipografia e chegou a editar um livro - o “Sergipenses” de Manoel dos Passos de Oliveira Telles. Seguindo o interesse na atividade editorial, em 1905, a livraria lança uma coleção de cartões postais para as comemorações dos cinqüenta anos da capital sergipana, impressa na Alemanha. A impressão na Alemanha é fato curioso uma vez que os editores e livreiros da capital federal, mandavam imprimir seus livros preferencialmente na França. Na primeira década do século XX estas eram as principais casas de livros da capital.

Ainda sobre o contexto de impressão no final do século XIX e início do XX, Santos observa:

¹⁸⁷ A autora não explicita a diferença entre esses conceitos. No seu artigo, a autora não inclui a impressão da Revista Agrícola (SSA) como parte dos produtos desta Livraria. Lima (1985, p. 22) considera: gráficas e tipografias como sinônimos. Às últimas cabia à impressão, a produção; enquanto que a casa editora, respondia pelos aspectos comerciais, de seleção de obras e autores para publicação, tiragem etc.

Na primeira metade do século XX encontramos várias casas tipográficas em nossa capital.

Dentre elas destacamos a “Livraria Comercial”, fundada por Guilherme José Vieira Filho em 1892 que inicia suas atividades como casa tipográfica. (...) a “Livraria Brasileira”, fundada por Antonio Xavier de Assis em 1904. (...). Existiram outras casas sem a expressividade destas como a Tipografia d’O Momento, as Tipografias de Jonas Pinto e de Antônio da Motta Rabelo; a Livraria e Papelaria Araújo e a tipografia de Aristides da Silveira Fontes (SANTOS, 2009).

O advento da prática de leitura estava inserido como parte de um “processo civilizador”:

Os ventos fortes do progresso e a conquista da ordem, associados à contínua expansão horizontal dos centros urbanos, ao aumento da escolarização e ao crescimento da população, são correspondidos positivamente pelos jornais, que aumentam as tiragens, melhoram seus parques gráficos com rotativas de capacidade produtiva maior, incorporam as linotipos, implantam clicherias, criam setor de fotografia, promovem a ascensão do repórter e fazem do vespertino novidade disputada (IPANEMA; IPANEMA, 1979, p. 29).

A prática de frequentar livrarias por intelectuais e políticos, sobretudo, como ocorrida nos grandes centros, a exemplo da *Garnier*, no Rio de Janeiro (BROCA, 2005, p. 80), não se localizaram registros para o período. As livrarias citadas por Broca no Rio de Janeiro do início do século XX constituíam-se verdadeiros territórios de disputas ideológicas (BROCA, 2005, p. 82-85). De forma semelhante a qual ocorria nos grandes centros pode ser registrada no advento da Livraria Regina, na década de 20 (SANTOS, 2004).

No entanto, outros pontos de encontro para as chamadas “conferências” ganham espaço. De acordo com Broca (2005, p. 193) as conferências, costume francês iniciado no século XIX, ocorrem de forma mais reiterada no Brasil na primeira década do XX. Literárias, de caráter filosófico e social, e setores extraliterários sobre os assuntos mais arrevesados e extravagantes. O registro desse gênero é verificado na Revista Agrícola (SSA), ao anunciar a realização das conferências como também em publicar os textos apresentados nestes certames:

Conferência Pública

Realizada na Salão da Intendência Municipal de Laranjeiras

Exmas. Senhoras e Meus Senhores:

Não foi sem muita vacillação, e muita duvida, que assumi para commigo mesmo, o compromisso de fazer esta segunda conferencia sobre agricultura, da serie de que se fazia necessária. O meu compromisso foi

expontaneamente tomado, no momento em que, preparando-me para fazer a primeira conferência descortinei a amplitude extrema do assumpto, porque vi que era impossível circumscrever-o ao âmbito de uma só. E, não medindo as infinitas dificuldades que se me atalhavam, assentei fazel-a, ainda assim. Para isso fiz logo correr a noticia do meu empreendimento. Não temi que me sobreviesse, de novo, a tristeza de não ter ouvintes, entre immensa classe agrícola quiça a mais populosa do Estado, porque na conferencia que fiz a seis de outubro passado [06/10/1907], no Salão do Gabinete de Leitura do Maruim estiveram presentes apenas dois lavradores (...) (FARO, 01/02/1908, p. 711).

O registro da realização de conferências era publicado nos jornais. As proferidas pelo criminalista italiano Enrico Ferri em 1908 pareciam concorridas:

Enrico Ferri

O grande criminalista Enrico Ferri realizou sua primeira conferencia discorrendo sobre as maravilhas do seculo 19 (O Estado de Sergipe, 26/11/1908, n. 2951, p. 1).

Conferencia

Teve grande brilho a conferencia realizada ontem pelo criminalista italiano Enrico Ferri, sobre a mulher (O Estado de Sergipe, 27/11/1908, n. 2954, p. 1).

Enrico Ferri

Enrico Ferri teve uma grande manifestação dos operários. Foi realizada hoje a sua penúltima conferência. (O Estado de Sergipe, 28/11/1908, n. 2958, p. 1).

O contexto de circulação de Revista possuía as marcas da modernidade que se instalava principalmente na capital Aracaju. Modernidade associada às referências de civilização vigentes (HARVEY, 2006b). Entre essas referências: os cuidados com a saúde, o corpo, a mente por meio da instrução, da diminuição das distâncias com os transportes e a informação periódica, colaboravam com a construção da simultaneidade modernizadora, inerente ao contexto de expansão do capitalismo. As representações da modernidade estavam representadas com a chegada sergipanos recém-formados em médicos, dentistas, farmacêuticos, nas reformas nos estabelecimentos de ensino¹⁸⁸, na moda francesa dos *magazines*, nos princípios de epidemias como a varíola, que na década seguinte provocou imenso obituário em todo o estado, na mudança contínua de lavradores do campo para a cidade, na definição de territórios na capital com a produção de fronteiras entre a

¹⁸⁸ A opção em não tratar nesta Tese de questões referentes à Educação do período, esteve pautada no limite temporal e de conteúdo da Revista. As alusões ao ensino rural apenas figuraram como anseios. Existiram algumas experiências e tentativas, mas a organização efetiva de um estabelecimento para este fim ocorreu após a extinção da Revista Agrícola (SSA). Ver: Nascimento, 2004; Nunes, 1984.

“vida elegante da capital” e o “Zé Povinho”, nas indústrias, nos princípios de formação de um movimento operário, nos sonhos motivados a partir do fetiche das mercadorias e paisagens contemplados no *Almanaque Garnier*, nos jornais estrangeiros de moda, na chegada de engenheiro responsável pela via férrea, nas notícias de uma Europa em ebulição à caminho primeiro grande conflito mundial.

Para marcar o significado dessas representações desfilavam palavras nos impressos: *kaiser*, museu comercial, exposição, *destroyer*, fusão de raças, questão do Oriente etc. Uma atmosfera verbal circundava a Revista Agrícola (SSA) e conferia a sua significação: uma Revista Agrícola (SSA) para as classes de lavradores, comerciantes e industriais. Para poucos. Para as classes definidoras do progresso da nação. Contudo, na polifonia dessa atmosfera verbal, “outros” ecoavam através de palavras. Os trabalhadores do campo do campo, por exemplo, – o “trabalhador de Sergipe” – os que faziam uso inadequado de enxadas, indolentes e pouco aptos ao trabalho “apareciam” escamoteados no discurso¹⁸⁹.

A Revista comportou uma estrutura jornalística – no sentido técnico e de conteúdo com uma significação própria de um periódico que, em Sergipe inaugurou a temática agrícola de forma sistemática. Além dos jornais, a Revista pode ser considerada um dos meios impressos mais significativos para leitura de um pensamento sobre o campo sergipano.

6.1.2 A estrutura da Revista – sua “atmosfera verbal”

Que concepções estão na Revista Agrícola (SSA)? Onde está a Geografia? Sob que forma se apresenta? Quais as palavras que a qualificam como Geografia? O que é Geográfico? Por que a Geografia? Esta última questão pode motivar respostas que desvelem que a Geografia não está congelada no tempo e no espaço enquanto uma disciplina acadêmica. Mas, que ela própria, para ter a sua existência, foi originada a partir de um discurso sistemático:

[...] a necessidade social de produzir um discurso sobre o território e sobre a identidade nacional trouxe como corolário a formação de um campo

¹⁸⁹ Como também ocorriam corriqueiramente as críticas aos “lavradores de Sergipe” (O TRABALHO Agrícola em Sergipe. Revista Agrícola, 01/05/1905, p. 61-62).

disciplinar que na maioria dos países ocidentais se denominou ‘Geografia’ (ESCOLAR, 1996, p. 51).

É produzida com o propósito implícito de ser um discurso “que formará um determinado tipo de ideia de país e uma forma específica de consciência territorial” (ESCOLAR, 1996, p. 51). Esta consciência, uma ideia de simultaneidade do capitalismo que pode ser desvelada nos diversos tipos de fontes documentais resultado de processos históricos, como nos diversos meios de comunicação, entre os quais, os impressos (livros e periódicos) que inauguraram as formas de comunicação de massa e ampliaram as formas dos registros do espaço – tempo.

Situada a possibilidade do pensamento geográfico no discurso impresso, a análise da Revista segue com um olhar para a sua polifonia inserida na relação espaço – tempo, na qual, configuraram-se, sobretudo, territorialidades e suas representações.

Dividindo-a em partes, um aporte meramente didático de forma a mapear sua atmosfera verbal. Primeiro a sua estrutura externa – suporte e apresentação material e tipográfica, considerando, sobretudo a capa, e, em seguida a estrutura interna: anúncios, editoriais, textos de colaboradores:

[...] nessa perspectiva, os periódicos, em torno dos quais se reuniam disciplinavam forças e instrumentos de combate e intervenção no espaço público, oferecem oportunidades privilegiadas para explicitar e dotar de densidade os debates em torno de projetos políticos e questões artístico-literárias que, de longe, de esgotarem-se em si mesmas, dialogam intensamente com os dilemas do tempo (DE LUCA, 2011, p. 2-3).

6.1.2.1 Primeira leitura: a capa

Sobre capas de livros, Lima (1985, p. 141) considera que além de sua função original de preservar e proteger o miolo, como também a necessidade de lhe apor um elemento que identificasse o conteúdo, acabou por reunir as duas finalidades, de maneira que passou a receber ao longo do tempo tratamento e atenções: “é conhecido que o pensamento de que a capa, primordialmente deva agir semelhante a um cartaz e, como tal, anunciar o livro e seu conteúdo”. Nas revistas, em geral, a capa cumpriu também esse objetivo.

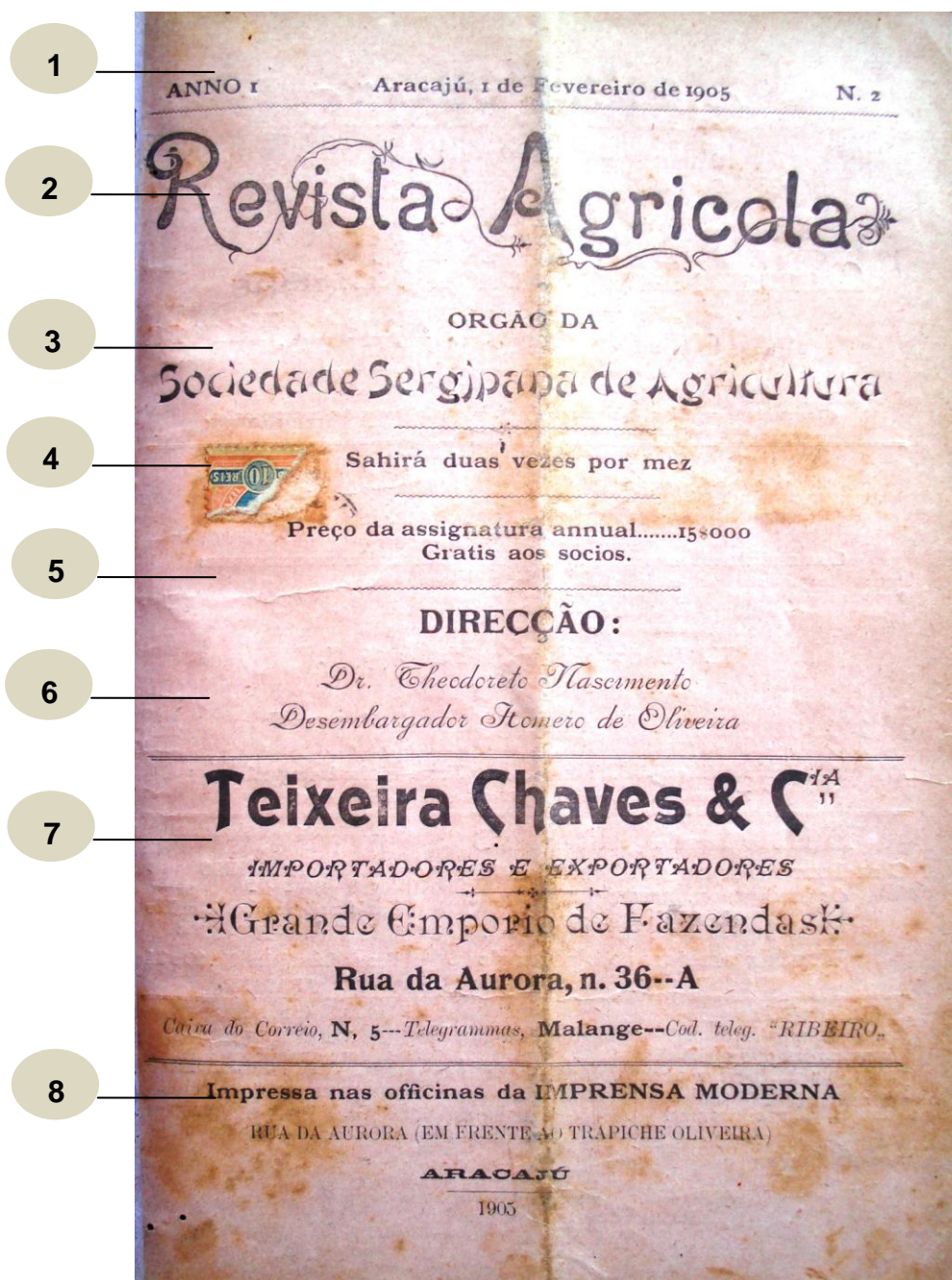
A capa da Revista Agrícola (SSA), como foi citada na seção 3 desta Tese, continha elementos decorativos próprios de um estilo artístico – o *Art Nouveau* –

aplicado à indústria, marcado pela repetição de características como uma das formas de estar de acordo como o modelo de progresso e de modernidade, assim, além de anunciar um conteúdo figurava como fontes de informação.

Além do estilo das letras e adornos, outros elementos devem ser observados nas capas. A simultaneidade do capitalismo tipográfico se faz presente nessa forma discursiva, ilustrativa. Uma observação geral sobre todas as capas da Revista Agrícola (SSA) pode ser sintetizada por meio da observação das figuras abaixo e das respectivas indicações numéricas dos campos que compõem a disposição de seus elementos. As capas do **primeiro ano**, de 01/02/1905 a 15/12/1905 comportaram-se conforme os registros apresentados nas Figuras 39, 40 e 41¹⁹⁰.

¹⁹⁰ Apesar do primeiro número da Revista Agrícola (SSA) sair em 15/01/1905, o exemplar disponível no acervo da BPED não dispõe de capa, registra-se aqui como a primeira a do número 2, de 01/02/1905, observando que a capa do número 3 já possuía acréscimos de informações (Figuras 40 e 41).

Figura 39 – Capa da Revista Agrícola



1. Ano, Local, Data, número da Revista; 2 – Título da Revista; 3 – Órgão mantenedor; 4 – Periodicidade; 5 – Preço da Assinatura; 6 – Direção; 7 – Anunciante regular; 8 – Endereço da editora.
 Fonte: Revista Agrícola, n. 2, de 01/02/1905.

Figuras 40 e 41 - Capas da Revista Agrícola

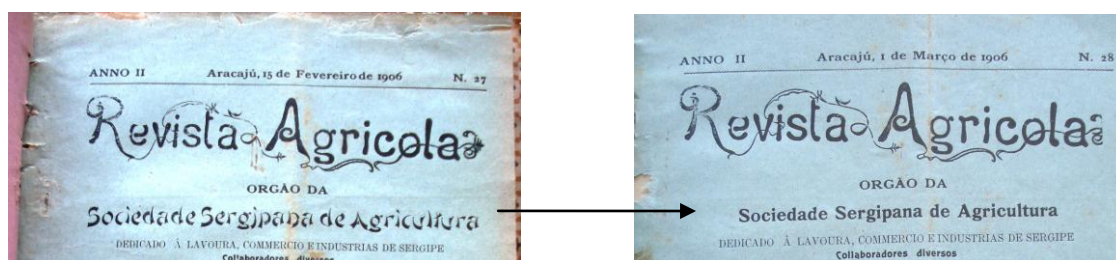


Da esquerda: 15/02/1905, n. 3. Mudanças: 1 - Indicação do lema; 2 - diferenciação do preço da assinatura.

Da direita: a partir do número 9, de 15/05/1905 dois novos campos: 3 - abaixo do lema - Collaboradores Diversos, e outro, abaixo dos nomes da Direção; 4 - Aceita-se Collaboração.

A Revista no **segundo ano (1906)** tem a sua capa com a mesma distribuição da capa de 15/05/1905. Sendo alterado a partir do n. 28 (01/03/1906) apenas o tipo da fonte do título da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, deixando de estar na formatação de fonte oriental (Figuras 42 e 43).

Figuras 42 e 43 – Detalhe da mudança da fonte do nome da Sociedade

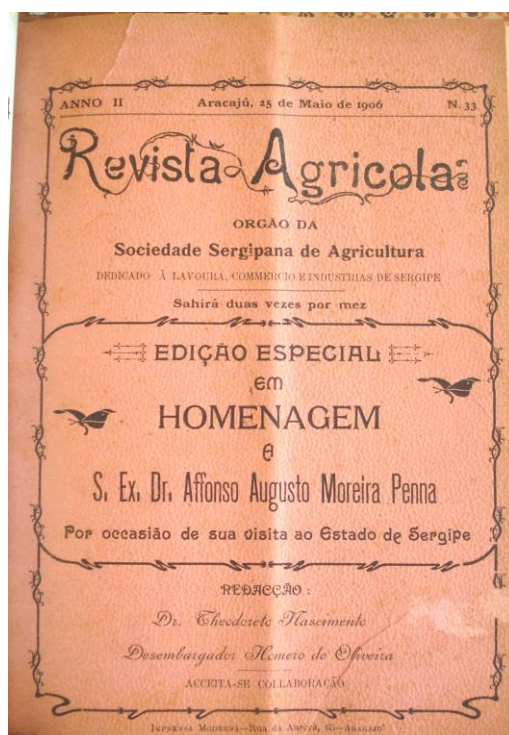


Mudança indicada pela seta.

Fonte: Revista Agrícola, n. 27 (15/02/1906) e n. 28 (01/03/1906)

Outra mudança verificada temporariamente em 1906 foi a edição de um exemplar comemorativo em honra da visita do então Presidente da República Afonso Augusto Moreira Penna. Este exemplar tem capa e contracapa com papel diferenciado, com gramatura superior a todas as demais editadas, assim como a presença de elementos decorativos que ladeavam o título da Revista e alteração na distribuição dos elementos: a *Direção* é substituída por *Redacção*, mudança que será mantida até 1907. Sai também neste número especial o item “Collaboradores Diversos” abaixo do lema da Revista (Figura 44). Este exemplar é editado em data diferenciada da ordem de seu periodismo quinzenal, saiu em 25 de maio de 1906, quando a sequência seria 15 de maio.

Figura 44 – Edição especial da Revista Agrícola



Fonte: Revista Agrícola, n. 33, 25/05/1906.

Em 1907 são observadas as seguintes mudanças: em 01/07/1907, n. 47 consta a indicação, abaixo do lema, de que foi um órgão “fundado por esforços do Illustrado Dr. Theodoro Nascimento”, a referência a um preço da “assinatura annual”, e a presença de apenas um “redactor” (Figura 45).

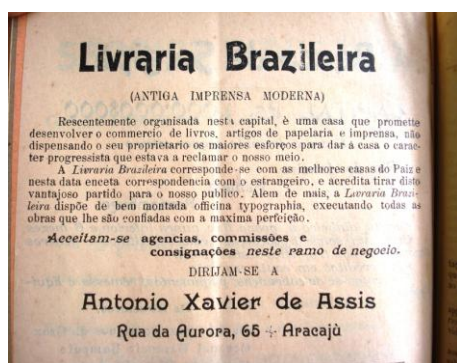
Figura 45 – Alterações na capa da Revista



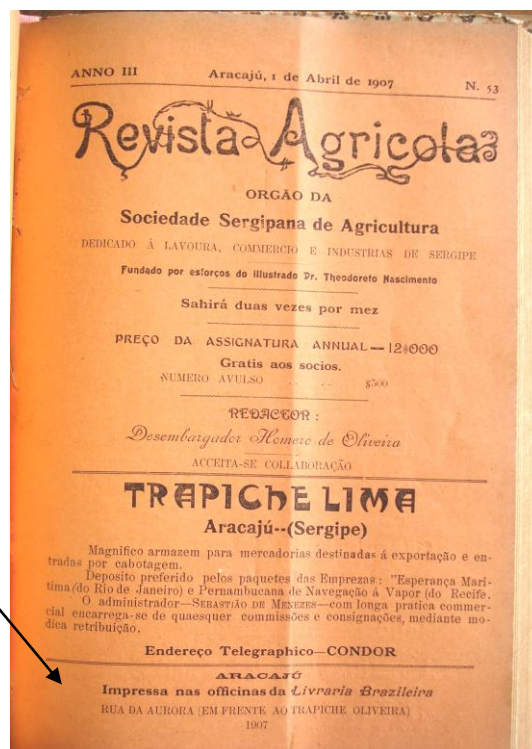
Alterações: 1. Inclusão do item: "Fundado por esforços do illustrado Theodoro Nascimento"; 2. Apenas o preço da "Assignatura Annual"; 3. Apenas um Redactor: "Desembargador Homero de Oliveira".
Fonte: Revista Agrícola. n. 47, 01/01/1907.

De 1907 também a mudança do nome da imprensa na qual era editada (Figuras 46 e 47).

Figuras 46 e 47 – Mudança do nome da gráfica



46



47

Fonte: a partir de 15/03/1907, n. 52, a Revista é impressa na Livraria Brasileira, (antiga Imprensa Moderna), do mesmo proprietário mudando apenas o nome do estabelecimento.

O número 64, de 15 de setembro de 1907 trazia a discriminação na capa dos valores a serem pagos pelos anunciantes (Figura 48). A próxima alteração nas capas das edições de 1907 é uma ocorrência fortuita: uma homenagem póstuma (Figura 49).

Figuras 48 e 49 – Alterações na capa da Revista



Seta indicando os valores de anúncios.
Fonte: Revista Agrícola, n. 64, 15/09/1907.



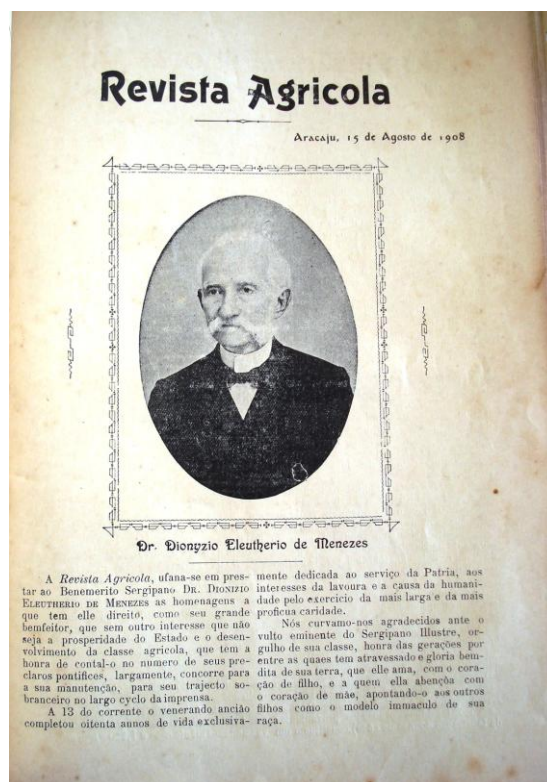
Segunda capa depois da capa principal e antes do editorial. Homenagem póstuma a esposa do Ex-Presidente do Estado, Dr. Guilherme Campos.
Fonte: Revista Agrícola, n. 70, 15/12/1907.

Ocorreu uma pequena diminuição nas capas em 1907, mas o não o seu desaparecimento.

Em **1908**, as alterações mais significativas ocorrem com a ausência da capa¹⁹¹, ocorrência o conteúdo é iniciado imediatamente com o editorial (Figura 50). Verifica-se apenas, neste ano, uma capa, uma homenagem a um dos benfeitores da Revista, o Dr. Dionísio Eleutério de Menezes (Figura 51). Além da capa, praticamente desaparecem os anúncios, assim como algumas seções.

¹⁹¹ Ocorrência verificada em alguns exemplares de 1907.

Figuras 50 e 51 – Exemplares sem capa da Revista Agrícola



Fonte: Revista Agrícola, 01/01/1908; e 15/08/1908.

As capas apresentavam indícios de mudanças no conteúdo da Revista. Em 1908 os textos veiculados são, na grande maioria, reproduções de textos de outros periódicos agrícolas. Sobre essa influência entre a estrutura de um periódico e o contexto no qual é veiculado, De Luca (2011) indica:

O conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, dos objetivos propostos, do público a que se destinava e das relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras, como formato, tipo do papel, qualidade da impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos (DE LUCA, 2011, p. 2).

Dessa forma, ao se analisar uma Revista, as mudanças, mesmo pouco perceptíveis como em suas capas, podem ser indicadores para análises. No caso da Revista Agrícola (SSA), as mudanças de estrutura das revistas editadas em 1908 refletia a culminância das alterações operadas em torno do órgão mantenedor da Revista, a *Sociedade Sergipana de Agricultura*, que, por volta de 1906, teve um dos

seus principais idealizadores ausente do seu corpo editorial e fora das fronteiras sergipanas. Como também, pode-se inferir um arrefecimento de investimentos na Revista como a falta de anunciantes observada desde 1907, e de assinantes, mudanças conjunturais: disputas políticas, ideológicas, crises econômicas, o surgimento de outras instituições e outros interesses econômicos.

Desse modo, a leveza, o ar moderno da *Art Nouveau* das capas de 1905 a 1907 perde espaço na ausência de capas de 1908. A Revista Agrícola (SSA) tornava-se austera, direta, sem elementos decorativos. Apesar de tentar manter um tom alvissareiro no discurso em prol de sua existência, no entanto as forças pareciam esvair-se (Figuras 52 e 53):

Figuras 52 e 53 – Os destinos da Revista Agrícola

A classe Agrícola em Sergipe, é numerosa habilitada e, até, uma boa parte della instruida, mas essa classe pode-se dizer, já se vê, com excepções rarissimas, não lê si quer a *Revista Agrícola*, que é na Imprensa, o

692 REVISTA

órgão immediato de seus interesses, e não lê nem um só dos innumeros Jornaes, que sobre o assumpto publicam-se em todo vasto territorio Nacional.

Está, ahi, um dos motivos do nosso atrazo, e como difficilino é deslocar esse habito inveterado, já, hoje, ingenito á inercia que nos invade e nos domina, comprehende-se o que ha á esperar da marcha de nosso desenvolvimento e de nosso progresso.

Enfim, é preciso trabalhar para vencer, e mesmo a contragosto daquelles em prol dos quaes trabalha-se e procura-se vencer.

E' o que fazemos, é o que continuará a fazer a *Revista Agrícola*, no quarto anno de sua vida no cyclo da imprensa.

Está nisso o nosso dever.

Por hoje não concluiremos, sem saudar aos nossos raros e distinctos assignantes, a todos aquelles que nos encorajam com as suas generosas manifestações de applausos, entre os quaes seja-nos licito, pôr em destaque o nome venerando desse Sergipano o Dr. Dionysio Eleutherio de Menezes, que tão desprendidamente contribue para a manutenção desta Revista.

A' todos sinceras saudações e felicitações pelo novo anno, e agradecimentos reaes pelos obsequios que nos dispensam.

Fonte: Revista Agrícola, n. 01/01/1907, p. 691-692.

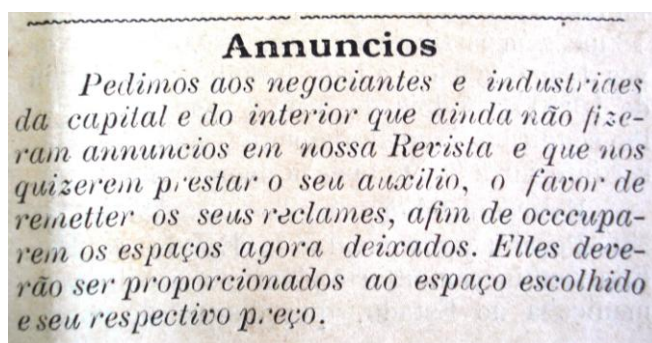
Os anúncios que se constituíram termômetros do sucesso e do declínio da veiculação da Revista. Sucesso e declínio, provavelmente não sejam as palavras mais acertadas. Porque, apesar do fim da Revista, de sua edição, não se pode dizer que houve um declínio dos objetivos que defendia e sim, uma possível substituição

de mecanismos que cumpririam papel semelhante e/ou com algum diferencial da Revista. O que se pode constatar é que se iniciava uma nova fase, com novos projetos para os problemas da lavoura.

Se o atraso da lavoura, uma das tônicas de combate na Revista, persistiu após o seu final, outras saídas foram compulsadas, como a criação da *Coligação Assucareira* em outubro de 1908. Voltando aos anúncios, estes cumpriram um papel ímpar à manutenção dos periódicos desde o início de sua veiculação no século XIX (BAHIA, 1990a; LIMA, 1985; SCHWARCZ, 1987; MARTINS, 2008a)

6.1.3 Anúncios – uma leitura dos reclames

Figura 54 – Reclame para publicação de anúncios



Fonte: Revista Agrícola, 01/12/1905, p. 204; p. 138 e 15/03/1906, p. 276.

Para Martins (2008a, p. 244), o gênero revista, no periodismo da época, transformou-se na embalagem ideal para o produto publicidade. Apesar da Revista Agrícola (SSA) não denominar-se viável como um produto econômico no sentido de “produzir-se para vender-se”, os anúncios se fizeram presentes, assim como era solicitada entre os negociantes e industriais pedidos para que se publicassem. O texto da figura 54, acima, explicita essa informação. Outro dado a ser destacado no conteúdo dessa figura é a informação precisa sobre quem anunciava: negociantes e industriais.

A classe agrícola, os lavradores, os que lidavam diretamente com a agricultura não constam como anunciantes, a parte textual da Revista Agrícola (SSA) cumpria o papel da propaganda do campo, a indústria, e principalmente o comércio estavam representados sobretudo nos anúncios.

A partir do entendimento dos anúncios como fontes históricas sobre o contexto de sua produção e divulgação, a ocorrência de anúncios na Revista Agrícola (SSA) pode ser analisada a partir de três direções que se intercomunicam. Primeira, a possibilidade dos anúncios, o ônus de sua veiculação, como parte mantenedora dos custos de impressão da Revista. Segunda, os registros contidos em alguns reclames apresentam indícios – textos informativos – sobre a história de alguns estabelecimentos comerciais, industriais. E uma terceira direção, os anúncios como fonte de informação sobre as mudanças operadas no meio rural, comercial e industrial sergipano a partir do que foi e porque foi anunciado. Os anúncios como mecanismos integrantes da história da imprensa, sob a influência do capitalismo.

6.1.3.1 Os anúncios e a manutenção da Revista Agrícola (SSA)

A primeira característica que sobressai ao consultar inicialmente a Revista Agrícola (SSA) são os anúncios. Para o pesquisador desavisado, preocupado exclusivamente com o conteúdo textual, ignora-os. Contudo, os anúncios estavam na Revista e esta – o seu fim/propósito – estava nos anúncios.

Nos anúncios publicados na Revista Agrícola (SSA) podem ser visualizados os produtos e serviços oferecidos para diversos compradores: artigos de magazine, ferragens, madeiras, sabão, vinagre, máquinas, serviços de exportação, tecidos, fios (novelos de linhas), louças, bacalhau, querosene, farinha de trigo, carne seca, café, perfumarias, miudezas, calçados, chapéus, “artigos de alta novidade”, sacos para açúcar, café e cereais, vinhos, consignações, comissões, importações, loterias. Parte do universo das mercadorias e serviços consumidos entre 1905 a 1907 em Sergipe podem ser identificados nesses anúncios.

Sobre a presença dos anúncios na Revista, pode-se também fazer a alusão de que as páginas da Revista Agrícola (SSA) funcionavam como uma vitrina para exposição de mercadorias. A necessidade de expor mercadorias foi um mecanismo que ganhou corpo no século XIX a partir dos artifícios da propaganda e da publicidade oferecidas inicialmente através das exposições internacionais, nacionais e locais. Estas últimas tinham por fim “um primeiro levantamento sistemático das forças produtivas e dos bens produzidos em nível local e regional” (HARDMAN, 1988, p. 69).

Os pontos divergentes e comuns entre as páginas da Revista e os *stands* das mostras, estariam na distribuição dos produtos e serviços. Nas exposições, havia uma separação por tipo de produto, uma classificação prévia. Nas páginas da Revista analisada, a publicação de produtos e serviços oferecidos parece que não conseguia seguir rigidamente critérios de classificação, mas de preço por cada dimensão do anúncio e, provavelmente, da localização¹⁹² do mesmo nas páginas destinadas aos anúncios na Revista Agrícola (SSA). Logo, estavam em uma mesma página, por exemplo, exportadores e importadores, armazém de molhados, estabelecimento de ensino (Figura 55).

Figura 55 – Anúncios na Revista Agrícola

CRUZ & IRMÃO
 Successores de
João Rodrigues da Cruz
 CASA FUNDADA EM 1874
 Maroim: Praça João Rodrigues
 Aracaju: Rua da Aurora
 Endereço Telegraphico - CRUZ
 Consignações, comissões e de conta própria,
 especialmente gêneros nacionais.

SABINO RIBEIRO & C.
 SUCCESSORES DE ROZA QUEIROZ & C.
 Maroim com filial em Aracaju
 Importadores e fabricantes de fumos e dos afamados cigarros—Flor do Bosque—e de outras qualidades.
 Depósito permanente de fumos em folha, rolo, picado, desfiado e migado; grande stock de papeis para cigarros e embrulho, recebidos directamente da Europa.
 SECÇÃO ESPECIAL:—Compras e exportação de assucar, algodão, cereaes e outros productos do Estado.
 Unicos depositarios dos productos da sabcaria Leal Queiroz & C. de Maroim.
 Agentes da Companhia de Navegação S. João da Barra e Campos.
 Endereço telegraphico - Aureliano. Caixa postal, n. 9.

Lourenço Pinto Monteiro
 MAROIM E ARACAJU
 Exportador de assucar,
 algodão e sal.
 Rua da Aurora—60

Miguel da Motta Maia
 Exportador de Sal em gran-
 de escala.
 Escritorio de Comissões e Con-
 signações.
 Endereço telegraphico—MAIA
 Aracaju

Alcino F. de Barros
 Grande armazem de molhados, tintas, ferragens, louças, vidros e miudezas.
 Rua de Lavangeiras

GYMNASIO SERGIPENSE
 (Internato, meio-internato e externato)
 CURSO PRIMARIO E SECUNDARIO
 No dia 1.º do p. passou-se a iniciar o anno lectivo neste Instituto de educação e ensino, vantajosamente conhecido em todo o Estado.
 Para o ensino primario superior, organizado de accordo com os principios da pedagogia moderna, será limitado o numero de alumnos externos.
 O curso secundario comprehende todas as materias exigidas para a matricula em qualquer das escolas superiores da Republica.
 Fornecem-se prospectos com as informações necessarias.
 Março de 1905.
 Os Directores—Alfredo Mendes, Alfredo Mendes Junior.

Fonte: Revista Agrícola, n. 13, 15/07/1905, anúncios na contra capa.

A dimensão e preço do anúncio podem ser considerados um possível indicador de poder aquisitivo do anunciante, ou o anunciante seleccionava o menor

¹⁹² Não se afirma categoricamente esta distinção de valor quanto à localização por não ter sido encontrada informação comprobatória.

espaço e preço de acordo com sua credulidade nessa forma de publicidade¹⁹³. Mas, de acordo com levantamento exaustivo realizado na Revista¹⁹⁴ observou-se que os anúncios de maior dimensão foram frequentes entre os mesmos anunciantes, o que não ocorria com os menores, que mudavam os anunciantes, o que significava maior poder aquisitivo para manter a publicação.

Como exemplo mais recorrente de anúncios, os de casas de exportação e importação e fábricas de tecidos: *Jucundino Filho e C^ª*; *Cruz e Irmão, Trapiche Lima*; *Sabino Ribeiro e Co.*; *Teixeira Chaves e C^ª*; *Sergipe Industrial – Grande Fábrica de Fiação e Tecido* (Figura 68).

Em seus 19 x 26 cm, a localização dos anúncios na Revista Agrícola (SSA) variava conforme o local e o tamanho do anúncio nos espaços destinados para este fim e o preço de cada espaço: verso da capa, e mais duas páginas antes do editorial, e mais três páginas no final da Revista incluindo verso e reverso da contra capa (Figuras 56 a 64).

¹⁹³ Sobre o retorno obtido com os anúncios não é mencionado na Revista e em outras fontes consultadas relativas ao período estudado.

¹⁹⁴ Ver Apêndice A, mapeamento de todos os anunciantes, produtos e serviços em cada exemplar da Revista Agrícola (SSA).

Figuras 56 e 57 – Anúncios no verso e reverso da Revista Agrícola

Escritorio de Mirdezias
MATTOS FILHO & C^{ia}
Unicas agencias das machinas LOFGREN, destruidoras de formigas, ultima de coberta, e unicas reedidras das afimadas machinas—Mattos Filho & C.
46, Rua da Aurora, n. 463

ARACAJU
Saboaria Aurora
(JUNTO AO QUARTEL DE POLICIA)
Endereço telegraphico—AURORA—
Os abaixo assignados previnem aos seus dignos freguezes e muito especialmente aos do interior, que os preços de salão e vinagre serão da tabela junta.
Salão massa de 1^a, de uma a cinquenta caixas, \$240 por kilo; de 50 a cima 500 reis por kilo; salão massa de 2^a, de 1 a 50 caixas 440 reis por kilo; de 50 caixas acima 400 reis por kilo. Alcatraz 500 reis por kilo; preto 100 e 400 reis por kilo; vinagre tinto com o casco, 1 decimo 108000; dito branco com casco, 1 decimo 108 000; dito tinto e branco, 1 pipa 98000
Pereira & Silveira

GRANDE DEPOSITO DE FERRAGENS
DE **José da Silva Ribeiro**
4 e 6—RUA DE S. CHRISTOVÃO—4 e 6
Endereço telegraphico—POMONGA
Caixa Postal n. 2—ARACAJU
Neste unico e bem montado estabelecimento encontra-se constantemente um completo e variadissimo sortimento de ferragens, tintas, cabos, taboas, pixo, alcatraz, breu, soda caustica, salitre, enxofre, fio de vela, cimento Portland, cal de Lisboa, bombas de relógios e artesanias, canos de ferro e zinçados, telhas zincadas fogões economicos, chapas para fogões, cofres de diversos tamanhos, lumbrequins, balaustras etc etc.
Linha franceza e ingleza, brim e brinzões da Russia, sola afanada e tudo mais para sapateiro, correio e seleiro.
IMPORTAÇÃO DIRECTA—PREÇO SEM COMPETENCIA!

José Coelho de Magalhães
Grande armazem de ferragens, cabos e tintas.
Vendas em grosso e a retalho.
Endereço telegraphico—MAGALHÃES
2—Rua de São Christovão—2
ARACAJU

J. R. Bastos Coelho
O primeiro exportador de sal e o maior proprietario de salinas.
Unico recebedor das machinas acreditadas—GUBA—para formigas.
ARACAJU

COLLEGIO PARA MENINAS
O antigo collegio Sant'Anna, de Laranjeiras, hoje sob a direcção de M^{te} Elisa e Quintina de O. Pinz, acaba de estabelecer-se nesta capital no prédio onde funcionou o Hotel Daconceição rua do Barão, e a quina da Travessa de Palacio.
Far-se-ão cursos primario e secundario, musica vocal e instrumetal e prendas domesticas.
Condições de admissoão conf. suas Estatutos, que ficam a disposiçao dos q^{rs} pais de familia.

Loja Pinto
Casa especial de armazem de fazendas, perfumarias, mudas e artigos para alfaiates.
JOSE PINTO MONTEIRO
Rua da Aurora n. 39

David Prado
Grande e acreditada casa de secos, malhados, vidros, miudezas, louças, vidros, miudezas e objetos de platinas para presentes.
Rua de Laranjeiras, 44
ARACAJU

ALCINO F. DE BARROS
Grande armazem de malhados, tintas, ferragens, louças, vidros e miudezas.
Rua de Laranjeiras
ARACAJU

Collegio S. Thomaz de Aquino
No dia 1^a de fevereiro p. passou principio o curso lectivo deste estabelecimento, cujo corpo docente e discente:
Portuguez—professor Balduzar Gues
Pra ares—professor Gentilino Dias de Azevedo
Inglez, Latin, Historia Universal e do Brazil—professor Manoel de Oliveira.
Aritmetica, Algebra, Geometria e Trigonometria—professor Teixeira de Faria.
Geographia geral e Astronomia—professor Nylô José de Mello.
Phisica, Chimica e Historia Natural—professor Antonio Garcia Roza.
Portuguez de 1^a classe, Francez de 1^a classe e Curso Primario—professores Raulino Nunes de Moura e Nylô José de Mello.
Em um corpo docente deste jaez está ficado o verdadeiro merito deste collegio, que, equilibrado por meio de uma disciplina adaptada aos costumes, agachados, atestou na resoluçao invejavel—42 approvaçoes!
—Aceitam-se alumnos internos mediante 000\$ por anno, em prestaçoes de 20\$ trimestres, incluindo os alumnos diretos a todos os preparatorios do curso superior e primario. Tambem, aceitam-se semi-internos e externos: os primeiros a 200\$ por anno e os ultimos a 10\$ por preparatorio.—Corpo primario externo—500\$ mensalmente.
O Director—Nylô José de Mello.

ROCHA & IRMÃO—com casa e PHARMACIA FREIRE CEDRO, CANELLA E PINHO de PHARMACIA TICO
Rua da Aurora, n. 33, recebem mensalmente, do Rio de Janeiro, fazendas de gosto que vendem barato, por preços que aliam, para vender muito.
Importante estabelecimento sob a direcção do seu proprietario
Abre-se a qualquer hora da noite.
Sortimento completo de medicamentos estrangeiros e nacionais
TEL. 38
Macedo & C^{ia} e
RUA DE LARANJEIRAS, N. 38
Teleg.—Refinacão—ARACAJU.

PHARMACIA FREIRE CEDRO, CANELLA E PINHO
A Serraia a Vapor espera por e a o padeiro Armando e nelle virá estas madeiras, as quais vendem por preço inferior a outro.
Fornecem assados, formados mais modernos, portas, janelas, venezianas, caixilhos, lambrequins, etc, etc, por menos de 30% dos preços de outro.
José Alcides Leite.

João Honorato de Albuquerque
IMPORTADOR E EXPORTADOR
Louças, vidros, cristais e artigos de fantasia
Completo sortimento em jarras, figuras, candelieiros para kerosene, alcohol e seus accessorios.
Variedade em Services para almoço, jantar, toilette e lavatorio.
Escaradeiras de varios preços e diversissimidades.
Porta-flores, Bandejas, Salvas e artigos de electro-Plata.
Espelhos, quadros, tapetes para sala e cama.
Tiro, doze e o papel para ferro.
Pelozas e de portadores.
Marmoros para todos os mysteres.
Cutebarris dos melhores fabricantes.
RUA DE JAPARATUBA, N. 24
ARACAJU

Fonte: Revista Agrícola, n. 2, 01/02/1905 – anúncios de verso da capa e da contra capa

Figura 58 - 1906 – anúncios de verso da contra capa – mudança de tamanho

Loferia Popular
Telegr "Popular" Sede—Rua da Aurora n. 64
H que mais vantagem offerece
PLANO SEM IGUAL
Extrações diarias

ALUGA-SE
Carlos Loureiro
—Importação e Exportação—
Aracaju
TRAPICHE LIMA
Aracaju—(Sergipe)
Magnifico armazem para mercadorias destinado a exportação, e entradas por cabotagem.
Deposito preferido pelos fretos das Empresas: "Esperanca Maritima do (Rio de Janeiro) e Pernambuco de Navegação a Vapor (do Recife).
O administrador—SEBASTIAO DE MENEZES—com longa pratica commercial, encarrega-se de quaesquer commissões e consignações, mediante modica retribuição.
Endereço Telegraphico—CONDOR

Fonte: Revista Agrícola, n. 24, 01/01/1906.

Figura 59 - 1906 – anúncios de verso da capa – retorno dos anúncios pequenos

Aluga-se

Jucundino Fiino & C^{ia}
SUCCESORES DE
Jucundino Vicente de Souza
Grande armazem de estiva.
Exportadores de assucar, algodão e mais generos do paiz.
RUA DA AURORA
Endereço telegraphico—JUVIS
Aracaju

José Rodrigues
Bastos Coelho
O primeiro exportador de sal e o maior proprietario de salinas.
Unico recebedor das machinas acreditadas—GUBA—para formigas.
ARACAJU

Lourenço Pinto Monteiro
MAROM E ARACAJU
Exportador de assucar, algodão e sal.
Rua da Aurora—60
Alcino F. de Barros
Grande armazem de malhados, tintas, ferragens, louças, vidros e miudezas.
Rua de Laranjeiras

Fonte: Revista Agrícola, n. 27, 15/02/1906.

Figura 60 – Espaços de aluguel de anúncios na Revista

Aluga-se por 2\$500

Aluga-se por 2\$000

Aluga-se por 1\$500

ALCINO F. DE BARROS
Grande armazém de ma-
lhados, tintas, ferragens,
louças, vidros e mudecas.
Rua de Laranjeiras
ARACAJU

**João Honorato
de Albuquerque**
IMPORTADOR E EXPORTADOR
—de—
Louças, vidros, cristais e artigos de
fantasia.
Completo sortimento em jarras, figuras,
candelários para ketosene, alcool
e seus acessórios.
Variedade em Serticos para almoço,
jantar, tablete e lavatório.
Escadeiras de vários preços e diver-
sas qualidades.
Porta-louças, bandejas, Salvas e arti-
gos de electro-Plata.
Espelhos, quadros, tapetes para sofa e
cama.
Tiras douradas e papel para ferro.
Relógios e despertadores.
Marmores para todos os mysteres.
Cuteiras dos melhores fabricantes.
RUA DE JAPARATURA, N. 24
ARACAJU

TRÁPICHE OLIVEIRA
ARACAJU
Tendo obtido por arrendamento este trapiche e submet-
tido-o aos necessarios reparos, faço publico que se acha elle
prompto para receber quasquer mercadorias destinadas a ex-
portação. Recebe tambem cabotagem, e dispõe para todo serviço
de pessoal completamente habilitado.
Sebastião Menezes.

Anúncios de verso da capa, três meses de existência da Revista, com espaço para aluguel de anúncios.

Fonte: Revista Agrícola, n. 6, 01/04/1905.

Figura 61 – Anúncio no conteúdo da Revista

REVISTA AGRÍCOLA

460

SECCÃO COMMERCIAL

Cambio, 15 13/16

GENEROS DE EXPORTAÇÃO

Cotações da praça do Rio

Assucar 120/160

Mascavo 160/160

Mascavinho 200/220

Branco crystal

Mercado firme.

Algodão 4 76/90/78/6

Dores 890/820

Mercado firme.

Fiorinha 10000/11500

Fina Grossa 5000/5500

Comum 4500/5000

Mercado estavel.

Frijão 20000/24000

Mulatinho 6500/7000

Milho 75/90/80/90

Grão 10000/11000

Mercado em baixa.

Aguardente 75/90/80/90

Alcool 10000/11000

Nas ruínas de Pompéa
Ha poucas annos foi descoberta em Pom-
péa, nas escavações que nella se estão fa-
zendo por conta do Museu de Napolé, uma
fabrica de sabão que se achava soterrada na
lava resuivada do celebre anno de 79.
O sabão que foi encontrado na fabrica
não havia perdido a sua efficacia, apesar de
se achar allá 18 seculos.
E' facil de conhecer-se a boa qualidade
desse sabão e principalmente tendo-se em
vista o muito uso que os jovens pompeanos
faziam dos seus *acquirius*, considerando
como consideravam a agua com a principal
hygiene de corpo.

O toucador
Elizir dentifricio—Dixem uma oitava
de cochoilha finamente pulverizada em infu-
são, durante 12 horas, em uma garrafa de
alcol de 33 graus. Ao cabo desse tempo fil-
trei por papel proprio, e juntem então: uma
oitava de mel rosado, tres de essencia de aniz,
seis de essencia de hortela pimenta e tres go-
tas de acido sulfurico.
*Pomada contra a rachadura dos labios,
labios, etc.*—Derretam 125 grammas de cera
virgem e juntem 100 grammas de bom azeite
doce, mexendo com uma colher de pau. A
noite calregar as mãos, os labios etc, com esta
solução.

Exportações
As exportações de assucar do Brasil de
1905, elevaram-se a 4 milhões de saccos e
243.840 toneladas.
As estatísticas recentes publicadas dizem
que as exportações de borraça do Pará
Maués elevaram-se em 1905 a 31.837 tonela-
das contra 29.085 em 1904.

Distribuição de sementes
Sementes, para ensaio, que se distribui
gratuitamente no "Vrãjele Lima":
Alfafa, Arroz, Arroz Carolina, Arroz
Piemonte, Abobocás, Algodão, Batata,
Cenoura, Feijão, Cebola, Cevada, Ceu-
teio, Canhamão, Eucalyptus, Fava, Girassol,
Jato, Laranja, Mandioca, Milho, Sorgo,
Trigo, Trevo e Trevo.

Mello & C.
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES E DESPACHOS
REPRESENTANTES DA EQUITATIVA
E DE DIVERSAS CASAS DO RIO, BAHIA, ETC.
Tel. gr. Jocarmo
Cod. Tel. RIBEIRO
9—RUA DE S. CHRISTOVÃO—9
ARACAJU—SERGIPE
Dr. Helvecio de Andrade
Medico, operador, parteiro
Especialidade em febres, molestias
do peito, estomago, crianças, partos,
operações, molestia dos olhos.
Empregam-se os processos mais
modernos e correntes.
MARCO

Janeiro de 1907 – destaque no quadro para anúncios no interior do conteúdo da revista.
Fonte: Revista Agrícola, n. 47, 01/01/1907, p. 460.

Figura 62 - anúncio de meia página e espaço de aluguel no verso da capa

Loteria Popular
Telegr "Popular" Sêde--Rua da Aurora n. 64
H que mais vantagem offerece
PLANO SEM IGUAL
Extracções diarias

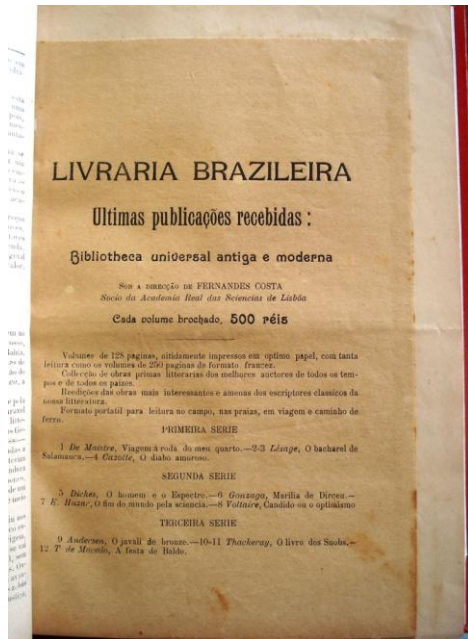
Importação direta
Proprio sem intermediarios!

Acceitam-se annuncios para esta pagina.

Agosto de 1907.

Fonte: Revista Agrícola, n. 61, 01/08/1907.

Figura 63 – Folheto da Livraria Brasileira



Janeiro de 1907 – outra forma de publicidade registrada, apenas à Revista. Fonte: Revista Agrícola, 15/01/1908.

Figura 64 - Folheto da Livraria Brasileira apenas à Revista – venda de postais



Setembro de 1907 – outra forma de publicidade registrada –. Fonte: Revista Agrícola, 01/09/1908.

Figura 65 – Folheto informativo da Livraria Brasileira



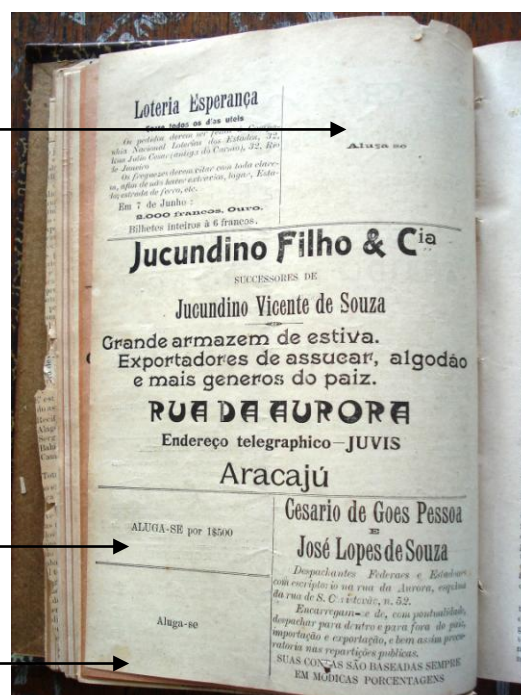
Janeiro de 1908 – folheto da Livraria Brasileira apenas à Revista. Fonte: Revista Agrícola, 01/11/1908.

Sobre o preço e tamanho dos anúncios de 1905 a 1907 pode-se considerar os seguintes dados: equiparando valores identificados sobre os preços cobrados para os anúncios na Revista Agrícola (SSA) n. 64, de 15/09/1907¹⁹⁵, observa-se que três meses de veiculação de um anúncio, com o tamanho de ¼ de página, custava 10\$000, o que significava o preço de 20 exemplares avulsos, uma vez que cada número da Revista era vendido por \$500. O valor de um exemplara equivalia a garrafa de vinho a três garrafas de vinho do Porto (ver: Apêndice C nesta Tese).

Se os anunciantes mais recorrentes, como o *Grande empório de fazendas Teixeira Chaves e C^{ia}*, o *Trapiche Lima* e o *Trapiche Oliveira*, que se mantiveram em local de destaque, na capa da Revista, os três anos seguidos, de 1905 (Teixeira Chaves e C^{ia}), 1906 (Oliveira, Lima) a 1907 (Lima)¹⁹⁶, publicavam sempre anúncios de página inteira (25\$000) e meia página (15\$000), havia um benefício garantido. Apesar dos constantes apelos para que anunciassem na Revista, observa a sua diminuição.

Alguns anúncios circulavam e desapareciam (Figura 66 e 67), alguns retornavam. A *Saboaria Aurora* (Figuras 68 e 69), por exemplo, pagou espaço de fevereiro a junho de 1905 e retornou em maio de 1906, como também o *Ginásio Sergipense* e o *Escriptorio de Miudezas Mattos e Fiho & C^{ia}*.¹⁹⁷

Figuras 66 e 67 – Ocorrência de espaços vagos para anúncios na Revista



Anúncios de verso de capa. As setas indicam anúncios publicados e, dois meses depois, os espaços vagos para aluguel e os respectivos valores a serem pagos pelos espaços.
Fonte: Revista Agrícola, respectivamente, 15/03/1905 e 15/05/1905.

Figuras 68 e 69 – Retorno de anúncio à *Revista*

Anúncio veiculado em 1905.

Fonte: Revista Agrícola, n. 5, 15/03/1905.



Retorno do anúncio em 1906.

Fonte: Revista Agrícola, n. 33, 25/06/1906.

Conforme a estatística geral dos anúncios publicados, observa-se que no ano de 1905 foram publicados 18 anúncios, e em 1907, último ano que veiculou regularmente esses reclames, constavam 10 anúncios¹⁹⁸.

Observa-se que mesmo com a crise econômica proclamada, no triênio 1905/1906/1907 os anunciantes garantiram um espaço e corroboraram com a divulgação de seus produtos e serviços, e consequentemente com a manutenção da Revista Agrícola (SSA). A presença dos anúncios arrefece quando a Revista altera o seu formato em 1908, eliminando a capa e espaços para esses recursos de publicidade, de forma que se pode inferir a perda de uma importante fonte de manutenção da Revista, culminando com o seu desaparecimento.

6.1.3.2 História dos/nos reclames

De acordo com Eleutério (2008),

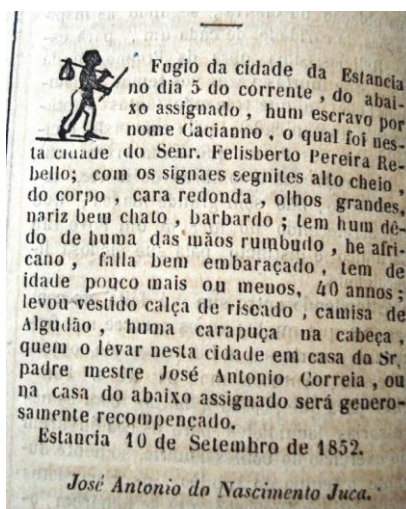
Os jornais e revistas num Brasil de poucos leitores, mas de crescente número de colaboradores a remunerar, não podiam dispensar a publicidade profissional nascente. É nesse momento que os anúncios tomam conta das revistas, fosse em caráter publicitário, fosse como apoio econômico ao veículo. Os anúncios iriam atender e estimular o consumo da classe média emergente da elite, dispostas a folhear as páginas dos periódicos, ávidas por novos produtos trazidos pela industrialização e a urbanização (ELEUTÉRIO, 2008. p. 94).

Convém observar que a recorrência aos anúncios nos periódicos sergipanos não é própria do período republicano, todavia, é a partir desse período que é

¹⁹⁸ Como foi indicado nesta seção, para o ano de 1908 foram localizados apenas apenas três folhetos com teor publicitário da *Livraria Brasileira*.

intensificada e aprimorada em termos de recursos gráficos e de *slogans*. Desde o Império, sobretudo entre os jornais como veículo de divulgação de anúncios de todo o teor, numa sociedade que ingressava na oferta e procura de diversos serviços (MARTINS, 2008b, p. 55), por mais bizarros que possam parecer, a exemplo de anúncios de escravos fugidos (Figura 70).

Figura 70 – Anúncio de fuga de escravo



Fonte: Correio Sergipense (O).
São Cristóvão. Ano XV, n. 75, p.
2, 29/09/1852.

Os endereços dos estabelecimentos indicados nos anúncios localizavam-se, sobretudo, próximos à área central da cidade: entre a rua da Aurora (atual Rio Branco) às ruas de Laranjeiras, de Japarutuba¹⁹⁹ (atual João Pessoa) (Figura 71). Território influente no traçado planejado de Pirro (PORTO, 1991).

¹⁹⁹ Esta, considerada como “centro de todo movimento elegante da capital” (Noticias Diversas. Revista Agrícola, 15/06/1908, p. 806).

visibilizado nos anúncios (Figuras 72 e 73) e na comunicação publicada na Revista Agrícola (SSA) de 15 de maio de 1905 (n. 9, 15/05/1905, p. 77).

Figuras 72 e 73 – História nos anúncios



História nos anúncios. Fonte: Revista Agrícola, n. 6, 01/04/1905.



História nos anúncios. Mudanças na Roza Queiroz & C.
 Fonte: Revista Agrícola, n. 9, 15/05/1905.

Freyre (1963) sobre os textos de anúncios publicados no século XIX observa uma liberdade na escrita, sem rigidez, uma vez que era escrito por seus próprios anunciantes.

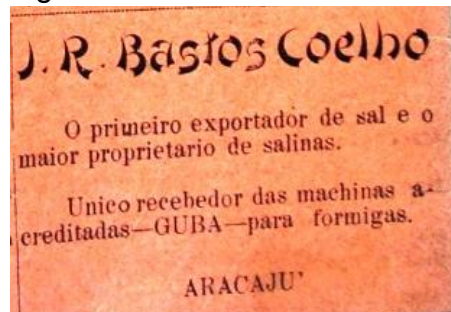
No início da Primeira República, os textos ainda continuam diretos e informativos na maioria dos casos, mas os recursos visuais começam a ser potencializados (MARTINS, 2008a, p. 254). Como também os textos.

No caso dos anúncios veiculados na Revista não possuíam clichês, as ilustrações estavam limitadas às fontes tipográficas diferenciadas, a um ou outro elemento decorativo da *Art Nouveau* – as letras, as linhas sinuosas e entrelaçadas, as guirlandas²⁰⁰. As letras, segundo Cantarelli (2006, p. 55) eram inspiradas em um emaranhado de fontes, desde a escrita japonesa às formas ondulantes de Van

²⁰⁰ As guirlandas foram observados apenas nos folhetos da Livraria Brasileira, em 1908, e nas capas da Revista Agrícola (SSA) de 1905 a 1907.

Gogh, dos ornamentos célticos ao estilo barroco, passando pelas cores planas e contornos estilizados nas pinturas de Gauguin (Figura 74).

Figura 74 – Fonte *Art Nouveau*



Exemplo de fonte *Art Nouveau* na letra de influência japonesa do anúncio. Revista Agrícola, n. 12, 01/07/1905.

A publicidade era uma palavra menos pronunciada na Revista Agrícola (SSA), a referência associada à divulgação, sobretudo de ideias, era a propaganda. O teor publicitário dos anúncios, de vender produtos e serviços, fundia-se com a propaganda, sobretudo, no sentido de fornecer a ideia do novo, do progresso, da modernidade. Os anúncios encerravam a publicidade e a propaganda em consonância com o conteúdo da Revista Agrícola (SSA), figuravam como:

[...] elemento vital do mercado capitalista – emoliente que tornava tudo mais fácil, em favor do crescimento do consumo. O caráter propagandístico [de caráter ideológico] da publicidade potencializava-a, gerando energias motivadoras do comportamento, elemento decisivo na conduta social do século XX (MARTINS, 2008a).

Sobre a utilização de anúncios como fonte de conhecimento sobre determinados aspectos sociais e culturais, Gilberto Freyre (1977), em *Sobrados e Mucambos*, recorre aos anúncios como fonte de estudo, porém longe de ser um estudo em que só se enxerga o pitoresco, o autor baseia algumas das generalizações de sua obra nessas fontes:

É considerável a massa de notícias, avisos, e principalmente de anúncios de jornal da época colonial e do tempo do Império... anúncios de escravos, de casas de móvel, de dentista, de sapato... de comidas e gulodices recebidas da Europa. Anúncios nos quais vêm se acusando, através do século XIX, a admiração quase supersticiosa do brasileiro pelo estrangeiro (FREYRE, 1977, p. 315).

O autor reúne nos dois tomos de sua obra, treze grupos de anúncios de jornais brasileiros relativos a estilos de convivência ainda patriarcal e já urbana em algumas das então principais áreas do país (Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul). Observa a europeização sobre os hábitos de comer e vestir. Analisa como as pessoas tornaram-se mártires das modas europeias de vestuário. Sobretudo as crianças:

Os pais brasileiros, principalmente nas cidades, vestiam seus filhos ortodoxamente à europeia. Os coitados que sofressem de brotoejas pelo corpo, assaduras entre as pernas. A questão é que parecessem inglesinhos e francesinhos (FREYRE, 1977. p. 272).

Sob esse *standard* europeu, anunciava-se a venda de lã, panos grossos, felpudos, espartilhos etc.

A atenção deste autor para os anúncios também é dispensada no seu livro obra *Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX*. Para o autor os anúncios foram as fontes principais de interpretação antropológica dos escravos naquele século.

Reunindo cerca de dez mil anúncios, Freyre (1963) os analisa nas interpretações do tipo físico e das características culturais. Informações indicativas que, segundo o autor, “seriam impossíveis, sem o estudo de material tão valioso”.

Em estudo também de caráter antropológico, Everardo Rocha (1995), detêm-se especificamente sobre os anúncios como conhecimento de certos sistemas de ideias, representações e do pensamento de uma sociedade. Pretendendo experimentar uma investigação do “mundo dentro dos anúncios”, analisá-los como detentores de modelos ideais do cotidiano. Denize Bernuzzi Sant’Anna (1997) inclui-se também nessa perspectiva, ao destacar os anúncios como registros necessários para ler algumas questões do passado.

No âmbito da sua função da arte de expor as mercadorias, os anúncios oferecem indistintamente seus produtos, adquiridos ou não, “a mercadoria exposta reflete a imagem do novo” (SANTOS, 1996, p. 48). A modernização poderia ser também associada ao consumo desse novo.

Traçando um breve histórico da publicação dos anúncios nos periódicos brasileiros, Juarez Bahia observa que um grande passo na propaganda brasileira foi

dado em 1876, com a introdução do anúncio ilustrado, segundo este, encerrava-se o longo estágio dos reclames sem arte, para vender escravos, alugar casas e reaver documentos perdidos:

No Brasil, antes de 1913, não se conhece organização especializada em distribuir anúncios para os jornais. A primeira firma que pode merecer a classificação de agência de propaganda instala-se em São Paulo entre 1913 e 1914. É a Castaldi & Benaton, proprietária de 'A Eclética'. E o anúncio a cores data de 1915. Esta é outra etapa da propaganda no país (BAHIA, 1990a, p. 168).

Sant'Anna (1997) por sua vez, verifica que os jornais do final do século XIX, já apresentavam páginas repletas de anúncios dos mais variados produtos, entre os quais, os anúncios de remédios possuíam uma forte importância. Pois nesta época, segundo a autora, os anunciantes mais importantes eram os comerciantes, os donos de hotéis e os fabricantes de remédio.

6.1.3.3 Os anúncios, a Revista Agrícola (SSA), o capitalismo tipográfico

As mercadorias figuram como um indicador importante na compreensão de aspectos relacionados ao próprio sistema capitalista. Para Hobsbawm (2010, p. 350) “a impressão mais imediata do interior burguês de meados do século [XIX] é a de ser demasiadamente repleto e oculto, uma massa de objetos, frequentemente escondidos por cortinas, almofadas, tecidos e papéis de parede”. O autor refere-se a uma burguesia europeia de parte do século XIX, o que não significa transplantar integralmente os anseios e objetos consumidos por essa burguesia para o cenário sergipano do início do século XX. Todavia, autores como Lima (1995) tem explorado a emergência de um modo de vida burguês no Brasil e detectam a importação não só de mercadorias, como também de hábitos de consumo em várias localidades brasileiras. Para Sergipe, carecem estudos que apontem com maior clareza esse processo como atributo de classes sociais que passaram a adquirir, com maior ênfase, uma distinção por meio das mercadorias que exibiam e consumiam como marcadores de uma desigualdade essencial sobre a qual o capitalismo se apoiava/apoia.

Dos produtos oferecidos pelos estabelecimentos comerciais publicados na Revista Agrícola (SSA), nota-se no teor dos reclames que havia um foco para um

consumidor atacadista, como a venda de trigo para padarias, por exemplo, sacos para açúcar, café e cereais. Mas, também para um varejo com itens essenciais a todas as classes sociais, como o querosene para iluminar as habitações. Outros produtos, como as louças, a depender da qualidade da mesma – procedência e matéria-prima, sobretudo, ficavam restritos às classes de maior poder aquisitivo:

A intensificação do processo de industrialização e a consequente massificação no fabrico de bens de diversas naturezas jogou no mercado uma ampla variedade de novos produtos. Artigos de luxo, até então exclusivos das classes superiores, ganharam simulacros produzidos a custo muito inferior, o que permitiu uma extraordinária difusão desses bens entre os segmentos menos privilegiados, ansiosos por adquiri-los, provocando uma verdadeira explosão de consumo.

Uma das categorias de objetos mais representativas deste processo foi a das louças de mesa, que acabaram se transformando em um dos principais setores da indústria europeia (LIMA, 1995, 164).

No caso sergipano, são rarefeitos os estudos que exploram a recorrência da cultura material consumida a partir da expansão dos efeitos do capitalismo no Brasil.

Nesse sentido, a oferta de mercadorias e serviços nos anúncios veiculados na Revista Agrícola (SSA) são indicadores da emergente instalação e consolidação desse modo de produção. Um processo marcado pela divisão social do trabalho, e acentuado através do consumo de mercadorias cada vez mais diversificadas.

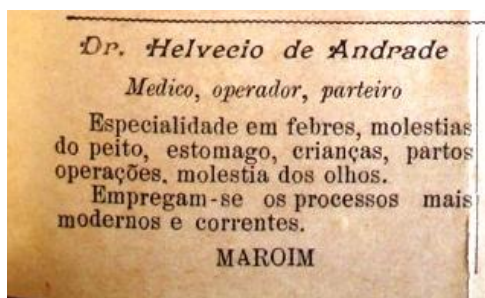
A historiografia brasileira estabelece poucas associações à recorrência do consumo de uma cultura material importada no século XIX e início do XX, como efeito da expansão do capitalismo, apenas a descrevem como fruto de um cosmopolitismo por razões de gosto, repetição de hábitos e costumes. Por sua vez, estudos da Arqueologia do Capitalismo têm analisado a relação entre cultura material e os efeitos da expansão do mundo moderno e do sistema capitalista (LEONE, 1999).

Dessa forma, arqueólogos têm recentemente, se ocupado também da materialidade dos objetos identificando uma grande quantidade de vestígios ou mercadorias inteiras com forte potencial informativo na superfície ou entre o solo, em escavações, evidenciando ocorrências até então não vislumbradas na historiografia. Como exemplo, a forte recorrência e evidenciação de elementos em trabalhos de Arqueologia Histórica em áreas urbanas e rurais até então consideradas aquém da influência capitalista (LIMA, 1995; SYMANSKI; SOUZA, 2007).

Para Lima (1995) a emergência de um modo de vida burguês, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX no Brasil fomentou conjuntamente a proliferação e consumo de uma cultura material associada aos novos hábitos. A autora refere-se principalmente aos hábitos do cotidiano o que incluía uma demanda por objetos associados a esses hábitos, daí a ocorrência de um mercado cada vez maior, por exemplo, de louças, pratos, xícaras e todo o aparato relacionado à elegante mesa burguesa.

Na Revista Agrícola (SSA), ao lado dos anúncios de exportadores e importadores, sobressaíam também as lojas comerciais de objetos relacionados ao cotidiano dos hábitos pessoais dos habitantes: fazendas “francesas e inglesas” para confecção de roupas, chapéus, sapatos, perfumarias, louças, músicas para piano, “objectos de luxo para presentes”, secos e molhados, vidros, tintas, miudezas em geral, assim como especialidades para cuidados com a saúde: anúncios de serviços farmacêuticos, médicos e odontológicos, reflexo de uma profilaxia geral que principiava nos centros urbanos brasileiros (RAGO, 1997), de forma que principiavam a presença dos novos graduados da saúde que retornavam à terra natal após concluírem seus cursos (Figuras 75, 76, 77, 78).

Figuras 75 e 76 – Anúncios de médico e clínica dentária

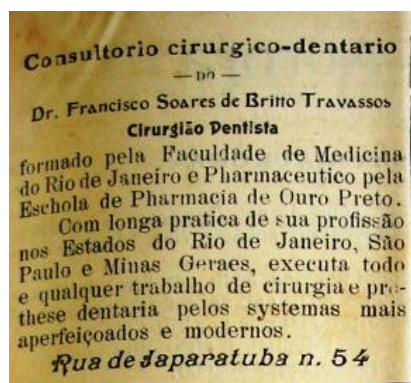


Anúncio de médico, operador e parteiro. Fonte: Revista Agrícola, n. 70, 15/12/1907.



Anúncio de cirurgião-dentista. Fonte: Revista Agrícola n. 45 01/12/1906.

Figuras 77 e 78 – Anúncios de cirurgião dentista e farmácia



Anúncio de consultório cirúrgico-dentário. Fonte: Revista Agrícola, n. 35, 01/07/1906.



Anúncio de farmácia. Fonte: Revista Agrícola, n. 4, 01/03/1905.

Dessa forma, para cada tempo um conjunto de mercadorias e serviços que terminavam por inovar a própria arte de expor mercadorias. Ao demandar por textos e estruturas comunicativas, não só informativas, como também um apelo, um atraente convite ao consumo alteravam as formas publicitárias.

Os anúncios, o seu conteúdo de publicidade e de propaganda inseria-se na perspectiva do capitalismo tipográfico, na medida em que propunham a produção de uma linguagem própria ao consumo em massa e internacionalmente simultâneo.

As fazendas “francezas e inglezas”, por exemplo, correspondiam à representação de um padrão aceito, reconhecido, ao mesmo tempo diferenciado entre classes: “o modo capitalista de produção fomenta a produção de formas baratas e rápidas de comunicação e transporte” (HARVEY, 2006a, p. 50). Neste caso, os anúncios, na Revista Agrícola (SSA), como em qualquer outro periódico em circulação, cumpriam a função de gerar desejo, motivar o fetiche nas mercadorias e serviços, escamotear os processos produtivos, e, contribuíam com a produção do discurso para progresso, também representado por meio do consumo.

6.1.4 As seções na/da Revista

Além da capa e dos anúncios a Revista Agrícola (SSA) possuía uma organização interna composta de partes que prevaleceram nos quatro anos de sua

edição: editoriais²⁰¹, seguidos de espaço para artigos e matérias, a *Notícias Diversas*, e a *Seção Comercial*, estas duas últimas com denominação e regularidade. As *Notícias Diversas*, junto com os editoriais estiverem presentes nos quatro anos de edição da Revista. Algumas outras partes foram efêmeras: os *Relatórios da Sociedade Sergipana de Agricultura* e *Como nos Receberam*, veiculada nos primeiros meses, publicava as impressões de leitores sobre o aparecimento da Revista, elogios e votos de continuidade.

O conteúdo da Revista, no que diz respeito aos gêneros jornalísticos publicados nessas seções, comportava: notícias, reportagens, artigos. A notícia como notificação de fato, a reportagem como ocorria o fato apresentado pela notícia, o artigo como texto informativo sobre tema específico, elaborado sem o “calor da hora” da notícia (BAHIA, 1990b; GALVÃO, 1977).

As seções de um periódico constituíram em alguns casos como verdadeiros ícones para os periódicos que os veiculavam. Como exemplo de estudo de uma seção, é interessante ler a análise de Ferreira (2007) a partir da influência na sociedade da coluna “Livros e Letras” de Capistrano de Abreu publicada no Jornal “A Gazeta de Notícias”, editado no Rio de Janeiro. Conforme esta autora, a coluna, além da resenha dos livros era considerada de cunho civilizador. o seu titular escrevia de maneira que deixava entrever suas posições ideológicas e “mesmo quando não tinha um texto específico para analisar, usava seu espaço do Jornal para comentários que considerava de utilidade pública dentro do espírito de divulgação de assuntos científicos e às vezes pragmáticos” (FERREIRA, 2007, p. 200). Uma observação que permite desvelar a diversidade de informações que um periódico pode conter apenas em única seção.

A função do periódico como divulgador de projetos ideológicos é destacada também por Monica Velloso (2006) ao observar: “a articulação entre as elites empresariais e intelectuais fica claro o papel estratégico exercido pelas revistas na vida cultural brasileira” (2006, p. 314).

A Revista Agrícola (SSA) comportava assim, através de suas seções, não só o tempo e o espaço das informações agrárias, comerciais e industriais relacionadas ao local ao nacional e ao mundial, mas, também, a possibilidade de compreender as

²⁰¹ Não havia essa atribuição na Revista para esta parte inicial, atribui-se de acordo com a lógica estabelecida para impressos semelhantes publicados no contexto da Revista Agrícola (SSA). Não dispunha de índice.

representações que os autores faziam de si e de seus pares e do aparato ideológico envolvido nas relações sociais de produção do capitalismo emergente.

O perfil do periódico que, situado no tempo histórico da produção gráfica brasileira, revelava informações para o entendimento de mudanças ocorridas no pensamento brasileiro, no tocante às visões de mundo em decorrência do avanço tecnológico. Fato este destacado por Marialva Barbosa (2007) ao periodizar um estudo da imprensa brasileira a partir de 1900, considera que há na imprensa, a partir desse período, uma questão tecnológica que irrompe o século XX e que a diferencia do período anterior:

As tecnologias capazes de fornecer uma dimensão à concepção temporal e espacial são decisivas na conformação do novo mundo simbólico que emerge naquele final de século. O mundo se torna próximo e visível. As descrições e a possibilidade de ver em imagens lugares longínquos e figuras exóticas mudam gradativamente a percepção de um outro, agora visível, e antes apenas imaginado. A possibilidade de saber o que se passa no mundo em poucas horas constrói gradativamente nova espacialização. O mundo se torna mais compacto. A temporalidade ganha nova dimensão (BARBOSA, 2007, p. 23).

A Revista Agrícola (SSA) refletia singularidades de um processo mais amplo que se descortinava no início do século XX distinguido como um “novo modo de vida” (SEVCENKO, 2003, p. 53) marcado pela continuidade do “aburguesamento da sociedade” brasileira, sobretudo, nos grandes centros urbanos, uma “atitude cosmopolita” de igualar-se às cidades ideais, sobretudo Paris. E na conformação das sociabilidades e do pensamento social o papel da imprensa, e de seu conteúdo discursivo que ditava novas regras.

Sustentando a análise no método do materialismo dialético o conteúdo discursivo pode ser revelado nas suas contradições, possibilitando inclusive a visualização da presença de divisão e luta de classe. De Luca (2006, p. 140) comenta como essa contradição é recorrente nos periódicos, como as páginas são atravessadas por hierarquias, o que vem primeiro, ou no final, os procedimentos tipográficos²⁰² que cercam os discursos.

Têm-se o discurso e o seu suporte material – a Revista, como produtos de sujeitos históricos cujo tema do discurso envolve uma questão agrária: um meio rural produzido e definido a partir de relações de produção singulares, tensas e

²⁰² Em 1906 a revista n. 33 é editada em papel diferenciado devido a ser ofertada ao então Presidente da República Afonso Pena em visita à Sergipe.

conflituosas. Tensão e conflitos próprios da luta de classes. Publicada entre 1905 a 1908 a Revista refletia os fatos do momento. Mas, não foi um recorte estanque. A sua produção apontava para uma necessidade herdada de períodos anteriores e envolvia questões relacionadas com processos mais amplos de início da construção do Estado brasileiro sob o capitalismo.

A Revista não estava desvinculada de seu contexto produtor. Fruto de uma associação agrícola que por sua vez aparecia vinculada às categorias: agricultores, comerciantes, industriais. O cenário de sua publicação apontava para um processo complexo de entrada direta de capital estrangeiro como se lê na matéria abaixo:

Crédito de Sergipe

Sabemos que por intermédio do nosso companheiro de redacção. Dr. Theodoretto Nascimento, foi offerecido ao Governo de Sergipe um empréstimo estrangeiro, sem limite de somma e sem indicação de condições, o que prova a boa vontade dos capitalistas em nosso favor. São banqueiros e capitalistas ingleses, representados no Rio de Janeiro pelo Dr. Crockat de Sá. É possível que s. Ex. o Dr. Josino Menezes, Presidente do Estado e o Senador Olympio Campos que tanto se interessam pela fundação de um banco de credito agrícola entre nós, aproveitem essa offerta, caso concordem no empréstimo, a fim executarem tão ambicionado melhoramento (Noticias Diversas, n. 3, 15/021905, p. 23).

A instalação de uma nova configuração política republicana, o rearranjo produtivo no campo, o estabelecimento de novos consulados em Sergipe, a enorme produção e veiculação de dados os mais diversos sobre cada Estado da Federação e do Brasil como um todo: estatísticas, reformas educacionais, a imigração e a migração de trabalhadores para as áreas produtoras de borracha, a criação de instituições, a promoção de eventos os mais variados, a definição de leis. Um aparato que tinha a sua produção desenvolvida, sobretudo, a partir da formação das primeiras levas de profissionais e intelectuais em solo brasileiro, das crises eminentes de força de trabalho do século XIX, das quedas de preços dos produtos de exportação, das epidemias, das reformas urbanas, das resistências à República, dos rearranjos do poder político e econômico, do princípio de definição de problemas regionais sob os efeitos do meio físico, enfim, questões de/para uma nação moderna. Os rastros desse processo denso, contraditório – conflitos – resistências – aceitações podem ser perscrutados a partir de sinais que se descortinam ora de forma evidente, ora subtendidos. Sinais que sustentam signos – palavras produzidas

ideologicamente e sedimentadas por meio de práticas que configuram um horizonte representado como ideal para o Brasil de então.

Neste cenário de anseios modernos, a agricultura, prática necessária, e seu *locus*, o meio rural necessitava de medidas para moldar a nova nação livre da mácula do trabalho compulsório.

As notícias guardariam a divulgação de novos saberes, considerados modernizadores, situados em um contexto no qual é caracterizado pela historiografia brasileira pela transição das formas produtivas no Brasil que ocorre no período que vai de 1888 a 1931²⁰³. Mas, apesar da convergência de discursos para a superação da crise na lavoura, verificam-se contradições neste processo, o que é possível desvelar a partir de uma leitura de seu espaço/tempo histórico apresentado no conteúdo da *Revista*.

O periódico passaria, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIX, a figurar como uma forma de acesso à publicidade dos acontecimentos, uma fonte possível de disseminação da informação, através da palavra escrita, uma relação direta com a realidade noticiada. Martins e De Luca (2008, p. 8) na Introdução da História da Imprensa no Brasil consideram que: “a nação brasileira, nasce e cresce com a imprensa”. Assim a imprensa periódica é “a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira”. A afirmativa dessas autoras demonstra que, além de veículo de comunicação, o suporte impresso, e seu conteúdo, conteriam fragmentos da relação espaço/tempo das relações sociais que formaram essa imprensa, de maneira que poderiam constituir-se em fontes importantes de acesso às questões e respostas sobre a realidade brasileira no período de sua edição.

6.1.4.1 Os editoriais – “que a lavoura seja emancipada das trevas que a acorrenta”²⁰⁴

De acordo com Bahia (1990b, p. 101-104) o editorial é considerado como um gênero jornalístico. Possui uma dimensão crítica e opinativa sobre uma notícia, orienta e formula critérios, tem a condição de pensamento oficial do veículo. Em uma

²⁰³ A exemplo do recorte de Sônia Regina de Mendonça (1997) quando estuda o Ruralismo Brasileiro. José de Souza Martins por sua vez ao analisar o campesinato insere a discussão no período de 1888 a 1964: “o fim da escravidão redefine as condições de existência do campesinato; o golpe de Estado põe fim às alternativas que estavam contidas nas lutas camponesas da época” (1986, p. 31).

²⁰⁴ Notícias Diversas. n. 40, 15/09/1906, p. 388.

época em que só a imprensa desempenhava a função de catalisadoras de opiniões, de agentes de consciência coletivas, o editorial como “artigo de fundo”²⁰⁵ possuía vincos personalistas e agressivos.

De 1905 a 1907 os editoriais da Revista Agrícola (SSA) são definidores dos propósitos da Revista, “artigos de fundo”: combate ao atraso na/da lavoura sergipana. Atingir esse objetivo incluía definir soluções: obter crédito rural, organizar o trabalho, aplicar técnicas modernas, incentivar o ensino agrícola, estabelecer meios de transporte eficientes.

O editorial do primeiro número da Revista Agrícola (SSA), publicado em 1905 *Chama et ne cesses* uma revisão das iniciativas em prol da lavoura sergipana:

Quem não sabe que todas as tentativas no sentido de movimentar a lavoura e reuni-la para defesa de seus interesses, têm todas fracassado em Sergipe? A primeira dellas e a mais esperançosa foi o Instituto Agrícola de Sergipe, creado em 1860 por sua Magestade (...). A segunda, foi obra de um espírito culto e propagandista emérito, o Dr. Felismino Muniz Barreto, cujos serviços foram valiosíssimos em favor da lavoura que, ainda uma vez, se conservou, como agora indifferente e incapaz de cohesão e iniciativa. Foi creado então o Comício Agrícola Sergipense ao qual não faltaram recursos materiaes, mas teve vida ephemera, si bem que útil e gloriosa. Ahi está a lembrança do “Agricultor” seu brilhante jornal de propaganda (...) A terceira delas foi a organização União Agrícola de Laranjeiras (...) é sabido o que resta de semelhante obra (...) A quarta e última é a Sociedade Sergipana de Agricultura que hoje dá a público este órgão de publicidade (NASCIMENTO, 15/01/1905, p. 1).

O discurso desse editorial confere o estilo para os demais. Uma constante revisão dos feitos do passado que não deram certo, críticas para os que não eram capazes de colaborar com o progresso da lavoura. Os redatores pouco mencionavam o nome do “outro” no discurso. Fato recorrente na polifonia do discurso na perspectiva bakhtiniana: produzir um efeito de objetividade em gêneros de textos, neste caso um gênero secundário de discurso, um conteúdo entre o texto científico e os relatos históricos ou literários - como os na/da Revista Agrícola (SSA):

O gênero discursivo define-se como um tipo relativamente estável de enunciados. Através dele, diferentes domínios da atividade humana, com suas condições e suas finalidades, encontram-se refletidos nos enunciado: pelo conteúdo temático, o estilo da linguagem e a forma composicional (AMORIM, 2004, p. 108-109).

²⁰⁵ Assim denominado para medir sua capacidade de penetração – a profundidade que os demais gêneros da informação não alcançavam e que ou resumia no fogo crítico ou traduzia em coragem, desassombro, ousadia (BAHIA, 1990b, p. 103).

Nessa perspectiva, os editoriais seguiram, ao menos até 1907, o tom de “artigo de fundo”: críticos. Entre os dois redatores registrados na Revista Agrícola (SSA), Homero de Oliveira foi que mais assinou os editoriais, com um estilo de escrita que focava, de forma enfática, os problemas que prejudicavam a lavoura e as questões políticas vigentes, principalmente nos editoriais publicados entre 1905 a 1906. Theodoretto Nascimento, dos poucos editoriais que escreveu, seis no total, participação compensada nos artigos que publicou na Revista, também cunhou um estilo crítico contra os entraves para o progresso da lavoura, e, conseqüentemente, do país.

O discurso de ambos soava como um último aviso. Bradavam como condutores de caminhos que tentavam fazer, sobretudo a classe agrícola, enxergar:

Que atendam nossos lavradores e salvem-se enquanto é tempo; unam-se para serem fortes e leiam para se fazerem sábios. Acabem de vez com os velhos hábitos de emperrado egoísmo que os tem conservado isolados, fracos exploráveis e effectivamente explorados, nessa condição humilhante de fidalgos arruinados, a implorarem o credito que se lhes nega geralmente quando se elles que afinal, bem ou mal, fazem a riqueza publica e deveriam por direito serem soberanos nesta terra onde a preguiça e a intriga fazem das outras classes o insaciável parasita de sua depauperada seiva (1906. p. 290).

Estas ideias estavam entranhadas no discurso da Revista Agrícola (SSA) ao longo de seus exemplares de seus editoriais às suas *Notícias Comerciais*. A Revista continha uma unidade discursiva: “a obra no seu todo é um enunciado” (AMORIM, 2004, p. 109). Nos editoriais, principalmente de 1905 a 1907, os redatores e colaboradores definiram a perfil editorial da Revista como “*órgão da Sociedade Sergipana de Agricultura dedicado à lavoura, ao commercio e industrias de Sergipe*”, iniciativa que partia do título ao conteúdo dos editoriais²⁰⁶. Considerando a força do título que, além de resumir a notícia, a matéria, o artigo, tem um forte apelo à leitura e deve ser fiel ao texto: “um título fraco é o jazigo de uma notícia forte” (BAHIA, 1990b, p. 47).

²⁰⁶ Ver Apêndice B nesta Tese.

6.1.4.2 Depois do editorial - artigos, matérias, notícias... solicitações, avisos transcrições²⁰⁷

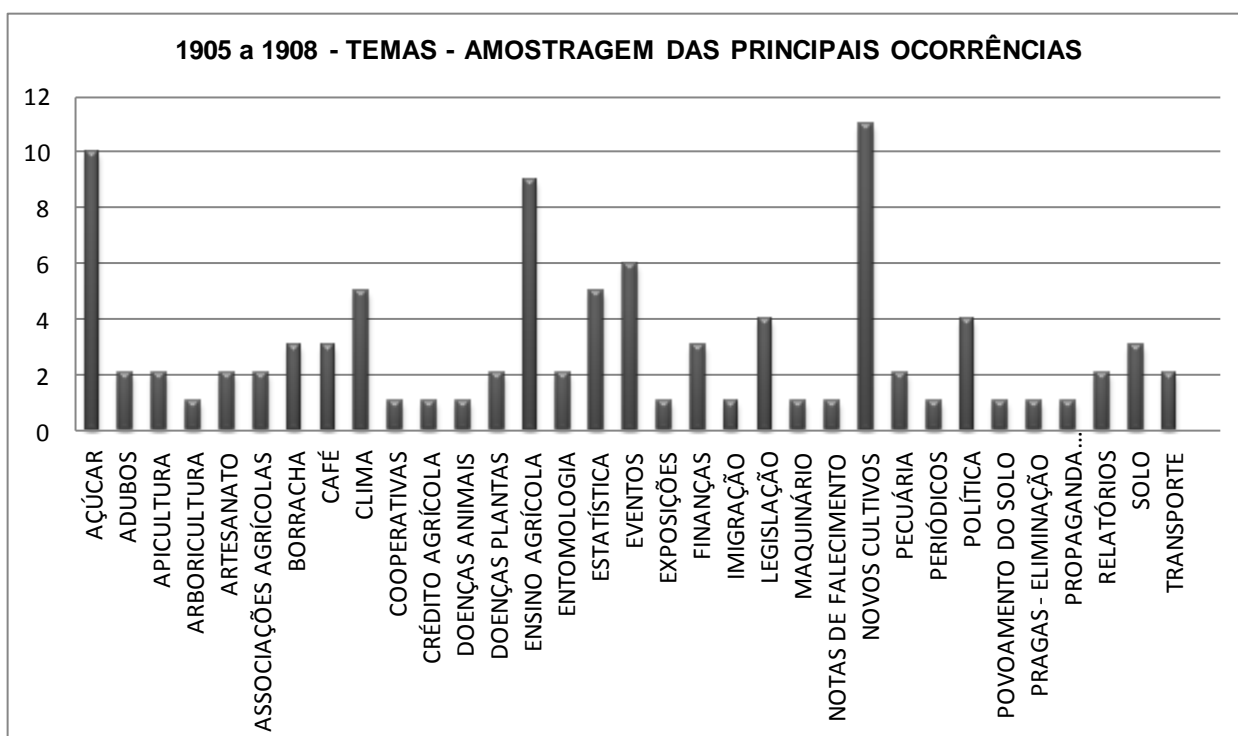
Após os editoriais, não havia uma seção definida, porém havia uma ordem do que deveria ser publicado neste espaço nobre: artigos de redatores e colaboradores, republicação de textos de outros periódicos, transcrições de correspondências, legislações, as notícias (eventos, novos produtos e máquinas), as solicitações (apelos aos assinantes, sobretudo) e os avisos (informes breves de distribuição de sementes e de monografias agrícolas; notícias de viagem e notas de falecimento de pessoas ligadas às atividades agrícolas, prêmios²⁰⁸), ancoravam as ideias propostas da propaganda defendida e propugnavam uma interação da classe agrícola, comercial e industrial, lema da Revista, fortaleciam o discurso da/na Revista, elos entre os editoriais e o que viria depois, apesar de uma aparente desconexão devido à diversidade temática (Figura 79)²⁰⁹.

²⁰⁷ Alguns itens após o editorial confundiam-se com o conteúdo veiculado na seção *Noticias Diversas*.

²⁰⁸ Como exemplo, prêmio à cultura da maniçoba (Revista Agrícola, n. 29, 15/03/1906, p. 276).

²⁰⁹ Além do gráfico, ver também os sumários da Revista no Apêndice D desta Tese.

Figura 79 – Temas veiculados na Revista Agrícola (SSA)



Fonte: dados obtidos por amostragem de dois meses de cada semestre das edições da Revista Agrícola entre 1905 a 1908. Autoria própria, 2011.

Grande parte do conteúdo veiculado sob a forma de artigos, matérias e algumas notícias tratava dos progressos em diversos ramos do conhecimento técnico-científico, associado ao mundo rural: entomologia, zoologia, botânica, agronomia, educação, organização do trabalho, estatística, economia, demografia, geografia, pedologia etc. Como também não escapavam as curiosidades agrícolas: “rabanetes transformados em batatas”, “bode que dá leite” (Revista Agrícola, n. 10, 1905, p. 88). A definição de conceitos, como o de “Syndicato Agrícola”, por exemplo, (Revista Agrícola, n. 29. 15/03/1906, p. 276); de “Indústria” (COSTA FILHO, n. 57, 01/06/1907, p. 553).

O foco dos gêneros jornalísticos na Revista Agrícola (SSA), não era apenas vencer a crise propalada do açúcar, principal produto destacado na historiografia sergipana, mas, também, as experimentações de novos produtos agrícolas, conforme se lia na distribuição de sementes por meio da Sociedade Sergipana de Agricultura, e na descrição do incentivo ao cultivo de outros produtos: baunilha, maniçoba, alfafa, beterraba, capim gordura roxo, cenoura, capim Jaraguá²¹⁰. Definir

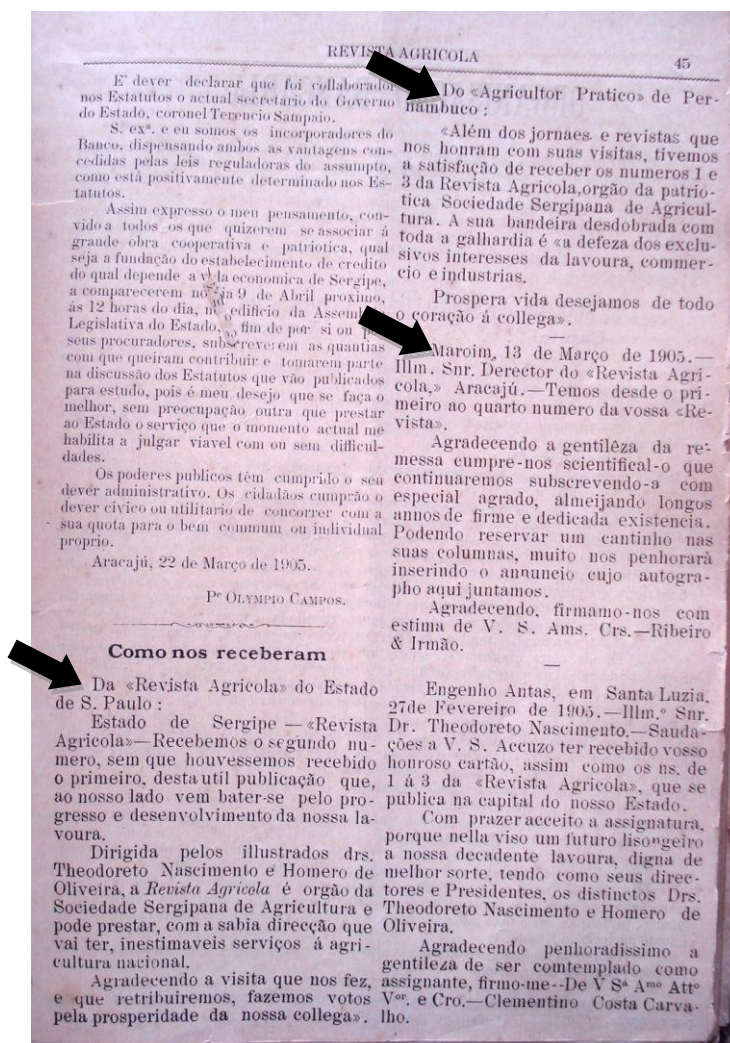
²¹⁰ Sobre estudo mais acurado desta e de outras gramíneas, ver: Caine, 15/03/1906, p. 273-275.

os contornos da classe agrícola aos moldes científicos. Incentivar a leitura, a organização do trabalho, o ensino agrícola, definição precisa de uma linha de crédito agrícola, fortalecer a organização, estabelecer regras de preços e de mercados de forma a evitar golpes alfandegários.

6.1.4.3 “Como nos receberam” – olhares de seus contemporâneos

Padres, proprietários de engenhos, políticos e uma série de outros representantes da sociedade sergipana e brasileira cumprimentavam o empenho dos realizadores da Revista Agrícola (SSA). A partir do segundo número²¹¹ da Revista pode-se considerar o *Como nos receberam*, como uma seção efêmera, na qual se dizia sobre a circulação inicial da Revista no Estado, no Brasil e no exterior, como também o recebimento de filiações e pagamentos de taxas de associados, telegramas e demais correspondências daqueles que receberam o periódico, agradecimentos do recebimento de artigos e demais contribuições para publicação. O conteúdo dessa seção e demais partes da Revista que cumpriram a função de demonstrar a sua circularidade pode ser analisado a partir do caráter de simultaneidade da Revista e de suas congêneres agrícolas ou de áreas afins. Sobre este aspecto Ureña; Román, Liniers (2007) observam que o alcance de uma revista está relacionado ao interesse do leitor sobre o que se publica, de suscitar interesse amplo, não limitado apenas à fronteira onde foi concebido (Figura 80).

²¹¹ Localizada nos números 2, 3, 6, 7, 8, 10 da Revista Agrícola (SSA).

Figura 80 – Seção *Como nos receberam*

Aspecto da página da Revista Agrícola (SSA) que noticiava como receberam a Revista, e o envio deste periódico para outras localidades, nas áreas destacadas: São Paulo, Pernambuco, e do interior de Sergipe.

Fonte: Revista Agrícola, 01/04/1905, p. 45.

Apesar da pouca duração da seção *Como nos receberam*, as informações dessa mobilidade ficaram registradas também nas seções *Noticias Diversas* (1905, 1906, 1907) e na *Correspondência - Jornaes e Revistas*²¹² (1908):

Ciculares

- La Hacienda, - Buffalo, N. Y., E.U.A. - Oct., 29, 1908 - Sr Sec. Sociedade Sergipana de Agricultura, Aracaju, Sergipe - Señor Secretario: Con placer hemos recibido una copia de la Revista Agrícola, organa excelente de su Sociedad, y al leer su importante contenido, tomamos buena nota de la publicación (...)
- Pará, 6, X, 1908 - O Museu Goeldi de História Natural e Ethnographia recebeu, com especial agrado, as publicações intituladas: Revista Agrícola

²¹² Esta seção também apareceu inserida em *Noticias Diversas*, 01/12/1908, p. 916.

da Sociedade Sergipana de Agricultura. Anno IV, n. 89. – Director, Dr. J. Huber. (...)
 - Düren, Allemanha – Amigo e Sñr.- Pela presente nos permettemos rogarlhe um exemplar do seu jornal. Desde já lhe agradecemos e ficamos com estima seus at^{os} e obrg^{os} Amm^{os} e C^{es}. Carl Schleicher & Schull. 9...)
 (Revista Agrícola, 15/12/1908, p. 928).

6.1.4.4 A seção “Relatorio”

Esta seção apareceu por cinco vezes nas edições de número 1, 2, 3, 4 e 5 da Revista Agrícola (SSA) de 1905. Referia-se à transcrição do relatório de atividades da Sociedade Sergipana de Agricultura. Foram dois relatórios reproduzidos. O primeiro no número 1 da Revista. Foi apresentado por um dos redatores da Revista Agrícola (SSA), o médico Thedoreto Nascimento, então Presidente da SSA. Tratava-se um relatório anual, correspondente de janeiro de 1904 a janeiro de 1905, discorria sobre a administração dos recursos da Sociedade, justificava as dificuldades encontradas, e considerava a maior delas:

[...] a indiferença do nosso meio pelas cousas, que, ao contrario, deveriam mais interessar o seu progresso e o seu futuro, quaes a que entendem, com o trabalho, o credito, a cooperação e a iniciativa, factores de toda grandeza dos povos mais cultos, mais poderosos, mais adiantados do universo (NASCIMENTO, 15/01/1905, p. 5).

O relatório expunha uma síntese das sete sessões realizadas que trataram de “assuntos relevantes para os interesses das classes que advogamos”: pedido de isenção de franquia postal para a Sociedade Sergipana de Agricultura; tentativas e providências para publicar a Revista Agrícola (SSA); a obtenção de salão junto ao governo estadual para reuniões da Sociedade, a solicitação do fundo social do *Comício Agrícola*; a aquisição de sementes de forrageiras, frutas entre outros cultivos junto à *Sociedade Nacional de Agricultura* para distribuição entre os sócios; a iniciativa de realizar uma exposição de máquinas e implementos agrícolas no salão da *Sociedade Agrícola de Sergipe*, porém sem êxito, uma vez que os estabelecimentos comerciais dessas máquinas no Rio de Janeiro, disseram da inviabilidade de remeter os pedidos devido o difícil acesso a Sergipe, e outros que não se manifestaram, o que o relator lembrou que mais uma vez essa era uma das questões que emperravam o desenvolvimento de Sergipe, de forma que citou, pelo mesmo motivo, o abandono e quebra de contrato da *Lloyd* com o governo local; sobre a síntese da última sessão informou da necessidade do envio de

representante para estudo da borracha de maniçoba na Bahia diante a importância crescente da procura por esse produto, e da existência de mais de 400 mil pés de maniçoba em Sergipe, para poder avaliar as possibilidades de aperfeiçoar a prática em solo sergipano. As observações sobre este último item ocuparam o relatório seguinte que apareceu publicado na Revista Agrícola (SSA) dividido em quatro partes discriminadas a seguir.

O relatório publicado no número dois da Revista foi redigido por Evangelino de Faro, primeiro Presidente da *Sociedade Sergipana de Agricultura* em 1902. Discorreu sobre as atividades desenvolvidas acerca da viagem ao Estado da Bahia a fim de empreender estudos sobre “o modo practico de extrahir o leite da maniçobeira e o subsequente preparo da borracha, bem como o mais que lhe diz respeito” (FARO, 15/01/1905, p. 13). Faro descreveu pormenorizadamente sobre suas observações na Bahia, entre elas: a “enorme agitação” em torno da comercialização do produto na praça²¹³ de Salvador; os principais compradores (segundo ele, todos estrangeiros), e o montante envolvido mensalmente. Assim como discorreu sobre os vendedores diretos e indiretos da borracha da maniçoba, as oscilações de preços durante dez dias, de acordo com a demanda; e que não havia regras comuns para denominar o produto segundo a sua qualidade, todavia o maior produtor daquele Estado, o Coronel Miguel Calmon atribuía ao seu produto a qualidade de “Extra”: “qualificativo que se tornou notório nas praças de Londres e New York, para onde remette, esse importantíssimo industrial, a sua producção” (FARO, 15/01/1905, p. 13). Na segunda parte do relatório expões sobre a extração do leite da maniçobeira para obter a borracha. Destacou que não havia uniformização de procedimentos na extração, de forma que detalhou os três mais recorrentes entre os produtores.

A descrição do processo observado por Faro figurou nas edições de números 3, 4 e 5 da Revista Agrícola (SSA), de 15/02/1905, 01/03/1905 e 15/03/1905, respectivamente. Nas duas últimas partes do Relatório apresentou as suas experiências práticas na retirada do leite e no final concluiu sobre a inviabilidade dessa prática em Sergipe, por considerar, sobretudo, a ausência de maniçobais nativos, tais como os que se observava na Bahia e no Ceará. Não recomendava,

²¹³ Aqui, no sentido de referir-se ao aparato comercial que envolvia: porto, trens, e demais via de transporte de mercadorias, depósitos, exportadores, importadores, consignadores, bancos e demais estabelecimentos relacionados aos negócios de compra e venda atacadista de produtos e os serviços correlatos.

portanto, que essa “indústria” obtivesse sucesso em Sergipe, ainda mais por saber que as maniçobeiras plantadas em Sergipe eram de sementes do Ceará, espécie criticada na Bahia, onde defendiam o sucesso das sementes de Jequié. Apesar das críticas aos maniçobais sergipanos, o relator findou o seu relatório dizendo que não arrancaria seus mil pés de maniçoba de sementes cearenses, contudo, não recomendava o prosseguimento de tal cultivo, salvo para aqueles que “tiverem terras de sobra de outras culturas”.

Apesar do parecer desanimador de Faro, as matérias e notícias sobre a maniçoba foram recorrentes em outros números da Revista Agrícola (SSA), como as partes de um artigo sobre “as variedades da maniçoba”, transcritas nas edições 25, 26, de 15 de janeiro de 1906 (p. 236), 01/02/1906 (p. 245-246), e no editorial “A propósito da maniçoba”, na edição 29 (15/03/1906. p. 269-271).

Os relatórios que muito diziam da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, de suas atividades, não foram mais publicados na Revista Agrícola (SSA). Sobre essa instituição apareceram apenas notas com chamadas para reuniões e lista de diretorias eleitas, substituições em seus quadros, distribuição de sementes.

Do conteúdo apresentado nos dois relatórios acima, observa-se não só os rastros do funcionamento dessa instituição, como também a realização efetiva de atividades desejosas de cumprir os fins da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, entre elas as viagens técnicas, que faziam parte das agendas de atividades dessa Sociedade.

6.1.4.5 “Noticias Diversas”

A seção exibia na sua grande maioria notícias relacionadas ao meio rural, comercial e industrial, tais como: a realização de eventos – exposições de produtos agrícolas e demais áreas produtivas e conferências -; descobertas de técnicas, notificações de correspondências recebidas e despachadas; chegada de revistas e demais periódicos, sementes e plantas recebidas e distribuídas; visitas de pessoas à Sergipe ligadas ao cenário econômico e político; notas de falecimentos; notícias do exterior (sobre sindicatos agrícolas, novos cultivos, descobertas, ensino agrícola),

receitas de “toucador” – pomadas e cremes; a vinda de imigrantes (a partir de 1907) etc. Uma miscelânea em torno do universo agrícola, industrial e comercial²¹⁴.

6.1.4.6 “Secção Commercial”

Esta seção sempre esteve veiculada na última página de conteúdo da Revista Agrícola (SSA) no período de 1905 a 1907. Apresentava os produtos (açúcar, algodão, milho, feijão, farinha de mandioca, aguardente, álcool) e seus valores²¹⁵ máximo e mínimo de exportação (com cotações da “praça do Rio”²¹⁶). A estabilidade dessas cotações oscilava entre: “firme”, “calmo”, “frouxo”, “estável”, “em baixa” (Figuras 81, 82, 83).

Figuras 81, 82 e 83 – Secção Commercial da Revista Agrícola (SSA)

SECCÃO COMMERCIAL
Cambio, 13 3/4.
GENEROS DE EXPORTAÇÃO
Cotações da praça do Rio

Assucar

Mascavo regular	230/240
superior	240/250
Mascavinho regular	280/300
superior	280/320
Crystal branco 1ª	340/360
Mercado frouxo. — Depósito 233.000 sacos.	

Algodão

Itabaiana	7500/7600
Dores	7800/8000
Mercado estável.	

Milho

Superior, por 62 ks.	6500/7000
Mercado frouxo.	

Aguardente

Pipa de 480 litros	135\$ a 140\$
Mercado frouxo.	

Feijão

Mulatinho superior	10\$ a 15\$
Mercado calmo.	

Fa.inha de mandioca

Commum	6\$500/7000
Superior	10\$ a 10\$500
Mercado estável.	

Aracaju, 15 de Março de 1905.

Seção Commercial.
Fonte: Revista Agrícola, n. 5, 15/03/1905, p. 40.

SECCÃO COMMERCIAL
Cambio, 16 1/2
GENEROS DE EXPORTAÇÃO
Cotações da praça do Rio

Assucar

Mascavo	110/125
Mascavinho	140/160
Branco crystal	180/200
Mercado firme.	

Algodão

Itabaiana	8200/8300
Dores	8800/9000
Mercado calmo.	

Seção Commercial. Fonte: Revista Agrícola, n. 34, 15/06/1906, p. 330.

SECCÃO COMMERCIAL
Cambio, 15 5/8
GENEROS DE EXPORTAÇÃO
Cotações da praça do Rio

Assucar

Mascavo.	21/220
Mascavinho.	280/320
Branco crystal.	340/380
Mercado frouxo.	

Algodão

Itabaiana.	10500/10600
Dores.	10700/10800
Mercado firme.	

Farinha

Fina.	7500/8000
Grossa.	6000/6500
Commum.	5500/6000
Mercado estável.	

Feijão

Mulatinho.	14000/16000
------------	-------------

Milho

Granda.	5000/5500
Mercado em baixa.	

Seção Commercial.
Fonte: Revista Agrícola, n. 58, 15/06/1907, p. 570.

Os dados desta seção estavam relacionados às discussões mais abrangentes na Revista. Com por exemplo, a crise enfrentada pela indústria açucareira, o primeiro gênero destacado nas cotações.

²¹⁴ Ver Apêndice D nesta Tese, o conteúdo dessa seção no sumário da Revista Agrícola (SSA).

²¹⁵ Não explicitam a referência de pesos e medidas utilizadas.

²¹⁶ No início do século XX o Rio de Janeiro aparecia como destaque como 15º porto do mundo em volume de comércio (SEVCENKO, 2003, p. 39).

Os dados dessa seção e os outros dados presentes no conteúdo da Revista podem ser associados, uma vez que a troca de correspondências, registrada na seção *Noticias Diversas*, entre produtores, associações, editores de periódicos entre outros; como também os textos dos editoriais; artigos e matérias evidenciavam a preocupação sempre constante com a mensuração dos dados dispostos nessa *Secção Commercial*.

O decréscimo do número de engenhos em falência ou em substituição para usinas; os eventos na área como as conferências açucareiras, entre outras medidas em prol do açúcar foram sinais mais evidentes do encadeamento das cotações da “praça do Rio” e a crise em processo. O “doce amargo”, na expressão de Zóia Campos (2001), dos baixos preços do açúcar imprimia dificuldades comércio e à indústria de sergipanos e demais brasileiros produtores de açúcar, principalmente no final do século XIX e início do XX. As pressões internacionais definiam as agendas econômicas. A *Convenção de Bruxellas*, por exemplo, funcionou inicialmente para diminuir os impostos sobre o açúcar da beterraba na Europa (OLIVEIRA, 15/01/1905, p. 9-11), e em contrapartida exigia a baixa dos preços do açúcar estrangeiro (CAMPOS, 2001).

O amargo entre os produtores de açúcar no Brasil, especificamente em Sergipe, foi sentido de perto quando as ameaças das quedas de preço do açúcar tornaram-se fatos reais. As queixas motivadas diante da entrega do “resultado paciente de trabalhos e labores” (o açúcar) por valores tão baixos aos mercados consumidores feria os brios e os bolsos dos produtores. Para atenuar os riscos de aniquilação da produção, clamavam por medidas protecionistas junto ao Estado, entre as quais, resolver a questão dos fretes, uma vez que havia uma cobrança desigual entre os Estados, e eliminar os impostos no período de crise “deixa-lo sahir livre” [o açúcar] (OLIVEIRA, 15/10/1905, p. 199).

A divisão da Revista Agrícola (SSA), da *Sociedade Sergipana de Agricultura* em seções servia para localizar e hierarquizar assuntos, mas não a fragmentava. A obra era coerente e coesa em seu discurso, na direção dos seus enfoques e seleção de temas, monológica neste sentido: “o discurso está orientado para o objeto e a palavra serve apenas para representar” (AMORIM, 2004, p. 147). Todavia, “ouviam-se” vozes contrastantes, uma polifonia, diferentes pontos de vista pareciam não encontrar a coesão desejada das classes que os pretensos redatores advogavam. Diferenças, contradições analisadas sob a concepção bakhtiniana, quando no texto

os autores mesmo dizendo “eu”, “nós”, permanecem exterior ao universo representado: “o texto não revela jamais um autor real mas apenas um autor suposto” (AMORIM, 2004, p. 117). Nessa concepção, por mais que alguns textos fossem de diferentes autores e que estivesse dividida em seções. não havia a imagem de um autor, mas da Revista: “o autor está na totalidade da obra”,

A Revista Agrícola (SSA) uma obra com várias “vozes”²¹⁷ no texto: a do autor (um locutor, autor primeiro, ou primário), do destinatário (um destinatário segundo) e uma presença terceira para qual se dirigia imediatamente - um sobredestinatário: aquele que impulsiona para um adiante ilimitado – “impulsiona a palavra do locutor sempre para mais longe e para além de toda a circunstância de imediatez” (AMORIM, 2004, p. 116). Com essas figuras do/no discurso a obra adquiriu uma inacabamento de sentido e a possibilidade de reconstrução permanente: “no nível do texto nos dirigimos para um além de nosso tempo e de nosso espaço” (AMORIM, 2004, p. 117). O fio e os rastros das palavras e de suas significações no tempo.

Neste sentido, a Revista Agrícola (SSA) é concebida a partir da unidade de suas partes: de sua capa, de suas seções, de seus anúncios, da instituição que a produziu, de suas vozes em um universo silencioso que é a escrita, mas, contraditoriamente, polifônico. No estudo de seu texto, o contexto – o *locus*, foi o suporte de compreensão, assim como o tom de um enunciado foi identificável por um contraste de ideias unificantes e heterogêneas no interior desse mesmo texto.

As vozes apresentadas num texto “são sempre secundárias e, em relação às pessoas reais, tudo que se pode ouvir é o silêncio (...) para que as vozes do silêncio falem, um silêncio deve ser ouvido” (AMORIM, 2004, p. 114; 119). Desse modo, a análise social de um texto não deve ser identificada por análises literais ou lineares, uma vez que representa o fulcro da vida humana: os “homens de letras” (autores), os que não colaboravam (destinatários segundo), sobredestinatários e suas possibilidades de interlocução extraterritorial e extratemporal, as vozes que, por meio de discursos escritos promoveram a simultaneidade de um discurso polifônico em um espaço-tempo.

²¹⁷ Essas vozes não são hierarquizadas nessa concepção: o autor não tem necessariamente o privilégio de uma presença primeira (AMORIM, 2004, p. 117).

6.2 Fim da Revista Agrícola (SSA)?

Ao sabor das antinomias inerentes ao modo de produção capitalista, a Revista enquanto estratégia de um capitalismo tipográfico cumpriu a sua função no interior da produção e organização do campo sergipano. Todavia não foi homogênea, existiu das/nas contradições. Desde o seu “aparecimento” como “luz” da SSA, os seus idealizadores preconizaram o seu sucesso, mas também o seu fim.

Desde o segundo número que as devoluções fizeram-se presentes. Em 1906 um “lavrador” do município sergipano de Riachuelo, em reação a nota veiculada em exemplar anterior da Revista que proclamava o seu desaparecimento, tentou reiterar a ameaça eminente:

[...] Quando pela primeira vez recebi a “Revista Agrícola” supuz que agora melhoraríamos de sorte, porque a nosso favor erguia-se um órgão da Imprensa, um jornalsinho forte, filho do esforço de uns heroes, amigos desta pátria, e um delles lavrador. Julguei que esta crise diminuiria, e que se, em torno da Revista nos aglomerássemos, contaríamos Victoria, porque o nosso grito de dor, solto do alto das columnas de um periódico que corre mundo, iria encontrar echo no coração dos que nos dirigem, dos que têm a obrigação de velar pelos interesses desta terra. Mas, ah! com muito pesar eu via que se devolvía os números recebidos da “Revista”, e que ella luctaria como nasceu, só, bem só, sem auxilio dos interessados.

[...] Desejo firmemente que os meus companheiros de trabalho, ouçam a minha voz fraca, porem sincera, e que, pensando novamente, unam-se e amparem, a única voz que temos por nos – a “Revista Agrícola” [...] é insignificante o preço de sua assignatura; o que nos custa pois, prestarmos tão pequeno auxilio, que nos será pago tão generosamente? Si, porem não ouvirem as razões poderosas que me forçam escrever estas linhas, eu, que sou lavrador também, que pertenço ao numero dos oprimidos, pelo menos no ultimo numero desta Revista, no ultimo adeus que ella nos disser, direi claramente porque não quizemos auxilia-la. E este “porquê” eu sei.

É um assinante lavrador que falla, e seu único interesse é instruir e auxiliar os seus companheiros.

Riachoelo

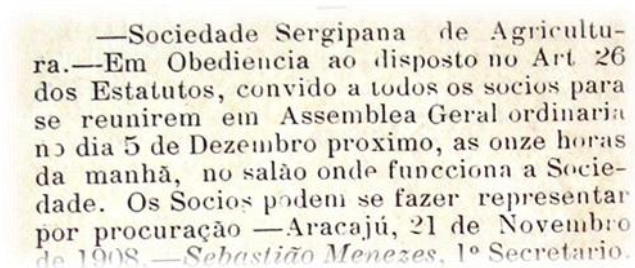
L. B. (Noticias Diversas. 01/08/1906, p. 367-368. Grifo nosso).

Apesar das bandeiras levantadas em prol do reconhecimento de sua importância, a Revista deixou de circular a partir de 15 de dezembro de 1908.

O seu penúltimo exemplar anunciava novas propostas para campo, a indústria e o comércio do açúcar com a publicação do Regimento da *Colligação Assucareira de Sergipe*. Conforme visto na seção 3 desta Tese, uma nova associação voltada especificamente para zelar pelo controle de preços da agricultura e outros detalhes envolvidos em seu comércio. Alguns membros da SSA participavam.

A última edição da Revista apresentou dois registros sobre o seu fim: noticiou provavelmente a última convocação de reunião da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, da qual a Revista era o “órgão” de propaganda (Figura 84); e no canto superior direito da página do editorial, uma anotação manuscrita, sem autoria declarada, destacava que aquele era o “último numero publicado” (Figura 85).

Figura 84 - Notícia de convocação da última assembleia da SSA



Fonte: Revista Agrícola, 15/12/1908, p. 917.

Figura 85 - Anotação manuscrita referindo-se ao “último numero publicado”



Fonte: Revista Agrícola, 15/12/1908, p. 921.

Em 1927 tem-se notícia de outras regulamentações em torno do açúcar em nível local, a *Comissão Açucareira*, o regulamento interno previa a organização do comércio do açúcar de maneira que definia as obrigações dos usineiros. Classificação que na época da Revista limitava-se a poucos proprietários que tinham conseguido transformar seus engenhos banguês em usinas.

Entre os diretores dessa *Comissão*, Cyro Barreto de Menezes (REGULAMENTO, 1927) e também integrou a diretoria da União Agrícola de Laranjeiras (1900-1906) e foi sócio e da Diretoria da SSA²¹⁸.

A Revista deixou de ser veiculada e parece ter ficado esquecida durante décadas. Perdeu o sua vida de periódico e passou a categoria de fonte histórica e geográfica citada em publicações de referência²¹⁹ (GUARANÁ, 1925); e em trabalhos de natureza acadêmica (SOUZA, 1985; PASSOS SUBRINHO, 1987; FREITAS; NASCIMENTO, 2002; TORRES, 1992; SANTOS, 2011; AVELINO, 2011).

²¹⁸ Outros documentos relativos ao campo sergipano após a circulação da Revista Agrícola (SSA) estão apresentados e discutidos nas Considerações Finais desta Tese.

²¹⁹ Dicionários, catálogos...

Após a sua publicação entre 1905 a 1908, as iniciativas em torno de veicular periódicos agrícolas em Sergipe até 1960²²⁰ não se tem conhecimento. Constatam-se publicações de pouca duração que tangenciavam o universo agrícola, comercial e industrial, a exemplo do *Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo do Estado de Sergipe*, uma produção do jornalista Armando Barreto editado em 1934, 1938 e 1953. Outras informações sobre o campo sergipano em periódicos podem ser visualizadas em jornais e revistas de variedades que circularam depois. Assim como a continuidade de algumas ideias que a *Revista* veiculou ficou pulverizada em várias outras fontes documentais²²¹

A produção de projetos para o progresso material do Brasil, conforme Dias (1968, p. 170) teve suas matrizes fundadoras desde a formação de uma elite brasileira ilustrada como práticas assentadas nas premissas da ciência e da técnica ao gosto do enciclopedismo da ilustração europeia entre os séculos XVIII e XIX.

Os traços de continuidade mais significativos que uniram os cientistas práticos do século XVIII e das primeiras décadas do XIX estavam na geração dos românticos brasileiros, a mudança de mentalidade do final da primeira metade do século XIX, por sua vez, não alterou as inclinações pragmáticas no culto às ciências e dos conhecimentos úteis, na busca racional de novos instrumentos de nacionalidade. Como exemplo de encarnação dessas ideias, a autora considera a *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, pensada desde 1816 e fundada em 1827, com atividades de fomento ao progresso material da nação como exemplo notório dessa transição.

Por sua vez, após este período, traços de continuidade desses grupos ilustrados e de suas ideias podem ser visibilizados através das diversas manifestações culturais e científicas, com nos artigos de revistas, como a *Revista Nitheroy*²²², que reservava espaço para os assuntos científicos, mais que os literários; como também nos programas de certas sociedades destinadas a atualizar as técnicas e a manter contato com as novidades europeias, institucionalização de ideias que permitiram conduzir, durante todo o período do Segundo Reinado, até a ação característica dos positivistas nos primeiros anos da República, um tema

²²⁰ Período rastreado nesta Tese em busca de periódicos com informações agrícolas.

²²¹ Ver Considerações Finais nesta Tese.

²²² Revista editada em Paris por brasileiros da geração romântica da literatura brasileira: Gonçalves de Magalhães, Araújo Porto Alegre e Torres Homem. Sobre análise da *Nitheroy*, ver: Pinassi, 1998.

subsidiário ao estudo da influência concreta dessas ideias, no sentido de promoção do progresso material do Brasil (DIAS, 1968, p. 170).

Nesta perspectiva, Maria Odila Dias considera que traços desse pensamento ilustrado, relacionado ao progresso material do Brasil, foram mantidos praticamente por quase todo o século XIX, de forma que permitiu solo fértil às teorias com valorização da ciência e da técnica, como bases desse progresso: o evolucionismo e suas várias correntes, o positivismo. Pode-se inferir que a Revista Agrícola (SSA), como instituição de ideias, estava integrada na última fronteira da definição da nação sob o fio e rastros da ilustração.

As novas configurações teóricas e os efeitos práticos do desenvolvimento material do Brasil que emergem, sobretudo da terceira década do século XX em diante, cabem em outro estudo²²³.

²²³ E para compreender a formação de um pensamento geopolítico para o Brasil, sobretudo, a partir dos anos 20 do século XX, ver: Souza, 2007.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos de pesquisa comportam sempre lacunas. Ao final, novas fontes parecem emergir, assim como autores e outras discussões que não foram localizadas a tempo, ou que não tiveram os seus conteúdos inteligíveis diante o gradual amadurecimento intelectual de quem investiga, como também as saudáveis divergências teóricas de quem examina o trabalho. Sempre falta algo.

Na perspectiva de uma não conclusão definitiva, e sim de uma discussão sobre o que foi estudado a partir de uma proposta de tese, conclui-se, a priori, que o delineamento de uma ideia sobre um pensamento geográfico acerca do campo sergipano foi iniciada de maneira distendida. A varredura nas fontes, associada às abordagens teórico-metodológicas, permitiu encurtar o tempo e o foco que inicialmente identificaria as notícias do campo de 1860 a 1960. Porém, sem perder os rastros da totalidade das relações sociais de produção do espaço, a *Revista Agrícola*, da *Sociedade Sergipana de Agricultura*, entre as fontes inventariadas foi a obra analisada para discutir meandros envolvidos em tema vasto e complexo relativo à produção do campo sergipano. Produção que envolve marcos compostos por fatos naturalizados, resultante de um lastro intelectual que definiu, ao longo do tempo, contornos quase intransponíveis para a uma nova consulta às fontes ora submetidas à hermenêutica. Aspecto observado por Einsenberg (1989, p. 187), ao tratar da problemática da transição para o trabalho livre, observa como esse tema assim como vários outros na historiografia brasileira correm o risco de se tornar chavões, questões fechadas, com respostas padronizadas que não se questionam mais.

O receio de uma repetição de dados e análises pode ter minimizado, nesta Tese, um aprofundamento de questões históricas amplamente debatidas, aceitas e reconhecidas na historiografia nacional e sergipana que contemplam o período e o foco estudado. Apesar desse receio inibidor diante de tantas referências, a presente Tese buscou perquirir o fio e os rastros de um pensamento sobre o espaço rural sergipano contido no discurso da Revista Agrícola (SSA), não para apresentar novas denominações, ou acusar vazios, mais para abrir e deixar veredas.

O fio e os rastros estavam nas palavras, enquanto signos ideológicos veiculados em um periódico agrícola não desconhecido, prenhe de teses, não só a

de discuti-lo como um mecanismo de expansão do capitalismo no Brasil, mas de tantas outras abordagens e perspectivas.

A análise ora desenvolvida não visou apontar veredictos, o pensamento relativo a qualquer área do conhecimento está interpenetrado por várias questões, algumas visíveis, outras obtusas, e que o pesquisador por mais pretensiosamente completo que se julgue em seu repositório conceitual, em qualquer época que seja, terá sempre limites de entendimento, consegue desvelar apenas algumas tramas e a urdiduras²²⁴ do pensamento social brasileiro. Esses limites são inerentes a qualquer área do pensamento, seja na Arqueologia (TRIGGER, 2004); na Geografia (CONCEIÇÃO, 2010; MACHADO, 2000), na História (BLOCH, 2001).

O estudo efetuou, portanto, um olhar sobre as páginas da Revista Agrícola (SSA). Páginas compostas por conteúdos fluídos, apesar de sua aparente inércia. A maior dificuldade, talvez, como foi observada na Introdução nesta Tese, a vinculação dos discursos na Revista Agrícola (SSA) com a configuração atual do campo sergipano. Não se trata de expor uma linha de causa e efeito, mas de desvelar como os discursos, independente de seus suportes e produtores, possuem uma significação entre questões atuais relativas ao campo.

Os discursos veiculados na Revista eram ideológicos. Além de se fazerem acreditar, como normas a serem seguidas, continham também, a perspectiva de legitimar o poder de uma classe ou grupo social dominante²²⁵, uma legitimação que ocorria por meio de seis estratégias: a promoção de crenças e valores do poder dominante; a naturalização e universalização de tais crenças de forma a torná-las óbvias e aparentemente inevitáveis; denegrir ideias que possam desafiar esse poder; excluir as formas rivais de pensamento, mediante alguma lógica não declarada, mas sistemática; e obscurecer a realidade social de modo a favorecê-lo:

Tal “mistificação”, como é comumente conhecida, com frequência assume a forma de camuflagem ou repressão dos conflitos sociais, da qual se origina o conceito de ideologia como uma resolução imaginária de contradições reais. Em qualquer formação ideológica genuína, todas as seis estratégias podem estabelecer entre si interações complexa. (EAGLETON, 1997, p. 19).

²²⁴ Trama e urdidura – significando, respectivamente, os ativos e passivos da/na história.

²²⁵ Não necessariamente grupos que dominem o poder político e econômico, mas que detenham alguma forma de controle dos meios de produção. Mas, que não era o caso dos produtores da Revista, mesclavam-se nas classes dominantes à época.

Essas seis estratégias foram identificadas na Revista, todavia, como a filosofia da linguagem proposta por Bakhtin (1997) não desmembra o discurso, o lê na sua integridade, não ocorreu a listagem de palavras isoladas, mas da obra em si, como parte de um capitalismo tipográfico.

Entre os rastros ideológicos a evidente promoção da Revista, a começar por seu próprio lema, como órgão de propaganda a fim de promover crenças e valores defendidos entre as classes dominantes; naturalizava e universalizava ideias, fundamentadas no discurso nacional e mundial sobre a lavoura; denegria as práticas e ideias contrárias àquelas propugnadas, e procurava excluir os contrários às mudanças pretendidas.

Pode-se afirmar que a Revista Agrícola (SSA) definiu, nesse sentido, uma ideologia para o campo sergipano, uma ideologia associada ao progresso da nação, e fortalecimento da pátria (MOTT, 1986) e de um ruralismo (MENDONÇA, 1997). Sem esquecer a imersão desse periódico como parte dos mecanismos de instalação e de reprodução do capitalismo no interior da formação da nação e da pátria brasileiras. Pátria, como sentimento, na perspectiva que “fundamentava-se na consciência das nossas possibilidades e na nossa força pode-se afirmar” (OLIVEIRA, 1990, p. 134). Um desejo do movimento romântico, mas também, eram conceitos entranhados no capitalismo, uma vez que para fundar uma nação moderna implicava estar em dia com o progresso, o baluarte das nações modernas, os conceitos de pátria a nação naturalizavam esse ideário e escamoteavam os conflitos.

No período de circulação da Revista Agrícola (SSA), foram dois os modelos de identidade nacional reiterados, um assentado na perspectiva da tradição portuguesa, outra, marcado por um rompimento com essa tradição, uma luta contra o passado colonial e imperial, fundamentado na modernidade, no progresso (OLIVEIRA, 1990, p. 23). No caso da Revista o modelo proeminente foi o de romper com o passado, sobretudo, com as formas consideradas atrasadas de trabalhar o campo, modernizar os cultivos e diversificá-los, qualificar a força de trabalho, uma intenção verificada desde os textos fundadores do IISA na segunda metade do século XIX.

No estudo em questão o conceito de nação foi lido a partir de Anderson (2008): nação como uma comunidade imaginada: “imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão, ou sequer

ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenha em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008, p. 32), comunidade na qual estava a imprensa como motor do capitalismo tipográfico, capaz de unificar uma língua em qualquer circunstância, mesmo onde ocorria a diversidade de dialetos, conseguiu impor uma compreensão simultânea de ideias, imprimiu uma forma homogênea de se pensar e fazer parte de uma nação, unidade essencial no desenvolvimento do capitalismo e da nação dita moderna.

A Revista Agrícola (SSA) foi analisada inserida nessa modalidade de coesão de pensamento permitida com o recurso da imprensa, uma unidade mantida no interior das contradições vigentes no seu tempo e espaço. Além dos “outros” da classe de lavradores, comerciantes, industriais, contrários à Revista, também existiam outras classes silenciadas. Representadas, por exemplo, na transumância observada entre trabalhadores livres pobres na Primeira República que vagavam “sem destino”, e “degeneravam a raça”. Uma estratégia para forjar uma unidade mantida na dispersão dos trabalhadores rurais em áreas extensas, a fim de quebrar sua força de resistência (MARX, 1996, p. 578).

O capitalismo tipográfico, seus produtos impressos, permitiu inicialmente não só fato de “falar uma mesma língua”, como também de diminuir, de comprimir o tempo e o espaço, uma necessidade ainda vital ao bom funcionamento do sistema capitalista (HARVEY, 2006a). Um mecanismo localizado desde a gênese desse sistema e reestruturado de acordo com as demandas de cada contexto.

A função do discurso na Revista, além de coadunar-se com a proposta de alteração do campo brasileiro e sergipano, cumpria, portanto, um exercício fundamental de formular uma fala comum, sem barreiras temporais e espaciais, em sintonia com as demais nações modernas.

Antes de parecer uma busca incessante de defender uma tese da Revista enquanto um mecanismo do capitalismo, as suas contradições foram consideradas. Como o questionamento sobre quem eram os leitores/consumidores desse discurso. Mesmo com altos índices de analfabetismo, as classes não letradas teriam tido acesso aos discursos veiculados, como leitores ouvintes, e porque não dizer como fonte de inspiração para esses discursos, uma vez que figuravam, segundo os redatores e colaboradores da Revista, como representantes do mal que barrava o progresso.

Outra contradição estaria em definir a fase específica do campo sergipano na ordem do sistema capitalista de então, o que não foi questão da Tese, mas desvelar que a Revista Agrícola (SSA) integrava o movimento desigual e combinado do capitalismo, o que não significa afirmar que tenha cumprido uma coerência ideológica total, uma vez que as fissuras e contradições imperavam nos discursos veiculados. Porém, no interior do sistema capitalista em expansão podia-se afirmar que esse periódico corroborou como uma estratégia prática e discursiva contemplando uma divisão social do trabalho. Estratégia diluída, sobretudo, na definição teórica de trabalho e trabalhadores presente nas legislações reguladoras e coercitivas. O discurso na Revista corroborava para justificar as posições de cada classe social na lógica do capital, assim como situava o campo sergipano na divisão internacional do trabalho, um processo recorrente, uma vez que: “[...] o modo de produção capitalista completa a ruptura dos laços primitivos que, no começo, uniam agricultores e a manufatura [...]” (MARX, 1996, p. 578).

Um capitalismo tipográfico, mantido por membros das classes defendidas na Revista, homens²²⁶, que, principalmente do/no final do século XIX e início do XX produziram os contornos discursivos oficiais e reais acerca do campo sergipano, se fez representar na Revista. Beneméritos que tiveram a falência de seus engenhos e usinas, por não conseguirem atingir as mudanças nas técnicas de produção, outros que mudaram de ramo, ou deixaram as áreas rurais e a agricultura para residirem e atuar profissionalmente nas cidades, alguns que figuraram entre o campo e a cidade.

Na contemporaneidade, a propriedade da terra em muitas áreas, sobretudo com atividades canavieiras, mesmo dividida/repartida, pertence aos descendentes desses “lavradores e/ou homens de letras”, continuaram a tradição de ditar, em consonância com as demandas externas, os rumos para o campo sergipano.

Em Laranjeiras, Sergipe, área tradicional de produção de açúcar, a concentração fundiária até 2008 atingia grandes níveis. Nesse ano 53,41% da área total do município (7.569,710 hectares) estava classificada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como de grande propriedade, e concentrada entre 13 proprietários, dentre estes quais, três oriundos de famílias remanescentes do período referente à Revista Agrícola (SSA), e que possuíam

²²⁶ Registro de poucas mulheres, apenas localizadas na lista de participantes da Sociedade União Agrícola de Laranjeiras.

40,10% do total das terras (MELO; SANTOS; SOUZA; RIBEIRO; SILVA, 2008)²²⁷. Uma fase que encontra alguns fios na tessitura do período estudado. Fato observado por Resende e Guimarães (2007) em artigo sobre o comércio de terras e as técnicas agrícolas em Laranjeiras (1850 a 1888).

Pode-se afirmar que as definições discursivas para o campo sergipano conheceram os seus liames a partir de 1860 como o IISA e foram consolidadas com a Revista Agrícola (SSA) até 1908. O discurso dessas e de outras instituições vigentes nesse intervalo perpassaram a organização e a produção do campo. Em algumas situações os contornos foram sutis, como a distribuição cotidiana de sementes pela Sociedade Sergipana de Agricultura, que povoou os campos da pecuária com grande parte das forrageiras ²²⁸ainda utilizadas; a instauração de um vocabulário corrente assentado na lavoura, no comércio e na indústria. Lavoura que envolvia as práticas agrícolas de cultivo e criação de animais para alimentação e aproveitamento de derivados, como o couro; a indústria na concepção da transformação de matérias-primas por meio de emprego de técnicas, com destaque para o açúcar e, no final do século XIX, os tecidos das fábricas instaladas; o comércio como atividade centrada principalmente nas exportações e importações de diversos gêneros (alimentos, máquinas, vestuário etc.).

Um vocabulário com ocorrências desde a segunda metade do século XIX, disseminado com o concurso da imprensa. A publicação de impressos como *O Agricultor Sergipano da Cana de Açúcar*, de 1869, redigido por João José de Bittencourt Calasans, um dos primeiros diretores do IISA, defendia a criação de um engenho modelo como fonte de instrução agrícola. Um tipo de organização seria criado "por meio de associações, quando não fosse instituída, com preferência, pela bolsa abastada de um ou de outro, que podendo dispor de uma quarentena de contos de réis se acharia mui bem habilitado de assim concorrer, para animar, proteger e fazer desenvolver essa parte da principal fonte de riqueza – a agricultura açucareira" (CALASANS, 1869, p. 18).

A circulação de impressos voltados para a agricultura era corrente no cenário nacional. Um marco nesse processo é o *Manual do Agricultor Brasileiro*, escrito por

²²⁷ Ver também: Campos, 2002.

²²⁸ O "Capim Jaraguá, ou "Provisório" foi uma das forrageiras propaladas no conteúdo da Revista (ver: Caine, 15/03/1906, p. 273-275).

Charles Auguste Taunay, publicado em 1839 na cidade do Rio de Janeiro. Rocha (2009, p. 147), ao analisar algumas questões referentes ao conteúdo e o contexto desse impresso, considera as possibilidade de leitura que a obra encerra:

Continha muito mais que recomendações técnicas para agricultura. De sua leitura desprende-se uma representação da nação brasileira, que estava em pleno processo de formação quando de sua composição, e da sua elite, a qual teria um papel primordial na recuperação da decadente agricultura brasileira e na ascensão do Brasil à posição de potência comercial global.

Em Sergipe, outras fontes impressas foram as Falas, as Mensagens e os Relatórios de Presidentes de Província e, na República, dos Presidentes de Estado que destinavam partes de seus textos para contemplar a agricultura, o comércio e as indústrias. Mas, foi a imprensa periódica a que provavelmente popularizou os termos e pontos de vista sobre esses assuntos. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, de 1877 (Aracaju, Anno I, n. 128, 05/12/1887, APES, SS, Cx. 24, doc. 18), já advogava os interesses do “commercio, da lavoura e da indústria”. E a Revista Agrícola (SSA) pode ser considerada o impresso periódico que sedimentou e unificou a linguagem sobre o campo sergipano em consonância com os discursos vigentes no cenário nacional e mundial na primeira década do século XX.

Além dos impressos, uma cronologia de fatos identificados entre as correspondências do Executivo sergipano no período que antecede, e no posterior a veiculação da Revista, coadunavam-se com a produção discursiva nos periódicos²²⁹. O que denota que os discursos sobre o campo estavam presentes em outros suportes discursivos, mas coube a Revista a primeira tentativa mais regular de sistematização teórica dos discursos.

Como o olhar geográfico se exercita em uma concepção que sofre determinações históricas, daí a historicidade como caminho de entendimento dos discursos geográficos (MORAES; WANDERLEY, 1984), os recuos e avanços temporais, antes e após a Revista Agrícola (SSA), foi uma opção de método, uma necessidade de verificar se houve mudança discursiva acerca do campo sergipano, se a Revista estava isolada, ou se cumpriu uma unidade discursiva.

Pode-se considerar que o seu fim não encerrou prontamente o seu discurso em torno da solução dos problemas da lavoura sergipana, como se constatou na

²²⁹ Ver item 3.4.2 nesta Tese. Sobre documentos produzidos no período de 1900 a 1907. E ver: Vasconcelos; Santos, [1978] e Vasconcelos [1977a, 1977b], que apresentam um grande volume de referências sobre fontes para agricultura em Sergipe no período de 1850 a 1930.

leitura de fontes documentais posteriores relacionadas à produção e organização do campo sergipano, alguns objetivos foram mantidos, ou reestruturados. A linguagem da/na Revista comportou uma unidade interna de todos os elementos heterogêneos sobre a produção do campo sergipano de 1860 a 1908. E a Revista Agrícola (SSA), com uma qualidade de obra que pode ser considerada uma referência, no sentido de comportar, como uma enciclopédia especializada, um amplo conjunto de significações sobre determinados temas em determinados contextos. Como a obra de Rabelais (*Gargântua e Pantagruel*), por exemplo, que se constituiu uma enciclopédia da cultura popular (BAKHTIN, 2008). No capitalismo tipográfico, a promoção da unidade de discurso é uma qualidade utilizada como uma intenção pragmática de unificar discursos em prol da naturalização da exploração da força de trabalho e minimizar os conflitos entre as classes.

A Revista Agrícola (SSA), através da veiculação do discurso das classes dominantes, cumpriu um papel no interior da consolidação de um projeto de produção e organização do campo sergipano em consonância com as demandas nacionais e internacionais, mas não foi homogêneo, as contradições fizeram-se presentes. E, no interior de uma comunidade imaginada, poderia, também, ser considerada como um simulacro.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN/Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALGABA, Antonio. La difusión de la innovación: las revistas científicas en España 1760-1936). **Scripta Nova**. Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. n. 69, v. 17, 01/08/2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-234.htm> Acesso em: 01/09/2008. Acesso em: 01/09/2008.

ALMEIDA, Angela Mendes de. A atualidade dos três clássicos: Caio Prado Júnior; Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre. In: ALMEIDA, Angeça M. de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli Napoleão de (orgs.). **De sertões, desertos e espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ; Mauad, 2001, p. 13-19.

ALMEIDA, Maria da Glória S. **Sergipe: fundamentos de uma economia dependente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

ALVES, Paulo. Perspectivas acerca do método e técnica de análise dos discursos. **História**. São Paulo, v. 2, p. 33-37, 1983.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Manuel C. de. **A terra e o homem do Nordeste**: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ANTONELLO, Ideni Terezinha. O discurso midiático sobre a reestruturação econômica e territorial no e do espaço rural norte paranaense. In: KATUTA, Ângela [et al]. **Geografia e Mídia Impressa**. Londrina: Mariá, 2009, p. 87-108.

ARAÚJO, Nilton de Almeida. **Pioneirismo e Hegemonia**: a construção da Agronomia como Campo Científico na Bahia. 2010. 374 f. Tese (Doutorado em História Social). Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ. 2010.

AVELINO, Camila B. S. Nas fronteiras da liberdade: “a organização do trabalho” na Revista Agrícola de Sergipe após a abolição (1905-1908). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju. n. 41, p. 347-373, 2011.

AZEVEDO, Denio Santos. **Crise do império e o discurso liberal-republicano: a construção do capital social no gabinete de leitura de maruim (1877-1889)**. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT3/GT3-DENIO.pdf>. Acesso em 20/01/2012.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa Brasileira. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990a.

_____. **Jornal, História e Técnica**. As técnicas do jornalismo. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990b.

BAIARDI, Amilcar. O papel do Imperial Instituto de Agricultura na formação da comunidade de ciências agrárias da Bahia, 1859-1930. In: GOLDFARB, José Luiz; FERRAZ, Márcia H. M. (orgs.). VII Reunião da Rede de Intercâmbios para a História e a Epistemologia das Ciências Químicas e Biológicas. **Anais VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia**. São Paulo: Editora da UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Sociedade Brasileira de História da Ciência, 2000, p. 77-85.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. [2ª. tiragem].

_____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. vol. 4, n.1, p. 211-261, 1996.

BARRETO, Luiz Antonio. **Grandes e pequenos enterros**. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=124293> Acesso em: 21/04/2012.

_____. Apresentação. **Homero de Oliveira**. Disponível em: iaracaju.infonet.com.br/serigysite/.../HOMERODEOLIVEIRA.doc. Acesso em 20/01/2011.

BEDIAGA, Begonha Eliza Hickman. **Marcado pela própria natureza**: o Instituto Imperial Fluminense de Agricultura e as ciências agrícolas – 1860 a 1891. 2011. 281 f. (Tese) Doutorado em Ciências – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2011.

BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do Brasil Moderno para ler, ver e ouvir no circuito dos Museus Comerciais europeus, 1906 a 1908. **História**. São Paulo. vol. 26, n.2, p. 92-117, 2007.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O ofício do historiador**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BROCA, Brito. **A vida Literária no Brasil – 1900**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Academia Brasileira de Letras, 2005.

BOSI, Alfredo. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 19-32.

CAMARGO, Alexandre de Paiva. A Revista Brasileira de Geografia e a organização do campo geográfico no Brasil (1939-1980). **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 23-39, jan./ jun., 2009.

CAMPOS, Cristiane Alcântara de Jesus Santos. **Desruralização versus Urbanização**: o caso de Laranjeiras. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 2002.

CAMPOS, Zóia Vilar. **Doce Amargo**: produtores de açúcar no processo de mudança – Pernambuco (1874-1941). São Paulo: Annablume, 2001.

CANTARELLI, Ligia Cosmo. **A Belle Époque da editoração brasileira**: um estudo sobre a estética Art Nouveau nas capas de livros do início do século XX. 111 fl. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes. São Paulo, SP. 2006.

CAPILÉ, Bruno. **A mais santa das causas**: a Revista Agrícola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (1869-1891). 2010. 269 fl. (Dissertação) Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2010.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 8. ed. São Paulo: Ed. 34, 1999 [1ª reimpressão].

CARVALHO, Jose Murilo. **A construção da ordem**: a elite política imperial. **Teatro de sombras**: a política imperial. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. **Pontos e bordados**: escritos de história política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII, 1994.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil**: o mito fundador e a sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2006. [1ª edição 2000; 6ª reimpressão 2006].

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. Tradução Silvana Finzi Foá. São Paulo: Xamã, 1996.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

COHEN, Ilka. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. **A Questão Camponesa: o olhar sob o signo dialético**. 1991. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, 1991.

_____. A “Geografia Social” de Sílvio Romero. **Terra Brasilis**. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p. 35-55. 2000.

_____. **Às margens do Beberibe e do Capibaribe: a crítica de Tobias Barreto nos meandros da Geografia**. São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia). FFLCH. USP. 2001.

_____. Pensamento social brasileiro e geografia. In: BOMFIM, Paulo Roberto; SOUSA NETO, Manoel Fernandes de (orgs.). **Geografia e pensamento geográfico no Brasil**. São Paulo: Annablume; FFLCH-USP; GEOPO-USP, 2010. p. 263-278.

CRUZ e SILVA, Maria Lucia Marques. **Revista Litteraria do Gabinete de Leitura (1890-1891): subsídios para a história dos impressos em Sergipe**. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE. 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ediouro, 2003.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

_____. **Leandro Ribeiro de Siqueira Maciel (1825-1909)**. O patriarca do Serra Negra e a política oitocentista em Sergipe. Aracaju: Criação, 2009.

DARNTON, Robert. Introdução. In: DARNTON, Robert; ROCHE, Daniel (orgs.). **Revolução Impressa**. Tradução Marcos Mattei Jordan. São Paulo: Edusp, 1996. p. 13-25.

DE LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luíza e DE LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

_____. **Leituras, projetos e (Re)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011.

DEL PRIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma história da vida rural no Brasil**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

DIAS, Maria Odila. Aspectos da Ilustração no Brasil. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Rio de Janeiro. V. 278, jan./mar., p. 105-170, 1968.

_____. Sociabilidades sem história: votantes pobres no Império, 1824-1881. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 57-72.

EAGLETON, Terry. **Ideologia**. Uma introdução. Tradução Silvana Vieira, Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da UNESP; Editora Boitempo, 1997.

EISENBERG, Peter. **Homens esquecidos**: escravos e trabalhadores livres no Brasil – séculos XVIII e XIX. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 83-102.

ENGELS, F. As grandes cidades. In: _____. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008, p. 67-116.

ESCOLAR, Marcelo. **Crítica do discurso geográfico**. Tradução Shirley Morales Gonçalves. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Ensaio de interpretação sociológica. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERREIRA, Tania Maria B. da C. Os livros na imprensa: as resenhas e a divulgação do conhecimento no Brasil na segunda metade do século XIX. In: CARVALHO, José Murilo de (org.). **Nação e Cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 185-204.

FIGUEIRÔA, Sílvia F. de M. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil (de fins do século XVIII à transição ao século XX). **Asclepio**. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. España. N. L-2, p. 107-123, 1998.

_____. Ciências Geológicas no Brasil. In: FIGUERÔA, Sílvia F. de M. (org.). Ciências Geológicas no Brasil Um olhar sobre o passado. **História da Ciência na América Latina**. Tradução Beatriz Mattos Marchesini. São Paulo: Ed. da Unicamp; Imprensa Oficial, 2000a. p. 163-188.

_____. Instituições científicas e formas de institucionalização do saber: uma contribuição a partir da história das ciências. **Terra Brasilis**. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p. 117-125. 2000b.

FRANCO, Maria Sylvia de C. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4.ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FREITAS, Itamar. **A "Casa de Sergipe"**: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913/1929). Disponível em: http://itamarfo.blogspot.com/2010/10/casa-de-sergipe-historiografia-e_9144.html. Acesso em 21/12/2010.

FREITAS, Itamar; NASCIMENTO, Jorge C. do. A Revista em Sergipe. **Revista de Aracaju**. Aracaju, n. 9, Prefeitura Municipal de Aracaju, p. 169-187. 2002.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: J. Olímpio. Tomo I, 1977.

_____. **Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX**. Recife: Imprensa Universitária, 1963.

GALVÃO, Walnice. **No calor da hora**. A guerra de Canudos nos jornais. Quarta Expedição. 2.ed. São Paulo: 1977.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Águia e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOVERNO de Sergipe. Secretaria de Estado da Cultura. Instituto da Memória e da Documentação. **Índice Geral (em ordem alfabética) dos jornais sergipanos da Biblioteca Pública Epiphânio Dória**, acompanhado do ano de publicação bem como do respectivo número de catalogação. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura; BPED, 1997. (Digitado).

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 9.ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **Evolucionismo no Brasil**: ciência e educação nos museus 1870-1915. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

GUARANÁ, M. C. Armindo. **Dicionário Bio-Bibliographico Sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

GUELLI, Neuza S. e ORENSZTEJN, Miriam. **O trabalho com as diferentes linguagens na Geografia**: o jornal. Disponível: www.projetopresente.com.br/revista/rev6_geografia.pdf. Acesso em: 23/09/2007.

GUIMARÃES, Manuel S. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**. n. 1, p. 5-27, 1988.

IBGE. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Disponível em: www.censo2010.ibge.gov.br. Acesso em 31/03/2012.

IPANEMA, Marcello; IPANEMA, Cybelle. A imprensa no Brasil. **Cultura**. Ano 8, n. 31, jan.-mar., p. 23-30. 1979.

INSTITUTO Euvaldo Lodi. **Memória Histórica da Indústria Sergipana**. Rio de Janeiro: IEL/SENAI-DN, Divisão de Pesquisas, Estudos e Avaliação, 1986.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem Fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

HARVEY, David. **A produção do espaço capitalista**. 2. ed. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2006a.

_____. **Condição Pós-Moderna**. 15. ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral; Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2006b.

HERSCHMANN, Micael; PEREIRA, Carlos Alberto M. (org.). **A invenção do Brasil Moderno**. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios 1875-1914**. 13. ed. Tradução Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

_____. **A Era do Capital, 1848-1875**. 15. ed. Tradução de Luciano Costa Neto. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

IPANEMA, Marcello de; IPANEMA, Cybelle de. A imprensa no Brasil. **Cultura**. Rio de Janeiro. Ano 8, n. 31, p. 25-31, jan./mar., 1979.

INSTITUTO Histórico e Geográfico de Sergipe. **Sumário das Revistas de Sergipe (1882-2008)**. Aracaju. CD ROM. 2008.

KODAMA, Kaori. **Os Índios no Império do Brasil**: a etnografia do IHGB entre as décadas de 1840 e 1860. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; São Paulo: EDUSP, 2009.

KOGURUMA, Paulo. **Conflitos do imaginário**: a reelaboração das práticas e crenças afro-brasileiras na “Metrópole do Café” – 1890-1920. São Paulo: Annablume, 2001.

LEFEBVRE, Henry. **De lo Rural a lo Urbano**. 2. ed. Traducción de Javier González-Pueyo. Barcelona: Ediciones Península, 1973.

LEONE, Mark P. Setting some terms of historical archaeologies of capitalism. In: LEONE, Mark P.; POTTER JR., Park B. **Historical archaeologies of capitalism**. New York: Kluwer Academic; Plenum Publishers, 1999. p. 3-20

LEONÍDIO, Adalmir. O sertão e “outros lugares”: a ideia de nação em Paulo Prado e Manoel Bomfim. In: ALMEIDA, Angela M. de; ZILLY, Berthold; LIMA, Eli N. de. (orgs.) **De sertões, desertos espaços incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2001. p. 21-34.

_____. Utopias sociais e cientificistas no Brasil, no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v.14, n.3, p. 921-946, jul.-set. 2007.

LIMA, Yone Soares de. **A ilustração na produção literária**: São Paulo – década de vinte. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros – USP, 1985.

LIMA, Tania Andrade. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v. 3 p.129-191, jan./dez. 1995.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos T. **História da Agricultura Brasileira**: combates e controvérsias. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LINHARES, Maria Yedda. História Agrária. In: CARDOSO, Ciro F. VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios de História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 165-202.

_____. CPDA 30 anos: um breve tributo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro. v. 14, n. 1, abr., p. 5-8, 2006.

LINS, Ivan. **História do Positivismo no Brasil**, 2. ed., Companhia Editora Nacional, 1967.

LOSADA, Janaina Z. Discursos de natureza: a produção da história oitocentista no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. **CEDAP**. UNESP – FCLAS, V. 7, n.1, p. 118-133, jun. 2011.

LOURENÇO, Fernando Antonio. **Agricultura Ilustrada**: liberalismo e escravidismo nas origens da questão agrária brasileira. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

LUSTOSA, Isabel. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2004.

MACHADO, Lia Osório. Origens do pensamento geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e idéia de ordem (1870-1930). In: CASTRO, Iná Elias; GOMES Paulo Cesar da C. e CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. p. 309-353. 1995.

_____. As idéias no lugar: o desenvolvimento do pensamento geográfico no Brasil no início do século XX. **Terra Brasilis**. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p. 11-31. 2000.

MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina de. Introdução: pelos caminhos da imprensa no Brasil. In: MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tania Regina de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 7-19.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista**: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008a.

_____. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 45-80.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. As lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política: livro I. 15.ed. Tradução Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. Trabalho estranhado e propriedade privada. In: MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006. p. 79-90.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. Introdução. In: TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e patrimônio**: o Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009, p. 9-16.

MELO, Alvanira; SANTOS, Fabrícia de O.; SOUZA, Laércio; RIBEIRO, Marlene; SILVA, Tânia A. da. **Brumas de cana e cal**: resíduos da grande propriedade na paisagem agrária de Laranjeiras. São Cristóvão, 2008. (Digitado).

MELLO, Evaldo Cabral de. **O Norte Agrário – 1871-1889**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

MEMÓRIA Visual. **O homem da vacina**. Disponível em: <http://imagensdeontem.blogspot.com.br/2009/01/o-home-da-vacina.html>. Acesso em 12/01/2011.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Mundo rural, intelectuais e organização da cultura no Brasil: o caso da Sociedade Nacional de Agricultura. **Mundo Agrário**. Revista de Estudios rurales. v. 1, n. 1. Universidade Nacional de La Plata, 2000.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A exposição museológica e o conhecimento histórico. In: FIGUEIREDO, Betânia G.; VIDAL, Diana G. **Museus**: dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Argvmentum; Brasília: CNPq, 2005. p. 15-84.

MORAES, Antonio Carlos R. de. **Ideologias Geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1991.

_____. História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa. **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Rio Claro, SP. 09 a 12/12/1999. Anais. p. 17-23.

_____. Geografia, História e História da Geografia. **Terra Brasilis**. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p.127-145. 2000.

MORAES, Antonio Carlos R. de; WANDERLEY, Messias da Costa. **Geografia Crítica**: a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 23-43.

MOTT, Luiz R. B. **O Imperial Instituto Sergipano de Agricultura e a Ideologia do Progresso**. Comunicação a ser apresentada no V Simpósio de História do Nordeste. Universidade Federal de Sergipe. 14 a 18 de agosto de 1973. (Datilografado)

_____. **Sergipe Del Rey**: população, economia e sociedade. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, FUNDESC, 1986.

NASCIMENTO, Jorge C. do. **Memórias do Aprendizado**: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió: Edições Catavento, 2004.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Almanaque toda a oficina da vida**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2008.

NUNES, Maria Thétis. **História da Educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe; UFS, 1984.

OLIVA, Terezinha Alves de. **O pensamento geográfico em Manoel Bomfim**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita”, Rio Claro, SP, 1998.

OLIVEIRA, Eduardo. A imprensa e o ensino de línguas no século XIX: o caso da província de Sergipe (1843-1888). **Revista da FAPES**. v. 2. n. 2, p. 23-36, jul./dez. 2006.

OLIVER, Graciela de Souza. As ciências agrícolas e suas perspectivas para estudos comparativos. In: ARDIGÓ, Fabiano (org.). **História de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 327-353.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Cultura é Patrimônio**: um guia. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2008.

OLIVEIRA, Vanessa Dias de; CONCEIÇÃO, Alexandrina Luz. A questão nacional da produção de saberes geográficos nos discursos do IHGS (1912-1930). Encontro Regional de Estudos Geográficos. I Fórum de Pós-Graduação do Nordeste. **Caderno de Resumos**. Aracaju: [s.n.], 2003. p. 53.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: espetáculos da modernidade do século XIX. São Paulo: Hucitec, 1997.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

PASSOS SUBRINHO, Josué M. dos. **História Econômica de Sergipe (1850-1930)**. Aracaju: UFS, Programa Editorial da UFS, 1987.

PERIÓDICO. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Peri%C3%B3dico>. Acesso em 03/09/2010.

PINASSI, Maria Orlanda. **Três devotos, uma fé, nenhum milagre**: Nitheroy Revista Brasiliense de Ciências e Artes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PORTO, Fernando. **A cidade do Aracaju**: 1855-1865. Aracaju: Livraria Regina, 1991.

PRADO JÚNIOR. Caio. **História econômica do Brasil**. 43. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império**: relatos de viagem e transculturação. Tradução Jézio Hernani B. Gutierre. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PRÊMIO Grandes Educadores: monografias premiadas. Brasília: INEP, 1984.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da UNB, 1992.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus M. **A importância da maniçoba na economia do Piauí: 1900-1920**. Teresina FUNDAPI, 2006.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RESENDE, José Mário dos Santos; GUIMARÃES, Joselita Maria dos S. A Geografia da Propriedade de Terras e das Técnicas Agrícolas na Imperial Cidade de Laranjeiras /SE (1850-1888). **Revista da Fapese**, v.3, n.1, p. 139-164, jan./jun. 2007.

ROCHA, Cássio Bruno de Araujo. Leituras de um manual agrícola oitocentista: saberes e preconizações de um ilustrado no nascimento da nação brasileira. **Temporalidades** – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 1, n.º 2, p. 126-149, ago./dez. 2009. Disponível em: www.fafich.ufmg.br/temporalidades. Acesso em 12/12/2011.

ROCHA, Everardo. **Magia e Capitalismo**. Um estudo Antropológico da Publicidade. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

RODRIGUES, Cyro M. Gênese e evolução da pesquisa agropecuária no Brasil: da instalação da Corte Portuguesa ao início da República. **Caderno Difusão Tecnológica**. Brasília, n. 4, v. 1, p. 21-38, 1987.

ROSA, Gilvan dos Santos. **Maruim, coisas que ouvi dizer...** Aracaju: Link Bureau; Gráfica Editora J. Andrade, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. São Paulo: Nova Aguilar. 1994.

SANCHES JUNIOR, Jefferson de Lara. As estações experimentais no início do processo de modernização agrícola brasileiro: diversificação, racionalização e qualidade. ANAIS. XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010. Cd-Rom.

SALLES, Iraci Galvão. **Trabalho, progresso e a sociedade civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política de mão-de-obra (1870-1889)**. São Paulo: Hucitec; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Propaganda e história: antigos problemas, novas questões. **Projeto História**. n. 14, p. 89-112, fev., 1997.

SANTOS, Elissandra Silva. **Livraria Regina: Notas sobre a Aventura do Livro em Aracaju (1918-1976)**. 2004. Monografia. (Graduação em História). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE. 2004.

_____. Breves notas sobre a história do livro em Sergipe: tipografias, gráficas, livreiros, livrarias e editoras na Aracaju do século XX (1900-1970). ANAIS. II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial (11 a 15/05/2009). Disponível em: www.livroehistoriaeditorial.pro.br/ii_pdf/Elissandra_Silva_Santos.pdf. Acesso em: 12/12/2011.

SANTOS, Fabrícia de Oliveira. **"Hygiene, Saúde e Belleza":** preocupações eugênicas em periódicos sergipanos (1910-1920). 1999. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 1999.

SANTOS, Lourival Santana. **A produção do espaço agrário sergipano: estruturação e arranjos (1850-1925).** Tese. 274 fl. 2011 (Doutorado). UFS/NPGEO, São Cristóvão, 2011.

SANTOS, Paulo Coelho Mesquita; COSTA, Adilson Rodrigues da. A Escola de Minas de Ouro Preto e as "Seções de Geologia" do Brasil nas Exposições Universais. **REM: Revista Escola de Minas.** Ouro Preto, MG. vol. 59, n. 3, p. 347-353. 2006.

SANTOS, Rafael dos. Globalização e americanidade: o caso da publicidade no Brasil dos anos 30. **Revista USP.** São Paulo. n. 36, p. 36-51, dez./fev., 1996.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Retrato em branco e negro:** jornais, escravos e cidades em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O espetáculo das raças:** cientistas, instituições e questão racial no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SENADO Federal. Disponível em:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=57949>. Acesso em 21/01/2011.

SEVCENKO, Nicolau. Introdução. In:_____. (org.). **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, 1998a, p. 7-48.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In:_____. **História da Vida Privada no Brasil..** São Paulo: Companhia das Letras, 1998b, v. 3, p. 513-619.

_____. **Literatura como Missão:** tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Elbênia Marla Ramos; LINHARES, Ronaldo Nunes. **A imprensa em Sergipe: notas sobre as revistas em Sergipe nos últimos anos do século XIX.** Disponível em: <http://paginas.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/7o-encontro-2009-1/A%20imprensa%20em%20Sergipe.pdf>. Acesso em 10/12/2011.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. **Camponeses e criadores na formação social da miséria.** Porto da Folha no sertão do São Francisco (1820-1920). 1981. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 1981.

SILVA, João Paulo Ascenso P. da. **Temas, mitos e imagens de Portugal numa Revista Inglesa do Porto:** The Lusitanian (1844-1845). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

SILVA, Rogério Souza. Visões do mundo exterior: imagens africanas e percepções européias nas revistas ilustradas brasileiras no início do século XX. **História Social.** Campinas. n. 11, p. 227-252, 2005.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção do espaço. Tradução Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1984.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. As outras histórias ou da necessidade delas. **Terra Brasilis**. Revista de História do Pensamento Geográfico no Brasil. São Paulo. Ano I, n. 2. jul./dez., p.137-145, 2000.

SOUTELO, L. F. R. O Comício Agrícola do Sul de Sergipe (Breve notícia sobre uma tentativa de defesa dos interesses dos agricultores). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Aracaju. n. 39, p. 87-89, 1983/1987.

SOUZA, Cristiane Vitória de. **A “República das Letras” em Sergipe (1889-1930)**. 2001. 211f. Monografia (Licenciatura em Historia) Departamento de História, Universidade Federal de Sergipe. 2001.

SOUZA, Rita de Cássia Martins. Geopolítica e formação territorial no Brasil. In: VITTE, Antonio Carlos (Org.). **Contribuições à história e à epistemologia da geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 189-215.

SOUZA, Terezinha Oliva de. **Impasses do Federalismo**: Sergipe e a Revolta de Fausto Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Universidade Federal de Sergipe, 1985.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras**: literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; SOUZA, Marcos André T. de. O registro arqueológico dos grupos escravos: questões de visibilidade e preservação. In: LIMA, Tânia A. (org.) **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n. 33, p. 215-243, 2007.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. Imprensa e saúde pública no Estado de São Paulo no século XIX. **História**. São Paulo. V. 15, p 267-288, 1996.

TEIXEIRA, Luiz Antônio. Da transmissão hídrica a culicidiana: a febre amarela na Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 21, nº 41, p. 217-242. 2001.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

THUILLIER, Pierre. O contexto cultural da ciência. **Ciência Hoje**. SBPC. n. 50. p. 18-23, jan./fev., 1989.

TORRES, Acrísio. **A imprensa em Sergipe**. Brasília: [s.n.], V. I, 1993.

TOURINHO, Maria Antonieta de Campos. A salvação da lavoura: a Escola Agrícola de São Bento das Lages. **Revista da FACEDUFBA**. Salvador, n. 4, p. 27-37, 2000.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

TURAZZI, Maria Inez. **Iconografia e patrimônio**: o Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

UREÑA, Antonio M; ROMÁN, Adelaide R. LINIERS, Maria C. R. Visibilidad Internacional de las Revistas Españolas de Historia. **Scripta Nova**. Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. V. XI, n. 234. mar., 2007. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-234.htm>. Acesso em: 01/09/2008.

VASCONCELOS, Maristher Moura; SANTOS, Lenalda Andrade. **Programa de História da Agricultura Brasileira – PHAB. PLEFANN II**. Encontro dos Coordenadores. Fortaleza/CE (maio/1978). [s.l.]: Ministério da Agricultura; SUPLAN; Fundação Getúlio Vargas, [1978]. [Datilografado] [IHGSE, SS 5338]. 16 fl. [Datilografado].

VASCONCELOS, Maristher Moura. **Projeto de Lavantamento de fontes para a história da agricultura do Norte e Nordeste**. (PLEFANN). Escola Interamericana de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas. Relatório – setembro - 1977. 8 f. [1977a]. [Datilografado]

_____. **Projeto de Lavantamento de fontes para a história da agricultura do Norte e Nordeste**. (PLEFANN). Escola Interamericana de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas. Relatório II - 15/10 a 15/11/1977. 11 f. [1977b]. [Datilografado]

VERÍSSIMO, Maria de Lurdes. As Exposições Universais: Reflexo de Esperanças e Contradições dos Últimos 150 anos. **Latitudes**, n° 3, p. 31-32, jul., 1998. Disponível em: http://www.revues-plurielles.org/_uploads/pdf/17_3_7.pdf. Acesso em: 20 de junho de 2010.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Percepções do Moderno: as revistas do Rio de Janeiro. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). **História e Imprensa**: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006. p. 312-331.

VIAN; Carlos Eduardo de Freitas; CORRENTE, Katy. Meios de Difusão de Informações Setoriais no Complexo Agroindustrial Canavieiro Nacional: Um Estudo Prospectivo e uma Agenda de Pesquisa. **Hera**. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. v. 2, n. 2, p. 91-180, jan./jun, 2007.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE; Roberto C. **Coronel, coronéis**: apogeu e declínio no Nordeste. 5. ed. Rio de Janeiro, 2006.

WELTMAN, Wanda Latmann. **A educação do Jeca**: ciência, divulgação científica e agropecuária na Revista Chácaras e Quintais (1909-1948). Doutorado em História das Ciências. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz. FIOCRUZ. Doutorado (Tese). Rio de Janeiro, 2008.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. Tradução Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WOLFROM, Katelyn A. **Commercial Museum History**. Disponível em: http://www.phillyseaport.org/web_exhibits/mini_exhibits/philadelphia_commercial_museum/. Acesso em: 15/06/2010.

ZUSMAN, Perla Brígida. **Sociedade Geográficas na promoção do saber ao respeito do território**. Estratégias políticas e acadêmicas das instituições geográficas na Argentina (1879-1942) e no Brasil (1838-1945). São Paulo, 1996. 209p. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina.

FONTES MANUSCRITAS

a) Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)

APES, SS, Cx. 24, doc. 18. Jornal do Commercio, Aracaju, Anno I, n. 128, 05/12/1887.

APES, A⁶ – Terras Públicas e Colonização, vol. 05, Processos de medição e legalização de terras, 1868.

APES, A⁶ – Terras Públicas e Colonização, vol. 14, Registro de Propriedades, 1874-1877.

APES, A¹ 01, Livro de Atas do IISA, 1860-1881.

APES, Ata da Sessão da Directoria do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura em 17/06/1881, na Presidencia Interina do Exm^o Sr. Barão da Estancia. fl., 15-15v, 1881.

APES, SS 03, doc. 28 - Ata de Instalação da Sociedade Centro da Lavoura e Comércio de Japarutuba, 1887.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 1925. Ofício. 24/07/1890.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 1925, 1890.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 1948. Ofício. 05/09/1899.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 1941. Ofício. 07/05/1902.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 1941. Ofício. 25/06/1902.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 596. Ofício. Exposição S. Louis. 16/01/1903.

APES, G¹, vol. 596. Correspondência Recebida. Circular. Sociedade de Agricultura Alagoana. 30/04/1903.

APES, G¹, Correspondência Recebida. vol. 596, Ofício. Sociedade Nacional de Agricultura. 16/01/1903.

APES, Fundo G¹, vol. 1938. Correspondência Recebida. Ofício. Sociedade Auxiliadora da Agricultura de Pernambuco. 17/10/1904.

APES, Fundo G¹, vol. 1938. Correspondência Recebida. Ofício. 17/01/1905.

APES, Fundo G¹, vol. 1949. Correspondência Recebida. Carta. 05/02/1908.

APES, SS, vol. 03, doc. 53. 14/04/1908.

APES, Fundo G¹, vol. 2249, Correspondências Recebidas. Ofício. 14/04/1908.

APES, Fundo G¹, vol. 1948. Correspondência Recebida. Ofício. 22/04/1908.

APES, Fundo G¹, vol. 1949, Correspondência Recebida. Ofício. 09/06/1908.

APES, G¹, vol. 583, Correspondência Recebida, 1908.

APES, Fundo G¹, vol. 1949. Correspondência Recebida. Ofício. Março, 1911.

APES, SS, vol. 03, 1911.

APES, G¹, Correspondência Recebida, vol. 596.

APES SS, vol. 358 – doc. 28.

b) Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE)

IGHSE, Fundo Epifânio Dória, pac. 2054, cx. 28, doc. 054, Apontamento biográfico de Theodoreto do Nascimento por Epifânio Dória, s.d.

IHGSE, pac. 0981, cx. 15, doc. 015, 20/01/1908, Carta de Homero de Oliveira a Theodoreto do Nascimento.

FONTES IMPRESSAS

ALMANAQUE Brasileiro Garnier. Rio de Janeiro: Garnier, 1908.

AZAMBUJE, José Bonifácio Nascente. Decreto N. 2602 de 09 de julho de 1860. **Correio Sergipense.** Folha Oficial, Política e Litteraria. Aracaju. Ano XXIII, n. 81, p. 1-2, sabbado, 06/10/1860.

CAINE, Aristides. Capim Jaraguá ou Provisório. **Revista Agrícola.** 15/03/1906, p. 273-275.

CALASANS, J.J. de Bittencourt. **O agricultor sergipano da cana de assucar.** Bahia: Tipografia de Camillo de Lellis Massoud e C. 1869. (IHGSE)

CALMON DU PIN e ALMEIDA, Miguel. O fumo de Sumatra. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano II, n. 28, p. 263-265 01/03/1906.

_____. O fumo de Sumatra. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 30, p. 285-288, 01/04/1906.

_____. O fumo de Sumatra. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 31, p. 294-295, 15/04/1906.

_____. O fumo de Sumatra. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 32, p. 302-305, 01/05/1906.

_____. O fumo de Sumatra. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 33, p. 313-315, 25/06/1906.

CAMPOS, Olympio. Banco de Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 6, 01/04/1905, p. 44-45.

CARTA Corográfica para a divisão das comarcas, termos e municípios da província de Sergipe D'El Rey, organizada pelas informações, exames e de várias cartas as mais exactas que existem até hoje - pelo Tenente Coronel do Imperial Corpo de Engenheiros João Bloem, 1844.

CATÁLOGO da Biblioteca do Gabinete de Leitura da Cidade de Maruim, Sergipe. Porto: Typographia Occidental, Rua da Fabrica, 80, 1892.

COLIGAÇÃO Assucareira. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano IV, p. 896-899, 01/11/1908.

CÓDIGO Rural. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 16, 01/09/1905, p. 139-143

CÓDIGO Rural. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 17, 15/09/1905, p. 151-157

CÓDIGO Rural. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 19, 15/10/1905, n. p. 170-173

CONSIDERAÇÕES de um Lavrador. **Revista Agrícola**, Aracaju, Ano II, n. 38, p. 367-368, 15/08/1906.

CORREIO de Aracaju. 31/05/1908. Ano III, n. 161, p. 2.

CORREIO Sergipense (O). São Cristóvão. Anno XV, n. 75, quarta, p. 2, 29/09/1852.

CORREIO Sergipense (O). São Cristóvão. Anno XV, n. 5, sabbado, p. 3, 17/01/1852.

COSTA FILHO, Luiz da. **A Redempção, Litteriara, Humorística e Noticiosa**, Aracaju, n. 1, p. 2, 16/01/1907.

_____. Agricultura. **Revista Agrícola**. Aracaju, 15/05/1907

_____. A Industria. **Revista Agrícola**. Aracaju, 01/06/1907, p. 553

_____. Ideial Agrícola. **Revista Agrícola**. Aracaju, n. 59, 01/07/1907, p. 572.

_____. Um equilíbrio financeiro. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 60, 15/07/1907, p. 586-587.

_____. Agricultura Mechanica. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 61, 01/08/1907, p. 593

_____. Cultivae a Terra. **Revista Agrícola**. Aracaju. Ano III, n. 62, 15/08/1907, p. 606-607.

_____. A opulência dos terrenos. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 64, 15/09/1907, p. 627-628

_____. No que devemos cuidar. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 66, p. 642-643 15/10/1907.

_____. Diálogo rústico. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 68, p. 663, 15/11/1907.

_____. Expansão Econômica. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 69, p. 676-677, 01/12/1907.

_____. Uzina Escurial. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 70, p. 684-685. 15/12/1907.

_____. Uzina Escurial. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 698, 01/01/1908.

_____. Uzina Escurial. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 716, 01/02/1908.

_____. Uzina Escurial. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 726, 15/02/1908.

_____. Derruba da barriguda. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 737-738, 01/03/1908.

_____. Robustecemos a Agricultura. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 765-766, 15/04/1908.

ÉPOCA (A). Rio de Janeiro, Anno 4, n. 877, p. 2, segunda-feira, 18/01/1915.

ESTADO de Sergipe (O). Aracaju, ano V, n. 1188, p. 1, quarta-feira, 24/09/1902.

_____. Aracaju, n. 2951, p. 1, 26/11/1908.

_____. Aracaju, n. 2852, p. 1, 28/07/1908.

_____. Aracaju, n. 2878, p. 1, 27/08/1908.

_____. Aracaju, n. 2929, 23/10/1908.

_____. Aracaju, n. 2930, p. 1, 24/10/1908.

_____. Aracaju, n. 2954, p. 1. 27/11/1908.

_____. Aracaju, n. 2956, p. 1, 26/11/1908.

_____. Aracaju, n. 2958, p. 1, 28/11/1908.

_____. Aracaju, n. 2959, p. 1, 29/11/1908.

ESTATUTOS da Sociedade Sergipana de Agricultura. Recife: Imprensa Industrial, 1902.

ESTATUTOS da Coligação Assucareira de Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju. p. 899-900, 01/11/1908.

EXPOSIÇÃO que fez o Exm. Snr. D. Thomaz Alves Junior Presidente do Imperial Instituto Sergipano de Agricultura no dia de sua Instalação. Aracaju: Typ. Provincial de Sergipe, 1860.

EXPOSIÇÃO Commemorativa Sergipana em Aracaju. Certamen Agrícola, Industrial e de Manufaturas. Programa e Regulamento. Aracaju: Typ. do O Estado de Sergipe, 1899.

FALLA como que o Exm. Sr. Presidente Dr. Francisco de Gouvêa Cunha Barreto abriu a 1ª. Sessão da 25ª da Legislatura da Assembleia Provincial de Sergipe em 02 de março de 1884. Aracaju: Typographia do Jornal de Sergipe, 1884.

FARO, Evangelino de. Discurso pronunciado pelo Dr. Evagelino de Faro por ocasião da abertura da sessão de instalação da Sociedade Sergipana de Agricultura. In: **Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura**. Recife: Imprensa Industrial, 1902. p. 23-32.

_____. Rellatorio. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 2, 01/02/1905, p. 13-14.

_____. Conferencia Publica realizada no Gabinete de Leitura da Cidade de Maruim. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, p. 671-673, 1907.

_____. Conferencia Publica realizada no Gabinete de Leitura da Cidade de Maruim. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 711-715, 01/02/1908.

_____. **Discurso Cívico no “Gremio Escholar”**. Aracaju: Typographia Commercial de Vieira & Carvalho, 1919.

FRANCO, Candido Augusto P. **Compilação das Leis Provinciaes de Sergipe**. Aracaju: Typ. da F. das Chagas Lima, 1879.

GAZETA de Petropolis. Petropolis. Ano VII, n. 108, Sábado, p. 2, 10/09/1898. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdfs/304808/per304808_1898_00108.pdf. Acesso em: 23/03/2012.

GRANATO, Lourenço. Notas sobre o preparo da baunilha. **Revista Agrícola**, Ano II, p. 232-234, 15/01/1906.

HET NIEUWS VAN DEN DAG VOOR NEDERLANDSCH-INDIË. n. 230, 06/10/1905, p. 3.

HEBDOMADÁRIO Illustrado ‘A Bruxa’. Rio de Janeiro. Ano I, n. 7, sexta-feira, 20/03/1896.

ILLUSTRAÇÃO (A). Paris. Quinto Anno, v. V, n. 5, 05/03/1888.

JORNAL do Commercio. Aracaju, Anno I, n. 128, 05/12/1887.

MINISTÉRIO da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatistica. **Anuario Estatistico do Brazil**. 1º. Anno (1908-1912). V. III – Cultos, Assistencia, Repressão e Instrução. Rio de Janeiro: Typographia de Estatistica, 1927.

MENDONÇA, Manuel Curvello de. Homens Sapos? **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 54, p. 523-524, 15/04/1907.

MOREIRA, Artur Xavier. Collaboração. Ligeiras notas agricolas. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 14, 01/08/1905.

_____. Cultura do Arroz. **Revista Agrícola**. Ano I, n. 19, 15/10/1905.

_____. Cultura do Arroz. **Revista Agrícola**. Ano II, n. 41, 01/10/1906

_____. Qual o melhor arado. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 14, p. 131, 1905.

_____. Gado lanígero. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, p. 462-463, 15/01/1907.

_____. As vias de comunicação e a agricultura em Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, p. 471-472, 01/02/1907.

_____. As mattas e as seccas em Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. p. 631-632, 01/10/1907.

NASCIMENTO, Theodoreto do. Chama et ne cesses. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n.1, p.1, 15/01/1905.

_____. A Nossa Utilidade. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 1, p. 5, 15/01/1905.

_____. A Nossa Utilidade. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n.4, p.34-35, 15/03/1905.

_____. Como despedida. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 10, p. 81, 01/06/1905.

_____. De regresso. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 242-243, 01/02/1906.

_____. A praga dos incêndios. **Revista Agrícola**. . Aracaju, Ano II, n. 27, p. 253, 15/02/1906.

_____. A polycultura em Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 31, p. 289-290, 15/04/1906.

_____. Affonso Penna. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 33, p. 309-311, 25/05/1906.

_____. Imposto de Sangue. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 36, p. 344-346, 15/07/1906.

_____. A Lavoura e o Governo. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 39, p. 373-375, 01/09/1906.

_____. Agricultura e o Impaludismo. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n., p. 673-675, 01/12/1907.

_____. A lavoura no Oriente e no Brasil. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano IV, p. 373-375, 01/10/1908.

_____. A lavoura no Oriente e no Brasil. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano IV, p. 881-887, 15/10/1908.

_____. A lavoura no Oriente e no Brasil. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano IV, p. 891-894, 01/11/1908.

NOTÍCIAS Diversas. **Revista Agrícola**. Aracaju, n. 3, p. 23, 15/02/1905

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, n. 11, p. 95, 15/06/1905.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, n. 12, p. 105-106, 01/07/1905.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 13, 15/07/1905.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 25, p. 238, 15/01/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, n. 26, p. 246, 01/02/1906.

_____. Brasileiros no Oriente. **Revista Agrícola**, Aracaju, Ano II, n. 27, 15/02/1906, p. 256-257.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 33, p. 316, 25/05/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 35, p. 340, 01/07/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 37, p. 367-368, 01/08/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju. Ano II, n. 38, p. 369, 15/08/1906.

_____. Dr. Fausto Cardoso. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 39, p. 378, 01/09/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 40, p. 388-389, 15/09/1906.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 48, 15/01/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 53, p. 517, 01/04/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 56, p. 548, 15/05/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 59, p. 580, 01/07/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 60, p. 316, 15/07/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 62, 15/08/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 63, 01/09/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 65, 01/10/1907.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 798, 01/06/1908.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 838, 01/08/1908.

_____. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 448, 15/12/1908.

NAVEGAÇÃO Directa para a Europa. **Revista Agrícola**. Aracaju, p. 875, 01/10/2008.

NOVIDADE, (A). Aracaju. Ano II, n. 6, maio, 1937.

_____. Aracaju. 1940.

OLIVEIRA, Homero de. Situação Agrícola. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 1, p. 3-4, 15/01/1905.

_____. O problema actual: o Convenio de Bruxellas – assucares. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 2, p. 9-11, 01/02/1905.

_____. Organização do Trabalho. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 5, p. 34-35, 15/03/1905.

_____. Associações Agrícolas. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 8, p. 59-61, 01/05/1905.

_____. A lavoura. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 13, p. 109-110, 15/07/1905.

_____. A política e a agricultura. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 11, p. 89-90, 15/06/1905.

_____. A lavoura de canna do Estado. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano I, n. 22, p. 199-200, 01/12/1905.

_____. A Comissão do Oriente., **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 240-242, 01/02/1906.

_____. Situação Agrícola. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 28, p. 259-260, 01/03/1906.

_____. Valorização do Assucar. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano II, n. 32, p. 299-300, 01/05/1906.

_____. Terceiro Anno. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 47, p. 451-453, 01/01/1907.

_____. Em torno da Folha de Sergipe. **Revista Agrícola**. Aracaju, Ano III, n. 59, p. 571-572, 01/07/1907.

Paiz (O). Rio de Janeiro. n. 8654, p. 3 Sábado, 13/06/1908

RELATÓRIO com que o Exmo. Snr. Presidente Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior passou a administração da Província de Sergipe no dia 05 de setembro de 1872 ao

Exmo. Snr. Dr. Cypriano d'Almeida Sebrão, 1º. Vice Presidente. Aracaju: Typ. do Jornal de Aracaju, 1872.

RELATORIO com que o exm. snr. dr. Antonio dos Passos Miranda abriu a Assembléa Legislativa Provincial de Sergipe no dia 2 de março de 1874. Aracaju: Typ. do Jornal do Aracajú, 1874.

RELATÓRIO com que o Exmo. Snr. Vice-Presidente Raimundo Bráulio Pires Lima abriu a 2ª Sessão da 22ª Legislatura da Assembleia Provincial de Sergipe no dia 03 de março de 1879. Aracaju: Typ. do Jornal de Sergipe, 1879.

RELATÓRIO com que o Exmo. Snr. Presidente Dr. Theophilo Fernandes dos Santos abriu a 1ª Sessão da 23ª Legislatura da Assembleia Provincial de Sergipe no dia 01 de março de 1880. Aracaju: Typ. do Jornal de Sergipe, 1880.

RELATÓRIO com que o Exmo. Snr. Presidente Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello abriu a 2ª Sessão da 24ª Legislatura da Assembleia Provincial de Sergipe no dia 04 de março de 1881. Aracaju: Typ. do Jornal de Sergipe, 1881.

REVISTA Agrícola. Aracaju, Ano I, n. 1, 15/01/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 2, 01/02/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 3, 15/03/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 4, 01/03/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 5, 15/03/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 6, 01/04/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 7, 15/04/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 8, 01/05/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 9, 15/05/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 10, p. 88, 01/06/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 11, 15/06/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 12, 01/07/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 13, 15/07/1905.

_____. Aracaju, Ano I, n. 22, 01/12/1905.

_____. Aracaju, Ano II, n. 24, 01/01/1906.

_____. Aracaju, Ano II, n. 25, p. 236, 15/01/1906.

_____. Aracaju, Ano II, n. 26, p. 245, 01/02/1906.

_____. Aracaju, Ano II, n. 27, p. 249-253, 15/02/1906.

_____. Aracaju, Ano II, n. 29, p. 269-271; 276, 15/03/1906.

- _____. Aracaju, Ano II, n. 32, p. 305-308, 01/05/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 33, 25/05/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n.34, 15/06/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 35, 01/07/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 37, 01/08/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 38, 15/08/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 41, 01/10/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 39, p. 378, 01/09/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 42, 15/10/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 45, 01/12/1906.
- _____. Aracaju, Ano II, n. 46, p. 441-442, 15/12/1906.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 47, p. 691-692, 01/01/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 47, p. 460, 01/01/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 52, 15/03/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 53, 01/04/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 54, 15/04/1905.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 55, p. 539, 01/05/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 58, p. 561-563, 15/06/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 59, 01/07/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 60, p. 581-582, 15/07/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 61, 01/08/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 64, 15/09/1907.
- _____. Aracaju, Ano III, n. 70, 15/12/1907.
- _____. Aracaju, p. 699-700, 01/01/1908.
- _____. Aracaju, 15/01/1908.
- _____. Aracaju, p. 728-729, 15/02/1908.
- _____. Aracaju, p. 757-758, 01/04/1908.
- _____. Aracaju, 15/08/1908.
- _____. Aracaju, 01/09/1908.

_____. Aracaju, 01/11/1908.

_____. Aracaju, 15/11/1908.

_____. Aracaju, 01/12/1908.

_____. Aracaju, 15/12/1908.

REVISTA Agrícola da Fronteira. Sant' Anna do Livramento, Ano I, n. 5, 05/09/1908.

PAIZ (O). Rio de Janeiro, n. 8654, p.3, 13/06/1908.

REGIMENTO da Directoria da Coligação Assucareira de Sergipe. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano IV, p. 917, 15/11/1908.

REGULAMENTO Interno e obrigações de todos os uzineiros para com a Comissão Açucareira. Aracaju: Est. Grap. José Lins de Carvalho, 1927.

SEÇÃO COMMERCIAL. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano I, n. 5, p. 40, 15/03/1905.

_____. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano II, p. 330, 15/06/1906.

_____. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano III, n. 58, p. 570, 15/06/1907.

SERGIPE. Decreto n. 55, de 22 de fevereiro de 1937. **Dispõe sobre a taxa de regulamentação agrícola.** Decreto n. 68, de 16 de abril de 1937. **Dispõe sobre o desmembramento da 1ª. secção technica da Directoria de Agricultura os trabalhos e classificação do fumo, constituindo uma 4ª. secção, e baixa o respectivo regulamento. Sugestões sobre a cultura do fumo.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1937.

_____. Decreto n. 930, de 25 de abril de 1925. **Baixa as Instruções para o Serviço de fiscalização das mattas e policia das águas a cargo da Inspectoria de terras, matas e estradas.** Aracaju: Imprensa Oficial, 1931.

SOCIEDADE Sergipana de Agricultura. **Memorandum apresentado ao Exm. Sr. Dr. Josino Menezes, Presidente do Estado de Sergipe.** Aracaju: Typ. "O Estado de Sergipe", 1902. 19 fl.

SOUZA, Ennes de. Cultura da Baunilha. **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano II, n. 36, p. 116. 15/07/1906.

TRABALHO Agrícola em Sergipe (O). **Revista Agrícola.** Aracaju, Ano I, n. 8, p. 61-62, 01/05/1905.

TRABALHOS do Congresso Agrícola do Recife - out. de 1878. Ed. Comemorativa do 1º centenário: Recife: Fundação Estadual do Planejamento Agrícola de PE, 1978.

TRAVASSOS, João F. Britto. **Memória apresentada a Sociedade Comicio Agricola Sergipense.** Aracaju: Typ. Do "Conservador", 1873.

TRAVASSOS, João Ferreira de Britto; MONTE, João José do Monte. **Representação da Lavoura Sergipana aos Altos Poderes do Estado.** Rio de Janeiro: Instituto Typographico do Direito, 1877.

APÊNDICES

APÊNDICE A**Anúncios publicados na Revista Agrícola**

Anúncios publicados na Revista Agrícola (SSA) – 1905 a 1908

CASA/PROPRIETÁRIO		PRODUTO/SERVIÇO	ENDEREÇO	REFERÊNCIA	LOCALIZAÇÃO NA REVISTA	OBSERVAÇÃO
01	Escritorio de Miudezas de Mattos e Filho & Cia.	Únicos agentes das machinas Lofgren, destruidora de formigas, ultima descoberta e únicos recebedores das affamadas machinas	Rua da Aurora, 46	15/01/1905 a 15/06/1905 25/05/1906 a 15/08/1906 15/09/1906 a 01/12/1906 15/01/1907, 01/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907	Contra Capa	Anúncio grande
02	Saboaria Aurora/Pereira & Silveira	Sabão e vinagre	Junto ao Quartel da Policia	15/01/1905 a 15/06/1905 25/05/1906 a 15/08/1906 15/09/1906 a 15/10/1906	Contra Capa	Contém valores dos produtos
03	Grande deposito de ferragens/José da Silva Ribeiro	Ferragens, tintas, cabos, taboados, pixe, alcairão, breu, soda caustica, salitre, enxofre, fio de vela, cimento Portland, cal de Lisboa, bombas de relógio e artesanias, canos de ferro e zincados, telhas zincadas, fogões econômicos, chapas para fogões, cofres de diversos tamanhos, lambrequins, balaustres, etc. Lona	Rua de São Christovão, 4 e 6	15/01/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 15/01/1907, 01/02/1907, 15/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907,	Contra Capa	Anúncios da Revista Agrícola de 01/09/1906 danificados, páginas rasgadas

		franceza e ingleza, brins e brinzões da Russia, sola atanada e tudo o mais para sapateiro, correeiro, seleiro.		01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
04	José Coelho de Magalhães	Ferragens, cabos, tintas	Rua de São Christovão, 2	15/01/1905 a 15/04/1905	Contra Capa	-
05	J.R. Bastos Coelho	Sal, recebedor de machinas Guba para formigas	Aracaju	15/01/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 01/12/1905 01/01/1906 a 15/07/1906	Contra Capa	-
06	Francinno de A. Mello	Miudezas, louças, ferragens, etc. deposito constante de farinha de trigo, bacalhao, café, kerosene	Rua de Laranjeira, 26	15/01/1905 a 15/04/1905	p. 1 Contra Capa	Recebe diretamente as principais mercadorias consumidas nesta praça
07	Loja Salles	Fazendas francezas e inglezas, perfumaria, miudezas, calçados para homens, senhoras e crianças, chapéos de sol e artigos de alta novidade.	Rua de Laranjeira, 12	15/01/1905 a 01/04/1905	p. 1 Contra Capa	-
08	Sergipe Industrial/Cruz Ferraz e Co.	Grande fábrica de fiação e tecidos/brins	Aracaju	15/01/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 01/02/1907, 15/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907,	p. 1 Contra Capa	“A primeira estabelecida neste estado”

				15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
09	Cruz & Irmão/Successores de João Rodrigues da Cruz	Consignações, comissões e de conta própria, especialmente gêneros nacionaes	Aracaju: Rua da Aurora Maroim: Praça João Rodrigues	15/01/1905 a 15/08/1905 01/08/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 15/01/1907, 01/02/1907, 15/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907	p. 2 Contra Capa	Casa Fundada em 1874
10	Armazem Esperança/Francisco Costa	Casa especialista para retalho. Importação directa de vinhos portugueses	Rua de Laranjeiras, 48	15/01/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
11	Benjamin Mendes	Molhados, ferragens, louças, tintas, etc	Rua de Laranjeiras, 18	15/01/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
12	Pharmacia do Comercio/L. Figueiredo	medicamentos	Rua de Laranjeiras, 28 e 34	15/01/1905 a 15/03/1905	p.2 Contra Capa	-
13	André Ramos	Seccos e molhados, vinhos do porto, figueira e collares, louças vidros e ferragens, especialidade em vinho de cajú	Rua de Laranjeiras, 26	15/01/1905 a 01/04/1905	p. 2 Contra Capa	-
14	Gymnasio Sergipense (Internato, meio-internato, externato)/Alfredo Montes e Alfredo Montes Júnior	Curso primário superior e secundario	Sem Endereço	15/01/1905 a 15/09/1905 25/05/1906 a 15/10/1906	p. 2 Contra Capa	-
15	Loteria Popular	Telegr. "Popular" A que mais vantagem offerece PLANO SEM IGUAL Extracções diarias	Rua da Aurora, 64	15/01/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 01/12/1906 01/01/1907,	p. 3 Contra Capa	Anúncios da Revista Agrícola de 01/09/1906 danificados, páginas rasgadas

				01/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
16	Rodrigues Fernandes & C ^{ia}	Grande Escritorio de Fazendas Tecidos finos e grossos, extrangeiros e nacionaes, chapéos de baeta, feltro, chalés, lenços,etc.	Rua da Aurora, 44	15/01/1905 a 15/07/1905	p. 3 Contra Capa	O primeiro estabelecimen to do seu gênero no E. de Sergipe. Unicos importadores neste Estado da afamada “Farinha de Trigo Nacional” e todos os productos do Moinho Inglez, do Rio de Janeiro. Representante s neste Estado do-Banco da Bahia.
17	Carlos Loeser	Importação e Exportação	Aracaju	15/01/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 15/01/1906	p. 3 Contra Capa	-
18	Trapiche Lima/Sebastião de Menezes	Armazem para mercadorias destinadas à exportação, e entradas por cabotagem.	Aracaju- (Sergipe) Apenas endereço telegráfico	15/01/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 01/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907,	p. 3 Contra Capa	Deposito preferido pelos paquetes das Emprezas: “Esperança Maritima (do Rio de Janeiro) e Pernambucan a de Navegação à Vapor (do Recife).

				15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
19	Teixeira Chaves & Cia	Importadores e exportadores; Grande Empório de Fazendas	Rua da Aurora, 36 A	15/02/1905 a 15/06/1905 15/03/1906 a 15/10/1906	Capa	-
20	Gomes e Comp.	Officina de marceneiro, calçados, malas para roupa, cadeiras para viagem, molduras para quadros de todos os tamanhos e larguras, bem assim o feitiço dos mesmos, pelos preços os mais vantajosos.	Rua de Japaratuba, 21	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Capa	-
21	Juvenal B. Sant'anna	Grande Oficina de ferraria, funileiro e latoeiro, aparelhos de acetilene, resfriadeiras para engenho, espigões e cannos para bombas, bicos, obras de prata e nikel, ferragens, tintas, etc.	Rua de Japaratuba, 22	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Capa	-
22	Jucundino Filho & Cia	Grande armazem de estiva. Exportadores de assucar, algodão e mais generos do paiz.	Rua da Aurora	01/02/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 01/12/1905 01/01/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 15/02/1907, 01/03/1907, 15/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907,	p. 2 Capa	Successores de Jucundino Vicente de Souza

				15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
23	Casa Passos	Loja de modas, e que vende os melhores artigos da praça. Completo sortimento de artigos de fantasia.	Sem Endereço	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Capa	-
24	José Cardoso	Importador de farinha de trigo, arame farpado, kerozene e artigos de molhados.	Rua de Laranjeiras, 24	01/02/1905 a 15/04/1905	p. 2 Capa	-
25	Cesario de Goes Pessoa e José Lopes de Souza	Despachantes Federaes e Estadoaes	Rua da Aurora, esquina da rua de S. Christovao, 52	01/02/1905 a 15/09/1905 25/05/1906 a 15/07/1906	p. 2 Capa	Encarregam- se de, com pontualidade, despachar para dentro e para fora do paiz, importação e exportação, e tem assim procuratoria nas repartições publicas.
26	Armazém Luzitano/ Antonio Jorge	Molhados e gêneros alimentícios; especialidade em vinhos portugueses	Rua de Laranjeiras, 16	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 1 Contra Capa	Fundado em 1882
27	Pharmacia Popular/ Antonio Baptista Bittencourt (Pharmaceutic o)	Drogas, produtos Chimicos e pharmaceuticos applicaveis á Medicina, Artes, Industrias, etc	Rua de Laranjeiras, 34	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 1 Contra Capa	-
28	Magasin Victor e Fabrica de Chapeos de Sol/José Victor de Mattos	Seção especial de chapeos de pello de lebre, inglezes e nacionaes, cartolas, chapeos de sol, camizas, collarinhos e meias, tesouras, canivetes, navalhas e Rodgers, artigos de eletro-prata,	Rua da Aurora	01/02/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 15/02/1906	p. 1 Contra Capa	Anúncio grande

		imenso sortimento de perfumarias, importador e exportador de miudezas; machinas de costura e seus acessórios miudezas; machinas de costura e seus acessórios				
29	Miguel da Motta Maia	Exportador de sal em grande escala; escriptorio de comissões e consignações	Apenas endereço telegráfico	01/02/1905 a 01/05/1905 15/07/1905 a 15/08/1905	p. 1 Contra Capa	-
30	Loja Campos	Casa de miudezas e calçados. Recebe jornaes de moda. Chapeos para homens e senhoras, casimiras francesas. vende músicas para piano. grande sortimento de rendas e enfeites para vestidos	Rua da Aurora, 40	01/02/1905 a 15/09/1905	p. 1 Contra Capa	-
31	Bazar de Cuba/João Mascarenhas	Fazendas, modas, miudezas, calçados, chapéos, perfumarias e objectos para presentes.	Rua da Aurora Junto ao Escriptorio de Roiz Fernandes & C.	01/02/1905 a 01/04/1905	p. 1 Contra Capa	-
32	Loja Veneza/Seraphim de Mattos Freire	Fazendas, modas, miudezas, chapeos, perfumarias, calçados, objectos de luxo para presentes	Rua da Aurora, 42	01/02/1905 a 15/05/1905	p. 1 Contra Capa	-
33	Loja Ponciano	Fazendas, miudezas, roupas prontas, chapeos de sol e cabeça, especialidade em óculos e pence-nêz	Rua da Aurora, 12	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 1 Contra Capa	-
34	Hotel Brazil/Antonio J. C. Martello	Hospedagem – “bons commodos e excellente cosinha”	Aracaju - Sergipe	01/02/1905 a 01/08/1905 25/05/1906 a 15/07/1906	p. 1 Contra Capa	Sem endereço
35	Collegio para Meninas	Cursos primário e secundario, musica vocal e instrumental e prendas domesticas	Prédio onde funcionou o Hotel Democrata, à rua do Barão, esquina da Travessa de Palacio	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	Antigo Collegio Sant'Anna, de Larangeiras, hoje sob direcção M. Elisa e Quintina de O.Diniz

36	Loja Pinto/Jose Pinto Monteiro	Armarinho, fazendas, perfumarias, miudezas e artigos para alfaiates.	Rua da Aurora, 39	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
37	David Prado	Casa de seccos, molhados, louças, vidros, miudezas e objectos de phantasia para presentes.	Rua de Laranjeiras, 44	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
38	Alcino F. de Barros	Armazem de molhados, tintas, ferragens, louças, vidros e miudezas.	Rua de Laranjeiras	01/02/1905 a 15/06/1905 15/07/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 01/12/1905 01/01/1906 a 15/07/1906	p. 2 Contra Capa	-
39	Collegio S. Thomaz de Aquino	Curso superior e primario	Sem Endereço	01/02/1905 a 15/03/1905 01/06/1905 a 01/12/1905	p. 2 Contra Capa	Contém valores das prestações mensalidades Acceitam-se alunos internos mediante 600\$ por anno, em prestações de 200\$ trimensaes, tendo os alunos direito a todos os preparatorios do curso superior e primario. Também acceitam-se semi- internos e externos; os primeiros a 500\$ por anno e os ultimos a 10\$ por preparatorio.- Corpo primario externo-5\$000 mensalmente. O Director- Nylo José de Mello

40	João Honorato de Albuquerque	<p>Importador e Exportador de louças, vidros, crystaes e artigos de fantasias.</p> <p>Sortimento em jarras, figuras, candieiros para kerosene, alcool e seus accessorios.</p> <p>Serviços para almoço, jantar, toilette e lavatório.</p> <p>Escarradeiras de varios preços e diversas qualidades.</p> <p>Porta-licores, Bandeijas, Salvas e artigos de electro-Plata.</p> <p>Espelhos, quadros, tapetes para sophá e cama.</p> <p>Tiras douradas e papel para forro.</p> <p>Relógios e despertadores.</p> <p>Marmores para todos os mysteres.</p> <p>Cutelaria dos melhores fabricantes.</p>	Rua de Japaratuba, 24	<p>01/02/1905 a 15/06/1905</p> <p>15/06/1906 a 15/10/1905</p>	p. 2 Contra Capa	<p>Anúncio grande</p> <p>Anúncio da Revista Agrícola de 01/09/1906 danificado, página rasgada</p>
41	Rocha & Irmão	Venda de fazendas.	Rua da Aurora, 33	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	Recebem mensalmente, do Rio de Janeiro, fazendas de gosto que vendem barato, por preços que admiram para vender muito.
42	Pharmacia Freire/Durval Freire	Medicamentos estrangeiros e nacionaes.	Apenas endereço telegráfico	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
43	Cedro, Canella e Pinho/José Alcides Leite	Fornece assoalhos, forros dos mais modernos, portas, janelas, venezianas, caxilhos, lambrinquins, etc, etc, por menos de 30% dos feitos à mão	Sem endereço	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-

44	Refinação de Assucar, Torração e Moagem de Café/Maciel & Companhia	-	Rua de Larangeiras, 38	01/02/1905 a 15/03/1905	p. 2 Contra Capa	-
45	Rosa Queiroz & C.	Importadores e fabricantes de fumos e dos afamados cigarros-Flor do Bosque-e de outras qualidades. Deposito permanente de fumos em folha, rollo, picado, desfiado e migado; grande stock de papeis para cigarros e embrulho, recebidos directamente da Europa. Secção Especial:- Compras e exportação de assucar, algodão, cereaes e outros productos do Estado.	Maroim com filial em Aracaju	01/04/1905 a 01/05/1905	p. 2 Capa	Unicos depositários dos productos da saboaria Leal Queiroz & C. de Maroim. Agentes da Companhia de Navegação S.João da Barra e Campos.
46	Manufatura Nacional/Francisco José Rodrigues	Roupas para homens e meninos, brins, cassinetas, cretones e mais fazendas proprias pra manufacturas. Faz-se obras sob medida. Chapéos e calçados. Preços sem competencia	Rua da Aurora, 47	01/04/1905 a 15/04/1905	p. 2 Capa	-
47	Sapataria Moderna/José da Silveira Guimarães	Calçados, pelles preparadas, oleados, tapetes, panno couro, tachas, lonas, brins, elasticos, carneiras brancas e de côres, solas de todas as qualidades e outros artigos concernentes às officinas de sapateiros, correeiros, selleiros e etc.	Rua de Japaratuba, 15	01/04/1905 a 15/06/1905	p. 2 Capa	-

48	Trapiche Oliveira/Sebastião de Menezes	Tendo obtido por arrendamento este trapiche e submetido-o aos necessários reparos, faço publico que se acha elle prompto para receber quasquer mercadorias destinadas a exportação. Recebe tambem cabotagem, e dispõe para todo serviço de pessoal completamente habilitado.	Aracaju	01/04/1905 a 15/12/1905 01/01/1906 a 01/07/1906	Contra Capa	-
49	Padaria Sergipana (A Vapor)/Brandão & C.	Variado sortimento de massas finas e grossas, aceita-se freguezias mensaes mediante contractos.	Rua de Pacatuba, 25 Deposito: Rua de Laranjeiras, 9	01/04/1905 a 15/06/1905	p. 1 Contra Capa	
50	Loteria Esperança Corre todos os dias uteis	Os pedidos devem ser feitos à Companhia Nacional Loterias dos Estados, 32, Rua Julio Cesar (antiga do Carmo), 32, Rio de Janeiro. Os freguezes devem citar com toda claresa, afim de não haver extravios, lugar, estado, estrada de ferro, etc. Em 7 de Junho: 2.000 francos, ouro. Bilhetes inteiros à 6 francos.	Rua Julio Cesar, 32 Rio de Janeiro	01/04/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 01/12/1905	p. 3 Contra Capa	-
51	Ribeiro & Irmão	Armazem e deposito de xarque, bacalhao, farinha de trigo, kerosene, cimento, café e artigos concernentes. Recebem arame farpado da inimitavel marca "Neptuno". Secção especial de vinhos, conservas, louças e vidros.	Rua da Cancellaria - 92 e 101 Maroim-Sergipe	01/04/1905 a 15/08/1905	p. 3 Contra Capa	-

52	Loja Guarany/Franc isco Carlos Muniz	Variado sortimento de fazendas, miudezas, perfumarias, calçados, chapéos para homens, senhoras e meninos, chapéos de sol, machinas de costura de todos os systems de Singer, e todos os pertences para as mesmas, recebidos directamente.	Rua da Aurora,52	15/04/1905 a 15/06/1905	Contra Capa	-
53	Lourenço Pinto Monteiro	Exportador de assucar, algodão e sal.	Rua da Aurora, 60	15/04/1905 a 15/06/1905 15/07/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 01/12/1905 01/01/1906 a 01/12/1906 15/01/1907, 01/02/1907, 01/03/1907, 15/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907	Contra Capa	Maroim e Aracaju

54	Sabino Ribeiro & C./Successores de Roza Queiroz & C.	Importadores e fabricantes de fumos e dos afamados cigarros-Flor do Bosque-e de outras qualidades. Deposito permanente de fumos em folha, rollo, picado, desfiado e migado; grande stock de papeis para cigarros e embrulho, recebidos directamente da Europa. Secção Especial:- Compras e exportação de assucar, algodão, cereaes e outros productos do Estado.	Maroim com filial em Aracaju Endereço telegraphico	15/05/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 15/11/1905 25/05/1906 a 01/12/1906 15/01/1907, 01/02/1907	p. 2 Capa	Unicos depositários dos productos da saboaria Leal Queiroz & C. de Maroim. Agentes da Companhia de Navegação S.João da Barra e Campos.
55	Serraria a Vapor/José Alcides Leite	Taboado-cedro, canella, peroba, pinho, etc. Fornece taboado da grossura que o freguez quizer. Prepara forro: portas, janelas, caxilhos, bacias, batedores, guarnições, ripas, chapuses, caixas para sabão, vinhos, vellas, etc, etc. Fabrica farello da semente do algodão. Idem da espiga do milho. Idem de manaiba e mandioca. Fubá de milho, etc. Preços resumidos.	Sem endereço	01/08/1905 a 15/09/1905 15/10/1905 a 15/11/1905 15/02/1907, 01/03/1907, 15/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907	p. 2 Contra Capa p. 490	-

56	Imprensa Moderna Officina Typographica para obras avulsas	A Imprensa Moderna previne aos seus amigos e freguezes que acaba de receber nova copia de artigos para a imprensa. Executam-se com perfeição e modicidade nos preços todos os trabalhos de que carecem o commercio, artes, industrias e repartições publicas, como sejam: Papel e envelopes timbrados, facturas a uma ou mais cores, memoranduns recortados ou fantasiados, recibos de todos os formatos, cartões simples, de fantasia para baptizados, casamentos, etc., menu para banquetes, etc. Especialidade em rotulos para cigarros	Rua da Aurora, 65	15/10/1905	p. 2 Capa	p. 3 Capa Anúncio modelo do Memorandun Imprensa Moderna
57	Lyceu Rio-Grandense de Agronomia de Pelotas/Dirigido pelo Intendente Cypriano C. Barcellos	O curso dura 3 annos e consta das seguintes cadeiras, assim divididas: 1º Anno:-noções geraes de mechanica e agrimensura; Botanica; Agricultura propriamente dita; Physica e meteorologia; Chimica mineral; Aula-Desenho. 2º Anno:-Zoologia e zootechnia; Mineralogia e geologia; Chimica organica; Chimica agricola; Aula-Desenho. 3º Anno:-Engenharia rural; Tecnologia agricola; Viticultura e leitaria; Economia rural; Aula-Desenho.	-	15/03/1906 a 01/05/1906	Contra Capa	A matricula está aberta de 1 de janeiro a 28 de fevereiro. A taxa de matricula e de 80\$000 por anno paga no acto da inscripção que será gratuita para os candidatos reconhecidos como pobres, a juizo do Director do Lyceu. Anúncio grande

		<p>Os dois primeiros annos serão estudados no proprio Lyceu que dispõe de gabinetes e laboratorios de primeira ordem, onde os alumnos farão sob a direção dos professores todos os trabalhos praticos e analyses relativos a cada uma das cadeiras.</p> <p>O 3º anno será feito na Granja Assis Brasil, sita na Estação de Pedras-Altas da E. de F. do Rio Grande a Bagé, gentilmente cedida para esse fim pelo seu proprietario o Exmo. Sr. Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.</p> <p>Os alumnos desse anno irão residir na propria granja onde o distincto professor Guilherme Minssen os iniciará proficuamente em todos os trabalhos referentes `a agricultura e a criação de animaes domésticos, dando o character pratico o mais completo possivel ao estudo de todas as materias que constituem o ensino d'esse anno e dos anteriores.</p> <p>Na mesma Granja e sob a direção do mesmo professor serão admitidos alumnos somente para os trabalhos práticos (podendo tambem assistir `as lições theoricas) de agricultura e zootechnia.</p> <p>Os alumnos que forem approvados nos 3 annos do</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		curso receberão o diploma de Engenheiro agrônomo e os que seguirem com assiduidade e aproveitamento somente os trabalhos praticos na Granja terão direito a uma certidão de aptidão para capataz.				
58	Necessario `as Familias e aos Lavradores	<p>Remetem-se pelo correio a quem mandar importancia em carta registrada a Lourenço de Souza, rua do Rosario,99, Rio de Janeiro:</p> <p>Criação de Animaes conforme as instrucções do ultimo Congresso de Agricultura (Cavallo, jumento, mula, burro, boi, ovelha, porco, cabra, cão, gato, coelho, leporide, cobaia), com 76 figuras 4\$000.</p> <p>Criação de Aves por processos modernos (galinhas, peru, galinhole, pombo, pato, ganso, cysne, pavão, faisão), com 64 figuras 3\$000.</p> <p>Criação de Abelhas e Bicho da Seda pelos processos aperfeiçoados (o mel, a cera, fabricação do hydromel), com 42 figuras 2\$000.</p> <p>Ocultismo e Theozofia (alto esperitismo e magnetismo pelos grandes mestres) 5\$000.</p> <p>Synonymia das Substancias Chymicas e</p>	Rua do Rosario, 99 Rio de Janeiro	15/03/1906 a 15/07/1906	p. 1 Contra Capa	Anúncio grande

		Farmacopea Homeopathica (medicina ao alcance de todos), enc. 5\$000.				
59	Banco de Sergipe/Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz, Coronel Terencio Sampaio, Lourenço Pinto Monteiro	<p>Capital R\$ 1.000 000\$000</p> <p>Sacca e desconta saques sobre o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco.</p> <p>Acceita dinheiro a prazo fixo, nunca inferior a 6 mezes. Empresta sobre hypothecas, valores, títulos e generos depositados nos trapiches desta capital. Abre creditos em conta corrente. Encarrega-se de cobranças, pagamentos, remessa e liquidações.</p> <p>Os Directores,</p> <p>Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz Coronel Terencio Sampaio Lourenço Pinto Monteiro</p>	<p>Rua da Aurora, 55 Aracaju</p> <p>Endereço Telegraphico: Sergibanco</p>	<p>25/05/1906 a 01/12/1906</p> <p>01/01/1907, 01/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907</p>	p. 3 Capa	-
60	Consultorio cirurgico-dentario/ Dr.Francisco Soares de Britto Travassos	<p>Cirurgião Dentista formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Pharmaceutico pela Eschola de Pharmacia de Ouro Preto.</p> <p>Com longa pratica de sua profissão nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes, executa todo e qualquer trabalho de cirurgia e prothese dentaria pelos systemas mais aperfeiçoados e</p>	Rua de Japaratuba, 54	25/05/1906 a 15/07/1906	Contra Capa	-

		modernos.				
61	Armazem de Ferragens/Jos é Coelho de Magalhães	Completo sortimento de ferragens, cabos, tintas, espingardas para caça, rewolvers, pistolas, etc. Arame farpado, cimento marca Corôa, cama lastro de arame, bombas artesanais, salitre, enxofre, breu, etc.	Endereço teleg:- Magalhães Rua de S. Christovão, 2	25/05/1906 a 15/10/1906	Contra Capa	-
62	A Imprensa Moderna	<p>É o primeiro estabelecimento typographico do Estado:</p> <p>1º Porque é a unica casa que dispõe de material completamente novo;</p> <p>2º Porque dito material é de produção das prodigiosas fabricas Francezas, Americanas e Allemans;</p> <p>3º Porque todos os seus trabalhos são executados com o maximo cuidado e presteza;</p> <p>4º Porque os seus preços são os mais resumidos da praça;</p> <p>5º porque se faz questão para que os freguezes sejam cuidadosamente bem servidos, ainda mesmo que seja preciso grande esforço;</p> <p>6º Porque depois mais de um anno de constante labor nenhuma reclamação foi ainda apresentada, quer quanto`a parte artistica, quer quanto`a commercial;</p> <p>7º Porque a Imprensa Moderna foi montada com o fim de centralisar os</p>	Rua da Aurora, 65	25/05/1906 a 15/11/1906	Contra Capa	<p>Anúncio grande</p> <p>Em 01/08/1906, 15/08/1906, 01/09/1906, 15/09/1906, 01/10/1906, 15/10/1906, 01/11/1906, 15/11/1906 A Imprensa Moderna anuncia os valores dos cartões de visita, simples e de fantasia, a 2\$000, 2\$500, 3\$000, 3\$500, 4\$000, 4\$500 o cento.</p>

		<p>trabalhos typographicos do Estado, não permittindo o exodo do nosso dinheiro em troca de cousas que podemos obter aqui, dadas as condições de perfeição e modicidade nos preços.</p> <p>A Imprensa Moderna dispõe de constante e variado sortimento de cartões de visita, simples e de fantasia, participações, commerciaes e papeis para todas as impressões.</p> <p>Os trabalhos a uma ou mais cores são executados com as melhores tintas de Ch.Lourillex & C., Nathan e outros acreditados fabricantes.</p> <p>Pedidos a Antonio Xavier de Assis</p>				
63	F. de Andrade Mello	<p>Armazem de Estivas, Fazendas, Miudesas e Ferragens</p> <p>Deposito permanente de Xarque, Kerosene e Farinha de trigo</p> <p>Unico recebedor de xarque frescal em latas</p> <p>Commissões e Consignações</p> <p>Compra e embarca couros, sal, borracha de mangabeira e demais productos do Estado</p>	<p>Rua de Larangeiras, 32</p> <p>Aracaju</p> <p>Endereço tel.- Louvre-Caixa do Correio n. 10</p>	01/08/1906 a 15/10/1906	p. 1 Capa	-
64	Romances (Bibliotheca do Jornal do Brazil)	<p>D.Quichote de La Mancha-por Miguel Cervantes-edição brasileira ornada de gravuras, 1 volume com 449 paginas</p>	<p>Rua da Aurora, 65</p>	01/08/1906 a 15/11/1906	p. 2 Capa	-

		<p>5\$000 Roubado-por Fernandez y Gonzalez,-dois importantes volumes com 1441 paginas 5\$000 Inexoravel-por Paul Bernay,-1 volume com 785 paginas 3\$000 Expição-por Fernandez y Gonzalez,-4 volumes em dois tomos com 1028 paginas e diversas gravuras 4\$000 O Vigario-por H.Perez Escrich,-3 volumes com gravuras e 664 paginas 4\$000 Infamado-por Emilio Gaboriau,-3 volumes com 610 paginas 4\$000 Sacrificada-por Reni Vincy,-4 volumes com 802 paginas 4\$000 Pedidos a Antonio Xavier de Assis</p>				
65	Padaria Aurora/ Antonio José de Paiva	<p>Acha-se montado com o maximo aceio e ordem, empregando somente farinha de 1ª qualidade e produzindo, sem receio de contestação, o melhor pão da Capital, como atesta a sua magnifica freguezia. Manda entregar cedo e em qualquer ponto da Cidade, fazendo aos freguezes um desconto razoavel. A padaria pode ser visitada a qualquer hora.</p>	Bairro Industrial Anexo ao grande emporio commercial do mesmo	01/08/1906 a 15/10/1906	p. 2 Contra Capa	-

66	Jardelino de F. Porto	Commissões Representações e Agencia da Companhia Geral de Seguros Terrestres e Maritimos	Rua da Aurora Aracaju Defronte do Trapiche Lima	01/11/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 15/02/1907	p. 420	
67	Clinica Dentaria/Napol eão de Carvalho	O Cirurgião-Dentista Napoleão de Carvalho -Diplomado- pela Faculdade de Medicina da Bahia faz sciente aos interessados que tem nesta capital um correcto consultorio dentario (talvez o mais bem montado) e se compromette a fazer com muita perfeição todos os trabalhos que lhe forem confiados. Preços muito rasoaveis	Rua de Maroim, II Aracaju	15/11/1906 a 01/12/1906 15/01/1907, 01/02/1907	p.1 Capa	
68	Casa Xavier/Antonio Xavier de Assis	Artigos de livraria, papelaria, novidades electricas e officina typographica. Esta casa dispõe de uma boa collecção de romances e outros livros de auctores festejados. Vende livros para o commercio, almanaks para 1907, artinhas, methodos para violão e piano. A Imprensa Moderna constitue uma secção de nossa casa e acha-se em condições de executar qualquer trabalho para o commercio, repartições publicas, etc, a contento do mais exigente freguez. E´o estabelecimento deste Estado que vende cartões de visita impressos a 2\$000 o cento. Tem cartões para todos os misteres e para todos os preços.	Rua da Aurora, 65	01/12/1906 a 15/12/1906 01/01/1907, 15/02/1907, 01/03/1907	p. 3 Capa	Anúncio grande

		Pedidos a Antonio Xavier de Assis				
69	Mello & C.	Commissões, Consignações e Despachos Representantes da Equitativa e de diversas casas do Rio, Bahia, etc.	Rua de S. Christovão, 9 Aracaju Telegr.- Jocarmo Cod.Tel.- Ribeiro	15/12/1906 01/01/1907, 15/01/1907, 01/02/1907, 15/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907, 01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907	p. 450; p. 470	Anúncio inserido na parte textual da Revista em 1907
70	Dr. Helvecio de Andrade	Medico, operador, parteiro Especialidade em febres, molestia do peito, estomago, crianças, partos, operações, molestia dos olhos. Empregam-se os processos mais modernos mais modernos e correntes.	Maroim	15/12/1906 01/01/1907, 15/01/1907, 01/02/1907, 15/02/1907, 01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907, 01/10/1907, 15/10/1907,	p. 450; p. 470	Anúncio inserido na parte textual da Revista em 1907

				01/11/1907, 15/11/1907, 01/12/1907, 15/12/1907		
71	Serraria a vapor de José Alcides Leite	-	-	-	-	-
72	Livraria Brasileira (Antiga Imprensa Moderna)/Antonio Xavier de Assis	Rescentemente organizada nesta capital, é uma casa que promete desenvolver o commercio de livros, artigos de papelaria e imprensa, não dispensando o seu proprietario os maiores esforços para dar `a casa o caracter progressista que estava a reclamar o nosso meio. A Livraria Brasileira corresponde-se com as melhores casas do Paiz e nesta data enceta correspondencia com o estrangeiro, e acredita tirar disto vantajoso partido para o nosso publico. Alem de mais, a Livraria Brasileira dispõe de bem montada officina typographica, executando todas as obras que lhe são confiadas com a maxima perfeição. Acceitam-se agencias, commissões, e consignações neste ramo de negocio. Dirijam-se a Antonio Xavier de Assis	Rua da Aurora, 65	01/03/1907, 01/04/1907, 15/04/1907, 01/05/1907, 15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907, 15/08/1907, 01/09/1907, 15/09/1907	p. 2 Contra Capa	Anúncio grande
74	Acceitam-se annuncios para esta pagina	-	-	15/05/1907, 01/06/1907, 15/06/1907, 01/07/1907, 15/07/1907, 01/08/1907	p.1 Capa p. 2 Contra Capa p. 3 Capa p.2 Capa	Espaços destinados para aluguéis de anúncios

75	A Memoria de D. Capitolina Campos	Homenagem da Revista Agricola Se o teu corpo levou de rojo a Morte À sombra de uma Cruz; Volveu tua alma, rediviva e forte, A região da Luz.	-	15/12/1907		Anúncio fúnebre
76	Aluga-se (vazios na Revista destinados para "aluguel" de espaços nas páginas)	<p>Valores: 2\$500, 2\$000, 1\$500, 4\$000 e 3\$000, 2.000 réis</p> <p>3\$000 2\$500, 2\$000, 1\$500 2\$000 1\$500 Sem valor</p> <p>3\$000 Sem valor</p> <p>Sem valor 2\$000</p> <p>2\$500 2\$000 1\$500</p> <p>Sem valor 1\$500 Sem valor</p> <p>Sem valor 2\$000</p> <p>Sem valor 1\$500 Sem valor</p> <p>2\$500 2\$000 1\$500</p> <p>3\$000 Sem valor</p> <p>Sem valor</p> <p>2\$500 2\$000 1\$500</p> <p>Sem valor</p> <p>Sem valor 2\$000</p> <p>3\$000</p>	-	<p>01/04/1905</p> <p>15/04/1905</p> <p>01/05/1905</p> <p>01/05/1905</p> <p>01/05/1905</p> <p>01/05/1905</p> <p>15/05/1905</p> <p>15/05/1905</p> <p>15/05/1905</p> <p>15/05/1905</p> <p>01/06/1905</p> <p>01/06/1905</p> <p>01/06/1905</p> <p>01/06/1905</p> <p>01/06/1905</p>	<p>Contra capa e p.1 Contra Capa</p> <p>p. 1Capa Contra Capa p. 1 Contra Capa p. 3 Contra Capa p.1 Capa</p> <p>p. 2 Capa</p> <p>p.3 Capa</p> <p>Contra Capa</p> <p>p.1 Contra Capa</p> <p>p. 2 Capa</p> <p>p. 3 Capa</p> <p>Contra Capa</p> <p>p. 1 Contra Capa</p> <p>p. 2 Contra Capa</p> <p>p. 2 Capa</p> <p>p. 3 Capa</p> <p>Contra Capa</p> <p>p. 1 Contra Capa</p>	48

		Sem valor Sem valor		15/06/1905	p. 1 Capa	
		Sem valor 2\$000			p. 2 Capa	
		Sem valor		15/06/1905	Contra Capa	
		3\$000 Sem valor Sem valor		15/06/1905	p.1 Contra Capa	
		2\$500 2\$000 1\$500				
		Sem valor 2\$000		01/07/1905	Contra Capa	
		Sem valor		15/12/1905	Contra Capa	
		Sem valor		01/01/1906	p.1 Capa Contra Capa	
		Sem valor		15/01/1906	p.1 Capa p.1, Contra Capa	
		Sem valor		01/02/1906	Contra Capa p.1Contra Capa	
		Sem valor		15/02/1906	p. 1 Capa p. 3 Capa	
		Sem valor		01/03/1906	p. 1 Capa	
		Sem valor		15/03/1906	p. 1 Capa	
		Sem valor		01/04/1906	p. 2 Contra Capa	
		Sem valor		15/04/1906	p. 2 Contra Capa	
		Sem valor		01/05/1906	p. 2 Contra Capa	
		Sem valor		15/07/1906	p. 3 Capa	
		Sem valor		01/11/1906	p. 1 Capa	
		Sem valor		01/11/1906	p. 2 Capa	
		Sem valor		01/11/1906	Contra Capa	
		Sem valor		01/11/1906	p. 1 Contra Capa	
		Sem valor		01/11/1906	p. 2 Contra Capa	
		Sem valor		01/11/1906	p. 3 Contra Capa	
		Sem valor		15/11/1906	p. 2 Capa	

		Sem valor		15/11/1906	p. 3 Capa	
		Sem valor		15/11/1906	Contra Capa	
		Sem valor		15/11/1906	p. 1 Contra Capa	
		Sem valor		15/11/1906	p. 2 Contra Capa	

APÊNDICE B**Títulos dos Editoriais da Revista Agrícola (SSA)**

Títulos dos editoriais da Revista Agrícola (SSA) de 1905

1905			
Título	Referência	Autor(es)	Obs.
Chama et ne cesses	15/01/1905 – n. 1	Theodoreto Nascimento	Tradução: Chama e não pára
O problema actual – O Convênio de Bruxellas – assucares	01/02/1905 – n. 2	Homero de Oliveira	-
Situação financeira e econômica	15/02/1905 – n. 3	Homero de Oliveira	
A questão capital	01/03/1905 – n. 4	Homero de Oliveira	Sobre o preço do açúcar
Organização do trabalho	15/03/1905 – n. 5	Homero de Oliveira	
Banco de Sergipe	01/04/1905 – n. 6	Homero de Oliveira	
A agricultura nas escolas primárias	15/04/1905 – n. 7	Homero de Oliveira	
Associações agrícolas	01/05/1905 – n. 8	Homero de Oliveira	
Immigração e Emigração I	15/05/1905 – n. 9	Homero de Oliveira	
Immigração e Emigração II	01/06/1905 – n. 10	Homero de Oliveira	
A política e a agricultura	15/06/1905 – n. 11	Homero de Oliveira	
A questão dos impostos	01/07/1905 – n. 12	Homero de Oliveira	Tributação sobre a circulação de mercadorias
A Lavoura	15/07/1905 – n. 13	Homero de Oliveira	Sobre a importância da lavoura para a Nação, sua crise e soluções
A política e a agricultura	01/08/1905	Homero de Oliveira	A repetição do título de 15/06 é intenção do editor;
A nossa Revista	15/08/1905	Homero de Oliveira	Balanço de seis meses da Revista; publica carta de Dionísio Eleutério de Menezes, benfeitor da Revista.
Código Rural	01/09/1905 – n. 16	-	Publicação do Código até o Artigo 31, continua em 15/09/1905.
A nova política e sua primeira vitória	15/09/1905 – n. 17	Homero de Oliveira	Pela candidatura de Nilo Peçanha a Vice-Presidente do Brasil
-	01/10/1905 – n. 18	-	Sem exemplar na encadernação, apenas a capa.
Cultura do Arroz	15/10/1905 – n. 19	Xavier Moreira	Matéria proveniente do Rio de Janeiro. Continua a publicação do Código Rural.
Conferencia Assucareira	01/11/1905 –	-	Sobre a segunda

	n. 20		conferência açucareira realizada no Recife
Conferencia Assucareira II	15/11/1905 – n. 21	-	-
A lavoura de canna no Estado	01/12/1905 – n. 22	Homero de Oliveira	
A lavoura de canna no Estado	15/12/1905 – n. 23	Assinante Lavrador	

Títulos dos editoriais da Revista Agrícola (SSA) de 1906

1906			
A lavoura da canna no Estado	01/01/1906 – n. 24	Assinante Lavrador	-
A lavoura da canna no Estado	15/01/1906 – n. 25	-	-
A lavoura da canna no Estado	01/02/1906 – n. 26	Lavrador Assignante	-
A última reunião de Laranjeiras – A organização do Sindicato Agrícola do Cotiguyba	15/02/1906 – n. 27	-	-
Situação Agrícola	01/03/1906 – n. 28	Homero de Oliveira	-
A propósito da maniçoba	15/03/1906 – n. 29	-	-
Valorização do café	01/04/1906 – n. 30	Homero de Oliveira	-
A Polycultura em Sergipe	15/04/1906 – n. 31	Theodoreto Nascimento	-
Valorização do açúcar	01/05/1906 – n. 32	Homero de Oliveira	-
Dr. Affonso Penna	25/05/1906 – n. 33	Theodoreto Nascimento	-
Interesses de Sergipe	15/06/1906 – n. 34	Homero de Oliveira	-
Interesses de Sergipe	01/07/1906 – n. 35	Homero de Oliveira	-
Interesses de Sergipe	15/07/1906 – n. 36	Homero de Oliveira	-
Sobre a Lavoura	01/08/1906 – n. 37	(Entrevista)	Transcrição de entrevista do jornalista Lemos Britto, d' A Bahia, com Theodoreto do Nascimento
Situação Agrícola	15/08/1906 – n. 38	Homero de Oliveira	-
A Lavoura Sergipana que nos ouça	01/09/1906 – n. 39	Homero de Oliveira/Curvello de Mendonça	O exemplar foi extraído da encadernação
A crise do açúcar – as sociedade agrícolas e aos Lavadores de Sergipe	15/09/1906 – n. 40	Curvello de Mendonça	-
Cultura do arroz (Continuação do artigo publicado em 15 de outubro de 1905)	01/10/1906 – n. 41	Xavier Moreira	-
A Lavoura diante da Assemblea do Estado	15/10/1906 – n. 42	Homero de Oliveira	-
Caixa de Conversão	01/11/1906 – n. 43	Homero de Oliveira	-
O novo Governo – O Conselheiro Afonso Penna	15/11/1906 – n. 44	Homero de Oliveira	-
Olympio Campos	01/12/1906 – n. 45	Homero de Oliveira	-
Aspectos Economicos	15/12/1906 – n. 46	Curvello de Mendonça	Artigo extraído do Jornal “O Paiz”

Títulos dos editoriais da Revista Agrícola (SSA) de 1907

1907			
Título	Referência	Autor	Obs.
Terceiro Anno	01/01/1907 – n. 47	Homero de Oliveira	-
Ministério da Agricultura	15/01/1907 – n. 48	-	(Sem capa)
As vias de Comunicação e A Agricultura em Sergipe	01/02/1907 – n. 49	Artur X. Moreira	-
Finanças do Estado – O Dr. João Maynard – o seu Relatório	15/02/1907 – n.50	A Redação	João Maynard – Inspetor do Tesouro do Estado
O Chollera Azul ou o Cholera das Galinhas	01/03/1907 – n. 51	Mendes Franco	-
Vida Rural – A Tiririca	15/03/1907	E. Brodowski	Assinado também por Rinaldo Salles Oliveira (provavelmente uma tradução) da Sociedade Paulista de Agricultura.
Situação Perigosa	01/04/1907 – n. 53	Homero de Oliveira	Fala que “representa as classes conservadoras”
Banco de Sergipe – Relatório – Finanças do Estado	15/04/1907 – n. 54	-	-
Banco de Sergipe – Relatório – Finanças do Estado II	01/05/1907 – n. 55	Homero de Oliveira	-
A Agricultura	15/05/1907 – n. 56	Costa Filho	-
Novas Illuzões	01/06/1907- n. 57	Homero de Oliveira	-
Em torno da Folha de Sergipe	15/06/1907 – n. 58	Homero de Oliveira	-
Em torno da Folha de Sergipe	01/07/1907 – n. 59	Homero de Oliveira	-
Sergipe na exposição de 1908	15/07/1907 – n. 60	A Redação	-
A Função das Plantas	01/08/1907- n. 61	J. V. Gonçalves de Souza	-
A crise agrícola e sua conjuração III	15/08/1907 – n. 62	-	Parte I e II aparecem fora do editorial em edições anteriores
Direitos e privilégios do lavrador	01/09/1907 – n. 63	Zacharias dos Reis	Da Associação Comercial de Sergipe
Interesses Agrícolas	15/09/1907 – n. 64	-	-
As mattas e as seccas em Sergipe	01/10/1907 – n. 65	Artur Xavier Moreira	O autor assina de Cruz Alta
Uma nova fibra têxtil	15/10/1907 – n. 66	Pedro Garcia Moreno	-

Febre Aftosa	01/11/1907 – n. 67	Lourenço Granato	-
A febre aftosa – como se obtem a sua cura	15/11/1907- n. 68	-	Extraído d'O Brazil
Conferencia Publica – realizada – realizada no Salão do Gabinete de Leitura da cidade de Maroim	01/12/1907 – n. 69	Evangelino Faro	
Conferencia Publica – realizada – realizada no Salão do Gabinete de Leitura da cidade de Maroim (continuação)	15/12/1907 – n. 70	Evangelino Faro	Conferencia concluída e publicada na Revista Agrícola de 01/01/1908

Títulos dos editoriais da Revista Agrícola (SSA) de 1908

1908			
Título	Referência²³⁰	Autor	Obs.
Revista Agrícola	01/01/1908 – n. 71	-	-
Industria têxtil – os gravatás	15/01/1908 – n. 72	J. B. Monteiro Silva	-
Conferencia publica – realizada no salão da Intendencia Municipal de Laranjeiras	01/02/1908 – n. 73	Evangelino de Faro	-
Conferencia publica – realizada no salão da Intendencia Municipal de Laranjeiras	15/02/1908 – n. 74	Evangelino de Faro	-
A febre aphtosa nos equideos	01/03/1908 – n. 75	-	-
	15/03/1908 – n. 76	-	Sem exemplar, mas a numeração das ppáginas de 01/03 continua em 01/04
A secca	01/04/1908 – n. 77	José Camponéz	-
O gravatá	15/04/1908 – n. 78	-	-
Dr. Curvello de Mendonça	01/05/1908 – n. 79	-	-
Um grito de alarme	15/05/1908 – n. 80	Do Country Gentleman	Sobre problemas com a raça Zebú; antes da página do editorial, uma matéria com o seguinte título: O Pleito Prezidencial – Sociedade Sergipana de Agricultura – Dr. Theodoreto do Nascimento
A cultura das abelhas – noções e conselhos de apicultura	01/06/1908 – n. 81	-	antes da página do editorial, uma matéria com o seguinte título: O Pleito Prezidencial – Sociedade Sergipana de Agricultura – Dr. Theodoreto do Nascimento e o Senador Coelho e Campos
As moscas das fructas	15/06/1908 – n. 82	A. A. Barbiellini	Do “Entomologista Brasileiro”
As moscas das fructas (continuação)	01/07/1908 – n. 83	Da “Revista Agrícola do Rio Grande do Sul”	-
Raça Jersey	15/07/1908 – n. 84	-	-
A influencia da Lua	01/08/1908 – n. 85	Heictor de Sá	-
A cultura do coqueiro	15/08/1908 – n. 86	-	antes da página do editorial, uma matéria com o seguinte título: Dr.

²³⁰ Numeração atribuída.

			Dionysio Eleuthério de Menezes
Insectos uteis a agricultura	01/09/1908 – n. 87	-	Do “Entomologista Brasileiro”
A criação de abelhas	15/09/1908 – n. 88	Emilio Schenk	
A Lavoura no Oriente e no Brasil – Memoria apresentada ao 2º. Congresso Nacional de Agricultura pelo Dr. Theodoreto do Nascimento	01/10/1908 – n. 89	Theodoreto do Nascimento	-
A Lavoura no Oriente e no Brasil – Memoria apresentada ao 2º. Congresso Nacional de Agricultura pelo Dr. Theodoreto do Nascimento	15/10/1908 – n. 90	Theodoreto do Nascimento	-
A Lavoura no Oriente e no Brasil – Memoria apresentada ao 2º. Congresso Nacional de Agricultura pelo Dr. Theodoreto do Nascimento	01/11/1908 – n. 91	Theodoreto do Nascimento	-
Arboricultura	15/11/1908 – n. 92	Olimpio Netto	Do “Jornal dos Agricultores” do Rio
A cultura do coqueiro (conclusão)	01/12/1908 – n. 93	E. Mager	Do “Jornal dos Agricultores” do Rio
A vida rural	15/12/1908 – n. 94	G. Rossi.	D’O Paiz. Sobre raça de gado

APÊNDICE C

Equivalência de valores entre exemplares e anúncios na Revista Agrícola (SSA) e demais produtos e periódicos no período

VALORES DE ALGUNS PERIÓDICOS NO TEMPO DA REVISTA						
Título	Ano	Endereço	Preço avulso	Assinatura/mês	Assinatura/semestre	Assinatura anual
Estado de Sergipe (O)	1908	Rua da Aurora em frente à Alfândega	\$100	1\$500	5\$000	-
Razão (A)	1907	-	200rs	-	-	
Revista Agrícola	1905	-	\$500	-	-	12\$000 (capital) 12\$500 (interior)
Revista Forense	1907	-	2\$000	22\$000	-	-

Fonte: Revista Agrícola (SSA) (1905-1908); Revista Forense, 1907; O Estado de Sergipe, 1908.

Fonte: Elaborado a partir de dados existentes na Revista Agrícola (SSA) (1905-1906)

PRODUTOS ANUNCIADOS NA REVISTA E VALORES				
Produto	Data	Quantidade	Valor	Observação
Valor de aluguel de espaço para anúncio pequeno (1/4) de página na Revista Agrícola	Maio de 1905	01	1\$500	Não informam a duração do aluguel
Garrafa de vinho Figueira	Março 1905	01	1\$200	Vinho importado de Portugal
Livro Dom Quixote de La Mancha	15/09/1906	01 volume	5\$000	Edição brasileira ilustrada, comercializada na Imprensa Moderna
Cartão de visita	15/10/1906	O cento	De 2\$000 a 4\$500	Produzidos na Imprensa Moderna

APÊNDICE D**Sumário das edições da Revista Agrícola (1905 a 1908)**

SUMÁRIO - 1905				
AUTOR	TÍTULO	ANNO/NÚMERO	DATA	OBSERVAÇÃO
Dr. Theodoreto do Nascimento	Chama Et Ne Cesses	I/1	15/01/1905	—
Dr. Homero de Oliveira	A Guisa de Programma			—
Dr. José Ribeiro	Formigas Cuyabanas			Extraído do Agricultor Prático do Recife
Dr. Theodoreto do Nascimento	Relatorio			Apresentado a Sociedade Sergipana de Agricultura por seu Presidente, Dr. Theodoreto do Nascimento na sessão de 1º de Janeiro de 1905
—	Noticias Diversas: Exposição de S. Luiz Instrumentos agricolas	I/2	01/02/1905	—
Homero de Oliveira	O Problema Actual O Convenio de Bruxellas Assucars			190
Dr. Theodoreto do Nascimento	Nossa utilidade			—
Evangelino de Faro	Relatorio			Apresentado ao Exm. Sr. Dr. Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura
—	Noticias Diversas Como nos receberam A electricidade esterilizando o leite			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/3	15/02/1905	—
Homero de Oliveira	Situação financeira e economica			—
—	Movimento agricola			Extraído D' O Paiz
—	Como nos receberam			—
Evangelino de Faro	Relatorio	I/3	15/02/1905	Apresentado ao Exm. Sr. Dr. Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura
—	Noticias Diversas: Animadora contribuição Um exemplo a imitar Credito de Sergipe Devoluções Commercio de fructas nos	I/3	15/02/1905	—

	Estados Unidos Borracha de Maniçoba Fallecimento Conferencia Assucareira			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	A Questão Capital	I/4	01/03/1905	—
—	Segunda Conferencia Assucareira			—
—	Como nos receberam			—
Evangelino de Faro	Relatorio			Apresentado ao Exm. Sr. Dr. Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura
—	Noticias Diversas: Formigas cuyabanas Temos recebido e agradecemos O valor da fibra da bananeira Nossa Revista			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	Organização do trabalho	I/5	15/03/1905	—
Dr. Theodoreto do Nascimento	Nossa utilidade			—
Homero de Oliveira	Alagoas-Sergipe	I/5	15/03/1905	—
—	Como nos receberam	I/5	15/03/1905	—
Evangelino de Faro	Relatorio			Apresentado ao Exm.Sr.Dr.Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura
-	Noticias Diversas As ultimas chuvas Temos recebido e agradecemos Sementes e plantas Garrotilho			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação			—

	Cotações da praça do Rio			
Homero de Oliveira	Banco de Sergipe	I/6	01/04/1905	—
Dr. Theodoro do Nascimento	O que devem fazer os lavradores			
Padre Olympio Campos	Banco de Sergipe			
—	Como nos receberam			
—	Organização Bancaria/Banco de Credito da Lavoura da Bahia			
—	Noticias Diversas: Banco Agricola da Bahia Anuncios Revistas e Jornaes Conferencia Assucareira A rez hervada			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/7	15/04/1905	—
Homero de Oliveira	A Agricultura nas escolas primarias			—
—	Dr. Messias de Gusmão			—
—	Nossa Revista			—
—	Como nos receberam			
—	Um Apello	I/7	15/04/1905	-
—	Distribuição gratuita			Officio Ministerio da Industria, Aviação e Obras Publicas-Rio de Janeiro, 27 de Março de 1905 para o Sr.Presidente da Sociedade Sergipana de Agricultura
Lauro Severiano Muller	Franquia Postal			
L. Correa de Brito	Instrumentos aratorios de disco			
A. D. Lagarde	Alcool de batata doce			Extraído da Revista Agricola do Estado de S.Paulo
—	Noticias Diversas: Banco de Sergipe Distribuição de medalhas Industria sergipana Honrosa nomeação O sangue secco na alimentação			—

	dos bezerros Aramina O mofo preto nas laranjeiras Instituto Internacional da Itália Exportação de abacaxis Produção de manteiga na Inglaterra			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	Associações Agrícolas			—
—	O trabalho Agrícola em Sergipe	I/8	01/05/1905	—
—	Um apello			—
—	Distribuição gratuita	I/8	01/05/1905	—
—	Organisação do trabalho			Aos Lavradores de Sergipe
Colin Campbell	Canna e beterraba	I/8	01/05/1905	—
J. Amandio Sobral	Industria auxiliar importante			—
—	Como nos receberam			—
Arthur Xavier Moreira	Collaboração Pecuaria			—
—	Noticias Diversas: Venda de homens Peso do gado mineiro O assucar brazileiro na Inglaterra Conselhos uteis	I/8	01/05/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	Immigração e Emigração			—
Arthur Xavier Moreira	Collaboração Um systhema singular de viticultura	I/9	15/05/1905	Tradusido do Forum, de Turim
—	Distribuição gratuita			—
—	Organisação do trabalho			Aos Lavradores de Sergipe
—	Therapeutica das			—

	plantas			
—	Molestias do gado Nagana			—
—	Um Apello			—
Gomes Carmo	O Governo Federal Americano e a Agricultura			Extraído do Boletim da Agricultura de S.Paulo
Dr. João de Medeiros	Veterinaria avicula			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas: Comunicação O platano e o trigo Produção do assucar Contra o veneno da cobra Annuncios	I/9	15/05/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/9	15/05/1905	—
Homero de Oliveira	Immigração e Emigração			—
Dr. Theodoreto do Nascimento	Como Despedida			—
—	Como nos receberam			—
—	Annuncios			—
—	Um Apello			—
—	Distribuição gratuita			—
—	Organisação do trabalho			Aos Lavradores de Sergipe
—	Preços de gado de raça			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas: Impanidi progrediamur Dr. Affonso de Mendonça O amendoim e a insomnia Rabanetes transformados em batatas Bóde que dá leite	I/10	01/06/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	A Política e a Agricultura			—
—	Um Apello	I/11	15/06/1905	—
—	Distribuição			—

	gratuita			
—	Annuncios			—
Julio Brandão Sobrinho	Batata Inglesa			Inspector do 3º Districto Agronomico
—	Organisação do trabalho			Aos Lavradores de Sergipe
—	Molestias do gado			Extraído do Boletim da Agricultura de S.Paulo
F. M. Siqueira Genro	A bouba nas aves e seu tratamento			—
—	Noticias Diversas: Dr. Theodoreto Nascimento Formigas Cuyabanas Livros novos Pecuaria Conservação das flores	I/11	15/06/1905	—
-	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/11	15/06/1905	—
Homero de Oliveira	A questão dos impostos			—
Gustavo d'Utra	Molestias do gado			Extraído do Jornal dos Agricultores
Julio Brandão Sobrinho	Batata Inglesa			Inspector do 3º Districto Agronomico
—	Annuncios			—
—	Distribuição gratuita			—
—	Conferencia Assucareira			Extraído do Diario de Noticias da Bahia
—	Noticias Diversas: Dr. Theodoreto do Nascimento Cultura da maniçoba Formigas Cuyabanas Nosso café no Chile A População do Brasil O milho quarentino S. Paulo	I/12	01/07/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Homero de Oliveira	A Lavoura			—
Gustavo d'Utra	Molestias do gado	I/13	15/07/1905	—
—	Distribuição			—

	gratuita			
—	Annuncios			—
—	Preços de gado de raça			—
Henrique Silva	Pecuaria Procedencia do gado Caracú	I/13	15/07/1905	—
Dr. Ennes de Souza	Polycultura			—
—	Noticias Diversas: Os novos semeadores de milho			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/13	15/07/1905	—
Homero de Oliveira	A Politica e a Agricultura			—
—	Annuncios			—
Arthur X. Moreira	Collaboração			—
—	Distribuição gratuita			—
Antonio de Medeiros	Industria Assucareira			—
Dr. Ennes de Souza	Polycultura			—
—	Noticias Diversas: Dr. Arthur X. Moreira Officio recebido Coronel Sebastião Menezes José do Patrocinio Estações agronomicas na Hollanda As bacterias do leite O leite condensado Figos passados	I/14	01/08/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
Dionysio Eleutherio de Menezes	A nossa Revista	I/15	15/08/1905	—
—	A Imprensa Moderna	I/15	15/08/1905	—
A. X. Moreira	Collaboração		15/08/1905	Trad. do Forum, de Turim
—	Distribuição gratuita			—

Alberto Löfgren	As Formigas Cuyabanas	I/15		Extraído do Boletim de Agricultores de S.Paulo
—	Polycultura			Extraído da Lavoura
—	Noticias Diversas: Sociedade Alagoana de Agricultura Cultura da Maniçoba Vinho de laranjas Manteiga de côco A industria do coqueiro Grude para enxertos A manteiga A borracha do Brasil Picada de escorpião Allemaes em Santa Catharina Dores de dentes Cultura do arroz no Rio Grande do Sul Novo engenho central de arroz A Imprensa Moderna Annuncios			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
—	Codigo Rural	I/16	01/09/1905	—
—	Uma Epizootia			—
—	A Pagina do Criador			Extraído da Revista Agricola de Santa Catharina
M. J. Gomes de Freitas	Rotação das Culturas			Extraído da Revista Agrícola do Rio Grande do Sul
—	Noticias Diversas: As linguas faladas Conservação das plantas colhidas Conservação das flores colhidas Para tornar volumosas as fructas Destruição do capim das aléas A borracha artificial	I/16	01/09/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação	I/16	01/09/1905	—

	Cotações da praça do Rio			
Homero de Oliveira	A nova Política e a sua primeira victoria	I/17	15/09/1905	—
—	Codigo Rural			—
—	A Pagina do Criador			Extraído da Revista Agricola de Santa Catharina
—	Noticias Diversas: Grude para enxertos			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
—		I/18	01/10/1905	Exemplar não consta na encadernação
Xavier Moreira	Cultura do arroz	I/19	15/10/1905	—
Josino Menezes Terencio Sampaio	Codigo Rural			—
—	Sociedade Sergipana de Agricultura			—
—	A Pagina do Criador			Extraído da Revista Agricola de Santa Catharina
Rinaldo Salles de Oliveira	Pecuaria			—
—	Noticias Diversas: The Louisiana Planter and Sugar Manufacturer As bananas do Brasil Conservação de ovos O processo "Hinton-Naudet" para a extracção do assucar de canna Lavragem da terra com arados a vapor	I/19	15/10/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/19	15/10/1905	—
—	Conferencia Assucareira	I/20	01/11/1905	—
João Ignacio Ferreira Lapa	Apicultura			Extraído da Gazeta das Aldeias
João Ignacio Ferreira Lapa	Zootechnia do gado lanigero			—
Edmundo	Consequencias			—

Théry	cambiaes			
—	A Pagina do Criador			Extraído da Revista Agricola de Santa Catharina
—	Noticias Diversas: Industria do algodão Obstaculos aos capitaes estrangeiros Sociedade Sergipana de Agricultura			—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
—	Conferencia Assucareira	I/21	15/11/1905	—
—	A Pagina do Criador			Extraído da Revista Agricola de Santa Catharina
—	Noticias Diversas: Bacteroides proprios de certas plantas Credito rural As florestas Experencia útil Sociedade Sergipana de Agricultura Annuncios	I/21	15/11/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/21	15/11/1905	—
Homero de Oliveira	A lavoura da canna no Estado	I/22	01/12/1905	—
—	O problema agricola			Extraído D' O Paiz
J. Ph. Wagner	Alimentação dos Suínos			—
Dias Martins	Hygiene Rural			—
—	Annuncios			—
—	Noticias Diversas: Navegação de Sergipe Banco de Sergipe Sociedade Sergipana de Agricultura Grandes engenhos de assucar O trigo na Inglaterra A producção			—

	assucareira e os stocks visíveis Zebroides Relatorio do Ministro da Fazenda Commercio universal em 1904			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			—
—	A lavoura da canna no Estado	I/23	15/12/1905	Assignante Lavrador
—	Programa Agricola			Extraído do parecer do deputado Ignacio Tosta, relator do orçamento da industria e viação
—	Observações sobre a Estatistica Agricola			Extraído D'A Lavoura I
—	Noticias Diversas: O leite da cabra como alimento das creanças Orçamento para 1906 Maniçoba Sociedade Sergipana de Agricultura	I/23	15/12/1905	—
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	I/23	15/12/1905	—

SUMÁRIO - 1906				
AUTOR	TÍTULO	ANNO/NÚMERO	DATA	OBSERVAÇÃO
—	A lavoura da canna no Estado	II/24	01/01/1906	Assignante Lavrador
Homero de Oliveira	Revista Agricola			-
—	S. Sergipana de Agricultura			-
—	Observações sobre a Estatística Agricola			Extraído D'A Lavoura I
W.Bello	A saúva			-
Henrique Silva	Mammiferos e aves uteis à lavoura			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas Coronel Francisco Martins Uma vaca extraordinaria Festa das arvores Azeite de algodão Sociedades Cooperativas Agricolas Orçamento para 1906 Maniçoba Os gafanhotos Machinas agricolas Producção Universal de Seda em 1904 Exposição de aparelhos a alcool Sociedade Nacional de Agricultura	II/25	15/01/1906	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
—	A lavoura da canna no Estado	II/25	15/01/1906	-
João M.Paldaof	Formigas cuyabanas			Extraído do Jornal dos Agricultores
Lourenço Granato	Notas sobre o preparo da baunilha			Extraído do Boletim de Agricultura de S.Paulo
—	S. Sergipana de Agricultura			-
L. Granato	A cultura do cacauero			Extraído da Revista Agricola de S.Paulo
—	Variedades da maniçoba			Extraído do Jornal de Agricultura Tropical
—	Noticias Diversas: Senador Olympio Campos Dr. Theodoreto do Nascimento Odilon Martins e Adolpho Vieira Immigração	II/25	15/01/1906	-
—	Secção Commercial Generos de	II/25	15/01/1906	-

	Exportação Cotações da praça do Rio			
—	A lavoura da canna no Estado	II/26	01/02/1906	Lavrador assignante
Homero de Oliveira	A Comissão do Oriente			-
Dr. Theodoreto do Nascimento	De regresso			-
Carlos Nunes Rabello	Influencia do clima sobre a agricultura			Extraído do Annuario da Escola Polytechnica de S.Paulo-1905
—	Variedades da maniçoba			-
—	Noticias Diversas: Dr. Curvello de Mendonça Telegramma Escola Agricola Luiz Queiroz			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	II/27	15/02/1906	-
—	A ultima reunião de Larangeiras			-
—	Ainda a comissão do Oriente			Entrevista com o Dr. Miguel Calmon
Dr. Theodoreto do Nascimento	A praga dos incendios			-
Carlos Nunes Rabello	Influencia do clima sobre a agricultura			Extraído do Annuario da Escola Polytechnica de S.Paulo-1905
—	Noticias Diversas: Para o Rio Gado vaccum no Rio Grande do Sul Café em Londres Annuncios Para fabricar o anisette S. Sergipana de Agricultura Colheita de café de 1906-1907, nos Estados do Rio e Minas Premios à cultura da maniçoba Brazileiros no Oriente Algodão Necessario às Famílias e aos Lavradores A Borracha	II/27	15/02/1906	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do	II/27	15/02/1906	-

	Rio			
Homero de Oliveira	Situação Agrícola	II/28	01/03/1906	-
—	Sociedade Sergipana de Agricultura			O Presidente, Dr. Theodoretto do Nascimento
H.S.A.	Interesses da Lavoura			Extraído do Jornal de Noticias da Bahia
J. Ignacio Tosta	Cultura e exportação de fructas			-
Miguel Calmon du Pin e Almeida	O fumo de Sumatra			-
—	Annuncios			-
Carlos Nunes Rabello	Influencia do clima sobre a agricultura			Extraído do Annuario da Escola Polytechnica de S.Paulo-1905
—	Noticias Diversas: Nossa Revista O fumo de Sumatra Inundação Sementes de graça Necessario às Famílias e aos Lavradores S. Sergipana de Agricultura			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Dr. Theodoretto Nascimento	A proposito da maniçoba	II/29	15/03/1906	-
Alberto Löfgren	O carrapato			Extraído do Boletim da Agricultura
Dr. Aristides Caire	Capim Jaraguá ou Provisorio			Extraído do Annuario do Estado do Rio Grande do Sul, para 1901
—	Annuncios			-
—	Noticias Diversas: Sociedade Sergipana de Agricultura Premios à cultura da Maniçoba O que é um Syndicato Agrícola? O Fumo Ensino agricola Seleccção do gado-O zebu Agronomia e zootechnia Adubos do trigo Para fabricar o anisette Club Recreativo e Litterario da Estancia Gado vaccum	II/29	15/03/1906	-

	S. Sergipana de Agricultura			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	II/29	15/03/1906	-
Homero de Oliveira	Valorisação do Café	II/30	01/04/1906	-
—	O problema assucareiro			Conferencia do Dr. Antonio de Medeiros
—	Pela Lavoura			Extraído da Gazeta de Noticias, do Rio
—	A genese do arado			Traduzido da revista-americana American Farmer para o Lavrador do Rio Grande do Norte
—	S. Sergipana de Agricultura			-
Miguel Calmon du Pin e Almeida	O fumo de Sumatra			-
—	Noticias Diversas: O Lavrador Dr. Curvello de Mendonça			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Dr. Theodoro do Nascimento	A Polycultura em Sergipe	II/31	15/04/1906	-
—	Mercado para os nossos Assucares			Extraído do Jornal dos Agricultores
Luiz Mendes	O Gergelim			Extraído do Boletim da Secretaria de Agricultura, Viação e Obras Publicas do Estado da Bahia
—	S. Sergipana de Agricultura			-
Miguel Calmon du Pin e Almeida	O fumo de Sumatra			-
—	Valorização do Café			-
—	Noticias Diversas: Telegrammas Hospedes illustres Sociedade sergipana de Agricultura			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	II/31	15/04/1906	-
Homero de Oliveira	Valorisação do Assucar	II/32	01/05/1906	-

—	O Commercio de Fructas			-
—	S. Sergipana de Agricultura			-
Miguel Calmon du Pin e Almeida	O fumo de Sumatra			-
—	A crise Agrícola do Norte			Extraído D'A Noticia, do Rio
—	Noticias Diversas: Correspondencia			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Dr. Theodoretto do Nascimento	Dr. Affonso Penna	II/33	25/05/1906	-
Homero de Oliveira	Lavoura Sergipana			-
—	Palavras de S. Ex. o Dr. Affonso Penna			Extraído do programma politico de S. Exc.
Miguel Calmon du Pin e Almeida	O fumo de Sumatra			-
—	Palavras de S. Ex. o Dr. Affonso Penna			Extraído do programma politico de S. Exc.
—	S. Sergipana de Agricultura			-
—	Noticias Diversas: Na Africa? Palavras de S. Ex. o Dr. Affonso Penna Uma nova planta sacharina Maniçoba em Sergipe A Borracha no Brazil Industria Pastoril Dr. Arão Reis Pão Brasileiro Correspondencia A Imprensa Fluminense			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Interesses de Sergipe	II/34	15/06/1906	-
—	Industria da borracha de maniçoba			-
—	A Recepção do Dr. Affonso Penna			-
—	Noticias Diversas: A Bandeira da Escola Benemerito Cacau S. Sergipana de Agricultura	II/34	15/06/1906	-

	Correspondencia Commercio de frutos			
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	II/34	15/06/1906	-
Homero de Oliveira	Interesses de Sergipe	II/35	01/07/1906	-
Isa Tweed	A Propozito do Zebu'			-
—	Noticias Diversas: Correspondencia O sal e o gado Meio de tornar o fumo inoffensivo Consumo do assucar em França Mercado de algodão em 1905 S. Sergipana de Agricultura Os bois e os carreiros Industrias de criação A Banana Borracha Illustre hospede Missão agricola importante			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Interesses de Sergipe	II/36	15/07/1906	-
Dr. Theodoro do Nascimento	Imposto de sangue			-
Eng. S. Guimarães	A Crise do Assucar			-
—	Polycultura			Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Noticias Diversas: Revista Agricola Maniçoba em Sergipe Exposições estadaes Conferencias agricolas Algodão			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Lemos Britto	Sobre a Lavoura	II/37	01/08/1906	-
Eng. S. Guimarães	A Crise do Assucar			-
—	S. Sergipana de Agricultura			-

José Nunes Maynard	Assumptos Agrícolas	II/37	01/08/1906	
—	Polycultura	II/37	01/08/1906	Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Noticias Diversas: Revista Agricola Correspondencia Raro exemplo Colheita e Remessa Movimento Agricola Escola Agricola da Bahia Dr. Fausto Cardoso			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Situação Agricola	II/38	15/08/1906	-
—	S. Sergipana de Agricultura			-
Eng. S. Guimarães	A Crise do Assucar			Extraído do Boletim da Agricultura da Bahia
—	Polycultura			Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
—	O Assucar			Extraído do Jornal do Commercio
L. B.	Considerações de um Lavrador			-
—	Noticias Diversas: Nova Situação Dr. Joviniano de Carvalho Representação A Commissão do Oriente Monsenhor Olympio Campos Correspondencia Revista Agricola			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	A Lavoura Sergipana que nos ouça	II/39	01/09/1906	-
Curvello de Mendonça	Pernambuco na Conferencia Assucareira			-
Dr. Theodoreto Nascimento	A Lavoura e o Governo			-
G. Rossi	A Vida rural			Extraído D'O Paiz de 3 Julho de 1906
H. S. D'Alcantara	Uma riqueza em perspectiva			Presidente do Concelho Municipal

—	Polycultura	II/39	01/09/1906	Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Noticias Diversas: Dr. Fausto Cardoso A canna de assucar na Hespanha O Economista Brasileiro Revista Agricola Correspondencia	II/39	01/09/1906	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			Suporte Danificado
Curvello de Mendonça	A Crise do Assucar A's Sociedades Agricolas e aos Lavradores de Sergipe	II/40	15/09/1906	-
G.Rossi	A Vida rural			Extraído D'O Paiz
—	Polycultura			Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
J. F. Fraser	O Agricultor Americano			-
—	Noticias Diversas: Dr.Theodoreto do Nascimento Dr.Curvello de Mendonça Coronel Sebastião Menezes Dr.Diniz de Faro Farinha de banana Cephas Correspondencia Grandes novidades em sementes			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Dr.Xavier Moreira	Cultura do Arroz	II/41	01/10/1906	-
Cephas	O Dr.Theodoreto Nascimento e A Lavoura Sergipana			-
J. F. Fraser	O Agricultor Americano			Extraído D'O Paiz
—	Cultura do henequen			Extraído do Jornal de Noticias da Bahia
—	Polycultura			Extraído de uma monographia da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Arranjos Domesticos			-

—	Noticias Diversas: S. Sergipana de Agricultura A Flor-Bussola O Sr.Wileman Viação Pan- Americana Tabaco e automoveis Garrafas de papel Conservação de peixes	II/41	01/10/1906	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	II/41	01/10/1906	-
Homero de Oliveira	A Lavoura deante da Assembléa do Estado	II/42	15/10/1906	-
Cephas	Estadista benemerito			-
Gonçalo de Athayde Pereira	Cultura do henequen			-
—	Polycultura			Extraído de uma monographia da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Noticias Diversas: O Lavrador Correspondencia S. Sergipana de Agricultura Valorização do café A aramina Sociedade União Agricola			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Caixa de Conversão	II/43	01/11/1906	-
Xavier Moreira	Novidades Agricolas			Traducção do Forum de Turim, para a Revista Agricola de Sergipe
Manoel Galvão	Iluminação pelo alcool			Extraído D'A Lavoura, do Rio
—	Polycultura			Extraído de uma monographia da Sociedade Nacional de Agricultura
Noticias Diversas	Noticias Diversas: Correspondencia O Okapi Sismometria S.Sergipana de Agricultura O Record do café A industria da laca			-

—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	O Novo Governo O Conselheiro Affonso Penna A Lavoura de Sergipe	II/44	15/11/1906	-
G. d'Utra	Cultura aperfeiçoada das batatas	II/44	15/11/1906	-
G. Rossi	Polycultura			Extraído D'O Paiz
—	S. Sergipana de Agricultura			-
—	Noticias Diversas: Senador Olympio Campos Correio de Aracajú Correspondencia Mercado de Algodão Mercado de assucar Papel moeda Café em pó A nova canna B 208 O assucar Cooperativas agricolas Andar sobre agua A batata Caixa de conversão O Cacau em S. Domingos Bulbos de cacaueiros Navegação para America do Norte Plantação de fumo			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Olympio Campos	II/45	01/12/1906	-
G. d'Utra	Cultura aperfeiçoada das batatas			-
G. Rossi	A Vida rural			Extraído D'O Paiz
S. Menezes	Sem commentarios!			-
—	Noticias Diversas: Sergipe e o novo Governo O Assucar Fructas fluminenses O futuro do Sol Relatorios consulares Correspondencia Distribuição de sementes S.Sergipana de Agricultura			-

—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Curvello de Mendonça	Aspectos Economicos	II/46	15/12/1906	Extraído D'O Paiz
—	O Novo Governo	II/46	15/12/1906	-
G. d'Utra	Cultura aperfeiçoada das batatas			-
—	Noticias Diversas: Dr.Curvello de Mendonça Orçamento da Fazenda Um novo typo de vidro de augmento População da Capital Federal Banco do Brazil Uma invenção Buenos-Ayres Exportação de Henequen Canna Saccharina Correspondencia			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-

1907 - SUMÁRIO				
AUTOR	TÍTULO	ANNO/NÚMERO	DATA	OBSERVAÇÃO
Homero de Oliveira	Terceiro Anno	III/47	01/01/1907	-
Dr. J. C. Travassos	As Industrias do Coqueiro			Extraído do Jornal do Commercio
G. Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
—	A Cultura do Algodão			Extraído do Boletim da Bahia
Coronel Francisco José de Vasconcellos	Noticias Diversas Correspondencia Registro Civil Japonezes na Russia Campos de demonstração em S. Paulo População no Oceano Indico Apparelho de pesca Nas ruinas de Pompéa O toucador Exportações Distribuição de sementes			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
—	Ministerio da Agricultura	III/48	15/01/1907	-
Arthur X. Moreira	Gado lanigero			-
G. Rossi	A Vida Rural			-
—	Polycultura Cultura da cevada			Extraído da Sociedade Nacional de Agricultura
—	Noticias Diversas: Sobre Sergipe Olympio Campos Julgado por Homero de Oliveira Dr. Arthur X. Moreira Escolas commerciaes A actividade Londrina Dinheiro Colonização A Liquefação do ar Arranjos domesticos Correspondencia O lucro da borracha Hybridção do abacaxi			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/48	15/01/1907	-
Arthur X. Moreira	As Vias de Comunicação e A Agricultura em Sergipe	III/49	01/02/1907	-
G. Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
Álvaro da Silveira	A Bananeira			Extraído da Revista Mineira

M. Paulino Cavalcanti	A Sarna			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas: O Limão O Commercio do Marfim Cebolas em Minas Geraes Nova variedade de Milho Orçamentos votados para 1907 Assucar no Rio Correspondencia Relação das fabricas de assucar do Estado de Sergipe tem aparelhos para beneficiar o producto Usinas Boletim Força Hydraulica			Relação das fabricas de assucar do Estado De Sergipe Organizado por- Sebastião de Menezes 15 de Janeiro de 1907
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
—	Finanças do Estado O Dr. João Maynard O Seu Relatorio	III/50	15/02/1907	-
—	A União e os Estados			
G. Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
A. Moulé	Cultura e Fabrico do Assucar			Extraído do Boletim do Comité Central
Affonso Augusto Moreira Penna Augusto Tavares de Lyra	Ministerio da Agricultura			-
—	Noticias Diversas Como nos julgam Caixa de Conversão O Summo do Limão O Manganez como adubo O bagaço de canna O Assucar em Hawaii Mercado de café As carruagens de Eduardo VII Correspondencia Distribuição de sementes	III/50	15/02/1907	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/50	15/02/1907	-
Mendes Franco	O Cholera azul ou Cholera das gallinhas	III/51	01/03/1907	-
G. Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
Dr. Paulino Cavalcanti	Vestimenta da Terra			-

	<p>Noticias Diversas</p> <p>A industria da caseina</p> <p>Origem e natureza das cõres nas plantas</p> <p>A irrigação e a permeabilidade dos solos</p> <p>Influencia da naphtalina</p> <p>A Agricultura em Paraguay</p> <p>Correspondencia</p> <p>A immigração nos Estados Unidos em 1906</p> <p>O hypnotismo dos animaes</p> <p>Apicultura no Chile</p> <p>O trigo em Minas</p> <p>Os prodigio da agricultura na Dinamarca</p> <p>A producção agricola dos Estados Unidos em 1905</p>			-
-	<p>Secção Commercial</p> <p>Generos de Exportação</p> <p>Cotações da praça do Rio</p>			-
Rinaldo Salles Oliveira	Vida Rural	III/52	15/03/1907	Extraído da Sociedade Paulista de Agricultura
G. Rossi	Cultura do Espargo			-
-	Os Beneficios dos Vulcões			Extraído D' O Paiz
-	<p>Noticias Diversas</p> <p>Immigrantes</p> <p>Cafés do Brazil</p> <p>Mercadorias</p> <p>Correspondencia</p> <p>Banco do Brasil</p> <p>Exportação</p> <p>Relatorios</p> <p>Fibras textis</p> <p>Exportação de borracha do Amazonas em 1906</p> <p>Entrada e sahida de algodão no mercado do Rio de Janeiro, de 1901 a 1906</p> <p>Cebolas e alhos do Rio Grande do Sul</p> <p>Syndicato Industrial e Agricola da Bahia</p> <p>Cultura do arroz em S.Paulo</p>	III52	15/03/1907	-
-	<p>Secção Commercial</p> <p>Generos de Exportação</p> <p>Cotações da praça do Rio</p>	III/52	15/03/1907	-

Homero de Oliveira	Situação Perigosa	III/53	01/04/1907	-
J.CH.Boue	Repouso da terra			Extraído do Jornal dos Agricultores
Everardo de Sousa	O arroz e suas culturas			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas Livraria Brasileira Dr.A.Dias de Pinna Monte-Pio A ave e os seus ovos na alimentação Correspondencia Sociedade União Agrícola O zebú no Brazil Honrosa distincção Despezas dos Estados com a instrucção publica Entradas e sahidas de assucar no mercado do Rio de Janeiro de 1898 a 1906			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/54	15/04/1907	-
—	Banco de Sergipe-Relatorio-Finanças do Estado			-
Curvêllo de Mendonça	Homens sapos?			-
G. Rossi	A Vida Rural			-
V. A. A. F	Tuberculose bovina			-
J. V. Gonçalves de Souza	A Mungidura das Vaccas			-
—	Noticias Diversas: Oleo de Amendoim Expansão Commercial Correspondencia Cacão bahiano Sociedade União Agrícola de Laranjeiras	III/54	15/04/1907	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/54	15/04/1907	-
Homero de Oliveira	Banco de Sergipe-Relatorio-Finanças do Estado II	III/55	01/05/1907	-
Lourenço Granato	Cuidados culturaes			-
Arthur Diniz Lagarde	O Gengibre			-
Eduardo Cequeira	O Petroleo como Insecticida			-

—	Clarificação do caldo da canna			Extraído do Boletim n.4 do Comité Central
—	Correspondencia			-
—	Mais um projecto de lei em prol da agricultura			-
—	Conservação das Laranjas			-
—	Gallinhas Dorking			-
—	Exportação do Brasil em 1906			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Costa Filho	A Agricultura	III/56	15/05/1907	-
Domingos Barros	Sulfitação do Caldo de Canna			Extraído do Boletim do Comité Central
Affonso Augusto Moreira Penna Miguel Calmon du Pin e Almeida	Decreto n.1637			-
Julio Roux-Anales de la Asociacion de Ginaderos de Montevidéo	Raça Shropshire			Extraído da Revista Agricola do Rio Grande do Sul
—	Noticias Diversas: Gilberto Amado Folha de Sergipe Dr. Leandro Diniz Estradas de Ferro Correspondencia O assucar na Italia O mel de abelhas na Europa Cultura das terras sêccas do Norte do Brasil Arrecadação da sobre-taxa do café A borracha no Acre Perfumes das Flores	III/56	15/05/1907	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/56	15/05/1907	-
Homero de Oliveira	Novas Illuzões?	III/57	01/06/1907	-
Costa Filho	A Industria			-
—	Salarios agricolas			Extraído do São Paulo
J.Amandio Sobral	Lavoura			Extraído do Boletim da Agricultura do Estado de S.Paulo

—	Noticias Diversas: A colheita mundial de cereaes em 1906 Correspondencia Tristeza bovina A producção de vinho no Rio Grande do Sul O assucar no Rio Movimento migratorio pelos portos do Rio e Santos em 1906 Rendimento das Alfandegas Federaes Mensagem Federal Exportação de productos nacionaes O assucar na Inglaterra Receita para conservar as fructas maduras			-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio			-
Homero de Oliveira	Em Torno da Folha de Sergipe	III/58	15/06/1907	-
Curvello de Mendonça	Banco de Sergipe			Extraído D' O Paiz
Costa Filho	A lavoura			-
Affonso Augusto Moreira Penna Miguel Calmon du Pin e Almeida	Povoamento do solo			-
—	Bases regulamentares para o serviço de povoamento do solo nacional, às quaes se refere o decreto n.6.455, desta data			-
—	Noticias Diversas O Ministerio da Agricultura Topazios azues Correspondencia	III/58	15/06/1907	-
—	Secção Commercial Generos de Exportação Cotações da praça do Rio	III/58	15/06/1907	-
Homero de Oliveira	Em Torno da Folha de Sergipe	III/59	01/07/1907	-
Costa Filho	O ideal agricola			-
Evangelino de Faro	A crise agricola e a sua conjuração			-
Homero de Oliveira	Rebatendo Golpes			-
Curvello de Mendonça	Credito Agricola			-
—	Povoamento do Solo			Decreto N.6455-de 19 de Abril de 1907
—	A proposito da lei sobre povoamento do solo			Extraído do Jornal do Commercio de

				19 de Maio
—	Noticias Diversas: Antonio Medeiros Correspondencia Um novo processo de conservação das fructas Boato sobre a denunciação do Convenio de Bruxellas pela Inglaterra Exportação para o extrangeiro			-
—	Sergipe na Exposição de 1908	III/60	15/071907	-
Evangelino de Faro	A crise agricola e a sua conjuração			-
—	A proposito da lei sobre povoamento do solo			Extraído do Jornal do Commercio de 19 de Maio
Costa Filho	Um equilibrio financeiro			-
—	Povoamento do Solo			Decreto N.6455-de 19 de Abril de 1907
—	Noticias Diversas Conferencia publica Correspondencia Industria de Lactinios Povoamento do Solo Cultura da seringueira no Espirito Santo Producção de assucar de beterraba na Europa Cultura da Bananeira Emballagem de Laranjas A praga das piteiras			-
J.V.Gonçalves de Souza	Funcções das plantas	III/61	01/08/1907	-
Costa Filho	Mechanica agricola	III/61	01/08/1907	-
—	Povoamento do Solo	III/61	01/08/1907	Decreto N.6455-de 19 de Abril de 1907
G.Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
—	Noticias Diversas Telegramma importantissimo Club Esperanto Sergipe na exposição de 1908 Conferencia Literaria Correspondencia Biscoitinhos italianos O fabrico do queijo A utilização do melasso Fundos brasileiros Divida consolidada A maclura aurantiaca			-
Evangelino de Faro	A crise agricola e a sua conjuração	III/62	15/08/1907	-

G.Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
—	Povoamento do Solo			Decreto N.6455-de 19 de Abril de 1907
Costa Filho	Cultivae a terra!			-
	Noticias Diversas Sergipe na exposição de 1908 Lista de productos para exposição Costa Filho Assucar Demerara Correspondencia Receitas e números Exportação de fructas Agencias de propaganda no estrangeiro Campos de demonstração			-
Zacharias dos Reis	Direitos e Privilegios do Lavrador	III/63	01/09/1907	-
Evangelino de Faro	A crise agricola e a sua conjuração			-
Affonso Augusto Moreira Penna Miguel Calmon du Pin e Almeida	Regulamento para importação de animaes reproductores			Decreto N.6454-de 18 de Abril de 1907
Miguel Calmon du Pin e Almeida	Regulamento para importação de animaes reproductores, a que se refere o decreto n. 6454, desta data			18 de Abril de 1907
Miguel Calmon du Pin e Almeida	Povoamento do Solo			Decreto N.6455-de 19 de Abril de 1907
-	Noticias Diversas Romaria Dr. Zacharias dos Reis As plantas gemmiferas Terceira Conferencia Agricultura do arroz Exportação de Mineraes do Brasil A Dinamarca	III/63	01/09/1907	-
—	Interesses Agricolas	III/64	15/09/1907	-
G.Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
Leopoldo Nery Vollu	Os Cometas e o receio que eles inspiram			-
Affonso Augusto Moreira Penna Miguel Calmon du Pin e Almeida	Exposição de 1908			-
Miguel Calmon du Pin e Almeida	Bases para a organisação de uma Exposição Nacional, em 1908			-
Costa Filho	A opulencia dos terrenos			-

—	Hybridização das Plantas			
—	Noticias Diversas: Toxemia e Crime A Industria de papel de milho Correspondencia Safra Capim Cidade Um novo antiseptico-o phénoformo A futura safra de assucar no Norte			-
Arthur Xavier Moreira	As mattas e as seccas em Sergipe	III/65	01/10/1907	-
G.Rossi	A Vida Rural			Extraído D' O Paiz
Luiz R.de Britto Passos	O coqueiro			-
—	Noticias Diversas Conferencia O papel de algodoeiro Divisão do trabalho entre as abelhas Cultura de Flores A agua phenicada Producção mundial de vinho em 1905 Finanças Correspondencia Consumo mundial do fumo A nova floricultura O fabrico do papel As abelhas com dyspepsia Os alcaloides da coca Roupa de papel A enocianina nos vinhos	III/65	01/10/1907	-
Pedro Garcia Moreno	Uma nova fibra textil	III/66	15/10/1907	-
Costa Filho	No que devemos cuidar			-
G.Rossi	A Vida Rural			-
Manoel Antonio Barbosa	Horticultura			Extraído do Diario do Maranhão
—	Lavragem profunda			Extraído do Queensland Agricultural Journal
Os Lavradores	Direitos e Privilegios do Lavrador			-
Epiphanio de Almeida	A Luzerna			-
—	Noticias Diversas: Pudim de Biscoutos Os effeitos do alcoolismo Flores de chá Adubo de caroços de algodão Contra os parasitas da canna			-

	O melaço na alimentação Alcool e assucar de madeira Supprimento visível do café no mundo A Produção do Cacau Os abacaxis de Antigua Caout-chouc			
Lourenço Granato	Febre Aphtosa	III/67	01/11/1907	-
—	Febre Aphtosa			Enviado pela Sociedade Nacional de Agricultura
—	Tratamento da febre aphtosa			-
—	Aphta epizoótica			Informação do veterinário do Instituto Agronomico de S.Paulo
—	A Febre Aphtosa	III/68	15/11/1907	Extraído D' O Brazil
—	Aphta epizoótica			Informação do veterinário do Instituto Agronomico de S.Paulo
Costa Filho	Dialogo rustico			-
—	Situação economica do Pará			-
Os Lavradores	Ao Governo e aos Representantes de Sergipe	III/68	15/11/1907	-
J.Silva Mattos	Febre Aphtosa	III/68	15/11/1907	-
—	Noticias Diversas: Movimento de importação e exportação do Brasil Exportação de madeiras A nova travessia do Atlantico Casca e folhas de mangue Colheita de cebolas em Bello Horizonte Projecto para o desenvolvimento da industria da borracha As abelhas com dyspepsia Interesses assucareiros O trigo da India Estatistica agricola e industrial O linho Perini O arroz Correspondencia			-
Dr.Evangelino de	Conferencia Publica	III/69	01/12/1907	-

Faro				
Theodoreto Nascimento	Agricultura e Paludismo			-
J.D.	O Zapuê e o Henequen			Extraído do Boletim da Secretaria de Fomento-Mexico
Costa Filho	Expansão Economica			-
Lourenço Granato	Breves instruções para a Cultura do Eucalyptus			Extraído da Revista Agricola de S.Paulo
—	Noticias Diversas Industria Pastoril Correspondencia Area e população do Brasil			-
—	A Memoria de D.Capitolina Campos Homenagem da Revista Agricola	III/70	15/12/1907	-
Dr.Evangelino de Faro	Conferencia Publica			-
Costa Filho	Usina Escurial			-
Lourenço Granato	Breves instruções para a Cultura do Eucalyptus			Extraído da Revista Agricola de S.Paulo
—	Devastação de mattas			Extraído do Jornal de Noticias
Padre Velloso	Nova Industria	III/70	15/12/1907	Extraído do Diario do Maranhão
—	Noticias Diversas: Uzina Escurial Sub productos da canna Correspondencia Movimento Assucareiro			-

1908 – SUMÁRIO				
AUTOR	TÍTULO	ANNO/NÚMERO	DATA	OBSERVAÇÃO
—	Revista Agricola	-	01/01/1908	—
—	Dr.Pelino Nobre			—
Evangelino de Faro	Conferencia Publica			—
Manoel Barbosa	Os Bambús			—
Costa Filho	Uzina Escurial			—
—	Noticias Diversas O Carbunculo O Cinematographo na agricultura Cultura de cebola em Minas Lactinios Exposição de 1908 Mercado de generos nacionaes Emigração Européa As xarqueadas do Rio Grande do Sul Correspondencia	-	15/01/1908	—
Dr.J. R. Monteiro da Silva	Industria Textil			-
—	Agricultura e Creação			Extraído D'O Paiz
—	A esponja vegetal			Extraído do Jornal La Hacienda
Henrique Silva	As raças bovinas do Brasil central			—
G. Rossi	A Vida Rural			—
—	Noticias Diversas Ilha do Veiga Orçamento Commercio exterior do Brazil Plantas Forrageiras Correspondencia O Trigo			—
Evangelino de Faro	Conferencia Publica	—	01/02/1908	—
Costa Filho	Usina Escurial			—
J. CH. Boue	Repouzo da Terra			Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Auxilios para o aperfeiçoamento da industria assucareira	—	01/02/1908	Apresentado pelo Sr. deputado Rodrigues Peixoto à Camara dos Deputados projeto de lei que manda continuar em vigor a lei n.2677, de 6 de Novembro de 1875
—	Noticias Diversas O Guayule Correspondencia Fabricao de lactinios A cultura da rosa	—	—	—
Evangelino de	Conferencia Publica	—	—	—

Faro				
A. B. C. de Sampaio	A industria de bordados na Ilha da Madeira	—		—
Costa Filho	Usina Escurial	—		—
—	Seguros Agricolas	—		Extraído do Jornal dos Agricultores
—	Noticias Diversas: Correspondencia Desinfecção dos estabulos Apparelho privilegiado Exposição de 1908 O Pavilhão de S.Paulo O trigo Novo processo para obtenção do assucar A Caixa de Conversão Uma nova industria	—	—	—
—	A Febre Aphtosa nos Equideos	—	—	—
Affonso Augusto Moreira Penna David Campista	Banco Central Agricola	—	—	
—	O Café no Estrangeiro	—	—	Extraído de uma correspondencia d'Allemanha
—	Cultura do Canhamo Brasileiro	—	—	—
Costa Filho	A derruba da barriguda	—	—	—
—	Noticias Diversas: Correspondencia Amazonas Cavallos arabes em Minas Geraes Boubas de Gallinhas Vinho de laranjas O arroz em Pernambuco Exportação de batatas em Minas Geraes Importação e exportação do Brazil A safra bovina no Rio Grande do Sul, Uruguay e Argentina em 1907 Producção da cola O fumo do Rio Grande do Norte	—	—	—
—	—	—	15/03/1908	Exemplar não consta na encadernação, mas a numeração prosseguiu
José Camponez	A Secca	—	01/04/1908	—
Lourenço Granato	Febre Aphtosa	—	—	—
—	A lavoura da canna	—	—	—

Dr. Germano Vert	Progresso da ensilagem	—	—	Extraído D'A Lavoura do Rio de Janeiro
—	Noticias Diversas: Febre Aftosa Parecer da Directoria de Hygiene do Imperio Allemao sobre o café Supprimento visivel do café no mundo Correspondencia Uma nota sobre batatas O algodão Um inimigo das aves domesticas Exposição Nacional de 1908 O commercio da borracha Notas Assucareiras A raça suina Limousine Utilidade do sal Novo gaz e nova industria As fructas dos Estados-Unidos Contra as moscas Sociedade Sergipana de Agricultura Jornaes, Revistas, etc, Officios recebidos Produção da Cola	—	—	—
Dr.J. R. Monteiro da Silva	O Gravata	—	15/04/1908	—
Ernest Mager	As necessidades das Hervas alimenticias	—		Reprodução do artigo publicado em o numero 18 do Jornal dos Agricultores de 30 de Setembro de 1907
Costa Filho	Robustecemos a Agricultura	—	—	—
—	Sociedade Nacional de Agricultura	—	—	—
—	Noticias Diversas: Navios sem machinas Cultura do côco Sobre a canna SEM Pello O céu em 1908 Enxugo das terras Assucar Borracha Leite Consumo de assucar em Portugal Correspondencia	—	—	—
—	Dr. Curvello de Mendonça	—	01/05/1908	—
Oriental	A cabra, bemfeitora da humanidade	—	—	—

–	Um Novo Legume	–	–	Extraído do Jornal dos Agricultores
–	Prosperidade economica do Rio Grande do Sul	–	–	–
–	Noticias Diversas: O Entomologo Coronel Alexandre Faro Exportação de ouro O café brasileiro na Italia Dr.Victor Borroul Evangelizarios A distancia da Terra ao Sol Diario de Pernambuco Assucar Os processos de conservação dos ovos O Sphygmometro Do Timbó a Própria Correspondencia Força electrica Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura Adubos Polysú	–	–	–
–	O Pleito Presidencial	–	15/05/1908	Anúncio político da candidatura de Dr.Theodoreto do Nascimento
–	Um Grito de Alarme	–	–	Extraído do Country Gentleman
–	O assucar estrangeiro	–	–	–
Dr. Max Passon	A cal e a caldagem	–	–	–
–	O mundo dos insectos	–	–	Extraído do Entomologo
–	Correspondencia	–	–	–
–	Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura	–	–	–
–	Zootechnie spéciale	–	–	–
–	Pleito Prezidencial	–	01/06/1908	Anúncio político da retirada da candidatura de Dr. Theodoreto do Nascimento
S. P.	A Cultura das Abelhas	–	–	Extraído do Entomologo
Gardés	Sauvas e carregadores	–	–	Extraído da Revista Matto-Grossense
Dr. Max Passon	Sobre o effeito de uma caldagem e realização da mesma	–	–	–
Dr. Max Passon	O Girasol	–	–	–
–	Noticias Diversas: Acta da sessão extraordinaria da Directoria da Sociedade Sergipana de	–	–	–

	Agricultura sob a presidencia do sr.coronel Manoel Teixeira Chaves de Carvalho Correspondencia Exposição nacional de 1908 Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura O café brasileiro Os prodigios da mecanica			
A. A. Barbiellini	As Moscas das Fructas	—	15/06/1908	Extraído do Entomologista Brasileiro
Manoel Barboza	Agricultura	—	—	
Cunha Capitão	Batata Doce	—	—	Extraído da Revista Official da Missão Agronomica a Cabo Verde
—	Noticias Diversas: Livraria Brasileira Estações agronomicas pelo mundo O chocolate Immigração Estrangeiro Vinhos portuguezes Feiras de gado A população bovina em S.Paulo Em Portugal Do uso e abuso do alcool O café em S.Paulo Correspondencia Estado de S.Paulo	—	—	—
A. A. Barbiellini	As Moscas das Fructas	—	01/07/1908	—
Manoel Barboza	A agricultura dos Estados Unidos da America do Norte	—		—
Frederico Villar	Jogo dos navios	—	—	—
—	A destruição das moscas pelo formol	—	—	—
—	A Historia da Borracha	—	—	—
—	Noticias Diversas: Os Negociantes do Fumo A cultura do Trigo Leite de cenouras Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura Correspondencia	—	—	—
—	Raça Jersey	—	15/07/1908	Extraído da Revista Agricola do Rio grande

				do Sul
Angela Signorini	Criação do bicho da seda	—	—	—
—	A Carnaúba	—	—	Extraído do Boletim da Associação Commercial do Rio de Janeiro
Dr. J. R. Monteiro da Silva	Gravatá	—	—	—
—	Noticias Diversas: O Café Madeiras do Brasil Mercadorias estrangeiras e o imposto de consumo A utilidade da amoreira Consumo de leite, manteiga e queijo Gado zebú Diphtheria nas aves A vacinação contra a tuberculose Os estimulantes da nutrição entre plantas O assucar de canna nas Philippinas O café brasileiro Marmellada de Cavallo Correspondencia Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura	—	—	—
Heictor de Sá	A Influencia da Lua	—	01/08/1908	—
—	Sociedade Nacional de Agricultura	—	—	—
—	Congresso Nacional de Agricultura	—	—	—
Adolpho Hempel	O Exterminio dos Carrapatos	—	—	—
Paschoal de Moraes	A Cultura do Medobi	—	—	—
Adolpho Hempel	Batatas	—	—	—
—	Noticias Diversas: Dr. Curvello de Mendonça Dr. Bragança Correspondencia Cultura da Maniçoba	—	—	—
—	Dr. Dionyzio Eleutherio de Menezes	—	15/08/1908	—
Ernst Mager	A cultura do coqueiro	—	—	Extraído do Centro das Experiencias Agricolas do Kalisyndikat, Allemanha, Rua da Alfandega 93, sob. Rio de Janeiro

–	Sementes de hortaliças	–	–	Extraído do Pequeno Conselheiro Prático de Horticultura, do Centro de Experiências Agrícolas do Kalisyndikat
Dr. J. C. Travassos	A Mamoneira	–	–	Extraído das Monographias Agrícolas
–	Noticias Diversas: Correspondencia Baixa do preço da borracha Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura Consumo do assucar em Lisboa Caldas sulfocuprica e de polysulfureto A Zebra Grevy O Entomologista Brasileiro O consumo de pão Um hospital para as plantas O nitrato de soda na cultura das flores Caminhos de ferro no mundo Exportação portugueza de fructas e legumes	–	–	–
–	Insectos uteis a Agricultura	–	01/09/1908	Extraído do Entomologista Brasileiro
Pascoal de Moraes	Os Inhames	–	–	Extraído do Jornal dos Agricultores do Rio
Dr. J. Carlos Travassos	A Mamoneira	–	–	Extraído das Monographias Agrícolas
Horacio Uripia Junior	O Henequen	–	–	–
J. A. Henriques	Enxugos das terras	–	–	Extraído dos Rudimentos de Agricultura
–	Noticias Diversas: Correspondencia Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura O oleo Vermelho	–	–	–
Emilio Schenk	A Criação de Abelhas	–	15/09/1908	–
Dr. J. Carlos Travassos	A Mamoneira	–	–	Extraído das Monographias Agrícolas
–	Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura	–	–	–
–	Noticias Diversas: Dr. Theodoreto do Nascimento	–	–	–

	Club Esperanto Hyadas Carta Agricola Um Diamante de 219 Kilates Correspondencia A banana como principal artigo da Jamaica Batata Café			
Dr.Theodoreto do Nascimento	A Lavoura no Oriente e no Brasil	—	01/10/1908	—
—	Navegação Directa para Europa	—	—	—
E. D. Darlington	Cultivo do Melão	—	—	Extraído da Revista La Hacienda de Buffalo
Dr. J. Carlos Travassos	A Mamoneira	—	—	Extraído das Monographias Agricolas
—	Correspondencia	—	—	—
Dr.Theodoreto do Nascimento	A Lavoura no Oriente e no Brasil	—	15/10/1908	—
—	O Frigo igenio Audiffren	—	—	Extraído de um artigo do Snr.Norbert Lalleé
J. R. Canepa, Uruguay	As Lagartas	—	—	—
—	Noticias Diversas: Fazenda da Serra Grande O assucar Estradas de ferro O pôrto de Santos Conservação dos legumes As Cooperativas de consumo Borracha Povoamento do solo Policia sanitaria Renda das alfandegas Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura Correspondencia	—	—	—
Dr.Theodoreto do Nascimento	A Lavoura no Oriente e no Brasil	—	01/11/1908	—
	A Borracha	—	—	—
João de Carvalho Borges Junior	Insectos Uteis à Lavoura	—	—	—
—	Colligação Assucareira	—	—	—
—	Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe	—	—	Approvados em sessão da comissão effectuada no dia 27 de Outubro de 1908
Olimpio Netto	Arboricultura	—	15/11/1908	Extraído do Jornal dos Agricultores do Rio

E. Mager	A cultura do coqueiro	—		Extraído do Jornal dos Agricultores do Rio
J. V. de Paula Nogueira	Como se deve mungir	—	—	Extraído do Jornal dos Agricultores
Dr. Max Passon	A Cultura da Araruta e a sua Composição	—	—	—
—	Noticias Diversas A distribuição dos adubos no terreno A acção fertilizante da neve Jornal de Sergipe Correspondencia O Hydromel Extincção das batatas, percevejos e moscas Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura	—	—	—
E. Mager	A Cultura do Coqueiro	—	01/12/1908	Extraído do Jornal dos Agricultores do Rio
Emilio Schenk	A Apicultura Paulista	—	—	—
Heitor de Sá	O feijão preto	—	—	—
L. Granato	Cultura da Juta	—	—	—
—	Noticias Diversas: Correspondencia Regimento da Directoria da Colligação Assucareira de Sergipe Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura Cultura do girasol A agua salgada no tratamento do mildiu O Credito Agricola no Paraná	—	—	—
G. Rossi	A Vida Rural	—	15/12/1908	Extraído d'O Paiz
Agustin Navarrete, Cuba	Carbunculo symptomatico e o bacteridiano	—	—	Extraído da La Hacienda
—	Noticias Diversas A mandioca A banana e seu consumo O assucar brasileiro no Japão O Salitre na Agricultura Interessantes informações acerca do consumo da banana na França Correspondencia A cultura do arroz e do trigo no Brazil Uma nova doença dos tomateiros	—	—	—

ANEXOS

ANEXO A

Lista de Sócios da Sociedade Sergipana de Agricultura na sua fundação

(Fonte: Reprodução fotográfica de páginas dos Estatutos da Sociedade Sergipana de Agricultura, 1902, p. 15-19)

LISTA DOS SOCIOS

Capital

Monsenhor Olympio Campos.
 Coronel José Augusto C. Ferraz.
 Coronel Jucundino V. Souza Filho.
 Coronel Joseph Dorea Neto.
 Rodrigues Fernandes & C.
 Sebastião Menezes.
 Seraphim Mattos Freire.
 João Campos.
 Manoel Teixeira Carvalho.
 João Victor de Mattos.
 Cecilio Vieira.
 Dr. João Antonio Ferreira da Silva.
 Coronel José Rodrigues Bastos Coelho.
 Elias do Rosario Montalvão.
 Major José Victor de Mattos.

Larangeiras

Antonio Curvello Mendonça.
 Cyro Barretto Menezes.
 Major José Pereira de Magalhães.
 Coronel Francisco José de Vasconcellos.
 José Pinheiro Santos Silva.
 Dr. Ernesto de Faro Sobral.
 Dr. Evangelino José de Faro.
 Epimacho de Azevedo.
 Marcolino Ezequiel de Jesus.
 João Baptista da Silva.
 Abdias Ezequiel Barros.
 D. Anna Telles Menezes.
 Ascendino Ezequiel Barros.
 Thomaz Calmon Vinhas.

Manoel Antonio da Cruz.
Tranquilino Araujo Lobão.
Demosthenes Oliveira Ribeiro.
Delfino de Araujo Lobão.
José Apolinario do Prado.
Ricardo Curvello Mendonça.
Gabriel Curvello.
Manoel Francisco Britto.
Eustaquio de Araujo Maciel.
José Rodrigues d'Almeida.
Major Francisco Barros P. Franco.
José Barros P. Franco.
Joaquim Silveira Linhares.
Manoel Vicente de Faro.
Dr. Virgilio do Valle Vianna.
Dr. Antonio Militão Bragança.
Coronel Albano do Prado P. Franco.
Antonio Silveira Linhares.
Antonio Franco.
José Paes Franco.
Pedro Diniz Gonçalves.
Francisco Rodrigues Nogueira.
Antonio Cardozo Lisboa Nogueira.
João Vieira de Menezes.
Antonio Pinto da Silva.
José Rodrigues Nogueira.
Francisco Vieira Menezes.
Paulo Vieira de Mello.
Dr. Luiz Ferreira Nascimento.
D. Josepha Maria Nascimento.
Francisco Telles Silveira.
Dario de Oliveira Ribeiro.
João Paes Azevedo Madureira.
Alcino Curvello Mendonça.
Antonio Martins da Costa.
Major Raymundo Telles Menezes.
Jungclaussen & C.
João Vasconcellos Prado.
Norberto da Silveira Góes.
Anizio Ezequiel Barros.

S. Paulo

Godchaux Ettinger.
Francisco Romualdo Barretto.

Maroim

Padre Antonio Leonardo S. Dantas.
Dr. Gonçalo Rollemberg.
Tenente-coronel José Nunes M. Maynart.
Joaquim Macedo.
Coronel Claudionor Macieira.

Riachuelo

Dr. Dionizio Eleutherio Menezes.
Dr. Christiano Defrance.
Severiano de Paula Lima.
Josué de Faro.
Coronel Francisco M. F. Garcez.
Manoel Gervasio V. Lima.
Pedro Menezes.
Coronel José Baptista Vasconcellos.
Joaquim Amancio Bispo.
Firmino Muniz Vasconcellos.
João Luiz Vasconcellos.
Sebastião Aguiar T. Menezes.
José Dias Costa Dorea.
João Luiz Vasconcellos Junior.
Padre Diogo José Sant'Anna.

Divina Pastora

Coronel Antonio Correia Dantas.
Dr. Alexandre Oliveira Freire.
Coronel Lucindo do Prado.
Dr. José Matheus Leite Sampaio.
Dr. Domingos Rollando Rollemberg.

Rosario

João Machado Faro Rollemberg.
Coronel Alfredo Franco.
Coronel Antonio Gomes Junior.
Dr. Francisco Vieira Mello.

Dr. José Cupertino Dantas.
Dr. Leandro Ribeiro Siqueira Maciel.

Capella

Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz.

Propria'

Antonio Pereira Leite Guimarães.

Simão Dias

Coronel Pedro Freire de Carvalho.
Coronel Antonio Manuel de Carvalho.
Coronel Sebastião da Fonseca Andrade.
Tenente-coronel Manuel Antonio da Cruz Andrade.
Major Antonio Alexandrino Andrade.

Buquim

Dr. Jovino Pinto de Oliveira.
José Baptista de S. João.
José Correia Seabra.
José Conrado de Araujo.

Riachão

Coronel Paulo Cardoso Menezes Goes.

Santa Luzia

Cantidiano Vieira.

Itaporanga

Dr. Silvio Anacleto Souza Bastos.
Coronel Adolpho Rollemberg.
João Sobral Garcez.
Coronel Felisberto Freire.
Dr. Manuel Simões Mello.
Coronel Alexandre Bastos Freire.
Coronel Antonio Dias Sobral Mello.
Coronel Paulo Cardoso Menezes.

José Dantas Portella.
Candido Xavier Almeida.
Joaquim R. Dantas Portella.
Coronel Pedro Leopoldo Daltro Nabuco.
Dr. Theodureto Nascimento.



ANEXO B**Reunião e Estatutos da Coligação Assucareira**

(Fonte: Revista Agrícola, 01/11/1908, p. 896-900)

COLLIGAÇÃO ASSUCAREIRA

No dia 25 de Outubro, proximo passado, com a assistencia dos Ex.^{mos} Srs. Dr. Alfredo Cabussú e Coronel Carneiro da Cunha, representantes da Colligação Assucareira, reuniram-se no salão da Sociedade Amparo das Familias grande numero de interessados, sobre as medidas a tomar para a valorisação do assucar.

Sob a Presidencia do honrado negociante Sr. Teixeira Chaves, secretariado pelos Srs. Dr. Evangelino de Faro e Coronel Cyro Barretto, foi aberta a sessão. Uzaram da palavra os Srs. Dr. Cabussú, e em seguida o Coronel Carneiro da Cunha que discorreram largamente sobre o assumpto, manifestando as vantagens decorrentes da Colligação, e a necessidade palpitante da adhesão do Sergipe ás deliberações tomadas pela classe agricola para o fim a que se propunham.

Ouvidos religiosamente por todos os interessados e attendendo elles a necessidade do que se propunha para ser debellada a crise em que se achava a lavoura da canna, votaram unanimamente, para que os lavradores de Sergipe adherissem, incorporando-se á Colligação Assucareira, acceitando-a em todas as suas bases.

Nomeada a comissão para assentar as bases dos Estatutos, de conformidade com as condições sergipanas, foi este votado, escolhida a directoria, que tem de reger os destinos da Colligação em Sergipe.

Os nomes dos que estiveram presentes ás deliberações, assim como os Estatutos approvados vão abaixo publicados.

Comissão de Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe.

1ª SESSÃO

Aos 26 dias do mez de Outubro de 1908, ao meio dia, no salão da Sociedade Amparo das Familias, presentes os illustres delegados da Colligação Assucareira do Brasil, e os Srs. Drs. Thomaz Cruz, João Ferreira, Evangelino de Faro, Leandro Diniz, Zacharias dos Reis, Homero de Oliveira e Srs. Sebastião Menezes, Adolpho Rollemberg, Lourenço Monteiro, Demetrio Moreira, Jucundino Fi-

lho, foi aclamado presidente o sr. Dr. Thomaz Cruz, que convidou para 1.º Secretario ao Dr. Leandro Diniz e para 2.º ao Coronel Sebastião Menezes. Aberta a sessão o Sr. Coronel Carneiro da Cunha pediu a palavra e declarou que o Sr. Sabino Ribeiro lhe havia dito que deixava de comparecer á sessão, e momentos depois foi apresentado ao Sr. Presidente da sessão uma comunicação do mesmo Senhor aos Srs. Delegados da Colligação Assucareira do Brasil, declarando que presigiava a Colligação Assucareira do Brasil, com o seu nome individual, ficando intendido, que a firma commercial de que faz parte sob a razão de Sabino Ribeiro & C., approvando as modificações propostas pelos descolligados do Rio, na reforma dos Estatutos para admissão geral dos interessados. Neste importante ramo de negocio, não se considerava por enquanto obrigada a cumprir os seus estatutos. Foi por todos lamentada a ausencia de tão valiosa cooeração.

Em seguida o Sr. Dr. Leandro Diniz communicou que se achava autorizado a representar o Sr. Coronel Francisco Garcez; o Dr. João Ferreira, representava o Sr. Alfredo France e o dr. Zacharias dos Reis o Sr. Coronel João Cardoso da Trindade.

Compareceu tambem á sessão o Sr. Manuel Texeira Chaves de Carvalho.

O Sr. Presidente deu inicio aos trabalhos de Confecção dos Estatutos da «Colligação Assucareira de Sergipe» ficando, depois de longa discussão, aprovados os que ficam annexos a presente acta. O Sr. Sebastião Menezes apresentou a sessão uma carta do Sr. Dr. Dionysio de Menezes, e por unanimidade de votos ficou resolvido que ficasse tambem annexada á presente acta, como valioso documento de solidariedade de nosso venerando industrial á causa da Colligação Assucareira do Brasil.

A discussão dos estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe, fez-se com interesse, e nenhum incidente de nota occorreu que mereça menção.

Ninguem mais pedindo a palavra o Sr. Presidente encerrou a sessão, convidando á Comissão para nova reunião que deverá effectuar-se no dia 27 de corrente mez, no salão da Sociedade Amparo das Familias ao meio dia.

A redacção dos Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe foi confiada ao Dr. Zacharias dos Reis.

A acta da sessão convocada pelos Srs. Delegados da Colligação Assucareira do Brazil, foi approvada pelos Srs. membros da Comissão presentes a esta sessão.

Em tempo declaramos que a sessão realizou-se no predio que pertence á Associação Commercial de Sergipe, onde funciona a Sociedade «Amparo das Familias»

E nada mais havendo se dado, foi a acta lida e por todos approvada e assignada.

Carta Circular do Dr. Dionysio

Tenho a honra de apresentar-vos o telegramma que me foi entregue hoje peias 9 horas da manhã para que apreciéis os seus desres. Já sabeis que Pernambuco é o heróe que está em campo com todas as suas forças para salvar a lavoura da canna de assucar em risco do eminente perigo de sossobro inevitavel. Já á safra passada foi á Pernambuco que devemos o preço remunerador de assucar que nos salvou da ruina: este anno, vil-o á lutar com inimigos novos, e cada vez mais potentes. Pernambuco grita-nos aos ouvidos — «Acordae, companheiros, basta de tanto dormir: vinde ajudar-nos na luta ingente em que braço á braço devemos vencer, se não quisermos morrer! Sede nossos solidarios, manifestae-vos, fallae, apparecei; queremos conhecer quem são nossos irmãos de profissão!...

A Comissão que firmou o telegramma muito se animará com o vossa comparecimento. Que boa occasião de formarmos classe, de sermos com verdade lavradores, de apresentarmos—uma corporação que até hoje nunca figurou, porque jamais cuidou do que Ella valle!!...

Vós que sois môços, vencei as difficuldades, galgae a altura que de justiça vos cabe; hide á reunião, que pressurósa promoveu a comissão nossa salvadora.—Vosso Collega e Amigo.

Dionysio Elautherio de Menezes.

Comissão de Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe.

2.ª SESSÃO

Aos 27 dias do mez de Outubro de 1908 no salão da Associação Commercial de Sergipe, onde funciona a Sociedade Amparo das

Familias; ao meio dia e presentes os Srs. Delegados da Colligação Assucareira do Brazil, e os Srs. Dr. Zacharias dos Reis, Coronel Demetrio Moreira, Adolpho Rollemberg, Lourenço Monteiro, Sebastião Menezes, Jucundino de Souza, Manoel Teixeira Chaves de Carvalho o Sr. dr. Thomaz Cruz abriu a sessão e o Sr. Dr. Leandro Diniz, 1.º Secretario, da Comissão en carregada da organização dos Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe, procedeo a leitura da redacção dos estatutos, que forão unanimemente approvados. Em seguida o Sr. Presidente mandou que fossem tiradas copias precisas de quanto se havia feito, para os fins designados nos Estatutos da Colligação Assucareira do Brazil.

De accordo com os Estatutos da Colligação Assucareira de Sergipe, ficou organizada a seguinte Directoria, que terá de dirigir os seus destinos durante o anno de 1908-1909.

DIRECTORES EFFECTIVOS

<i>Dr. Thomaz Cruz</i>	Negociante
<i>Demetrio Moreira</i>	Agricultor
<i>Terencio Sampaio</i>	Negociante
<i>Sebastião Menezes</i>	"
<i>Lourenço Monteiro</i>	"

DIRECTORES SUPPLENTES

<i>Dr. João Ferreira</i>	Agricultor
<i>Jucundino Souza</i>	Negociante
<i>Adolpho Schmidt.</i>	"
<i>Cyro Menezes</i>	Agricultor
<i>Dr. Evangelino Faro</i>	"

E nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente suspendeo a sessão, lavrando-se a presente acta, que depois de lida foi unanimemente approvada e assignada.

Lista dos interessados que compareceram á reunião convocada pelos Delegados da Colligação Assucareira do Brazil, aos 25 de Outubro de 1908.

Evangelino de Faro
Ernesto de Faro Sobral
Gonçalo Rollemberg do Prado
Manoel Correia Dautas
Dr. Francisco Vieira de Andrade—Rep. por

- Manoel Correia Dantas
 José Diniz de Faro Dantas
 Gonçalo Diniz de Faro Dantas
 Demetrio Moreira de Oliveira
 João Cardoso Trindade Lima
 Pedro Alcantara Mello—Rep. por João C. Trindade Lima
 Aristides Cardoso-Idem-idem
 José Martins Feire-Idem-idem
 Dr. Elias Fernandes Leite-Idem-idem
 Francisco Costa Cardoso-Idem-idem
 Antonio de Macedo Silveira-Idem-idem
 Jonathas Aguiar Bôto
 Simião Telles de Menezes Sobral
 Dr. Domingos Sobral) Rep. por Simião T. José F. Menezes Barreto) de M. Sobral
 Francisco Xavier de Mattos Telles
 D. Maria de Mattos Teles Sobral—Rep. por Francisco Xavier Mattos Telles
 Manoel Dias Botto Sobral
 Francisco Dias Sobral—Rep. por Manoel Dias Botto Sobral
 Cyro Barrêto de Menezes
 Sebastião Menezes
 Delino de Faro Sobral
 Albano do Prado Pimentel Franco
 Achilles Barros Pimentel Franco
 D. Helena Franco Menezes—Rep. por Achilles B. Pimentel Franco
 José de Barros Pimentel Franco—Rep. idem João Franco
 Francisco Franco—Rep. por João Franco
 Joel Accioly de Faro
 Manoel Rollemberg de Azevedo Faro—Rep. por Joel Accioly Faro
 José Pereira de Magalhães
 Luiz Ferreira do Nascimento—Rep. por José Pereira Magalhães
 Antonio do Prado Franco
 Francisco Rabello Leite—Rep. por Antonio Prado Franco.
 José Páes Franco
 Dr. Albano do Prado Pimentel Franco—Rep. por José Páes Franco
 Wilh. Schewell
 Otto Jungchanssen—Rep. por Wilh. Schevell
 Manoel Rodrigues da Cruz
 Mathias Curvello de Mendonça
 Joaquim Machado d'Aguiar Menezes
 João Machado de Aguiar Menezes—Rep. por Joaquim Machado de Aguiar Menezes
 Adolpho Rollemberg
 Dr. Aurelio de M. Rezende) Rep. por Adolpho Rollemberg
 Dr. Silvio Bastos)
 José Nunes Madureira Maynard
 Claudionor Macieira da Silva Lima
 Sabino José Ribeiro
 Francisco Martinho Freitas Garcez
 Flavio de Menezes Prado—Rep. por Albano P. P. Franco
 Rufino de Oliveira Sampaio
 Terencio de Oliveira Sampaio
 Aureliano Sampaio—Rep. por Terencio Sampaio
 Manoel Freire Telles Barretto
 José Apolinario do Prado—Rep. por Manoel Freire T. Barretto
 João de Vasconcellos Prado
 Melchisedeck Amado
 Luiz Francisco Freire
 Francisco Vieira de Mello
 João Francisco da Silveira
 Lourenço Pinto Monteiro
 A. Teixeira Fontes
 Francisco Monteiro de Carvalho Filho
 José Correia Seabra
 Antonio de Seabra Lemos
 Epiphany da Fonseca Derea
 Manoel Teixeira Chaves de Carvalho
 João Epiphany de Lima Netto—Rep. por João Cardoso Trindade Lima
 Silvio Sobral—Rep. por Leandro Diniz
 Francisco Sobral—Rep. por Lourival Sobral
 Sizenando Souza Vieira—Rep. por Jucundino V. Souza Filho
 Manoel Durval de Andrade
 José da Silveira Andrade—Rep. por Manoel Durval Andrade
 Manoel Dias Sobral
 Gonçalo Rolemberg
 Dr. João Candido Fernandes Barros—Rep. por Gonçalo Rolemberg
 D. Eliza Rollemberg—Rep. por Gonçalo Rollemberg
 Alfredo Franco
 Coronel José F. Menezes) Rep. por Alfredo-
 Manoel José dos S. Mello) do Franco
 José Antonio de Mello Crabal
 Felix da Motta Cabral
 João Antonio Ferreira da Silva
 Coronel João Machado de Faro Rollemberg—Rep. por João Antonio Ferreira Silva.
 Jucundino V. Souza Filho
 Cantidiano Vieira—Rep. por Jucundino V. Souza Filho
 Dr. Gonçalo de Faro Rolemberg
 Dr. José Nunes Sobral
 Tobias Rabello Leite
 Antonio M. Dantas
 Evario Hercules da Silveira
 João Misael de Menezes
 Pedro Amado

Alberto de Oliveira Sampaio
Rogaciano Magno de Leão Brazil
Costa Filho—Representante da Folha de
Sergipe

Julio de Aguiar Botto
Adolpho Schmidt
Luiz Schmidt—Rep. por Adolpho Schmidt
José Fernandes
Irineu Ferreira da Silva
João Baptista Capell
Thales Ferraz
Antonio da Silva Maia
Maximinio José Ribeiro
Dr. Thomaz Rodrigues da Cruz
Gentil Daltro
Pedro Daltro Dantas—Rep por Gentil Daltro
Silvio de Menezes Sobral
Josué de Faro
Manoel Xavier J'Almeida
José Vieira da Silva
Homero de Oliveira.

TELEGRAMMAS

Do Coronel Felisberto Freire—Itaporanga—
Força maior impede comparecer. Pode-
is contar meu franco apoio.
Do Dr. Dionysio Menezes—Riachuelo—Res-
peitosas saudações. Impossível acudir
vosso convite recebido hoje. Vou trans-
mittir vosso telegramma collegas vi-
siuhos. Meu representante Adolpho Faro
Rollemberg.
Ricardo Curvêllo—Laranjeiras—Não posso
comparecer reunião. Conhecendo tra-
balho feito pela digna Comissão con-
cordo com o que resolverem. Sergipe
inteire devia louvar Pernambucanos pela
generosa iniciativa deste trabalho.
Manoel Ferreira de Macedo—Estancia—Im-
possibilitado vencer grande distancia
chegar tempo deixo seguir. Grato dis-
tincão convite.
João Fontes—Estancia—Sinto não haver
tempo seguir amanhã, comparecer reu-
nião assucareira, ignorar ida collega re-
presentar-me. Saudações.
Souza Sobrinho; Jasson Sobrinho—Estancia—
Virtude presteza reunião impossível fa-
zermos nos representar.
Cantidiano Vieira—Estancia—Impossibilita-
do comparecer collegas reunião consti-
tuimos representante Desembargador
Zacharias, adherindo attitude Colli-
gados, fazemos sinceros votos efficacia
tão louvavel emprehendimento. Sauda-
ções.

ESTATUTOS DA Colligação Assucareira DE SERGIPE

APPROVADOS EM SESSÃO DA
COMISSÃO EFFECTUADA NO DIA 27 DE
OUTUBRO DE 1908

Estatutos da Colligação Assu-
careira de Sergipe

Art. 1. Fica constituida, sob a deno-
minação de «Colligação Assucareira de Ser-
gipe», uma associação entre os productores
e negociantes de assucar que assignarão a
lista de presença á sessão realisada em 25 de
Outubro, de accordo com a acta respectiva,
representados pelos abaixo assignados e todos
aquelles que posteriormente quizerem adherir
aos presentes estatutos.

Art. 2. Esta associação é federada á
Colligação Assucareira do Brasil, e os seus
Estatutos subordinados ás disposições geraes
da referida Colligação.

Art. 3. A Colligação Assucareira de
Sergipe, tem a sua sêde em Aracajú, e o seu
fim é normalisar o Commercio de assucar,
procurando evitar as oscillações bruscas de
preços nos termos e de accordo com a Colli-
gação Assucareira do Brasil.

Art. 4. A Colligação Assucareira de
Sergipe, será dirigida por uma Directoria
composta de cinco directores e cinco supplen-
tes eleitos annualmente no mez de Setembro,
por maioria de votos dentre os socios colli-
gados.

§ Unico. A primeira Directoria eleita,
após a sua posse, organizará seu regimento
interno.

Art. 5. A Colligação Assucareira de
Sergipe será representada perante a Colli-
gação Assucareira do Brasil, por dois votos
(Art. 5. §§ 1.º, 2.º, e 3.º, dos Estatutos da
Colligação Assucareira do Brasil).

Art. 6. Annualmente, no mez de Setem-
bro, os Associados se reunirão em Assembléa

Geral para eleger Directorio e assentar definitivamente a percentagem de assucar a ser fabricado por cada uzina ou engenho em typo para exportação estrangeira, de accordo com o que for estabelecido pela Colligação Assucareira do Brasil.

Art. 7.º A todo productor ou Commerciantes Colligado é prohibido expressamente consignar assucar para praças brasileiras a pessoas extranhas á Colligação, quando nellas houver socios Colligados.

Art. 8.º O preço minimo para vendas de assucar no mercado deste Estado, será estabelecido pela Directoria da Colligação Assucareira de Sergipe, não podendo ser nunca inferior do liquido, que realisarem no mercado os preços estabelecidos pela Directoria geral para o mercado do Rio de Janeiro.

§ Unico. No caso de qualquer colligad pretender vender assucar neste mercado por preço inferior ao de que trata este artigo, só poderá fazel-o aos demais colligados, dando disso sciencia a Directoria.

Art. 9.º Semanalmente a Directoria comunicará aos socios colligados os preços determinados, pela Directoria Geral, para os mercados importadores nacionaes, e bem assim os de que trata o art. 8.º.

Art. 10.º A quota de percentagem do assucar de exportação estrangeira de que trata o art. 5.º será verificada no fim de cada safra e corrigida, se necessario, na safra seguinte á aquella, attendendo-se a producção real de cada uzina ou engenho.

Art. 11.º A Directoria da Colligação de Sergipe, deverá communicar quinzenalmente á Directoria Geral, as quantidades de assucar do typo destinado a exportação para o estrangeiro fabricadas e quaes as fabricas que o estejam fabricando.

Art. 12.º A Directoria nomeiará representantes da Colligação Assucareira de Sergipe, nos pontos que julgar convenientes, com os poderes que lhe forem dados pelo seu regimento interno.

Art. 13.º A Directoria da Colligação Assucareira de Sergipe, ficam conferidos plenos e illimitados poderes para deliberar sobre o recebimento, embarque e venda da quota destinada á exportação para portos estrangeiros.

Art. 14.º Todas as disposições dos Estatutos da Colligação Assucareira do Brasil fazem parte integrante destes Estatutos.

Art. 15.º Esta Associação é constituída nos termos da lei n. 173 de 10 de Setembro de 1893 pela qual será regida.

Art. 16.º Esta Associação dos productores e negociantes de assucar do Estado de Sergipe, que se achão assignados na lista de presença á sessão de 25—já referido no Art. 1.º—fundada na forma e nos termos destes Estatutos, será representado em Juizo e nas relações para com terceiros pelos seus Presidente e Secretarios, constituindo-se apenas com o capital necessario ás despezas do expediente, que serão distribuidas pelos colligados na proporção das respectivas producções das uzinas ou engenhos.

Art. 17.º O praso da duração da Colligação Assucareira de Sergipe, findará em 31 de Agosto de 1911 de conformidade com o Art. 3.º dos Estatutos da Colligação Assucareira do Brasil, podendo este praso ser prolongado por accordo dos interessados.

Art. 18.º A Directoria que tem de funcionar de 1903 a 1909 será eleita pela Comissão encarregada da organização dos presentes Estatutos.

Aracajú, 27 de Outubro de 1908.

Thomaz Rodrigues da Cruz
Leandro Diniz de F. Dantas l.º S.
Sebastião Menezes
Adolpho Rollemberg

PP. de *Francisco Garcez—Leandro Diniz*
Lourenço Pinto Monteiro
Jucundino V. de Souza Filho
Demetrio Moreira de Oliveira
Homero de Oliveira
João Antonio Ferreira da Silva
PP. de *Alfredo Franco—João Antonio*
Ferreira da Silva
Evangelino de Faro
Zacharias dos Reis
João Cordoso da Trindade
Adolpho Schmidt

Directoria da Sociedade Sergipana de Agricultura

Presidente—Coronel Felisberto Freire.
Vice-Presidente—Coronel Manoel Teixeira Chaves de Carvalho.
1.º *Secretario*—Sebastião Menezes.
2.º *Secretario*—José Bomfim.
1.º *Thesoureiro*—Coronel Jucundino V. de Souza Filho.
2.º *Thesoureiro*—Coronel José Victor de Mattos.

ANEXO C**Página de jornal com notícia da viagem ao Oriente**

(Fonte: Het nieuws van den dag voor Nederlandsch-Indië, n. 230, 06/10/1905, p. 3)

ANEXO D**Página de jornal com notícia de participação de Theodoreto do Nascimento em comissão da Exposição Nacional de 1908**

(Fonte: **Paiz (O)**. Rio de Janeiro, Ano XXIV, n. 8654, p. 3, Sábado, 13/06/1908)